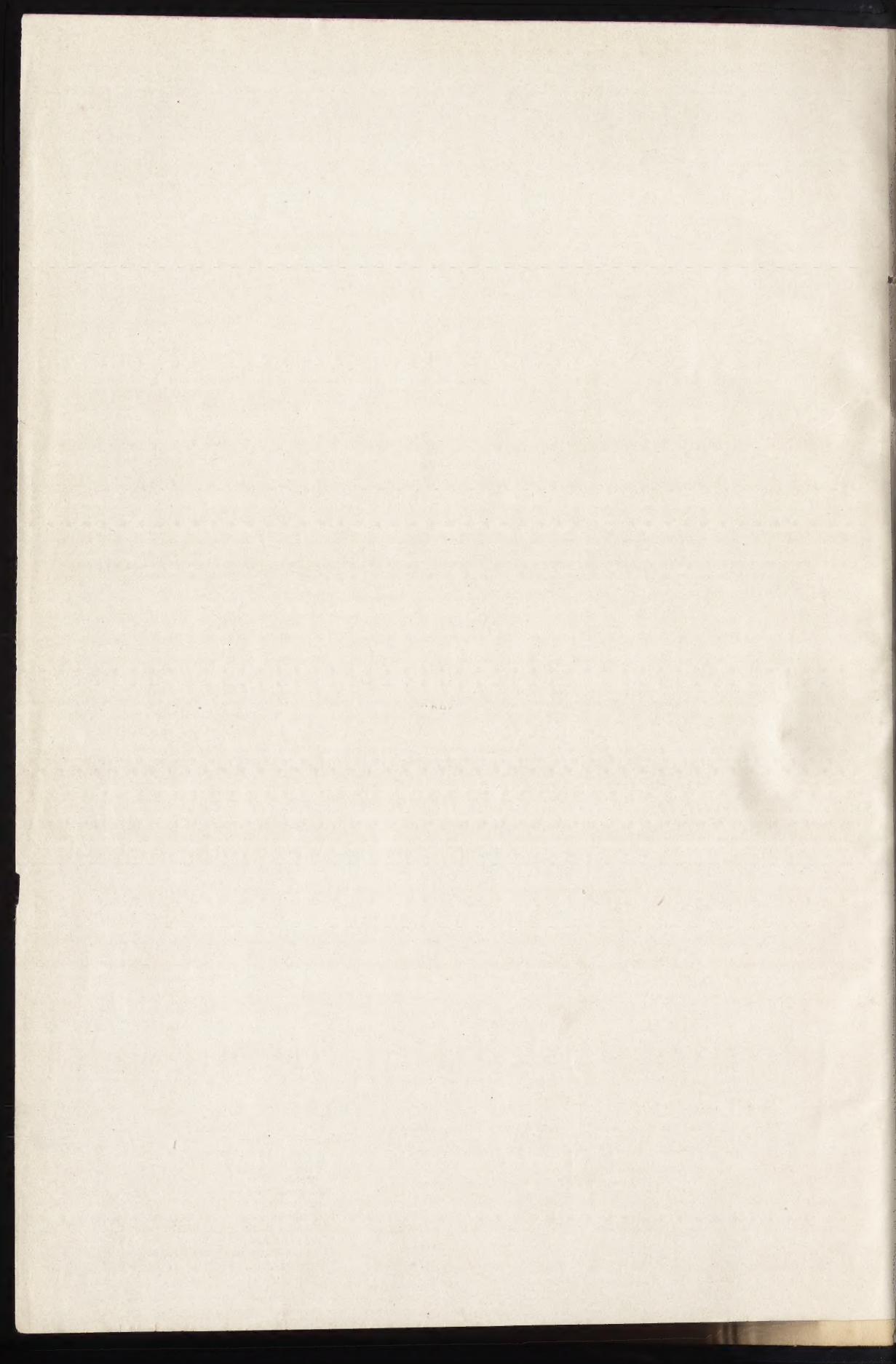
SERÕES

LIVRARIA FERREIRA
132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 37 — JULHO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Typ. do Annuario Commercial — P. dos Restauradores, 27

SERÕES

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SEGUNDA SÉRIE — VOLUME VII

LISBOA
LIVRARIA FERREIRA — EDITORA
132 — RUA DO OURO — 138
Composto e impresso na Typographia do Annuario Commercial

1908

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director:** Henrique Lopes de Mendonça — **Administrador:** Caldeiira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 27. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE Pag.

OS SERÕES DAS SENHORAS (39 illustrações)

A MUSICA DOS SERÕES

A

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Lisboa, Chronicas de Paulo Osorio — Porto, 1908 — Obedecendo a um bello habito que felizmente se vae propagando, o illustre escriptor Paulo Osorio publica a collecção das suas chronicas jornalisticas, as quaes são realmente um documento interessante do viver lisboeta durante o periodo agitado da dictadura. Ha *humour* em muitas d'ellas, aprimorado criterio artistico e litterario em grande numero, ferro em braza em algumas. Tudo isto torna a collecção singularmente interessante e viva.

Os que voltam, por Jacintho Gago — Lisboa, 1908 — Não é facil dar uma idéa d'este origiualissimo romance, filiado na escola fantastica-scientifica de Ridder Haggard. *Os que voltam* são espiritos do seculo XVI envoltos nos corpos encasacados do seculo XX. O theosophismo e a metempsycose dão pretexto a uma narrativa curiosissima, em que os casos de hoje se embrulham com aventuras historicas dos nossos tempos de navegação e conquista. Um livro deveras interessante, em summa.

Entre o breviario, por Adriano Anthero — Porto, 1908 — Poemeto romantico, que exhala vagas recordações de Lamartine, pelo assumpto affim do de *Jocelyn*, e em que se revelam as qualidades de forma e de sentimento que teem feito do auctor um poeta apreciado.

Archivo Bibliographico — Da Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

O Instituto — *Revista scientifica e Litteraria.* — Redacção — Rua do Infante D. Augusto, 44, — Coimbra.

Alma Feminina — *Revista semanal illustrada* — Redigida por algumas das mais notaveis escriptoras portuguezas e estrangeiras.

A Construcção Moderna — *Revista illustrada* — Redacção e Administração: Rua Maria Andrade, 10, 2.º — Lisboa.

Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza — Fundada em 1860 — Séde da Associação: Rua Garrett, 95, — Lisboa.

Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos — *Instituto Rainha D. Amelia* — Rua 24 de Julho.

Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes — 4.ª Serie — Tomo XI n.º 5.º — Director: Gabriel Pereira

A Vinha Portugueza — *Revista mensal de viticultura e de Agricultura Geral* — Dedicada aos progressos agricolas e principalmente viticolas, do paiz. Publicada e dirigida por F. d'Almeida e Brito — Redacção e Administração: Rua do Arco Bandeira, 22, 1.º — Lisboa.

Revista de Manica e Sofala — *Publicação mensal illustrada* — Redacção e Administração: Rua Castilho, 27, 3.º á Avenida da Liberdade, Lisboa.

Echos de Roma — *Revista mensal illustrada* — Publicada pelos alumnos do collegio portuguez em Roma, sob a direcção de monsenhor Sinibaldi. Via del Banco S. Spirito, 12, Roma.

A Saude — *Revista mensal* — Que ensina a manter, robustecer e restaurar a saude. — Redacção e Administração: Rua da Padaria, 48, 1.º — Lisboa.

Propaganda Catholica — A acção do sacerdote na imprensa, — Redacção e Administração: S. Clemente — Silvares — Fafe.

A Caça — *Revista illustrada do sport peninsular e da vida dos campos* — Redacção e Administração: Rua Nova do Loureiro 36, 2.º — Lisboa.

Voz de Santo Antonio — *Revista mensal illustrada* — Redacção e administração — Braga.

Estudos Sociaes — *Revista Catholica Mensal* — — Redacção e administração, Rua da Mathematica, 43, Coimbra.

Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official — Fasc. XVII — Agosto a Dezembro de 1907. Rua Aurea 177, 2.º — Lisboa.

Boletim Photographico — Rua da Prata 135 e 137, Lisboa.

O Economista Brazileiro, *Revista semanal de economia, finanças, politica e litteratura.* Rua da Alfandega, 114, — Rio de Janeiro.

Gazeta da Associação dos advogados de Lisboa.

Boletim da União dos Atiradores Civis Portuguezes, — Séde em Lisboa no Salão do Real Theatro de S. Carlos.

Vera Cruz — *Quinzenario Politico, Literario e Humoristico* — Redação — Largo do Aronche, 47 — S. Paulo e Praia José menino, 122 — Santos.

Rebeldias, por Alvaro Pinto — Porto, 1908.

Revista da Associação Commercial do Maranhão — *Publicação mensal* — Rua 28 de Julho, 7 — S. Luiz — Maranhão.

Luz do Oriente — *Revista mensal illustrada* — Redação e administração — Ponda — Gôa.

O campino Manoel Vicente, da Gollegã

(Cliché de Carlos Relvas)

ESPERAS DE TOUROS

UM CURRO DE TOUROS NAS PASTAGENS DAS MARNOTAS

Aos illustres aficionados, Excellentissimos Senhores Marquez de Castello Melhor, Dr. João Antunes Pereira das Neves, Carlos da Silva Pestana e João da Silva Pestana.

RA em tempos idos um dos preliminares de toda e qualquer corrida de touros em Lisboa, e o enthusiasmo que se notava n'aquella diversão excedia muitas vezes o que despertava o espectaculo propriamente dito.

No periodo aureo d'aquelle velho mas historico monumento que se erguia no alto do Campo de Sant'Anna — theatro de glorias do conde de Vimioso, dos marquezes de Marialva, Castello Melhor e de Bellas, de D. João de Menezes, dos irmãos Maniques, Frederico Nunes, o *Frederico Cavallaria,* D. José de Mello e Castro, o *Cazusa*, Domingos Poeira, etc.., e mais modernamente de D. Caetano de Bragança, do visconde da Graça e de D. Antonio Galveias, de D. Antonio de Portugal e Castro, Alfredo Marreca, Carlos Relvas e D. Antonio de Siqueira (S. Martinho), como ainda de Peixinhos, Sedvem e Mesquita, Cadetes, Miguel Faria e Mourisca, Robertos, Pontes e Batalha, *Caixinhas* e Tinoco, Monteiros, José Bento e Sancho, D. Luiz do Rego, Victorino Froes e João da Cruz Calabaça, theatro por egual das façanhas de artistas hespanhoes da envergadura de *Cúchares, Carmonas, Chicorro, Lagartijo, Cara-ancha, Frascuelo,* e tantos outros — ir assistir a uma corrida de touros sem ter ido á competente *espera,* no dizer da gente da alta d'esse tempo, era uma cousa incompleta.

Mas foi só n'esse tempo, emquanto existiu aquelle carcomido edificio, de quem to-

dos os aficionados se lembram com saudade, que as *esperas de touros* tiveram verdadeiro brilhantismo, apesar de ainda durante alguns annos se ter feito a conducção dos touros a pé para a actual praça de Lisboa.

O gosto, porém, por esse divertimento tinha-se então desenvolvido e alastrado muito, não só na boa roda como nas classes populares, uma e outras por demais amantes da diversão — nas quaes existia por essa época mais aficion do que hoje, sem comparação, innegavelmente, e mais aficionados como jámais tornará a haver.

Aos sabbados, logo pela manhã, começava a romaria das melhores tipoias para Friellas, tipoias que eram tiradas pelas mais ageis parelhas e guiadas pelos *batedores* de mais renome na praça, como os *Arreda, Paço d'Arcos, Roque Preto, José dos Anneis, Bitaculas, Méca, Leonardo Preto, Anão, Agostinho Careca, José Anadia, Antonio Gradil, Ratinho, Bemfeito,* Candido, *Gandula,* Paixão, bem como pelo *José Azeiteiro,* que actualmente toureia com o nome de José Martins.

CONDE DE VIMIOSO

Os touros, que geralmente sahiam das lezirias pela tarde de terça feira, chegavam ás pastagens de Friellas pela noite de sexta, onde descançavam até sabbado á tarde.

Era n'esse ponto que os melhores amadores—em que se contavam, entre muitos outros, o visconde da Graça, Alfredo Tinoco, D. José de Mascarenhas (pae), Alves Carapinha, D. José de Avilez, D. Alexandre Villa Real, D. José Manuel da Cunha Menezes, Salvador da França, D. João de Sousa Coutinho (Soydos), Joaquim Pedro Monteiro, Costa Guerra, Antonio Galveias, D. Luiz do Rego, Alfredo Anjos (hoje conde de Fontalva), visconde d'Asseca, D. Caetano de Bragança, irmãos Maniques, marquez d'Angeja, Antonio Caldeira, irmãos Galaches, Cesar Cunha Bellem, Ignacio e Eduardo Rebello de Andrade, Barros Lima, irmãos Coutinhos, Jeronymo Teixeira Vianna, José Horta, Eugenio Ribeiro da Silva (que acompanhava sempre os touros, desde Friellas até ao Campo de Sant'Anna, montado n'um burro, que ao fim de alguns annos foi furado por um touro nos corredores da praça), actor Pinto de Campos (pae), Jayme Henriques, Joaquim Friagem, Augusto Correeiro, Simões Ferrageiro, José Gorinho, Luiz de Caneças, Alberto Franco, *Augusto Pouca-roupa* (bombeiro municipal, que vinha sempre á cabeça dos touros montado n'um garrano), Manuel Tormenta, Leopoldo Finzi, etc. — primeiramente viam os touros que se tinham de lidar no dia immediato, admirando o bom typo do *Foguete,* a bonita armação do *Caraça,* a finura do *Espelho,* que já pela quarta vez vinha á praça n'aquelle anno, etc.

Alli apparecia logo quem tambem apostasse por que o touro da tarde não seria nenhum d'aquelles, apesar de todos três apresentarem os signaes mais caracteristicos de

bravura, mas sim o *Bocalvo*, que estava além, fóra dos companheiros, — e no fim de contas, muitas vezes, ninguem ganhava a aposta, pois o touro que sobresahia era exactamente aquelle em que todos tinham menos confiança, que viera destinado para ultimo logar mas que afinal não o occupára pelo motivo de ter que substituir outro que estava pisado da jornada.

E' que os touros, como dizia o famoso Peixinho pae, são como as melancias: aquelles, só depois de corridos é que se sabe o que elles são, se bravos, se mansos; estas, só depois de *caladas* é que se podem vêr se são encarnadas, se brancas.

MARQUEZ DE CASTELLO MELHOR

Se até ha cabrestos que sahem mais bravos que certos touros! Um exemplo.

— o Mestre. Os touros sahiram ordinarios, mansos. Um dos cabrestos, porém, n'uma occasião em que se tratava de recolher um dos bichos, arremette com Peixinho, valendo a este ter ainda nas mãos um par de bandarilhas, que empregou no cachaço do bruto, em legitima defeza, aliás, talvez fosse furado.

O ganadero — ao tempo dizia-se lavrador — é que não gostou da partida, e quiz por isso intentar acção contra o grande artista.

Conta-se então que Peixinho dissera, ao darem-lhe aquella noticia:

— Não faz mal. Se me chamarem ao tribunal por haver collocado um par de bandarilhas n'um cabresto, eu por minha vez levarei ao banco dos réus o lavrador que

O CHALET DE EZEQUIEL DE CARVALHO, NA POVOA DE SANTO ADRIÃO

Foi na praça do Campo de Sant'Anna. Toureava n'essa tarde o já citado Peixinho

não teve pejo em trazer a uma praça cabrestos mais bravos do que os touros!

E, talvez por esse motivo, o creador não levou a sua idéa por diante.

* * *

Era ahi pelas quatro da tarde que o Ezequiel de Carvalho, o conductor dos touros (que mais tarde succedeu ao Seabra), montava a sua egua branca, a *Andorinha* — que foi furada por um touro dos Robertos, na calçada de Carriche, e veiu morrer mais abaixo, á Poça, em 27 de setembro de 1898, na espera do gado para a festa artistica do bandarilheiro Manoel dos Santos —, e os campinos procedendo de egual fórma, tratavam de levantar e reunir o gado.

GENERAL QUEIROZ

D'ahi a pouco, via-se elle á frente com dois ou tres campinos e varios amadores, montados uns em bons cavallos, outros em magras pilecas; depois, os touros em meio dos cabrestos; e logo em seguida, mais dois campinos e alguns amadores, todos subirem a encosta das oliveiras, nas *Marnotas*, para rapidamente virem desembocar na calçada de Carriche, proximo da *Nova Cintra*, restaurante que ainda é lembrado pela gente d'esse tempo, recordando as bellas festas que alli se deram por motivo d'estas diversões.

Na embocadura da estrada já então se encontrava a força da guarda municipal que ia sempre á frente e na rectaguarda dos touros (nos ultimos tempos, sob as ordens do general Queiroz, que tinha tal aficion pelo divertimento que nunca perdia uma *espera*, vindo sempre á cabeça do gado), não impedindo no emtanto a presença d'aquella auctoridade que uma ou outra vez se sentisse estourar uma bomba de dez réis ou de vintem, atirada não com fim criminoso, mas com o simples proposito de tresmalhar o curro, pois para certos individuos era isso um grande divertimento.

E algumas vezes viam esses individuos satisfeito o seu desejo, tendo que se deslocar dois ou três campinos, que eram sempre coadjuvados pelos amadores mais experimentados no assumpto, para trazerem de novo á manada os touros fugidos.

EZEQUIEL DE CARVALHO DIRIGINDO-SE PARA AS PASTAGENS

Pouco depois chegava o gado ao Campo Pequeno, onde descançava, quasi no mesmo sitio onde está hoje levantada a nova praça, e alli permanecia até á uma hora.

Então começava a musica das guitarras e o som das vozes!

* * *

Era de um effeito magnifico a conducção dos touros desde Friellas até ao Campo Pequeno, pois além de grande numero de cavalleiros seguiam-os immensas carruagens, todas n'uma batida desenfreada e vertiginosa, sendo ás vezes tão espessas as nuvens de poeira que tudo se confundia, não sabendo quem ia á cabeça do gado se devia diminuir ou augmentar a velocidade, e outro tanto succedendo a quem ia na cauda, com receio de se chocar com os touros.

Não raramente, tambem, qualquer cavallo se chapava, e se o caso se dava com um cavalleiro que ia na guarda avançada, não tinha remedio senão deixar-lhe passar os touros por cima, para depois se levantar, o que fazia com toda a frescura, muito embora tivesse ficado com a cara ou com as mãos cortadas pelas unhas dos bichos.

No meio d'essas corridas desenfreadas, não era para admirar egualmente que uma *sobroda* ou *rapioca* fizessem saltar da almofada, ou mesmo de dentro de qualquer tipoia, um ou outro dos freguezes. Mas como onde ha grande enthusiasmo desapparece a dôr, por isso se na quéda a aspereza da estrada fazia qualquer ferimento ou levantava um bocado de pelle ao desastrado que não se soubera segurar bem, á falta de agua para lavar a ferida apparecia logo uma borracha com vinho, não importando que este se introduzisse na epiderme do paciente e que por esse effeito tivesse que ficar malhado por muitos mezes.

Não era occasião aquella propicia a consultas medicas e operações cirurgicas!

QUATRO CAMPINOS DE EMILIO INFANTE DA CAMARA, NAS MARNOTAS

VISCONDE DA GRAÇA

*
* *

Segundo refere o incansavel investigador. sr. Pedro Pinto *(Tinop)*, no seu interessante livro *Historia do fado*, uma das mulheres que mais renome alcançou como cantora de fado foi a Maria José *do Galvão*, a qual foi tambem muito aficionada das *esperas de touros*.

MARQUEZ DE BELLAS

E conta, a proposito, o seguinte:

«...Quando lhe dava na tinêta, trajava ao bizarro, vestindo-se de homem e pimponando nas esperas de touros. Grudaram-lhe ao nome aquella alcunha, porque estivera amancebada com o ourives Galvão, depois proprietario de casas de jogo.

O trajo de campino ficava á Maria José *do Galvão* como uma luva. N'uma noite de espera de touros, depois do Galvão e um seu amigo regressarem de um passeio a Oeiras, resolveram todos ir esperar o gado. Tentaram arranjar uma tipoia, mas debalde, porque estavam todas alugadas. Não se amofinaram, porém, por tão pouco.

Alugaram uma sege de enterro, a Maria José enfarpellou-se de campino, empunhou o pampilho — que ella manejava como um *dandy* maneja um fragil *stick* —, montou a cavallo, e lá partiram todos. de gangão, para a espera dos touros, emquanto o disco da lua brilhava como uma salva de prata polida, o luar derramava uma claridade doce como um fumo de leite, e as estrellas, esburacando o velludo sombrio do firmamento, pareciam piscar, trocistamente, os seus olhinhos de diamante sem jaça . . .

LEVANTANDO OS TOUROS, NAS MARNOTAS

NO RIBATEJO

Desenho de Alfredo Keil

A Maria José *do Galvão* — que nunca attingiu as espheras da alta galanteria — sabia estar n'uma sala e tinha uma elegancia de pizar de rainha, assim como era um instrumento de prazer que sabia exprimir as

A PASSAGEM DOS TOUROS, NA CALÇADA DE CARRICHE

mais finas notas perversas e as mais bellas sensações passionaes...»

E não admira que muitas vezes fosse difficil alcançar uma tipoia para ir esperar os touros, porque a influencia pelo divertimento era tal ahi por 1870 — no dizer dos *Annaes Tauromachicos*, revista que então via a luz da publicidade — que o numero de trens que acompanhava o gado para cada corrida regulava quasi sempre, pouco mais ou menos, por duzentos!

* * *

Era ahi, no Campo Pequeno, que appareciam os amadores menos abonados, mas nem por isso menos aficionados, quando queriam vêr os touros antes da corrida. Os que não podiam entrar na estravagancia da *tremzada* até Friellas, iam a pé até ao Campo Grande, fazendo uma paragem ou no *Colete Encarnado* ou no *Campanudo* até quasi á hora de seguir o gado.

Então começavam todos os cantadores 'a sua faina de fado, entremeada por copos de vinho á compita com varios petiscos.

DIOGO MANIQUE

Segundo nos diz ainda Pedro Pinto *(Tinop)*, no livro citado, «o conde da Anadia teve celebridade como um pandego de truz. Não tocava guitarra, nem cantava, mas apreciava devéras o canto do *fado*, e gostava muito de ir ás feiras e a jantares no campo. O grupo dos seus companheiros era formado de Luiz Aranha, Simão Aranha, José Esteves Costa, o cavalleiro Diogo Henriques Betten-

court, o *Padre Matheus*, empregado na alfandega, o Manoel Gonçalves Tormenta, o José Carlos, de Evora, Domingos Martins Peres, Avillez, Dr. José Avellar, Luiz de Araujo, Campos Valdez, Francisco de Almeida Carvalho ou o *Carvalho ratado*, e Manoel Botas, o *intelligente* das touradas, que levava a guitarra para fadejar no momento psychologico.

O Botas aguardava-os na *Tendinha* do Rocio, e d'ahi seguiam para o *Colete Encarnado*, no lado oriental do Campo Grande, onde se banqueteavam com o bello peixe frito e a salada concomitante. Não iam esperar os toiros a Friellas, nas tardes de espera. Nunca passavam além do Campo

VICTORINO MARQUES

canço no Campo Pequeno. O conde da Anadia era o typo de *gentil-homem campagnard*, o modelo da delicadeza e fidalguia, e embora se désse com certa roda inferior á sua gerarchia, sempre se soube manter no seu logar e respeitar-se, tal qual o conde de Vimioso.»

Havendo menos toleima e pedantismo que actualmente, alli todos os aficionados se conheciam, cumprimentando-se e fraternisando. Ninguem se admirava de vêr um fidalgo de velha linhagem trocar impressões dos touros com um humilde operario, não perdendo por isso a sua posição social, como depois, em distinctos grupos, esses mesmos fidalgos applaudirem os melhores cantadores de fado

A GUARDA MUNICIPAL, NA CAUDA DOS TOUROS, NA CALÇADA DE CARRICHE

Grande, abancando n'aquella casa de pasto, que já tinha a meza posta para elles, e alli esperavam a passagem do gado para o des-

nas suas harmoniosas e predilectas cantigas ao som da guitarra querida!

Porque as *esperas de touros* não consis-

tiam só em levar ou acompanhar o gado á praça. As *esperas* eram como que o motivo para se passarem algumas horas agradaveis, que tinham começo em Friellas, ao sabbado á tarde, e terminavam na madrugada de domingo, dentro da praça.

OS AFICIONADOS, EM TRENS E EM BICICLETAS, SEGUINDO OS TOUROS NA CALÇADA DE CARRICHE

E por isso, nas vesperas de corrida, partiam sempre pelo meio da tarde para o Campo Pequeno não só a fina flôr dos aficionados como os mais conhecidos e applaudidos cantadores, ahi se conservando, uns e outros, quasi que até ao levantar dos touros, sem que a mais pequena nota desagradavel desgostasse os assistentes.

JAYME HENRIQUES

Saboreando os melhores farneis, escutavam-se as bellas e estridentes vozes do *Campanudo*, do *Caetano Calcinhas*, do *Patusquinho*, *Augusto Pelludo*, *Mesquita Torto*, Manoel Serrano, *Palhinhas*, Paixão, *Martins do Café* (actual director das corridas do Campo Pequeno), Manoel Cadete (que foi um bandarilheiro distincto), *Albernó*, *Augusto Diguidão* e *José Petiz* (que tambem vimos tourear sob os nomes de Augusto Maria Monteiro e José Maria da Costa), Levy, José Augusto (que depois cognominaram *dos Sermões*), Ribeirinho (que mais tarde foi actor no theatro da

ALFREDO TINOCO

Trindade), José Maior (grande artista de talha), e como que para supprir de algum modo a falta da celebre *Severa* (que tanto se distinguiu n'este meio com o conde de Vimioso e o conde da Anadia, e ainda hoje é recordada com saudade por alguns velhos amadores), as mundanas Emilia Mendes (mais conhecida pela *Emilia Midões), Cesaria de Alcantara, Borboleta,* Maria José, *a Formiga*, e Maria do Carmo, *a Cartuxa,* que acompanhavam os celebres guitarristas João Maria dos Anjos, *Antonio dos phosphoros, Visinho,* Peixoto, *Luiz Petroline* (discipulo do celebre João Maria dos Anjos), *Zaraguitana*, etc.

E só ahi pela uma hora da madrugada terminava esta interessante parte, porque tinha que se levantar o gado para o conduzir á praça.

* * *

D. CAETANO DE BRAGANÇA

A essa hora, pouco mais ou menos, procedia-se ao levantar dos touros, que eram levados vagarosamente pela estrada do Rego até ás portas de Arroyos, por onde entravam, descendo a calçada e rua do mesmo nome em direcção ao largo de Santa Barbara, onde os campinos começavam a apertar o gado, até ao Paço da Rainha, e o obrigavam, á força de pampilho, a entrar na praça na *ponta da unha*, servindo-nos da phraseologia caracteristica da gente campesina.

No tempo da empreza Victorino Marques, quando os touros chegavam á praça já o intelligente aficionado e entendido emprezario ha muitas horas alli se achava, investigando com os seus proprios olhos se tudo estava na ordem.

Victorino Marques foi o emprezario que por mais largo espaço de annos teve de renda a praça do Campo de Sant'Anna, e o seu nome está tão ligado á historia d'aquelle circo, que ainda hoje não é natural falar-se d'esta sem se citar aquelle.

O grande aficionado não só era um emprezario modelo, como um director de corridas por demais experiente, sendo as suas ordens sempre acatadas e respeitadas por todos os artistas.

O publico, porém, é que nem sempre procedia assim, protestando ás vezes com certa severidade, proferindo os maiores improperios, impossiveis até de descrever, mas Victorino Marques nem por isso se desconcertava ou perdia o sangue frio, antes mandava proseguir a lide com a sua imperturbavel serenidade.

* * *

A' partida dos touros do Campo Pequeno, seguia-os sempre o costumado acompanhamento de cavalleiros e trens. A's portas de Arroyos, porém, depois de passar o gado, só aos cavalleiros é que era permittida a passagem n'essa occasião, tendo as carruagens que aguardar dez a quinze minutos para proseguir a viagem.

Era então, n'essa pequena paragem, que nascia o verdadeiro enthusiasmo entre os maiores *batedores,* cujos nomes — uns proprios, outros *de guerra* — já atraz citámos, disputando todos a primazia de chegar em primeiro logar ao Campo de Sant'Anna.

O leitor que não assistiu a nenhuma *espera de touros*, não chega com certeza a imaginar o quanto esse espectaculo tinha de bello e de interessante, de pittoresco e de portuguez; mas muito menos calculará o

tempo que uma tipoia gastava das portas até ao Campo de Sant'Anna.

Desgraçado de quem tentasse atravessar uma rua á passagem d'aquella alluvião de carruagens, n'uma carreira doida, sem precedentes, pois era mais do que certo que todas lhe passavam por cima!

A's vezes, alguns caleches chegavam a dar-nos a impressão, que das quatro rodas em que assentavam, simplesmente uma tocava na calçada. Outras occasiões, tão proximos vinham uns dos outros, e os da frente fazendo taes *zig-zags* para que os que se seguiam não lhe pudessem passar por diante, que não sabemos como se não chocavam muito mais vezes!

Se por essa época já existissem automoveis, é de crêr que não gastassem menos tempo do que aquelle que qualquer *Paço d'Arcos* ou o *Arreda* levavam do ponto de partida até á praça!

Havia então o costume de offerecer uma *bandeirinha* ao cocheiro que primeiro chegasse ao Campo de Sant'Anna, que era aguardado por certo individuo que a entregava ao vencedor, sendo este muito victoriado por esse motivo.

MANOEL CADETE

A *reliquia*, porém, não passava por consistir as mais das vezes senão n'um simples lenço espetado na ponta de uma canna, mas que, muito embora sem valia, o seu verdadeiro possuidor, orgulhoso, acenava e mostrava cheio de contentamento.

JOÃO CARLOS MARTINS

O que é digno de nota, é que esse enthusiasmo se estendia tambem aos aficionados que a carruagem tinha conduzido, os quaes, por tal *feito*, gratificavam sempre generosamente o *heroe* d'essa *espera*.

LEOPOLDO FINZI

*
* *

Muitos amadores d'este divertimento havia ainda que, se por qualquer motivo não podiam ir até Friellas ou até ao Campo Pequeno, não faltavam comtudo á entrada dos touros na praça. Esses, iam para alli muito antes dos bichos chegarem, ahi pelas dez horas da noite.

Quando, pois, os simples aficionados e os cantadores que vinham do extremo da viagem chegavam ao Campo de Sant'Anna, já lá encontravam conhecidos e antigos companheiros, como o velho Quintana (amigo intimo de Victorino Marques), Manoel, Antonio e Rodrigo Monteiro, Bordallo filho, o Manoel Paulisson e o *Reis Pequeno*, o *Cesario Gargalhadas*, o *Preguiça* e o *Manoel do Botequim*, o Roque bandarilheiro e o *Jeronymo Alfaiate* (ex-empresario da praça da Moita); o *Titinhas*, etc.

Já tambem, nas bancadas e no salão da praça, alguns cantadores, que tanto podiam ser José Maior como o *Joaquim Serralheiro*, a

Nifa como a *Chica dos Camarões*, tinham deliciado os assistentes com as suas cantigas.

Era alli que o *Ribeirinho* entoava sempre, em primeiro logar, a sua cantiga predilecta, intercallada com os muitos seus *ai i ó é:*

Amor é sonho que mata
Perfume que se esvaece,
Madeixa que se desata,
Sorriso que se esvanece.

O *Augusto Pelludo*, que a esse tempo já tinha largado os freguezes, cantava em estylo dolente a sua:

Com a minha mão direita
Fiz uma cova no chão,
Para enterrar os meus olhos
Que tão desgraçados são!

E o *José Petiz*, o seu fado, muito gritado:

Tu nunca me abandonaste
Meu pobre, meu fiel cão,
Os homens, esses fugiram,
Tu mostraste gratidão.

Depois o *Augusto Diguidão:*

Rapazes quando eu morrer
Gravem-me na sepultura:
«Aqui jaz Augusto Monteiro,
Que morreu sem ter ventura.»

E o Levy:

O' minha pombinha branca
Não te deixes agarrar
Que depois de tu estares presa
Ninguem te póde soltar.

E por fim o *Albernó*, que começava assim:

A guitarra é um instrumento
Que nos fala ao coração,
Do pobre e rico adorada,
Por ella sinto paixão.

A's vezes, tambem se cantava em duetto. Principiava então o *Martins do Café:*

Salta lá uma com ellas
Azeitonas, pão e vinho

respondendo-lhe immediatamente em gallego o *Mesquita Torto:*

Bai, xenhor, prante-se á meja
Xá bai tudo n'um instantinho.

Os amadores, porém, nunca se podiam contar como certos, aqui ou alli. O que quasi se podia affirmar, é que aquelle que não tinha sido visto no Campo Pequeno, lá estava já dentro da praça.

JOSÉ MAIOR

Comquanto todos os trovistas tivessem muitos admiradores, o bandarilheiro Manoel Cadete contava com um grupo especial que o apreciava extraordinariamente não só nos descantes ao fado, como na exhibição de *malagueñas,* que dançava e cantava com summa graça.

O que nunca, porém, o popular artista deixava de fazer ouvir era a sua cantiga de resistencia:

A' minha familia peço
No meu acto derradeiro,
Me levem p'ra sepultura
Com o fato de toureiro.

Um fado original do mesmo Manoel Cadete, cantado pela *Nifa:*

Eu não quero amor toureiro
Só se mudar de sentido,
Póde vir um boi matreiro
Fica a mulher sem marido.

E de facto mudou de sentido, porque mais tarde viveu em commum com o bandarilheiro *José Petiz.*

O «ALBERNÓ»

A' morte do *Maradas,* dos cocheiros batedores mais procurados no seu tempo para as *esperas de touros,* tambem foi feita uma cantiga de fado por Carlos Peixinho (irmão do Peixinho pae), e por elle cantada, cujo mote é:

A' praça da Nazareth
Foi o Maradas cocheiro
Por três tardes de tourada
Lá servir de cavalleiro.

Duravam estes descantes geralmente até proximo das quatro da madrugada, a não ser em vesperas de beneficio — presentemente denominam-se festas artisticas — em que se prolongavam até de manhã, por que n'esses dias quasi sempre se lidava um garraio por amadores.

* * *

Apenas eram tirados os tapumes que vedavam as ruas e travessas que correspondiam com o Campo de Sant'Anna, começava a ser assaltada a casa de pasto que tão conhecida é pelo titulo de *José do Borralho,* á esquina da calçada do Moinho de Vento.

AUGUSTO MARIA MONTEIRO

A concorrencia, n'esse momento, era composta pelos individuos que haviam presenceado a entrada dos touros junto aos tapumes e ao longo do Campo de Sant'Anna; mais tarde, pelos *habitués* de dentro da praça, porque aquella casa, em vesperas de corrida, até 1881, estava aberta durante toda a noite.

Depois d'essa data é que, para obedecer á lei, a popular *tasca* fechava ás duas horas precisas, mas com as mesas repletas de freguezes, que iam sahindo á formiga e com mil precauções, para o proprietario e os commensaes se livrarem da multa applicada aos contraventores.

JULIA MENDES RECORDANDO A «SEVERA»

O prato obrigado, alli, era quasi sempre a classica *meia desfeita* de bacalhau com grão!.

A melhor sociedade, essa, ao sahir da praça, dirigia-se para a casa do *José do Altinho,* proximo do Paço da Rainha, onde ia cear e fazer commentarios; outros, vinham por S. Lazaro, até abancarem no *João do Grão,* o gordalhudo tasqueiro que na Carreirinha do Soccorro tinha a celebre casa no logar,

pouco mais ou menos, occupado hoje pelo armazem Val do Rio, em frente do restaurante *Campainhas.*

*
* *

Apesar de todas as precauções, algumas vezes, já no Campo dos Martyres da Patria, um ou outro touro conseguia sahir d'entre os cabrestos e escapar-se aos campinos, resultando da fuga vir internar-se na cidade.

Como é de crêr, quando isso succedia punha-se o local em estado de sitio, não deixando comtudo de se darem alguns casos engraçadissimos.

JOSÉ MARIA DA COSTA

Certa occasião, por exemplo, um touro conseguiu vir parar á praça da Figueira. Eram duas horas da madrugada. Todo aquelle vasto campo era pouco para elle, no dizer dos campinos que o seguiam e de quem mais presenceou o caso. Não houve cabaz de morangos que não fosse por ares e ventos, sacca de ervilhas ou canastra de laranjas que não rolasse pelo chão!

E o que valeu foi o caso dar-se áquella hora, em que o movimento quasi não passa de armazenar, senão com certeza mais havia que referir.

Esse touro ainda conseguiu safar-se da praça, dirigindo-se depois para o largo de Santa Justa, onde então o puderam laçar de uma das janellas do conhecido restaurante *Pessoa,* que ainda alli existe, sendo então conduzido á praça amarrado a um carro.

UMA «FRESCATA»

Vêem-se no grupo o Joaquim embollador, Alfredo Felix, o cavalleiro José Bento, os bandarilheiros Sancho, João Calabaça, Minuto e José da Costa, o cantador Calcinhas, o «intelligente» Carlos Martins e um amador de Montemór-o-Novo.

Outro touro teve artes do demonio, pois correu Séca e Méca, e apesar de muito perseguido só no largo do Rato poude ser laçado. Tambem foi levado para a praça seguro pela cabeça a um carro.

Um outro conseguiu certa madrugada vir parar até á Carreirinha do Soccorro, hoje rua Fernandes da Fonseca. Subia n'essa occasião a rua dos Cavalleiros, a passo lento, muito despreoccupado da sua vida, o moço de qualquer padaria, levando ás costas um comprido taboleiro repleto de pão de varios preços.

O animal, vendo o pobre homem a distancia, foi direito a elle, e deitando-se-lhe ao *tal sitio* atirou com tudo pelos ares — taboleiro, pão e homem, que d'ahi a instantes jazia estatelado no chão.

Succede, porém, que a pancada não lhe fez grande moça, e o padeiro imaginou-se mas foi atacado por qualquer d'esses meliantes que ao tempo não tinham duvida de

fazer pouco do primeiro transeunte que encontrassem e que socegadamente seguisse o seu caminho.

E então, quando ia a levantar-se e se dispunha a apanhar os bellos pãesinhos, mas já praguejando um tanto da malvadez de que fôra victima, vê dirigir-se para elle um grupo de individuos que de longe tinham presenceado a scena, emquanto alguns campinos a cavallo seguiam o animal, e antes que tivessem tempo de lhe perguntar se estava magoado, começa o homem a gritar como um possesso — *Oh! da guarda! oh! da guarda!* — e quanto mais inquiriam onde lhe doía, se estava ferido, mais elle se esganiçava — *Oh! da guarda! que me querem roubar! Soccorro! Aqui d'El-Rei, que me matam!...*

PEDRO PAÇO D'ARCOS

LUIZ PAÇO D'ARCOS

FRANCISCO PAÇO D'ARCOS

Calcule-se a cara do homemsinho quando socegou, e teve conhecimento do que se livrára! Nem sequer víra a côr do touro!...

Muitos outros episodios se deram, mas estes bastam para recordar esses tempos.

*

* *

A *espera de touros* foi mais um divertimento caracteristico, genuinamente portuguez, que acabou. Póde dizer-se mesmo, que acabou com a praça do Campo de Sant'Anna.

E' certo, como já dissemos, que durante ainda algum tempo os touros foram conduzidos a pé para a nova praça de Lisboa, mas nem uma só d'estas esperas conseguiu sequer parodiar uma d'aquellas.

Os instantaneos que illustram estas paginas, foram-nos obsequiosamente cedidos pelo nosso presado e velho amigo, sr. Fernando Viegas.

Melhor do que a breve noticia que os acompanha, os seus magnificos clichés transportam-nos quasi á realidade d'esses tempos memoraveis das *esperas de touros* em Lisboa, pondo tambem e mais uma vez em destaque o seu fino gosto, e quanto o interessam os assumptos do popular divertimento. São verdadeiras telas que Fernando Viegas, um artista primoroso na photographia, conseguiu fixar no cliché, para recordação dos vindouros.

Pela gentileza da sua valiosa offerta, aqui lhe tributamos o nosso mais sincero e vivo agradecimento.

Junho de 1908.

CARLOS ABREU.

LEONARDO PRETO

O EDIFICIO DO THEATRO DE S. JOÃO, NO PORTO

O Real Theatro de S. João

Se é exacto o que affirma o ponderado e circunspecto escriptor Pedro Norberto d'Aucourte e Padilha nas *Memorias da serenissima princeza Dona Izabel,* a primeira vez que o publico da capital ouviu musica italiana, desatou a rir ás gargalhadas quando viu a dama, arquejante de paixão, abraçar-se ao tenor lacrimoso que guinchava lamurias n'uma angustia mortal! Passou-se isso em 1682, quando á capital chegou a comitiva do duque de Saboya para solemnisar o projectado casamento da filha de D. Pedro II, casamento que a final não chegou a realisar-se. Surprehendido com as *tramoias lyricas,* de cuja existencia nem sequer suspeitava, o lisboeta do seculo XVII não poude conter-se e, indifferente a tanta paixão e a tão atormentada angustia, acolheu com risadas de troça a representação dos cantores italianos da comitiva do duque. Por essa época, o publico de Lisboa frequentava o *Pateo das Arcas* e os collegios dos jesuitas, onde se exibiam as vistosas e pavorosas tragi-comedias em latim e em hespanhol de que o *Sanctus Eustachius Martyr,* do padre André Fernandes, e a *Real Tragicomedia del descubrimiento y conquista del oriente*... do padre Antonio de Sousa, são curiosos specimens. Além dos *Autos* religiosos de Pires Gonge, de Clemente Lopes, de Lopes Livreiro, de Rodrigues Lobo, dos entremezes de Coelho Rebello, de Ayres da Motta e de Miguel Leitão, o lisboeta só conhecia as pesadas tragi-comedias e as comedias famosas de Frei Francisco de Santo Agostinho, do padre José Leite, de Frei Izidoro Barreira e outros conspicuos e venerandos varões, illustres em sanctidade e saber. Não admira, pois, que esse bom, ingenuo e religioso publico sentisse cocegas ao vêr uma creatura a gemer as suas amarguras, em musica... Só muito mais tarde é que a opera italiana conseguiu ser comprehendida, convertendo-se então no divertimento elegante e luxuoso que offuscou pela sua magnificencia as mais ricas e opulentas scenas da Europa. Com a vinda a Lisboa

da italiana Petronilla e da hespanhola Isabel Gamarra, que o Cavalheiro d'Oliveira considerava *la plus belle actrice* que appareceu em Lisboa, a arte dramatica nada lucrou. O mesmo, porém, não succedeu com a celebre Zamperini, que, apparecendo na capital em 1770, de tal maneira alvoroçou os espiritos, que por amor d'ella o apaixonado Conde d'Oeiras, então presidente do Senado, lançou os fundamentos do theatro de S. Carlos. A' famosa cantarina veneziana, celebrada pela nobreza e pelo clero que em odes ardentes cantaram a sua bellesa altiva e deslumbrante, se deve, sem duvida, a fundação do nosso primeiro theatro d'opera. Esse beneficio lhe devemos e vamos lá que não é pequeno.

Se as datas não mentem, antes da Zamperini cantar em Lisboa já o Porto se regalava com um theatro lyrico. Em maio de 1762, na ingreme calçada do Corpo da Guarda que da Porta de Carros communicava com o bairro humido e sujo da Sé, inaugurou-se a opera italiana com uma companhia de que fazia parte, como prima-dona, a afamada Giuntini. Essa Giuntini era, no dizer d'um chronista, «uma d'essas mulheres adoraveis que fascinava, subjugava, embriagava uma platéa, sem excepção de classes ou edades». Se cá vivessem o finado padre Macedo, os perfumados e empomadados clerigos da Nunciatura, e o filho do grande Marquez, o que não iria ahi por esse Corpo da Guarda e bairros adjacentes! Mas os poetas que ao tempo medravam pela Cidade da Virgem eram discretos e commedidos, guardando todo o seu estro para os outeiros e os festivaes natalicios. Os janotas, apaixonados pelas meninas seculares de S. Bento e de Santa Clara e pelas herdeiras dos linheiros das Hortas e dos mercadores e ourives da rua das Flores, esses não se atreviam a conquistar as comicas, — peccado tam abominavel que nenhum confessor por

ASPECTO DA SALA, POR OCCASIÃO DE UM BANQUETE

mais tolerante e compassivo que fosse, seria capaz de absolver. O peralvilho do seculo XVIII era naturalmente acanhado, macambuzio e muito temente a Deus. Recolhia ao toque de Ave-Marias, vizitava o Lausperenne com devoção, ia á Missa primeira com a familia, resava o *Terço* á noite, confessava-se pela Paschoa e, se queria exercitar algum passatempo amoroso sob o açoite duro d'um desejo que o escaldava, tinha de dar tractos á imaginação para que ninguem suspeitasse qualquer devaneio sentimental... De resto, n'essa época romantica, o Porto era um modelo de austera moralidade. O chanceller governador da justiça Francisco José Craesbeeck de Carvalho, o governador general da provincia, João d'Almada e Mello e o Cabo-Mór Miguel José de Moura, velavam attentamente pela pureza dos costumes e gabavam-se de que em nenhuma cidade da Europa se vivia com mais decoro e compostura do que no Porto. E' por isso que ninguem se esmurrou por causa da Giuntini, a «mulher adoravel de fórmas harmoniosas». E' verdade que se murmurava muito da assiduidade d'um conego em casa d'uma fidalga do bairro aristocratico de Traz da Sé. Mas isso deviam ser intrigas de algum inimigo de sua reverendissima e da classe ecclesiastica a que pertencia e de que era um dos mais illustres ornamentos.

O CORREGEDOR
D. FRANCISCO DE ALMADA E MENDONÇA

* *
*

Temos, pois, que oito annos antes de se ouvir em Lisboa, na Rua dos Condes, a

PROJECTO PRIMITIVO DO REAL THEATRO DE S. JOÃO

Zamperini, se ouviu no Porto, no Corpo da Guarda, a Giuntini. O tripeiro, apezar de ignorante d'essas solfas, não se riu como o alfacinha do seculo XVII, quando viu os cantores do duque de Saboya desabafarem, por musica, os seus infortunios amorosos. E' certo que a opera *Il transcurato,* attribuida, parece que com pouco fundamento, a Pergolese, o deixou como que aturdido. Mas applaudiu e parece que com calor, ficando com vontade de mais. Esse theatro do Corpo da Guarda era, como é facil de suppôr, esse theatro, sustentou-o com galhardia e amor durante muitos annos, como sustentou tambem o barracão pavoroso onde o actor Manoel Pereira, de seu officio esteireiro, representava os entremezes mais em voga do Nicolau Luiz e do Leonardo Pimenta. Parece que o Bispo do Grão-Pará, quando esteve no Porto, viu representar o esteireiro, por que lhe chama «celebre actor comico». Um critico do tempo acha-o «pezado e truanesco». Mas pode muito bem succeder que seja o venerando Frei José de Queiroz

O EDIFICIO DEPOIS DO INCENDIO

um casarão desageitado e pouco limpo. O cisco e a poeira que lá se juntava foi-se religiosamente conservando porque seria, talvez, irreverencia eliminal-o pela vassoura. O inglez Richard Tusse que esteve no Porto em 1773 escreveu do nosso theatro — que era um dos peiores do reino, por ser velho e sujo! Immundo lhe chamou por essa época um chronista, por signal pouco rabugento. O que demonstra que o viajante inglez, sendo exacto, foi amavel por que empregou um vocabulario menos vexatorio do que o uzado pelo director da *Gazeta.*

Mas a cidade, dando-se por satisfeita com quem tenha razão. Em criticos austeros não ha muito que fiar...

Esses dois theatros — o de opera e o do esteireiro — alimentaram succulentamente o pacato burguez portuense durante largos annos. Gluk, Jomelli, Piccini, David Perez, Leal Moreira, Paisiello, Cimarosa, Xavier dos Santos, Sousa Carvalho forneciam-lhe harmonias que os extasiavam. Duas vezes por semana ria perdidamente com os esgares do esteireiro no *Entremez da assembleia do Isque,* de Leonardo Pimenta, e na *Desgraça de Basofia,* do José Daniel. Se o oratorio de João Cordeiro, *Salomé, madre de*

'*siette martyre Macabei*, o enternecia até á lagrima, o *D. João de Alvarado* ou *O creado de si mesmo*, fazia-o rebentar com riso. Com a sua missa aos domingos e dias de guarda, o seu Lausperenne, as suas procissões vistosas, como a de Cinza, a dos Fogareos e a dos Ramos, o seu passeio aos campos de Cedofeita, o seu Jomelli e o seu esteireiro, o burguez portuense de nada mais carecia para ser o homem mais feliz do universo. Medrava na labuta do seu commercio. Era parco e economico. Jantava ao meio dia, e uma andaina fazia quatro invernos. Casava bem as filhas. Digeria com regalo e dormia a somno solto. Effectivamente levando esta vida regalada, de nada mais carecia para attingir na terra a absoluta felicidade.

Com o dobar dos tempos, porém, as tendencias mudam e os gostos modificam-se. O Porto conhecia as peripecias succedidas em torno da Zamperini, e os exforços que se empregaram para a construcção d'um theatro onde ella podesse dominar como rainha absoluta. Quando soube que o barão de Quintella, o Bandeira, o Cruz Sobral, o Machado, o Caldas e o Sola emprehenderam a construcção do theatro de S. Carlos não quiz ficar atraz e resolveu tambem erigir um edificio que substituisse o casarão hediondo e sujo do Corpo da Guarda, com o seu cheiro chronico a azeite reles, e a barraca encardida do grotesco interprete do José Daniel, d'onde o cisco podia ser tirado aos carros... Um nobre sentimento de emulação sacudiu o burguez pachorrento e conservador. O commercio reuniu e ventilou o caso. E preparava-se para realisar o seu emprehendimento ousado, quando um poderoso auxilio se lhe deparou, simplificando o que a muitos se affigurou ser impossivel.

* * *

Sempre se teve como certo que a idéa da construcção do theatro d'opera-italiana partiu do corregedor Francisco de Almada e Mendonça. Não é bem assim. Segundo se deduz d'um artigo publicado na *Gazeta de Lisboa (n.º 46, de 19 de novembro de 1796)* foram os negociantes da praça do Porto que resolveram fundar um theatro para o que já tinham o respectivo projecto. Almada, sabendo que ao serviço do theatro de S. Carlos se achava o architecto romano Vicente Mazzoneschi, interveiu com a sua auctoridade e o seu prestigio, e convidando aquelle artista a vir ao Porto, encarregou-o de edificar o theatro. Essa intervenção arredou todas as difficuldades. Escolhido o local logo se levantou a planta que o ministro José de Seabra da Silva immediatamente devolveu approvada *(Aviso Regio de 9 de outubro de 1794)*. Assumindo a si a direcção dos trabalhos, o activo Corregedor tratou de constituir uma sociedade por meio de acções, o que facilmente conseguiu por que um convite seu n'esse tempo equivalia a uma ordem. Na primeira reunião foram subscritas 313

FACHADA LATERAL

acções representando o capital de réis 31:300$000. Mais tarde, e como o capital estivesse já exgotado, fez-se segunda entrada *(29 de dezembro de 1797)* elevando-se o capital a 53:950$000 réis. Foi com este dinheiro que se construiu o theatro, no terreno pertencente á antiga Cortina do Muro da Cidade, entre as viellas dos Entrevados e do Captivo. Parte do terreno era da nação, que o cedeu gratuitamente a quem n'elle quizesse edificar *(Provisão da Junta dos Tres Estados de 30 de abril de 1794)*. O restante estava occupado por cinco predios pertencentes a D. Anna Clara do Levante, Maria da Conceição, padre Francisco José Ribeiro Carlos, José dos Santos Rangel e Maria Joana. Por sentença de 31 de maio de 1796 foram essas casas expropriadas, pagando a sociedade a quantia de 3:276$320 réis em que foram officialmente avaliadas.

N'esses tempos, em que a vontade de um só homem predominava sobre todas, sem o auxilio de Almada, nada de certo, se conseguiria. A tentativa dos negociantes teria fatalmente fracassado se o Corregedor não a patrocinasse. O capitalista tripeiro era desconfiado e só dava o seu dinheiro quando farejava um bom juro. De resto, o theatro, como especulação mercantil, só lhe inspirava pavor e receio. Os prejuizos sociaes eram tambem grandes, e os espectaculos publicos considerados pelos individuos de mais exaggerados escrupulos religiosos, passatempos nocivos á salvação da alma. O burguez mais piedoso só abria a bolsa para as despesas da sua irmandade, por que tinha a certeza de que procedendo assim preparava um logar especial na bemaventurança eterna. O theatro aterrava-o como logar de perdição, condemnado pelos concilios e pelas constituições dos bispos. Fossem só os negociantes a tratar da edificação e nada conseguiriam. Apesar de todo o seu enorme prestigio, Almada não conseguiu que fosse integralmente pago todo o capital subscripto. No velho *Tombo* do theatro não figuram os nomes dos accionistas que assignaram as apolices n.^{os} 29, 110, 137, 154, 200, 224, 406, 422, 427, 473 e 555, e não figuram pela simples razão de que não pagaram. Os subscriptores omissos foram: José Pinto da Cunha, José Luiz Coelho Almeida, Mathias José d'Almeida, Manoel Luiz Cardoso Silva, José Francisco dos Santos Maia, A. Donnadien, Antonio Bernardo da Silva, Antonio Duarte de Moura, Francisco Baptista de Araujo Cabral Montes, João Pedro Salabert e J. Ferreira de Castro. Estes individuos, que estiveram na Casa Pia onde se inscreveram como accionistas, não pagaram. Calcule-se o que succederia, se á frente dos trabalhos não estivesse o grande Corregedor...

Concluido o edificio, com as modificações obrigadas pela falta de dinheiro que não permittiu que fosse seguido á risca o plano primitivo, foi o theatro de S. João inaugurado a 13 de maio de 1798. Como era então uso e costume, sahiram da Casa Pia uns bandos que percorreram a cidade annunciando o sensacional acontecimento. E, como em egual mez do anno de 1762 succedera, as damas e os peralvilhos laboriosamente cuidaram das *toilettes* com que deviam apresentar-se na solemnidade magestosa. Os cabelleireiros e os perfumistas andaram n'uma roda viva, e as costureiras não tiveram um momento de folga. Na noite de 12 de maio as damas que tinham de ir ao theatro não se deitaram para não desmanchar os altos e vistosos penteados! A anciedade era enorme, e para que á festa nada faltasse, juncaram-se de espadanas e hervas aromaticas as ruas que conduziam ao theatro, como em dias solemnes de procissão.

Na noite de 13 de maio, o largo fronteiro ao theatro estava apinhado de cadeirinhas. Uma força de infantaria fazia o serviço de policia. O povo, em grandes magotes, apertava-se para vêr entrar as damas que, ao descer dos grandes carroções, mostravam o sapatinho de setim... Na fachada do theatro, entre lumes, resplandecia o retrato do principe regente que n'esse dia completava 31 annos.

Davam as 8 horas na torre da velha Sé quando a força militar, á voz de sentido, se perfilou. Uma girandola estalou no ar, e logo a multidão correu para a porta principal para vêr entrar o Corregedor, muito grave e solemne, com a Cruz de Christo ao peito, que chegava ao theatro acompanhado pelo general das armas, pelos juizes da Relação e pelo senado da Camara. Quando Almada appareceu no seu camarote, toda a gente se levantou, n'um cum-

primento carinhoso. O presidente do senado ergueu os vivas do estylo. E logo principiou o espectaculo com o *Elogio* em verso do bacharel Soares d'Azevedo *O mau gosto destruido ou o Porto desaffrontado,* a que se seguiu a comedia *Os militares heroes ou as vivandeiras illustres,* terminando a funcção com a farça *A dama astuciosa*, uma embrulhada faceta no genero das peças tão applaudidas do José Daniel e do Leonardo Pimenta.

O theatro estava litteralmente cheio e rendeu, n'essa noite, 751$280 réis, o que para aquelle tempo era uma somma consideravel.

Estava, pois, realisado o desejo do grande Almada. Quando o publico, n'um dos intervallos, o saudou com enthusiasmo, o Corregedor recebeu essas homenagens, de pé e sorrindo. Eram justas. O Porto que lhe devia muito, agradecia o novo melhoramento com que o engrandecera. O heroe da noite era realmente elle por que sem o seu auxilio nada se teria conseguido.

A administração do theatro conservou-se até 1805 a cargo da Provedoria. N'esse anno os accionistas nomearam uma gerencia, subordinada á auctoridade. Os encargos, porém, cresceram, e depois da morte de Almada as dividas ascendiam a doze contos de réis. Pensou-se n'uma loteria, idéa que depois, em 1808 e em 1824, se pretendeu realisar. Mas o grande Almada já não existia e por isso nada se conseguiu apesar de todos os esforços empregados para desembaraçar as administrações das difficuldades com que luctavam. Em 1821 é que o theatro passou a ser administrado por uma gerencia eleita em assembléa geral dos

O INCENDIO

accionistas, sem dependencia da auctoridade, resolvendo-se depois que a casa podia ser explorada por qualquer empresario que

A BOMBA A VAPOR — A' ESQUINA O ULTIMO CARTAZ

quizesse sujeitar-se ás condições impostas. D'este modo as receitas foram augmentando conseguindo-se, com muito tino e economia, ir diminuindo a divida que pesava sobre o theatro.

* * *

Como dissemos, os trabalhos de construcção foram dirigidos pelo architecto Mazzoneschi O panno de bocca era do grande pintor Domingos de Sequeira e foi substituido, em 1821, por outro pintado pelo artista hespanhol João Rodrigues. Interiormente o theatro era lindo, um dos mais alegres e bem delineados da Europa. Com as successivas reformas que as suas gerencias lhe fizeram, especialmente as que se realisaram ha annos, quando o seu administrador Manoel Vieira de Andrade ampliou os salões e rompeu o magnifico atrio que substituiu o primitivo, o theatro de S. João ficou, como sala de espectaculo, um verdadeiro encanto, pela graça leve dos seus adornos. Por essa occasião modificou-se tambem o *plafond*, que foi pintado pelo scenographo Manini.

A partir de 1820 é que, a bem dizer, principia a historia pittoresca e agitada d'este theatro. Até ahi as companhias que n'elle funccionaram não forneceram á chronica nenhum episodio digno de nota especial. Os espectaculos que n'elle se deram, com as peças do velho reportorio, decorreram sempre n'uma pacatez fradesca. Com as agitações da politica e as paixões que dividiram os homens é que principiou a animação que, no decorrer dos tempos, se devia transformar em verdadeiras batalhas ruidosas. Uma das primeiras manifestações de vida foi a recita realisada em agosto de 1820, para celebrar o glorioso movimento politico que n'esse anno tão profundamente agitou e commoveu o paiz. Na noite de 24 d'aquelle historico mez, a companhia que então funccionava representou o *Elogio* em verso, *O Patriotismo*, que terminava com uma allegoria engenhosa: «no alto viam-se os retratos da familia real, e no centro o Porto como assombrado ao vêr nascer o sol no signo do Zodiaco proprio do mez de agosto e n'elle marcado o para sempre memoravel dia 24, dirigindo-lhe ao peito aquelle astro luminoso raios que diziam — viva el-rei pela constituição — ». N'um camarote assistiam á recita os generaes Cabreira, Sepulveda, Gil e outros que tomaram parte na revolução. No dia seguinte, e com a assis-

tencia d'aquelles militares, cantou-se uma opera á qual se seguiu um bailado que terminava por um quadro em que apparecia o retrato do rei no templo da Gloria tendo ao lado o Porto e na base inferior a legenda: —Viva el-rei! —Viva o Supremo Governo!— Vivam as côrtes! Viva a Constituição —. Um dos artistas, descendo ao proscenio e voltando-se para o camarote dos generaes, recitou:

Dias dourados, que viu Grecia e Roma
vão ser teus dias — Lisia afortunada,
tocou nos ceus a tua voz magoada
desfez-se a treva, nova luz assoma.

Cessou dos males a infinita somma
cahiu da intriga a mascara dourada.
A prisca liberdade aguilhoada
das mãos do Porto, ó Lisia, hoje retoma.

Cheio de gloria, laureada a frente.
Já não é esta, ó Lisia, a vez primeira
que elle os ferros quebrava á lusa gente.

Gostosa acceita... indomita barreira,
que mais vivas oppressa, não consente...
Eil-os alli — Sepulveda e Cabreira!

O enthusiasmo foi delirante. E quando o presidente do Supremo Governo Antonio da Silveira Pinto da Fonseca, ergueu vivas aos heroes, ao Porto, ao rei, á Hespanha, á Inglaterra, «falavam os olhos arrasados de lagrimas», no tocante dizer do *Nacional.*

Como esta, outras recitas patrioticas se seguiram, entremeadas de espectaculos que ficaram memoraveis pelos episodios que os alegraram. Em 1822 era emprezario o primeiro buffo Francisco Nicolini que, vindo para o Porto em 1815 escripturado por Placido Lino dos Santos Teixeira, que falliu antes de finda a temporada, organisou companhia protegido por Antonio Bernardo de Brito e Cunha (em 1828 enforcado na Praça Nova). Pelo Carnaval cantou-se o *Barbeiro.* Tres espectadores da platéa combinaram-se para obrigar o baixo Antonio Desiró, quando atacasse a aria da *Calumnia,* a não chegar ao fim. Effectivamente, logo que o artista entrou em scena, os tres espectadores principiaram a fazer caretas, momices e esgares. Desiró mal podia conter o riso. E não concluiu a peça. Ora n'um camarote estava o desembargador Lacerda, magistrado rispido e cabeçudo que, não gostando da brincadeira, ferrou com os tres foliões no Aljube, onde os conservou durante 8 dias... N'esse tempo a liberdade individual estava á disposição de qualquer Lacerda impertinente. Pouco depois, a companhia cantou a *Prova d'uma opera séria* (a conhecida zar-

RUINAS DO ATRIO

zuella *Campanone)*, com os artistas Paulo Boscoli e Nicolini nos papeis de maestro e poeta. Uns inglezes que assistiam ao espectaculo tão enthusiasmados ficaram, que os applaudiram atirando-lhes peças d'ouro do valor de 6:400 réis cada uma!

Omittirei, por menos ruidosas, as peripecias succedidas desde 1822 a 1839 em que o baritono Spech desceu á platéa para esbofetear um *dilettanti* que se rira quando o artista cantava o *Eri tu* da opera *Un ballo in Maschera*, de Verdi. Estamos agora em 1844. Da companhia lyrica fazia parte a cantora Jenny Olivier, então muito intimamente ligada ao marquez de Niza. No *Dominó Noir* essa artista foi pateada. O illustre fidalgo pretendeu em desaffronta da sua dama, entrar no palco e d'ahi, com o seu chicote, desafiar o publico. Achando, porém, que a provocação seria violenta, mandou no dia seguinte destribuir pelo theatro a seguinte decima:

Esta do Porto plateia
é toda de gente fina,
Já birrou com a menina
fez motim de patuleia:
Com patas é que pateia
e a polidez é de moiros.
Tenho visto correr toiros
sem motim, sem algazarra:
Viva a plateia que marra
quando o vinho tem nos coiros!

O publico ficou furioso e respondeu tambem no mesmo tom. Da alluvião de versos com que os *habitués* do theatro flagellaram o celebre descendente de Vasco da Gama, escolherei os seguintes:

CONTRA VENENO

Deixae em paz descançar
as scinzas do illustre Gama.
Querer a empreza increpar
é refinada esperteza:
n'esta questão a empreza
deixae em paz descançar.
Tem sim culpa em tolerar
quem urdiu indigna trama,
quem despresa a honra, a fama,
Chichisbeo muito incidente
que deslustra e assim desmente
as cinzas do illustre Gama.

Niza não incommodou mais o Parnaso para replicar. Foi para Lisboa com a linda Jenny que, ahi por 1850, estando no Rio de

ARCOS QUE DAVAM ACCESSO A ENTRADA DA PLATÉA

poesia e a arte, a primeira desfez-se em sonetos e em decimas, e a segunda n'uma corôa de ouro, que um grupo de *dilettanti* lhe offereceu no palco, emquanto, debruçado n'um camarote, um poeta bradava:

Salvé, filhos do Douro! Honra vos seja
que á princesa do canto honraes d'est'arte!

Em 1849, serenado mais o paiz da tremenda convulsão politica que o agitou, tomou a empresa do thea-

RUINAS E DESTROÇOS

Janeiro, atraiçoou o marquez... casando com um negociante que a cobriu de joias!

Mas o grande acontecimento da época foi a festa da celebre Rossi Caccia (20 de julho de 1844), a *decima-musa*, como lhe chamou um poeta, celebrando, n'uma ode tremenda, os seus meritos e mais partes. Congregada em tão ruidosa apotheose a

tro um tal Antonio José d'Oliveira Basto, alcunhado o *Cosido*. Trouxe elle ao Porto, como prima-dona, a florentina Elisa Gambardella que formou em volta de si uma côrte de adoradores. Mulher d'esp'rito pratico, soube rodear-se de individuos preponderantes, o que provocou o despeito dos muitos que querendo approximar-se, tiveram de ficar a distancia respeitosa. Claro é que esses despeitos haviam de manifestar-se. E tremendamente se manifestaram, como o affirma o seguinte *Dialogo entre um parvalheira e um pulha no theatro de S. João do Porto:*

Parvalheira

— Diz-me vossa senhoria
que mulher é qu'ali 'stá,
que amostras de vozes dá
esfarrapando a harmonia?...

Pulha

— O senhor não o sabia?...
— E' uma tal Gambardella...

Parvalheira

— E que suciata é aquella
que a applaude loucamente?...

Pulha

— Pois não sabe?... aquella gente
é a que toma chá com ella!

Foi d'arromba a vingança! E de tal modo ella beliscou os adoradores da cantora que o Noronha, ainda apparentado com o Brown, apanhando um sujeito que rabiscava no *Braz Tisana* e presumindo n'elle o auctor do dialogo insolente, encheu-o de bofetadas e de pontapés.

O pobre do *Cosido* que passou a ser *frito* por desgostos de toda a ordem, abandonou a empreza ao italiano Lombardi que, promettendo maravilhas, trouxe uma companhia mediocre. As primas-donas eram a Luiza Abbadia e a Luiza Bianchi. Logo se formaram partidos, sendo o mais aguerrido o da Abbadia. Em certa noite que as duas cantavam, a Bianchi foi pateada tão estrondosamente que o barulho dos pés abafou as palmas. Assim offendida por um bando de malcreados, a artista estremeceu e desmaiou. Quando voltou a si soffreu uma crise nervosa tão intensa e duradoura, que os medicos aconselharam a desventurada senhora a que partisse para a Italia. Effectivamente partiu, doente, e com as suas faculdades bastante transtornadas. Esta é a parte tragica da época. A parte burlesca está na decima seguinte em que o publico rehabilitava o *Cosido* da empreza anterior:

Fez-se outr'ora crua guerra
ao Cosido & Companhia,
e com bulha e gritaria
acabou a empreza sua!
Eis que nos mares fluctua,
vapor de guerra, emprestado,
chega o Lombardi afamado,
traz o que temos ouvido...
Oh! Porto, foste comido!
Oh! *Cosido*, estás vingado...

O publico tinha razão. A' grande cantora Angela Clara Belloni succedia-se a Abbadia, que desafinava constantemente, no aspero dizer d'um critico. E como se isto fosse pouco, o tenor não tinha voz e o baritono esquecera-se d'ella, quando sahiu de casa...

Vieram depois as épocas brilhantes, aguerridas, apaixonadas, turbulentas, da Giordano e da Ponti, com todos os episodios galantes urdidos á volta d'essas creaturas, as ceias da Ponte da Pedra, uma das quaes perturbada por Camillo, insolente e aggressivo, que pegando n'uma taça brindou pela *outra*, pela que não presidia ao festim deslumbrante; os passeios pelo rio, em barcos alcatifados, com champagne e musica; as equipagens em que ellas passeavam, escandalosamente reclinadas em almofadões de setim; as joias que brilhavam nos seus collos; as mil coisas ardentes e picantes que obrigavam os janotas do tempo a dar tremendos sopapos nas burras paternas... Só essa época fornece elementos para um romance volumoso.

Vieram depois a Ortolani, a Borghi-Mammo, a Volpini, o Mongini, as Marchisios, a Flori, a Passerini, a Flori, a Dalberti, o famoso Bertolini, a Ida Benza, a Conti, a Ferni, as noites agitadas do *Eurico*, com a municipal evacuando a platéa ás coronhadas, senhoras nos camarotes com fa-

nicos, o Barnabé, tremendo, na sala, a partir cadeiras, o Gaspar do Covo, lindo moço então, a sorrir para os camarotes, sereno e impassivel no meio da desordem bruta... As ultimas turbulencias, aquellas em que a mocidade dispendeu toda a sua força e galhardia, todo o seu espirito e toda a sua audacia, terminaram, a bem dizer, na época da Chiomi e da Bernardoni. Já não eram, porém, as antigas manifestações a ode e a murro; era a troça, a ironia, a chalaça. Um excellente rapaz, official do exercito e critico musical, foi o alvo das graçolas da platéa. Em certa noite espalhou-se no theatro uma versalhada de que recortamos as quadras pittorescas:

Bou cantarte prima-dona
já que te não posso comer
sei que quando queres palmas
dás um osso a roer...

A prima-dona queome
tem feito grandes apostas
em como o Mun Kos nada faz
porque jurou livrar-lhe as costas.

E assim por deante. E com a Bernardoni, a mesma coisa. Até houve um duello, na Arca d'Agua, a murro, com testemunhas que batiam palmas para animar os combatentes. O que então se fez, se inventou, se phantasiou, se riu! Que mocidade a d'esse tempo e que apagada tristeza a de hoje!

Tudo isto, e o mais que se omitte, se passou no lindo theatro que o esforço d'um homem illustre ergueu para brilho e lustre da cidade que tanto engrandeceu. Uma chamma que sóbe e se alarga, e logo a ruina, a cinza, o anniquilamento. D'aquella casa onde tantos corações soffreram e tão lindos olhos choraram, restam hoje as paredes calcinadas, encobrindo um montão de destroços. Ao vel-o assim, negro e lugubre, os que n'elle passaram os alegres e dourados dias da sua juventude sentiram um grande abalo e uma pungente dôr. E' que a derrocada tambem os attingiu. O theatro de S. João desappareceu no horror d'uma catastrophe. E lá ficaram tambem, sob os escombros, as illusões e os sonhos dos que hoje caminham egualmente para a derrocado final... Aquelle edificio de tão desgra ciosa apparencia, era ainda qualquer coisa que encantava, que falava á alma: um sorriso e uma caricia que enchia a vida de esperança, por que recordava a turbulencia, a phantasia, a vivacidade do tempo em que

EM PLENA RUA — O EMPREZARIO LUIZ FARIA

Procurando papeis na secretaria, um dos poucos moveis salvos do incendio

se soffre por uns olhos lindos que nos fitam com ternura e paixão. A luz bemdita que d'elle irradiava ainda allumiava e aquecia. Esse passado era um desafogo no presente, porque recordar é viver. Assim como está, negro e mudo, parecendo maior ainda na sua desoladora ruina, causa medo, apavora. E' que tudo o que rue no pó, faz pensar na miseria e na tristeza da existencia. Já lá o dizia o grande poeta, no desalento e na amargura d'um grande sonho desfeito:

et nous voulons mourir quand le rêve finit.

FIRMINO PEREIRA.

Prenda de noivado

Aquelle leque antigo foi-lhe dado
Quando ella se chamava "a condessinha",
Uma manhã de abril, pela madrinha,
Como um fino presente de noivado.

Fôra o panno de seda aguarellado
Por um Watteau qualquer que n'elle tinha
Posto os noivos d'então, como convinha,
Em trajos pastoris, guardando gado.

Hoje, quasi indistinta, essa pintura
Tem já perdido o seu passado encanto,
E a propria seda branca fez-se escura.

A pastora eil-a ahi; dormita a um canto,
E na vaga memoria em vão procura
O seu pastor gentil que dorme ha tanto.

Celestino Soares.

OS CONGRESSISTAS NA SALA DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

O Congresso de Instrucção Primaria

E entre os variados symptomas de renascimento, que se estão manifestando na sociedade portugueza, destaca-se pela sua especial significação o congresso de instrucção primaria, que acaba de realisar-se por iniciativa da Liga Nacional de Instrucção. Tudo n'este congresso concorreu para o tornar importante no actual momento historico, que estamos atravessando. Em primeiro logar a sua origem constituiu-o um precioso exemplo para a orientação das nossas actividades nacionaes. Foi creação unica e exclusiva da iniciativa particular, sob a sua fórma mais modesta. Não teve sala propria, valendo-lhe para se reunir a generosidade da Sociedade de Geographia. Não teve receitas suas, sendo ellas suppridas pela boa vontade e pelo trabalho indefeso de alguns, poucos, enthusiastas e crentes. Não mereceu ás entidades officiaes a honra ao menos de uma ephemera comparencia, que podésse significar sympathia ou adhesão... E no entretanto, apesar de tudo isto ou talvez quem sabe? por causa de tudo isto, alcançou extraordinario exito, devendo ficar memoravel sobretudo como tentativa. E' esta a primeira lição que resalta da reunião do congresso. De hoje em diante sabe-se que

existem no povo portuguez energias sufficientes para que elle possa, mesmo desajudado dos governos, emprehender por si só a obra urgente da sua regeneração. Tudo depende de querer ou não querer realisar um acto de vontade. O que se faz hoje a proposito da instrucção primaria, repetir-se-ha ámanhã, se não affrouxarmos o nosso esforço, a proposito da instrucção superior e secundaria, a proposito da arte, a proposito da industria, a proposito da agricultura, etc.

A segunda lição, que o congresso nos deu foi o apparecimento da mulher e do operario, como collaboradores cheios de talento e de fé na obra collectiva, a que até hoje tem faltado este duplo e sympathico auxilio. Com effeito póde dizer-se sem lisonja e sem exageração, que o acontecimento capital das reuniões que acabam de se realisar na sala Algarve, fôram os discursos de duas senhoras e de um operario, cujos nomes teem de ficar impressos em lettras de ouro nas actas do congresso. Uma verdadeira mulher de sciencia expôz com a clareza modelar de propagandista e o communicativo calor de apostolo o credo hygienico, que de hoje em diante tem de ser o evangelho das novas gerações femininas. Outra mulher, em sentidas palavras desataviadas mas sinceras, disse-nos as coleras e as queixas das suas irmãs de servidão e condensou n'um eloquente protesto, que tem por força de ser ouvido, as injustiças sociaes que pesam sobre o seu sexo. Finalmente, um operario, de voz meiga como um Christo e de idéas avançadas como o vidente de um mundo futuro, contou-nos em aprimorada linguagem, castiça qual se tivera saido de uma academia, as causas complexas do analphabetismo em Portugal, que não é simplesmente a falta da primeira instrucção, mas o symptoma morbido de uma doença social, que é mister combater por todos os meios se não queremos succumbir como nação independente.

Ainda que o congresso de instrucção primaria e popular nada mais tivesse produzido, bastava esta dupla consagração, inteiramente nova entre nós, para lhe assegurar logar primacial entre as prometedoras manifestações do nosso renascimento. Mas, alguma coisa mais produziu e ahi estão a attestal-o os brilhantes relatorios, que o publico terá occasião de apreciar, quando fôrem publicados na integra, e as levantadas discussões que pódem de hoje em diante ser apontadas como modelo. Desde a vergonha nacional do analphabetismo até ás debatidas questões da educação physica na escola e do ensino civico no seu mais patriotico significado, todos os problemas que se relacionam com a instrucção da creança e com a educação do povo fôram objecto de interessantissimas discussões. Ficou-se ainda sabendo, e foi esta uma das mais interessantes notas do congresso, o que por esse paiz fóra a iniciativa particular tem feito a favor da instrucção, que é muito e que é consolador, sobretudo como symptoma. Tambem o congresso deu o fecundo exemplo da confraternisação de todos os trabalhadores n'esta santa cruzada da instrucção popular. Não só a provincia correu ao chamamento da capital, mas nas reuniões dos congressistas desappareceram todas as distincções e gerar-

chias, que até hoje tinham mantido afastados uns dos outros os trabalhadores intellectuaes portuguezes. Professores de ensino livre, de instrucção primaria, de instrucção secundaria e superior esqueceram-se dos seus respectivos diplomas para só pensarem na grandeza do proposito, que ali os reunia. Não houve lentes nem cathedraticos; não houve aristocratas da sciencia. Apenas se viram soldados do mesmo exercito da civilisação. Se alguma distincção existiu entre os membros do congresso foi a que resultou do empenho de cada um em a si proprio se exceder e em exceder os outros em zelo e em trabalho. Quer isto dizer, que o congresso de instrucção primaria e popular foi um modelo de organisação e funccionamento, sem defeitos a corrigir em futuras reuniões? De modo nenhum. Melhor do que ninguem sabem os que prepararam esta primeira e modesta tentativa, as lacunas e as imperfeições de que ella soffreu.

ZOPHIMO CONSIGLIERI PEDROSO
Presidente do Congresso

No entanto alguma cousa já é o que se fez, e que permitte confiar no dia de ámanhã.

O segredo do nosso renascimento como nação e como raça está achado—é a iniciativa particular ao serviço da instrucção do nosso povo. Com essa iniciativa e só por ella venceremos. Por isso seja-nos licito terminar o que acabamos de escrever sobre o congresso de instrucção primaria, promovido pela Liga Nacional de Instrucção, repetindo as palavras do seu presidente, paraphraseando, ao encerral-o, a prophecia do grande Cavour á Italia renascida:

Il Portogallo fará da se!

CONSIGLIERI PEDROSO.

Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

SYNOPSE. — Capitulos I a IV: Bruce Ingersoll, no momento de sahir da Universidade de Cambridge, precisa arranjar um modo de vida e pagar as suas dividas de estudante. Offerece-se para secretario e é contractado por Jean Cavanagh, grande magnate dos caminhos de ferro canadianos, cujo pae foi morto pelos nihilistas em Baku. Antes de sahir de Cambridge reconhece que Cavanagh pagou secretamente todos os seus compromissos. Avista-se com Cavanagh n'um hotel londrino e fica intrigado com a excitação que causa nõ magnate a leitura de um jornal da tarde. Partem subitamente para «A casa do Fen», residencia de Cavanagh, mysteriosamente vedada, construcção erguida no meio de muralhas, isolada de tudo e de todos.

V

As noticias do jornal

A residencia do Fen era uma casa dentro de outra. As torres e ameias que vira do parque, as velhas muralhas de tijolo, as atalaias, o campanario, eram o involucro que continha dentro de si uma luxuosa habitação e das mais modernas de Inglaterra. Como é natural não esmiucei todos estes pormenores na noite da minha chegada. Pouco podia conhecer d'essa singular vivenda campezina até que o dia acudisse em meu auxilio. O facto essencial, evidente, era que eu me encontrava na mansão de Mr. Cavanagh.

Uma casa dentro de outra: uma esplendida serie de aposentos, construidos um pouco á moda italiana, proximos de um velho jardim, d'onde se desprendia o perfume das rosas e o aroma de rescendentes arbustos. Recebera esta sensação logo no vestibulo, e, quando subi por uma espaçosa escadaria de carvalho para o meu quarto, deparou-se-me a disposição da casa com toda a sua simplicidade. O meu quarto ficava n'uma das velhas torres, é verdade, mas para lá chegar ascendia-se uma escada ornada e almofadada em estylo moderno, e com janellas de ambos os lados — simples frestas da banda do parque, mas amplas e rasgadas janellas do lado dos roseiraes, abertas sobre uma varanda.

Depois de me lavar e de descer, encontrei-me n'uma preciosa sala de jantar, mobilada com tão bom gosto que nenhum artista o excederia. Lembrava os gabinetes particulares que se encontram nos grandes hoteis francezes, mas a mobilia revelava tão acertada escolha que satisfaria o mais exigente.

Não direi nada do jantar. Para ser franco, encontrava-me tão cansado e moido pela excitação e fadiga, que pouco me lembro d'elle. Mr. Cavanagh parecia não menos preoccupado da sua parte, e a nossa conversação, versando sobre logares communs, teria sido ridicula se não fosse natural. Houve, no emtanto, um ponto que se me fixou no espirito, foi quando falou do recente julgamento do anarchista belga, Norent, e se riu da inadequada sentença proferida pelo juiz.

— Hoje não ha coragem na Europa — commentou o meu interlocutor — se houvesse, um homem de animo exterminaria esta gente como um *terrier* mata ratos. Mas os nossos ministros temem-n'os e a policia hesita em proceder deliberadamente por causa do governo. Aqui em Inglaterra chamam á cobardia liberdade e pavoneiam-se com ella. Quando chegar o momento de despertar — e será um terrivel momento — os que perecerem serão victimas, não da oppressão, mas de dirigentes timidos. Lembre-se d'isto, Mr. Ingersoll, lê-se sempre que este ou aquelle louco assassino é conhecido da policia. Diz-se que a policia o receia, porque os ministros teem medo. A verdade é esta, mas é uma verdade que custará muito cara á humanidade.

Não me animou a responder outra coisa que não fosse uma banalidade, e mudamos de assumpto quasi immediatamente para falar nos athletas modernos e da supremacia britannica confessada pelas demais nações. Como é de suppor, exaltei os nossos luctadores, ao passo que Mr. Cavanagh, descobri eu, acreditava que o physico do americano acabaria por obter o campeonato.

— Na sua terra — declarou — a victoria é d'elles. Quando veem cá, não se encontram á vontade. Os inglezes ainda conservam a primazia no tennis, a remar e no cricket. Mas não confie muito no futuro. Devemos recear o seu triumpho. E' conhecida a minha predilecção pelo athletismo — prefiro os lances alegres e movimentados do cricket ás lucrativas e anciosas sensações da Bolsa. Talvez me dê uma trepa ao tennis, tem os desanove annos a seu favor, mas eu farei com que puxe por mim e ha de transformar-me n'um rapaz novo. Aqui, em Waterbeach, diligencio esquecer tudo quanto não seja a saude. Quero divertir-me como um collegial, á minha vontade. Desejo estar só e viver emancipado dos tentaculos que me prendem á vida commercial, sacudil-os por alguns dias, visto como não pode ser para sempre.

Estava-me na ponta da lingua replicar-lhe que se fosse grande a vontade de o fazer não lhe custaria muito, mas os ricos ouvem todos os dias banalidades semelhantes, e é sabido que um millionario pode renunciar tanto a opulencia como um cão as patas. Respondi, portanto, outra coisa a Mr. Cavanagh e, depois de conversar um pedaço ácerca do tennis americano e das razões porque os seus jogadores não podiam bater os nossos, o creado serviu-nos café e cigarros. Quasi immediatamente o dono da casa despediu-se de mim.

— Temos muito que conversar ámanhan — declarou Mr. Cavanagh —. Se gosta de se levantar cedo daremos uma trotada pelo parque ás sete e meia. Almoçaremos aqui se quizer. O jardineiro, o Guilherme, affirma-me que as flores estão magnificas; venha com o seu traje de flanella. Raramente saio para fora dos portões quando resido em Waterbeach; cá dentro só se trata de passar o mais confortavelmente possivel, a gente do campo não me incommoda. Então ás sete e meia para uma trotada, e quando lhe approuver para o tennis. Regosijo-me que viesse hoje; arranjarei tudo mais facilmente, o tempo não se pode desperdiçar. Boa noite Ingersoll. Peça tudo quanto necessite e veja que lhe pode agradar.

Tornámo-nos a despedir á porta da sala de jantar e atravessou o jardim em direcção dos seus aposentos que, supponho, são do outro lado. Seriam cerca das dez e meia e, sem mais nada de extraordinario, encaminhei-me para o meu quarto onde saboreei o meu cachimbo, gosto de que me privara desde que sahira do comboio em King's Cross n'essa tarde. Mal tivera tempo até ahi de examinar o meu quarto, mas reconhecia agora que era elegantissimo, e o creado, Edward, que me appareceu, informou-me que o meu gabinete ficava mesmo por baixo; que podia ir de um para outro por uma estreita escada construida no interior da torre. Mais me participou que na ala sul encontrava, além de um tanque para nadar, banhos turcos e dos outros.

— E' uma casa muito velha — explicou

— mas Mr. Cavanagh gastou muito dinheiro com ella. Creio que não ha mais bonita no campo... nem melhor tanto para os creados como para os amos.

— Talvez queira whisky com soda antes de se deitar?

Sorri a tão prolixo conjunto de idéas e respondi-lhe que não tomava nada. Talvez pudesse ser mais franco com elle e insinuar claramente que a minha vaidade de jogador de tennis me inhibia de o fazer. Quem quizer presentemente ter primazia em qualquer jogo deve abster-se de beber, mas isto é puramente um assumpo pessoal, que não merece ser discutido. Quando Edward sahiu, abri a janella, fumei e comecei a ver se conseguia adivinhar a razão porque Mr. Cavanagh me trouxera a sua casa. Lembrei-me que a sua predilecção por Cambridge e pela vida universitaria o levasse a escolher-me para seu secretario e companheiro no campo. Procedera a um inquerito a meu respeito, e descobriu que eu era um bom rapaz com o contrapeso da excellente classificação que obtivera nas sciencias moraes e na faculdade de mathematica. Nenhuma explicação se harmonisava tão bem com as circumstancias e principiava a sentir-me n'um tranquilisador estado de espirito quando me lembrei da scena do hotel e do jornal da tarde que tanto o excitara. Este jornal, como se devem recordar, mettera-o na algibeira e trouxera-o commigo de Londres. Procurei-o com vivacidade, pois estava ancioso por saber que especie de noticias poderiam incommodar um homem como Mr. Cavanagh, mesmo na presença de um estranho.

Encontrei o jornal, amarrotadissimo, e devo declarar que me ria de mim proprio quando o consegui endireitar e comecei a ler. Conhecem quantas coisas veem nos jornaes da noite: locaes sobre corridas e cavallos; de quando em quando um escandalo com qualquer sacerdote; a historia de uma condessa e das suas joias; uma porção de acontecimentos com titulos espalhafatosos. Foi o que li n'aquella noite e maravilhava-me que algum d'elles se relacionasse com Mr. Cavanagh. Não inseria noticias que o interessassem. Relatava um desastre de minas em França e o naufragio de uma embarcação ao largo de Vancouver. Os boatos da queda do governo enchiam columna e meia. Li um extenso paragrapho intitulado «Castigo justo» e vi que se referia a um nihilista allemão, victima elle e tres dos cumplices, de uma explosão no seu laboratorio em Paris. A policia imaginava que esses homens planeavam um attentado contra o principe de Brandeburgo, n'esse momento em França. Tinham sido mortos pelos mesmos explosivos destinados a ferir homens, mulheres e até creanças absolutamente innocentes. Era este o resumo do incidente, e com certeza nada tinha com Mr. Cavanagh. Mas então, o que o excitara tanto?

Atirei com o jornal para longe de mim... tornei a apanhal-o e rasguei-o em bocadinhos. Sentia-me um tanto envergonhado e accusava-me a mim proprio de espiar quem tão amavel se mostrara commigo. De mais, que tinha eu com os negocios particulares de Mr. Cavanagh? A sua vida era honrada, ganhara dinheiro honestamente e todos elogiavam os seus actos de caridade. Para que profundaria eu os arcanos da sua existencia ou que vantagem tinha em os conhecer? Esta idéa vexava-me, e, despindo-me rapidamente, apaguei a luz electrica. Certamente principiei a dormir apenas a cabeça encontrou o travesseiro.

VI

O GRITO NOCTURNO

Dormi um somno profundissimo mas não livre de pesadêlos. Em redor do meu travesseiro redopiava um torvelinho de idéas phantasticas formando como um extravagante panorama do passado, do presente e até do futuro. Durante um momento encontrava-me com Una na barraca da chiromante; de ali precipitava-me n'um vôo célere para Londres em busca de um inimigo desconhecido que me ameaçava. Ou então encontrava-me no Hotel Claridge erguendo Mr. Cavanagh nos braços e levava-o secretamente, de modo singular, para um logar seguro no campo. O projector electrico do parque seguia-me por toda a parte, illuminava-me em Londres, incidia sobre mim nas ruas escuras, rebuscava-me na cama e pesquisava cada um dos meus ossos mais insignificantes. Quando voltava a escuridão,

imaginava-me fora do parque examinando a erma residencia e que alguem chamava por mim das suas janellas gradeadas. Foi um terrivel instante, pois o accento d'esse grito nada tinha de humano, e embora eu desejasse com toda a minha energia correr em auxilio d'essa creatura, não podia mover-me do sitio onde estava chumbado, nem pronunciar uma palavra para lhe acudirem.

Este ultimo pesadêlo acordou-me... não sei a que horas. Era ainda muito escuro e a noite chegara ao zenith. O vento não levantava o minimo murmurio nas goteiras do telhado; reinava a mais absoluta tranquilidade, mas a despeito d'esse socego, subjugava-me a impressão do sonho. Era tal a allucinação do meu somno assim interrompido que, quasi me convenci, que a pessoa que gritara se encontrava perto da minha cama e esperava um signal meu para falar. Muitos dos leitores devem ter experimentado o mesmo. Não ha nada mais real que taes sonhos; nada é mais horrivel para aquelles que soffrem d'esses pesadêlos.

Sentei-me na cama e, ás apalpadellas em busca de uma vela, accendi a luz e consultei o relogio. Era exactamente uma e meia e lembrei-me que d'ali a outra hora e meia, o maximo, amanheceria. No emtanto, apesar do meu quarto apresentar um pouco d'essas formas phantasticas tão communs ás casas a taes horas, não havia, escusado será dizer-se, nada que me amedrontasse ou que se relacionasse com as ridiculas visões que acabei de expôr. O meu fato, atirado para cima do braço de uma cadeira, conservava-se na mesma; o meu relogio batia na mesinha de cabeceira; o meu dinheiro conservava-se na mesma posição no toucador; os pedaços do jornal jaziam no fogão exactamente como eu os tinha para lá arremessado. Nenhum vestigio se descobria de qualquer intruso, nem existia o minimo signal de que não tivesse sonhado. Foi do que me convenci quasi em seguida a accender a luz, e, rindo como me succedera tantas vezes antes quando um pesadêlo me affligia, tornei a reclinar a cabeça no travesseiro e diligenciei continuar a dormir. Não o consegui por mais esforços que fizesse. Não alcancei pregar olho... e com difficuldade me conservava no leito.

Lembrei-me então de uma circumstancia que talvez fosse a causa de tão incommodas perturbações. Ao meu excellente appetite não correspondera uma boa digestão. Comera um lauto jantar, e comera-o depois das nove. Os duendes da insomnia, que jogavam o carnaval na minha cabeça, eram duendes creados pelos *soles à la Victoire* e *soufflé en surprise*. Foi este o meu raciocinio, depois de me debater uma longa meia hora sem poder conciliar o somno. Uma encarniçada guerra civil onde tudo devia ter sido paz, e para a terminar o unico remedio era recorrer a um livro.

Havia livros no quarto, notara-o apenas entrara. Não escapara á minha vigilante observação nem um volume das *Causas celebres* nem uma folheadissima edição da *Revolução Franceza*, de Thiers. A ultima não se recommendava como leitura para a *socega*, mas, por qualquer razão que não pretendo adivinhar, peguei n'ella e li algumas paginas n'essa celebrada noite. Quando pousei o livro ouvi segunda vez, não restava duvida, o phantastico grito. Era um brado real, afflictivo, humano, aterrado, vindo do lado opposto ao quadrangulo onde ficava o meu quarto. Avalie-se o meu pasmo. Imaginem como eu fiquei ao ouvil-o. Era um rapaz no meio de estranhos, muito inquieto já pelas suspeitas. Todas as minhas faculdades se alarmaram com os singulares acontecimentos succedidos durante as ultimas vinte e quatro horas.

Ouvira, como todos podem ouvir n'este mundo, e sem o menor vislumbre de illusão, um grito humano no silencio da noite, uma voz angustiada pela afflicção e pela dôr. Talvez presumam que o sonho me conturbara, que não me encontrava bem desperto e que não estava bem senhor dos meus sentidos. Responderei, porém, que acabava de ler Thiers, e que nunca o comprehendera melhor. Pela primeira vez na minha vida assentara na opinião que o velho Danton era a figura heroica da revolução, e lembro-me que depuzera o livro em cima da cama para fazer esse raciocinio quando resoou o temeroso grito e eu fiquei escutando n'esse estado nervoso que só a noite é capaz de determinar. Quando tudo continuou mudo e eu tive coragem para saltar para fora do leito, tremia como um vime. Nunca até ahi me acontecera semelhante coisa.

Que seria? Que significava isso? Que voz ouvira? Lancei-me da cama abaixo para escutar, disse, mas a casa nada me respon-

deu. Dormira, sem duvida, com as janellas escancaradas... mas quem não dorme assim no mez de junho? Era esse o motivo porque o grito chegara até mim distinctamente, a despeito do meu quarto ficar, como imaginava, do lado opposto ao quadrangulo d'onde partira o brado. Não havia claridade em parte nenhuma, quando me dirigi á varanda examinei o jardim até os escuros muros que o cercavam. Não distingui nem um ramalhar de folhagem nem o ranger de uma porta... nenhum ruido em qualquer parte, apenas uma escuridão opaca e um céo negro por cima da cabeça, carregado de nuvens e sem luar. Uma segunda tentativa que fiz nas frestas debruçadas sobre o parque não deu melhor resultado. Encontrava-me nas mesmas condições que se olhasse para um poço á meia noite e pretendesse ver a minha imagem reflectida na agua. O chamado observatorio, onde brilhava o grande projector, estava apagado a essa hora. Não divisava sequer as formas das arvores.

Não me demorarei a descrever essa hora, pois é um pequeno periodo da minha vida. Nem sequer me lembro como decorreu. Talvez alguns momentos na cama, outros á janella, agora de um lado, logo d'outro, esperando debalde que a escuridão se dissipasse ou que alguem me apparecesse. Quando surgiu a alvorada saudei-a com infantil e alegre enthusiasmo. Foi positivamente idolatria o que senti pelo raiar do sol. Nunca o campo se me afigurou tão bello como quando a esmaecida e debil luz incidiu nas lagoas e a terra tomou corpo pondo em relevo os campos, o rio e os bosques. Via agora, plena e completamente, o que a noite me occultara. A casa do Fen erguia-se mesmo no centro de um lago consideravel alimentado por um pequeno rio. Uniam a ilha ao continente varias pontes, uma especie de pontes levadiças dos antigos tempos, que evidentemente eram içadas ao pôr do sol. Certifiquei-me d'isto, de relance, mas decorreram alguns minutos antes que eu descobrisse uma figura no parque e mais ainda primeiro que a reconhecesse. Era o meu já citado argelino, que se dirigia montado n'um cavallo preto para uma das pontes levadiças.

DUAS VEZES O VI APONTAR PARA UM CERTO SITIO

Escusado será insistir no interesse com que aguardei a approximação d'esse homem e quanto essa circumstancia despertou fortemente a minha curiosidade. Comprehendem-n'a por certo. O facto d'esse creado andar por fora a tal hora já era um pouco singular, mas quando, depois de atravessar a ponte, se encaminhou, como eu imaginava, para o jardim interior, raciocinei que era impossivel não ligar o seu apparecimento com o grito que ouvira e não acreditar que viera ao palacio relatar o caso. Esta supposição justificou-se quando eu corri a outra janella e se me deparou Mr. Cavanagh esperando pelo cavalleiro no jardim

italiano, e que começou a falar com gestos cheios de animação e de ira.

Duas vezes o vi apontar para um certo sitio na ala occidental, e immediatamente depois voltar-se e encarar o serviçal, segurando-o pela golla do casaco, como para que não perdesse nenhuma das suas palavras. Seguiu-se-lhe ainda alguma coisa mais curiosa. Mr. Cavanagh tirou da algibeira do seu comprido casaco outro numero do jornal que lera no Hotel Claridge. Batendo-lhe com as mãos, amarrotando-o com os seus dedos nervosos, endireitou-o por fim e convidou o argelino a ler um trecho por elle indicado. Nunca esquecerei o olhar de triumpho que se reflectiu no seu rosto. Appareceu-me como a indubitavel encarnação da perversidade. Não tinha sombra de motivo para o accusar, mas a accusação permanece. Suppul-o um monstro e monstro o continuei a considerar.

A impressão, comtudo, desvaneceu-se. Conservei-me á janella contemplando os dois através da claridade fria e pallida do amanhecer e vi o sol erguer-se e dourar o jardim com os seus raios. Se procedi como um espião a curiosidade desculpava-me. Não ouvi nada do que esses homens discutiram, nenhuma das causas que os juntaram quando todos dormiam. Se as suas palavras chegassem até mim não me elucidariam. As anteriores eram tão singulares que nunca as ouvira antes a ninguem. Os seus gestos assignalavam a historia de um mysterio e não me era possivel profundal-o. Quando se separaram o argelino dirigiu-se para a cavallariça, Mr. Cavanagh continuou onde estava, retirei-me então da janella e resolvi não os observar mais. Acudiu-me ainda outro insistente pensamento. Não tinha os pedaços do jornal que o maroto do bexigoso argelino acabava de ler? Laboriosamente, enfarruscando os dedos, apanhei os bocados do fogão e tratei de os ordenar. Fôra a pagina das noticias que Mr. Cavanagh indicara com tamanho interesse e fôra a segunda columna d'essa folha que convidara o seu serviçal a lêr. Talvez pensem que encontrara d'esta vez a chave do enigma. De modo nenhum, sou constrangido a confessar.

Um desastre insignificante do caminho de ferro em Northampton, uma altercação na municipalidade de um logarejo em qualquer suburbio de Londres, o accidente de Paris, onde uma explosão n'um laboratorio matara quatro presumidos nihilistas. Que relação tinham estas coisas com o caso de Mr. Cavanagh? O mysterio permanecia incomprehensivel.

Dei o negocio por concluido. Cansado, cheio de frio, perturbado, atirei-me para cima da cama e dormi, como nunca, desde creança.

VII

A mulher e a creança

A lingua não é muito desembaraçada quando nós nos desculpamos por dormir até muito tarde, e eu, confesso-o, nunca fui campeão das madrugadas. E' muito bonito levantarmo-nos com as cotovias, mas quem tem taes gostos deve deitar-se com as gallinhas, o que não se recommenda pela distracção.

Fiquei seriamente incommodado quando acordei na casa do Fen e descobri que eram approximadamente dez horas. Que pensaria Mr. Cavanagh de mim? Era uma bella recommendação para um novo secretario. Promettera estar prompto para uma trotada pelo parque ás sete e meia e só abrira os olhos quando batiam dez. Felizmente para mim, Edward, o melifluo creado, depressa me tranquilisou.

— Mr. Cavanagh não esperava que o senhor se levantasse — declarou — era um simples gracejo seu o passeio pelo parque. E' opinião sua que o momento proprio de cada um se levantar é quando se não pode dormir mais. Creio que não o verá hoje. Não se sentia bem depois do senhor se recolher.

Communiquei-lhe que lamentava muito essa emergencia, mas a declaração avivou-me com um jacto de intensa luz a scena que presenceara no jardim e os assombrosos acontecimentos da fatidica noite. Appareciam-me agora menos terriveis de manhan, vestido, n'aquelle esplendido dia de junho. Eu era joven, convém lembrar, e n'essa edade as impressões passam depressa, esquecem-se no momento, para se tornarem lembradas annos depois. Encontrava vinte explicações para a conducta de Mr. Cavanagh agora que o sol brilhava e que toda

a gente andava de um lado para o outro. Nada se me afigurou então anormal; com certeza nada occorrera para me atemorisar. O dia patentearia o que a noite escondeu, raciocinei.

Assim me fui vestindo; e, servido por Edward, almocei no meu pequeno gabinete, que tambem olhava para o parque, mas não para o jardim italiano. Era um bello cantinho, pequeno e luxuoso; não me fez saudades do meu quarto em Cambridge. Ladeavam o fogão monstruosas poltronas forradas de seda carmesim; das paredes pendiam quadros com assumptos academicos, antigas photographias dos jogos do tennis nas quaes se via entre os jogadores um certo Bruce Ingersoll; uma estante de livros com um bufete á moda de Cambridge ficava ao lado de um piano, bem como um sofá sobre o qual o militar mais activo derramaria lagrimas de jubiloso somno. A amavel previsão d'este mobiliario surprehendeu-me e deliciou-me. Como recearia trabalhar com um homem que tinha taes considerações pelo meu conforto pessoal. Desejaria agradecer-lhe immediatamente e informar-me da sua indisposição com intima pena.

— Mr. Cavanagh não lhe deixou nenhumas instrucções para mim, Edward? — perguntei ao creado.

Sentiria um grande prazer em receber uma resposta affirmativa.

— Ha na bibliotheca um trabalho, que Mr. Cavanagh desejaria que o senhor fizesse. E' uma lista de ruas e casas de algumas terras estrangeiras. Precisa que o senhor as procure nos guias e escreva um relatorio ácerca d'isso. Depois do que, crê que sinta vontade de passear por esses campos fora e tem um cavallo ao seu dispôr para quando o quizer.

A isto respondi que passearia logo que terminasse o trabalho designado por Mr. Cavanagh. Dirigi-me quasi immediatamente para a bibliotheca, ampla dependencia construida a todo o cumprimento da parede oriental e que promettia cahir algum dia sobre o lago que se lhe estendia aos pés. Encontrei ali as listas em que Edward me falara e uma pilha de guias para me auxiliarem na minha tarefa. Não inqueri de mim proprio que motivos levariam o meu chefe a querer esse labor, nem, para ser franco, reflecti ácerca de tal. Mantinha negocios com muitos homens em muitas cidades. Era natural que desejasse informar-se das suas condições locaes.

Tudo ia muito bem quando, no decorrer da minha missão, descobri alguns factos curiosos. Primeiro, tanto quanto podia avaliar pelos guias, todas as ruas sobre que Mr. Cavanagh desejava que eu procedesse a investigações, eram sórdidas, as mais mal afamadas da America e cidades continentaes, de Chicago, Paris, Napoles e Roma, as peores ruas, como esclareciam os livros, e de pouca segurança para os estrangeiros. Mais que isso, n'alguns casos em que eu podia colher informações officiaes, reconheci que os moradores que viviam nas casas não eram os que figuravam nas listas de Mr. Cavanagh. Estas estavam cheias de nomes russos, hespanhoes e italianos e havia curiosas notas, signaes e observações ao lado de cada um d'elles. N'um sitio alguem escrevera a lapis, em frente do nome de um tal Paolo Canza, um annotamento de que fôra julgado em Roma em 1903 e sentenceado a dez annos de trabalhos publicos. Parece que o homem não cumprira esta sentença, a avaliar pela apostilla lançada a margem com a simples palavra «fugiu», e a data da fuga, «3 de novembro de 1904». Pouco depois li um nome irlandez na lista, a de um certo Michael Keating que vivia então na avenida Illinois, em Chicago. Ainda aqui, uma nota marginal notificava o simples facto de que o homem fôra condemnado em Chicago a quinze annos de prisão e que estava soffrendo a pena.

Devem concordar que eram coisas singulares estas; e quando mais tarde, proseguindo nas investigações, encontrei um nome de mulher, confesso que a minha curiosidade augmentou de grau. O apontamento referia-se a mademoiselle Mamavieff; e se a observação merecia credito, visitara recentemente muitas cidades. Um minuto de exame á nota levou-me á conclusão que a dama sahira de Baku havia exactamente sete mezes; fôra para Vienna para uma casa na praça do Mercado; partira para Buda; de ali para a Bosnia, d'onde seguiu para Veneza e morou durante algumas semanas n'uma casa modesta perto de Merceria. Mais tarde esta incansavel mademoiselle Mamavieff é ainda encontrada em

Roma, n'uma rua miseravel de Santa Maria, no Cosmedino. Acho-a de novo em Monte Carlo, onde se hospedou durante cinco dias no hotel Belle-Isle. Dirige-se então para Paris, onde a perdem, não sem desesperados esforços para lhe apanharem a pista; li as innumeras diligencias effectuadas para o conseguir, mas sempre sem resultado. Assim não pude deixar de concluir que o meu patrão se interessava enormemente pelas viagens de mademoiselle Paulina Mamavieff e quanto estava ancioso para descobrir a cidade onde se refugiara.

Algumas pessoas talvez mofassem da occorrencia e a achassem extremamente divertida. Não percebo a razão porque assim acontece, mas é um facto rirmo-nos de um amor cujo segredo se desvenda e pensarmos que somos superiores a semelhante fraqueza. Possuimos tambem uma forte dóse de bom senso, ou suppomos que o possuimos, para cahir em taes loucuras, e fazemos caras severas ao pobre diabo que foi apanhado na ratoeira e encontramo-nos sempre dispostos a zombar d'elle. Garanto-lhes que comecei a pensar na possibilidade de Mr. Cavanagh amar profundamente Paulina Mamavieff, mas sentia demasiado respeito por elle para esmiuçar o negocio e preparei-me para executar as instrucções com que elle me honrara. Pesquizei os livros com o maximo cuidado e minucia e tomei apontamentos n'um papel á parte.

«Esta rua, escrevi eu, tem casas de alguma respeitabilidade... aquella é um mero becco». As viagens que effectuara auxiliavam-me além da minha espectativa. Descrevi algumas localidades pela memoria que conservava d'ellas. Orgulhava-me de conhecer os antros de Paris melhor que todos os rufiões que frequentam as Folies Bergères e o Moulin Rouge. E quando isto succedia expandia-me á vontade. Na verdade convenci-me que a minha tarefa fôra bem feita e que não me envergonhava.

Seriam approximadamente duas horas quando pousei a penna, momento em que Edward trouxe ao meu quarto um ligeiro lanche; e immediatamente depois, acceitando o amavel offerecimento de Mr. Cavanagh, montei um lindo garrano côr de castanha e metti a meio galope pelo parque adeante. Um rapido exame que fiz quando atravessei a sala de honra mostraram-me que existia ali uma verdadeira armaria, com preciosissimos arnezes e não poucas armas de uma especie que só vira na torre de Londres. Esta sala abria para um eirado em frente do lago, o qual se cruzava por cima de uma ponte levadiça formada por uma estructura moderna e movida por um molinete aperfeiçoado; de modo que em vez da ponte descer e baixar como á primeira vista parecia, girava sobre um eixo, como as pontes dos rios de Inglaterra e da America.

O lago apresentava talvez uma largura de seis jardas d'este lado do edificio. Suppuz a agua profunda e corrente, pois era muito clara, com o fundo de areia. O eirado rodeava toda a casa, ao que parecia; mas as suas paredes erguiam-se pelo menos vinte pés acima da agua, a prumo e formidaveis. Do lado opposto havia um eirado correspondente com ruas areadas e alguns viçosos canteiros de flôres vulgares; o geranio escarlate apresentava uma côr viva que contrastava com a calceolaria. Não se viam arvores até certa distancia d'este jardim e avaliei que os bosques atravessados por nós a noite passada ficavam a uma boa milha da casa. O observatorio fôra collocado fora, n'um extenso prado de verdura, e tinha uma galeria no alto de um torreão isolado a guisa de pharol.

Já relatei alguma coisa ácerca da casa e não é agora ensejo para fazer mais ampla narrativa. O seu aspecto exterior era antiquissimo, um acervo confuso de muralhas sinuosas, de torres oscillantes, de ameias em ruinas, que lembravam um solar da época dos Tudor, desprezado durante muito tempo e que se conservava de pé por milagre. Poucas janellas eram dignas d'esse nome, excepto as dos largos vitraes do salão e as da bibliotheca. Uma capella, construida sobre pilares mesmo no centro do lago, mantinha-se como que suspensa e parecia restaurada modernamente; o edificio, comt do, dava uma impressão de decadente antiguidade. Nenhum observador por mais perspicaz que fosse advinharia que toda essa vetustez apenas servia para occultar lá dentro uma construcção da actualidade — um verdadeiro pavilhão de rosas que deslumbraria a imaginação do philosopho mais exigente. Foi isto que eu descobri immediatamente á minha chegada, mas aprazia-me

recordal-o durante o passeio, deixando as ameias atrás de mim e caprichando em imaginar-me um cavalleiro das passadas eras a cavalgar por ali fora.

Fazia calor n'aquellas terras baixas do parque. Em junho o sol queima em qualquer parte da terra. O movimento da natureza animada é preguiçoso; o reverbero de um intoleravel calor cansa os olhos e faz-nos pensar com saudades na sombra. As proprias abelhas saltitam de flôr em flôr como se a lide fosse um pesado fardo da existencia. Myriades de mosquitos fluctuavam ás nuvens por cima do lago; no céo não pairava uma sombra; cada objecto apresentava-se com toda a nitidez da côr primitiva, o que raro succede em Inglaterra. Sentia piedade pelo pobre cavallo e quasi o deixava caminhar á vontade. Recordo-me que me levou para perto do observatorio e reconheci que era exactamente como Mr. Cavanagh m'o descrevera. Era não só magnifico pela posição, mas extremamente bem fornecido para o effeito. O grande telescopio montado na sua cupula tinha poucos rivaes n'aquelles sitios. Havia mais um laboratorio scientifico esplendidamente provido e machinas de luz electrica. As ultimas eram obra de Mr. Cavanagh. Fôra o professor Rainham, de Cambridge, quem organisara o observatorio e o meu patrão pouco mais introduziu n'elle além do grande telescopio. Como Mr. Cavanagh chamara ao monstruoso projector uma das suas distracções, do mesmo modo eu o considerei, Achava-se collocado n'um ponto da galeria, que corre em volta da torre do observatorio, e tapava cuidadosamente o apparelho, afim de o furtar a qualquer exame, um encerado.

E' facil de imaginar que não me demorei muito tempo aqui, o que poderia parecer impertinencia. Mr. Cavanagh mostrar-me-hia a casa em seu devido tempo. Não desejava ser obrigado a declarar-lhe: «vi isto ou aquillo, diga-me o que é». Metade das coisas que possuimos dão-nos prazer porque as podemos mostrar aos outros para que as admirem. Pensava n'isto quando me afastei do observatorio, e, tomando por uma vereda através dos bosques, encontrei-me n'um massiço que parecia estar a cem milhas de qualquer ponto, de tal modo o julguei remoto e silencioso. Era com certeza um bosque da primitiva Inglaterra. Nunca vi carvalhos assim, nem semelhantes teixos, nem taes ruas de alamos, com troncos que representavam seculos. A relva não seria mais fina se fosse creada para um jardim de recreio. Na primavera brotavam por milhões os nardos e os endros; em outubro cobria-se de violetas, e, quando principiava a época das chuvas, era enorme a quantidade de lirios. O que mais me deliciava era o socego do quadro, a comprehensão dos mysterios da natureza que a paizagem me inspirava. Não existe em todos os homens, na sua veneração pela terra, alguma coisa do animal errante que gosta de rastejar, de narinas dilatadas a receber os perfumes da herva, de ouvido attento, olhos abertos, a exultar com a união de Gaéa com Urano? Rendi esse preito n'aquelle dia, vagueando pelo aprazivel bosque, sentindo que vivia e saboreando essa sensação. Foi n'esse momento que se me deparou uma mulher e uma creança.

Mettera por uma linda e rasgada avenida e internei-me depois por entre os silvados de uma estreita vereda, que de novo me devia conduzir ao parque. Descobri então um delicioso lago todo circumdado de arbustos. Perto do lago encontrava-se uma creança, que punha a nado um pequeno barco, ao passo que uma mulher a contemplava com olhos immoveis, ora brilhantes como n'um relampago de amor, ora, de subito, incendidos n'um fundo odio, que nada conseguia occultar. Era a mais linda creatura que vira até então. O seu cabello afigurou-se-me o mais formoso que descera sobre uns hombros esculpturaes; a sua pelle apresentava a alvura do marfim; o seu rosto era tão perfeito que assombraria qualquer artista. Não me causava menos admiração a creança que brincava a seu lado. Não deixava duvidas de que fosse seu filho. Os anneis das suas madeixas eram do mesmo ouro que as duas sedosas tranças que emmolduravam o soberbo pescoço da desconhecida; a sua epiderme não era menos branca; os seus rasgados olhos de identico azul. Era seu filho indiscutivelmente. A mãe, ao lado de quem ajoelhava, manifestava de quando em quando o immenso affecto que lhe inundava o coração e outras o rancor implacavel que a minava. Não tardou que a terrivel verdade se me patenteasse ao espirito. Santo Deus, exclamei, uma louca! Re-

cordei-me então do grito ouvido de noite. O mysterio desvendara-se.

Essa mulher perdera a razão, e o homem que a vigiava de perto, era o serviçal a quem eu designava por argelino.

VIII

O destino de Cavanagh

Causava uma triste impressão vêr como a pobre senhora se pôz logo de pé á minha approximação e como instinctivamente aconchegou o filho ao seio. Dominava-a por completo, n'essa occasião, o amor maternal, intensamente despertado por presumir o filho em perigo; em nada mais pensava senão na sua salvação. A sombra de terror que lhe escureceu o rosto nunca mais a esquecerei. Não se precisava ser adivinho para comprehender que fôra victima de algum tremendo desgosto, e que a sua perturbada razão me associava a quem lhe fizera mal. Quando lhe tirei o chapéo, tremia horrorosamente. Fiquei apoquentado com o encontro e envergonhava-me de me ir embora sem a cumprimentar. Por fim galopei sem destino, receoso de falar, deliberando conservar-me mudo.

Uma louca na casa do Fen, e esse selvagem africano por seu guarda. Tal era, pois, o infeliz segredo de Mr. Cavanagh, tal era a verdadeira causa do seu isolamento. Se os factos surgiam terriveis nem por isso deixavam de merecer mais piedade que rigor. Ao reflectir em tal acommettia-me um sentimento de pesar e de humilhação pelo que praticara a noite passada, espiando-o da minha janella e phantasiando um cento de absurdos. Arrependi-me d'isso profundamente n'aquelle momento e resolvi confessar tudo a Mr. Cavanagh logo que se me offerecesse ensejo. Quando cheguei a casa fiquei espantado de descobrir em que estado de excitação o encontro me lançara. Galopara pelo campo fora uma porção de milhas; a sensação de fadiga e de angustia pessoal não podia ser mais viva. Attribuia tudo aos differentes choques recebidos e principalmente á lembrança d'aquella triste physionomia, que me acompanhou a casa e até ao quarto.

Recordam-se que eu não vira Mr. Cavanagh desde que o observara no jardim italiano, ao alvorecer. Quando eu regressei aguardava-me no meu quarto, o que muito me agradou. Trocamos algumas breves palavras ácerca da minha posição junto d'elle e todas as minhas tentativas para lhe agradecer se mallograram ignominiosamente. Raciocinara que succederia d'outra maneira e quedei-me completamente desapontado, como vão ver.

— Bello — exclamou, falando das profundidades de uma ampla poltrona quando entrei, — não tem então mais nada que me dizer, Mr. Ingersoll?

— Repito — affirmei — nunca uma visita foi mais bem recebida.

Sorriu com doçura e rememorou o nosso ajuste das sete e meia da manhan.

— E' melhor não falarmos no passado, Mr. Ingersoll. Um homem que devia estar a pé ás seis, de raqueta em punho...

Rimos ambos, ao passo que Mr. Cavanagh tocava para que Edward trouxesse charutos.

— Mr. Ingersoll deseja chá — disse; — chá com os mesmos riquissimos bolos de passas que comprava sempre na loja de Mathew em Trinity Street.

— Na verdade sabe que eu me fornecia da pastellaria Mathew, Mr. Cavanagh?

— Meu caro amigo, eu sei tudo quanto preciso saber. Quiz lisonjear-me imitando-me esta noite; não pôde dormir, lembro-me, e passou a noite á janella.

Devia ter ficado vermelho como o monco de um perú. O seu modo não me convidava a nenhuma humilhante confissão; emmudeci ante o seu delicado sarcasmo.

— Não se desculpe — continuou amerceando-se do meu embaraço, — é meu credor n'esse assumpto. Realmente, Mr. Ingersoll depositou em mim grande confiança acompanhando-me até aqui. Devia ter sido franco comsigo de começo, quero ser franco comsigo agora. Tome chá, accenda o charuto, porque temos muito que conversar.

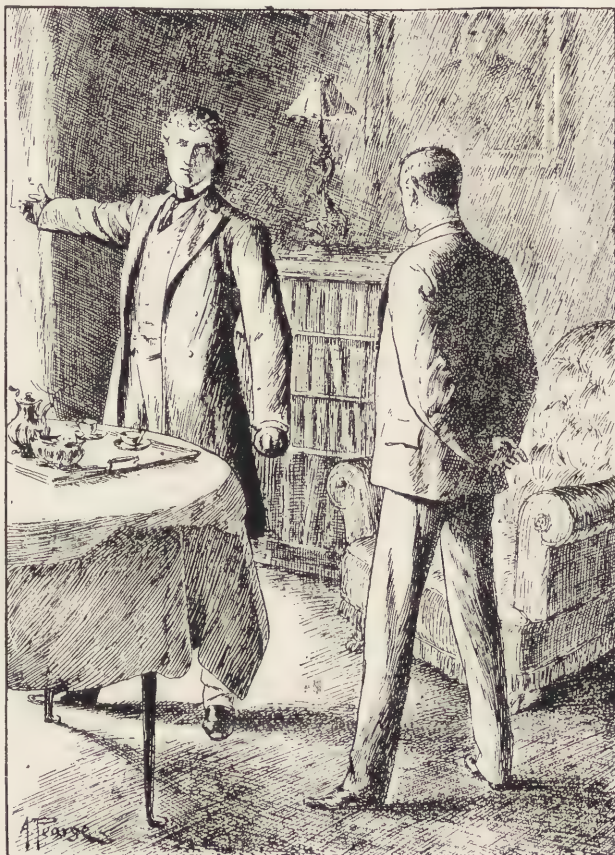
Obedeci-lhe, tomando o meu chá em silencio, e receando intrometter-me nos seus pensamentos. Depois de accender o charuto, dirigiu-se á janella e olhou para o parque como a procurar a senhora e a creança cuja descoberta tanto me apoquentara. Conheci que pensava n'elles mesmo antes de falar e podia ter antecipado muito a sua pergunta.

— Encontrou uma senhora no bosque perto de Waterbeach, não encontrou?

— Encontrei, Mr. Cavanagh.

— E' minha mulher. A creança que a acompanha, é meu filho.

Via-o agora, com a luz a bater-lhe em cheio, com o cabello deitado sobre a sua bella fronte, com o intelligente parecer branco e convulsionado como se acabasse de se escrever ali a historia de uma tragedia. Nenhuma voz de mulher se embebe de um accento tão musical como quando pronunciou a palavra filho. Fama, riqueza, applausos dos homens, gloria do triumpho, que significava isso quando se viravam contra a sua preciosa herança? Seu filho! Bastava ouvil-o para comprehender como esse homem amava.

— Minha mulher e meu filho; sim, Mr. Ingersoll, — bradou, voltando-se e encarando-me com os seus olhos rútilos — o meu destino está além; a mulher que amo mais que tudo na terra, é o que vê; o meu filho brinca nos braços de uma mãe que se esquece de quem acarinha. Aqui tem quem é Jehan Cavanagh a quem todos invejam, o millionario que obteve tudo quanto o universo pode dar. Lembre-se d'isso quando me julgar; addicione-o á confiança que deve depositar em mim como toda a gente escolhida que me rodeia. De hoje em deante quero que seja meu amigo.

O MEU DESTINO ESTA ALÉM...

Postou-se na minha frente esperando que eu falasse. Se Deus sabia, eu não sube, a resposta que lhe havia de dar. Sou capaz de sentir a mais profunda sympathia, mas succede-me com frequencia não encontrar termos para a exprimir. Como poderia manifestar a este homem superior que me inspirava enorme commiseração? Que vocabulos buscar para lhe patentear a immensa piedade que despertava em mim o seu infortunio?

— Mr. Cavanagh — acabei por declarar — não conheço maior privilegio que o de lhe chamar meu amigo.

— Expande-se talvez cedo de mais, Mr. Ingersoll.

— Falo-lhe com todo o meu coração.

— Convenço-me; os homens nunca me enganam. Pensa n'este momento como é difficil dizer alguma coisa, e são as palavras categoricas que eu anhelo. Nunca me esqueço d'aquelles que soffrem por que eu soffro. Deixe imaginar a sombra que é brilhante, como nos acontece agora, porque temos a nossa missão a cumprir. E' para uma mulher e uma creança que todos trabalhamos.

Não o comprehendia, não assimilava o seu pensamento, nem era esse o momento que escolhera para me esclarecer. Percebi que traçara um plano deante de si e que não gostava que o interrogassem. Apesar de tudo a curiosidade segredava-me coisas

singulares aos ouvidos e cerrei-lh'os com difficuldade.

— Mr. Cavanagh — perorei — vim aqui para estar ao seu serviço e será desnecessario affirmar que principiarei quando e onde quizer.

— Já principiou, Mr. Ingersoll.

— Refere-se ás listas que organisei?

— A nada mais. Dá-me licença que as consulte.

Entreguei-lh'as, examinou-as com a maior minucia e apparentou approvar o que eu fizera. Quando continuou a falar conservava ainda esses papeis na mão, mas não apontou para elles.

— Lembra-se de um estudo que escreveu no *Fortnightly*, relativamente aos direitos do individuo contra as restricções da lei?

— Muito bem; foi um assumpto que me causou grande somma de desgostos e não pequena dóse de ridiculo.

— Assim devia ser. Era uma grande verdade, uma larga porta para que os loucos entrem por ella. Levantava n'elle, lembro-me, a importantissima questão de saber que protecção concede a lei a um prejuizo particular contra a incompetencia ou indifferença do Estado. Encarou o caso por um prisma no qual a dictadura se torna de facto uma instituição nacional. Desapparecendo o Estado torna-se o individuo o legislador. Uma habil demonstração, que tenho lido muitas vezes ultimamente e que lerei ainda mais no futuro.

— Tel-o-hia escripto com mais cuidado se tivesse sabido isso.

— Não diga tal. O senhor escreve o que o seu espirito lhe dicta; o coração escolhe as palavras. O que chamamos estylo é algumas vezes a capa com que occultamos um bello pensamento. A linguagem falada do homem é o seu estylo. Deve tratar d'esse assumpto e desenvolvel-o quando tivermos vagar. Interessa-me muito e tanto que me disponho a ajudal-o n'esses estudos. Quereria viajar commigo, Ingersoll?

Gostei que tirasse o prefixo ao nome, e retorqui que me consideraria satisfeitissimo.

— Quando meu pae era vivo — contei — passavamos parte do anno fora. Parece-me que viajei bastante para a minha edade, isto é, faziamos algumas excursões vulgares e voltávamos depois para casa e conversávamos a proposito d'ellas. Não é coisa que o surprehenda ao senhor, que esteve em todas as partes do mundo. Mas vi bastantes das capitaes da Europa, Mr. Cavanagh, mesmo Belgrado e Constantinopla.

Mr. Cavanagh redarguiu com uma pontinha de desdem na voz.

— Viu pouco, meu caro, mas com o tempo hei de mostrar-lhe mais. Conhece, por acaso, Antuerpia?

— Demorei-me ali tres dias.

— Partiremos para lá amanhan, tambem por tres dias. Não devia ir; recorda-se que eu lhe prometti algumas partidas de tennis? Mas não pode ser. Voltaremos a Londres esta noite em automovel. Gosta de ir commigo, Ingersoll? Tenho a certeza que lhe sorri o visitar o continente!

— Mr. Cavanagh — respondi — conhece que isso é assim, porque ninguem pode esconder nada de si.

Agradou-lhe a réplica, vi-o muito bem, quando pousou a sua mão no meu hombro, com um gesto cheio de bondade e talvez de reconhecimento. Toda a solidão d'aquella esplendida existencia appellava para mim n'esse momento. Porque depositava em mim tal confiança? Porque me tornara seu confidente com tantos milhões ás suas ordens? Elle, um assombro de fortuna e de riqueza, porque me solicitava que o servisse fielmente? Não sei, mas o seu acto conquistou a minha estima incondicional.

(Continua).

Traducção de Eduardo de Noronha.

A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

Parte II — O PAIZ

MINHO

Circumstancia especial a esta provincia é a quantidade de egrejas da éra manuelina do typo atraz descripto das egrejas de Thomar e da Gollegã; a feição d'estas haverá sido reproducção de padrões remotos; as egrejas de Santa Maria do Olival em Thomar, a de Leça do Balio nas cercanias do Porto, ambas são medievaes, manifestando aliás a designada orientação.

O seu aspecto exterior é por toda a parte o mesmo, e identico o material de construcção, a cantaria. O coroamento de ameias ou de pilares é geral, a datar do seculo XIV.

Devemos ainda mencionar aqui, dignas de attenção, as egrejas de Azurara e de Villa do Conde, matriz, aliás muito semelhantes.

A primeira, comtudo, ostenta formas da primitiva Renascença, no proprio portico, ao passo que a de Villa do Conde apresenta um portico magnificente, gothico da ultima maneira, na face occidental, copia, por assim dizer, do que existe na Sé nova de Salamanca. No interior predominam as tão conhecidas arcarias de pilares gothicos tercearios, como na Gollegã, aguentando o lanço superior de parede da nave central. Os tectos obliquos de madeira das naves lateraes, são divididos por travejamentos ao modo mourisco; o tecto apainellado da nave cen tral, liso. A tribuna da banda de leste, aguentada por um arco de sarapanel, ostenta um tecto almofadado, com dourados.

Em Villa do Conde vemos ainda, na egreja do convento de S. Francisco, uma antiga estructura gothica, datada aliás do seculo XVI. Mais tarde accrescentaram-lhe tanto á nave como ao transepto uns soberbos tectos de madeira á feição de cupulas; os do côro das freiras ainda mais ricos. Externamente, adorna a egreja a tão geral corôa de ameias.

A um canto da egreja, entre a nave longitudinal e a transversal, existe a capella tumular de D. Affonso Sanches, sua mulher e dois filhos, edificada no anno de 1526. Uma opulenta portada com arco semi-circular, afestoado de dentilhões da Renascença e o extradorso profusamente ornamentado, faculta entrada; uma abobada réticulada

com uns feixos ornatados de optimo lavôr, e ao centro o competente escudo de armas, muito realçada de ouro, cobre totalmente o recinto.

Reclinadas nos dois sarcophagos maiores jazem as estatuas dos fallecidos; os primeiros podem ser contados entre os mais opulentos trabalhos do genero. Os angulos são escorados por umas pilastras ornamentaes; nas faces longas, três arcos trilobulados sobre columnas de meio relevo, muito ornatadas, emoldurando episodios da vida da Virgem e da Paixão de Christo, em estylo formoso e pittoresco. Os sarcophagos dos filhos, descansando sobre dois leões, ostentam nas faces longas cinco nichos entrecorridos de candelabros, abrigando santos, e, por cima, o escudo de armas. O lavôr, em todos elles, já das figuras, já do ornato, é precioso, apenas as estatuas incumbentes dos dois fallecidos bastante pesadas. E não obstante, entre os raros trabalhos d'esta ordem existentes em Portugal, excluindo os da Renascença, são estes os mais formosos.

Proximo da egreja ergue-se uma capellinha da Misericordia, de uma só nave e com varios altares; o arco do côro de rico estylo manuelino; melhor e mais importante é o portico com as usuaes molduras torses e ornatos da Renascença, algo toscos, no extradorso.

O convento dos Franciscanos foi erigido no seculo XVIII com as proporções de um gigantesco edificio acastellado, e com o possante aqueducto de Terzi prefaz um grupo de singular imponencia sobranceiro ao rio.

A vizinha Vianna do Castello reivindica tambem alguma coisa coeva da Renascença; além de uns lindos Paços do Concelho com uma arcaria de três pavimentos, accusando a época do Cardeal-rei, ostenta um majestatico chafariz, na praça principal.

EGREJA DE AZURARA

O mais consideravel monumento ecclesiastico dos primordios da Renascença, n'esta região do norte, é a encantadora egreja da collegiada, em Caminha. N'estas povoações, tão admiravelmente situadas nas margens do Minho quanto ricas em residencias particulares com a feição manuelina, do typo da Gollegã e quejandas, sobresae esta

MONUMENTO EM S. FRANCISCO DE VILLA DO CONDE

egreja, a qual deverá, sem duvida, a sua construcção a Diogo Ennes, na data de 1556, a quem é attribuida a edificação da torre. Corresponde pouco mais ou menos á Sé do Funchal; o interior da egreja é quasi identico ao d'aquelle templo, por cujo motivo eu, em vista da reproducção do mesmo, sou de opinião que ella nos ministra um exemplo cabal de todas as egrejas d'este typo. O tecto, de madeira, é, n'este caso, elaborado com singular perfeição, apresentando mais de uma individuação mourisca, muito semelhante aos tectos hespanhoes reproduzidos no tomo I d'esta obra.

O tecto de duas aguas, amouriscado, das naves lateraes é um tecto travejado, com entrelaçados geometricos no taboleiro central; o da nave principal, de maceira, com os torsaes do

VILLA DO CONDE
Stadtkirche. 27.9.96

CIMALHA DA EGREJA MATRIZ DE VILLA DO CONDE

costume e de construcção identica; e comtudo, na area central, de esteira, alternam uns bocetos, pingentes mouriscos, octogonaes, e umas rosaceas gothico-tercearias; motivos ornamentaes de toda a sorte, rosetas e ainda outros, e de vez em onde douradura e côres a realçarem a formosura do conjuncto. No extenso côro e nas capellas com a feição de transepto as usuaes e ricas abobadas; o arco do cruzeiro correspondendo ao restante. Uma fonte

PRAÇA DE VIANNA DO CASTELLO

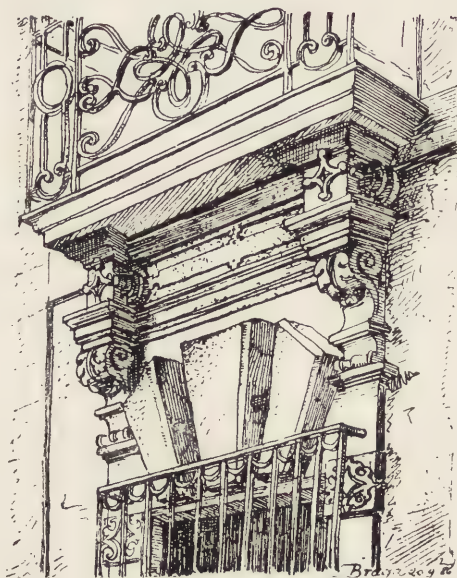
baptismal, oitavada, de pedra, da éra manuelina, á semelhança das muitas que se encontram n'esta região, com as suas bulbosas fórmas ornamentaes faz lembrar exemplos romanicos.

E' mais rico o exterior do que o costuma ser o da generalidade das egrejas d'este genero.

O lanço do côro, com os seus opulentos botareus e a balaustrada de coroamento, é um primor. Tambem aqui se manifesta em tudo a Renascença, como, por exemplo, na archivolta das janellas e na cornija, nas quaes, além de meandros e outros adornos, figuram ovanos e molduras de folhagem. O portico olhando ao norte da nave lateral é ladeado de pilastras ornamentadas, corôam-n'o uns nichos em fileira, assás fundos, com arcos afestoados, abrigando figuras, encimados por uma galeria ornamental, rompendo acima da cornija e do telhado de telhas. E' do mesmo theor o portico principal, que, com o seu oculo lindamente ornatado e os tão pittorescos pégões acompanha com tanta felicidade o frontão. Com a sua torre coroada de ameias, e a singeleza do seu todo, este edificio representa uma das mais attrahentes manifestações de architectura sahida do alvorecer da Renascença. A individuação ornamental é perfeita por toda a parte, mas sem effeito por motivo da impropriedade do material. A cimalha da nave central ostenta um opulento friso de meninos, grutescos e ornatos. O edificio, apesar de D. Manuel lhe haver lançado a primeira pedra em 1488 por occasião de uma romagem á Galliza, deve de ser muito mais recente. A obra é attribuida a um biscainho, Juan de Tolosa. A mim, comtudo, afigura-se-me que a construcção, em globo, deverá datar de 1530, proximamente, e demais, são tão absolutamente portuguezes tanto a planta como os pormenores estructuraes, que nos levam a rejeitar a hy-

EGREJA DE CAMINHA

pothese da intervenção de um estrangeiro.

O portico occidental parece ser um tanto mais antigo, inclue três abobadas de artezãos sustentando uma platafórma e abre-se em três lindos arcos angreados. Preenchem os seguintes, entre os pilares, uns baldaquinos de transição, originaes. Insignificantes os pormenores. As arcadas conservam ainda as unicas grades com fórmas coevas da Renascença que eu por aqui tenho encontrado. Ainda gothico o lanço inferior, com laçaria, fustes serpentinos, em parte com cogolhos nas cracas, corôam-n'as uns lindos frizos da Renascença, transfurados, fazendo lembrar as grades hespanholas, coevas. Ao centro da grade mediana, por cima da porta de entrada, vê-se um remate, infelizmente completo e ampliado no seculo XVIII, trilobulado, ostentando umas figurinhas de madeira, pintalgadas, re-

DE UMA CASA DE BRAGA

presentando Christo na cruz, a Virgem e S. João.

A porta principal da Sé é formosa, de estylo posterior; os batentes, de ma-

LANÇO DO CÔRO DA EGREJA DE CAMINHA

deira escura com applicações de metal.

No interior encontra-se uma pia de baptismo manuelina, tosca. E' sumptuosissimo o thesouro da sacristia,

LANCE DO CÔRO DA SÉ DA BRAGA

paramentos, vasos sagrados, frontaes de altar; entre outras alfaias, extrema-se o riquissimo calix do bispo D. Diogo de Sousa, datado de 1509, uma das mais avultadas e sumptuosas peças da era manuelina (1).

A capella da Misericordia, ao norte, apresenta dois porticos da Renascença, da éra de 1562, ainda com fórmas primitivas, columnas e coroamento, porém, como tudo por aqui, toscos os pormenores; o mais pequeno, com a sua coronide multicolor, abrigada por uma especie de tenda e representando o presepe, summamente pittoresco.

A maçuda architectura da cidade, de granito e de época posterior, não é destituida de um certo interesse. Uma formosa casa manuelina, no largo pro-

(1) Reproduzido por Vilhena Barboza, *Monumentos*, pag. 284.

ximo a Santa Cruz, capta desde logo a attenção, mercê da sua garbosa fachada de cantaria, com fórmas gothicas tercearias, e ainda as duas ricas janellas, centraes.

E' bella tambem na sua extrema singelleza a torre de Santa Cruz: ainda mais interessante a ermida de Nossa Senhora da Conceição, uma torre quadrada, com dois pavimentos no estylo do côro da Sé, contendo capellas sobrepostas e estatuas ao abrigo de baldaquinos, nos angulos.

A egreja da Villa Nova de Foscôa, na fronteira hespanhola, é apontada como sendo o mais rico edificio deste estylo primordial, assim como a de Freixo de Espada-á-Cinta.

(Continúa.)

Soneto

Quantas vezes o amor vem, passo a passo,
E sem por nós sequer ser presentido!
Cresce depois suáve, indefenido,
E pouco a pouco vae cerrando o laço.

Alvor de aurora, delicado e baço,
D'um vago e desmaiado colorido,
Até que rompe o sol, rubro, incendido,
De luz fulgente illuminando o espaço.

E quando o amor caminha docemente,
Para surgir um dia, de repente,
Mais profundo, mais forte de paixão,

Podemos confiar no sentimento
Que assim nos illumina o pensamento,
Pois o amor é o sol do coração.

Maria de Carvalho.

CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

Começa a festejar-se este anno em Inglaterra e em Hespanha o centenario da lucta que, desde o anno de 1808 até o de 1814, se travou em Portugal, Hespanha e França entre os exercitos alliados das duas primeiras d'estas nações e da Inglaterra, contra as hostes que Napoleão I levantava por toda a Europa, no intuito de fazer vingar os seus planos ambiciosos.

Em Portugal tambem se realisa a commemoração, tanto dos factos militares como dos que teem apenas caracter civico.

E mal nos ficaria não celebrarmos as glorias alcançadas pelos portuguezes n'aquella quadra verdadeiramente calamitosa para o nosso paiz.

Considerando os acontecimentos puramente bellicos, temos com effeito sobrados motivos para nos orgulharmos, porquanto o nosso exercito, composto a principio de soldados bisonhos, foi o principal collaborador das tropas inglezas na porfiada lucta que fez ruir o poder napoleonico.

Não ha duvida que o soldado hespanhol por traz dos parapeitos das fortificações, como em Saragoça e Gerona, foi terrivel inimigo para os francezes, como o foi tambem quando fazia parte das guerrilhas que se espalhavam por todo o territorio assolado pelos invasores, perseguindo-os e dizimando-os com admiravel persistencia e valentia. Nas batalhas campaes, todavia, já não mostrou de certo as mesmas qualidades, ou porque o genio d'aquelle povo difficilmente se coaduna com os apertados laços da disciplina, sem a qual não ha perfeitos soldados, ou, talvez, por falta de generaes que o soubessem conduzir á victoria com pericia egual á que distinguiu os Minas e os Empecinados ao capitanearem as suas heroicas *partidas*. A victoria de Castaños em Baylen teve mui raras companheiras e não invalida certamente aquella opinião, que se pode vêr expendida por um dos escriptores que mais larga e competentemente estudaram a guerra de que se trata. «Foi o valor das tropas anglo-lusas, diz o abalisado historiador (1), que sustentou a guerra.» Deve notar-se que esta declaração parte de quem não poucas vezes deixa no escuro o papel desempenhado na lucta pelos portuguezes, para sómente evidenciar os feitos dos seus conterraneos.

Pois a Hespanha já está prestando enthusiastica homenagem a todos os seus filhos que, desde o grito de 2 de maio

DRAGÃO DO REGIMENTO DE ALCANTARA

(1) W. F. P. Napier, no prefacio da sua obra em 4 volumes *History of the war in the Peninsula and in the south of France*.

de 1808 em Madrid, trabalharam para a expulsão das tropas e do governo intruso, cuja oppressão tantos annos soffreu por culpa do inepto Carlos IV e do seu ministro e favorito Manuel de Godoy.

E bem faz a nação visinha, porque o povo hespanhol deu n'aquelle afflictivo transe as mais brilhantes provas de força moral e patriotismo, não obstante a influencia que deveriam ter, para entibial-o, as tergiversações e baixezas do governo nacional que havia inconscientemente preparado a invasão.

Se a Hespanha julgou cumprir um dever sagrado commemorando solemnemente o primeiro centenario da sua *Guerra da Independencia*, Portugal perpetraria um crime de lesa-patria não festejando, com a possivel pompa, as datas gloriosas da *Guerra da Peninsula*, d'essa tremenda lucta em que o nosso povo demonstrou que lhe corria nas veias o sangue dos heroes que devassaram as temidas paragens do Mar Tenebroso, e que talharam com a espada, em todos os recantos do globo, um imperio colonial quasi tamanho como aquelle onde o sol nunca se escondia.

E quem diria que não era o somno da morte o que dormia o gigante, quando a indignação contra o jugo do invasor o fez despertar? Depois do tratado de neutralidade de 1804, comprado á França a peso de ouro, ficáramos n'uma tranquillidade enganosa, até que, em 1807, Napoleão, mancommunado com a Hespanha, decretou a divisão de Portugal em tres partes e mandou Junot a consummar a violencia, para que a inhabilidade e doblez dos nossos governantes haviam concorrido bastante, seja dito em abono da verdade. O principe D. João, em quem recahiam os encargos da governança, quando soube que o exercito da Gironda vinha a marchas forçadas sobre Lisboa, para fazer cumprir as clausulas do pacto franco-hespanhol, entendeu por conveniente embarcar para o Brazil, o que fez n'aquella tragica manhã de 27 de novembro, e com tamanha precipitação que, ao chegar ao caes de Belem, ainda o largo não estava guarnecido de tropa, de sorte que o fugitivo a tremer como varas verdes, o rosto banhado de lagrimas, teve de fazer com o braço um gesto para desviar o povo, que ancioso o rodeava. E lá se foi para bordo, e o resto da familia real seguiu-o com tanta pressa, que a rainha D. Maria I, que enlouquecera havia dezeseis annos, começou a gritar para o cocheiro que lhe levava de escantilhão a carruagem: «Devagar, que eu não fujo!»

E ao passo que a louca dizia, inconsciente, as palavras do bom senso, a quarta das instrucções deixadas por seu filho á regencia, que nomeara para o substituir, recommendava que *as tropas francezas fossem bem aquarteladas e assistidas de todo o necessario.*

Se não parece uma cruel ironia do destino estar o paiz entregue, n'esta grave conjunctura, a um principe tão debil e timorato! E dois factos extraordinarios tinham conspirado para que elle exercesse o mando supremo: a morte de seu irmão mais velho, o principe D. José, e a loucura de sua mãe.

Ainda bem, todavia, que não sahiu certo d'esta vez o celebre aphorismo de Camões de que «um fraco rei faz fraca a forte gente».

De dezembro de 1807 a junho de 1808, Napoleão, representado por Andoche Junot e os seus satellites fez, quanto era humanamente possivel para reduzir os portuguezes á infima condição, não se esquecendo de nos arrancar o que era ainda aproveitavel do nosso exercito e mandal-o para muito longe batalhar sob o mando dos tenentes generaes marquez de Alorna e Gomes Freire de Andrade, isto é, dos nossos melhores cabos de guerra, á sombra das aguias do recente imperio francez. E como officiaes da legião iam varios mancebos pertencentes ao escol da nossa fidalguia. Julgando extincta a patria, queriam ao menos conquistar gloria como soldados, no exercito commandado pelo maior capitão dos tempos modernos.

Mas o povo ainda não descrera de si mesmo, e irritado pelo soffrimento, indignado com o aviltamento a que o tinham condemnado, ergueu-se afinal sob o calcanhar que pretendia esmagal-o e fez a revolução contra os invasores, a despeito dos conselhos de quem lhe dissera que os recebesse como bons amigos.

O incendio lavrou rapidamente do norte ao sul de Portugal, atiçado grandemente pelo clero, que, em razão da hostilidade que Napoleão já mostrava para com Ro-

ma, via os francezes como inimigos da Egreja.

E' o esforço do povo portuguez contra a tyrannia dos generaes napoleonicos, e o heroismo que nos campos de batalha mostraram os seus filhos depois de organisados por officiaes tanto inglezes como nacionaes, que vão celebrar-se na commemoração que o governo portuguez iniciou, e á qual as camaras legislativas e a imprensa patrioticamente se associaram.

Querendo dar tambem o seu contingente

D. JOÃO VI

para esta justa homenagem aos heroes da *Guerra da Peninsula,* os *Serões* incluirão nas suas columnas, durante os annos que vão desde o actual até o de 1914, noticias abreviadas e elucidativas, sob a fórma de ephemerides, a respeito dos principaes factos relacionados com a momentosa lucta e occorridos no periodo correspondente do seculo XIX.

E' claro que teremos não só de passar em claro muitos successos, mas tambem de omittir pormenores que dariam a este trabalho extensão incompativel com a indole do nosso *magazine.*

Pelo mez em que o movimento contra a occupação de Junot principiou a traduzir-se em actos de rebellião declarada, começamos as nossas ephemerides, isto é em

JUNHO DE 1808

Dia 4

Em **Chaves,** tendo chegado noticias de Hespanha favoraveis ao movimento contra os francezes, o povo por occasião da festa do Espirito Santo, sae para a rua dando vivas ao principe regente e morras a Junot e a Napoleão. Prolonga-se até o dia 12 este alvoroço, que se estendeu aos campos visinhos e até a **Villa Pouca de Aguiar.**

Dia 6

O general francez Quesnel, governador do **Porto,** que tinha comsigo apenas uns setenta dragões do exercito de Junot, é preso pelos hespanheos de Bellesta, que ali estavam de guarnição, e que principiavam a agitar-se por causa da reacção que lavrava no seu paiz contra o dominio estrangeiro. Bellesta convoca um conselho, que decide o restabelecimento do governo legitimo.

Este movimento, apesar do enthusiasmo do povo portuense, não dá resultado, porque, tendo Bellesta partido logo para a Galliza com as suas tropas, as auctoridades do Porto continuam submettidas ao governo intruso.

Dia 7

O major graduado Raymundo José Pinheiro, governador do **Castello da Foz do Douro,** animado pelos factos occorridos no Porto durante o dia anterior, reune de madrugada a guarnição do seu commando e proclama o governo legitimo. Ao nascer do sol dá-se na fortaleza uma salva de 21 tiros e soltam-se vivas ao principe regente e á familia real. Tambem não foi ávante este movimento, porque o brigadeiro Luiz de Oliveira da Costa, governador militar do Porto, valendo-se de astucia, prendeu o major Pinheiro, que logrou fugir pouco depois.

Dia 8

Braga, por instigações do arcebispo, manifesta-se a favor do principe regente; po-

rém o partido affeiçoado aos francezes faz mallograr a tentativa.

Dia 10

Melgaço arvora a bandeira nacional, com o auxilio de alguns individuos da Galliza. Como só havia um estandarte e, para a ceremonia, se necessitavam dois, o juiz de fóra convoca todos os alfaiates que havia na localidade e não lhes restitue a liberdade emquanto não acabam o estandarte que faltava.

Dia 11

O general Manuel Jorge Gomes de Sepulveda adhere em **Bragança** ao grito de rebellião. As auctoridades locaes, receiosas das consequencias que poderia ter o movimento que lavrava na cidade, como repercussão do que houvera no Porto, vão procurar a casa o velho general. Este, em vez de se acobardar, corre a uma janella e, mostrando-lhes o povo que na rua dava muitos vivas a bem do restabelecimento do governo legitimo, diz-lhes: «Vejam se se atrevem a accommodar todo esse povo!» Tomou logo Sepulveda algumas acertadas medidas para que vingasse a generosa tentativa, a qual abortou quando se soube que outro tanto succedera á do Porto.

Dia 16

Villa Real de Traz os Montes levanta-se contra o jugo estrangeiro, pondo-se á frente dos revoltosos o tenente coronel de cavallaria Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, que veiu a ser conde de Amarante e tenente-general.

Uma proclamação de Junot sobre o desarmamento dos hespanhoes está affixada á porta da egreja matriz de **Olhão.** Como é a festa do Corpo de Deus, o templo regorgita de fieis. Apparece o coronel José Lopes de Souza, que tinha sido, com o governo legitimo, governador de Villa Real de Santo Antonio; deita a mão ao papel, rasga-o, pisa-o debaixo dos pés, dizendo aos circumstantes que elles já não são portuguezes. O povo enthusiasma-se com isto e, ao fim da missa, acclama no adro o principe regente. Assim corresponde ao appello da proclamação, que convida os portuguezes a unir-se aos francezes contra os inglezes e hespanhoes. A Lopes de Souza junta-se o capitão Sebastião Martins Mestre, que muito concorre para a sublevação.

Em **Lisboa**, por occasião da procissão do Corpo de Deus, ha um tumulto meramente occasional, que ainda assim faz pôr em alarme a guarnição franceza e leva Junot a prohibir as fogueiras de S. João e S. Pedro e a mandar recolher no arsenal do exercito

D. MARIA I

todas as armas de fogo que estivessem em poder de particulares.

Dia 18

O Porto agita-se para a restauração do governo legitimo. Já em 16, as ordenanças quando iam para a procissão de Corpus Christi, se haviam recusado a levar bandeiras com as aguias napoleonicas, indo afinal sem nenhumas, visto não poderem levar a bandeira nacional. Na tarde de 18, começa a agitação, quando se estava carregando pão em carroças, com destino a tropa franceza que devia passar por Oliveira de

Azemeis. João Manoel de Mariz, capitão de artilharia, aprompta 4 peças e as respectivas guarnições, bem como outras forças e marcha com ellas pela cidade até á Ribeira. Este bando encontra-se com outro que traz á frente o major Raymundo José Pinheiro e de que fazem parte uns 19 hespanhoes estropiados e cobertos de poeira, simulando a avançada de um exercito que venha soccorrer o Porto. Este ardil anima grandemente os sublevados.

SOLDADOS DE INFANTERIA DE LISBOA
E DA ORDENANÇA DO ALGARVE

Dia 19

De madrugada os mesmos guerreiros voltam ao Campo de Santo Ovidio, e marcham d'ali com duas peças, seguidos de muito povo. Vão ao paço episcopal. O prelado abençoa-os e. tendo descido á rua, beija a bandeira nacional, que os patriotas levam desfraldada. N'este dia é eleita a *Junta Provisional do Governo Supremo,* á frente da qual fica o bispo, com o titulo de *Presidente Governador*. Da junta fazem parte outros ecclesiasticos, bem como officiaes militares, magistrados, etc.

Consumma-se a revolução em **Torre de Moncorvo,** tendo antes sido apprehendidas as barcas do Douro, desde a foz do Agueda até á do Sabor, para se evitar a passagem dos francezes que estavam em Almeida. Reune-se a camara, a nobreza e o povo, e fazem-se muitas manifestações de regosijo.

O povo de **Faro** subleva-se, aproveitando o facto de estarem os francezes do general Maurin occupados em debellar a revolta de Olhão. A tropa portugueza adhere ao movimento. Os francezes, que haviam sahido da cidade, tentam voltar lá, mas são rechassados em dois ataques. Maurin, que estava doente no seu domicilio, é preso. Os patriotas, que o povo considera mais dignos de confiança, recebem o distinctivo de um pennacho encarnado, Todos os sublevados adoptam depois um laço da mesma côr, que se usa no braço direito. Quem não o trouxer é considerado como traidor á patria.

Combate infeliz para os portuguezes, que se haviam insurrecci nado, em **Villa Viçosa,** a favor do principe regente. Ha muitas perdas de uma parte e de outra.

Dia 21

Estabelece-se em **Faro** um conselho de regencia, presidido pelo conde de Castro Marim, que antes da invasão de Junot era capitão general do Algarve. Criam-se na provincia outras juntas, dependentes d'aquella.

M. A.

UM TRECHO DA VILLA DE MOURA

A villa de Moura

nosso Baixo Alemtejo é, em geral, monotono, arido e até mesmo um tanto ingrato á vista, mas quem de perto o olhar, e acompanhe attentamente a grande faina da vida dos campos, examinar, e ainda mais, estudar os seus costumes, de que alguns conservam ainda o cunho antigo, d'elle trará gratas recordações.

Sitios ha porém que são verdadeira excepção, e a antiga villa de Moura, assente a quatro kilometros da margem esquerda do *Guadiana,* vem eloquentemente desmentir as tradicções de aridez e esterilidade das terras alemtejanas.

Situada em uma planicie alegre e vistosa, junto ao vertice de convergencia dos dois ribeiros — *Brenhas* e *Lavrandeiras* — affluentes da ribeira de *Ardila* que se lança no *Guadiana* em um valle muito aprazivel e saudavel, destaca-se-lhe da belleza dos seus arredores, uma serie contínua de quintaes, hortas e pomares, onde a natureza foi prodiga em manifestar uma flora feracissima e pujante. Isto mais faz realçar a elegancia do conjuncto material da povoação, onde as construcções particulares e edificios publicos, ora esboçam uma nota de grandeza e elegancia, ora revestem um tom austero de reminiscencia historica.

CASTELLO DE MOURA

A villa era cingida por uma obra de fortificação antiga, de muros torreados, em fórma pentagonal, e oito baluartes irregulares construidos depois da restauração de Portugal.

A torre de menagem, mandada reedificar por D. Diniz, que lhe fez imprimir a grandeza e elegancia que ainda hoje se reconhece, denuncía Moura a grande distancia, a não ser pelo lado sul, em que a villa fica um pouco mascarada, por assentar em declive sul para norte, deixando então apenas divisar as suas proeminencias.

Antiquissima, attribue-se ser a villa fundada no local da antiga *Arucitana,* e, como toda a peninsula, passou do dominio dos romanos para o dos barbaros, a quem depois foi tomada pelos serracenos, e em 1166 cahiu pela primeira vez no poder dos christãos, sob o impeto invasor dos cavalleiros de D. Affonso Henriques, que acabando de tomar Evora, avançavam em busca de novas conquistas a outras villas. Só mais tarde, no reinado de D. Affonso II, se viu

VISTA TIRADA DO TERRAÇO DO GRANDE HOTEL

RESPIRADOURO NA CANALISAÇÃO D'AGUA DA FABRICA DE MOAGEM, NAS ENFERMARIAS

completamente liberta do jugo mussulmano que ainda se implantara ao tempo de D. Sancho I.

Junto ao baluarte do castello, um ponto bastante elevado, ficava o convento das freiras de S. Domingos, onde, segundo a tradição, foram sepultados os cavalleiros que conquistaram a villa aos mouros.

O brazão das armas da villa perpetúa uma historia, que Alexandre Herculano põe em duvida e appellida de lenda. Representa, em campo verde, uma torre ameada ao centro do escudo, e deante da porta o corpo morto de uma moura.

Bazeia-se no seguinte:

Buaçon, um mahometano, senhor de muitas terras no Alemtejo, déra em dote o castello de Moura a sua filha, uma nova e formosissima moura, Salluquia, cujo casamento estava tratado com o mouro Brafama, alcaide do castello de Arôche.

Quando este, acompanhado de luzido sequito, se dirigia para a villa, no dia dos esponsaes, sahiram-lhe ao encontro inesperadamente, os christãos, perecendo na peleja todos os mouros, incluindo o proprio noivo.

Então os victuriosos, conhecedo-

CLAUSTRO DO CONVENTO, EM RUINAS NO CASTELLO

PAÇOS DO CONCELHO, ESTABELECIMENTO BALNEAR E EGREJA DE S. JOÃO

res do ajuste do casamento, e revestindo-se com os trajes dos mouros que acabavam de exterminar, seguiram em direcção ao castello, onde Salluquia, anciosa, aguardava a chegada do esposo promettido.

CAPTAÇÃO E OFFICINA DE ENCHIMENTO

Conhecedora porém do subterfugio ardilosamente empregado pelos christãos, e não tendo fórma alguma de poder disputar a sua posse, senão sacrificando a propria vida, corre rapidamente a uma das janellas do castello e d'ella se despenha no espaço.

Este é o thema que serve de base ao brazão da villa, e, como homenagem ao desprendimento da vida de Salluquia para salvaguardar a sua honra, á conservação como memoria do nome de *Moura,* á villa que lhe foi berço.

*

* *

As velhas muralhas foram rasgadas em quatro portas, por onde se

teem ramificado novas construcções, conservando-se apenas na parte central os indicios da sua fórma antiga, por a tal obrigar, restos da primitiva linha de fortificações ainda existentes em parte, mas cahidas em ruinas.

Hoje, Moura é circundada por uma magnifica e larga estrada arborisada, d'onde partem outras a ligar com Beja, Serpa, Barrancos, Portel, Re-

Santa Comba e das *Tres Bicas,* para uso dos habitantes.

A agua fornecida para uso nos banhos, provém de duas outras nascentes, tambem com a sua origem no Castello, a uma altitude de 180 metros, sendo a nascente d'agua mineral, a mais importante, que brota a pequena distancia do convento junto aos muros da villa e da torre de menagem.

PONTE SOBRE O «ARDILLA», VISTA DO POENTE

guengo, Vidigueira, Minas de S. Domingos, etc.

A excellencia das aguas de Moura, tão afamadas não só no paiz como mui especialmente na visinha Hespanha, tem sido um propulsor importantissimo para o desenvolvimento da villa, devido ao grande numero de aquistas que alli convergem em época propria.

E' junto ao baluarte do Castello, que são exploradas tres grandes nascentes que abastecem as fontes de

A reputação benefica d'estas aguas provém do meiado do seculo passado, em que se começou a reparar no rarissimo numero de doenças digestivas e calculosas das vias urinarias nos habitantes da villa, e, bem assim, nas melhoras produzidas, e mesmo curas, que experimentavam pessoas vindas de outros pontos, atacadas d'aquellas doenças, sendo uma d'essas o Duque de Palmella, que em 1850, a seu rogo, obteve que pela primeira vez fossem estas aguas analysadas.

Actualmente uma empreza explora as qualidades beneficas d'estas aguas, em um amplo e bem montado estabelecimento publico de banhos, e devido ás suas qualidades therapeuticas, inumeras curas se teem produzido, sendo bastantes d'ellas consideradas maravilhosas.

Alli concorrem grande quantidade de banhistas em busca de lenitivo, alojando-se ou no *Hotel da Empreza das Aguas,* ou em grande numero de casas que se alugam para esse fim, imprimindo então á villa um aspecto alegre e festivo, espalhando-se pelos arredores, que são de uma belleza notavel, onde livremente se respira e gosa a frescura de uma temperatura deliciosissima, e se recreia a vista no grandioso e prodigioso quadro que a natureza faculta, avivando uma deleitosa impressão que talvez jamais se apague.

PAYSAGEM NAS ENFERMARIAS

(Arredores de Moura)

Moura não abundará em construcções artisticas que se assemelhem ás dos nossos *Estoris,* mas é indiscutivelmente muitissimo agradavel a impressão recebida pelo visitante, ao percorrer as suas ruas e avenidas largamente rasgadas e ventiladas, patenteando magnificos solares, onde o conforto e commodidades materiaes resaltam e abundam.

O clima é suave e ameno, apresentando pequenas oscillações de temperatura, e os grandes calores que se manifestam na época propria, são efficazmente modificados pela frescura dos dois valles.

Moura é servida por um ramal de caminho de ferro pertencente ás linhas do sul e sueste, que, partindo de Beja a trinta e oito kilometros, toca em Serpa, para ter o seu terminus na propria villa, junto á estrada da circumvallação.

Grandes topicos

A Triplice «entente»

Desde os ultimos dias de maio a politica europêa mudou completamente de feição. Deve-se isso a um novo factor que diversos symptomas vinham ha muito annunciando, mas que ninguem supuzera chegasse a produzir-se. Referimo-nos á Triplice «entente», entre a Inglaterra, a França e a Russia, que é hoje um facto, comquanto da parte d'esta ultima potencia não esteja ainda oficialmente confirmada. — *et pour cause.*

Como se chegou a este verdadeiro *coup de théatre?* Unica e simplesmente graças á imprudente diplomacia allemã.

E' certo que a Triplice alliança perdeu nos ultimos annos muito do seu significado e quasi por completo a sua força, devido a circumstancias de todos conhecidas, a principal das quaes é, sem duvida, a evolução das idéas democraticas, não só nos paizes contra que essa alliança fôra concertada, mas mesmo nos que a constituiram. E' certo tambem que, depois da conferencia de Algeciras, a Allemanha deixou de ser esse papão que punha em constante perigo o equilibrio europeo, uma vez que se patenteou a sua absoluta impotencia para, sósinha, transformar, como desejava, á face do mundo. Isso devia tornal-a mais prudente do que até então, e leval-a a acceitar, resignadamente, a situação tal como ella se apresentava.

A principio, assim pareceu que succederia. Mas á calma dos primeiros momentos seguiu-se uma nova crise de nervosismo, e a Allemanha começou a exprimir outra vez ferozmente contra aquelles que ella — até certo ponto com razão —

GUILHERME

A aguia de palavras, cuja lingua nunca está socegada, cujo bigode está sempre encerado.

Do «*Cri de Paris*»

teima em considerar seus systhematicos inimigos, pretendendo, porém, d'esta feita, enanimar a exclusiva alliança, para d'ella se servir como escudo.

Os seus mais certeiros golpes não eram, todavia, agora, contra a França, mas contra a Inglaterra, cujo predominio commercial e maritimo lhe ha de eternamente causar engulhos. D'ahi resultou a Inglaterra, que não perde occasião alguma em que possa ser-lhe desagradavel, concertar com a França um golpe de mestre contra a rival commum, que de vez a reduzisse á quietação.

Assim foi. A *Entente cordeal* estava de pé, mas tornava-se necessario robustecel-a, com um acto publico retumbante, e, ao mesmo tempo, deu-lhe maior amplitude, fazendo entrar na combinação a Russia. E fez-se a viagem de Fallières a Londres e de Eduardo VII a Reval.

O golpe daria resultado? Completamente. Para que a Allemanha e o mundo inteiro não tenham a menor duvida ácerca das intenções de Inglaterra, veja-se o que diz um jornal londrino, o *Observer,* reflectindo a maneira de vêr da opinião ingleza:

«O triumphal acolhimento feito ao presidente Fallières não envolve a menor idéa de hostilidade para com qualquer povo, mas não é menos uma digna homenagem prestada á associação (partnership) dos dois povos, que transformou a situação da Europa. As sympathias, assim como os interesses das duas nações são as mesmas, e um futuro proximo provará que o povo inglez adquiriu a convicção de que a força e a prosperidade da Republica franceza são d'ora-ávante inseparaveis

MEDONHAS CONTRIBUIÇÕES NO JAPÃO

Desertaram trinta e dois soldados por causa do cruel tratamento que lhes infligiram. A propria nação desertará em massa, se o governo não põe cobro ao augmento das contribuições.

Do «*Tokyo Puck*»

da paz e do bem estar do imperio britannico.»

Por seu lado, a Allemanha não occulta sequer o despeito que lhe causou o facto. Assim, o jornal catholico *Germania*, orgão de um partido que apoia o governo, escreve o seguinte:

«Se o conde de Caprivi podia affirmar que a alliança franco-russa restabelecera o equilibrio europeu, mais justo é ainda dizer, a proposito da nova triplice alliança concluida sob os auspicios da Inglaterra, que ella destroe o equilibrio europeu a favor d'esta ultima.»

NICOLAU

Sou o Paesinho, que não crê na vantagem de poupar o knout e de amimar os filhos.

Do «*Cri de Paris*»

E o popular *Berliner Tageblass* não lhe fica atraz:

«A amisade da Inglaterra é hoje uma raridade politica e economica, e foi certamente um dos bellos golpes de Bismarck impedir por tanto tempo a approximação d'estes dois paizes.»

Não queremos já agora terminar sem transcrevermos tambem a opinião de um jornal da Italia, isto é de um dos paizes componentes da triplice alliança. Trata-se da *Gazzetta del Popolo*, de Turin, que, sendo liberal, não faz uma grande oposição ao gabinete de Roma:

«Esta nova *entente*, declararam-o Eduardo VII e o sr. Fallières, só tem fins pacificos. Não duvidamos. Mas se tambem servisse, como geralmente se crê, para pôr um freio ás veleidades bellicosas de Guilherme II, seria ainda mais providencial.»

A situação na Persia

E' cada vez mais grave a situação na Persia. Decididamente, o novo schah não se resigna a acceitar o regimen constitucional que seu pae implantou pouco tempo antes de morrer, e após o primeiro movimento de resistencia, iniciado um mez depois de prestar juramento de fidelidade á Constituição, Mohammed Ali lançou-se abertamente no caminho do absolutismo.

Mas a nação, que recebera com alvoroço a outhorga do novo regimen, a tal ponto se habituára já a elle, que se mostrou desde logo decidida a defendel-o com unhas e dentes. Travou-se a lucta, e, como tivemos a occasião de assignalar, as primeiras escaramuças não foram favoraveis ao soberano que, em vista d'isso, se viu obrigado a capitular perante o parlamento. Não foi isso, todavia, mais que a velha manobra de recuar para depois formar melhor o salto. Com effeito, nos ultimos dias de maio, entrou-se de novo n'um periodo de fran a reacção: os altos funccionarios ultra-conservadores, mezes antes exilados por imposição do parlamento, foram reconduzidos nos seus logares, ao mesmo tempo que era ordenada a prisão de importantes

EDUARDO VII

Mal haja quem maldisser de minha figura.

Do «*Cri de Paris*»

vultos liberaes. Entretanto Mohammed Ali fugia de Teheron, indo refugiar-se n'um ponto qualquer dos arredores, que ainda não se sabe onde seja, d'onde tem expedido proclamações que são verdadeiros golpes de estado e ordenado as maiores violencias contra os liberaes.

No momento em que escrevemos as noticias de Teheron dizem-nos que reina enorme panico na cidade, estando o palacio do parlamento cercado por milhares de reaccionarios armados. Espera-se a todo o momento que estale uma formidavel revolução.

FRANCISCO JOSE

Coitado do meu successor! Que herança que apanha!

Do «*Cri de Paris*»

Um rei conspirador?

Ha tempos foi descoberto em Cettique uma conspiração contra o principe Nicolau. Presos os conspiradores, instaurou-se-lhes o repectivo processo, que em principios de junho começou a ser julgado n'aquella cidade. As primeiras audiencias decorreram sem interesse, mas um bello dia deu-se em pleno tribunal um verdadeiro *coup de théatre*. Foi o depoimento do jornalista Nastitch.

Citado como testemunha, Nastitch declarou que a conspiração contra o principe de Montenegro havia sido organisada de accô-do com o rei da Servia e o principe herdeiro d'aquelle paiz, os quaes contribuiram para ella com importantes quantias. As bombas aprehendidas aos conspiradores, acrescentou o jornalista, foram feitas por elle proprio n'um arsenal servio, a pedido de um primo do rei Pedro.

Calcule-se a sensação causada por semelhantes declarações no Montenegro e na Servia! O governo d'este ultimo paiz apressou-se, é claro, a desmentil-as categoricamente, mandando, ao mesmo tempo, em signal de protesto, retirar o seu representante em Cettique. Isso, porém, não obsta a que toda a gente no Montenegro acredite no facto que, segundo todas as probabilidades, trará varias complicações.

EM PAZ NO OCEANO

JAPÃO *(á America)—Sou muito amigo de paz para começar; mas se tu começas, meu amigo, então...*

Do «*Wahre Jacob*»

Eleições na Belgica

Em 24 de maio realisaram-se na Belgica as eleições para a renovação de metade dos mandatos ás duas camaras. Como se sabe, os actos eleitoraes effectuados nos ultimos annos teem sido sempre desastrosos para o governo catholico, reduzindo-lhe successivamente a maioria parlamentar e, portanto, enfraquecendo-o cada vez mais. D'esta feita, essa manifestação de desconfiança do paiz acentuou-se, baixando a maioria na camara dos deputados de 12, que era, a 8 votos.

Não se póde dizer que, com tão pouco apoio, um governo consiga viver por muito tempo tranquillo e desafogadamente. O augmento da maioria no Senado, que passou de 14 a 18 votos, em nada modifica a sua situação, e assim, dado mesmo que elle chegue a fazer vingar o projecto de annexação do Congo, o que póde desde já afirmar-se é que a vida governamental do partido catholico está a atingir o seu fim.

DESAVENÇA NO ORIENTE

O menino chim está com a febre «Recobro de direitos e interesses», mas recusa engulir o antidoto que lhe dá o Japão. Mas para salvar o pequeno, é preciso que elle tome o remedio, custe o que custar.

Do «*Tokyo Puck*»

A RUINOSA EMULAÇÃO DE ARMAMENTOS

John Bull, o Tio Sam, o Japão e a Allemanha estão todos a inchar os seus armamentos com todo o folego que possuem. A questão é esta: qual d'elles rebentará primeiro?

Do «*Wahre Jacob*»

A Triplice a desfazer-se

Ao mesmo tempo que a França, a Inglaterra e a Russia realisam a Triplice *entente*, a Triplice alliança vae-se desfazendo dia a dia, sendo cada vez mais impopular na Italia.

Deve-se isso principalmente ao governo austriaco, que não cessa de adoptar medidas demonstrativas do seu odio a tudo quanto é italiano, o que exacerba os animos e dá alentos ao irredentismo. Ultimamente ainda, publicou um decreto abolindo a lingua italiana na Dalmacia. Essa medida, considerada pelos interessados como tyrannica e insultuosa, levou ao cumulo a indignação publica.

Por outro lado, mordem-se na Dalmacia e na Istria as agressões contra os subditos italianos.

E' este o uniforme que o novo embaixador americano terá de envergar, se quizer que o imperador o acceite.

Do «*Neve Glühdichter*»

Vida na sciencia e na industria

Aeroplanos inglezes

Mr. Roe, premiado ha anno e meio n'um concurso de modelos de machinas voadoras, organisado pelo *Daily Mail*, consagrou a importancia do premio á construcção de uma machina em ponto grande, a qual tem percorrido varias vezes distancias entre 100 e 300 metros, á altura de 15 a 20 metros acima do solo. E' elle proprio quem constroe as suas machinas. O seu proposito é crear uma machina que seja a combinação do aeroplano e do hydroplano. Imitando certas aves aquaticas, ella poderia deslizar sobre a superficie liquida e d'ahi saltar para o espaço. O inventor espera dentro em pouco conseguil-o.

AEROPLANO ROE

MACHINA VOADORA DE BELLAMY

Mr. Bellamy, francez residente na Inglaterra, escolheu por modelo uma ave, o falcão. Domesticou muitos d'estes animaes, e anda sempre com elles, para comparar constantemente o vôo das aves ao da sua machina. Fez varias experiencias na pista de automoveis de Weybridge, ainda sem resultados definitivos.

solidificação do helio

Professor Kamerling Onnes, da Universidade de Leide, conseguiu solidificar o helio. N'um espesso tubo de vidro comprimiu 7 litros de gaz á pressão de 100 atmospheras e levou-o pelo resfriamento á temperatura de —259°, pelo hydrogenio liquido fervendo no vacuo. Por expansão do gaz observou a formação d'uma nuvem que se transformou em flocos de neve, os quaes gastaram 20 segundos a vaporisarem-se. Tinha-se calculado que o ponto critico de 267° a temperatura attingida deve ser inferior á do ponto critico e a mais baixa que até hoje se tem produzido.

O professor Onnes estava em vantajosas condições para a obter por ter organisado um notavel laboratorio cryogenico.

A determinação d'esta temperatura interessa todos os physicos, principalmente Sir James Dewar, de Londres, a quem a noticia foi telegraphada, por ser elle quem descobriu o processo da separação do helio dos gazes raros do ar e das aguas.

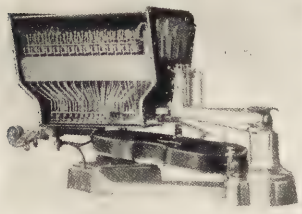
O aeroplano Delagrange

As experiencias de Mr. Delagrange em Roma, alcançaram extraordinario exito. A 30 de maio voou elle quasi oito milhas em 15 minutos, dando trinta e cinco voltas. Obteve assim o *record* do mundo para o vôo de uma machina mais pesada que o ar. Ergueu-se a uma altura de cinco a seis metros. Experiencias anteriores foram feitas na presença do rei e da rainha de Italia, que photographaram o aeroplano. Mr. Delagrange estudava esculptura e tinha ganho medalhas no Salon de Paris. Embora a sua machina alcançasse o *record* de tempo e distancia, o da altura pertence ainda a Mr. Farman, que na sua machina voou a uma altura de 10 a 11 metros.

AEROPLANO DELAGRANGE

Violino mechanico

GRAÇAS a uma recente invenção americana, podem-se agora apreciar os melhores trechos de musica classica executados automaticamente.

O apparelho, que tem o nome de

VIOLINO MECHANICO

«Virtuosa», funcciona da maneira seguinte:

Colloca-se uma rabeca vulgar por baixo d'uma caixa, contendo um numeroso jogo de chaves e que faz lembrar uma machina de escrever. Estas chaves, accionadas por electro-imans, substituem os dedos da mão esquerda do executante; tocam as cordas do instrumento nos pontos proprios e modificam, segundo as exigencias da musica, o numero e intensidade das vibrações communicadas ás cordas por um arco automatico.

Este arco é constituido por discos moveis em torno de eixos, cujos movimentos são determinados pela acção de electro-imans.

Um motorsinho electrico, collocado no interior, fornece a energia necessaria. Tiras flexiveis, similhantes ás dos pianos mechanicos, servem de partitura a estes Paganini d'aço.

«Virtuosa» possue sobre o violinista humano, a vantagem de dispôr d'uma quantidade enorme de dedos, que pode empregar simultaneamente, d'onde deriva a faculdade de executar ao mesmo tempo um acompanhamento. O seu preço não o põe por ora ao alcance de todos os amadores: custa 120$000 réis.

Exposição franco-britannica

A 14 de maio abriu perto de Londres a exposição franco-britannica, que dias depois foi visitada pelo Presidente Fallières. E' um dos certamens mais interessantes que no genero se teem realisado. O aspecto geral é fantastico. Os edificios, de construcção originalissima, todos elles brancos, justificam o titulo de Cidade Branca, que é dado pelos inglezes á exposição. Sobretudo de noite é fascinante o espectaculo, illuminado por milhares de focos electricos.

Arvores garrafas

OS indigenas da Australia chamam assim á *Adansonia Oregona* porque o seu tronco tem essa fórma. Os seus fructos, teem o aspecto de frascos de caça, e conteem uma polpa que, além de saborosa, tira a sede.

ASPECTO GERAL DA EXPOSIÇÃO FRANCO-BRITANNICA

Resenha portugueza

EL-REI D. MANUEL

Visita de S. M. El-Rei á Escola Naval. — Realisou-se em 22 de maio. Sua Majestade entrou no arsenal pela porta do oeste e foi recebido á entrada da Escola pelos almirantes, commandantes dos na-

NA ESCOLA NAVAL

vios de guerra surtos no Tejo e officialidade superior da corporação.

O sr. Nunes da Matta, director da Escola, pronunciou uma breve allocução, á qual o sr. D. Manuel respondeu commovido, tendo phrases de encarecido affecto para os aspirantes, e abraçando no mais antigo todos os seus ex-condiscipulos. Em seguida ás apresentações realisaram-se as visitas ás aulas e ao posto de telegraphia sem fios.

NO HIPPODROMO

No hippodromo.—Nos terrenos do antigo hippodromo de Belem, formou para revista e exercicio, na tarde de 29 de maio ultimo, a 1.ª brigada de infanteria.

As forças que a compunham apresentaram-se no seu effectivo maximo e em uniforme de campanha.

Sua Majestade El-Rei, a cavallo, seguido d'um luzido estado-maior, assistiu aos diversos exercicios que, como de costume, versaram sobre tactica abstracta e applicada, estabelecimento de bivaque, esgrima de bayoneta, etc., e foram executados com a maior correcção.

El-Rei, depois de ter recebido a continencia final, foi muito acclamado pela multidão.

THEATROS

BENTO MANTUA

Bento Mantua. — O auctor da *Má Sina* é um novo de immenso talento e raras aptidões para a litteratura scenica. Este seu drama, representado pela primeira vez este anno no theatro de D. Maria, teve um extraordinario successo. A sua urdidura é perfeita, o dialogo brilhante, incisivo e facil no decorrer de todos os três actos que o constituem. E' uma peça para reviver todos os annos no cartaz e dar nome e applausos ao seu auctor, do qual nos preparamos para saborear as novas producções.

Vianna da Motta. — O apreciado pianista portuguez tem agora encantado Lisboa com os seus concertos em D. Maria.

Vianna da Motta não é só um professor insigne, mas tambem um notavel compositor e critico de arte.

Reside habitualmente em Berlim ou Thüringen, onde conta numerosos discipulos e tem por admiradores todos os que prezam a boa musica. Foi ha pouco recebido por Sua Majestade El-Rei, a quem offerereceu a partitura da sua ap-

VIANNA DA MOTTA

plaudida symphonia «A Patria», que acaba de ser editada no Brazil a expensas d'um grupo de amigos do grande pianista, por ser uma das suas mais notaveis e sentidas composições.

E' vastissima a lista dos seus trabalhos publicados, e não menor a dos ineditos.

LETTRAS

Bulhão Pato.—*Faiscas de fogo morto.* Que titulo! Por elle se conhece o auctor. Mais encantador do que os versos de Bulhão Pato, só elle proprio, só a sua alma, delicada e meiga, eternamente juvenil.

N'estas *Faiscas de fogo morto* a expressão tem tanto vigor, o colorido tão ardentes e deslumbrantes tons, que o pensamento não póde deixar de perguntar:

— Que entenderá elle por fogo vivo?

Porque a verdadeira accepção, que elle quiz dar ao escolhido titulo, ninguem a lembra: o enthusiasmo da sua alma, o fogo do seu coração é tão intenso que Bulhão Pato será sempre um *novo,* sempre forte e imprevisto aos olhos dos que lhe querem, que são todos os que o conhecem.

BULHÃO PATO
Quadro de J. Campas

FAUSTO GUEDES TEIXEIRA

Uma pequenina amostra d'esse escrinio de perolas:

Confesso, amigo, que me causa espanto,
Nem ao menos te vêr baga de pranto
Cahir sombria dos teus olhos baços!...
— Não a devo chorar. Queres a prova?...
Se a tenho quente ainda nos meus braços,
Viva no coração... que é tambem cova!

E é tudo bello assim. De quando em quando a satyra, em que o mestre é insigne, põe no livro uma nota alegre e garrida. N'ella revela o grande poeta o seu espirito justiceiro e austero, que não se peja de fazer resoar aos ouvidos de poderosos e humildes a voz da verdade, sem ambages nem hesitações. E é porventura esta a caracteristica mais intensa d'este livro, em que, a paz de dulcissimos idyllios, a lyra do poeta commenta e commemora os acontecimentos do dia, com um nobre desprendimento digno de Tacito e de Juvenal. O fogo revive; os gelos do inverno não o apagarão tão cedo.

Fausto Guedes Teixeira. — *O meu livro* são 330 paginas de versos apaixonados, em que o auctor deixa transbordar toda a exuberante sentimentalidade do seu ardente coração. Versos melancolicos em que ha todo o travor dos desenganos, toda a ancia, nunca satisfeita, d'um sonhado ideal, todo o encanto do que passa e que, á medida que se distanceia, se vae tingindo d'um colorido meigo e doce, que nos agrada e punge e se chama saudade. Guedes Teixeira firma n'esta recopilação seus creditos de eminente poeta.

Uma das suas quadras:

E passo a vida tristonho
A cantar por não saber
Se a vida está só no sonho
E a realidade em morrer.

O final d'um soneto:

.... *O ceu negro inda é ceu!*
Não tenho ciumes de quem ella ama
Tinha-os d'alguem que a amasse mais do que eu.

Guedes Teixeira tem no seu livro um verdadeiro espelho d'alma.

D. Mafalda Mousinho d'Albuquerque. — E' uma senhora muito illustrada e gentilissima, descendente d'uma das mais nobres e antigas familias de Portugal, familia que tantos homens illustres e valorosos tem dado ao seu paiz e dos quaes o ultimo foi o saudoso heroe de Chaimite.

D. Mafalda Mousinho d'Albuquerque, sob o pseudonymo de *Modesta,* tem dado á luz da publicidade, além d'um volume de versos e outro de contos, um interessante romance, recentemente impresso, que tem por titulo *O coração d'um sabio.*

D. MAFALDA MOUSINHO D'ALBUQUERQUE

OS VENCEDORES DO CUAMATO

Os vencedores do Cuamato. — Brilhantissima a sessão solemne, realisada na Sociedade de Geographia, no dia 31 de maio, para a entrega da medalha de honra ao tenente-coronel do corpo de estado maior, José Augusto Alves Roçadas. A' sympathica festa presidiu El-Rei, que, terminada a conferencia em que o illustre official pôz em relevo a disciplina e valor das nossas tropas, fez entrega da medalha, alta e honrosissima distincção tão raras vezes concedida.

NA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA — MEZA DA PRESIDENCIA

Ao mesmo official foi offerecida, na direcção geral dos serviços do Estado Maior pelos seus camaradas d'este corpo, uma magnifica espada de honra. Esta espada é um soberbo trabalho artistico. Os copos terminam pelo busto de um leão emergindo d'um feixe de cardos, e de cujas garras partem as guardas em três ramos elegantissimos. A lamina foi executada na Fabrica Real de Toledo.

Na mesma occasião foram offerecidas pelos mesmos officiaes aos capitães Eduardo Marques e Jorge de Mascarenhas, as insignias da Ordem da Torre e Espada, com que tinham sido agraciados pelos seus distinctissimos serviços na campanha do Cuamato.

TRIBUNA SAGRADA

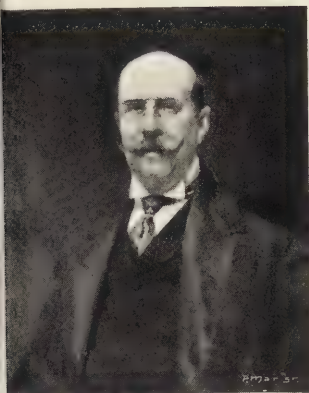
Conego Bernardo Chouzal. — Foi eloquentissima a oração funebre, pronunciada por este illustre sacerdote nas exequias reaes celebradas na Sé d'Evora. A' verdade, sentida e nobremente expressa, alliou o vernaculo orador a suprema elegancia do estylo e os primores de dicção que todos lhe admiram. Não notaremos nenhum trecho do seu discurso, por demais conhecido e apreciado, mas não podemos deixar passar em silencio, que elle commoveu fundamente não só os que o ouviram, mas tambem quantos o leram, por ser n'aquelle genero, uma das mais bellas obras dos ultimos tempos.

CONEGO BERNARDO CHOUZAL

Conego Ayres Pacheco. — A sua oração pronunciada no templo dos Jeronymos teve, como era de esperar, um verdadeiro successo, e o nome do seu auctor foi pronunciado elogiosamente em todos os pontos do reino.

Sua Majestade El-Rei, fazendo justiça aos altos merecimentos do grande orador sagrado, agraciou-o com o grau de commendador da Ordem de Sant'Iago que Sua Rev.ma por um nobre sentimento de modestia, pediu para não acceitar. Teve razão. O melhor galardão está no applauso unanime com que o seu discurso foi recebido, graças sobretudo á sua sinceridade.

CONEGO AYRES PACHECO

ARTE

RETRATO DE LUIZ STRAUSS
Por Carlos Reis

No estudo de Carlos Reis — Um encanto a exposição de retratos de Carlos Reis.

Só vendo-a se póde fazer d'ella uma idéa perfeita. Exprimir no papel os pensamentos que cada tela nos inspira, seria longo. Dando uma copia d'um dos seus melhores retratos, testimunhamos não só o nosso apreço pelo eximio pintor, como o melhor exemplo do que vale a sua obra.

De resto, o distincto professor de pintura de paizagem na Escola de Bellas Artes, ha muito que se salienta egualmente como retratista, e esta exposição não é mais do que uma prova da sua competencia.

SPORTS

OUTRIGGER «TEJO» DA R. A. N.
Vencedor da regata da Taça Lisboa

Concurso de natação. — No dia 27 de maio ultimo realisou-se na doca de Alcantara o concurso promovido pela Liga de natação. Tomaram parte nas provas que decorreram com muita animação e sem incidente, os alumnos da Escola Academica e dos Lyceus do Carmo e Lapa que disputaram a taça *Tiro e Sport*; e praças da armada pertencentes ás guarnições dos navios de guerra e alumnos da Escola Pratica dos Torpedos.

A taça foi ganha pelo alumno do Lyceu da Lapa, Osorio da Rocha e Mello, e o premio de S. M. a Rainha, pelo grumete Antonio Barbosa, da corveta *D. Estephania*.

O BALÃO «LISBOA»

Um aerostato portuguez. — Damos a gravura do balão Lisbôa feito por um typographo do jornal *O Dia*, que com exito o experimentou no Velodromo de Palhavã no dia 24 de maio. Tem a capacidade de 750 metros. Apesar de se ter verificado que tinha fôrça sufficiente para transportar três pessoas, tomaram apenas logar n'elle o aeronauta Alfredo de Figueiredo e o sr. Carlos de Carvalho, administrador de *O Dia*.

A ascenção realisou-se sem incidente, mas em breve os aeronautas foram forçados a descer, porque tendo o balão tomado a direcção da barra, receiaram o destino do *Luzitano*.

TAÇA LISBOA

A taça Lisboa. — Foi alvo de vivo interesse a regata do dia 7 de junho em que foi ganha pelo *outrigger Tejo,* a «Taça Lisboa». Nas cinco corridas ficou vencedora a Real Associação Naval, para o que não pouco concorreu, decerto, o excellente methodo do treino das suas tripulações e a pericia dos seus dirigentes.

O JURY DO CONCURSO DE NATAÇAO

Manifestações a El-Rei

OS ESTUDANTES DE COIMBRA
Sahindo da Estação Central de Lisboa

A academia conimbricense. — Os estudantes de Coimbra dirigiram-se ao paço das Necessidades, onde, no dia 27 de maio, fizeram a El-Rei uma calorosa manifestação.

E, como o sr. D. Manuel soltasse vivas á Patria e á Academia, o enthusiasmo attingiu o delirio.

Uma quinta historica

QUINTA DAS CANNAS EM COIMBRA

Quinta das Cannas. — A quinta das Cannas, mais conhecida por Lapa dos Esteios, a que Castilho e muitos poetas portuguezes teem mais ou menos vinculado o seu nome, foi recentemente adquirida pelo distincto sportsman Eduardo Santos Moreira.

CONGRESSO TELEGRAPHO-POSTAL

Congresso de Telegraphia. — No dia 4 de maio inauguraram-se no Palacio Palmella as sessões da Conferencia Internacional Telegraphica. A primeira sessão realisou-se sob a presidencia do sr. Calvet de Magalhães, ministro das obras publicas, e n'ella foi eleito por unanimidade presidente do Congresso o sr. Conselheiro Alfredo Pereira. Os trabalhos encerraram-se em junho. Entre as festas em honra dos congressistas figura a batalha das flôres, realisada na Avenida a 7 de junho.

GRUPO DE CONGRESSISTAS EM CINTRA

Houve um grande numero de excursões a varios pontos pittorescos do nosso paiz, as quaes contribuirão para tornar Portugal um centro futuro de attracção para os touristes.

O BREAK VENCEDOR

O AUTOMOVEL VENCEDOR

Na Batalha das Flôres

SERÕES

LIVRARIA FERREIRA
132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 38 — AGOSTO 1908

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Typ. do Annuario Commercial — P. dos Restauradores, 27

prietaria: Livraria Ferreira — Director: Henrique Lopes de Mendonça — Administrador: Caldeira Pires — Séde da redacção e administração: Praça dos Restauradores, 27. — Composto e impresso na Typographia do Annuario Commercial, Praça dos Restauradores, 27.

Summario

A

DIRECTOR LITTERARIO
H. Lopes de Mendonça

Serões

ADMINISTRADOR
Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA (PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL) Telephone 805

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Une visite au Panthéon, por Madeleine Frondoni Lacombe — Lisboa, 1908 — Plaquette elegante, contendo uma apreciavel poesia franceza, em que se manifesta engenho e sentimento. E' dedicada a El-Rei D. Manuel, e tem referencias aos dois principes tragicamente mortos, cheias de ternura feminina e de communicativa piedade.

Pro Radio, por D. João de Gandra — Porto, 1908 — Uma plaquette contendo uma bem metrificada, e por vezes graciosa parodia á poesia moderna, especialmente a um dos seus mais altos luminares, Guerra Junqueiro, ao qual é dedicada a curiosa obrinha. Traços de satyra, laivos de philosophia alegre, fórma em geral aprimorada, tudo leva a ter na conta de excellente desfastio, essas 18 ou 20 paginas.

Mundo interior, por Santos Luz — Lisboa, 1908 — A fórma poetica escolhida pelo auctor d'este volume é exclusivamente o soneto. Tanto basta para aggravamento de difficuldades, não raro vencidas com brilho, sobretudo quando o sentimento suave leva a melhor no cerebro do poeta sobre os pensamentos philosophicos. Parece-nos um talento com que se deve contar de futuro, o do sr. Santos Luz.

Fructo prohibido, por Alberto de Sousa Costa — Coimbra, 1908 — E' um romancista a valer, o escriptor cujo nome firma este livro. Não sabemos se é estreia; se o é, não a pode haver mais auspiciosa. A'parte um ou outro ligeiro senão e a obediencia demasiado estricta a moldes escolasticos que vão cahindo em desuso, o romance impõe-se á attenção do publico, pelo bem delineado dos caracteres, pelo colorido dos episodios, pela viveza do dialogo. E' de interesse e deleite a sua leitura, e regosija a esperança de que temos em Portugal um novo romancista de raras faculdades.

Archivo Bibliographico — Da Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

O Instituto — *Revista scientifica e Litteraria.* — Redacção — Rua do Infante D. Augusto, 44, — Coimbra.

A Construcção Moderna — *Revista illustrada* — Redacção e Administração: Rua Maria Andrade, 10, 2.º — Lisboa.

Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza — Fundada em 1860 — Séde da Associação: Rua Garrett, 95, — Lisboa.

Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos — *Instituto Rainha D. Amelia* — Rua 24 de Julho.

Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes — 4.ª Serie — Tomo XI n.º 5.º — Director: Gabriel Pereira

A Vinha Portugueza — *Revista mensal de viticultura e de Agricultura Geral* — Dedicada aos progressos agricolas e principalmente viticolas, do paiz. Publicada e dirigida por F. d'Almeida e Brito — Redacção e Administração: Rua do Arco Bandeira, 22, 1.º — Lisboa.

Revista de Manica e Sofala — *Publicação mensal illustrada* — Redacção e Administração: Rua Castilho, 27, 3.º á Avenida da Liberdade, Lisboa.

Echos de Roma — *Revista mensal illustrada* — Publicada pelos alumnos do collegio portuguez em Roma, sob a direcção de monsenhor Sinibaldi. Via del Banco S. Spirito, 12, Roma.

Luz do Oriente — *Revista mensal illustrada* — Redação e administração — Ponda — Gôa.

S. Miguel — Ribeira Quente, nas Furnas

Em Alvito — O Castello

CASTELLO DE ALVITO — FACHADA DA HORTA

Na linha nascente-sul ; vê-se á esquerda o platano gigantesco que excede em altura os creneis dos torreões

Morrinha economica do Alemtejo — Florestas e culturas — Avistada das chans, rodeira ao povo

O castello de Alvito fica n'uma das pontas da villa, em terreno não acidentado, e é na sua projeção horisontal um quadrilatero, com quatro torres redondas nas esquinas.

Das linhas do quadrilatero crescem-lhe fachadas ; as da linha sul-poente e sul-nascente, são tambem fachadas de palacio ; as da linha nascente-norte e norte-poente, constam apenas de muralhas ou cortinas creneladas, ligando as torres, e quadriculando com as primeiras um terreiro interior ou pateo acastellado.

Das quatro torres são de grande altura, a do sul e a do poente, intrometidas nos alojamentos do palacio, e mais pequenas as outras, que para assim dizer isoladas, formam as trazeiras do edificio.

Para methodisação do estudo falarei d'esta consideravel móle historica, por álas ou fachadas, descrevendo de cada uma os pormenores architectonicos e encadeação intestina d'aposentos, e reservando-lhe a face posterior para a *impressão* do pateo central, por todas circumscripto.

*

* *

1.º — *Fachada principal.* E' uma muralha d'alvenaria com talvez vinte e cinco metros de prumada, e de comprido quarenta e tantos, direita e ligando entre si a torre sul e a torre poente. A meio d'ella, um portico com humbraes e arco vagamente ogival, de pedra branca, escurecida agora pelo tempo : o todo em toscos rebordos, sem capiteis, nem columnas, nem porta chapeada, nem vestigios de pelo lado de dentro ter offerecido grandes seguranças contra investidas d'inimigos. Certamente ha pela banda do pateo,

esburacados na pedra, vestigios de gonzos e tranqueiras, mas antes mostrando a cautela d'uma rezidencia particular, do que fortaleza receosa d'assedios e tomadas. A' altura do pavimento terreo toda a muralha é sem janellas ou lucarnas, e só no andar nobre, muito por cima da porta, correm sacadas do typo pombalino, sem balcões de relevo, com pobrissimas grades e linhas estupidas, dando a essa frontaria, se não foram as torres e o diadema feudal da platibanba, o ar d'um d'essses casarões incendiados de S. Sebastião da Pedreira ou Palhavã, côr de bagaço, que os marchantes transformam em palheiros e curraes, e foram outr'ora rezidencia d'algum mercador arruinado. Por sobre o portico da entrada, uma pequena lapide escurecida, com lettreiro; e acima d'este, o escudo das quinas, timbrado da corôa real. A inscripção diz o seguinte: «*Esta fortaleza se começou em 13 d'agosto de 1454 por mandado del-rei D. João II nosso senhor, e acabou-se no tempo del-rei D. Manoel. Fel-a por seus mandados D. João Lobo, barão d'Alvito*». (1) A frontaria, ladeada pelas torres: a da esquerda, ou poente, é a *do sino*, assim chamada por amor do pobre corucheu que suspende a garrida da capella; a da direita é a *da fonte*, como lhe espadana dos calcareos da base uma extraordinaria nascente d'agua doce, quinhentos metros cubicos no verão, nove a dez mil d'inverno (2) (ás 24 horas), da qual bebem a terra e grande numero de hortejos no arrabalde. Estes dois torreões, differentes n'altura e no diametro, como atraz disse, se bem que identicos na fórma geral e typo d'arcabouço, são dois grandes cylindros hirtos d'argamassa, tijollos, pedregulhos, de profil vertical, por cima terrados d'abobada com pavez de tijolo, e á roda grandes dentes d'ameias cobrindo um homem como escudos, e rompendo directamente do muro, que não de cimalha ou adorno a lhe embellezar a epiderme elephantiaca. O do sino tem uma locarna ou fresta apenas sobre o largo (3), da unica salinha d'abobada baixa, redonda e triste que o perfura; o da fonte, tres janellas sobrepostas, que direi. Uma por baixo, moderna, rectangulo de cantaria sem fórma artistica, verdadeira janella de palheiro, é um d'estes buracos bossaes com que algum burgesso de barão rural utilisou em celeiro de batatas ou quarto de hospedes, a camarasinha redonda do tempo de D. Affonso V ou D. João II, suante de mysterio, com alçapão nos tijollos para as traições, e sua frésta de cruz junto do tecto. Esta janella não está na linha das que teria a fachada principal ao rez do chão, porém mais alta, e proximamente ao nivel do vertice do portico ogival que ingressa o cazarão. Em cima d'ella, uma sacada antiga, cujo piso pouco mais ou menos corre com o da fieira de janellas pombalinas da fachada; sacada comtemporanea das muralhas, e assim seriam as de toda a frontaria do castello, quando a alluiu um terremoto (o de 1755?), (4), e o conde-barão coevo as supriu pelas que lá se vêem agora — a descompôl-o. Aquella sacada, descrevel-a vai ser para mim uma tortura, que a technica me falta, e além d'isso é coiza de quim-dins. Por corôamento um arco d'inspiração mourisca, feito de duas ferraduras de tijollo, desdobradas, como as d'algumas janellas d'antigos edificios eborenses, que ainda hoje se podem vêr pela cidade. Cada ferradura, formada de duas, concentricas e entalhadas no muro em planos sucessivos — de modo que a exterior, encontrando a oposta, suspende-se no angulo que com ella fórma, na linha mediana da janella, emquanto a ponta de fóra repousa sobre a hombreira de tijollo que fez á janella como uma primeira moldura succinta, sem resalto na muralha — ao passo que a interior, para assim dizer protegida da primeira, tem o desenho e decoração architetónica de certas janellas do Paço de Cintra, das quaes apenas difere no incidente da ferradura dentada, além de muito mais cingida ao typo ferradura, em vêz de ser de pedra, ser de tijollo.

Certamente o leitor tem presente a fórma d'umas janellas do Paço de Cintra, que as estampas inclusas lhe recordam: bi-partidas, com arcos de ferradura dentada, e caracter mourisco, e os columnellos central e lateraes, de pedra branca, encimados de pequeninos capiteis d'estylo arabe. Salvo as differenças que aponto, é o mesmo typo d'Alvito, *em rico;* e esta disposição comum para todas as janellas do castello, antigas, claro, ou de sacada ou de peitos: venho a dizer, a moldura exterior, d'alvenaria, em ferradura dupla, sem relevo no muro, e inscripta n'ella, outra mais gracil, onde três columnellos delgados e cilindricos, com capiteis de folhagem succinta, esboçados apenas, lhe

servem d'apoio ligeiro, profilando os seus galbos d'alva côr.

A janella descripta pertence á camara de dormir do actual sr. marquez. Tem uma varanda de ferros forjados, em hastes rectas, chumbada n'uma *etagére* sem esculpturas, e em cima e em baixo, nos angulos da sacada, ganchos curtos ou gargulas, projectadas em guella de passaro, que serviriam talvez para n'outro tempo pendurar colgaduras ou lanternas.

Por cima d'esta janella ha ainda outra de peitos, menor, do mesmo typo, que é a mais alta do palacio, e fica proximamente no piso dos creneis que, diademando a fachada principal, fazem a volta de todos os cimos do edificio. O andar nobre fica pois em pavimento rente ao da actual camara do marquez, e n'elle apenas é antiga a janella direita da fiada, aberta já no torreão da fonte, e desde o torreão do sino até áquelle, as suas cinco janellas pombalinas, musgadas do sol, vidros partidos, farruscas da invernia, e illuminando aposentos que teem, da direita para a esquerda, o destino seguinte: camara do marquez, quartos diversos, sala de jantar pequena, tribuna, e por ultimo a capella, illuminada pela unica janella do torreão do sino.

CASTELLO DE ALVITO — FACHADA PRINCIPAL

Na linha poente sul; á esquerda o torreão da capella ou do sino, á direita o torreão da ponte

*

* *

2.º — *Fachada da Horta.* Esta segunda ála, linha nascente-sul, é a mais typica, e aquella cujo fascias mantém, na severidade rugosa, no ar dramatico e fidalgo, maior somma da pensatividade historica e medieva. Salvo uma fila de janellas rectangulares do rez do chão, vedadas quazi ao espectador por accidentes de construcção annexa, fortuita d'uma casa de lavradores do campo, ao desmazello da creadagem, tudo o mais é antigo, intacto, torrejado, d'uma dureza solarenga que enche a paysagem de grandiosas attitudes. No andar nobre seis janellas de peitos; bipartidas, cinco por columnellos centraes, a saber (da esquerda para a direita): uma no torreão da fonte, olhando a horta, e pertencente a apozentos do marquez, quatro na muralha nascente-sul e pertencentes, uma á sala grande de jantar ou *dos retratos,* duas á sala *dos veados,* e a quinta á chamada *sala estucada,* cujo canto intercepta o torreão do nascente, que tem uma camarasinha redonda com janella de

ferradura simples, e d'um só arco, sexta e ultima d'esta fachada do castello, de todas a unica intacta e completa.

Entre a quarta e a quinta janellas corporejam duas chaminés de resalto, eguaes, uma da sala dos veados, outra da sala grande de jantar, embutidas na muralha como pequenos torreões, e confundindo-se ao alto com dois creneis dos que formam a dentadura guerreira do edificio. O aspeito geral é quanto póde ser de rude; uma condensação de tragico impa da móle rugosa e imprégna o ar, a villa e os campos de cultura, com fugas pelo estranho romanesco, ao ponto do espectador não vêr de roda a realidade, e sobreviver apenas na mesquinharia das coizas, terrivel de silencio, esse cenotaphio lugubre dos Alvitos. Nos extremos da fachada as duas torres roqueiras de trinta metros parecem de sentinella ao burgo, como gigantescos homens d'armas; tisnada de quatro seculos de soes e vendavaes, toda a argamassa do muro veste burel d'um cavalleiro que se fez monge, e alli ficasse para o sensacionismo agudo dos passantes, a suggerir essas analogias ocultistas que ligam, na noite das eras, os objectos aos seres, e a angustia erratica das almas antigas á poesia dolorosa dos destroços.

*

* *

3.º — *Fachada dos quintaes.* E' uma cortina de muro, de vinte e três metros de comprido, crenelada como as outras, entre as torres do norte e do nascente, que faz o fundo do pateo, fronteira á entrada, e tem pela direita um portal em arco, moderno provavelmente, e pegando aquelle com uma serie de quintalórios fechados por uma taipa cujas portinhólas dão sobre a corredoira ou rocio de S. Sebastião, réz-véz da villa.

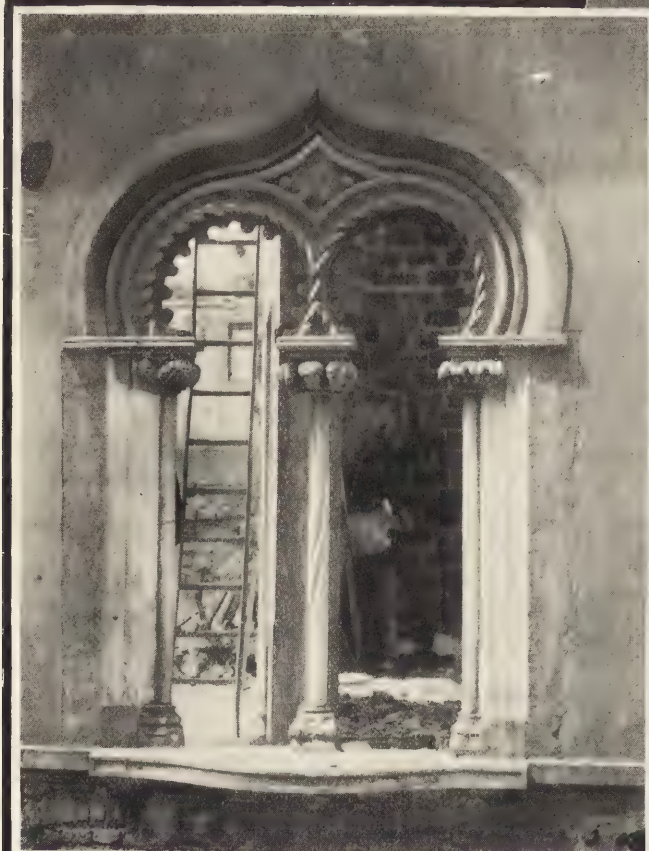
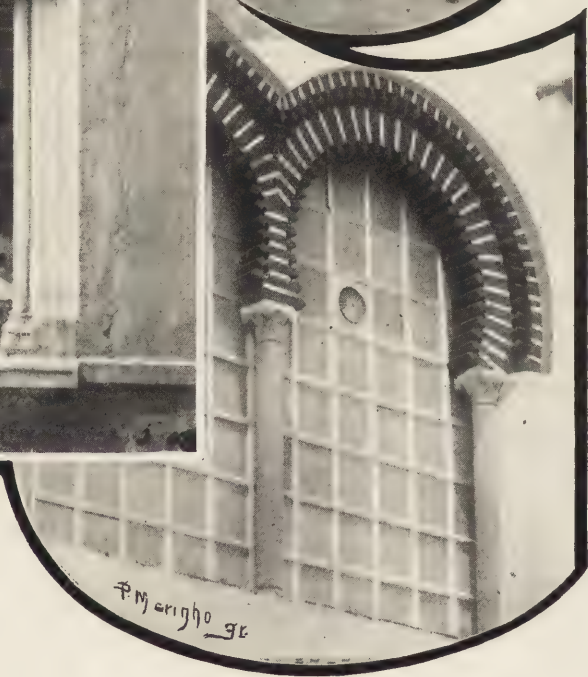
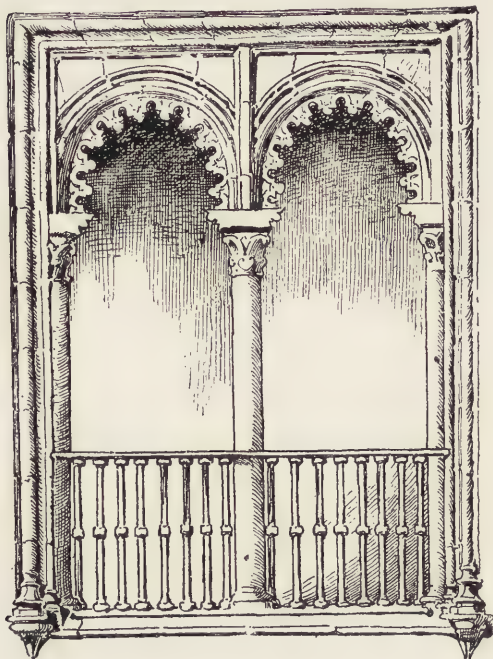
*

* *

4.º — *Fachada da torre de menagem:* ligando a torre norte co'a torre do poente (e assim fécha o circuito), e consistindo n'uma cortina de dentes em tudo egual á fachada dos quintaes, e só d'esta divergindo em interceptal-a a meio um altissimo cubello, que é a *torre da homenagem* ou *donjon* da fortaleza. Esta cortina não tem para fóra janella ou abertura conhecida; dá sobre os campos; e pelo lado de dentro foram-se-lhe agglomerando algumas construcções rasteiras d'alvenaria e telha-vã, quando os senhores d'Alvito começaram com a miseria a ter d'intercalar na vida de côrte, um pouco a preoccupação da sementeira dos farejaes. D'esta banda do castello pois, o ponto curioso é a grande torre de menagem, um dos litigios da chronologia d'esta construcção singularissima. A torre de menagem d'Alvito é, como de resto em quasi todas as antigas construcções fortificadas, ou guardando apparencia d'estas, a parte dominadora e altaneira do castello, com o seu terraço sobranceiro ás outras torres, e o orgulhoso donaire d'uma cabeça pensante e vigilante sondando ao largo as ameaças dos cerros e dos bosques.

Pela sua secção quadrada e formidaveis cunhaes, feitos de parallelogrammos de pedra branca interferindo nas argamassas da parede, ella destôa da estructura e configuração dos quatro eirados extremos do castello, cuja figura cylindrica, creneis rectangulares e completa execução d'alvenaria, só acham n'aquella uma excepção que a espuria da fabrica geral, e lhe dá na architectura papel de corpo estranho, de cubello intruso, que as muralhas metessem para dentro. A torre de menagem tem dois andares (sem mencionar o terreo, e até talvez o sub-terreo, caso alguma vêz tenham existido, estando agora entulhados, como succede a alguns dos torreões), cada um com escadas diferentes, e abrangidos cada qual por sua sala quadrada, d'abobadas altas, paredes espessas de dois metros, e enfim detalhes que mais por meúdo passo a descrevêr.

A sala superior. E' uma peça vasta e muito bella, fartamente alumiada, e acessivel pelo adarve da cortina dentada, que leva a um alto balcão d'alvenaria, com patamar no vertice, á altura d'um postigo que perfurando o forte muro da torre, lhe dá ingresso... E' de base quadrada, paredes altas, abobada de calote, nervurada de pedra, e as nervuras, de relevo possante, encruzando-se em xadrez caprichoso, com escudetes redondos nas cruzetas. Na parede fronteira ao postigo d'entrada, janella larga, rectangular, com dois valentes poios de cantaria ás bandas do parapeito, seu relevo d'arquinhos na pedra da soleira, sua moldura de cordões toda em redor, que duas

massarócas em relevo, fuziformes, interrompem a meia altura dos prumos verticaes. Esta janella é uma tribuna de gloria sobre os campos, a todo o pulmão olorante das pradarias cercanas e das longinquas florestas. Nunca teve portas ou vidraças: o vento canta, as chuvas entram, entra a

JANELLAS GOTHICO-MOURISCAS D'ALGUNS EDIFICIOS EBORENSES

manhã cantante, entram as andorinhas e os passaros, entram os alustres lividos das noites calidas d'outono, entra o feiche de sol passado entre nuvens de purpura e torvelinhando myriades de corpusculos! Examina-se a abobada: tem a calote profunda; as nervuras vem, na intercessão da meia esfera com a verticalidade dos muros, acabar em doze fitas ou cordões, rematados por doze misulas ou pinhas d'espiralado relevo e laçaria. Nos escudetes ou rondeis timbrando os pontos d'encruzamento, ha um central que parece ter as armas do reino (dois escudos concentricos: no de dentro cinco castellos em cruz; no de fóra, sete, postos em guarnição ou colar tod'emredor), e quatro nas pontas do quadrado, representando animaes que serão lobos, quatro derodeando um que fica ao centro. Quazi

JANELLA DO PAÇO DE CINTRA

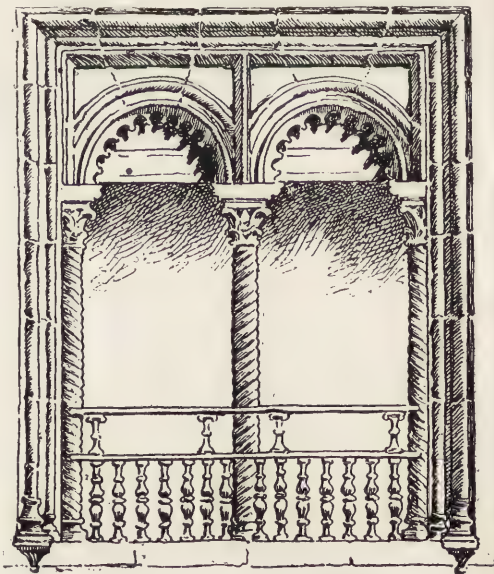
todas as grandes pedras teem siglas, e algumas iguaes a certas que se tópam na torre de Beja. Do canto que fica á direita da janella, um escadóz praticado na grossura do muro abre em cima no eirado, d'onde o panorama é estupendo e obsedante. Do canto que fica á direita do postigo d'entrada, novo escadóz leva á sala de baixo, hoje tambem acessivel por uma porta que a anexou a construções espurias que ha no pateo.

Esta sala em quazi nada difere da superior. Só o illuminal-a uma janella mais pequena, gradeada, sem ornatos, deitando para outra face da torre, á esquerda d'aquella em que está rasgada a da sala de cima; e os arangões ou nervuras da abobada, serem de tijollo, em vêz de pedra; e haver fronteira á janella, escavada na muralha, como que a reentrancia d'uma alcôva, onde cabem á vontade um catre e um oratório.

No pavimento ou chão do eirado rompe a ovalação da abobada da sala inferior; não ha creneis nem parapeitos acabados, o que representa que a torre, a ser contemporanea da fundação do castello, não teria talvez sido concluida, ou sendo anterior, foi deixada á ruina em que a toparam (5). Paredes e abobadas, tudo está rijissimo e sem infiltrações de chuva, mau grado o desmazello. N'uma das faces, ao alto, da banda do poente, uma figueira brava tancha tumultuosas raizes pelos muros, pondo n'uma das orelhas seccas do colosso, sua répa de folhas viridentes. Cada ramo é um cacho vivo de pardaes, que nidificam, amam, fazem povo, na felicidade de viver sem medo ao gato e ás aboïzes dos rapazes, unica alvorada d'este castello sem tropas nem cortejos. Todos os annos cortam a figueira maldicta, mas continuamente ella rebenta e acabará por vencer e chanfrar do gigantesco *donjon*, os velhos musculos.

*
* *

5.º — *O Pateo.* Especie de pequena praça quadrada e circumscripta pelas duas alas do paço e pelas duas cortinas de muro creneladas. De face, vinte e três por vinte e quatro metros: o aspecto duro e o caracter severo com que a ruina nostalgiza a velhice dos casarões monumentaes.

Residencia d'uma familia fidalga e poderosa, que esteve nos cêrcos e privou nos fastos de quatro aventureiras dynastias, aquella entrada tem effectivamente o geito de *quelqu'un qui va parler*... A' face esquerda vê-se

JANELLA DO PAÇO DE CINTRA

a escadaria nobre, em pedra tisnada, de dois lances, abocando em cima, por um patamar pequeno, o rectangulo de cantaria, sem architectura indicativa, que é o portal d'ingresso para a casa, e que o brazão dos Alvitos sobrepuja, esculpturado em louza modestissima (6). Dos dois lances d'escada, o maior chega ao portal trepando ás costas d'um balcão assente em arcos de volta estreita e desigual, cujo corrimão sem esculpturas, nem balaustres, nem frisos, é uma especie de parapeito boleado, com sua goteira d'escôo pelo espinhaço. Todo este bocado deve ser acrescente, coevo por ventura dos remendos da fachada principal, e muito posterior portanto ás janellas que o ladeiam. As janellas são três, sacadas todas; duas á direita da porta, uma á esquerda, e com a architectura que apontei já n'outro logar, venho a dizer, ferraduras duplas concentricas, de tijollo, três columnellos, e grades forjadas, cujos varões direitos não projectam varandim para o exterior. Estas três velhas janellas illuminam, a da esquerda e primeira da direita, aos lados da porta, a grandiosa sala dos veados ou salão de honra do castello; a segunda da direita, a sala de jantar ou dos retratos, de que mais longe havemos que falar. Em angulo recto com a face descripta, vê-sa a cortina de muro que disse constituir a fachada dos quintaes, e cuja face posterior fórma portanto o fundo do pateo do castello. Por este lado a cortina apresenta, perto do extremo esquerdo, uma pequena escada de tijollos carcomidos, angulando com outra cravada na muralha, e que leva ao adarve, (terraço estreito ou passagem que a bordeja), de sorte a permittir ao espectador debruçar-se para o lado de fóra do castello, ao abrigo dos creneis, e para o lado do pateo, n'um parapeito que lhe dá pela cintura. Do lado do pateo fórma essa escada sobre o muro, um corpo de resalto, parte apoiado em supportes de pedra, ou *corbeaux*, figurando monstros a tocar instrumentos, d'uma esculptura mais que barbarenga. Esta escadinhóla do adarbe seria, como querem alguns, a unica entrada para o palacio e para toda a massa de torres e cortinas do castello, ou permaneceu desde a primitiva, embora com outra fórma, a escadaria exterior que vae abrir na sala dos veados? O certo é que o adarbe communica pelo seu extremo direito com a moderna sala de visitas do palacio, por uma portinha baixa, sem humbreiras trabalhadas, e canalisa-se pelo esquerdo com o da cortina da torre de menagem, estabelecendo um circuito d'eirados, praticavel, entre as torres do nascente, do norte e do poente, servido pela unica escadinhóla traz descripta. A terceira face do pateo, á esquerda de quem entra, é reverso da cortina da torre de menagem, topando em angulo recto a precedente, e fronteira pois á da escadaria principal. Tem como a anterior, já disse, sua passagem d'alvenaria, ao nivel dos creneis, com uma estreitissima escaleira que serve a torre norte, ou do ferrador, assim chamada por servir de habitaculo ao sidrotechnico da casa, ha muitos annos, e outras d'alvenaria assim, já muito velhas, estreitas tambem, e servindo independentemente a sala superior da torre de menagem, já descripta, e enfim pelo extremo esquerdo a salinha redonda do torreão da capella, e por esta o eirado onde badála a garrida, alguma vêz que ainda no castello se diz missa.

Já falei de construcções bastardas achincalhando a inponencia espectral d'esta porção da crasta solareiga. Escuso insistir. São as adégas, os palheiros, a rouparia e mais despensas de que a tisnada móle houve mister, passando de principengo palacio a monte de herdade, e trocando os entrechoques guerreiros e as chegadas de cortejos do seu pateo, por tosquias d'ovelhas, côrtes de milagres piolhosas, e melancholias de gallinhas tomando os torrões de salão por limpadura. E' natural seja por estas construcções o caminho da sala terrea e subterraneos da torre de menagem, parte tenebrosa e rocambolesca do castello, se acaso a tem; mas eu não podia cheraviscar n'estes sitios defesos sem parecer seguir nos ventos da frasqueira portuense do marquez; e por outro lado, respeito a subterraneos e masmorras, cuido que Alvito nunca tal possuiu, propicio a lendas. No pavimento da torre do ferrador á altura do adarve, vê-se uma abertura circular, hiante sobre uma escavação pociforme, meio entulhada. Era celeiro? Era masmorra? Diz o povinho que metiam alli as donzellas que na noite de nupcias se não deixavam provar pelos barões. Deve ser peta, e talvez para destrinço dos enredadores de taes balélas é que pozeram alli o ferrador. Ficam assim pintados do pateo, três *panneaux;* falta-me o ultimo, o do portico

da entrada principal, que nada offerece notavel, a não ser á direita da porta duas antigas janellas de peitos, uma de columnello ao centro, outra d'um arco, e ambas do complexo modelo já citado. Esclarecem estas janellas, com outras modernas mais, o comprido corredor que vae da sala dos retratos á capella, e para onde abrem quazi todos os apozentos da fachada principal.

N'esta face do pateo ha ainda outras janellas modernas, ao acaso das necessidades pneumaticas e solares do edificio, mas quem as fez tinha da symetria uma noção bem desdenhosa, e o deus da arte deve tel-o mandado aprender co'diabo, architectura.

CASTELLO DE ALVITO FACHADA DA TORRE DE MENAGEM

Na linha poente-norte,
entre o torreão de capella e o do ferrador. A meio dos dois, a massa da torre de menagem, massiça, e destoando do typo das outras construcções

*
* *

6.º — *O palacio por dentro.* Nada oferece a mais d'um aspecto flagrante de ruina, sem vestigios ao menos do apparelho guerreiro do exterior. Enfiadas de peças desabrigadas e talhadas sem ordem, n'uma construcção que só depois de feita se tratou de dividir, fóra de qualquer systhema de methodo ou conforto. Não ha um fogão, uma recamara, uma abobada... São tudo paredes foscas ou cobertas á pressa, de cal, portinhas carcomidas com sumarios vãos rebordados de pedra, ao gosto dos portaes portuguezes, seiscentistas, janellas de poiaes graniticos, com aluidas portas de postiguitos de locanda: nada que dê rastro da riqueza ou luxo d'um paço de senhores; nem azulejos, nem sobreportas, nem frizos, nem tectos lavrados, nem o mais pequeno detalhe cheirando á renovação que a Renascença, a dominação hespanhola, ou a época de D. João V, determinaram nas artes da elegancia e conforto domestico em Portugal. Esta relativa miseria em paço tão arrogante, tem todavia sua explicação basto plausivel.

A familia illustre e rica dos Lobos nem mesmo durante o capullo, venho a dizer na fase formativa das suas casa morgadia e stirpe historica, suponho haveria rezidencia fixa, exclusiva nas terras do morgado — refiro-me, claro, á rezidencia do ramo senhoril ou primogenito. Gonçalo Annes Lobo,

corregedor d'antre Tejo e Odiana (1400) e sua mulher Mecia Affonso rezidiam permanentemente em Evora, segundo pude inferir de documentos. Fernão Lopes Lobo, que aos 17 ou 18 annos se achou na batalha d'Aljubarrota, (certo na ala dos namorados) e foi instituidor em seu filho Nuno Fernandes Lobo, escudeiro, do morgado nucleo da casa nobre d'Alvito, Fernão Lopes e sua mulher Tareja Annes (1422) viviam em Evora n'uma caza fronteira á igreja de S. Pedro, partindo com outras d'Antonio Pinto e da Comenda de Tereza Marques. Diogo Lopes Lobo, fidalgo do concelho d'Affonso V, tinha rezidencia antiga e permanente n'umas casas «assentes sobre o muro e Cava da Cerca Velha d'Evora», onde tambem com efectividade rezidiram (1473) João Fernandes da Silveira e D. Maria de Sousa, sua mulher, filha d'aquelle.

N'uma petição d'esta senhora a el-rey Affonso V (1481) a que lhe fosse coutada e defendida com penas severas «hua Coutada antigua que era do Senhorio, chamada Monte do Coelho, na qual andavam porcos, cervos, coelhos e outras alimarias», e em cuja posse «sempre esteve o dito seu Padre e antecessores, em cujos tempos a dita Coutada foi sempre, e mui bem guardada, e avia em ella muitas alimarias e caças para os Rex quando áquella terra iam», claramente se aléga que as rigorosas medidas contra os devastadores são necessarias «por seu marido nom viver na dita villa, e por esso nom poder mandar guardar a dita Coutada».

Quando Portugal com o advento das conquistas e escursões ultramarinas faz apelo ao esforço diplomatico e guerreiro dos seus nobres, presumivel se faz que nos paços sertanejos, nenhum fique calado, tanto mais que de roda dos reis d'Aviz côrtes luxuosas entram de chamar a si as ambições da riqueza e da nobreza, aspirando dos campos toda essa malta de solareigos, quem sabe se embrutecidos de vinho, e vivendo de chacina e rezas nas atalaias das cazas infançonas.

Não admira então que a stirpe dos Lobos, desde D. Diniz intrometida no serviço real, fizesse no castello d'Alvito rezidencias intermitentes. Mencionei as fugas de morgados

CASTELLO DE ALVITO — CORTINA DENTADA
Na linha nascente norte, entre o torreão do nascente e o do ferrador

e barões nos seculos xv e xvi. Na nota da capella já vimos como no xvii as ausencias seguiam, chegando os senhores a estar fóra das terras pelo espaço inverosimil de três annos.

O rouqueiro d'Alvito seria pois a rezidencia d'avoengo, a morada aristocratica, oficial da grande familia, plantada a meio das terras feudaes para assegurar nas villas e perimetros de tão vasto patrimonio, as jurisdições e previlegios que sucessivamente os reis lhe iam confirmando e acrescentando. Ao castello viriam os senhores talvez nas quadras de verão, colheitas ou recebimento de tributos, correndo fóra d'essas épocas, entre mãos de feitores, a gerencia dos bens e a jurisdição dos feudos inpendentes. Os moradores permanentes do solar seriam quando muito os irmãos do senhor, ou filhos segundos, á cóca de se estabelecerem ricos por algum matrimonio ou adopção de parentes estereis: uma ou outra filha nubil que ainda não era tempo de levar a el-rei, a que lhe escolhesse consorte: uma ou outra avó fatigada da côrte e voltando para a capoeira e para Deus a confusão já um pouco crepuscular dos seus miolos debeis e beatos; finalmente, alguma casada infeliz, ou solteirona que desamparada de Deus não tinha sentido vocação para abadessa... Não surprehende pois toparem-se os por dentros da famosa caza solar dos Lobos da Silveira, na nudez abrupta d'uma verdadeira cóva de lobos. Se foi nos reinados d'Afonso V e João II que o solar teve a sua melhor época de gálas, todos sabemos que n'esses tempos rudes era coiza rara a decoração fixa das cazas, que se armavam de pannos, e poucos moveis, salvo alguma residencia excepcionalmente sumptuosa, que não seria facil topar no coração d'esse aspero Alemtejo, onde sempre chegaram tarde (ou não chegaram) os agasalhos e módas da vida confortavel — á uma pola dificuldade de communicações e distancia dos grandes centros, á outra pelo caracter adusto das gentes, e sua sobriedade rispida, que tanto as approximam dos arabes de Marrocos, seus muito proximos parentes. E isto mesmo parece; que o palacio solar mantivesse da época da fundação os muros nús, os portaes singelos e as peças desabrigadas que os rudes alvanéos coevos d'Affonso V e João II lhe haviam dado, e que todas as obras posteriores pertençam a épocas relativamente recentes, quando já os Alvitos declinavam de riqueza, o que lhes explicaria o caracter d'á pressa e fancaria que lá teem. Estranha-se por exemplo não encontrar nas salas grandes, abobadas d'artezão, que profusamente se contam nas igrejas e crastas mosteiraes coevas, d'estes sitios... Como explicar o caso? Existiriam essas ricas abobadas n'outro tempo, nervuradas de pedra, com suas misulas d'apoio, e rozaceas ou florões na triangulação dos grandes nervos? A julgar pelo typo d'algumas pequenas abobadas de calóte, miradas nas salinhas redondas das torres, os constructores e pedreiros do castello d'Alvito seriam broncos e pouco déstros artifices locaes, sem pratica de grandes fabricas, e rudimentarmente apegados a moldes grosseiros, sobre desamparados de lavrantes sabendo aparelhar a pedra com primor. Essas abobadasinhas de feito mostram como nervuras dois meios circulos de pedra rude, resahindo sobre os muros como dois arcos de barrica, sem cordões ou arestas, nem pinha ou misula d'onde nasçam com graça; e isto em pleno D. João II, quando já no castello de Beja as três salas da torre poêm os architetos de D. Diniz senhores da complicada architetura e impando graças d'adorno nos artificios d'artezoar e compôr ricamente um abobadado de salão. Se alguma d'essas grandes abobadas houvesse sido cintrada e enchida n'alguma das salas grandes do castello, necessariamente pela estrutura eterna teria chegado a nós — ou ficaria na familia o raconto do desastre que a derribasse, como ficou o da fachada principal, alluida no reinado de D. José por um tremor, que não sei se foi o grande de 1755.

O presumivel é não ter tido Alvito, pelo que se vê das abobadilhas redondas das torres de canto, mestres d'obras capazes de se abalançarem a audacias construtivas, restando o alvitre de supormos as grandes salas primitivamente cobertas de madeira, grandes traves esculpidas ou pintadas, formando cordas, ou enxadrezes, rozaceas, sobre que se corriam taboas pintadas ou lavradas, fazendo em reentrancia, tumulos, bocetas, pinhas, almofadas, segundo a época ou a pericia dos embrechadores e marceneiros, que os não haveria em Portugal mui para vêr, mas de quem ainda hoje a Hespanha guarda aos milhares, inegualaveis joias d'entalhado.

Quando na época de Pombal, depois do terremoto, houve mister fazer no solar grandes reparos, aos vigamentos antigos, necessariamente deteriorados, substituiram-se novas coberturas, e estas, que ainda duram (ex.: a da sala dos veados), algumas são da mais estreme simpleza, agravada da impericia de carpinteiros d'aldeia, ultra-bossaes.

Mais estranha que a pobreza dos tectos e a ausencia de portaes architetonicos, é a miseria dos fogões e chaminés d'essa grande rezidencia, n'um paiz onde a lareira tem ainda agora tão persistente papel na vida familiar. As boccas das chaminés são simples rasgões rectangulares nos muros das salas, sem pilastras, nem engras, nem frisos, nem cimalhas, nem resaltos pyramidaes dos tubos de tiragem. O architeto que ainda para as janellas quiz dar-se o luxo de columnellos de calcareo, pobres embora, apoiando os duplos arcos das ferraduras mouriscas, aqui, n'estas boccas de lume, de róda de cujo fóco senhores e damas viriam depois de ceia seroar o xadrez ou lêr romanescamente as aventuras da *Tavola*, em grandes infolios, não teve traças de compôr um postigo, templete ou arco manuelino, sobre cujas misulas dispor cimalha ou bufete para os tocheiros e candis aos santos protectores.

Tudo pois n'este grande palacio cuja estructura exterior se conserva intacta, e de que a disposição interna, aparte reparos faceis, bem se póde dizer da primitiva, deve suppôr-se converso a realisar o specimen da rezidencia feudal dos senhores d'antre Tejo e Odiana, no decurso dos seculos XV e XVI. Seria então a vida n'essa savana brava d'Além Tejo, uma coiza bem rude, como ainda hoje de resto subsiste na burguezia rural e arraia jornaleira, onde na cozinha tijolada das casas de lavoira, creados e patrões cómem em commum, vestidos de saragoça azeitada, em cadeiras de buim com costas d'azinho, sobre olaria grosseira, as gordas ôlhas de cerdo e couves amargas, quando não os feijões com alabaças ou cagarripas salobras da barreira.

No seculo XV, o mobiliario, escaço, não desenvolvera os requintes que as viagens do Oriente e a cultura franceza e italico-hespanhola alastraram pelo mundo logo ao primeiro alvorecer da Renascença. Como disse, as paredes das camaras armavam-se de pannos, e os arcazes e varguenhos *(bargueños)* que em viagem se carregavam ao dorso das mulas, sobre armadilhas em *X*, que por casa lhes serviriam de suporte, eram, com algum raro escabello, ou escanho d'espaldas, ou tamborete de docel macisso, ou estrado, ou almadraque de cocedras, todo o apparelho da ebenesteria pezada do tempo.

CASTELLO DE ALVITO

No primeiro plano a fonte publica, aproveitando o manancial que brota das raizes do castello

Quando chega a Renascença, e Portugal, pelos productos da Conquista e furia das riquezas exoticas, chama a attenção da Europa illustre, então a sua vida d'interior sumptualisa-se e complica-se. São os moveis apainelados e retorsos de Flandres, e os quadros que de lá vinham por intermedio dos *feitores*, ou como hoje diriamos, consules ou rezidentes; são as madeiras do Brazil que duram seculos, as loiças e pannos decorativos da India e da Persia, os charões e bronzes do Japão e da China, os pannos muraes de guadamecis que se uzavam no verão, os de Granada e d'Arraz que serviam d'inverno; a azulejaria hespanhola, holandeza, e mesmo portugueza, revestindo os atrios, fazendo os lambris das camaras, á

compita co'as revestiduras de coiro de Cordova ou de Moscóvia; algum acharoado cofre ou mezinha de coiro preto da India, lavrada d'oiro; algum *catel* ou sofá de cocedras de seda, algum espelho italiano, de metal, cingido em prata, algum escriptorio ou secretaria de láca, vermelha ou negra, com arabescos d'oiro e acharoados.

O desenrolo emfim do luxo e do aparato que subitamente entravam em Portugal com a vizão das sumptuosidades do Oriente, com o acrescimo extraordinario da riqueza publica e privada, com a curiosidade e permuta civilisadora da Europa — coizas que forçosamente iriam promover no tratamento dos fidalgos e mercadores ricos isso que na lingua do tempo se chamou *estado*, e era uma necessidade de ceremonial para que o portuguez mostrára sempre vocação.

Vae, no castello d'Alvito, a fisionomia subsistente e que dá typo fixo á morada (tivesse, ou não havido alguma vez superfluos d'aquelles), é a d'uma rude caverna feudal do seulo XV.

A nudez das paredes caiadas e sem silhares ou lambrizes de fayança ou de madeira; as janellas de poialitos toscos deladeando o portal concavo, os pisos d'adobe das camaras e os seus toscos fogões desmoldurados, a escadaria d'acesso, quazi rustica, o torrejamento hirsuto e os carrancudos creneis, tudo isto avança para nós de vizeira cahida, como a dizer que Lobos d'aquella matilha não podiam ser senão golpeadores de hespanhoes, monteiros de féras, Capitães ferózes da India ou bandeirantes da stépa brazilenha.

Vamos agora um pouco a vêr as salas.

NOTAS

(1) N'um dos volumes do Archivo da caza d'Alvito que tem titulo «*Colleção de certidões extrahidas do Real Archivo da Torre do Tombo a requerimento da Marqueza D. Maria Barbara de Menezes e Rappach, como administradora da casa de seu filho Barão d'Alvito, D. José Antonio Placido Lobo da Silveira Quaresma — cujas certidões a mesma senhora mandou pôr em ordem chronologica e formar o indice do que ellas sumariamente contem — Anno de 1778*», encontro uma «*Carta de confirmação do senhor rey D. Manoel, na qual se acham insertas outras dos senhores D. João II e D. Affonso V, em que por occasião da guerra (?) se facultou ao Barão d'Alvito a factura de hum castello junto da fonte d'esta villa, para sua defeza e dos moradores d'ella. Dada em Torres Novas, a 4 d'Outubro de 1496*».

Basta transcrever a carta de Affonso V, que segue em orthographia moderna, e diz assim:

«D. Affonso por graça de Deus, etc. A quantos esta carta virem fazemos saber que olhando nós o sitio da Villa d'Alvito, que ora é de D. João da Silveira, barão d'ella, e de D. Maria, sua mulher, ser muito disposto a se ahi, cerca da fonte, fazer um castello, e como seria proveitoso para a sua defensão, e dos moradores no tempo da guerra, e ainda para se em elle acolherem os moradores das outras terras da Baronia do dito Barão, de que elle é principal e Cabeça, e conhecendo que as fortalezas e castellos fortificam (razão de cabo d'esquadra) e honram o reino onde são, a Nós praz e havemos por bem, e por esta damos logar e licença ao dito Barão que elle possa fazer na dita villa, n'aquelle logar d'ella que elle entender, que mais conveniente para elle seja, e nos bem parecer, um Castello, n'aquella fórma e cantidade, que nós depois com elle ordenarmos, e dagora Nos Praz que haja a serventia para as obras d'elle, de todos os moradores da dita villa d'Alvito e de todas as outras suas terras que elle tem em a comarca d'Antre Tejo e Odiana, a saber Villa Nova, Ouriola, Aguiar, e assim mesmo de quaesquer pessôas de qualquer estado e condição que sejam, que nos ditos logares d'Alvito, Villa Nova, Aguiar, Ouriolla e seus termos, ou em qualquer de elles bens de raiz tiverem, posto que n'elles não mórem, quer mórem nos logares visinhos e comarcãos aos ditos logares d'Alvito, Villa Nova, Aguiar e Ouriolla, como é Vianna, as Alcaçovas, Torrão, Ferreira e outros quasquer nos alongados d'elles, ou em qualquer parte do reino que sejam; e quanto ás outras despezas que é necessario se fazerem no dito castello, o dito Barão quando quizer começar esta obra virá a nós, e nós consideraremos d'onde se haja de haver dinheiro para ella, e o determinaremos como então nos bem parecer e aprouver. E mais nos Praz e Queremos que se por ventura o dito barão não começar, ou começar e não acabar o dito Castello antes do seu fallecimento, que D. Maria sua mulher, se viva fôr, ou qualquer que as ditas terras do dito Barão e D. Maria herdar, possa fazer o dito Castello, e usar d'esta nossa Carta como o dito Barão, em sua vida póde; da qual cousa lhe mandamos dar esta carta por nossa lembrança, e sua guarda».

Este documento de Affonso V não tem data. A carta de D. João II, que o referenda, vem de Torres Novas, a 30 d'Abril de 1489. A de D. Manoel, referendando a de D. João II, de Torres Vedras, Outubro de 1496, como disse. Quando Affonso V escreve, no lar do illustre João Fernandes da Silveira não ha ainda descendencia, pois o rei passa o documento para guarda do Barão, de sua mulher, ou *de quem herdar o vinculo*. Mas a carta de D. João II é já, segundo ella mesma declara, feita a requerimento de D. Diogo Lobo, primogenito de João Fernandes, e de sua mãe D. Maria — «e Nós querendo-lhe fazer graça e mercê Temos por bem, e assim lha confirmamos, e na maneira que n'ella se contém». Entre as cartas dos dois monarchas medeará pelo menos o numero d'annos da adolescencia de D. Diogo Lobo. E agora em que data se começaram verdadeiramente as obras do Castello? Foi ainda no reinado de Affonso V, conforme a carta d'este monarcha sugere, e n'este caso mentirá a lapide da porta? Recorda-me ter visto n'um dos livros do Archivo, uma ordem de Affonso V (e devo dizer que busquei agora o papel, sem ter tido a fortuna de o achar) mandando

que os alvanéos, carpinteiros, lavrantes de pedra e mais artistas da construcção, rezidentes em terras da Baronia, d'ellas não podessem sahir emquanto as obras do Castello durassem, nem tão pouco encarregar-se d'outras obras estranhas, sob penas que a mesma carta exarava, com aviso ás justiças de procederem de rigor.

Esta medida parece auctorisar a suposição das obras da fortaleza d'Alvito terem começado logo a seguir á carta de Affonso V. Ou realmente ter-se-lhe-hia dado principio só no reinado de D. João II, em 1454, segundo conta a lapide, 35 annos antes da carta de confirmação de D. João II? Eis o que provavelmente nunca mais será possivel averiguar.

N'uma das pastas de documentos do Archivo existe um pergaminho em que o rei Filippe III de Portugal referenda um previlegio de D. Manoel aos habitantes d'Alvito, Villa

CASTELLO DE ALVITO — DUAS FACES DO PATEO

Nova, Aguiar e Oriolla, «e outras terras d'aquella comarca», dispensando-os para todo o sempre de prestarem serviços em obras de castellos e muros, fóra das terras mencionadas, nem tam pouco darem dinheiro para o costeio e fabrico d'essas obras; e isto em recompensa dos muitos e afadigosos serviços prestados, com trabalho de braços e dinheiro, pelos moradores das ditas terras, na construção do castello d'Alvito, em que não haviam sido ajudados por nenhumas gentes extranhas ao baronato. Tem data de 7 de Maio de 1625.

Para apanagio e defensão da baronia, e acolhida, em caso de guerra, de tanta gente como seria a população de quatro villas, afóra habitantes de cazaes, hortas e herdades esparsas pelo campo, a fortaleza d'Alvito, tal como hoje a vemos, nos parece insegura e d'escasso ambito para guarida de tantos moradores. A construcção, evidentemente desegual, feita aos bocados, apenas mostra nas duas torres da frente, certa altanice e corpolencia frondosa, bem como as fachadas do palacio, sendo as duas torres opostas, e cortinas de muro que fecham pateo, apenas como uns remates á pressa da symetria rouqueira, sem mór respeito ás praxes da defensiva militar.

E' tradição local que o castello-palacio teve fosso, que encheriam as aguas do manancial dos alicerces, mas não ha vestigio de segunda cortina defensiva, nem ao centro do pateo cisterna ou poço d'onde bebessem os sitiados e foragidos, em caso de cêrco, nem, como disse, a anchura dos adarves, dos subterraneos e das quadras, poderia obrigar. por um dia sequer, o terço de vassallos das dilatadas terras do Senhor. E' verosimil portanto que a ordem d'Affonso V, confirmada por João e Manoel, servisse apenas para os barões fazerem castello para defesa propria e galardão senhorial, curando menos da abrigada dos vassallos e mougiks, e que mesmo os reis, de D. João II em deante, já não vissem com bons olhos, longe da fronteira, essas grandes massas de construcção feudal que, posto subjeitas á corôa, eram ninhos d'orgulho e rebeldia ameaçando o poder centro.

Por estas razões suponho explicada a desproporção entre o castello d'Alvito, tal como existe, e o papel heroico, historico, que a ordem ou carta de Affonso V primitivamente outorgava á construcção.

(2) A tiragem actual é bem menor, ou seja de terem desviado o filão, pelo caminho, ou de se haver exhaurido, com o tempo, o manancial d'origem. Esta nascente d'Alvito só no Alemtejo tinha rival na d'Agua dos Peixes, e na de Bencatel, que passa perto do Alandroal.

(3) A capella do castello d'Alvito, cujo orago é o Espirito Santo. gosa do previlegio antiquissimo de ser ao mesmo tempo igreja parochial. O infante D. Henrique, ao tempo

arcebispo d'Evora, deu a primeira licença para n'ella se celebrar missa—«de maneira que o dito Barão e seus successores serão obrigados a terem sempre o dito altar levantado de pau ou pedra, e não movediço, e com ornamentos honrosos, de maneira que o dito altar e capella estejam sempre reparados de todo o necessario, etc». *(Carta de 28 de Julho de 1548, em Evora — Livro II da reforma dos documentos que se produziram, dos que existem no cartorio da casa d'Alvito, etc).* A data da fundação da capella não deve andar longe da licença para a missa.

Por uma serie longa de documentos que não vem p'raqui dizer, insertos todos no *Livro II* supracitado, infiro que o Barão depois d'uma porfiada peleja com os trinitários (frades da Trindade) d'Alvito, por causa d'interesses pessoaes e municipaes (ao fim da qual os frades, vencidos, teriam promovido desacatos publicos contra o fidalgo: um d'elles á missa conventual, por via do prior Frei Bento d'Aguiar, que se recusou a lhe fazer as cortezias especiaes a que os Barões tinham direito, segundo tradições já d'alguns seculos; nas ruas e sitios publicos d'Alvito, outros, por boccas de revoltosos como Francisco Toscano Barreto, Neutel Manhãs e Luiz Manhãs, homens influentes — ha ainda hoje em Alvito a *Rua de Luiz Manhãs* — chefes de bandos, com numerosos parentes e sequazes, que não perdiam vez d'insultar e difamar os Barões, suas justiças e creados, etc.) acabaria por se desgostar d'ir á Matriz, onde se acharia cercado d'odios e rancores, tratando d'armar em caza, capella, e de a enriquecer com previlegios que em pouco tempo a tornaram uma freguezia independente.

Assim foi que mais tarde a licença da missa se desbobrou na de se poderem ahi celebrar não só os oficios divinos de todo o anno, como tambem os da Semana Santa, a ampliação coïncidindo com o aformoseamento e alargamento do templo, que uma provisão do nuncio Landinelli, «coleitor d'estes reinos», declara não se incluir na prohibição dos «oratorios particulares», visto o mesmo agora ter «três altares e porta publica para o pateo do dito castello, com sino».

Eis a carta d'um arcebispo d'Evora, gongorico e galante (15 d'abril de 1631), a um Barão d'Alvito, sobre o caso: «Seja a vinda de Vossa Senhoria muy bôa pera essa sua Villa, onde parecerá muy bem, e entre seus Vassallos pera os alegrar com sua presença, e lhe fazer todas as mercês e favores como bom Senhor seu, e eu por minha parte folgo muito de ter a Vossa Senhoria tão vezinho, porque será isso occasião de Vossa Senhoria me dar muitas de seu serviço pois ha tantas razões e tão antigas para Vossa Senhoria mas dar com muita confiança, e pera eu as festejar. O creado de Vossa Senhoria me deu com a sua as licenças que Vossa Senhoria tem pera uzar da sua Capella do Espirito Santo, e ainda pera fazer Celebrar nella os officios da Semana Santa. Eu vi as licenças e estão muy bem dadas, e assy póde Vossa Senhoria uzar d'ellas, e não tenho que encomendar a Vossa Senhoria as condições com que se dirão, da decencia e ornato e provimento pera estes officios, e pera os mais que se celebrarem, porque estou certo que Vossa Senhoria com sua christandade e devoção passará muito os limites da obrigação n'esta parte.

Deus guarde, etc. — data — Joseph, arcebispo d'Evora = Senhor Barão.»

No dito livro II, junto a uma confirmação e aprovação do Nuncio, respeito ás licenças dadas pelo arcebispo para no castello se poderem celebrar officios divinos, etc., inclue-se uma carta do capellão Francisco Pereira, posto em consulta sobre as condições sumptuarias da capella e seu ambito. E ahi se diz que é «hua egreja muito bonita e tem três altares, a saber, o da capella, e mais dois nos cantos do arco do cruzeiro, e tem a porta para o pateo, da banda de dentro do dito pateo, sobre hua varanda que cae sobre o dito pateo, e tem sua sancristia mui linda com seus caixões em que estão as vestimentas e ornamentos, e seu lavatorio de mãos, e tem um sino com que se tange a missa cada vez que se diz, e acóde a ella muita gente, e des'que o Barão esteve cá agora faz tres annos se diz missa todos os Domingos e dias santos, porque quando veio trouxe licença do Colleitor que então era para se poder dizer missa, e V. Illustrissima (o arcebispo) lhe deu tambem licença para erigir a confraria do Espirito Santo, a qual vae por deante, e pelo seu dia se faz festa, havendo missa cantada e prégação, e ao dia santo vesperas; e he capaz de se fazerem n'ella os oficios divinos, porque caberão n'ella perto de duzentas pessoas, assim que não he oratorio como costumam ter os Senhores em suas cazas, e tem o necessario para a celebração dos officios divinos, mas não tem renda para a fabrica, e o Barão a orna muito do necessario, e agora o vai fazendo a confraria tambem, e não sómente se diz missa em ella quando o Barão cá está, mas ainda agóra que está em Lisbôa, como acima digo; assim que entendo poder-se dar a licença que o Barão pede, porque tem tudo o que em sua petição diz, salvo a porta para a rua que em essa não está da banda de fóra do pateo; senão da banda de dentro, mas como a porta do pateo sempre esteja aberta, e a gente que vae para a Igreja não passa por casa nenhuma do Castello, e entra pela porta que está de fóra, não deve haver inconveniente, etc». (6 novembro de 1626). O prior da Matriz d'Alvito não podia entrar d'estola no pateo sequer do castello, e para o fazer havia de ter recebido primeiro as honras de capellão da casa.

Hoje a capella do Espirito Santo nada tem que a recomende pela belleza ou pela arte. São duas salas do palacio, prolongadas e fundidas n'uma, por um arco, com seu altar ao fundo, e contra as paredes misulas e nichos onde horriveis santos desconjuntados exhibem acionados e esgares d'aventesmas. Na historia da esculptura portugueza revelam estas gibosas imagens a bestificação popular, crassa e imutavel, e enfileiram logo a seguir aos manipansos. Na caixa do altar-mór ha uma lapa envidraçada onde se mostra em decubito dorsal, um Senhor Morto. Ha dez ou doze annos tinha o marquez em casa um certo Braz, eximio guitarrista, e especie de gracioso gozando no palacio da maior confiança e liberdade. Entre as gentes da casa havia tambem uma Eugenia, beata emerita e irmã da ama de chaves do marquez, a qual, grande mesureira d'idolos e rezadora de rozarios, andava sempre pela capella em genuflexões e arroubos lyricos aos santos. Um sabbado á noite, vespera de missa, consegue o Braz insinuar-se na capella, e vira o Senhor Morto de costas para o publico, esgueirando-se sem ninguem dar fé da irreverencia. Na seguinte manhã, vindo aos oficios, imagine-se o alvoroço de Eugenia, perante a sacrosanta efigie de lombos; e desanda a gritar que era prodigio; acorre gente, e todos lêem nas costas do santo, grandes letras tortuosas que diziam. *Já te não posso aturar, Eugenia: vae-te! vae-te!*

(4) A fachada principal do castello d'Alvito constava effectivamente, á altura do andar nobre, d'uma fiada de sacadas, semelhantes em tudo a algumas das que ainda hoje se vêem abertas para o pateo. É provavel que o gradeamento d'essas sacadas resahisse em balcão ou varandim, sobre as muralhas, em vêz de passar de hombreira a hombreira, sem resalto ou prato de suporte, como hoje se vê nas janellas pombalinas. É tradição que a muralha d'essa fachada principal aluiu c'o terremoto, pedindo restauro intenso, e que os columnellos, vergas e tijollos dos arcos mouriscos, estão em parte guardados nos subterraneos ou dependencias terreas do castello, onde o fallecido medico Machado os viu, bastantes vêzes.

CASTELLO DE ALVITO — DUAS FACES DO PATEO
Vé-se a torre do ferrador e a escada dos adraves

(5) O exame da construção rouqueira nos seus typos fragmentarios, parece provabilisar a idéa de que os fundadores ou constructores primitivos do castello d'Alvito, achando feita a torre de menagem (que pelo typo parece da primeira dynastia, e por ventura faria parte de construção maior, sobre cuja ruina teria sido edificada a actual) a incluissem no plano do castello, mettendo-a na quadratura dos muros, como um bastião altaneiro a mais dos quatro que fecham quadra ou cerca.

Dois annos depois d'estarem escriptas as primeiras linhas d'esta nota, eis topámos n'um dos volumes da série do Archivo que tem titulo «*Collecção de certidões extrahidas do Real Archivo da Torre do Tombo a requerimento, etc.*», já citado, um documento em latim barbaro, epigraphado assim «*A' Ordee da Trindade, estromento per que lhe foi outorgada a villa d'Alvito e Povoa de Villa Nova pelos testamenteiros d'Esteve Annes chanceler del-rey* (D. Diniz, diz-se n'um sitio, D. Affonso diz se n'outro), *per virtude da verba de huu testamento aqui inserto, e prometerom de a meterem em posse corporal, etc.*».

Rezumirei esse texto tortuoso e complicado de formulas tabeliôas, que traz data da era christã de 1279. O chanceler Esteveannes lega aos frades da Trindade o *castello da villa d'Alvito* (tanto monta dizer o senhorio) conjuntamente com a Povoa de Villa Nova, seus termos e pertenças, cujos reditos serão devididos em três verbas. 1.ª, para fundação d'um hospital para enfermos e peregrinos necessitados (que ainda dura); 2.ª, para sustentação dos frades trinos alvitenses; 3.ª, redempção dos captivos, um dos fins sociaes para que a ordem se creára. Se com estas clausulas os frades não quizessem aceitar a herança, reverteria ella á posse dos sobrinhos do chanceler, que tomariam cargo de fundar em Alvito uma igreja em que se celebrassem oficios divinos, e particularmente sufragios diarios e perpetuos por alma d'Esteveannes, seus parentes, bemfeitores, e «mais fieis defuntos».

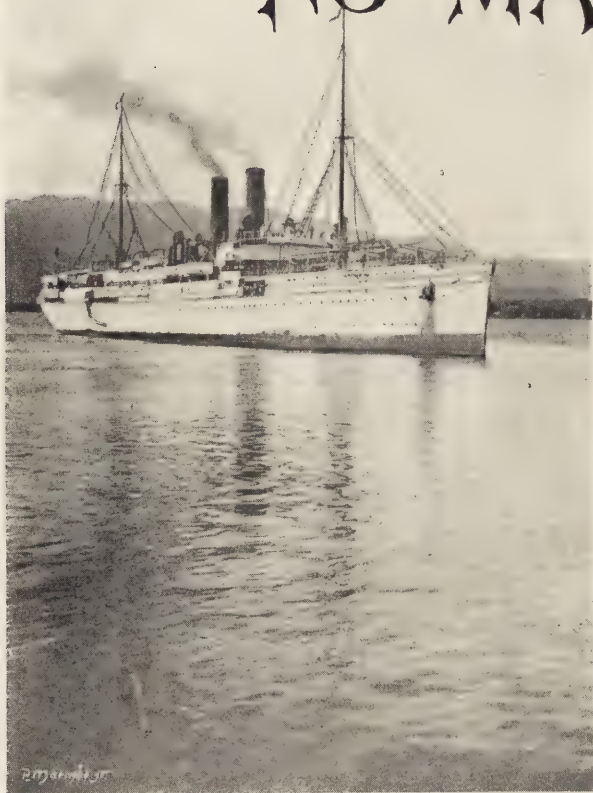
«*Item. Mando castrum meum de Villa de Alvito*, diz textualmente o documento, *cum domo mea quæ dicitur Apotéca, et cum Popula de Villa Nova, et omnibus terminis suis, ingressibus et egressibus, fontibus, rivulis et pascius* (pastos), *et aliis juribus suis, etc.*». Ou traduzindo «*Idem. Mando que o meu castello da Villa d'Alvito, com suas casas de celeiro (apotéca: adega, tulha, celeiro) a mim pertencentes, e com a Povoa de Villa Nova e todos seus termos (ingressibus et egressibus, formula tabelliôa) entraveis e sahiveis, fontes, ribeiras e pastos, e quaesquer outros direitos, excepto os alheios, se os houver, etc.*»

O castello que afirma hieraticamente o senhorio; o celeiro que guarda a recolta do tributo ao senhor. E' então provado que já durante os reis da primeira dynastia Alvito havia castello. Resto d'essas edificações militares é provavelmente a torre de menagem que nos ocupa, pois examinada tem todo o caracter da época. O facto das abobadas das salas terem escudetes dos Lobos, não contraria a hypothese da anterioridade; podia ter havido restauração ou apropriação, quando a supradita torre foi incluida no castello.

(5) Seja da bisonheria das gentes, ou da raridade e inpericia dos lavrantes de pedra, o certo é que os nossos edificios publicos e casas solaregas só como envergonhadamente afixam, nas frontarias e cunhaes, quaesquer timbres, brazões ou pedras d'armas, atestantes do orgulho ou poderio dos fundadores. Sobre a modestia microscopica dos escudos, tam pouco a arte espendida na ornamentação e composição d'estes symbolos hierarchicos, móve a sympathia dos esthétas, e vae de galardão ao talento creador dos debuxantes. Quão longe estavamos da arrogancia castelhana que esmaltou de brazões literalmente os muros dos palacios e dos templos, chegando a comprometter por vêzes, na obcessão heraldica, a luz das salas e a harmonia architetonica das superficies! A arte infinitamente elegante e senhoril de decorar e estylisar mótes heraldicos, duma invenção tão fogosa em Hespanha, desde a época romanica, os lavrantes nacionaes desconheceram-na, ou quando muito, imperfeita e grosseiramente a realisam, a ponto de só nos seculos XVII e XVIII a heraldica ornemanista em Portugal ter consciencia do admiravel papel que lhe poderia ter dado a arte, na galanura exterior dos edificios.

(Continúa.)

FIALHO D'ALMEIDA.

NO MAR ALTO

Impressões de bordo — A caminho do Rio de Janeiro

Na vespera da partida andei excessivamente nervosa, completamente desalinhada de espirito. Um horror! Sentia o vacuo no cerebro. Não podia precisar uma idéa.

Os pequenitos, em volta de mim, faziam-me subir á garganta soluços que não estalavam, aos olhos lagrimas que não explodiam. Fazia-me forte, para não os apoquentar a elles, aos meus amores.

A' hora da saída de casa, o meu morgadinho — o Stelio — agarra-se a mim e diz-me com voz chorosa:

— *Ma petite maman, comment pourrais-je vivre tant de jours, sans te voir!*

E começou de chorar afflictivamente.

O pequenino Marcello dormia.

Pobresito! Quando acordar do seu somno de anjo, não verá a sua mamãsinha. Ainda não fala. Que pensará aquella linda cabeça loira, vendo decorrer os dias sem deparar com essa mulher a quem lhe ensinaram a chamar mamã?

Afoga-me uma dôr inexprimivel, ao deixar as minhas creanças.

Eu sei que ficam bem entregues a uma creatura que as estima, mas por mais que os outros lhes queiram nada póde substituir o terno beijo que á noite as adormece e as desperta de manhã.

Mas é preciso ser forte, continuar a lucta.

No meio dos meus desanimos, quando me julgo infeliz, olho para elles, para os adorados filhinhos, e vendo-os mais desgraçados do que eu, — pois que a minha desventura é ainda o seu unico arrimo — sacudo da minha alma o desalento, e lanço-me na batalha com mais coragem e ancia de vencer.

— Adeus, pequeninos! Espero em Deus que hei-de voltar victoriosa.

. . . .

Por uma tarde cheia de sol, que enche a rua de poeiras de ouro, vou-me em busca do paquete, onde devo habitar por uns dias que acharei sempre longos, por mais breves que sejam.

Defronto-me com o *Amazone,* uma embarcação enorme. Lá dentro é como que um grande predio com varios andares e uma encruzilhada de corredores por onde a gente labyrinta.

(E' tão grande o barco e tantos passageiros leva, que, ha dias a bordo, apenas

MERCEDES BLASCO

vi dois ou três artistas da minha companhia. Não sabemos uns dos outros.)

Tropeça-se n'uma infinidade de pessoas, umas que partem, outras vindas para fazer as suas despedidas aos entes queridos que para longe vão.

Alguns amigos procuram-me n'aquelle dédalo de ruellas.

Lá estavam o Hogan Teves, eterno gracejador que occulta a sua boa alma sob um sorrisinho caustico; o Forjaz de Sampayo, cynico por *sport* — não creiam nas *Palavras Cynicas!* O Silva Passos, de falar insinuante; o André Brun, o auctor theatral óra em foco; o Alvaro Neves, em cujo criterio artistico tenho achado um valioso collaborador na parte esthetica dos meus livros; e mais, cujos nomes me esquecem na barafunda da ultima hora.

A todos egual quinhão no meu reconhecimento.

A sineta de bordo dá o primeiro signal para avisar da partida. Desço á *cabine* a fazer a minha *toilette* para o jantar.

Vou muito bem installada. Eduardo Victorino fez as coisas em grande senhor. E este principio é de molde a fazer-me esperar todas as bizarrias da inteireza de caracter do conceituado emprezario.

E' bom frizar este ponto, porque em geral a maior parte dos emprezarios de companhias para o Brazil promettem tudo em Portugal, mas faltam tambem a tudo, quando pilham os artistas longe da sua terra.

Estou apprehensiva com a recordação da minha malfadada viagem ao Pará, durante a qual soffri horrorosamente.

Diz-me o pessoal de bordo, amabilissimo como todos os que veem d'essa deliciosa França, que o vapor não se sente mexer. *Il ne bouge pas.* Effectivamente, ha um quarto de hora que escrevo na minha *cabine,* emquanto o barco segue a sua róta, e continúo bem disposta como se estivesse em terra.

O espirito é que está irrequieto. O desconhecido para onde vou atrahe-me e intimida-me ao mesmo tempo.

Mas tenho a certeza que uma vez no campo da batalha marcho para diante, sem que me assuste a fuzilaria do inimigo que me proponho vencer.

E depois, tão bem me teem falado d'essa linda cidade do Rio de Janeiro, da sua maravilhosa horda de poetas, onde enfileiram Raymundo Correia e Olavo Bilac, que morro de desejos de que o navio me leve depressa ao meu destino.

Para absorver absolutamente o meu espirito, leio o precioso livro de Fialho de Almeida *O Paiz das Uvas,* que o delicado

OS FILHOS DE MERCEDES BLASCO

lapis de Julião Machado commenta; livro que um dedicado amigo metteu na minha mala, ao passo que lá mettia tambem, com as precau-

ATRACADO AO CAES

ções de um ladrão medroso, o seu retrato e o seu coração...

E realmente a minha idéa concentra-se, completamente enfeitiçada por essa inconfundivel maneira de dizer, tão pessoal e communicativa, do grande artista dos *Gatos*.

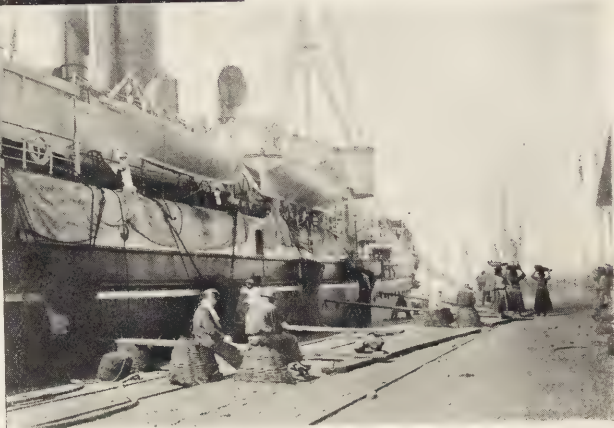
Abençoado talento, que me fez ignorar a saída da barra, o momento fatal que põe á prova o estomago e os nervos dos que se abalançam por esses mares *nunca d'antes navegados*.

DE PARTIDA

Não o leiam os novos que esperam fazer fructificar o seu engenho nascente, senão é certo que vão descrêr d'elle, do tal engenho, murmurando enraivecidos:

— Nunca escreverei como este diabo!

*

E assim se foi a primeira noite. Mas na manhã seguinte atacou-me de rijo esse terrivel *mal de mer*, para que não se en-

ATRACADO AO CAES

controu ainda remedio, por mais esforços que para isso tenha feito a sciencia.

Tomo então o partido de fazer como a Sarah, a minha illustre *dévancière*, no exotismo e nos destrambelhamentos nervosos: — Deitei-me com tenções de me levantar apenas á vista do Rio de Janeiro.

Não sei se a eterna *coquette* levaria para junto de si qualquer filigrana litteraria de Rostand, — o sublime doido. Eu levei commigo o Fialho, que foi o meu companheiro espiritual durante a travessia.

E não se diga que não me distrahi a valer. Todas as noites se juntava na minha *cabine* uma brilhante sociedade.

Elle era o lascivo e glotão do *Frei Braz* em cata das graças roliças e dos saborosos pitéos da

UM PAQUETE QUE PASSA

Dorothea; elle era o *Carrasquinho,* tão pequenino que d'uma vez foi parar ao bucho d'uma vacca, quando tomava o sol n'um appetitoso olho de couve; elle era a linda cancerosa, disfarçando os seus espreguiçamentos de amor em attitudes de marmore.

E muitas vezes, empoleirada no dorso de uma vaga, ia bater-me á janella a *Princesinha das Rosas,* toda escorrendo de espuma prateada, as algas dos cabellos serpenteando em torno do seu esbelto corpo de ondina.

Vinha, curiosa, espreitar o espirito do Mestre, que já uma vez lhe quebrara o encanto, desejosa talvez de que elle a furtasse de novo ao amplexo gelado dos tritões.

E lá de cima chegava até nós o repenicado das castanholas de duas filhas de Hespanha, que ensaiavam os lubricos requebros dos seus corpos trigueiros. Grupos cantavam em côro canções do seu paiz; e a tudo sobresaía o som estridulo do clarinete do meu visinho do lado, que teimava em exercitar os pulmões, estragando a canção do toureiro da *Carmen.* Maldito clarinete!

•

Dois dias passados, os creados da *cabine,* entre os quaes vim achar um *ecuyer* que trabalhou nos principaes circos da Europa, insistem para que experimente subir á coberta. Subo.

Por toda a parte magotes de gente onde destacam as fardas dos officiaes da infanteria colonial franceza, que vão para o Senegal, acompanhando até Dakar, Mr. Milliés-Lacroix, ministro das colonias de França, que estará em Lisboa a 27 de maio.

Da ponte entreteem-se a atirar aos peixes voadores, que em cardumes cercam o barco, e em cujas escamas o sol põe scintillações de oiro.

Uma *miss* esguia e loura aninha-se na cadeira, como uma preciosa trouxa de rendas e sedas molles. Mais além uma *institutrice* allemã, a caminho de Buenos Ayres, escuta distrahidamente o marulhar das ondas, pensando — quem sabe? — em encontrar *là-bas* alguem que a ponha em casa propria e a tire do horror da sua lamentavel subalternidade.

A terceira classe regorgita de pobre gente que emigra para longes terras, em busca da riqueza que as batatas e as couves da sua courella lhe negam.

O peor é que a fortuna dá-lhe ás vezes para fazer partida aos visionarios que para

EXTERIOR DA CABINE

A CABINE

ella correm cheios de fé nos seus enganadores feitiços...

E olhando o immenso lençol de agua que se estende a meus pés, eu penso com amargura que longos dias ainda terei de passar a olhal-o.

UM PASSAGEIRO

E' grande, é imponente o mar! E' um espectaculo soberbo a *elegia violeta do morrer do sol*, no dizer de Fialho, mas o espectaculo repete-se todos os dias com egual monotonia, e cança afinal.

O mar!... Admiro-o, mas não o amo.

Dêem-me terra, terra! Olivaes frondosos, campos de trigo, que as papoilas manchem de rubro, com tufos de malmequeres á beira do caminho.

«Como vai o meu amor? Outros olhos apagariam da sua retina o reflexo dos meus? Outros beijos substituiriam na sua bocca o sabor dos meus labios?»

Dize-m'o, malmequer: «Muito... pouco... nada... Muito... pouco... nada!!...»

Já se ouve perto o canto das lavradeiras, chapinhando no ribeiro as mãos crestadas.

D'além chega até nós o guisalhar das ovelhas, que um pequeno pegureiro, de annellados cabellos desbotados pelo sol, conduz pelos corregos da encosta.

E mais longe, não vedes no cimo d'aquelle monte o laborioso moinho, na sua faina de sempre, preparando o pão que hade calar o estomago da humanidade esfomeada?

Oh! minha phantasia!

Agua... mais agua ainda!

Terra... terra, quanto me tardas!...

17 de abril — A' vista de Dakar.

MERCEDES BLASCO.

O «AMAZONE» EM VIAGEM

ILHA DE SANTA MARIA — CAES DA ALFANDEGA

Uma excursão aos Açores

o gesto inspirado do infante de Sagres, partiu audazmente Frei Gonçalo a descobrir terras.

Propicia lhe foi a estrella guiadora, abrindo á prôa da sua nau a esteira que a levou ás ilhas dos Açores.

Aquelles dos leitores que queiram dar fé da narrativa da viagem do seu descobrimento, da sua colonisação, do seu primitivo estado, dos cataclismos vulcanicos que de principio as assolaram, das luctas heroicas que pela liberdade da patria ali se sustentaram, da sua brilhante genealogia, — de toda a historia, emfim, que constitue os primeiros seculos da sua vida — folheiem as chronicas de Fructuoso e do Padre Cordeiro, pois que não é essa a materia de que vae tratar o presente artigo.

Cheio de actualidade, elle visa exclusivamente, no meio de indifferença metropolitana, quiçá da sua inconsciencia do valor material e da bellesa physica dos Açores, a dar ao leitor uma rapida, suggestiva idéa do que são e do que valem esses nove pedaços de terra portugueza, onde uma população intelligente e honesta trabalha afincadamente pelo desenvolvimento da riqueza local, tendo feito das ilhas, já de si tão bem-fadadas pela natureza, verdadeiros adens appeteciveis — que mais são inveja de estrangeiros do que orgulho de portuguezes!

Isto posto, façamo-nos ao mar.

Transposta a barra do Tejo, o paquete vae sempre em frente, deixando a ré, minguando, fundindo-se com o mar, a terra de Portugal, cujo ultimo pedaço a despedir-se-nos dos olhos é o altaneiro massiço escuro da serra de Cintra.

Depois, só mar e ceu — essa sensação

S. MIGUEL — VILLA DA POVOAÇÃO

grande e unica para quem embarca pela vez primeira.

São dois dias que assim decorrem, quebrada apenas a subjugação que nos produz o quadro, quando algum navio põe na vastidão das aguas uma nota humana, surgindo no horisonte, para no horisonte desapparecer em breve.

Ao terceiro, o olhar inquieto do viajante prescruta os longes, julga ver uma ilha na configuração e na côr indecisa duma nuvem. As horas são contadas minuto por minuto; até que um marinheiro de olhar mais experimentado, annuncia:

— *Terra! terra!*

Sahida, ás vezes, rouquejada duma garganta aspera, as notas dessa phrase, para quem vae matar saudades de longos annos de ausencia, ou mesmo para quem leva comsigo a ancia de vêr paisagens novas, essas notas parecem soltadas por um clarim de ouro!

Definem-se contornos, aclareiam-se tintas, despontam casitas brancas: — Santa Maria.

S. MIGUEL — EGREJA DA MISERICORDIA, NA VILLA DA RIBEIRA GRANDE

*
* *

Foi a primeira ilha na ordem da descoberta, a primeira terra dos Açores onde poisaram os pés afortunados do commendador de Almourol.

A sua pequenez e a sua importancia não precisam que nella nos demoremos mais do que as curtas horas que o vapor no seu porto estaciona.

Vinte kilometros de comprimento por 15 de largura. Sete a oito mil habitantes. A ilha é fertil, abundante em gados e em caça. A principal industria é proveniente do barro, fabricando-se com elle loiça vermelha, tijollo, canos e telha, que se exporta em quantidade para todo o archipelago.

Ha ali uma qualidade de barro muito fino, de que a industria fabríca, em miniaturas bem acabadas, os mais variados objectos, de que se destacam as figuras representando costumes populares das

S. MIGUEL — TRECHO DO ILHEU EM VILLA FRANCA

*
* *

Olhando para o norte, vê-se alastrar no horisonte o dorso azulado de outra ilha: E' S. Miguel — a maior, a mais formosa, a mais rica das suas irmãs açorianas.

ilhas. Os estrangeiros dão-lhes largo consumo. São extremamente pittorescas, e merecem a attenção de artistas e ethnographos.

Villa do Porto, a capital, assenta pinturescamente sobre um monte á beira mar. Foi a primeira povoação existente nos Açores.

No aspecto exterior, Santa Maria é das ilhas mais aridas; no emtanto, lá dentro ha alguns lagarejos risonhamente verdejantes, como Almagreira e Santa Barbara, e alguns pontos de vista interessantes, como o Pico Alto, de 570 metros de altura, d'onde se vê o mar cercando toda a ilha, as povoações deitadas a nossos pés.

A VANGUARDA
DO ILHEU
DE VILLA FRANCA

O ILHEU DE VILLA FRANCA DO CAMPO

A' maneira que della nos vamos approximando, prôa á capital, vão-se desenhando os seus muitos e pinturescos montes; a farta vegetação, cobrindo serras, valles, e rochas, e por en-

tre a qual as auracarias se erguem altaneiras, como sentinellas vigilantes, define gradualmente o seu verde negro, denunciador duma seiva poderosa.

Cinco ou seis horas volvidas, aportamos a Ponta Delgada, capital da ilha e do districto, que estas duas primeiras ilhas formam.

E' a mais importante cidade do archipelago; e com as suas 20:000 almas, a riqueza do seu porto, o seu commercio, as suas industrias, arroga-se, não sem razões, fóros de terceira cidade portugueza.

O seu porto é artificial, vasto, seguro, com optimo serviço de fornecimento de carvão aos vapores, com officinas de reparações, ainda as mais difficeis, rapidez nas cargas e descargas, dotado, emfim, com tudo o que é indispensavel a um porto de segunda ordem.

A cidade não possue um plano moderno, com ruas amplas, praças, jardins publicos, construcções artisticas. E', no emtanto, limpa, os predios bem caiados, brancos, resonhos, cheirando a saude.

SETE CIDADES — UMA MARGEM DA LAGOA

O seu commercio é grande, os estabelecimentos luxuosos, alguns. A illuminação geral é a gaz, por não ter ainda terminado o contracto com a companhia fornecedora; mas alguns pontos mais concorridos têm já electricidade, como o têm quasi todos os estabelecimentos e grande numero de casas particulares.

Ponta Delgada tem lyceu nacional, em cujo edificio ficam o museu e a bibliotheca publica. Possue escolas primarias officiaes, muitos collegios particulares, escola de desenho industrial e de habilitação ao magisterio primario.

Em estabelecimentos de caridade, Ponta Delgada brilha magnificamente: O primeiro é o explendido hospital (Santa Casa da Misericordia), edificio pomposo, amplo, confortavel. Ha mais o Asylo de Mendicidade, Asylo da Infancia Desvalida, Albergue Nocturno, Cozinha Economica e a phylantropica instituição de caridade e instrucção, denominada seculo xx.

O *Theatro Michaelense* é interiormente uma casa de espectaculos elegantissima, su-

perior a todas as de Lisboa, excepção de *S. Carlos* e *D. Amelia*. A principal casa de reuniões é o Club Michaelense, luxuosamente montado, onde se junta a fina flor da sociedade da terra.

Outras ha ainda, entre as quaes merece especial menção o Atheneu Commercial, de recente installação.

Tem Ponta Delgada duas fabricas de tabaco, uma das quaes, a Fabrica de Tabacos Michaelense, é duma enorme importancia, mente mais do que hora e meia, tendo intercaladas com o serviço horas de recreio em pleno ar.

Na fabrica existe escola, frequentada gratuitamente por dois turnos de pequenas operarias, aprendendo ali a lêr, escrever e contar. A' tarde é essa escola frequentada pelos dois turnos reunidos, sendo-lhes ministrado o ensino da doutrina christã.

Todo o serviço de escripta é desempenhado por operarias. A policia da fabrica é

S. MIGUEL — HOSPEDARIA DAS SETE CIDADES

sendo o estabelecimento industrial mais popular dos Açores.

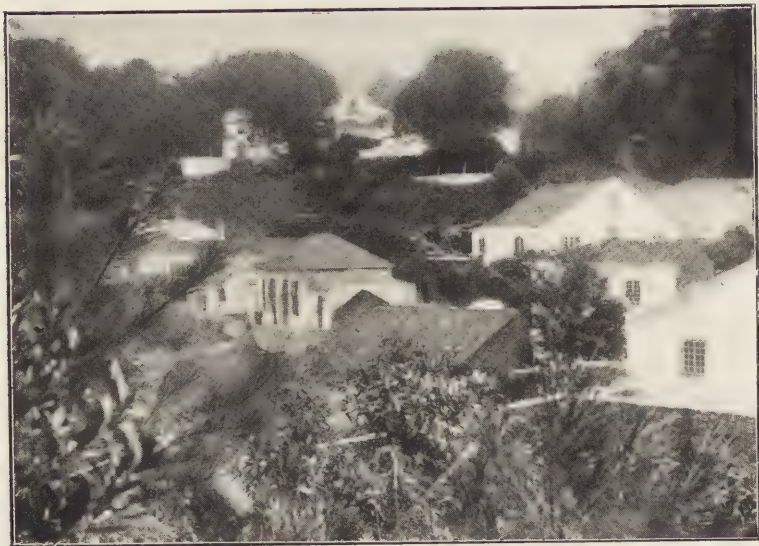
E isso explica-se: o seu pessoal é exclusivamente feminino; e a organisação interna da fabrica é de tal ordem, que possue uma caixa chamada das operarias, do fundo da qual, ao casar-se alguma, recebe um dote regulado pelos seus serviços, classificação e antiguidade. A fabrica proporciona gratis a todo o pessoal, durante a doença, medico, pharmacia, salarios e subsidio extraordinario na convalescença, ou em alguma infelicidade casual da vida.

As menores não trabalham consecutiva- feita por militares reformados, sérios e de folha limpa, não tendo até hoje, desde a sua fundação, havido lá dentro a minima quebra de respeito individual.

Uma fabrica modelo.

O tabaco — producção local — é de bom paladar e baratissimo, 25 cigarros por 40 réis!

A fabrica tem uma exportação enorme, sendo os seus mercados de consumo as ilhas adjacentes e as possessões ultramarinas.

De tal qualidade e tal preço é, que, se o tabaco michaelense podesse entrar em Lisboa, sem cahir sobre elle o tremendo im-

S. MIGUEL — VALLE DAS CALDEIRAS

posto que salvaguarda o monopolio — seria para ter dó da Companhia dos Tabacos de Portugal!

Em S. Miguel ha tres fabricas de distillação de alcool, todas importantes, ficando a maior situada na capital, a segunda na villa da Ribeira Grande e a terceira na villa da Lagoa.

Não laboram já: os ultimos governos, em virtude dos brados idiotas dos viticultores metropolitanos, houveram por bem matar essa poderosa industria, que era uma das maiores fontes de riqueza local.

A primeira dellas occupa-se presentemente, e ha pouco tempo, na laboração de assucar, da qual, certo, não devem resultar beneficios grandes para a ilha.

A industria é ali ainda representada por uma fabrica de cerveja, cujo producto, de esmerado fabríco, é justamente apreciado.

Em ponta Delgada está a séde da relação dos Açores; tem um bello posto de desinfecção, cabo submarino, e, como capital dum districto autonomo, a Junta Geral para administrar as suas receitas.

Fundições, fabricas de sabão, de pregos, de tecidos, outras industrias de menor vulto, outras energias se espalham por esta cidade fecundamente progressiva.

Ha em Ponta Delgada jardins maravilhosos, que são o encanto de estrangeiros que alli apportam. Tres delles em primeiro plano: O da familia Borges, com primores de planthasia e maravilhas de vegetação; o da familia Canto, que é, em exemplares botanicos, um dos primeiros da Europa, e o do Marquez de Jacome Correia, a meio do qual se ergue o seu elegante palacio de residencia. São jardins particulares; mas os donos, não conhecendo o sentimento do egoismo, franqueiam constantemente e sem rebuço as suas bellezas á curiosidade dos visitantes.

Mas deixemos a cidade; transponhamos os seus risonhos arredores, e vamo-nos a vêr as maravilhas que pela ilha se espalham.

Não ha caminho de ferro: sugeitemo-nos ao transporte por meio de carruagens, puxadas a tres muares, para grandes distancias.

Dois pontos, principalmente, embora muitos mais haja que mereçam visita especial, não deve o *touriste* deixa de vêr, para deslumbramento de seus olhos, e para que tenha corrido o que tiver, por esse mundo em fóra, fique sabendo que num rochedo portuguez existem dois assombrosos trêchos de natureza, como melhor não contemplára nem igual sonhára tambem: chamam-se Furnas e Sete Cidades.

S. MIGUEL — TRAJE POPULAR — CAPOTE E CAPELLO

Não vem para a indole dêste artigo a descripção minuciosa dêsses dois recantos de paraizo. Isso levar-me-hia muito longe, faria perder muito tempo nesta viagem que eu desejo tornar, aos que commigo seguem, o mais breve e amena possivel, mostrando-lhes, *á vol d'oiseau*, todo o panorama açoriano.

A's Sete Cidades a viagem faz-se em poucas horas, devendo preferir-se o caminho em que a carruagem nos deixa no sopé da serra, que subimos depois em burricos, até chegar lá acima, e, de impre-

S. MIGUEL — CASA DE CAMPONEZES

visto, se desenrolar a nossos olhos, como se de repente entrassemos no dominio d'um sonho phantastico, esse quadro surprehendente que abre a nossos pés a cratera enorme, com as encostas revestidas d'um arvoredo cerrado, as duas grandes lagoas lá no fundo, a povoação, pequena e pobre, a branquejar dentre o arvoredo, donde espreita tambem a simples e risonha ermida!

Já nas paginas d'esta revista, ao narrar a lenda das Sete Cidades, eu tentei dar uma impressão da grandeza dêsse quadro soberbo; e disse das Furnas, numa descripção tão completa e suggestiva quanto eu a pude tornar, o que do valle famoso havia para dizer.

As Furnas são um logar previlegiado, com os seus panoramas, as suas thermas, as suas caldeiras, os seus jardins maravilhosos, a sua flora exhuberante, todo um conjuncto grandioso, prodigioso, de bellezas raras.

No solo uberrimo de S. Miguel, todas as culturas da Europa se alimentam e produzem com fertilidade.

A que, porém nos Açores, é exclusiva desta ilha, é a do ananaz, que constitue hoje o mais rendoso ramo de exportação.

Ha ainda as da laranja e do chá, que são tambem devidamente apreciadas nos mercados de consumo.

Do seu povo são qualidades innatas o trabalho, a honradez, a hospitalidade, o patriotismo e a bondade.

E, para continuarmos a viagem, ao despedirmo-nos de S. Miguel, comnosco vae a satisfação de vermos como a mão de fada da natureza foi prodiga em espalhar bellezas naquelle pedaço de terra patria, vae na nossa alma de portuguezes o orgulho de terem alli nascido, entre tanto vulto illustre, o glorioso explorador que foi Bento de Goes, o extraordinario poeta que foi Anthero de Quental, o grande philosopho e polygrapho que é Theophilo Braga.

*
* *

E agora, a caminho da Terceira.

O vapor larga pela tarde, ao tombar do sol, quando as sombras cahem sobre o mar e transformam a terra, que costeamos, num grande monstro negro, ou quando a lua vem, na brancura luminosa da sua nudez, pôr scinctillações de prata nas aguas trementes, fazer branqueiar casitas que nas costas da ilha se levantam.

Dura a viagem a noite inteira. Pela madrugada começamos a avistar a Terceira, para de manhã fundearmos no seu porto

natural, a que serve de abrigo o Monte Brazil, onde a fortaleza de S. João Baptista, como sentinella avançada, ha tantos seculos firme e forte no seu posto, guarda a linda cidade, que em amphitheatro se estende ao fundo da bahia — essa terra de heroismos, que, num momento de angustia nacional, foi o ultimo pedaço de solo portuguez onde se ergueu a bandeira da patria.

Logo a entrada nos impressiona bem: As ruas são, na pequena baixa, largas e alinhadas, dando-nos o aspecto d'uma grande cidade.

Angra do Heroismo é a capital do districto central dos Açores, que se compõe, além da Terceira, das ilhas S. Jorge e Graciosa. Angra é séde do bispado e do commando militar do archipelago.

O povo terceirense á o mais alegre dos Açores. Essa alegria imprime-a elle ás suas festas, a primeira das quaes, pelo seu brilhantismo, é a do Espirito Santo, sendo a mais caracteristica a das toiradas á corda, em plena rua, com as peripecias, a maior parte das vezes comicas, ás vezes ligeiramente tintas de sangue, peculiares a esse folguedo, o mais querido do terceirenses.

Angra é a unica terra dos Açores onde se lidam toiros, havendo para tal a competente praça. Alli, chega a ser tal o enthusiasmo pelas toiradas á corda, que, annunciada uma em dia de trabalho, o commercio fecha quasi em peso, e corre com os de mais para *los toros!* E então, emquanto as creanças, o mulherio galante e as damas de tom matizam balcões, muros, varandas, janellas, com as garridas côres dos seus trajos de verão, é de vêr como os homens passeiam orgulhosamente na rua, camisas de lã de bordados coloridos, e elegantes paus ferrados, á espera do boi, alli, sem temor algum! Até que soltam o animal, se abrem alas respeitosas no caminho, se escalam muros e se foge vertiginosamente, num terror immenso.

Ha quem não fuja, quem faça o salto de vara, a sua pega de frente; quem, á falsa fé, espanque o pobre boi amarrado, que ainda assim, muitas vezes, na sua furia, colhe algum menos adestrado em tal exercicio, atirando-o de encontro a um muro, fazendo-o estatelar em plena rua, no meio da gargalhada dos homens, a que se junta, por vezes, o grito d'alguma dama mais impressionavel.

FURNAS — TRECHO DE UM PARQUE

Espectaculo pinturesco e de pronunciada feição local, é este o de maior agrado dos terceirences e o que mais prende as attenções dos visitantes.

Muito a dizer havia desta terra, se intento fôsse o d'este artigo citar factos que se prendem com a historia portugueza, e que tiveram por tablado os mares bravios e escarpadas encostas dos Açores.

S. MIGUEL — NASCENTE DE AGUA DAS LOMBADAS

ILHA TERCEIRA — VISTA GERAL DE ANGRA

Com o seu nome de Angra do Heroismo, já esta cidade nos está recordando os brilhantes feitos de seus filhos, façanhas bizarras como a expulsão dos hespanhoes da cidade, em 1642, seguida da acclamação de D. João IV; as luctas em favor do Prior de Crato, e a organisação dêsse nucleo de 7:500 homens, que foi engrossar as fileiras

ILHA TERCEIRA — FREGUEZIA DE S. MATHEUS

do exercito libertador, e ainda hoje conhecidos pelo nome de *bravos do Mindello*.

A historia, porém, está escripta: voltemos ás impressões.

Cidade de diminuto commercio maritimo, a sua vida é pacata e simples, sem acontecimentos que a convulsionem ou a impressionem.

A alta roda da cidade de Angra conserva ainda, na hospitalidade e no trato, as tradições galhardamente fidalgas de seus antepassados. As mulheres, como em nenhuma outra terra dos Açores, têem uma graça, uma vivacidade encantadora, que certamente lhes vem d'esse ardente sangue hespanhol que ali deixou seus vestigios.

Não tem a cidade, como o não teem as outras duas do archipelago, edificios modernos notaveis, a não ser o dos paços do concelho. Dos antigos, destacam-se a vasta Sé Cathedral e a egreja e convento de S. Francisco, onde repoisam os ossos de Paulo da Gama.

Pontos de vista, ha dois notaveis; o Pico do Facho, no Monte Brazil, e o castello de S. Luiz. D'elles se descortina toda a cidade, n'esse bello amphitheatro, cuja orla as ondas do oceano beijam.

E como nada mais de interessante nos chama a attenção na cidade, vamos até aos campos.

E' logo ao sair de Angra que encontramos os dois pontos mais pinturescos da ilha: S. Matheus e S. Carlos.

O primeiro, estende-se á beira mar, entre o verde do arvoredo e o azul cantante das aguas alli ao pé, casitas aqui e além, n'uma bucolica e suave garridice de encantar.

ILHA TERCEIRA — VISTA GERAL DA VILLA DA PRAIA DA VICTORIA

O segundo, dirigindo-se para a parte interior da ilha, é um curioso trêcho de paysagem: a estrada é estreita, sinuosa; o arvoredo espreita ás vezes de sobre os muros, que a espaços se abrem para deixar vêr pedaços de quintas onde se erguem, por entre florações, claras e risonhas vivendas.

E' aqui que a gente mais endinheirada da cidade tem suas casas de campo, onde passa o tempo de maior calor.

Das povoações da ilha ha a destacar a villa da Praia da Victoria. Aqui não é só o panorama em que o olhar se deslumbra, contemplando o quadro: a villa num plano amplo, cercada, por terra, de verdejantes montes, e orlada, pela banda do mar, por um vasto areal, onde a vaga se espreguiça e canta. São vestigios suggestivos de passadas luctas; restos de fortalezas, ruinas de monumentos historicos, de baluartes que terramotos estupendos arrazaram.

Villa da Praia da Victoria! D'essa victoria formidavel que foi o principio de luctas titanicas que vieram continuar-se no reino, e lograram assegurar a implantação do regimen liberal em Portugal, que tanto custou aos portuguezes e pelo qual tão heroicamente se bateram os filhos dos Açores.

Por toda a ilha a paysagem é doce, os campos engalanados de vegetação, fecunda e forte a abençoada terra.

Mas nós é que não podemos deter-nos mais: que Deus fique com ella e venha tambem comnosco, leitor amigo — já que tem o condão de estar no céu e na terra e em todo o logar.

Que assim o dizia o velhinho padre que ensinou catecismo á creança que é hoje teu cicerone n'esta visita a encantadoras terras — viagem que a empreza dos *Serões* te faculta por 200 réis, apenas, e sem incommodo de maior.

(Continúa.)

RAPOSO DE OLIVEIRA.

LAGOA DAS FURNAS

Entre montanhas, altas, pedregosas,
D'um verde escuro, intenso e scintillante,
Vê-se a lagoa, ondeando a cada instante,
No silencio das coisas mysteriosas!

N'uma das margens, ricas e viçosas,
Como mirágem grata e inebriante,
Resurge a Ermida, á luz do sol brilhante,
E umas casitas frescas e olorosas.

Nobre paizagem!... que belleza immensa!
Jardins e prados de poesia infinda,
Deixando a alma a meditar suspensa...

Oh! Alma ethérea! Oh! Alma pura e linda!
Conta-me a vida, toda uncção e crença,
Dos verdes campos, onde se ama ainda!

A. Cardoso de Faria e Maia.

A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

Parte II — O PAIZ

DOURO

Da mais avançada Renascença possue a Provincia um attrahente edificio em S. Gonçalo de Amarante, templo fundado em 1540, concluido porém no decorrer do seculo, posto que mais tarde em parte reconstruido. Produzem a impressão de ser apenas da origem os dois claustros, e posteriormente completada a egreja, talvez que até feita de novo por motivo de algum incendio. Felippe II terá influido poderosamente no que respeita á obra; e pelo facto da actual planta e a de S. Bento, em Coimbra, concordarem em absoluto, não será erro attribuir na integra ao lanço do côro a data de 1600, visto como tanto a abobada de pedra em caixotões como a nave transversal e a cupula correspondem nos respectivos pormenores aos de S. Domingos da mesma Coimbra. A nave com suas capellas foi edificada no seculo XVIII. A cupula, no presente caso, apresenta exteriormente um formoso alceamento com tambor e é toda revestida de azulejos, ainda com bom padrão do seculo XVII. E' sumptuoso o agrupamento do conjuncto sobranceiro á caudalosa e funda corrente do Tamega, acima de cujas margens ingremes se debruça em parte a abside coral. A torre da egreja apresenta um coroamento original de volutas e obe-

UM CLAUSTRO DE S. GONÇALO DE AMARANTE

liscos de pedra. A' porta da egreja, contigua á sacristia, é attribuida a data de 1590. Esta circumstancia concorre a confirmar as vistas atraz expendidas com respeito á época de edificação da egreja. São mais antigos os dois claustros, conforme já ficou exposto, o primeiro dos quaes encosta á egreja, e se acha reproduzido na estampa adjunta. A singela architectura interior incide com o periodo que vae de 1540 a 50, com maçudos pilares jonicos, inferiormente, entre arcos de volta inteira, e superiormente com duplo numero de columnas do mesmo estylo. O melhor trêcho da construcção é a sumptuosa abobada do lanço inferior. E sem embargo, o conjuncto, com o caracter da época anterior, com tal qual inclinação para a Renascença franceza representa um commettimento admiravel, já pela composição já pela individuação das minudencias. A pedra é trabalhada e lavrada com mestria. A estampa dá idéa da ligeireza de mão e do frescor do trabalho.

PRIMEIRO CLAUSTRO DE S. GONÇALO DE AMARANTE

DO PRIMEIRO CLAUSTRO DE S. GONÇALO DE AMARANTE

A individuação dos pormenores manifesta-se com primor, por exemplo nas diversas portas facultando accesso á egreja, tanto por dentro como por fóra; aos cantos profundam uns recéssos á feição de capellas, emoldurados por não menos sumptuosa architectura. Em uma das paredes, uma pia de agua benta, oblonga, com um friso de serafins, circumdada por um bom motivo architectonico de columnas nichadas e pilastras.

O segundo claustro, conservando apenas três lados, apresenta no piso terreo uma formosa arcaria de arcos duplos com columnas medianas e columnas nichadas nos pilares.

O saimel da archivolta encimando o tão enfeitado capitel offerece uma solução original.

Na face principal foi accrescentada mais tarde uma arcaria dorica; nos outros lados, fechados, no pavimento inferior, vêem-se umas finissimas janellas, a do meio com pilastras sobre cabeças em vez de consolas.

*
* *

A Sé de Miranda do Douro é tambem um edificio devendo attribuir-se ao tempo de D. João III, principiado em 1552 por Gonçalo de Torralva (irmão do architecto do côro de Belem), de architectura em extremo pesada.

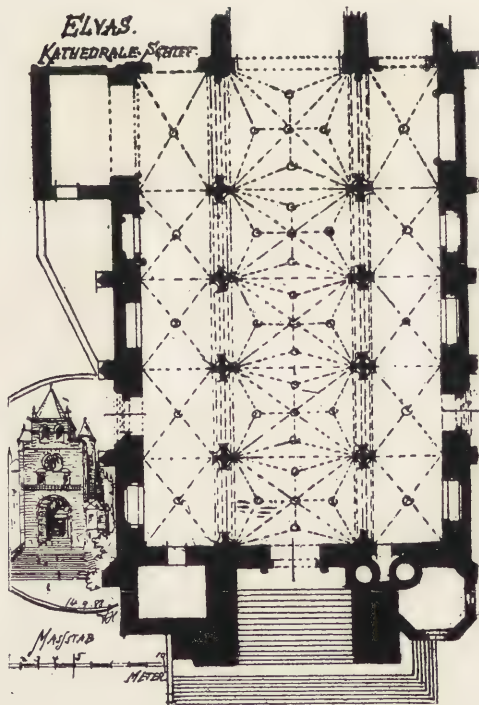
DO SEGUNDO CLAUSTRO DE S. GONÇALO DE AMARANTE

Passa por ser um tanto mais aprimorada e mais pequena, posto que do mesmo genero, a egreja de Moncorvo; e ainda a de Almendra do Douro, que gosa da fama de ser uma boa producção da Renascença e datando de 1563.

ALEMTEJO

Na região sul e sueste do reino a architectura apresenta-nos um caracter absolutamente desviado da nossa época. A differença de clima, a diversidade da raça, na qual prepondera ainda, em grande parte, o sangue mourisco, concorrem para semelhante resultado; além de que, os materiaes, as tradições technicas e a vizinhança imprimiram-lhe um caracter proprio.

Relativamente independentes e alheios a estas divergencias encontram-se monumentos em localidades situadas, taes como Elvas, baluarte de defesa erguido na raia, em frente de Badajoz, no caminho de Lisboa para Madrid.

O interesse artistico restringe-se aqui quasi que á cathedral, uma das raras egrejas abobadadas da éra de D. Manuel. A nave, apenas, é ainda d'esse tempo, um tanto mais nova a frontaria da maçuda torre, a qual, a despeito da excessiva simplicidade, frenteando a extravagante praça principal, produz, ainda assim, boa impressão.

INTERIOR DA SÉ DE ELVAS

PLANTA DA SÉ DE ELVAS

A nave, com os seus botareus e arcobatantes, diadema de ameias e porticos singelos, accusa-se bem, externamente, apresentando espaço no interior, as formas, rigidas e baseadas no Gothico tardio.

Cumpre ainda mencionar aqui outro edificio eclésico, a egreja do convento das Dominicas, fundação de D. João III, cerca de 1550. E' um edificio octogonal, de reduzidas proporções, central, com varias capellas, attrahente por motivo da sumptuosidade da decoração. As oito columnas aguentando a abo-

bada, com a respectiva architrave, os moldurados e as abobadas das capellas, e designadamente os trechos architectonicos, são de marmore branco, em parte sumptuosamente ornamentados, como na capella-mór. Os lanços intermedios são forrados de padrões de azulejos, em que predominam o amarello e o azul sobre fundo branco. O marmore é profusamente dourado, as proprias superficies lisas realçadas com ornato a oiro; em summa, um recinto não muito espaçoso, enfeitado com profusão luxuosa, algo confusa. O pulpito ostenta um formoso peitoril de ferro forjado.

SE DE ELVAS

E' digno de lastima, na verdade, o estado a que deixaram chegar tanto a egreja como o convento, ambos entregues á delapidação, como succede a um grande numero d'elles, pelo paiz.

Pela cidade encontram-se lindas sacadas e grades em janellas, conforme mostra a estampa annexa.

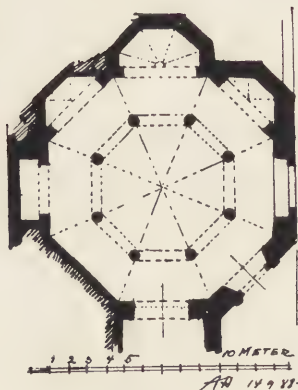
GRADE EM ELVAS

O aqueducto, cuja construcção se deve a D. Manuel, é o mais grandioso em todo o paiz, só encontrando parceiro em obras dos romanos.

*
* *

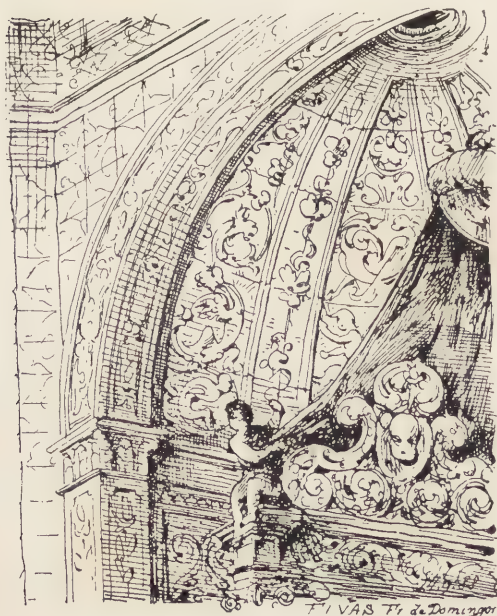
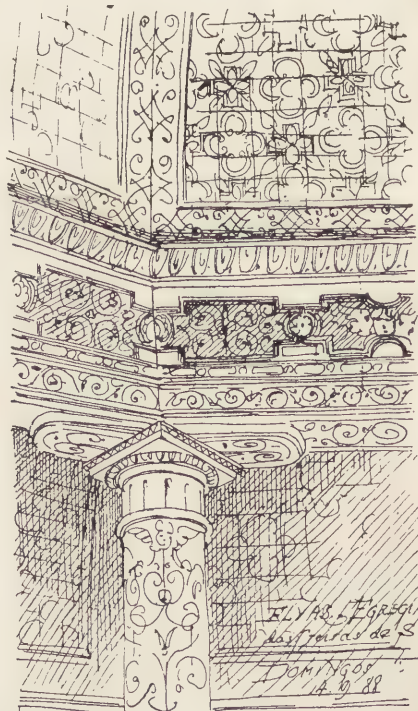
A sudoeste fica a ultima cidade de primeira classe do reino, antiga colonia romana e mais tarde a segunda capital do paiz (1).

Cidade antiga e espaçosa, encerrando em seu perimetro o grandioso templo de Diana, e uma parte da sua vetusta cerca de muralhas, bem como o seu aqueducto, constituindo as mais imponentes reliquias da éra romana

(1) Vidè André de Resende, de Antiquitatibus Lusitaniæ, libr. IV. Do mesmo, Historia da antiguidade da cidade de Evora.

PLANTA DA EGREJA
DOS DOMINICANOS, EM ELVAS

existentes por todo o paiz (1); circundada, hoje ainda, pela sua primitiva cinta de muralhas mouriscas e medievaes, todas ellas escalonadas e em ziguezagues. Com ruas irregulares, ostentando arcarias nos pisos terreos dos predios, manifestando reminiscencias e vestigios dos usos remotos da sua antiga população mourisca. Já em outro logar chamei a attenção do leitor para os effeitos aliás tão conspicuos de semelhante influencia. Transluz isto mais no aspecto interior das residencias particulares. Arcarias mais ou menos amplas, torreões com telhados conicos,

(1) Com relação a Evora, foram consultados, de preferencia a quaesquer outros, os Estudos Eborenses do meu amigo Gabriel Pereira, actual director da Bibliotheca Nacional de Lisboa. O amor á sua cidade nativa reuniu n'estes preciosos folhetos um material incomparavel de informações, e bem assim de documentos historicos ácerca da cidade de Evora, etc.; modelos de execução rigorosa e de copia de esclarecimentos, evocando-nos vivissimos quadros, já do viver dos romanos na vetusta capital, já d'esses dias do esplendor da moirisma, ou do regimen jesuitico.

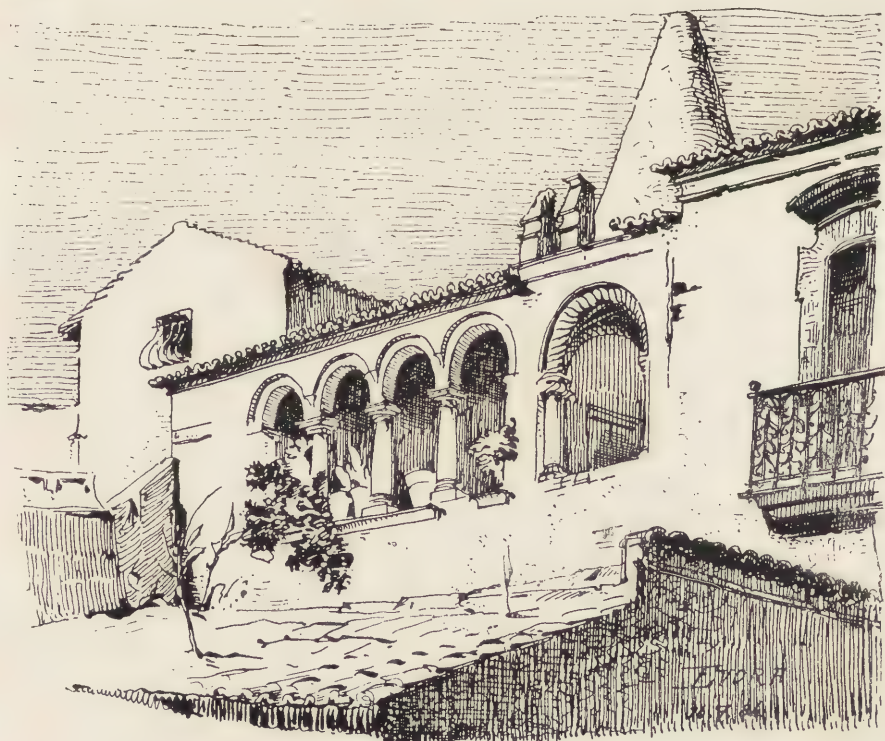
E ainda me lembro com gratidão das caminhadas e peregrinações pela veneranda Evora e logares circumjacentes, tendo por guia este tão erudito quanto amavel e obsequioso cicerone, a encetar dialogos pelo caminho, com cada pedra antiga, que aliás o entendiam a elle. Ainda agora mesmo, n'estes dias mais recentes, d'ali me tem ajudado, por mais d'uma vez, já com os seus conselhos, já com seus esclarecimentos.

DA EGREJA DOS DOMINICANOS EM ELVAS

ARCADA PUBLICA
EM EVORA

arcos de ferradura e angreados concorrem a imprimir-lhe ao respectivo aspecto caracter especial, accentuado ainda pelo insistente revestimento de cal tanto nas paredes lisas como nos membros da architectura.

Apenas lançam mão do granito, do calcario, e, por mais de uma vez, do marmore branco de Estremoz, tratando-se de construcções importantes, e em alguns pontos os edificios são meramente de tijolo.

E' verosimil, aliás, o facto de ter sido aqui o principal centro portuguez do fabrico de azulejos, que durou pelo seculo XVIII adiante, existindo memoria da permanencia aqui de oleiros e ladrilhadores mouriscos.

Até para a construcção das egrejas se applicava amiude esta technica. O proprio esgrafito, em decorações de frisos e quejandas applicações, foi empregado por aqui desde éra remota.

(Continúa.)

CASA EM EVORA

Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

SYNOPSE. — Capitulos I a VIII: Bruce Ingersoll, no momento de sahir da Universidade de Cambridge, precisa arranjar um modo de vida e pagar as suas dividas de estudante. Offerece-se para secretario e é contractado por Jean Cavanagh, grande magnate dos caminhos de ferro canadianos, cujo pae foi morto pelos nihilistas em Baku. Antes de sahir de Cambridge reconhece que Cavanagh pagou secretamente todos os seus compromissos. Avista-se com Cavanagh n'um hotel londrino e fica intrigado com a excitação que causa no magnate a leitura de um jornal da tarde. Partem subitamente para «A casa do Fen», residencia de Cavanagh, mysteriosamente vedada, construcção erguida no meio de muralhas, isolada de tudo e de todos. Ingersoll examina no seu quarto o jornal da noite e depara-se-lhe a noticia de um nihilista allemão que foi pelos ares no seu laboratorio, bem como tres dos seus cumplices. De noite é acordado por um grito afflictivo e ao alvorecer vê o argelino, um dos serviçaes de Cavanagh, dirigindo-se a cavallo do parque para casa. Mr. Cavanagh espera-o no jardim, e, tirando o jornal da noite da algibeira, bate-lhe com as mãos, endireita-o e convida o argelino a lel-o. O primeiro trabalho de Ingersoll, como empregado, é redigir um relatorio de certas ruas e casas d'algumas cidades estrangeiras, muitas das quaes estavam situadas em viellas sórdidas e mal afamadas. De tarde, n'um passeio a cavallo, encontra uma formosa mulher e uma creança. A mulher perdera a razão e o homem que a vigiava de perto era o argelino. Subitamente Jehan Cavanagh resolve partir para Antuerpia na esperança de encontrar vestigios de Paulina Mamavieff, a mulher que matou seu pae em Baku.

IX

Prospero de Blondel

Não me surprehendia nada encontrar-me em Antuerpia. Tudo quanto lera ou ouvira acerca de Jehan Cavanagh me falava na sua extraordinaria paixão pelas viagens. Não dormir nunca mais de quatro noites na mesma cama, tornara-se a maxima da sua vida nómada. Contaram-me que elle corria de um lado para outro aproveitando o mais insignificante pretexto. Vinha a Londres e partia no outro dia para a America. Quando me levou a Huntingdon e conversou commigo ácêrca de descanso, calculei que se enganava a si proprio. As perplexidades da minha posição não consentiram que fixasse os sentimentos que então me assaltaram. Não me lembro bem das suas palavras.

Mas se não me surprehendia a sua repentina deliberação de viajar, a maneira de o fazer é que me deu que pensar. Entrámos na casa de Waterbeach ás escondidas e sahiamos d'ella secretamente, de noite. E' verdade que o argelino não nos acompanhava, que foi o creado, Edward, quem examinou a estrada antes de nos mettermos

a ella e que só accendemos as grandes lanternas quasi na cidade de Cambridge. N'esse sitio, reconsiderando, Mr. Cavanagh ordenou que nos dirigissemos a Harwich pelo caminho de Newmarket e estrada de Bury. Não passamos assim por Londres, e fomos de saltada, de modo que chegamos ao rio Scheldt antes da meia noite. Parecia-me desnecessario fretar um navio para a travessia, mas como elle proprio me explicou, o seu yacht estava em Solento, não appareceria a tempo e nunca puzera o pé n'um navio de passageiros.

— Porque não? — perguntou-me — Se o dinheiro compra tudo, porque não hei de comprar as minhas commodidades? Para que hei de acordar de noite aos gritos de qualquer senhora enjoada? Ah! isso não, quando alguns discos com a effigie do rei me podem poupar a sua companhia. E' o melhor emprego do dinheiro, Ingersoll — viver sem que os visinhos seintromettam na nossa vida.

Concordei. Foi uma novidade para mim viajar com tanto luxo, e, para ser franco, deliciou-me. Quando chegamos a Antuerpia, esperava-nos uma carruagem particular que nos conduziu através d'aquellas lindas e velhas ruas, não a um hotel como eu esperava, mas a uma serie de aposentos quasi defronte da cathedral. Estes pareciam ter sido mobilados muito á pressa, mas era tudo do melhor, e Mr. Cavanagh occupou-os immediatamente como se tencionasse demorar-se largo tempo.

Esqueceu-me dizer que chegáramos á cidade um pouco antes de principiar ali a labuta da manhan. Via-se pouca gente nas ruas e as portas da cathedral ainda permaneciam fechadas. Nem por isso deixamos de encontrar um esplendido almoço, preparado para nós nos aposentos de Mr. Cavanagh, e dois creados francezes a quem elle se dirigiu quasi com familiaridade. A voz de um d'elles recordou-me singularmente a conversação que ouvira em Claridge Hotel, em Londres, dois dias antes, quando eu esperava na antesala. Conclui que os creados tinham vindo d'ali quando nós partimos para Cambridge. Era uma hypothese e não um facto. O que se me afigurou essencial, é que nos apresentaram magnifico café, quente, e um optimo almoço. Quando acabamos a agradavel refeição, Mr. Cavanagh propozme para descansarmos uma hora.

— Não tenho nada que fazer hoje em Antuerpia — accentuou elle significativamente; — a minha tarefa começa ámanhan. Deite-se e durma, Ingersoll, e deixe que os servos façam a limpeza. Ha um costume n'esta terra que eu acho deprimente, é o espectaculo das creadas sacudindo os capachos das janellas. Deite-se, durma, meu amigo, e acorde com appetite.

Prometti que o faria e dirigi-me para uma alcova que ficava proximo da sua. Apesar de não ter pregado olho durante a noite foi-me impossivel conciliar o somno. Decorrida uma hora, quando os sinos da cathedral ainda por cima pareciam mofar de mim, resolvi tomar um banho e sahir sósinho. Foi um desapontamento para mim quando descobri que Mr. Cavanagh não tomava para si os sensatos conselhos que me dera. Quando entrei na sala encontrei-o em animada discussão com um dos typos mais originaes que tenho encontrado na minha existencia.

Calvo como um ovo, com o rosto como o focinho de um furão, com a bocca ao lado e sem dentes; com enormes orelhas, com as mãos compridas, delgadas e tisnadas pelo sol de muitas terras, vestia como um francez com pretensões a janota. Tal era o cavalleiro Charles Blondel a quem Mr. Cavanagh me apresentou.

— Devem entabolar relações — disse elle quando eu estendia a mão ao francez — o cavalleiro Blondel trabalhará comsigo, Ingersoll, quando tudo ficar combinado. Fale-lhe o seu peor francez e verá como o comprehende. E' um dos meus amigos, é o bastante.

— E um dos amigos de Mr. Ingersoll tambem — accrescentou o cavalleiro n'uma voz deliciosamente musical e meiga.

Não posso explicar o motivo, mas quando eu apertei a mão d'este homem pareceu-me que todo o sangue das minhas veias corria á desfilada. Nunca experimentára coisa semelhante. Os seus olhos fixavam-se, na direcção da minha cabeça, na parede que se erguia por traz de mim, exactamente como se o meu corpo não interceptasse o seu raio visual.

— Estarei sempre ao serviço do cavalleiro Blondel — declarei — e certamente as minhas intenções são melhores que o meu francez. Em que lhe posso ser util?

Riu e trocou um rapido olhar com Mr. Cavanagh.

— Amanhan — disse para Mr. Cavanagh em tom interrogativo e accrescentou muito baixinho — os olhos são juvenis, hão de nos servir.

Creio que a suggestão não agradou a Mr. Cavanagh, pois reprovou-a com um movimento de cabeça. Quando o velho cavalleiro se despediu de nós não se tornou a falar n'elle. Promptamente ficou assente que o meu chefe me serviria de guia durante uma hora ou duas e me mostraria alguma coisa de Antuerpia. Foi um soberbo passeio, na verdade. Envergonhei-me dos meus conhecimentos ao ouvir como este maravilhoso cicerone expunha o papel que os hollandeses tinham desempenhado na historia da Europa moderna e como a sua arte ganhara as mais decisivas victorias.

— Teria sido impossivel — commentou — divulgar a arte pela humanidade sem a fé que a inspira. Queixamo-nos de que a religião domina a arte, mas essas queixas não são logicas. A inspiração que se manifesta nas telas de Rubens é a mesma que se patenteia no mais humilde operario que construiu esta casa para ellas. A perfeição da forma attingida pelos gregos não tem a alma que estas coisas possuem. Eu queimaria alegremente um grande inquisidor, mas a arte não o deve odiar. Compelliu os homens a fixarem os seus ideaes n'uma fé em que acreditavam. Ha poucas crenças hoje e é por isso que temos retratos á moda por alguns milhares de guinéos cada um e bastante insensatez para escrever sobre o impressionismo o bastante para encher uma livraria. Olhe, além, para aquella face do Christo na descida da cruz. Ha impressionismo ali ou no semblante da Virgem que fica ao lado de Jesus? Uma época que trata de mascarar as suas defficiencias, a actual. Só temos uma realidade, dinheiro; a fé é posta de parte.

A nossa primeira visita foi para a esplendida cathedral que sempre me pareceu uma das mais imponentes construcções gothicas da Europa. Escusado será dizer que, a um homem tal como Mr. Cavanagh, não lhe importava o aspecto commum das cidades. Passamos pela cathedral, no nosso caminho para a Praça Verde, em direcção das muralhas e lembrou-se de ver os famosos quadros de Rubens: «A subida e a descida da cruz». Depois recordo-me que visitamos os velhos bairros de Antuerpia, especialmente o designado pela policia: «Bairro hespanhol», onde existem descendentes dos soldados que foram a Hollanda com o duque de Alva. Estas temerosas viellas e pateos pareciam interessar profundamente o meu companheiro. Examinava o rosto de quem passava com uma avidez impossivel de explicar.

— Se estudar a vida da cidade — disse-me — analise primeiro os seus criminosos. Não hão de ser os nossos amos de amanhan, os assassinos, ladrões e malfeitores que nos hão de governar em nome da humanidade e que principiam por sacrificar as nossas esposas e filhos? Repare n'essas velhas casas, Ingersoll, e rememore que os hespanhoes andaram de porta em porta durante mais de trezentos annos torturando e queimando. Não pouparam nem homens, nem mulheres, nem creanças. Progredimos de então para cá? Temos-lhes chamado todos os nomes que podem decentemente figurar nas nossas historias. Transportou-nos a civilisação para longe d'essas scenas? Olhe para aquella janella, onde a vidraça está quebrada, para aquella hombreira. Ali viveu Morivert durante um anno, o Morivert que arremessou um explosivo para debaixo das rodas do expresso de Vienna e matou vinte dos passageiros. Dirá que é um louco, pois é a unica desculpa para taes crimes, mas confesse que, na pratica, nos conservamos no mesmo estado que ha quatro seculos. Tire a guarnição militar d'esta cidade durante um só dia e antes de amanhan os mortos contar-se-hão por milhares. O hespanhol existe aqui como em todas as cidades, e as creanças estão á sua mercê. E' por isso que lhe digo, estude primeiro os criminosos, porque não vem longe o dia em que elles serão os nossos senhores.

Era uma affirmativa exaggerada e eu não a podia tomar a serio. O grande deus Nihilismo nunca me atemorisou, porque sempre acreditei na sensatez do povo britannico, e declaro que o que tem succedido nos outros paizes pouco me tem impressionado o espirto. Ao mesmo tempo, é impossivel esquecer que o pae de Mr. Cavanagh foi assasinado pelos nihilistas de Baku, e lembrei-me subitamente que sua esposa perdera a

razão nas terriveis horas d'aquella medonha revolta. Sendo assim, comprehendia muito bem a morbida curiosidade que o impellia a elle a visitar os mais perigosos bairros da cidade.

— Mr. Cavanagh — retorqui — não se refere com certeza ao nosso tempo?

Não se imagina o tom e o calor com que elle me respondeu.

— Provar-lh'o-hei — declarou. — Amanhan, aqui, em Antuerpia, realiza-se a procissão com que este povo celebra a festa do Corpo de Deus. Encorporam-se no prestito os ministros e os principes. Os quarteis da cidade regorgitam de tropas; não ha um gendarme que tenha uma hora de descanso Pensa que as creanças estejam a salvo com essas providencias? Estaria tranquillo se alguns dos seus filhos assistisse á ceremonia nas janellas da Praça Verde? Oh, uma bella garantia essa a da auctoridade, da ordem e do juizo do povo! Diga-me, Ingersoll, estaria completamente socegado? Não acredito. O senhor é um homem sensato, conhece muito bem o que os senhores assassinos estão hoje fazendo na Europa.

Não podia responder a isto, e, na verdade, não sabia como discutir. Ao meu argumento de que nunca ouvira que houvesse grandes descontentes entre os operarios de Antuerpia, replicou, quasi impacientemente, que os operarios não tinham nada que ver com isto.

— Não ha nada mais nobre n'este mundo de Deus — accentuou — que o homem que trabalha pacientemete e sem queixa para ganhar o pão de cada dia. Deixemol-os em paz pois estão fora do nosso caso. Refiro-me a uma nova raça de criminosos, dez vezes mais poderosos e dez vezes mais numerosos que os sicarios do Velho da Montanha, que se alimentavam com hervas em Alamut. Peço-lhe para se lembrar que esta gente floresce a despeito dos governos da Europa, que são tão covardes que pactuam com elles. Esses monstros matam e trucidam á sua vontade. Nenhuma razão ou piedade os detem. Não se compadecem das mulheres nem das creancinhas. O melhor d'elles não sabe o que precisa nem o meio de o obter. Somos levados a crêr que a liberdade que se lhes concede quasi os desculpa. Os ministros e o Parlamento falam d'elles em voz baixa. Não ha um homem sufficientemente corajoso que se erga e diga que devem ser exterminados como vermes, pisados aos pés, fuzilados summariamente, perseguidos sem remorso, sem descanso, até final. Conceder-lhe treguas é uma inconfessavel pusillanimidade. Os ministros temem-nos, a policia receia-os. Um homem forte salvaria o universo da sua presença. Mas ainda não nasceu e até lá as mulheres soffrem e as creanças morrem nos seus braços.

Nunca o ouvira falar com tal vehemencia; e é facil de imaginar em que estado de espirito ouvi esta objurgatoria. Pela primeira vez desde que sahira de Londres acudiu-me ao espirito o episodio do jornal da noite ácêrca dos suppostos nihilistas de Paris, e não pude deixar de associar isso com esta quasi incoherente confissão. Soffrera enormemente, mais que os seus mais intimos amigos sabiam, e d'este soffrimento nascera um desejo de exterminio. Foi o que percebi a principio, mas o que se seguiu depois, ninguem, atrevo-me a dizel-o, o previria, fosse qual fosse o seu poder de concepção.

— Não se pode luctar com loucos, Mr. Cavanagh — commentei eu por fim — não se pode matar um doido, oppõe-se a isso o nosso humanitarismo. Não será este motivo mais verdadeiro que a sua accusação de covardia feita aos homens? Ainda ha algumas cabeças sensatas... mesmo nos governos.

— Ingersoll — bradou elle apertando-me o braço como n'um tôrno — se a mulher que o senhor amasse tivesse abandonado o filho que gerou, prégaria essa doutrina?

Não lhe pude responder. Desemboccavamos n'esse momento de um estreitissimo beco. Chamou um carro que passava e ordenou ao cocheiro que nos conduzisse aos jardins.

— O velho Prospero está ali — informou, mudando instantaneamente de maneiras apenas o sol o inundou de claridade. — Oh! eu estimo o velho Prospero; tem uma excellente cabeça em cima d'aquelles feios e velhos hombros. Vamos e vel-o-hemos comer, o que é um dos mais horrendos espectaculos da Europa.

X

A festa do Corpo de Deus

Como toda a gente sabe, a festa do Corpo de Deus é celebrada com muita pompa e riqueza em Antuerpia. Se eu ignorasse o

facto, o incessante martelar debaixo das janellas, quando eu pretendia dormir, era convincente e desagradavel argumento. Quando me assomei á varanda, ás onze horas, deparou-se-me um verdadeiro exercito de blusas azues que trabalhava á luz de monstruosos reflectores. Os operarios arranjavam palanques e dispunham tapeçarias como succede em toda a parte, ao passo que os gendarmes e a cavallaria os contemplava n'uma ociosidade beatifica. Ouvi, a distancia, n'aquella noite o riso e as canções ribaldas da multidão, e quando Edward me trouxe o café na manhan seguinte, no dia da festa, não era facil conhecer a praça.

...RECONHECERIA ESTA DAMA?...

Milhares de ridiculas bandeiras fluctuavam á vontade ao sabor de uma brisa ligeira. Havia tribunas por toda a parte; das janellas pendiam colchas escarlates; as varandas resplendeciam de balões e de luminarias. A densa turba movia-se de um para outro lado em busca de sitio mais commodo. Mr. Cavanagh, já prompto, falou-me da procissão e excitou em mim uma certa curiosidade. Confesso, porém, que me esquecera completamente das suas sinistras profecias e observava o espectaculo com aquelle attrahente interesse que raras vezes deixa de despertar. O que me prendia a vista era exactamente a procissão, celebre em todo o mundo; nem o apparecimento no meu quarto do moreno cavalleiro me desviou a attenção de lá.

Vestia irreprehensivelmente, recordo-me, um fraque cinzento e calçava botas de polimento tão lustroso que poderiam servir de espelho para fazer a barba. Pareceu-me trigueiro como na vespera, quando o vira nas meias sombras da minha alcova, e achei-lhe a voz não menos musical e o contacto da mão não menos repulsivo. Vinha, como declarou, pedir um favor e, por consideração para com Mr. Cavanagh, ouvi-o pacientemente.

— O nosso amigo não se encontra muito bem esta manhan — principiou o recemvindo, em admiravel inglez — devemos cuidar d'elle, Mr. Ingersoll. E' essa a nossa obrigação e o nosso privilegio. Estamos ao seu serviço, não é verdade? De aqui em deante trabalharemos os dois por uma causa, aventuro-me a dizer, nobre, a todos os respeitos. Não é isto, não intrepreto bem as suas convicções?

Tirou um cigarro da algibeira emquanto falava e offereceu-me outro da sua cigarreira. Fazia mal contemplar os seus olhos de fuinha, n'um continuo piscar, e que tanto podiam ser indicio de um homem genial como de um doudo. Não me causava medo... como me succedeu ao principio, mas encontrara pouca gente cuja companhia me desagradasse tanto, e por motivos que não era capaz de definir.

— Cavalleiro Blondel — interpellei — encaminhando-me da janella para a cadeira onde se assentava, — que causa é essa, e como posso eu auxilial-a?

Encolheu os hombros de tal modo que quasi tocaram nas suas enormes orelhas.

— Está aqui para coadjuvar o nosso amigo, não é verdade?

Concordei com o asserto.

— Pois não sabe, os seus ouvidos não lhe teem dito nada?...

— Quê! — bradei — isso não é honesto. Tenho ouvido muitas coisas vagas, que não são nada agradaveis. O pae de Mr. Cavanagh foi assassinado em Baku e os incendiarios torturaram sua esposa até que ella enlouquecesse. E verdade ou mentira cavalleiro Blondel?

— Absolutamente verdade—affirmou, ainda menos commovido que se relatasse um desastre da rua.

— E sendo verdade, Mr. Cavanagh deseja que eu o auxilie. Em que o posso auxiliar? Enuncie-o e começaremos a entendernos.

Abanou a cabeça como se significasse: tratar do caso de uma forma muito generica.

— Mr. Ingersoll — espoz tirando um maço de papeis da algibeira e escolhendo de entre elles uma photographia, — reconheceria esta dama se a encontrasse na rua, no theatro ou na egreja? Se passasse por baixo das janellas hoje, distinguil-a-hia e seria capaz de nos prevenir?

Peguei no retrato que me apresentava e contemplei-o como se fôra uma bella pintura. Para mim representava uma simples creança, uma rapariga de escola ahi dos seus dez annos, mas com uns olhos tão maravilhosos que a machina nada lhe tirara do seu brilho. Profundos, n'um rosto meigo e oval, amplamente rasgados, quasi fixos, eram uns olhos que nunca mais fogem da memoria e que nos podem causar a morte. Era esta a minha crença quando os vi pela primeira vez n'essa casa da Praça Verde em Antuerpia. E ainda é hoje a minha convicção inabalavel.

— Conhece o nome d'esta senhora? — inquiriu cahindo n'uma banalidade.

O cavalleiro Blondel riu-se de modo que eu lhe contei quantos dentes havia na sua bocca cavernosa.

— Certamente. E' Paulina Mamavieff, que matou o pae de Mr. Cavanagh em Baku, a mulher a quem procuramos.

Não lhe deixei perceber a minha indifferença por essa historia. Não ha duvida que se convenceu que a intensidade dramatica do caso me impellia a interrogal-o, porque abanou a cabeça e riu-se como se ambos soubessemos algum grande segredo que não deviamos confiar a mais ninguem.

— Que matou o pae de Mr. Cavanagh em Baku — repetiu, repisando cada palavra como se a lingua não tivesse a precisa flexibilidade para a pronunciar. — Eis a razão porque a buscamos, Mr. Ingersoll. E' esse o motivo porque lhe lançaremos a mão se pudermos. Apanhal-a, enforcal-a, fuzilal-a, ou, melhor ainda, entregal-a á policia da sua cidade natal, que tem chicotes e ferros para marcar os criminosos, é o nosso dever. Quer examinar a multidão para ver se a encontra? Com certeza o fará. Não somos amigos do nosso amigo? Principia a trabalhar hoje para elle; não era possivel começarmos mais cedo, não é verdade? Trabalharemos para elle agora e emquanto nos demorarmos aqui. Posso communicar-lhe que o acho excellentemente disposto?

Redargui-lhe que sim, que envidaria todos os esforços para isso. Lançando uma vista de olhos retrospectiva ao que succedera, surprehendia-me o não ter advinhado já qual era a singular missão de que me queria encarregar Mr. Cavanagh. Todavia não me censurava a mim proprio. O palacio dos seus loucos sonhos erguia-se presentemente deante de mim, pedra a pedra. A sua logica fôra dia a dia suggestionando a minha imaginação e obrigara-a a sobrecarregar-se de hypotheses. Em Antuerpia, n'aquella manhan, adquiri o conhecimento de um facto: que elle sahira de Inglaterra na esperança de apanhar uma simples creança que lhe matara o pae nos tumultos de Baku. O facto, e nada mais! No entanto eu devia descobrir uma folha da arvore da sciencia! um grão de areia n'um valle e arido deserto!

— Eu estou perfeitamente disposto a fazer o que Mr. Cavanagh decida — affirmei, — se essa creança na verdade lhe matou o pae...

Blondel interrompeu-me logo, roendo as palavras, como um rato roe uma palha.

— Não resta a menor duvida. Foi vista

por vinte e cinco pessoas, com um revólver, Mr. Ingersoll. Acostumam as raparigas a usar armas, e depois gritam: «Tenham piedade das nossas filhas!» Mademoiselle Paulina Mamavieff é muito habil. Anda atraz d'ella a policia de cinco cidades e escapa-se-lhe por entre os dedos. Talvez não esteja hoje em Antuerpia. E' uma mera suspeita. Ha de haver qualquer accidente quando a procissão desfile...

— Que especie de acidente?

— Oh! não conserve illusões a esse respeito. Cavallos cahidos banhados em sangue, o povo a correr, fumo e barulho por toda a parte. Sim, sim, o senhor tem lido isso tudo; se tal succeder hoje, mademoiselle Mamavieff não andará longe, sabemol-o. Sabemos que seu primo Jorge desembarcou em Antuerpia a noite passada. São francezes, nascidos de paes francezes, no Caucaso, Mr. Ingersoll; o pae esteve vinte annos em Saghalien, a mãe, se não me engano, foi açoutada até morrer por não se deixar cortejar por um general. Não é uma familia sympathica, como vê, pois chegou até este ponto. Mas apanhal-a-hemos; não nos escapará. Não servi o meu amigo Lépine durante quinze annos para nada. Não sabia que eu era policia? Ah! então principiarei por lhe declarar que tenho prestado alguns serviços, acredite.

Palavra, era medonho ouvil-o tagarelar como um macaco zangado e conservar-se tão quedo como as figuras de pedra da cathedral fronteira! Deprehendi do seu arrazoado, que presumia que se désse na faustuosa procissão alguns d'esses loucos e terriveis attentados, vulgares na Europa, n'estes ultimos annos. E insinuava, sem ambages, que a pequena escolar, cujos maravilhosos olhos se tinham fixado em mim ao contemplar o seu retrato, tomaria parte n'elle. Nunca se inventara mais monstruosa fabula. Eu, não acreditava uma palavra do que ouvira, e confessei-lh'o antes de Blondel sahir do meu quarto.

— Conte que farei o que me indicou, não o preciso repetir. Mas parece-me, caro senhor, que labora n'um erro. E' possivel que as suas informações não sejam verdadeiras, que a rapariga não fizesse fogo, e, que então...

Rangia os dentes colerico, quando me respondeu.

— Impossivel Mr. Ingersoll. Confessou-o. Não a tome por uma douda.

— Confessou-o... a quem?

— A mim.

Ergueu-se como se pensasse impressionar-me com a importancia tragica da sua declaração, e, na verdade conseguiu-o. O melhor advogado talvez não encontrasse um argumento para a defender depois d'isso e eu não o tentei. A rapariga confessara o assassinio, nada mais havia a acrescentar. Nem suppliquei piedade para ella, nem a mostrei. O meu interlocutor, convencido da sua criminalidade, observava-me com a auctoridade que tinha direito a exercer, e comprehendi que se os meus olhos a descobrissem e lh'a indicassem seria o ultimo dia da sua liberdade.

Chegara o momento de desfilar a força que precedia a procissão e fomos todos para a varanda que se nos preparara. Havia um toldo que nos guardava do sol, e, com as cadeiras que ali tinham sido collocadas encontravamo-nos tão bem como em qualquer das tribunas armadas para o effeito. Podiamos, notei-o, ver a procissão sem sermos vistos. A prodiga hospitalidade que tornara celebre Mr. Cavanagh enchera o espaço devoluto de garrafas de vinho e de caixas de charutos. Havia uma porção de cadeiras enfileiradas, á frente, e uma verdadeira sebe de flores a encobrir as grades. Percebi que Mr. Cavanagh estava pensativo e inquieto. Mal reparava em mim, mas conversava, de quando em quando, n'um idioma que eu não entendia, com o moreno policia em que depositava toda a confiança. Quando um distante som de corneta annunciou a approximação da procissão, perdeu a côr repentinamente, correu a cortina e mergulhou a vista no ajuntamento com um olhar tão penetrante e observador que nada poderia escapar ao seu exame.

Estas festividades realizam-se no continente com bom gosto e cunho pittoresco e raras vezes o seu apurado sentimento artistico se deixa invadir pelo ridiculo. Assisti a ceremonias no meu paiz — o inglez é aturdido, desastrado; a sua tez, a sua apparencia são tão pesadas como a sua carne —, mas este espectaculo religioso nas ruas de Antuerpia é com certeza um dos melhores do seu genero que tenho visto. Medievo talvez, capuzes e opas sem numero, soldados an-

dando á frente, cavallaria dos lados, frades e freiras, padres e bispos, todas as dignidades clericaes, a municipalidade, os grandes magnates com uma apparencia tão devota que pareciam não ter feito outra coisa toda a sua vida — um agrupamento heterogeneo com especimens de todos os seculos. Tudo isso desfilava lentamente pelas ruas n'uma intensa explosão de côres vivas, radiantes; côres arrancadas ás mais fundas entranhas do sol; um céo e uma terra pintalgadas, intimamente unidas e em apotheose. Nem uma só casa deixava de contribuir com o seu contingente de bandeiras, de colchas de sumptuosas matizes; não existia uma janella que não resplandecesse de ornamentações; era tudo como uma immensa parede revestida de custosas tapeçarias com um cunho antigo e absolutamente dignas da ceremonia. Sobre o aspecto das ruas havia alguma razão de queixa. Muitas mulheres cobriam-se de véos negros; os tons eram mais sombrios, a nota religiosa mais pronunciada. Apesar d'este senão, tornava-se evidente que presenceávamos um acto de devoção, não um divertimento. Essa gente conservava a sua fé; nem os cynicos o poderiam negar.

A procissão era precedida, após os soldados, por algumas centenas de creanças, immaculadamente vestidas de branco que espalhavam rosas pelo caminho. Atraz d'ellas caminhava um religioso com uma enorme bandeira, que symbolisava os céos com o seu glorioso azul. Seguiam-se-lhe varias irmans de caridade empunhando cirios accesos, um turibulario, monjes com capuzes arvorando lampadas com cabos de prata, mais turibularios e acolytos, padres com solidéos, bispos com mitras, uma longa cobra dourada que colleava pelas ruas da cidade até a cathedral, cujas portas estavam escancaradas para a receber. Ouviam-se musicas solemnes, doces e plangentes, ladainhas á moda gregoriana, canticos arrastados como os benedictinos entôam na Italia, sons de trombetas, de cornetins e de trombones. Os tambores rufavam magestosamente; as vozes vibravam em compasso harmonioso como se a melancolia campeasse em plena luz e o firmamento se quizesse occultar d'ella. Esses cantos liturgicos dos frades impressionavam-me muito o espirito; acho-os superiores ás antíphonas anglicanas.

Caminhavam com toda a lentidão, os bons dos padres e clerigos; bem comprehendiam que a pressa e a dignidade raras vezes se dão bem. Para mim a novidade do espectaculo e a attitude do povo valiam mais que todo o resto. Confesso com toda a franqueza que me esqueci completamente n'aquelle momento das recommendações de Blondel e das mal definidas anciedades de Mr. Cavanagh. O que se passava na rua, a reverente uncção da humilissima turba, os reparos dos gracejadores, os pequeninos seres entre a familia e as creadas, os desvellos maternaes agora esquecidos pela devoção, os naturaes cuidados para que as creanças não manchassem os fatos novos, tudo isso, dizia, me absorvia inteiramente.

Quando olhei para cima, chamou-me a attenção um brado de Mr. Cavanagh. Não affirmo se os nossos olhos se encontraram; n'esse instante fui arremessado de encontro á parede como se um furacão me derrubasse e fez-se em volta de mim uma noite escurissima. E' tudo quanto posso narrar da conjuntura. Talvez o terror me tivesse desvairado completamente. Julguei-me no limiar da morte, mutilado, cego, exterminado. Não descrevo o que senti porque não me lembro de nada mais que da impressão de uma estupenda força, de um tufão que passou e das trevas mais absolutas.

Com certeza ninguem assiste a tal tragedia, sem se recordar da phase que se lhe seguiu. De penna na mão, reproduz-se-me o quadro no papel e vejo mais uma vez a Praça Verde surgindo da escuridão para a realidade da luz do sol. Uma caverna vomitando fumo e gritos de agonia; depois as casas acima do pavimento, os toldos, as colxas e as varandas com flores. Em baixo no solo, quando a escura nuvem se dissipou e os vultos do ajuntamento se divisaram, distinguiam-se soldados com vistosos capacetes, hussares e gendarmes, mas nenhuns mortos, como esperava ver, nem qualquer signal de desgraças humanas como plangentes vozes apregoavam.

Appareceram mais tarde, quando a turba recuou, os officiaes se desmontaram e se formaram pequenos grupos. Deparou-se-me então um homem, ferido ou morto, sobre o qual um sargento deitou o capote, e uma creança, que transportada por dois braços fortes, era conduzida por alguem, que soluçava, á proxima casa de um amigo.

O louco attentado praticara-se em plena luz de um dia de verão. O povo é como os animaes medrosos que se humilham ante o estralejar da tempestade. Muitas mulheres tinham desmaiado; as creanças puxavam-lhes pelo fato e admiravam-se que ellas não respondessem. Corriam de um lado para o outro os officiaes a cavallo no cumprimento dos seus deveres, os magnates que desfilavam a pé, damas de corpos rotundos e porte magestoso, anjos e demonios cujas faces tinham sido esbofeteadas pelas chammas da explosão. Ainda ouço agora, quando escrevo, os seus phreneticos gritos. Acudiram retumbantes os bombeiros; desenrolaram as mangueiras e prepararam as bombas. Mas não havia fogo. O proprio fumo desvanecera-se. A parede do restaurante proximo apresentava uma profunda brecha. Qualquer pessoa teria rido se ouvisse dizer que por cima da bandeira da porta fôra arremessada uma bomba.

Comtudo alguma coisa fizera esse destroço. Se eu não raciocinasse ácêrca do assumpto, o observador olhar de Mr. Cavanagh fixado no interior do restaurante, as palavras que trocou com Blondel, d'esta vez em inglez, bastariam para me elucidar. O assassino arremessara a bomba; o engenho batera no ferro do toldo collocado sobre a porta e deflagrara immediatamente, a seis pés da calçada.

Local como é acção d'estes explosivos, todo o damno fôra causado dentro de um circulo de não mais de vinte pés de circumferencia. N'este perimetro, os mortos e feridos cahiram horrivelmente mutilados; em redor agruparam-se os soldados. Do assassino ninguem parecia occupar-se, isto é, ninguem na multidão. Mr. Cavanagh pensava n'elle. A missão da justiça existia, no instante, nas mãos d'esse frio e impassivel homem que estava a meu lado, n'elle e no seu activo e perspicaz ajudante. Nenhum general no campo é mais fleugmatico que Jehan Cavanagh quando disse á Prospero de Blondel, um pouco antes da fumo desapparecer de cima do toldo:

— Dubarrac chegou. Que faziam em Madrid?

— Não o posso explicar, se é obra d'elle.

— Estou convencido d'isso. Esse fumo não lhe demonstra nada? E' de Dubarrac e veiu de Madrid. Que responde?

— Pesquisaram a casa. Foi no terceiro andar e no pequeno quarto da frente, que tem a cama. Não esteve ali a noite passada, nem ás oito d'esta manhan. Mas Dubarrac. . é um milagre!

Não accrescentou mais nada, mas examinou o quarto alludido com o olhar curioso de um homem convencido que se representara ali uma tragedia. Custava-me a acreditar que esperassem este attentado e que andassem atrás do seu auctor. Quando Blondel declarou que a casa já tinha sido rebuscada, pareceu-me que não falava verdade. Rebuscada, e por quem? Não vira ninguem ali entrar desde o medonho instante do estrépito. Talvez houvesse outra entrada. Quem se encontrava lá dentro viera para a rua aos trambolhões como se fugisse a um incendio. Hospedes e creados, mulheres e homens, em balburdia, corriam lamentando-se, supplicando aos soldados que os salvassem. E Blondel falava de buscas. Feitas por quem? Repetia a mim proprio. Devia suppor que os dois fossem os chefes de uma organisação já em actividade nas cidades da Europa? A magnitude da idéa impedia-me acreditar n'ella.

Crer que os agentes de Jehan Cavanagh tinham pesquisado a casa, não se me afigurava natural. Para o suppor só tinha algumas palavras sôltas. E, presentemente, para acabar com quaesquer hypotheses, a policia entrou e depressa foi vista a todas as janellas. E não só na casa avariada, mas ainda na do lado, e tambem na nossa. Ouvi os sabres retinirem na escada, a bulha de pesadas botas a andarem para baixo e para cima; chegaram até a entrar, mas não se demoraram. Blondel apenas disse uma simples palavra ao official que commandava, este fez-lhe a continencia e retirou-se.

Seria por causa do nome de Mr. Cavanagh, ou da primitiva profissão do homem trigueiro? Não o podia dizer então; não sabia n'aquelle tempo que não havia individualidade mais cordealmente recebida em todas as repartições de policia que Prospero Blondel.

Pela nossa parte, não tomávamos parte, pelo menos ostensivamente, nas pesquisas. As poucas palavras trocadas entre Mr. Cavanagh e o seu amigo eram frequentemente incomprehensiveis para um estranho tão excitado como eu. E o seu demorado silencio,

imagina-se bem, uma verdadeira tortura para um rapaz.

Porque não repetiam de novo todas as circumstancias, porque não discutiam o caso alto e bom som, porque não se precipitavam para a rua para observar os estragos feitos e ouvir os commentarios dos soldados? E' facil adivinhar o que é uma creança em frente de uma tragedia. Morte! Que medo inspiras! Como alquebras o espirito! Todas as terriveis visões, todas essas scenas medonhas todas essas perguntas anciosas, onde estavam? Dirigi-me á janella e debrucei-me da varanda. Lá jazia o desventurado, com a cara tapada pelo capote do sargento e que nunca mais tornaria a ver a luz. Passara do goso da existencia para o vacuo tenebroso, para o desconhecido da eternidade. Que experimentara no instante do passamento? Soffrera? Conhecera-o. Que mão o derrubara? Não uma conjectura ou supposição, mas a verdade. Estaria o louco contemplando a sua obra de alguma trapeira?

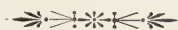
Estes raciocinios aturdiram-me. Quedei-me abstracto no parapeito, contemplando a turba lá em baixo, mas não pensava em nada. Quando ergui o rosto decorreriam muitos minutos antes de eu poder dizer o motivo porque me conservava ali, ou o que é que me fascinava. Porfim consegui emancipar-me e, afastando-me resolutamente, peguei no braço de Blondel e obriguei-o a olhar para um determinado ponto.

— A mulher — exclamei — a tal mademoiselle Mamavieff. Está ali em baixo exactamente por traz de um official de hussares, á esquina. Não a vê Mr. Blondel?

Assestaram ambos os binoculos e demoraram-se muito tempo a examinar aquelle sitio. Blondel, penso eu, fez um signal a alguem que se encontrava defronte, mas não o juraria.

— Oh! não ha duvida que os olhos dos rapazes novos são magnificos! — exclamou porfim. — Mas meus amigos, iamo-nos esquecendo do almoço.

(Continúa.)

Traducção de EDUARDO DE NORONHA.

NOTICIAS DE ULYSSES

PRETENDENTE — *Porque está hoje tão contente, sr.ª Penelope?*
PENELOPE — *E' que recebi agora mesmo um marconigramma de Ulysses. Participa-me que passou a salvamento entre Scylla e Cherybdis.*

CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

JUNHO DE 1808

Dia 21

Estabelece-se em **Bragança** uma junta de governo presidida pelo general Sepulveda, e é para ella transferida toda a administração da provincia de Traz-os-Montes. Chama-se a principio *suprema*, nome que veiu a trocar-se pelo de *provincial*, em razão de se denominar d'aquelle modo a junta do Porto, fundada no dia 19.

Um edital de Sepulveda chama ás armas todos os transmontanos contra o inimigo commum e lembra-lhes o exemplo dado pela Hespanha.

O GENERAL JUNOT

Loison, o detestado e sanguinario general francez conhecido em Portugal pela alcunha de *O Maneta*, tendo sahido, na vespera, de Almeida com 1:800 homens, a fim de ir submetter o Porto, é detido por paisanos armados na estrada de Regoa para Amarante, no sitio dos **Padrões do Teixeira**. Estava o Maneta jantando em Mezão Frio, tendo ficado atraz as bagagens, quando uma ordenança vem participar-lhe que os paisanos da serra disputam a passagem dos Padrões.

— Tencionava dormir aqui, agora mudei de tenção, exclama Loison. A's quatro da tarde vou castigar os rebeldes.

Quando vae continuar a jantar, chega-lhe aviso de que lhe estavam atacando as bagagens, na Regoa. Mettido entre os elevados contrafortes do Marão e a corrente do Douro, Loison abandona, em Mezão Frio, jantar e malas, e corre para as margens do Douro, soffrendo o tiroteio de trinta homens emboscados no logar de Santinho, e sendo por fim corrido á pedra. Os paisanos teem afinal de retirar para as alturas, e os francezes acampam no Olival Escuro.

A proposito d'aquelle desastre, Rodrigo da Fonseca Magalhães, que era então estudante da universidade de Coimbra, fez o seguinte soneto, em que já se evidenceia o espirito satyrico de quem tão notavel se tornou, decorridos annos, na politica e no parlamento portuguez :

«Quiz o fero Loison, esse insolente,
Reduzir Portugal a negro estado;
E apesar do seu braço decepado
Tentou, tentou a empreza infelizmente.

Eis, quatro, ou seis paisanos, tão sómente
Lançam fóra, á pedrada, o vil malvado,
E, vendo então o fato mal parado,
Marchez, marchez! dizia o tal valente :

Raivoso range os dentes, ruge e brama,
Mas debalde, franzindo o rosto feio,
Que diables portugais! furioso exclama.

Ora vejam o tonto aonde veio!
Para guerreiros taes só basta a fama,
Do luso imperio, perennal esteio.»

Juromenha cae em poder das forças do sargento mór Antonio Lobo Infante de Lacerda e de duzentos hespanhoes commandados pelo brigadeiro D. Frederico Moretti.

Tavira proclama a restauração do governo legitimo.

Dia 22

O general Loison, desfeiteado no dia anterior pelos paisanos armados, torna a passar o Douro, encaminha-se para **Lamego** e **Castro Daire,** onde causa grandes estragos.

O **Algarve** fica totalmente limpo de invasores, os quaes retiraram para o Alemtejo.

Dia 23

Ao anoitecer, quando vão começar as festas de S. João, chegam a **Coimbra** alguns voluntarios vindos do Porto e de outras terras do norte e, depois de prenderem diversos soldados francezes que estavam na cidade, percorrem as ruas, acompanhados por muito povo, acclamando com doido enthusiasmo o principe regente.

Dia 24

O movimento iniciado em **Coimbra** no dia anterior é secundado pelos lentes e estudantes da Universidade. Fica eleito governador da cidade o vice-reitor dr. Manuel Paes de Aragão Trigoso.

Beja mostra uma tal animadversão contra uns francezes fugidos do Algarve que iam ali pedir quarteis e viveres, que o commandante da força julga mais prudente retirar, sem que as requisições sejam satisfeitas

Dia 25

Os francezes, que tinham sido obrigados no dia anterior a sahir de **Beja,** juntam-se a outros, tambem chegados do Algarve, que estavam em Mertola, e tomam a cidade, onde praticam muitos roubos e atrocidades.

Em **Torre de Moncorvo**, segundo o que na vespera resolvera o clero e a nobreza da comarca, faz-se um congresso geral dos habitantes, para se estabelecer uma fórma de administração, que, na falta e ausencia dos ministros, promova a união das restantes villas da comarca, onde era grande o odio contra aquelles ministros. O ajuntamento effectuou-se perante a camara e erigiu-se uma junta de segurança e administração publica, composta de um presidente e quatro deputados. Esta junta submetteu-se á do Porto, mas nunca reconheceu a supremacia da de Bragança.

Organisa-se em **Coimbra** um *corpo de voluntarios academicos* em que se alistam não só estudantes mas tambem lentes da Universidade, sendo escolhido para commandante o dr. Tristão Moraes da Costa Silveira, lente de calculo e engenheiro militar. Dividido em seis companhias, abrangia forças de artilharia, cavallaria e caçadores. As suas praças usavam um uniforme especial, por ser a capa e a batina trajo improprio para o serviço de campanha. Na data da organização, já muitos alumnos da Universidade se haviam retirado para as suas terras, por terem feito acto; ainda assim alistam-se muitos academicos impellidos pelo desejo de servirem a patria contra o invasor.

Dia 26

O duque de Abrantes (Junot), n'uma proclamação redigida em francez e em portuguez, incita os habitantes de Portugal a se manterem socegados, para que o rei, que elles pediam com insistencia a Napoleão o Grande e que n'este momento pensa em approximar-se, encontre vassallos fieis e não rebeldes; um reino socegado e cidades florescentes, em vez de ruinas, montões de cinzas e cadaveres. Censura acremente a Inglaterra. Diz que Napoleão faz concessões aos portuguezes e comina a pena de arcabuzamento a todo o individuo que fôr detido com as armas na mão. A povoação que haja tomado as armas contra os francezes, ou fizer fogo sobre estes, será entregue á

pilhagem, inteiramente destruida e passados á espada os seus habitantes.

CARLOS IV, REI DE HESPANHA

Uma expedição de 40 voluntarios, dos quaes 25 são estudantes, sahida na vespera de Coimbra, chega de manhã á **Figueira da Foz** com a missão de tomar o forte de Santa Catharina, que domina a entrada do Mondego, o que dará em resultado poder estabelecer-se communicação com a esquadra britannica que navega perto da costa. O commandante da expedição é o sargento de artilheria Bernardo Antonio Zagallo, estudante da Universidade. Recebida enthusiasticamente em Montemor-o-Velho, Tentugal e outras povoações que atravessa, a expedição que já levava perto de 3:000 homens armados de piques, lanças, fouces e outras armas, entra sem resistencia na Figueira e cerca o forte, intimando a render-se a guarnição composta de cem soldados bem armados, muitos dos quaes são francezes, e commandados pelo tenente de engenheiros Cibrão, official que serve com os invasores. A guarnição faz fogo contra os sitiantes, que nada soffrem porque se deitam a tempo no chão, aconselhados por Zagallo.

E' interceptada por estes a passagem para o Cabedello, ficando isolados os defensores do forte.

Dia 27

Cae em poder dos voluntarios commandados pelo sargento Zagallo o forte de Santa Catharina, na **Figueira da Foz**, ficando prisioneiros bastantes francezes. Iça-se no forte a bandeira e dá-se uma salva, depois do que a expedição regressa a Coimbra.

Dia 28

Organisada em **Coimbra** uma expedição para ir a Pombal e Leiria restabelecer o governo legitimo e aprisionar francezes, parte sob o commando do furriel Victorino de Barros Carvalhaes. Os quinze estudantes que, por ordem do governador, n'ella se encorporaram, foram avisados em segredo, a fim de evitar que outros tambem quizessem marchar, tal era o anceio em que todos estavam de ir combater em defesa da patria.

Dia 30

Chega a **Leiria** a expedição de Victorino Carvalhaes, tendo restabelecido o governo legitimo em Condeixa, Soure, Ega e Pombal. Engrossou tanto que leva já perto de duzentos homens. Os leirienses juntam os seus gritos de enthusiasmo patriotico aos

MANUEL GODOY, PRINCIPE DE PAZ

dos paisanos armados que se espalham pelas ruas da cidade.

Um frade arrabido, que andava no meio dos academicos montado em um macho, de jaqueta branca, espada na mão e pistolas nos coldres, apanha um capote deixado por um dos soldados francezes que tinham fugido pouco antes, atira-o aos ares, dá-lhe mil tratos e deixa-o afinal reduzido a frangalhos, fazendo isto um reboliço tamanho que levou ao auge o enthusiasmo e a alegria do povo.

Tendo ido oito officiaes da corregedoria de Abrantes a **Thomar** com o fim de prenderem um frade franciscano, que tinha criticado um artigo da *Gazeta de Lisboa* favoravel ao governo de Junot, o povo revolta-se e obriga-os a retirarem-se a toda a pressa. Principia depois a soltar vivas ao governo legitimo e morras aos *judeus*, nome por que eram designados os partidarios dos francezes. Os magistrados da villa, a principio, não se intromettem no movimento, por lhe preverem mau resultado, visto que as forças inimigas, que andam perto de Lisboa, podem sobrevir inopinadamente e exercer represalias.

E' restabelecido em **Vizeu** o governo nacional, ficando a parte civil confiada ao bispo e a militar ao general que antes servia de governador das armas da provincia.

JULHO DE 1808

Dia 1

Reunem-se em **Leiria** a camara municipal, a nobreza e o povo e offerecem ao bispo da diocese o governo da cidade. Como o prelado pede escusa de mandar, embora como bom patriota esteja prompto para fazer tudo quanto puder a bem da causa publica, é escolhido outro individuo, que vae logo para Coimbra entender-se com o governador d'esta cidade, emquanto o coronel das milicias e o capitão-mór das ordenanças combinam tudo para a defeza, entendendo-se com os povos de Pombal, Redinha, etc.

O juiz do povo eleito pelos habitantes de **Vizeu** vae ao palacio de Fontello e consegue impôr-se ao bispo, general, corregedor e outras auctoridades que se acham ali reunidas, ficando com mais força que todas ellas reunidas.

Dia 2

O boticario Francisco Cesario Rodrigues Moacho e o negociante Luiz José Xara, tendo alcançado o auxilio da junta de Badajoz, promovem a restauração da praça de **Campo Maior**, que é occupada por tropas hespanholas. Organiza-se a defesa, reparando-se as brechas que havia na muralha, para o que o povo trabalha com a maior dedicação.

Indignados com o saque de que eram victimas desde a vespera, em razão de não ter podido o juiz de **Pederneira** satisfazer uma requisição de viveres para os francezes que guarnecem os fortes da Nazareth, S. Gião e S. Martinho, os povos d'aquella localidade, ajudados pelos academicos e paisanos vindos de Coimbra, etc., sublevam-se e matam dois soldados inimigos, um dos quaes estava de sentinella ao mastro em que se faziam os signaes telegraphicos. Arranja-se alguma polvora, chuços, espingardas, fouces, e os paisanos assim armados dispõem-se a atacar os fortes. As guarnições de S. Gião e a de S. Martinho fogem e vão juntar-se ao exercito do general Thomières, que anda entre Caldas, Obidos e Peniche. Estabelece-se cerco ao forte da Nazareth, que é batido por duas peças trazidas do forte de S. Gião.

N'uma carta pastoral, que deverá ler-se em todas as egrejas do patriarchado de **Lisboa**, os principaes Silva, Castro e o decano que o regiam, lamentam os «exemplos inauditos de crueza e de perfidia recentemente praticados em diversas provincias d'este reino contra as tropas francezas, que pacificamente o occupavam e que o guardam e defendem debaixo da Direcção Sabia e Vigilante de um Chefe guerreiro experimentado e nosso Amigo, que o possue, e o governa em Nome do Grande Imperador, do Invencivel **Napoleam**». Censuram os ecclesiasticos que tomaram parte nos acontecimentos e ameaçam com promptos e temerosos castigos os que se deixarem arrastar a eguaes excessos. Dizem que a doutrina que a pastoral defende é de Jesus Christo e cominam a pena de excommunhão maior e perdimento

de seus cargos e officios aos ecclesiasticos que se afastarem d'aquellas regras, e aconselham-n'os a manterem-se «no Silencio, na Oração, no Retiro e na pratica de todas as Virtudes».

Esqueceu a estes principaes que é virtude o amor á nossa terra natal.

Dia 3

Loison chega de tarde com a divisão do seu commando á **Guarda**, onde na vespera se formara um governo patriotico, presidido pelo bispo da diocese. Como é domingo e dia de feira, as estradas da cidade regorgitam de povo, armado na maior parte. Depois de um rapido reconhecimento, os francezes avançam e começam a praticar mortes e roubos.

D. FREI MANUEL DO CENACULO, ARCEBISPO DE EVORA

Dia 4

E' tomado o forte da **Nazareth** pelos patriotas que o atacavam, e cahem prisioneiros os cincoenta e tantos homens que o guarnecem. Apressa este desenlace um artilheiro portuguez que, tendo desertado do forte, veiu juntar-se aos nossos. Fez tão boas pontarias que a primeira bala arruinou a porta da fortificação, do que resultou ser içada n'esta a bandeira parlamentaria.

(Quando se retiravam, tiveram noticia de que o inimigo retomara Leiria. Embrenhando-se por pinhaes, mattas e silvados, chegaram á Figueira da Foz, depois de uma noite e um dia de trabalhosa marcha. Os prisioneiros acompanharam-n'os e foram d'ali levados para o Porto.)

A villa da **Covilhã**, que se tinha sublevado no dia anterior, seguindo o exemplo da Guarda, prepara-se para celebrar um *Te-Deum*, quando, ás 7 horas da manhã, se divulga a noticia dos attentados que a divisão de Loison praticara n'aquella cidade, e de que não tardará a passar por ali. Organiza-se com grande enthusiasmo a defeza, havendo tumultos, de que por pouco não é victima o irlandez Reynolds e outro estrangeiro. A' tarde passam as forças de Loison a duas leguas da Covilhã, para os lados de Belmonte, do outro lado do Zezere, mas não atacam aquella localidade.

Gregorio Tavares, tenente coronel do 1.º regimento de milicias da comarca, vae arrojadamente observar o inimigo e colhe um extraviado. Vendo isto o franciscano Frei João da Madre de Deus, cheio de emulação exclama: «Pois eu não hei de ir tambem buscar alguns prisioneiros?» Sae acompanhado por outros homens valentes, passam o Zezere e juntos com quatro habitantes de Peraboa vão dar com sete francezes ao pé do logar de Capinha, dos quaes matam um e aprisionam os restantes. (Ganhou tanta fama n'esta guerra como os dominicanos José Joaquim de Ascensão e Antonio Pacheco, cognominados *os frades do habito branco.)*

Dia 5

Os francezes, sob o commando do general Margaron, retomam **Leiria.** Formados em arco, com a artilheria ao centro, vão-se approximando silenciosamente da cidade, caminhando curvados os soldados e com as armas baixas, a fim de não serem vistos. Como se demora muito um parlamentario que mandaram aos defensores da cidade, começam a fazer fogo tanto que o cerco se completa. Ainda lhes é disputado pelas milicias o passo da Portella. Tomado este, os atacantes espalham-se pela cidade e arrabaldes, matando, roubando e perpetrando outros attentados repugnantes. Um paisano que estava de guarda junto ás grades da cadeia foi atravessado á espada pelo general Margaron. Quando os inimigos se dispõem a profanar o convento das freiras de Sant'Anna, apparece á portaria a abbadessa, á frente da communidade, de cruz alçada, e assim lhes impõe respeito.

Depois de praticar innumeros morticinios, os francezes organizam um governo, para a cidade, ficando como corregedor mór o mesmo individuo que no dia 4 tinha publicado pelas ruas uma proclamação patriotica. — O medo sempre foi mau conselheiro em pontos de coherencia politica.

Organiza-se em **Campo Maior** uma junta de governo, presidida por D. Nicolas Moreno de Monroy, official hespanhol que governava a praça e que era muito querido dos habitantes. E' a primeira junta que se creou no Alemtejo.

Dia 8

N'este dia, ou em outro muito proximo, fazem-se de vela de **Olhão** para o Rio de Janeiro, n'um fragil cahique, acompanhados sómente das suas companhas, o mestre Manuel Martins Garrocho e o piloto Manuel de Oliveira, a fim de irem participar ao principe regente a restauração do Algarve. Abalançam-se a este audacioso commettimento apesar da sua pequena instrucção e de não terem pratica de viagens de longo curso.

(Tendo tomado na Madeira um piloto mais pratico, chegaram a salvamento á capital do Brazil, onde foram acolhidos com grande enthusiasmo, recebendo generosa recompensa. Parece que ainda existe no Rio o cahique onde se effectuou esta arriscadissima viagem. O logar de Olhão foi erigido em villa, sob o nome de *Villa de Olhão da Restauração* e recebeu varias concessões, em memoria dos importantes serviços prestados pelo seu povo n'aquella quadra.)

Dia 9

O general francez Margaron chega a **Thomar** com a divisão do seu commando e impõe a contribuição de dez mil cruzados, para ser paga pelos conventos e restante clero.

Dia 11

Grandes tumultos em **Arcos de Val de Vez.** Tendo constado que 20:000 francezes haviam desembarcado em Espozende, os sinos tocam a rebate e junta-se muito povo dos Arcos e aldeias proximas, armado com toda a qualidade de armas e toma pela estrada de Ponte de Lima. Reconhecido o boato como falso, tornam os populares para a villa, mas como lhes dizem que esta se acha entregue á furia dos povos das freguezias do norte, debandam, fugindo uma parte para as montanhas. As gentes de fóra que se apinhavam nas ruas de Arcos de Val de Vez, fazendo grande celeuma, enfurecem-se contra o juiz de fóra, que acaba de ser preso nos montes. Conduzem-n'o á cadeia e antes de o matarem mandam a um clerigo que o vá confessar. E como elle objecta que não tem jurisdicção para administrar aquelle sacramento, os sediciosos respondem:

— Nós lh'a damos!

Entra o ecclesiastico no carcere e aconselha o juiz de fóra a que se finja morto; volta á rua e diz com enfado para o povo:

— Para que me mandastes confessar um homem que já está morto?

Os sinos tocam a defunto e o preso escapa com vida. Os membros da camara são insultados, e queimados os moveis e as portas dos paços do concelho e o archivo. Tambem são incendiadas e saqueadas algumas casas, com o pretexto de se averiguar se está algum francez lá escondido.

Os revoltosos, que são animados por um frade muito intrigante, nomeiam general um frade capucho, depois de depôrem varias auctoridades.

Dia 12

Parte de **Cork**, porto da Irlanda, uma expedição sob o commando de Sir Arthur Wellesley. Parece que o governo britannico, quando pensou em mandar estas tropas á Peninsula, tinha principalmente em vista o apossar-se de Lisboa e soccorrer Cadiz, afim de ter dois portos excellentes por onde os seus exercitos pudessem penetrar em Portugal e Hespanha. A expedição sahida de Cork é da força de 9:000 homens e pode dispôr, se fôr necessario, da divisão de Spencer, na força de 5:000 homens, destinada primitivamente a soccorrer Cadiz. Foi o seu commandante avisado de que seria reforçado com 5:000 homens do general Ackland e 10:000 do general Sir John Moore. Se começar as operações por Portugal, deverá tentar o desembarque junto á foz do Tejo, secundado pela esquadra do almirante Cotton, e esforçar-se para afugentar os francezes de Lisboa e cortar-lhes a retirada para Hespanha, podendo, porém, executar outro plano que se lhe afigure mais proprio para assegurar o bem das duas nações da peninsula hispanica.

UMA VISTA DE EVORA

Dia 15

As tropas do general Thomières, na força de 3:000 homens, entram em **Nazareth**, sujeitando a povoação, de que tinham fugido os habitantes, ao saque e ao incendio. O famoso templo de Nossa Senhora da Nazareth é roubado e profanado, perdendo-se muitas preciosidades. Só deixam de ficar em cinzas quatro das trezentas e tantas casas que havia junto da praia, e não escapa á destruição nem um barco nem uma rêde de pescadores.

Restabelece-se o socego em **Arcos de Val de Vez** com a chegada das tropas de artilheria e infanteria mandadas de Vianna do Castello. Levanta-se uma devassa e fazem-se muitas prisões.

Dia 20

Constitue-se a junta de **Evora**, presidida pelo arcebispo D. Frei Manuel do Cenaculo Villas Boas e pelo general Francisco de Paula Leite, os quaes estavam de accordo com o brigadeiro hespanhol Frederico Moretti, que tomou grande parte na sublevação do Alemtejo. Dos outros membros da junta, tres tinham pertencido á junta de Extremoz, a qual, ainda que por poucos dias, possuira as honras de suprema da provincia. Expede a junta de Evora circulares ás demais do Alemtejo, para que a considerem como suprema.

Sir Arthur Wellesley, commandante da expedição sahida de Cork, é acolhido enthusiasticamente na **Corunha** e tem uma conferencia com a junta de governo, a qual lhe pede que antes de tudo expulse de Portugal os francezes.

Dia 24

Sir Arthur Wellesley avista-se com o bispo do **Porto** e com generaes portuguezes, achando-se a esquadra que traz a expedição deante da foz do Douro. O presidente governador promette-lhe que 5:000

homens de tropas portuguezas irão coadjuvar o exercito britannico, ao passo que outras se occuparão do bloqueio de Almeida e da defeza de Traz os Montes, contra uma possivel invasão de Bessières, que vencera pouco antes em Rio Secco.

Um homem chamado Manoel Antonio, que tinha sido correio e que passava por mentecapto em razão de andar extravagantemente vestido, é encontrado ás 10 horas da manhã, ao pé da egreja de Santos, em **Lisboa,** trajando uma jaqueta branca toda cheia de boccadinhos de fita encarnada. Prendem-n'o e conduzem-n'o a casa do general Delaborde, governador da capital. Fazem-lhe um processo summario e fuzilam-no no Terreiro do Paço, junto da estatua equestre, ás 3 horas da tarde, considerando-o emissario dos insurgentes, e sendo as fitinhas julgadas como insignias revolucionarias.

Dia 26

Sir Arthur Wellesley chega á **emboccadura do Tejo** e conferencía com o almirante Cotton, cuja esquadra estava ali fundeada. D'esta entrevista, e das que elle tivera com as juntas da Corunha e do Porto, resulta que Wellesley assenta as bases do seu plano de campanha. Vae intentar a expulsão dos francezes de Portugal, aproveitando as forças de Spencer e effectuando o desembarque na bahia do Mondego, de onde marchará sobre Lisboa, a fim de apossar-se d'esta cidade e do Tejo.

Dia 29

Evora é atacada pelas forças de Loison. Estava defendida por 700 portuguezes, quasi todos de tropa irregular, e 1:770 hespanhoes. Das 7 para as 8 horas da manhã as vedetas dão parte de que se avista o inimigo. Os defensores postam-se a um quarto de legua da cidade, segundo o plano do general Francisco de Paula Leite. Rompe o fogo ás 11 da manhã e dura uma hora. Os francezes atacam em tres columnas. A cavallaria da defeza conserva-se inactiva, na retaguarda, e afinal retira. O regimento de *Maria Luiza,* da cavallaria hespanhola, debanda tão vergonhosamente, sem haver combatido, que os portuguezes lhe ficam desde então chamando o regimento da *Maria Foge.*

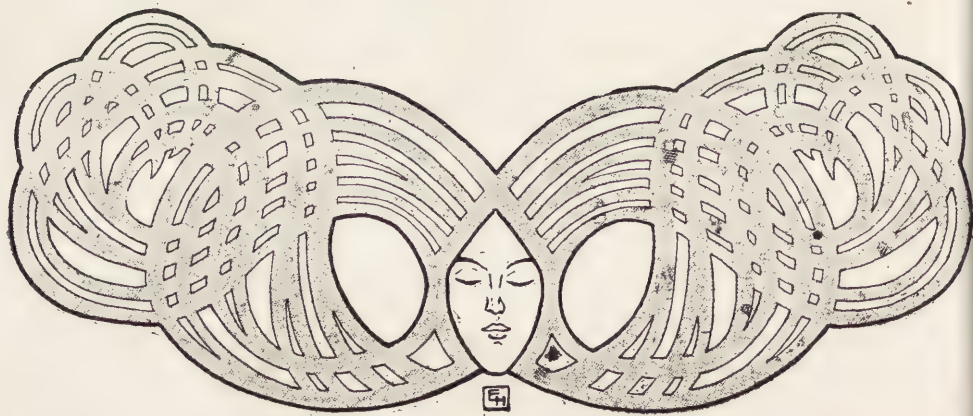
RETRATO DE WELLINGTON

Desenho de Pellegrini, gravura de Baltolozzi

Tomam os inimigos a nossa posição da direita, e os defensores retiram, conseguindo os artilheiros do 3 salvar duas peças. O arcebispo D. Frei Manuel de Cenaculo Villas Boas, a quem um official hespanhol vae dizer que sem demora cuide em salvar a vida, responde-lhe serenamente que trate de salvar a sua, sem cuidar nos poucos e inuteis dias que a elle, prelado, podem restar. Os atacantes, depois de perderem alguns dos seus, que os defensores postados nas muralhas lhes matam, entram em Evora, tendo-a envolvido primeiramente com um cordão de cavallaria, para que ninguem possa fugir. No interior da cidade alemtejana vae um panico medonho. Uns tentam precipitar-se das muralhas, outros refugiam-se nas egrejas. Travam-se combates encarniçados nas ruas, sustentados da parte da defesa pela legião de voluntarios estrangeiros. A's 4 horas da tarde Loison manda tocar *á degola*. As barbaridades que então se praticam lembram as dos hunos acaudilhados por Attila, o famigerado *Flagelo de Deus*. Assassinios, violações, saques preenchem as horas sem fim que decorrem até ás onze e meia da manhã seguinte. Na Sé agglomeram-se homens, mulheres, creanças, em choros e gritos clamorosos. Os assaltantes apontam para lá duas peças de artilheria. Vae ser uma hecatombe terrivel. N'isto o venerando arcebispo sae do templo e avança gravemente para o inimigo. Loison injuria-o a principio, mas é soldado e aquelle acto de heroismo cala-lhe no animo. Serena um pouco e promette mandar pôr termo ás atrocidades, que sem embargo continuam.

Dia 30

Loison, depois do saque e dos morticinios de **Evora**, nomeia um corregedor e um juiz de fóra para a cidade, a fim de substituirem os ministros que occupavam estes cargos e que se tinham ausentado, e estabelece uma junta para ficar governando sob o dominio francez, dando-lhe como presidente o arcebispo D. Frei Manuel do Cenaculo.

M. A.

O cavallinho de pedra

Ha seculos uns rachadores fizeram umas choupanasinhas na orla do bosque onde trabalhavam, e lá ficaram vivendo com as mulheres e os filhos a quem ensinavam a crêr nas fadas e nos duendes, que n'aquelle tempo enxameavam no meio do arvoredo basto e cerrado, e que, sempre dispostos a ajudar os mortaes que n'elles acreditassem, não se cançavam de fazer pirraças aos que lhes negassem a existencia.

Ora n'um inverno muito frio morreu um dos taes rachadores e deixou á mulher e ao seu unico filho a choupana muito pobre, e os moveis, mais pobres ainda, que lá havia dentro e que elle tinha feito, por ser muito habilidoso, com madeira das arvores que cortava para lenha.

A viuva, coitada, chorou muito pelo marido, e disse mal á sua vida, porque via as faltas que ia passar com o filho, não esperando que os visinhos, tão pobres como ella, pudessem ajudal-os.

O pequenito chamava-se Diniz, e embora nunca tivesse visto nenhuma fada, gostava muito d'ellas, porque o pae o tinha aconselhado a isto bastantes vezes, e as fadas tambem gostavam muito do Diniz e tinham os maiores desejos de a ajudarem.

N'uma tarde dos fins do outono, o pequeno foi ao bosque apanhar castanhas, e cavacos para queimar durante o inverno. Era já tarde quando voltou para casa, porque as fadas o tinham levado aos sitios onde havia cahidas pelo chão castanhas maiores e mais gostosas. Ao mesmo tempo os duendes tinham partido muitos ramos seccos das arvores, de modo que o Diniz não encontrou difficuldade em arranjar uma grande carga, que o ajoujava e por isso o obrigou a andar muito devagarinho.

Quando vinha justamente a sahir do bosque, deu com os olhos n'uma pedrinha alva de neve. Levantou-a e pareceu-lhe que ella tinha o feitio de um cavallinho branco.

A mãe de Diniz coseu para a ceia uma mão-cheia de castanhas e fez umas sopas de leite. Emquanto a viuva estava tratando da comida, o filho

não se cançou de olhar para a pedrinha, e quanto mais olhava mais a achava parecida com um cavallo. Guardou-a na algibeira e papou a ceia. Só quando se ia metter na cama tornou a pensar na pedra. E' que sentiu uma coisa dura e pesada na algibeira, na occasião de despir o casaco. Tirou-a para fóra e viu com espanto que a pedrinha se tornara n'um cavallinho branco, que abanava muito a cabeça e mexia as pernas muito depressa como se quizesse correr. Se não fosse tão pequenino, todos o haviam de julgar um cavallo verdadeiro.

E o Diniz disse para elle:

— Vê se estás quietinho n'essa cadeira, porque tenho muito somno. A'manhã poderás crescer mais, se te appetecer.

Ao dizer estas palavras, o Diniz teve um grande abrimento de bocca, fechou os olhos e adormeceu.

Por volta de meia noite, acordou com um barulho que faziam no soalho, perto d'elle. Sentou-se na cama e á claridade da lua, que entrava pela janella, viu a andar pelo quarto um lindo cavallo branco, já tamanho que mal cabia entre aquellas quatro paredes.

Apenas o cavallo viu que o pequeno estava acordado, disse-lhe:

— Salta para cima de mim e vamos já por esses campos fóra!

O Diniz poz-se em pé sobre a cama e deu um salto para as costas do cavallo, que tratou logo de sahir da choupana, passando pela cozinha onde dormia a mãe do pequeno, porque a casa tinha muito poucos commodos. Apesar do barulho que o cavallo fez no chão com as ferraduras, a viuva não acordou.

Os campos estavam banhados pelo luar, e parecia fugirem para traz das costas do cavalleiro, tal era a corrida em que o cavallo branco o levava por montes e valles.

Afinal entraram n'um pinhal de arvores muito cerradas e de troncos altos e esguios. Quando chegou ao meio da matta, tão escura que mettia medo, viu ao longe umas luzes. Caminhou para ellas o cavallinho branco, atravez de uma grande clareira. D'ali a pouco apparecia um bonito castello, que tinha as janellas todas illuminadas e que parecia em festa, porque vinha de lá o som da musica e da vozearia de muita gente.

O cavallo branco parou á porta do castello, que logo se abriu de par em par, vindo dar as boas vindas ao Diniz muitos cavalleiros vestidos com brilhantes armaduras. Tiraram-no de cima do cavallo e levaram-no até á sala principal, onde estava uma grande mesa posta ricamente e carregada de pratos com os mais finos manjares e de garrafas cheias de vinhos velhos e preciosissimos. Todos o cavalleiros se sentaram á mesa, tendo offerecido primeiramente logar ao Diniz, que estava espantado com tudo o que via deante de si, mas que assim mesmo comeu e bebeu á farta de tudo o que lhe offereceram.

Depois do banquete, os cavalleiros formaram grupos e fizeram exercicios com espadas e lanças, mostrando todos ser optimos jogadores quer para atacar como para defender.

Um dos cavalleiros deu ao Diniz uma espada curta e ensinou-o a servir-se d'ella, e outro exercitou-o na esgrima de lança, de modo que a noite passou rapidamente.

Quando raiou a madrugada, o cavallo branco foi ter com o Diniz, que logo saltou para cima d'elle, tendo antes deixado as armas e a linda armadura, e abalaram pela porta fóra, a caminho de casa.

O Diniz começou logo a sentir muito somno, embora não tivesse tido um instante de fadiga emquanto estava no castello, e quando chegou ao pé da casa da mãe já ia quasi a dormir. Passou pela cozinha, onde a viuva continuava pegada no somno, e cahiu de cima do cavallo branco para a cama.

Quando abriu os olhos, o sol já ia alto.

— Levanta-te, Diniz, disse-lhe a mãe, e vae buscar uma cantara de agua.

Elle ergueu-se para cumprir a ordem e viu ao pé da cabeceira a pedrinha branca, que não tinha o feitio de um cavallo.

— Foi tudo um sonho, disse o rapaz comsigo mesmo, e muito triste da sua vida, tratou de ir buscar a agua, tendo antes mettido a pedrinha na algibeira.

Pelo dia adeante foi outra vez para o bosque, e olhou para a pedrinha umas poucas de vezes sem nunca lhe notar differença.

— Foi um sonho, foi um sonho! repetia elle, quando á tardinha voltava para casa.

Já quasi ao pé da porta, olhou mais uma vez para a pedrinha e ficou de bocca aberta vendo-a mais parecida com um cavallo do que na vespera, quando a tinha encontrado.

E na occasião em que ia para a cama ficou certo de que era effectivamente um cavallinho branco e não uma pedra.

Succederam depois as mesmas coisas do que no dia anterior. Ao bater a meia noite, saltou para cima do cavallo e foi para o castello a grande galope. Sentou-se á mesa do banquete com os cavalleiros, exercitou-se depois com espada e lança, para aprender o que todo o valente deve saber muito bem, e de madrugada voltou para casa perdido de somno.

Noites e noites aconteceu isto mesmo sem tirar nem pôr, e o Diniz foi-se tornando o rapaz mais forte e agil d'aquellas cercanias. A mãe admirou-se por estar o filho tão robusto, alimentando-se apenas com a fraquissima comida que ella cozinhava, e os amigos tambem se espantavam de o ver tão desembaraçado em todos os exercicios, mas ninguem suspeitava coisa nenhuma a respeito do cavallo de pedra, dos cavalleiros nem do castello do bosque.

Uma noite, já o Diniz tinha dezeseis annos, quando estava para ir fazer a caminhada do costume, o cavallo branco disse-lhe :

— A'manhã tens de dizer a tua mãe que vamos pelo mundo tentar fortuna. Ella ha de querer tirar-te isso da cabeça, mas tu deves convencel-a a deixar-te ir, porque se fôres valente e fizeres o que eu te aconselhar, chegarás a ser muito rico e poderoso, e manterás tua mãe no meio do luxo e da abundancia. Has de livrar os cavalleiros e a mim tambem do encantamento

VIU UMA RAPARIGUITA
A MAIS LINDA
QUE DAR SE PODE

que nos arranjou um magico perverso, e obterás para esposa a princeza mais linda de quantas ha no mundo.

O Diniz ficou muito contente ao ouvir estas palavras e prometteu fazer quanto lhe aconselhasse o cavallo branco.

No dia seguinte disse á mãe que tinha de ir correr mundo a procurar fortuna. A viuva chorou muito e pediu-lhe que não a deixasse, mas o rapaz respondeu-lhe que tinha de ir, e prometteu-lhe mandal-a buscar logo que pudesse. A' noite voltou ao castello do bosque e viu os cavalleiros muito tristes porque já sabiam que elle se ia embora. Deram-lhe uma armadura completa muito bonita e reluzente, uma espada comprida e muito cortante, uma lança, e puzeram no cavallo um arreio forrado de velludo carmezim e bordado a prata. A' despedida, disseram-lhe que se al guma vez elle precisasse de auxilio, não tinha mais que ordenar ao cavallo branco que voltasse para traz, pois logo lhe acudiriam.

O Diniz agradeceu-lhes muito e partiu no proprio instante em que o sol começava a atirar sobre a terra as suas setas de ouro. Caminhou todo aquelle dia, e, quando á tarde o sol se escondeu atraz do mundo para descançar, o cavalleiro e o cavallo descançaram tambem, para no dia seguinte continuarem a jornada logo que o sol se tornasse a levantar.

Dois annos andou o Diniz assim jornadeando e correndo muitas aventuras de que sempre se sahiu bem. Ao cabo d'este tempo, chegaram á mais bella cidade de quantas até ali tinham visto. As casas e os palacios eram todos de marmore branco, e em redor d'elles cresciam flores muito lindas, que espalhavam no ar um delicioso aroma. Fóra da cidade estendiam-se vastas campinas, onde as searas côr de ouro ondulavam ao sopro da viração. Arvores copadas cresciam aqui e ali, de ramos pendentes ao peso dos grandes fructos, e mais longe surgiam grandes bosques, envoltos nos seus mantos de esmeralda.

Não haveria nada mais encantador, se no meio de tantos esplendores apparecessem creaturas vivas. Mas por mais que o Diniz esquadrinhasse com a vista a cidade e os campos, não lobrigou nenhuma. Ao pé da estrada, sobre a relva, viu cahida uma boneca, mas nenhuma creança vinha brincar com ella. Os rios corriam povoados de peixes, mas nem um só pescador estacionava na margem. Não andavam mães passeando com os seus filhinhos no meio d'aquelle ambiente perfumado, nem um unico vivente erguia a voz para quebrar o silencio que envolvia a natureza.

O Diniz apeou-se, deu busca a todas as casas mas não encontrou viv'alma. Não sabendo como explicar um tal mysterio, já ia para afastar-se d'ali, quando alguma coisa lhe chamou a attenção entre as arvores de um bosque.

Avançou para lá immediatamente e á porta de uma choupanasinha construida no meio das arvores viu uma rapariguita, o mais linda que dar se pode! As faces eram da côr das rosas do campo, e os olhos azues escuros lembravam o céo em noites limpidas e estrelladas. Tinha um vestido branco muito simples e estava descalça, mas o Diniz, vendo-lhe os pésinhos delicados, ficou certo de que os proprios cardos e as pedras dos caminhos se desviariam para não magoar aquella carne tão rosada e macia.

(Conclue no proximo numero.)

Influencia do automobilismo

ANTES DOS TEMPOS DO AUTOMOVEL

—Que desgraça! Cahiu a ponte! Depressa! Tratemos de deter o comboio e evitar uma perda formidavel de vidas!

PALAVRAS DE UM AUTOMOBILISTA

— Estamos com sorte! A ponte abateu, e deve haver uma catastrophe de primeira ordem quando o comboio chegar. D'aqui podemos ver tudo.

Grandes topicos

A Revolução na Persia

No nosso ultimo numero expuzemos detalhadamente a situação em que se encontrava a Persia: a revolução latente e o schah em fuga, mas, apesar d'isso, enviando para Teheran, sucessivas ordens de repressão. Não calculavamos, nem decerto ninguem calculou, que as coisas tomassem o pavoroso aspecto que a breve trecho assumiram.

No dia 23 de junho appareceu junto do palacio do parlamento, um destacamento de cossacos, cujo chefe, por ordem do schah, pediu a entrega de varios constitucionaes ali refugiados. O presidente recusou-se terminantemente a isso, em vista do que os cossacos declararam que iam dar um assalto ao palacio.

Então todos os deputados resolveram jogar a vida na defeza das suas immunidades. E, correndo ás portas e ás janellas, fizeram frente, a tiro, aos assaltantes. A breve trecho, a lucta transformava-se n'uma verdadeira batalha. E como os cossacos, n'um dado momento, fraquejassem, foram em seu auxilio novas forças, com algumas peças de artilharia, que em breve começaram a vomitar metralha sobre o parlamento.

Horas depois, o palacio estava reduzido a um montão de ruinas e quasi todos os seus defensores mortos. Os que cairam com vida nas mãos dos seus inimigos, foram por elles submettidos ás mais horriveis torturas, chegando um a ser esquartejado, a pouco e pouco, até soltar o ultimo suspiro!

A isto seguiu-se uma verdadeira revolução na cidade, que, é claro, terminou horas depois, pela victoria da força armada.

O AUGMENTO DA ESQUADRA

ALLEMANHA *(á Italia e Austria) — Olhem para isto!*
ALLIADOS — *Magnifico! Mas quem paga essa droga?*
ALLEMANHA — *Não lhes dê cuidado! Faço tudo isto a credito.*

Do «*Wabre Jacob*»

Immediatamente, o schah reconduziu nos seus antigos postos os altos funccionarios reaccionarios que, por imposição dos liberaes, haviam sido demittidos e exilados ha tempos. Voltou-se assim ao regimen autocratico.

Entretanto, na provincia estalou uma formidavel revolução que, á data em que escrevemos, dura ainda e parece mesmo ter elementos para triumphar.

Como quer que seja, isso prova que os persas não se resignam facilmente a voltar ao regimen absoluto, tanto do agrado do novo schah.

Os dois sultões

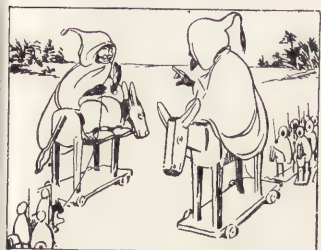
A causa de Abdel-Aziz parece decididamente perdida. Seu irmão, o «sultão do sul», como ultimamente lhe chamava a imprensa europeia, pelo facto de elle dominar em todo o sul do imperio, passou já a ser tambem sultão do norte, pois que, depois de sucessivas victorias sobre as tropas leaes que, de resto, pouca resistencia lhe oppunham, acabou por entrar triumphalmente em Fez e fazer-se ahi proclamar imperador. Immediatamente, todas as kabilas dos arredores começaram a prestar-lhe vasalagem e, diga-se de passagem, os governos europeus a olhal-o com mais consideração.

Que resta agora a Abdel-Aziz? Depois de longas hesitações, o pobre sultão, já virtualmente desthronado, pensou em inutilisar a obra do irmão, marchando sobre Marrakech que foi a cidade que primeiro o proclamou imperador. Succede, porém, que as tropas de que dispõe para isso são já muito reduzidas, e todos os dias mehallas suas desertam, passando-se com armas e bagagens para o inimigo.

MANOBRAS DE PAZ
Do «*Daily Chronicle*»

E' de esperar, portanto, que muito em breve as potencias se vejam obrigadas a reconhecer Muley Hafid como sultão de Marrocos.

As Republicas americanas — A verdadeira endemia revolucionaria que sempre tem lavrado nas Republicas da America Central, parece ter agora contagiado outros paizes do continente.

Com efeito, á distancia de quinze dias, mais duas revoluções estalaram—uma no Mexico, outra no Paraguay. A primeira, não nos dizem os telegrammas que caracter tivesse, ou antes, tenha, porque, segundo parece, ainda dura. Sabe-se apenas que os revolucionarios eram em grande numero e que inflingiram ás tropas leaes mais de uma derrota, vendo-se o governo mexicano obrigado a pedir ao dos Estados Unidos, que impeça a violação da neutralidade do seu territorio, pois a insurreição estalou primeiramente na região fronteiriça.

OS DOIS SULTÕES

«*Vamos fingir uma batalha ?*»
«*Em brincadeira não me diverte nada!*»
«*Nem a mim; mas diverte os francezes!*»

Do «*Pasquino*»

A segunda revolução—a do Paraguay—foi mais importante. Tendo o seu inicio na capital e, ao mesmo tempo, em varios pontos da provincia, tomou a breve trecho um tão grande incremento que em poucos dias as tropas governamentaes foram batidas em toda a linha. Finalmente, no dia 5 de julho, o presidente Ferreira e os ministros, reconhecendo a impossibilidade de continuarem a lucta, deram a sua demissão, refugiando-se na legação do Brazil, em seguida ao que se constituiu em Asuncion o governo provisorio, que proclamou presidente da Republica, o sr. Emiliano Gonzalez Navero.

A ENTREVISTA DE EDUARDO E NICOLAU

NICOLAU — *A minha nova camara põe-me na espinha.*
EDUARDO — *Faze como eu; arranja duas camaras. Quanto mais palram, menos apoquentam a gente.*

Do «*Pasquino*»

A presidencia dos Estados Unidos — Aproximando-se a data da eleição para a presidencia dos Estados Unidos, os dois partidos que superintendem na politica da grande republica designaram já os candidatos que vão apresentar ao sufragio dos eleitores.

Foi primeiro o partido republicano que, em 19 de junho, escolheu para esse fim o sr. Taft, ex-ministro da guerra e ardente partidario da politica e da orientação seguidas pelo actual presidente. Foi depois o partido democrata que, na reunião realisada em Denver, indicou o nome do seu candidato Bryan, rival de Mac-Kinley e de Roosevelt nas ultimas trez eleições.

AMOR PRIMAVERIL

Qual d'elles vencerá? E' ainda cêdo para o predizer. Mas não ha duvida de que todas as probabilidades incidem a favor do primeiro. Com efeito, o sr. Taft, candidato imposto ao partido republicano pelo actual presidente, é o *alter ego* de Roosevelt, e como a politica d'este tenha sido calorosamente aplaudida pela maioria da opinião publica, que até queria elegel-o pela terceira vez, não póde haver duvidas de que os sufragios d'essa maioria irão todos para aquelle. Resta apenas saber se a força eleitoral do partido democrata não terá acrescido por fórma a poder inflingir uma derrota no partido republicano.

OUTROS TEMPOS — A NOVA INVASÃO

ESPECTRO DE NAPOLEÃO *(nas arribas de Boulogne)* — *O Presidente francez dezembarcado em Inglaterra! Pelo que vejo, mudaram as cousas do meu tempo para cá.*

Da «*Westminster Gazette*»

Vida na sciencia e na industria

TRABALHOS DE ALARGAMENTO NO CANAL DE SUEZ

Alargamento do canal de Suez

Em virtude das dimensões crescentes dos navios e do acrescimo do trafico, desde 1886 que se profunda o canal. As obras, que a Companhia actualmente intenta para o alargamento, são momentosas, destinando-se-lhe a quantia de 2 milhões de libras. A via fluida é alargada uns 16 a 17 metros, até á distancia de 50 milhas de Suez. A curva ao norte da estação do Lago Timsah augmenta na extensão cerca de 890 metros, e a via atravez do lago alarga-se tambem uns 320 metros. As desembocaduras no Grande Lago Salgado alargam-se 110 metros. Trata-se, para este ultimo trabalho, de remover por mão d'obra indigena, a rocha e a areia, formando a margem até á largura requerida ao nivel da agua, e n'este ponto entram em serviço as poderosas dragas e quebra-rochas. Estes barcos mettem as prôas pela margem, e o machinismo de excavação abre caminho pela terra, descarregando-a quer em barcaças a elles atracadas, quer em tubos que levam o entulho aos pontos convenientes. Onde as dragas ordinarias não podem trabalhar, usam-se as dragas de rocha, e o martelar constante dos pulverisadores de ferro desagrega a rocha que é então removida em barcaças.

Calcula-se que esta obra em breve esteja terminada, para prover ao augmento do trafico universal.

A cura pela agua do mar

A descoberta do medico francez René Quinton, confirmou a asserção de que os antigos sabiam mais de medicina do que os mais habeis entre os medicos modernos. A maior parte das mais graves enfermidades podem, no dizer de Mr. Quinton, curar-se rapidamente com simples injecções de agua do mar ordinaria no sangue. Revertendo meramente a Hippocrates e Plinio, o illustre sabio francez está hoje curando doenças até hoje consideradas incuraveis. Paris tem actualmente dois dispensarios onde se ministram picadas de agua do mar. Quasi todas as molestias de pelle, achaques infantis, e varias fórmas de consumpção se prestam ao tratamento. O *plasma de Quinton,* como lhe chamam, é simplesmente agua do mar pura, colhida em Arcachon á profundidade de 13 a 14 metros, onde a agua é absolutamente limpida. Mas, embora livre de sedimentos e de materias organicas, é esterilisada e usada em injecções hypodermicas. Em abril do anno passado fizeram-se 268 injecções. Em 15 por cento dos casos a cura seguiu-se immediatamente á primeira injecção; em 70 por cento seguiu-se á sexta injecção. Cura-se facilmente assim a gastro-enterite, que arrebata cêrca de 70.000 creanças por anno. Creanças admittidas no dispensario da rua d'Ouessant nos ultimos periodos da tisica, melhoraram logo depois da primeira injecção. Um ente humano, diz Mr. Quinton, é um verdadeiro aquario maritimo, e a quarta parte do seu peso total consiste em sôro de sangue que não é essencialmente mais do que a agua do mar, em que viviam seus antepassados, as moneras e amebeas.

Automoveis militares

O ministerio da guerra allemão vai crear um corpo especial de officiaes automobilistas de reserva, que terão como subordinados, além de officiaes inferiores, pessoal que tenha servido no destacamento de automoveis das tropas de communicações como *chauffeurs* ou mechanicos. E' provavel que o resto da Europa imite um melhoramento tão racional.

Novo emprego dos raios X

Introduziu-se nas escolas americanas, um novo methodo de determinar o desenvolvimento intellectual das creanças. Tiram-se photographias roentgenianas das mãos das creanças, e do desenvolvimento dos ossos determina-se a nutrição do systema e o

OSSOS DE MÃO DE ADULTO E DE MÃO DE CREANÇA, COMPARADOS

desonvolvimento geral do corpo. Assim se verifica se acaso a creança tem a edade que aparenta, e fica o mestre sabendo se a deve collocar na classe elementar ou n'uma mais adeantada. O factor determinante é o desenvolvimento dos ossos do pulso.

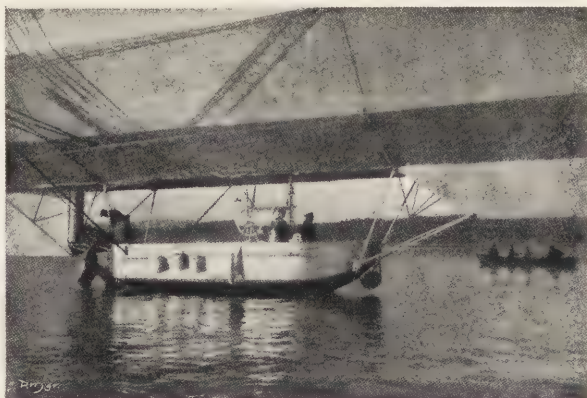
Aeroplano Wright — A machina Wright, sobre a qual se tem feito tamanho mysterio, experimentou-se com bellissimo resultado na Carolina do Norte. Attingiu-se uma notavel velocidade com um pequeno motor de 30 cavallos, avaliada em 45 a 48 milhas por hora. Antes d'isso tinham os irmãos Wilbur e Orville Wright permanecido no ar, percorrendo distancias de 18, 24 e 32 milhas, e no ultimo vôo haviam tentado permanecer durante uma hora e vinte minutos, mas o movimento errado de uma alavanca precipitou a machina para o solo, damnificando-a ligeiramente. O aviator, com mais um companheiro, vae sentado a meio do plano inferior; em frente d'elle ha uma alavanca com que elle actua sobre o leme vertical. Com outra alavanca torce os planos para o auxiliarem no governo. A' frente da machina fica o leme horizontal, e na retaguarda o vertical.

AEROPLANO WRIGHT

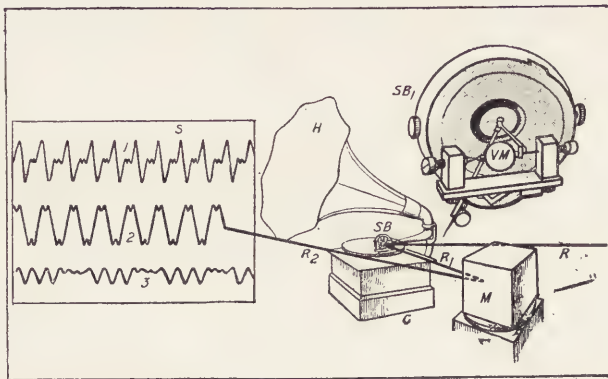
Mulheres no antigo Egypto — Um papyrus com mais de 2:000 annos de edade, ha pouco adquirido por um museu estrangeiro, reconheceu-se de excepcional importancia, por determinar a data do reinado de um Pharaó até hoje desconhecido e por esclarecer a condição da mulher no quarto seculo A. C. O nome do escriptor que assigna o papyrus encontra-se n'outro documento da Universidade de Strasburgo, o qual tem uma data definida; por conseguinte a sua referencia ao Pharaó Kahabbasha colloca o reinado d'este no anno 341 A. C. Confirma tambem a informação do historiador grego Diodoro, do seculo I A. C., o qual affirma que as mulheres eram mais importantes na escala social do Egypto do que os homens, e que eram ellas quem determinavam as clausulas do casamento. Nunca se tinha encontrado corroboração para esta noticia de Diodoro.

Por esta forma se vae alargando colossalmente a historia do antigo Egypto.

Aeronave Zeppelin — A nova aeronave do conde Zeppelin fez uma experiencia com excellentes resultados em fins de junho no lago de Constança. Partiu do abrigo em Friedrichshaven, ergueu-se á altura de mais de 100 metros e executou com perfeição uma serie de evoluções sobre a superficie do lago, percorrendo durante 45 minutos e navegando com a velocidade de 28 milhas por hora. Iam a bordo quinze passageiros, incluindo o inventor, distribuidos pelos dois carros anterior e posterior e pela cabina confortavelmente mobilada a meio. O leviathan tem uns 150 metros de comprido e uns 14 de diametro, e consiste n'um casco de aluminio, dividido em dezeseis compartimentos estanques. E' provido de seis enormes propulsores, movidos por tres motores Daimler de 140 cavallos cada um. Com ella espera o conde Zeppelin ganhar o premio offerecido pelo governo allemão para o primeiro balão dirigivel que execute um vôo de 24 horas.

Dias depois, o rei e a rainha de Wurtemberg fizeram uma ascensão na aeronave, cujo papel no futuro promette ser importantissimo para fins estrategicos. O imperador Guilherme dirigiu ao conde Zeppelin um telegramma de congratulação, classificando o vôo de 12 horas executado pela aeronave como «uma façanha nacional».

AERONAVE ZEPPELIN

A visão das ondas sonoras

Uma recente invenção de Mr. G. Bowron constitue um interessante accessorio ao gramophone ou phonographo. Consta de um pequeno espelho vidrado, com um machinismo proprio ligado á caixa do gramophone, sendo a sua funcção especial visualisar as ondas sonoras produzidas como resultado dos movimentos do estylete sobre o disco. Quando de uma lanterna projectora cae um raio de luz sobre o espelho, é reflectido sobre uma caixa rotativa de espelhos, de quatro faces. Ahi muda novamente de direcção, cahindo sobre uma superficie branca, onde apparece uma curva luminosa amplificada, a qual reproduz os sons instrumentaes pela maneira que se observa no canto esquerdo do nosso diagramma (S). Esta invenção pode ter resultados importantissimos para a sciencia. No diagramma mostra-se o resultado obtido pelas vozes de Luiza Tetrazzini, considerada actualmente, como se sabe, a maior cantora do mundo, do celebre tenor Caruso e da eminente *diva* Melba.

COMO SE VÊ A VOZ DOS CANTORES

G, Gramophone. — M, Espelho gyratorio de quatro faces. — S, Alvo onde se recebe o registo das ondas senoras. — H, Trompa do gramophone. — R, Raio da lanterna projectada sobre o espelho vibrador. — R_1, O mesmo raio reflectido no espelho gyratorio. — R_2, O mesmo raio reflectido no alvo e dando o registo. — S B, Vista detalhada do corpo sonoro do gramophone e apparelho de registo. — V M, Espelho vibrador onde se recebe o raio. — 1. Trinado de Tetrazzini na Polonaise de «Mignon». — 2, Registo da parte do «Spirito gentile» por Caruso. — 3, Voz de Melba no «Adeus» de Tosti.

Vida na arte

VARIAS TENTATIVAS DE RECONSTITUIÇAO DE VENUS DE MILO

O problema de Venus de Milo

Uma estatueta de Venus descoberta em Menemvasia serviu para levantar de novo a estafada questão sobre a posição dos braços da Venus de Milo. Lembra o conservador do Museu Nacional de Athenas, que a estatueta pode ser uma copia da famosa estatua existente no Louvre, a qual, como se sabe, foi descoberta em principios do seculo XIX na ilha de Melos. A estatueta mostra uma das mãos empunhando um espelho, e a outra segurando as roupas. Em gravura apresentanos varias das soluções propostas por differentes artistas modernos.

Resenha portugueza

CONSELHEIRO ARROYO

TRIBUNA PARLAMENTAR

Oradores da actual legislatura. — Entre os oradores que nos mezes de junho e julho mais se distinguiram pela eloquencia dos discursos nas duas casas do Parlamento, cumpre-nos mencionar o actual chefe do partido regenerador, conselheiro Julio de Vilhena, notavel pela solidez e vigor da sua argumentação; o conselheiro João Arroyo, porventura a mais brilhante voz da tribuna parlamentar portugueza na actualidade; o conselheiro José Maria de Alpoim, chefe dos dissidentes, cuja palavra suggestiva e vibrante é uma das mais poderosas armas da opposição; e o illustre caudilho Antonio José d'Almeida, de phrase imaginosa e potente, que relembra as mais bellas tradições do periodo romantico.

Outros parlamentares se teem notabilisado na presente sessão, discutindo as importantes questões que os corpos legislativos teem de resolver, magnas questões que assoberbam n'este momento a politica portugueza, ainda longe da acalmação definitiva.

Iremos successivamente publicando os seus retratos nas nossas paginas.

CONSELHEIRO JULIO DE VILHENA

CONSELHEIRO ALPOIM

ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA

MOVIMENTO POLITICO

Comicios populares. — Promovido pelo partido republicano, realisou-se em 28 de junho, em Lisboa, com concorrencia extraordinaria, um comicio, em que falaram os mais distinctos oradores d'aquelle partido, e que decorreu na melhor ordem.

Outros comicios se realisaram tambem no Porto e em Setubal, egualmente promovidos pelo partido republicano, com a assistencia e a palavra dos mais notaveis caudilhos d'esse partido. Só no Porto, á sahida, occorreu uma ligeira perturbação da ordem. Os topicos versados foram, sobretudo, a questão dos adeantamentos, que actualmente agita o paiz inteiro.

ASPECTO DO COMICIO NA AVENIDA D. AMELIA

VISITAS REGIAS

NO OBSERVATORIO
DA ESCOLA POLYTECHNICA

Na Escola Polytechnica. — Damos o retrato d'El-Rei no observatorio da Escola, por onde começou a sua visita áquelle estabelecimento d'instrucção em 3 de julho preterito. Sua Majestade commoveu-se extraordinariamente ao entrar no laboratorio de chimica, por ser d'alli, que no dia 1 de fevereiro, sahiu para esperar seus Paes e Irmão, momentos antes da tragedia que o orphanou tão cruelmente.

NO COLLEGIO MILITAR

Collegio Militar. — Na visita feita por El-Rei, em 12 de junho, ao Real Collegio Militar, realisaram os alumnos d'este estabelecimento varios exercicios desportivos, que muito agradaram á numerosa assistencia pela correcção com que foram executados, merecendo especial menção o *jogo da rosa.*

NO HYPPODROMO

No hippodromo de Belem. — Os exercicios de cavallaria que no dia 17 de junho tiveram logar no hippodromo de Belem com a assistencia de S. M. El-rei, despertaram grande enthusiasmo.

Depois da marcha a galope, o estabelecimento do bivaque, a esgrima, o fogo a pé, e as cargas dos esquadrões provaram a instrucção profissional dos nossos soldados.

CARGA DE CAVALLARIA NO HYPPODROMO

CAMPANHAS DE AFRICA

Capitão João d'Almeida. — Na galeria dos nossos officiaes que, em Africa, illustram o nome portuguez levando ás mais reconditas paragens do sertão, atravez de mil perigos e difficuldades, a gloriosa bandeira, symbolo da patria, occupa já um logar distincto o capitão João d'Almeida, que acaba de trazer á obediencia e abrir ao commercio europeu a riquissima região dos Dembos. Este resultado, que muito deve concorrer de futuro para a prosperidade da provincia de Angola, conseguiu-o o illustre official depois de, á frente d'uma columna de 850 homens, ter sustentado em manobras difficeis, por terrenos por

CAPITÃO JOÃO D'ALMEIDA

vezes impraticaveis, renhidos combates com os indigenas, dos quaes ha a destacar pela sua especial importancia o combate de Cazuangongo e o da passagem do Quiulo.

Já anteriormente, em serviço de reconhecimentos arriscados, feitos no Cuamato e Cuanhamas, o heroe dos Dembos revelara notaveis qualidades militares, que os resultados d'esta campanha vieram confirmar.

E' actualmente governador do districto de Huilla, onde foi substituir o tenente coronel Alves Roçadas. N'esse posto continuará a mostrar, decerto, as suas bellas faculdades e a sua dedicação pelos interesses da patria.

THEATROS

JOSÉ PACCINI
Antigo emprezario de S. Carlos

Theatro de S. Carlos. — Ao concurso realisado para adjudicação d'este theatro concorreram os srs. José Paccini e Mimon Anahory, pela Empreza Theatral Limitada.

Este ultimo senhor, offereceu ao governo maiores vantagens na sua proposta, que foi por isso acceita. O sr. José Paccini é conhecido por toda a Lisboa elegante, que estima e considera; o mesmo succede com o sr. Anahory. Ambas as emprezas seriam gratas ao publico, porque ambas teem directores experimentados. Paccini tem-nos feito admirar todas as notabilidades modernas; Freitas Brito, o director artistico da nova empreza, recorda-nos saudosamente Arkel e a linda De Reské, Tamagno, Marconi e muitas outras celebridades.

Homenagem a D. João da Camara. — A recita em homenagem a D. João da Camara que se effectou no theatro Normal, na noite de 25 de junho, foi, por todos os motivos, digna de muito vivo e merecido applauso. Representados alguns actos dos mais apreciados do saudoso extincto, fechou o espectaculo uma écloga do sr. Lopes de Mendonça, nosso illustre director, á qual não são possiveis elogios porque tem o melhor de todos no nome do seu auctor.

Varios personagens notaveis das peças de D. João da Camara figuram n'esta écloga.

A musica de Augusto Machado encanta e enternece.

O desempenho foi correctissimo; e, para nada faltar a esta saudosa commemoração, Virginia, tão querida do publico, voltou á scena.

Foi, pois, a todos os respeitos uma noite de glorias e, ao mesmo tempo, de fundas saudades para quantos estimavam o notavel dramaturgo.

MIMON ANAHORY
Actual emprezario de S. Carlos

Theatro D. Maria. — A empreza adjudicataria do theatro D. Maria vê-se privada dos seus mais preciosos elementos. Brazão e Ferreira da Silva deixam de fazer parte do elenco, tendo declarado fazerem-n'o por incompatibilidade com a empreza. Este facto importante teve o seu ecco na camara dos deputados, onde o sr. Schwalbach fez as mais severas accusações á empreza e pediu a mudança urgente no regimen de administração do theatro normal.

LETTRAS

Peregrinações. — Sob este titulo, colligiu a Empresa Litteraria e Typographica do Porto, os versos de Candido de Figueredo de 1868 a 1908. O que são os versos d'este primoroso escriptor, todos o sabem.

Creio bem que não ha ninguem que os ignore.

Juiz dos outros, Candido de Figueiredo é severo comsigo na arte, o que lhe dá o incontestavel direito de o ser com os outros, direito este que não usa.

Inda assim, ha uma tal sinceridade nas suas apreciações, que se tornam lei. E' por isso que, ha mezes, falando-nos Bulhão Pato d'um novo livro, disse-nos:

— V. leu? Dizem-me que tem muito valor, mas ainda não tive occasião de o folhear.

— Não li; mas o Candido de Figueiredo na chronica do *Diario de Noticias* diz...

—Basta, tornou o mestre com convicção; não é preciso mais. Está julgado: *Elle sabe da poda como poucos.*

CANDIDO DE FIGUEIREDO
Auctor das «Peregrinações»

N'esta nova edição dos seus versos dá-nos, pois, o illustre e distinctissimo escriptor, a prova incontestavel e incontestada do seu grande merecimento como poeta.

Os versos que dedica a seus filhos são um verdadeiro encanto, como outros que é impossivel citar por serem muitos: ainda assim não posso calar-me sobre o *Livro de Job,* cuja traducção é um primor; e o que é traduzir em verso, sem trahir o pensamento que d'outra lingua buscamos interpretar, só bem sabe quem o tenha alguma vez tentado. Transmittir com graça e força, como cousa nossa, idéas e expressões alheias, é trabalho ingrato, de difficilima execução. Quem ler a traducção do *Livro de Job* pelo dr. Candido de Figueiredo, julga estar apreciando um original, feito n'um d'esses felizes momentos de inspiração, em que os versos accodem aos labios como caudalosa torrente.

E' d'estes livros *que ficam,* que a nossa litteratura se deve orgulhar.

SPORTS

OS ESGRIMISTAS DA ESCOLA DO EXERCITO

OS DETENTORES DA TAÇA «ANTONIO MARTINS»

Esgrima. — A ultima semana do mez de junho, fica assignalada nos annaes do desporto nacional.

Além do concurso academico, mais adeante referido, realisaram-se ainda trez interessantes concursos de esgrima.

Em dois d'estes, disputaram amadores e profissionaes as taças *Antonio Martins* e *Penha Longa,* sendo a primeira ganha pela *équipe* do Centro Nacional e a segunda pelo sr. Carlos Gonçalves.

CONCURSO DESPORTIVO ACADEMICO
UM SALTO EM ALTURA

O terceiro concurso teve logar, junto ao picadeiro da Escola do Exercito, entre militares.

Apenas cinco officiaes se apresentaram a disputar o premio — uma valiosa taça de prata tendo

representados os emblemas de todas as armas do exercito, — offerta do sr. Conde de Penha Longa.

Depois d'uma brilhante serie de assaltos ao sabre foi o artistico premio ganho pelo sr. Joaquim Parede.

TAÇA «PENHA LONGA»
(Campo Grande

TAÇA ACADEMICA
(Velodromo)

TAÇA «PENHA LONGA»
(Escola do Exercito)

Todos os concursos foram seguidos com o maior interesse por amadores e profissionaes; e pena foi que, havendo no exercito tantos officiaes com o diploma de *mestres de armas,* o ultimo tivesse tão diminuta concorrencia.

Concurso desportivo academico. — A educação physica vae, felizmente, sendo praticada — e com optimos resultados, deve dizer-se — pela mocidade das nossas escolas.

Em 25 de junho disputaram os alumnos dos lyceus de Lisboa, do Collegio Militar e de alguns dos mais conceituados collegios da capital, varios premios, entre os quaes avultava a Taça da Camara Municipal de Lisboa, que foi conferida á Escola Academica. O concurso teve logar no parque do sr. Conde de Fontalva e attrahiu ali numerosa concorrencia.

O programma estabelecia as seguintes provas: — saltos em altura, de frente; saltos em altura, de lado; saltos em extensão; corrida de velocidade; corrida de obstaculos; e finalmente, lucta de tracção.

Nas trez primeiras, em que tomaram parte quinze concorrentes, couberam os primeiros premios a alumnos da Escola Academica. O maior salto em altura foi de $1^m,47$, e em extensão de $5^m,43$.

O primeiro premio da corrida de velocidade foi conferido ainda a um alumno da Escola Academica cabendo o da corrida de obstaculos a um allumno do Collegio Militar.

Mas a prova que maior enthusiasmo provocou aos estudantes e aos espectadores, foi a ultima, em que grupos das differentes escolas disputaram em renhidas luctas, com muito brio e valentia os premios a ella destinados, e nas quaes ficou vencedor o grupo do lyceu de S. Domingos. A brilhante festa academica terminou por uma serie de evoluções e exercicios de gymnastica sueca.

NO PARQUE DE PALHAVÃ

Decifrações do n.º 36

Enigma — 1.º Paralalia; 2.º Dever; 3.º Maca.
Charada (enigmatica) — Almagesto.

A Bandeira

Uma senhora possuia um grande pedaço de seda onde estavam bordados dois leões rompantes, como se vê na illustração junta. Desejou cortal-o em quatro pedaços que se ada-

ptariam de fórma a constituirem duas bandeiras perfeitamente quadradas com um leão em cada uma. Como é que fez isto, sem cortar, bem entendido, nenhum dos leões?

CHARADAS (novissimas)

A superioridade do commandante d'este titulo — 2-2
Era fóra do commum, phenomenal — 2-5
Poeta, philosopho tem obras eruditas — 1-2
Que pelo direito e pela intelligencia, lhe honram o nome — 1-2

Covilhã.

Dois Caturras.

ENIGMA

Póde um verbo no plural
ser nome no singular?
Com certeza. Aqui tem um
como podem ver'ficar.

A palavrinha pequena
pois seis lettras, só, contém
é o plural do tal nome.
Por certo o conhece bem.

Se a quarta lettra mudarem
para o lugar da terceira,
têm, por certo, a mesma cousa
lendo d'inversa maneira.

Separem as trez primeiras
e logo encontram *ser*
que não é deus, nem o demo,
e que todos podem ver.

As duas ultimas lettras
da palavrinha em questão,
de tal *ser* são uma parte
como por certo verão.
E o todo certamente
podem vêr na sua frente.

Pinhel.

J. S. Bandeira.

CHARADA

Sou adverbio, isso sou, — 1
Não faço grande favor.
Sendo dôce, tambem vou — 2
Refrescar quem tem calor.

Ariel.

Belleza do Rosto

Leite Antephelico ou Leite Candès

O Leite Antephelico cuja invenção data do anno 1849 deve effectivamente, as suas propriedades cosmeticas à combinação bem acertada de elementos tirados da materia medica, que reciprocamente se temperam por suas porções rigorosamente determinadas, e cuja acção não vai alem das camadas superficiaes da pelle.

O Leite Antephelico emprega-se em loções, em dose benigna, ou estimulante, segundo as alterações que se querem prevenir ou corrigir.

MODO DE EMPREGO SEGUNDO OS CASOS

Durante o tratamento empregar o LEITE CANDÈS só sem nenhum outro cosmetico.

I. DOSE BENIGNA e AGUA DE TOUCADOR. — Vascolejar o liquido até elle fazer-se côr de leite; deitar n'um pires a quantidade d'uma colher à café, e ajuntar as seguintes quantidades de agua: 1º um a dois tantos, contra o Rosto sarabulhento e as Picadas de insectos; — 2º dois a tres tantos contra as Rugas, o Tisne do sol, Borbulhas, Espinhas, Brotoeja, Fogagem, Efflorescencias farinhentas ou furfuracéas e outras alterações accidentaes da cutis; — 3º tres a quatro tantos, como agua de toucador, para conservar a pureza, transparencia e macieza da pelle. — Embeber n'estas misturas um panninho fino, e humectar duas vezes por dias os pontos affectados. Como agua de toucador, basta uma loção, com preferencia pela manhã, meia hora antes de lavar o rosto.

II. DOSE ESTIMULANTE, contra as SARDAS e as MANCHAS DE GRAVIDEZ. — Nos dois primeiros dias, ajuntar á pequena porção de LEITE que se deita no pires, igual quantidade de agua, e continuar esta dose tres vezes por dia, se os effeitos abaixo descriptos principiarem a produzir-se; se não, logo no terceiro dia, emprega-se o LEITE puro e humectão-se as manchas, sem esfregar, uma duas ou trez vezes *quando muito* no correr do dia (segundo a delicadeza da cutis), até que a epiderme que as cobre, passando por duas phases previstas e sempre isentas de gravidade, — 1º ardor mais ou menos vivo, — 2º leve intumescencia acompanhada de sensação tensiva, — tenha tomado uma côr cinzenta, e se desseque. Oblido este resultado, as loções só se comparão de uma parte de LEITE e tres tantos d'agua. A epiderme exfolia-se, e a cutis, temporariamente vermelha, apresenta-se (depois de dez a quinze dias de tratamento) branca e fresca, livre das manchas que a embaciavão.

SERÕES

LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 39 - SETEMBRO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Typ. do Annuario Commercial — P. dos Restauradores, 27

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director:** Henrique Lopes de Mendonça — **Administrador:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 27. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE

OS SERÕES DAS SENHORAS (27 illustrações)

A MUSICA DOS SERÕES

A

DIRECTOR LITTERARIO
H. Lopes de Mendonça

Serões

ADMINISTRADO.
Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA (PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL) Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões,* revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões,* nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6$000 réis	1 pagina	70$000 réis
1/2 pagina	3$500 »	1/2 pagina	40$000 »
1/4 pagina	2$000 »	1/4 pagina	20$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões,* é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2$200 réis
	Semestre	1$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca) . . . . . —	Anno	12$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro —	Anno	15 fr.

Pedidos para assignaturas, ou qualquer numero avulso dos *Serões,* e indicações para inserção de annuncios, dirigir-se á

ADMINISTRAÇÃO DOS Serões

Praça dos Restauradores (Passagem do Annuario Commercial) **27**

Telephone 805

LISBOA

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Pavões, por Almachio Diniz, Bahia, 1908 — Desejariamos falar d'este romance com a consideração que merece o seu valor litterario. Mas a verdade é que a sua significação permanece para nós bastante obscura. Tendo na apparencia um caracter fantasista, parece, pela propria confissão do autor, ser o que ha de mais bahiano e haver nas suas paginas *carapuças telhados* para cabeças que desconhecemos.

Quintino Durward, por Walter Scott — Vol I — Collecção Obras Primas da Livraria Ferreira, Lisboa, 1908 — Bem andaram os editores em enriquecer com a obra prima de W. Scott, magnifica versão de Ramalho e Sousa, a sua valiosa collecção. A fama do grande escriptor escossez não tem decrescido com o tempo, antes pelo contrario. Os seus romances historicos despertam ainda por todo o mundo o mais vivo interesse, e a nova edição, copiosamente illustrada, milagrosamente economica, deve rapidamente exgotar-se. É' um bello serviço prestado ás lettras.

Entre mortos, carta inedita de Mousinho de Albuquerque a Sua Alteza o Principe Real D. Luiz de Bragança — Lisboa, 1908 — Agradecemos a obsequiosa offerta d'este opusculo, valioso por nos apresentar o caudilho heroico sob o aspecto de um distincto homem de lettras, e ainda mais porque, se a sua linguagem acusa meritorios resaibos seiscentistas, devemos confessar que menos seiscentistas não são por certo as idéas ministradas pelo aio do desditoso principe, ao seu discipulo. A nossa impressão rapida é pois que, se a Mousinho sobravam meritos de guerreiro e não escasseavam talentos de homem de lettras, se poderiam discutir com vantagem as suas aptidões como preceptor de um principe moderno.

A Saude — *Revista mensal* — Que ensina a manter, robustecer e restaurar a saude. — Redacção e Administração: Rua da Padaria, 48, 1.º — Lisboa.

Propaganda Catholica — A acção do sacerdote na imprensa, — Redacção e Administração: S. Clemente — Silvares — Fafe.

A Caça — *Revista illustrada do sport peninsular e da vida dos campos* — Redacção e Administração: Rua Nova do Loureiro 36, 2.º — Lisboa.

Voz de Santo Antonio — *Revista mensal illustrada* — Redacção e administração — Braga.

Estudos Sociaes — *Revista Catholica Mensal* — — Redacção e administração, Rua da Mathematica, 43, Coimbra.

Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official — Fasc. XVII — Agosto a Dezembro de 1907. Rua Aurea 177, 2.º — Lisboa.

Boletim Photographico — Rua da Prata 135 e 137, Lisboa.

O Economista Brazileiro, *Revista semanal de economia, finanças, politica e litteratura.* Rua da Alfandega, 114, — Rio de Janeiro.

Gazeta da Associação dos advogados de Lisboa.

Boletim da União dos Atiradores Civis Portuguezes, — Séde em Lisboa no Salão do Real Theatro de S. Carlos.

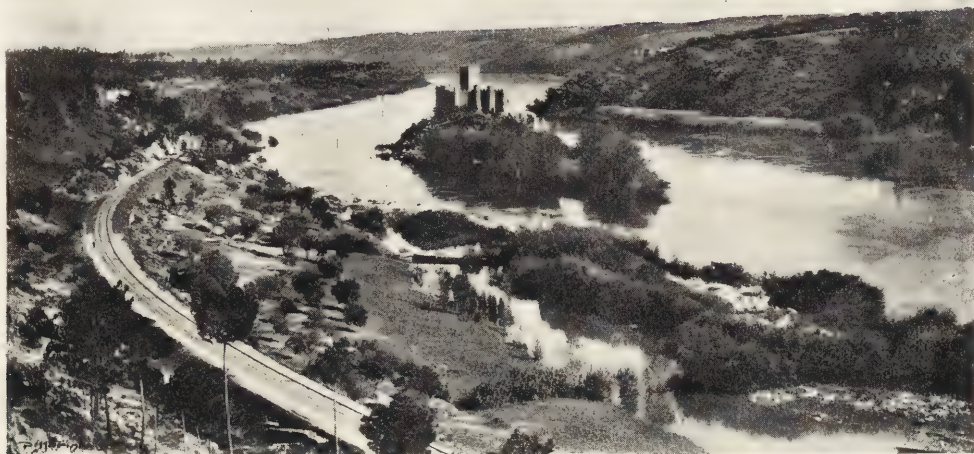
Vera Cruz — *Quinzenario Politico, Literario e Humoristico* — Redação — Largo do Aronche, 47 — S. Paulo e Praia José menino, 122 — Santos.

Rebeldias, por Alvaro Pinto — Porto, 1908.

Revista da Associação Commercial do Maranhão — *Publicação mensal* — Rua 28 de Julho, 7 — S. Luiz — Maranhão.

A Construcção Moderna — *Revista illustrada* — Redacção e Administração: Rua Maria Andrade, 10, 2.º — Lisboa.

Fayal — Um trêcho da povoação dos Flamengos

O Castello de Almourol

VISTA DO CASTELLO DE ALMOUROL
Tirada da margem direita, do lado da villa de Tancos

NENHUM português medianamente viajado deixará por certo, de ter visto os mais famosos castellos do Rheno ou da Escocia, mas muitos talvez ainda não tenham visitado o nosso castello de Almourol, com as suas pictorescas ruinas e romanticas lendas; ou pelo menos, se já o viram, foi no rapido percurso do caminho de ferro, deixando-lhe apenas uma fugitiva impressão.

Distando pouco mais de duas horas de commoda viagem de Lisboa, bem merece uma especial visita de todos que se interessam pelo bello. A vastidão do panorama, a quietação da grande massa de agua que o Tejo ali reune, a vestutez e majestade das suas altas muralhas graniticas nascendo de entre enormes blocos tambem graniticos, tudo concorre para infundir uma impressão de grandesa temperada ao mesmo tempo por uma grande suavidade, pouco commum na paizagem do centro do país. Mais bello do que o cair de uma tarde de outomno junto á margem do rio, quando o disco vermelho do sol, deixando os cumulos doirados, vem mergulhar num vasto lago de fogo, só uma calma noite de estio illuminada pelo esplendoroso luar de agosto, num silencio quasi religioso, interrompido apenas pelo salto fóra d'agua de alguma tainha atemorisada ou pela toada plangente da canção de algum pescador nocturno, quando o castello nos aparece muito mais grandioso e nos deixa vêr que não podia a sua existencia deixar de ser cheia de lendas de amôr.

Nenhuma lenda se refere á sua fundação, sendo difficil fixar a sua data. Apesar de nas inscripções, que adeante serão citadas, se dizer que Gualdim Paes, mestre da Ordem do Templo em Portugal, foi o edificador do castello, é manifesta a sua origem romana, sendo apenas reedificado e ampliado por elle. Na parte inferior da torre de menagem ainda é bem patente o *opus* romano, distinguindo-se bem a parte reedi-

VISTA DO CASTELLO, ANTES DA ACTUAL REPARAÇÃO
Gravura do «Archivo Pittoresco» de 1858

ficada por Gualdim Paes e até a que foi mais modernamente composta. Na cortina que corre ao longo do lado norte da ilha é ainda tambem visivel o coroamento da primitiva muralha que tinha metade de altura da actual. O mesmo se nota tambem sobre o portão principal. Recentemente, sendo commandante da Escola Pratica de Engenharia o hoje general, sr. Castel Branco, logo que a seu pedido foi pelo Ministerio das Obras Publicas cedido o castello á Escola, cuja pertença é, foram ali iniciados trabalhos de desaterro para se chegar ao nivel primitivo dos terraplenos interiores. Nessas escavações, entre muitos objectos de que adeante se fará menção, foram encontradas 7 moedas romanas. Não deve pois restar duvida alguma sobre a origem romana do castello.

O sr. Esteves Pereira (1), inclina-se a filiar o nome de Almourol no de *Muriella,* antiga povoação limite do bispado Egitaniense, segundo a divisão dos bispados de Hespanha descripta no livro chamado *Itacio,* e attribuida a Vamba, morto em 687 de nossa era. Esta povoação seria a *Morôn* de Strabão, situada a 92 kilometros e meio do mar, em um monte, junto ao rio e que Müller erradamente identificou com Almeirim. *Morôna,* que se lê em Strabão, seria leitura errada de *Morolia,* em virtude de se tomarem em grego as lettras maiusculas *li* por *n.* O nome de *Morolia* seria portanto corrupção popular de *Moria elaia, (olival consagrado),* que explica a fórma *Muriella.*

Sejam, porém, ou não Morôn e Muriella a mesma povoação, o que parece evidente é que de Muriella se formou pela adjuncção do artigo arabe *al* o actual nome do castello. De varias maneiras apparece elle escripto. O sr. Esteves Pereira cita: Almoriol, Almourol, Almurol e Almorol. Juntaremos ainda a forma Almourel, que adeante veremos, que aquelle escriptor não conhecia ainda, e que vem ainda tornar mais plausivel aquella derivação.

Podemos pois assentar na origem romana do Castello e na sua reedificação por Gualdim Paes. Esta reedificação deve ter sido feita em 1171 e para ella não só se empregou o granito da localidade, como ainda se trouxeram materiaes de Thomar. Numa das hombreiras interiores da porta principal, encontra-se um cippo romano que muito provavelmente foi trasido das ruinas

VISTA PANORAMICA
Tirada do balão captivo, do lado da villa de Constancia

(1) *Revista de Engenharia Militar,* vol. II, pag. 32. *O Castello de Almourol,* por Manoel Osorio.

Ē. M̃. C̃C. VIII. MAGISTER GAVDI
NVS BRACARA QVE EST CAPVT
GALLECE ORTVS EDIFICAVIT HOC
CASTRV̄ ALMOREL C̄V FRATRIBVS SVIS

INSCRIPÇÃO SOBRE A PORTA INTERIOR

da antiga Nabancia, junto a Thomar.

Sobre a janella da Torre de menagem (e não sobre a porta, como diz Viterbo) existe uma pedra quadrada com a cruz patesca que foi a primeira cruz dos Templarios. Ora esta pedra é exactamente egual a outras que formam um rodapé exterior da torre da igreja de Santa Maria dos Olivaes, em Thomar. Estas pedras, que de origem não foram destinadas áquelle fim, teem umas a cruz acima dita e outras o pentagono estrellado ou signo de Salomão.

Vestigios ainda d'esta reconstrucção parecem ser dois columnellos, de marmore branco, que foram encontrados nas escavações e que dividiam as duas unicas janellas existentes nas muralhas, e unicas partes do castello onde se notam vestigios de ornamentação, se bem que rudimentar. Vem aqui a pêlo rectificar-se a asserção quasi geral em todos os escriptores que teem dissertado sobre o Castello, affirmando que elle era de luxuosa construcção e o seu interior coberto de custosas abobadas. Neste erro cahiram Viterbo, Pinho Leal e outros, talvez levados pelas lendas que ha sobre o Castello e onde geralmente se procuram para fazer mover os personagens scenarios sempre mais ou menos phantasticos. O que é verdade é que são ainda bem accusadas as linhas dos pavimentos pelas sapatas onde assentavam os vigamentos. Das *famosas laçarias* a que se referem aquelles auctores, não se vêem vestigios nenhuns.

PARTE SUPERIOR DA PORTA PRINCIPAL

Modernamente, não ha talvez meio seculo, foi pelas Obras Publicas feita uma reparação nas muralhas em que, a par de algumas obras indispensaveis, como a consolidação das muralhas, se praticaram vandalismos, taes como o accrescentamento d'ellas coroando-as pelas ameias que actualmente se vêem. Duas d'estas, apenas, parecem ser antigas.

Ergue-se o Castello sobre um ilhéu proveniente de um afloramento granitico que, barrando o Tejo, o obrigou a dividir-se em dois braços, um, o da esquerda, de mais de uma centena de metros de largura, e outro, o da direita, muito mais estreito e de meno-

IN·NÑE DÑI·NRI·IHV·XPI·Ē·M C̃C·NONA | MAGISTER·GAVDINVS·NOBILIS·SI
QDĒ·GENERE·BRACARA·ORIV̄D'·EXTITIT:TEPE | AVT:ALFŌSI·ILLVSTRISSIMI·PORTVGAL·REGIS·COMI
TIS:HĒRIC REGNEQ:TARASIE·FILII·H·SECVLARĒ·ABNEG | MILITIAM·INBREVI·VT·LVCIFER·EMICVIT·NAM·TĒPLI·MILES
IHEROSOLIMĀ·PECIT:IB'·Q·QNQVENIV·NŌ·IHERMĒ·VITĀ·DVX·CVM | MAGSTRO·ENI·SVO·CŌFRATRIBVSQ·INPLERIS·QPRE
LIIS·CŌTRA·EGIPTI·ETSVRIE·INSVPER·EX·REGEM·CVQ·ASC | ALONA·CAPETVR·PRESTO·EV̄:INDE·ANTIOCHĀ·PGĒS·SE
PE·CŌTRA·SVLDĀ·DE·CONE:DIMICAVIT:POST·QNQVENIV̄ | V̄·AD·PREFATV̄·QEV̄·EDVCAVĀT·MILITĒ·EV̄·FECAT·REVS·Ē·REGE
FACTVS·DOM'·TĒPLI·PORTVGAL·PCVRATOR·H·CŌSTRVX·CASTR | S·POLV̄BARĒ·TOMAR·OZEZAR·CARDIGA·ET·HOC·QD·ALMVREL·SR

INSCRIPÇÃO DA LAPIDE SOBRE A PORTA PRINGIPAL

res fundos. É mesmo de crêr que estes fundos fossem na primitiva do Castello ainda muito menores, pois que o nivel da estiagem do rio tem subido, devido ao assoriamento da barragem natural que existe logo abaixo de Tancos, no local denominado a Agua Tesa. Em Constancia existem as ruinas de um palacio que a tradicção diz ter pertencido a um prelado do tempo de D. Sebastião, ruinas que hoje são cobertas pelas cheias do rio. Estas, chegam a attingir o nivel das vergas das portas nas casas da Praça da mesma villa e a inundar a egreja da Misericordia. Certamente estes factos se não davam no tempo em que foram construidos aquelles edificios.

Factos analogos se observam na villa de Tancos, a jusante do Castello. Corre na tradicção, e parece ser verdadeiro, o facto de um caes de cantaria, que esta villa possue, estar já construido sobre outro. Seria um facto analogo ao que se deu com a ponte sobre o Mondego, em Coimbra. Não padece, pois, duvida que o nivel do rio tem subido e, como, na ultima metade do seculo passado, foi cortada muita pedra, no braço direito, para facilitar a navegação, não só pelo Ministerio das Obras Publicas, como pela Escola, é de crêr que nos primitivos tempos do Castello aquelle braço se reduzisse na estiagem a pequenos charcos ou lagôas, do que lhe resultou o nome que ainda hoje conserva de *Alagôas*.

A altura do ilheu é de 18 metros sobre o actual nivel da estiagem, sendo de 75 metros a sua maior largura. Este seria tambem proximamente o seu comprimento, se as caudalosas cheias do rio lhe não tivessem depositado a jusante um prolongamento de mais de 200 metros com uma altura não excedente a 10 metros, cota maxima que ali teem attingido as cheias sobre a estiagem.

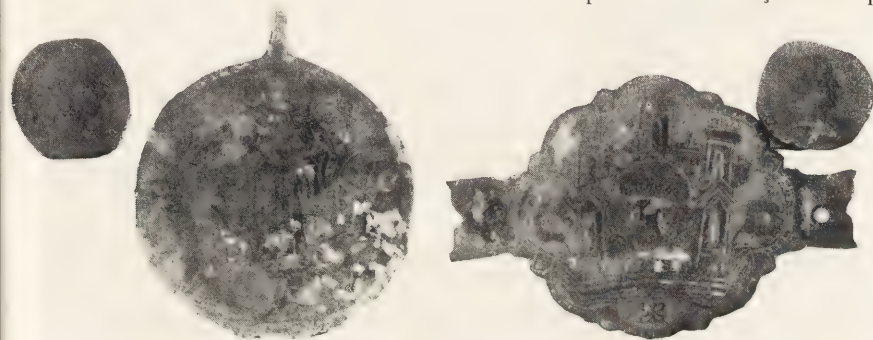
É no coroamento da parte rochosa que se erguem as muralhas do Castello, constituindo dois recintos, um, communicando com o exterior por uma porta baixa e deselegante, e onde parece se achavam os alojamentos do Castello, num terrapleno inferior, para onde se abria a *porta da traição*, do lado de montante; e outro communicando com o primeiro por uma porta maior, na qual se compreende a torre de menagem. Todo o perimetro é flanqueado por dez torres deseguaes, e o traçado parece ter apenas obedecido ao melhor aproveitamento dos blocos graniticos para n'elles implantar as muralhas.

E:M:CLVIIII:MAGISTER:GALDNV':NOBILI:SIQVI
DEM:GENERE:BRACARA:ORIVNDV':EXTITIT:TEMPO
RE:AVTEM:ALFONSI:ILLVSTRISSIMI:PORTVGALIS:RE
GIS:HIC:SECVLAREM:ABNEGANS:MILICIAM:IN:
BREVI:VT:LVCIFER:EMEVIT:NAM:TEMPLI:MILES:GROSO
LIMAM:PERREXIT:IBIQ:P:QINQENNIVM:NON:IN:ERMEN:VTAM
DVXIT:CV:MAGISTRO:EIVS:SVO:CV:FRATRIBVS:INPLERO
REGIS:9:EGIPTI:ET:SVRIE:INSVREXIT:REGEM:EMQ:ASCALONA:CAPERETVR
RsTo:EV:IN ANTIOCIA:PGN:SEP:9:SIOAN:DCINEOMAVT:PST:ONQ
NNIVM:AD:PFAM:Q.EV:DVCAVEPATEM:EM:FEERATRVSVE:ESTRE
:FACTV:DMS:TEMPLI:PVGALS:ROMRA:HOSTRVIT:CASTRV:PALVBR:THOMR:
OZE3AR:ET:HCOD:DRALMRO:ET:EIDNAM:ETMEM:SANCTVM:

INSCRIPÇÃO DE THOMAR COPIADA DA DE ALMOUROL
Segundo as «Inscripções Portuguezas»

Na essencia, não differe a construcção d'este Castello da dos outros medievaes, tão espalhados no nosso país. Largas muralhas coroadas por ameias deixando um caminho para os homens d'armas; torres e quadrellas com setteiras e superiormente ameias servidas por um pequeno pavimento; uma linha de setteiras na face norte, a meia altura da muralha, para as quaes o accesso era feito por um passadiço apoiado em cachorros ainda hoje existentes; uma escadaria encostada á face norte para dar accesso ao coroamento das muralhas e onde se distingue bem pela differença dos degráus a altura das primitivas muralhas; a espessa torre de menagem com os seus tres pavimentos apenas accusados pelas sapatas onde assentavam os vigamentos: eis sumariamente a descripção do Castello. Entre os pequenos detalhes que facilmente escapam á quem fôr pouco observador, notaremos dois assentos contiguos abertos na rocha que serve de base á torre de menagem. Eis tudo o que o Castello é hoje. O que elle foi, não é facil já reconstituil-o.

Numa carta datada de 13 de dezembro de 1467 (1) relata-se a inauguração a requerimento do «honrado Frei Ruy Velho, commendador dalmourol», de «hum altar em a capella que o dicto commendador fez sobre a porta do dicto Castello a qual é chamada por envocaçam de Santa Maria dalmourol». Onde seria esta capella tambem não será facil hoje dizel-o, tão exiguos são os recintos que existem sobre as duas portas que tem o Castello.

MEDALHÃO REPRESENTANDO UMA DAMA ARMANDO UM CAVALLEIRO

MEDALHÕES ESMALTADOS E MOEDAS ROMANAS

Se, como acima dizemos, o castello de Almourol não offerece differenças apreciaveis pela sua construcção, dos outros castellos já o mesmo se não póde dizer pelo pictoresco da sua situação, unica certamente em todo o país. As suas muralhas, o musgo, a hera e a congossa, vão procurando cobri-las. No granito vegetam pobremente a figueira, a silva, a aroeira, o zambujeiro, a alfarrobeira, a olaia, a figueira da India, o pilriteiro, o funcho, o espargo, o meimendro. No areal, que se espraia a jusante, a vegetação é frondosa: ali se vêem o chorão, o choupo, o amieiro, a tamargueira e a canna.

Todo este massiço de verdura se espelha tranquillamente nas aguas do Tejo, onde, do alto das quadrellas do Castello, se vêem deslisar como grandes manchas negras os cardumes de tainhas. Todo este conjunto infunde tal sentimento de majestade e quietação que se grava profundamente no espirito a lembrança de um passeio ali numa tranquilla tarde de estio.

Se a sua situação foi excepcionalmente bem escolhida sob o ponto de vista pictoresco, o mesmo não parece á primeira vista sob o ponto de vista estrategico. Além de serem outras as armas na época da sua reedificação, deve

ESPORA DE LATÃO ACHADA NAS ESCAVAÇÕES

(1) *Frei Gonçalo Velho,* por Ayres de Sá, vol. I, pag. 251.

attender-se a que se não tratava de um forte destacado. Achando-se o país debaixo de um regimen de constantes incursões, haviam os templarios organisado defensivamente, tão bem quanto possivel, a cabeça da sua Ordem, em Thomar. Para isso tinham escolhido uma linha de castellos, formando assim verdadeiramente a 1.ª linha de um moderno campo intrincheirado. D'esta linha faziam parte os castellos que Gualdim reedificou — Cardiga, Zezere, Pombal, Idanha e Monsanto, e entre os dois primeiros o de Almourol. Além d'estes, outros naturalmente fôram aproveitados tal e qual se achavam nessa época. Não se limitava só aos seu castellos a organisação militar d'este campo intrincheirado: — linhas de communicação optica os ligavam a Thomar. Ainda hoje, por exemplo, temos perto da Barquinha uma povoação que conserva o nome de Atalaia e muitos outros locaes ha com o mesmo nome, que sabido é ser o das torres onde, por meio de fogueiras, se transmittiam signaes.

Fallemos agora das inscripções que existem no Castello.

Em bello marmore branco, sobre a porta de communicação com o recinto interior, existe uma inscripção latina que diz: *Na era de 1209*, (1) *o mestre Gualdim, de Braga, que é cabeça da Galisa, edificou o Castello de Almourol com os freires seus irmãos.* Pelo que atraz ficou dito, se vê que impropriamente Gualdim Paes se dizia *edificador* do castello.

A leitura corrente da inscripção do cippo romano a que já nos referimos é a seguinte: (2)

VISTA DO CASTELLO, TIRADA DA MARGEM ESQUERDA

Inferiormente vê-se a «porta da traição» e ao centro a inscripção sobre a porta interior

DIIS MANIBUS SACRUM

QUINTI CADI FRONTONIS ANNORUM XXV ROMAE DEFUNCTI RELIQUIAE HIC SITA SUNT. CADIA TUSCA ANNORUM XXX HIC SITA EST. MARCUS CADIUS RUFUS LIBERIS OPTIMIS PIISSIMIS POSUIT. CORNELIA FRONTONIS FILIA ANNORUM XXIII. ALBURA MATER FRONTONIS

(1) 1171 da era de J. C.

(2) A leitura e a traducção d'esta inscripção e da seguinte são devidas ao nosso erudito camarada sr. J. Eloy Nunes Cardoso.

INSCRIPÇÃO ROMANA EXISTENTE NO CUNHAL DA PORTA DO CASTELLO

ET TUSCAE, HIC SITA EST. CADIUS RUFUS UXORIS OPTIMAE.

Traducção: *Aos deuses manes. Os restos do Quinto Cadio Frontão, fallecido de 25 annos, em Roma, estão aqui depositados. Cadia Tusca, de 30 annos, está aqui depositada. Marco Cadio Rufo erigiu aos seus optimos e pios filhos. Cornelia, filha de Frontão, de 23 annos. Albura, mãe de*

Frontão, aqui jaz. Cadio Rufo, a sua optima esposa.

Como se vê trata-se apenas do monumento sepulchral da familia Frontão, que o acaso trouxe para consolidar as muralhas do Castello e que agora aqui veio ficar perpetuado. Nenhum interesse offerece para a historia do Castello. Já o mesmo se não dá porém, com a grande inscripção situada sobre a porta principal, que damos em photographia (aliás muito deficiente pois que, pela sua situação, não é facil tirar outra maior). E lavrada em duas pedras rectangulares de calcareo branco, com sete linhas horisontaes separadas por filetes que egualmente enquadram toda a inscripção, e tem ainda mais duas linhas supplementares a que nos referiremos. Todo o lavor é bastante imperfeito, havendo muitas letras inclusas, e bastantes abreviaturas. A sua leitura corrente, é a seguinte:

THOMAR — JANELLA DA CASA DO CAPITULO NO CONVENTO DE CHRISTO

In nomine domine nostri Jesu Christi. Era millesima ducentesima nona, magister Gaudinus nobilis siquidem genere Bracara oriundus extitit tempore autem Alfonsi, illustrissimi Portugalis regis, comistis henrici reginaeque Tarasiae filii. Hic secularem abnegans militiam in brevi ut lucifer emicuit. Nam templi miles Hierosolimam petiit, ibique per quinqueniun non inhermem vitam duxit cum magistro enim suo confratribusque in plerisque preliis contra Egipti et Siriae insurrexit regem. Cumque Ascolona caperetur presto eum inde Antiochiam pergens saepe contra Suldanis decionem dimicavit. Post quinquenium vero ad prefactum qui eum educaverat, militem eum fecerat reversus est regem. Factus domus templi Portugalis procurator haec construxit castra silicet, Polumbarem, Tomar, Ozezar, Cardiga et hoc quod Almourel dicitur.

Traducção: *Em nome de Nosso Senhor Jesus Christo. Era de 1209. O mestre Gualdim, nobre, sem duvida, por ascendencia, natural de Braga, viveu no tempo de Affonso, illustrissimo rei de Portugal, filho do Conde Henrique e da rainha Teresa. Abandonando a milicia secular, em breve brilhou como a estrella d'alva. Com effeito, demandou Jerusalem como soldado da ordem do Templo e ahi, durante cinco annos não passou vida ociosa, porquanto com seu mestre e com seus confrades combateu em muitos recontros contra o rei do Egipto e da Syria. Depois da conquista de Ascalona, dirigindo-se d'ahi rapidamente a Antioquia, pelejou contra as forças do Grão Turco. Porém depois de 5 annos voltou para junto do rei que o havia educado e o tinha feito cavalleiro. Eleito procurador da ordem do Templo, em Portugal, construiu os seguintes castellos: Pombal, Thomar, Zezere, Cardiga e este que se chama Almourel.*

Numa ultima linha, já quasi no bordo inferior da lapide, ha a indicação do artista que lavrou a inscripção e onde só se percebe a palavra *fecit*. Num dos lados ver-

ticaes ha uma outra linha onde se lê:

S. FR. PRESCRIPTA FECIT

que parece ser a indicação do freire que escreveu a inscripção.

É interessante esta inscripção tendo-se com ella dado um caso curioso. É opinião de todos os escriptores que se teem referido a ella, que, tendo existido primitivamente no castello de Almourol, foi transportada para o convento de Christo, em Thomar, achando-se sobre a porta da sacristia. Desde Viterbo (1) até Osorio (2) todos teem seguido aquella opinião. Ora a verdade é que tal inscripção ainda existe no castello e foi simplesmente *copiada* ou *transladada* para o convento de Christo onde se acha ainda a copia, por signal que em local de muito difficil accesso.

THOMAR — CASTELLO DOS TEMPLARIOS

A leitura da inscripção que se acha em Thomar é a seguinte: (3)

Era mccviiii magister Galdinus nobili siquidem genere Bracara oriundus exctitit tempore Autem Alfonsi illustrissimi Portugalis regis. Hic secularem abnegans militiam in brevi ut Lucifer eminevit nam Templi miles Gerosolimam peciit, ibique per quinquenium non inhermem vitam uxit cum magistro enim suo cum Fratribusque impleríge preliis contra Egipti et Surie insurrexit regem. Cumque Ascalona caperetur, presto eum in Antiocam pergens sepe contra Sidan decione dimicavit. Post quinquenium vero ad prefatum qui et eum et militem fecerat reversus est regem. Factus Domus Templi Portugalis Procurator hoc construxit castrum Palumbar, Thomar, Ozezar et hoc quod dicitur Almoriol et Eidaniam et Montem Sanctum.

A simples comparação d'esta leitura com a da lapide de Almourol mostra-nos immediatamente a origem do erro que corre de ter sido transportada a lapide quando apenas foi copiada. E não resta duvida que foi a de Thomar copiada da do Almourol, apesar de terem a mesma data, pois é manifesto que ao tempo em que foi feita a do Almourol ainda Gualdim Paes não tinha reedificado os castellos da Idanha e de Monsanto, porque nella não são citados. O que não parece facil é saber o motivo porque não é citado já na de Thomar o castello da Cardiga.

Ora, segundo Pinho Leal (1), o castello de Monsanto foi reedificado em 1239, o que põe em manifesto desaccordo esta lapide com a que existe na egreja de Santa Maria dos Olivaes em que se diz (2) que Gualdim Paes falleceu em 1233 (era de Cesar). Segundo

(1) *Elucidario*, vol. II, art. *Tempreiros*.
(2) *Revista de Engenharia Militar*, vol. I, pag. 206.
(3) *Inscripções portuguesas*, por L. Cordeiro, Lisboa 1895, pag. 33.

(1) *Portugal Antigo e Moderno*, vol. V, pag. 413.
(2) *Inscripções Portuguesas*, pag. 45.

o mesmo auctor (1), o castello da Idanha foi reedificado em 1187 e portanto a inscripção do Almourol deve ser anterior a esta data, isto é, collocada ainda em vida de Gualdim Paes; emquanto que a de Thomar é natural ter sido feita já depois do seu fallecimento, o que está em harmonia com a tradicção que diz te-lo sido por ordem e no tempo do infante D. Henrique.

É sempre esta inscripção que é citada por todos os auctores, com excepção de

THOMAR — CONVENTO DE CHRISTO
Visto do lado da charola dos Templarios

Cunha (2) que cita a de Almourol, se bem que inexactamente.

Com Luciano Cordeiro dá-se ainda o caso de criticar Cunha pela traducção que apresenta, e que aquelle na sua obra coteja com a de Thomar, encontrando-lhe, portanto, differenças taes, que em logar de provocarem a critica deviam ter-lhe manifestado que se tratava de duas inscripções differentes, ou antes tres, visto que Cunha faz seguir a citada inscripção da que está collocada sobre a porta interior e de cuja existencia nem mesmo Luciano Cordeiro suspeitou. Passemos em claro a discussão a que aquelle erudito se entrega, e que os interessados poderão ver a pag. 39 e seguintes da sua já citada obra e apenas tocaremos de leve num ponto mais interessante. Diz este auctor que Cunha traduziu mal *Sidan*, por *Sultão,* devendo evidentemento tratar-se da cidade de *Sidon*. Ora Cunha traduzia bem porque traduziu a lapide de Almourol onde se lê SVLDÃ sem duvida alguma.

Antes de terminar a parte historica d'esta breve monographia mencionaremos ainda alguns objectos que foram encontrados nas escavações a que já nos referimos.

Já citámos 7 moedas romanas, differentes (1). Além d'ellas, alguns centos de moedas portuguezas das 1.ª, 2.ª e 4.ª dynastias, entre as quaes mealhas de D. Sancho I, dinheiros do mesmo rei, idem de D. Affonso III, D. Diniz, D. Affonso IV e D. Pedro I, tornezes, graves e pilartes de D. Fernando, reaes IHNS e de V de D. João I, reaes de 10 soldos do mesmo reinado, reaes pretos e ceitis de D. Duarte e de D. Affonso V, cinco réis de D. Sebastião, ceitis de D. Manoel e reaes de D. João IV, além de outras moedas não classificadas, algumas d'ellas de prata.

Tambem foram encontrados muitos objectos de ceramica e metallicos, cuja época não é facil determiminar e que não offerecem interesse real, excepto uma bella espora de

(1) Vol. III, pag. 377.
(2) *Historia Ecclesiastica de Braga.*

(1) A classificação das moedas devemo-la ao sr. dr. Albano de Macedo.

latão, magnificamente conservada e 26 medalhões diversos de que nos vamos occupar.

Apresentamos apenas photographias de tres dos melhores e mais bem conservados. São de cobre ou latão, alguns ainda com esmaltes, circulares ou sextavados, e com diametros variando entre 45 e 93 millimetros. Não é facil indicar a sua applicação. Seriam fechos de cintos? Um d'elles representa em tosco desenho (como todos os outros), uma dama armando um cavalleiro. Outro tem simplesmente a cruz de Christo Outro um castello com uma dama coroada no centro. Outro um S atravessado por uma setta. Tambem noutro se vê uma dama poisando sobre um leão sustentando numa das mãos uma flôr e na outra uma legenda onde parece ler-se *Aljubarrota*.

Dito, um pouco summariamente, o que pudemos averiguar sobre o castello de Almourol, ficando assim corrigidas muitas versões inexactas que corriam a seu respeito e indicados novos elementos de estudo ainda ineditos, resta-nos ainda citar alguns documentos interessantes que a elle se referem. Além do documento de que já atraz fizemos menção e que se refere a uma capella que existiu no Castello, tres outros documentos transcreve o auctor de *Fr. Gonçalo Velho* (1), todos fazendo a concessão da exclusivo da pesca no pego d'Almourol, aos seus commendadores. Num d'elles, se explica nos seguintes termos a razão da mercê: «Recebemos mujto serujço do castello dalmourol pollas gentes que hi stavam e stam do muj honrado baron don frey lopo diaz de sousa mestre da cavallaria da ordem de xpos cujo o dicto castello é, manteendo sempre nossa uoz e dos dictos regnos nossos e fazendo muita guerra a nossos jmjgos,» Não quizemos deixar de citar este documento porque elle attesta os serviços que o Castello prestou na defeza do país. Muitos outros documentos se encontram dispersos nos dois volumes da excellente obra de que nos soccorremos, onde se fazem referencias ao Castello, mas são sobretudo interessantes para quem quizer fazer a extensa lista dos commendadores de Almourol.

THOMAR — EGREJA E TORRE DE SANTA MARIA DOS OLIVAES

Eis a parte historica. Digamos algumas palavras sobre a parte lendaria (2).

(1) Vol. I, pag. 109, 184 e 190.

(2) Veja-se Francisco de Moraes, *Palmeirim de Inglaterra;* Francisco B. de Sá Magalhães, *O Castello d'Almourol;* Rebello da Silva, *Contos e Lendas;* Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno.*

VISTA GERAL DA VILLA DE CONSTANCIA
A' direita as ruinas do velho palacio

Não podia a poesia popular deixar de se impressionar por scenario tão magico. E logo brotaram as trovas sobre o castello:

Porque choras bom romeiro?
Porque vens tão magoado?
— Choro a ausencia de uma filha
Que me deixa abandonado!

Porque se foi vossa filha,
Bom romeiro, me dizei?
— Levou-m'a um mouro descrido
E de al dizer-vos não sei!

D'onde fugiu vossa filha,
Bom romeiro, me dizei?
— Do castello d'Almourol
Que me havia dado el-rei!

O romeiro era D. Ramiro, senhor do Castello, que em uma tarde de estio pedira agua a uma moura que com sua filha vinha da fonte. Como ella lhe não satisfizesse os desejos por ter deixado cair o cantaro, aquelle, irado, trespassou-as com a lança, o que foi presenceado por um joven mouro, filho e irmão das duas victimas, e que D. Ramiro levou captivo. Cresce o mouro junto de Beatriz, filha de D. Ramiro, e, á medida que correm os annos, cresce um amor puro entre os dois jovens, até que, fallecendo a mulher de D. Ramiro, e aproximando-se a época em que este devia chegar ao Castello, vindo de remotas paragens, elles, reconhecendo a impossibilidade de santificarem o seu amôr, fogem, abandonando o Castello para não mais serem vistos. D. Ramiro, roído pelos desgostos, empunha o bordão de romeiro, e abandona o Castello, que rue sob a acção dos seculos.

Outra é a lenda do *Palmeirim de Inglaterra*. Um gigante chamado Almourol, habitava o Castello, onde foram ter duas nobres damas Miraguarda e Polinarda, com os seus sequitos. Sabendo isto, Palmeirim, paladino de Polinarda, volta a Portugal e tenta raptar a sua dama, o que não consegue, por se ter interposto o Cavalleiro Triste, paladino de Miraguarda. D'ahi resulta um repto d'onde ambos sahiram mal feridos, indo Palmeirim para Paio de Pelle e o Cavalleiro Triste para os braços da sua dama.

Dramusiando, gigante amigo de Palmeirim, sabendo isto, corre em seu auxilio e, derrotando Almourol e o Cavalleiro Triste, liberta Polinarda que é restituida a Palmeirim.

Uma outra lenda diz ainda que habitava o Castello em meiados do seculo XII. um emir arabe Al-Morolan, que lhe transmittiu o nome, com uma filha formosissima. Enamorou-se esta de um cavalleiro christão, que, servindo-se d'este amor, commetteu a traição de abrir a porta do Castello aos seus homens de armas, emquanto o arabe, abraçado a sua filha, se lançava nas profundas aguas do pégo.

São, em summula, estas as principaes lendas que correm sobre o castello de Almourol e que alguns dos nossos escriptores teem aproveitado para themas das suas producções litterarias. Mas, por mais interessantes que sejam, não sobrelevam de forma alguma a historia do Castello que atraz deixámos escripta, tão intimamente ligada com vultos como Gualdim Paes, que nelle tem — senão o mais grandioso — pelo menos o mais pictoresco e duradouro padrão.

F. A. Garcez Teixeira.

Os clichés do Castello de Almourol, foram obsequiosamente cedidos pela Escola Pratica de Engenheria.

GRACIOSA — VILLA DE SANTA CRUZ

Uma excursão aos Açores

(Conclusão)

Levantamos ferro.

Poucas horas são decorridas de viagem, e estamos ao pé da Graciosa.

Graciosissima é, na verdade, esta ilha, que deve o nome á belleza dos seus contornos, ao aspecto risonho que offerece a quem do mar a contempla, e a quem, lá dentro, do alto espalha o olhar pelo matiz de seus campos.

Desembarquemos na villa de Santa Cruz, a capital.

O que primeiro nos fere a attenção, ainmesmo antes de pisar a terra, é um grande monte, sobre cujo dorso se erguem tres altos cabeços, no alto de cada qual uma pequenina ermida branqueja.

Avistando a villa, e erguendo-se os tres outeiros, á medida que o vapor, fendendo a agua de manso, se vae approximando da terra, o *touriste,* que é quasi sempre um poeta, evoca, fatalmente, numa instinctiva suggestão, os versos daquelle trêcho da *Ilha dos Amores:*

Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa.

E, chegados a terra, temos logo vontade de subir lá acima, ao Monte da Ajuda, que é o seu nome, antegosando o panorama. E' magnifico: quasi toda a ilha fica sob os nossos olhos; os campos estendem-se em verdes quadrados, mais parecendo jardins cuidados por mãos habeis de jardineiros, do que terras de sementeira amanhadas por mãos rudes de camponios.

Bello golpe de vista é este, para nós, que não temos tempo de percorrer a ilha, que mais alguma coisa tem de notavel do que a simples exterioridade que o nosso olhar, embora embevecido, num momento alcança.

Convem citar, de preferencia, a cratera dum extincto vulcão, que fica a tres kilometros da villa da Praia: No fundo dessa cratera ha uma enorme gruta, onde existe enxofre em abundancia, e de cujos tectos pendem estalactites e estalagmites.

E' a gruta de difficil accesso, sendo necessario ir-se amarrado para descer-lhe ao fundo. Raro, no emtanto, é o *touriste* que, visitando a ilha, não faça essa arriscada, mas interessante descenção.

Santa Cruz é uma villa alegre, com bons edificios, algumas ruas amplas e bem traçadas.

A villa da Praia é a segunda povoação

em importancia; e por mais quatro freguezias, de somenos vulto, é constituida toda a ilha, a mais plana do archipelago, e cuja superficie é medida por 98 kilometros quadrados.

Commercio e industrias, quasi nada. O solo feracissimo, porém, produz de sobra e do melhor para os habitantes da ilha Graciosa, que nós agora vamos deixar, para seguir nossa derrota.

Ao mar!

•

Poucas horas de viagem. Umas quatro. Surge S. Jorge.

Vamos desembarcar na villa das Velas, capital da ilha e sua mais antiga povoação.

Esta villa fica situada nas faldas d'uma montanha, á beira-mar e duma larga enseada. Aprazivel é o seu aspecto, pelo tamanho e pela belleza, e de não vulgar importancia é o seu commercio.

Os principaes artigos de exportação, são os queijos e a manteiga, de que ali existe importante fabrica, artigos que, pela excellencia da sua qualidade, teem largo consumo nas outras ilhas, e no continente do reino.

Quasi abandonadas da metropole, pela distancia grande, e sem defeza rigorosa, o corso e navios de guerra de varias nações, por estas terras fizeram suas proezas, bastas vezes castigadas severamente pelos insulares, como succedeu na villa da Calheta, segunda povoação d'esta ilha, assaltada por varias vezes e varias vezes victoriosa.

As Velas ainda é uma villa muralhada, o que lhe dá um aspecto unico de destaque, e faz evocar luctas antigas, o terror de populações quasi indefesas, toda uma vida, nos primeiros tempos, de sobresaltos e de guerras.

A ilha é cortada em todo o seu comprimento (uns 65 kilometros) por uma cordilheira de pequena elevação.

Do lado norte, o aspecto da costa é feio, sem casas e sem vegetação.

A costa sul, árida tambem lá por cima, é linda á beira mar, numa linha quasi ininterrupta de casas e farto arvoredo, por muitas leguas, da Calheta ás Velas.

Não ha portos accessiveis a grandes embarcações, a não ser a enseada das Velas.

No centro da ilha, sem que do mar sejam vistas, poucas freguezias sem importancia, havendo apenas a notar as grandes pastagens para creação de gados, que tornam S. Jorge a ilha mais importante na industria de lacticinios.

E que mais dizer, se a nossa viagem tem de ser rapida, e não nos é dado demorar a attenção na historia, no commercio e na industria, na politica de cada uma d'essas pequenas e lindas terras? Nada. Invejar a

GRACIOSA — UM ASPECTO DA VILLA DE SANTA CRUZ

vida bucolica daquella santa gente, decorrida sem preoccupações, sem ambições e sem odios, cultivando na terra o pão de cada dia, ao murmurio embalador da onda, quebrando-se de encontro á penedia rude da costa.

Um derradeiro olhar de despedida para traz, e depois, na frente, — um assombro...

*

O Pico!

O dia é lindo, porque estava escripto que esta nossa viagem havia de ser feita com um tempo delicioso, para que toda a variada e encantadora paysagem insular nada perdesse do seu brilho a nossos olhos.

Assim, os 2:300 metros de altura da montanha magestosa, recortam nitidamente a sua negrura vulcanica, batida de sol, no azul desmaiado do ceu.

E quanto mais o navio avança e d'ella se aproxima, mais parece que a montanha alteia, alongando o seu vertice agudo, para descer obliquamente tomando uma configuração de pyramide, alastrando a base rente ao mar, onde branqueiam algumas pequenas povoações de pescadores.

ILHA DE S. JORGE — MORRO DE LEMOS

VILLA DAS VELAS — UM TRÊCHO DA COSTA

Vista assim, de fóra, a ilha do Pico apresenta-nos o mais surprehendente espectaculo que imaginar se pode.

A ilha só é habitada cá por baixo. Para cima, galgando a encosta, cuja ascensão é difficilima, ha apenas mattas, depois uma vegetação rasteira, depois só terra vulcanica, pedregulhenta, queimada.

Como o ceu dos Açores nunca está completamente varrido, a montanha que vamos agora costeando toma, por effeito das nuvens que sobre ella poisam, e a que a luz do sol empresta tonalidades magnificas, aspectos verdadeiramente phantasticos.

Parece até que cobre a montanha um dêsses mantos adejantes de bailarinas, nos quaes todas as côres do iris perpassam, n'um deslumbramento, por combinações electricas de effeitos maravilhosos.

A's vezes, no poente, ainda por effeito das nuvens, parece que o Pico abraza em fogo; outras, que a neve cobre o seu dorso; outras, ainda, que um manto de cinza o vestiu todo.

O PICO, VISTO DO FAYAL

No inverno, outros interessantes aspectos apresenta, sendo o mais curioso o do gelo a escorrer, a alastrar-se — como um grande manto branco rendado de que a montanha se andasse a cobrir.

E não tem o Pico mais de que fallar-se, a não ser dos seus vinhos, dos seus fructos e dos seus queijos.

Estes tres artigos (aliás axcellentes) constituem o principal do seu commercio entre as ilhas.

Não precisamos, pois, desembarcar, porque lá dentro, — pequeninas terras de camponios e de pescadores — nada de notavel existe.

Basta-nos vêr de longe aquella enorme montanha, que rasga o ceu, e seguir, tomados de assombro e de encanto, com os olhos postos nella, até que aportamos á Horta, capital do Fayal, fronteira ao Pico.

*
* *

Logo o aspecto da cidade, num amphitheatro risonho, predispõe bem o espirito do viageiro, que nella vae desembarcar.

Caiada de branco, a estreita fila da casaria, á beira mar, com suas persianas verdes, parece que tem um sorriso de boas-vindas para o forasteiro.

E o forasteiro, como nós, atravessando o canal entre o Fayal e o Pico, canal que mais parece um rio, pela pequena distancia das costas, sente o contagio daquelle riso, torna-se alegre tambem.

Aproamos á Horta. Entramos na vasta e abrigada bahia, depois no porto artificial, apenas defendido por um estreito molhe, que mais não é preciso, mercê das suas naturaes condições de segurança.

Desembarcamos E, uma vez em terra, vamos dar um passeio pela pequena cidade. Confraternisemos com os seus habitantes, vejamos a sua vida. Poucas ruas temos a correr, nenhuns edificios a admirar, a não ser, pela sua grandeza, esse antigo convento de jesuitas, hoje constituido pela egreja matriz e pelas repartições publicas.

A egreja é notavel pelos seus azulejos e velhos quadros, pela magestade das suas naves.

Toda a cidade, á beira mar, é orlada por um areial. Dá-lhe relativa importancia

o ser estação central do cabo submarino, imprimindo-lhe certa vida o elemento estrangeiro, empregado nas companhias ingleza, americana e allemã.

De resto, o commercio, tanto maritimo como terrestre, é pequeno, e a vida decorre ali serena e monotona, como n'uma grande aldeia.

O traço mais caracteristico da população, é o da intelligencia, dum certo grau relativo de instrucção, superior ao dos habitantes das outras terras açoreanas.

As pessoas mais bem cotadas da Horta, na intellectualidade, no commercio e no funccionalismo, findos, pela tarde, os seus labores, passam o tempo nos tres clubs da cidade, jogando, lendo, ou conversando, até ás 10 da noite, hora a que o pequeno movimento da Horta se extingue e tudo entra burguezmente na quietação e no repoiso.

Eis a cidade. Agora, o campo.

Temos, logo aqui bem perto, abrigando a cidade, o dorso alto da Lomba, que num instante podemos galgar. Venha a carruagem, e subamos.

Chegados ao cimo da Lomba, que uma estrada pinturesca atravesa longitudinalmente, ficam nossos olhos inebriados ante a belleza, a grandesa phantastica do quadro, que a um tempo impressiona e encanta:

Para um e outro lado, muito em baixo, estendem-se duas vastas planicies, cujos campos, em verdes quadrados, que a brancura das cazas pica, a espaços, nos dão um bello aspecto de alegria e fartura.

Voltemo-nos para o mar: Surge, lá em baixo, a facha da cidade e o porto. Depois, o canal azul e vasto, e em frente o Pico, que, á medida que vamos subindo, mais alto e mais proximo nos parece, rasgando o azul com o seu cabeço agudo.

FAYAL — VISTA GERAL DA CIDADE DA HORTA

Por traz, estende-se S. Jorge, cujas cazas se veem bem nos dias claros, e ao fundo avista-se a massa escura da Graciosa.

Viram já mais surprehendente quadro? Desconfio bem que não.

Seguindo estrada acima, para o interior, e entrando por atalhos quasi intransitaveis, conduzem-nos as muares, praticas no caminho da serra, até á bocca da Caldeira, — cratera que se escancára no mais alto do matto, descampado e triste.

Sentamo-nos á sua borda. São 1:800 metros de circumferencia por 1:000 de profundidade, aproximadamente. Pelas encostas, vegetação rasteira, e, lá no fundo, a agua

FAYAL — ESTRADA DA PRAIA DO NORTE

FAYAL — ESTRADA DO RIBEIRO SECO

das lagoas brilhando ao sol. Em volta, pelas fragosidades da serra, silencio absoluto, desolação. Ao longe, o mar, as tres ilhas já vistas, e mais distante a Terceira, esfumada na curva longinqua do horisonte.

Na pequenina ermida, que ali se ergue, celebra-se pelo S. João uma alegre romaria, a que vae quasi toda a população da ilha. Pelo inverno, os gelos e os nevoeiros cerrados afugentam da serra toda a nota humana.

A desolação é completa.

Mas, deixemos esta paysagem, que impressiona pela grandeza e pelo mysterio; voltemos á cidade e, tomando carruagem, marchemos para um passeio impressionante, tambem, mas pela alegria, apenas: — ao Capello.

A principio a estrada é banal, a vegetação insignificante; mas, percorrido meio caminho, a segunda metade é dum encanto innarravel.

Esta parte é toda plana e com poucas curvas. Caminhamos entre duas grossas e altas filas de hortensias, de cujo seio irrompem milhares de roseiras floridas.

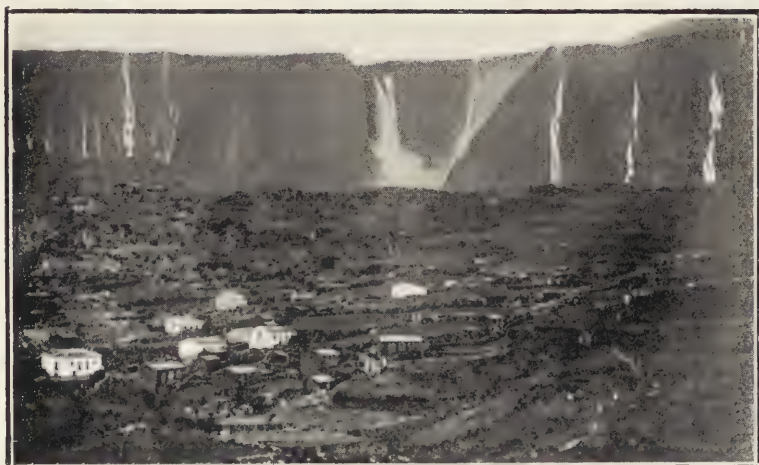
E assim vamos caminhando por duas horas, até ao Capello, n'um encanto de sonho, na estrada plana e recta, por entre a musica vibrante das aves e o perfume inebriante das flores.

No emtanto, o arvoredo é escasso. Dum lado, o terreno desce em suave declive, até ao mar; do outro, erguem-se pequenos montes, de graciosos contornos, dum queimado negro ou rubro, denunciador da acção dos vulcões, que por ali se fizeram intensamente sentir.

FAYAL — LAVADEIRAS NA RIBEIRA

Pelo Capello adentro, ainda as hortensias continuam a abrir alas. A freguezia é deveras pinturesca, como os Flamengos, como Castello Branco, e a Ribeirinha, como os Cedros, na parte norte, onde a vegetação manifesta maior pujança, tendo trêchos de estrada encantadores

Dito isto, e visto o principal, sigamos na nossa viagem, que está proxima do termo. O sonho vae continuar...

FLORES
VILLA DE SANTA CRUZ

FLORES — CASCATA DA RIBEIRA GRANDE

* * *

A jornada é, agora, mais longa do que entre as ultimas ilhas. As Flores e Corvo ficam lá para o occidente, a cêrca de 12 horas de marcha regular. Perdido de vista o dorso do Fayal e o cabeço altaneiro do Pico, começamos dahi a pouco a avistar pela prôa a pequena e linda ilha das Flores, penultima *étape* d'esta delicosa viagem, que tanto tem deleitado, impressionado, encantado o nosso espirito. Não é verdade?

Ilha das Flores! Nunca nome algum foi tão bem aplicado como este. De flores está coberta a ilha; e, á maneira que d'ella mais nos aproximamos, mais temos a impressão de que vamos desembarcar em um jardim, que a natureza tivesse plantado ali, em pleno oceano.

Desembarcamos em Santa Cruz, a capital da ilha, que é onde o vapor aporta, quando o tempo lhe dá licença para isso. Além d'esta villa tem as Flores ainda outra, a das Lagens, e as freguezias da Fajansinha, Fajã Grande, Mosteiro, Lagedo, Lomba, Caveira, Cedros e Ponta Delgada.

Por todas ellas, para qualquer lado que nos encaminhemos, a paysagem tem magnificos aspectos, a vegetação manifesta-se pujantemente, as flores irrompem por toda a parte, matizando a verdura do solo uberrimo.

O terreno é accidentado, ravinoso; e aguas abundantissimas, despenhando-se de alturas de 300 metros, formam quedas magestosas e gigantescas, como essa da cascata da Ribeira Grande, e alastram-se em

ribeiros por toda a ilha, riscando-a de branco em todas as direcções.

Na ilha das Flores ha sete belas lagoas, uma das quaes é tão importante que a sua massa de agua tem 112 metros de profundidade.

Por este tempo, em que a natureza mostra, em todo o seu esplendor, as galas de que se veste, as alcantiladas rochas da ilha cobrem-se totalmente de flores, por entre as quaes os regatos crystalinos serpenteiam, de queda em queda, despenhando-se no fundo dos vales ou no mar revolto, que de encontro aos rochedos basalticos quebra as suas ondas, desfazendo-as em espuma.

As comunicações são dificeis, de maneira que só custosamente podemos ver todos estes aspectos curiosos da pequena ilha. A principal industria é a da manteiga, que se exporta para Lisboa e para as outras ilhas.

Onze a doze mil habitantes; pequenas industrias locaes; trabalhos do campo; pesca da baleia; emigração para a America.

Nada mais.

A nós, o que nos interessa, porém, é essa paysagem grande e original, que torna a ilha das Flores a mais bela e interessante do archipelago dos Açôres.

E agora, finda a visita, partamos, prôa ao norte, direitos ao Côrvo. São apenas 5 horas de viagem.

* * *

O Côrvo é a mais pequena de todas as ilhas dos Açôres. A mais pequena e a mais curiosa na sua organisação social.

CORVO — CALDEIRAS

Tem duas leguas de comprido por uma de largo. Alta e defendida do mar por uma rocha basaltica de mais de 250 metros de altura, a ilha semelha uma verdadeira fortaleza.

Tem uma povoação unica: a Villa do Rosario, onde vivem, na santa paz do Senhor, virgens de ambições e limpas de maus instinctos, 800 pessoas.

Dizer da sua existencia é apresentar ao leitor uma pequena familia de socialistas, trabalhando comummente a terra e em comum dividindo os seus fructos.

Sequestradas do convivio do mundo, essas 800 pessoas só delle têm noticias quatro

vezes por anno, se o mar consentir, ainda assim, que em todas essas quatro vezes o vapor da carreira possa communicar com a terra. Ali não se rouba, não se mata, não se difama.

Rarissimo é que a justiça tenha de intervir em quelquer conflicto, e, neste cazo, essa justiça é exercida pelas tres entidades superiores da ilha, que são o administrador do concelho, o padre e o regedor. São elles que dicidem da sorte do delinquente; e, se este tem que soffrer pena de reclusão, vae para uma cadeia, com porta aberta e sem guarda, d'onde pode fugir com a maior facilidade. Mas não o faz. Impõe-se o dever de cumprir a pena, e cumpre-a.

Mesmo de noite, não se trancam as portas das habitações. Ficam no trinco, porque não ha odios que justifiquem um attentado, nem necessidades ou instinctos que conduzam ao roubo.

A seguinte nota friza bem a honestidade daquelle bom povo: Sendo a santa do logar a que mais oiro possue nos Açores, a chave da egreja fica sempre n'um prego da porta da sacristia, pela parte de fóra. Quem quer, seja a que hora fôr, tira a chave, abre a porta, entra na egreja para rezar. E nunca á santa faltou nem uma só das suas joias! Num dos estremos da ilha ha um pedaço de rocha que semelha uma estatua grandiosa, voltada para a America, como que apontando aos navegantes o caminho do Novo Mundo.

Digna de vêr-se, tambem, é essa cratera enorme, no centro e no mais elevado da ilha, e que se denomina Caldeirão. Lá no fundo, a emergir das aguas, ha nove pequenas ilhotas, que a natureza caprichosa alli colocou, com a mesma forma e a mesma disposição das nove ilhas do archipelago, que nós acabamos de visitar, e cujas belezas, surprehendentes para ti, leitor amigo, e para mim sempre novas, passaram ante os nossos olhos, rapidamente e deslumbradoramente, como se as vissemos atravez um kaleidoscopio.

*
* *

Fatigado o corpo e encantado o espirito, digamos adeus ás lindas terras dos Açôres — que assim o reclamam as necessidades da nossa vida.

E, agora de novo em Lisboa, finda a viagem que a empreza dos *Serões* te facultou por 200 réis, apenas, certamente que tu, meu companheiro, irás apregoar, por toda a parte em que te encontres, as maravilhas que teus olhos viram, em terra portugueza, de portuguezes tão ignorada — terra eleita e tão linda que, por si só, basta para constituir o orgulho d'uma nação.

Tão prodigo para Portugal, foi com certeza o ceo que ergueu, num gesto inspirado, o braço do infante de Sagres, e que abriu nas aguas o trilho luminoso que até aos Açôres sulcou a nau gloriosa de Frei Gonçalo.

Lisboa, julho de 1908.

RAPOSO DE OLIVEIRA.

CORVO — UM ASPECTO DA ILHA

Tolstoy octogenario

UANDO um homem attinge os oitenta annos, como succedeu ao conde Lyof Tolstoy a 28 de agosto, não deve ser julgado pelas suas incoherencias, ou pelos seus actos excepcionaes e porventura excentricos. Deve observar-se a sua vida na integra. Que grandes cousas conseguiu? Qual foi a sua influencia?

Tolstoy, cuja saude é ainda vigorosa, tem vivido muito, tem pensado muito, tem escripto muito. Seus compatriotas prestam-lhe calorosa homenagem e d'elle se ensoberbecem. Exemplo quasi unico na Russia, tem tido a faculdade de expressar sem temor os seus pensamentos, de revelar quanto lhe vae no espirito, de affrontar a egreja dominante, de criticar o czar, e de não ser apezar d'isso maltratado, nem sequer incommodado.

O CONDE LYOF TOLSTOY

De uma gravura de Ivan de Bodijansky

A interpretação da obra de Tolstoy

A carreira de Tolstoy tem quatro periodos importantes. Quando moço, foi o homem do mundo alegre, amante dos prazeres, favorito na côrte, soldado, grande proprietario territorial. Depois applicou-se á litteratura, e escreveu livros que pela simplicidade e pelo vigor lhe grangearam o applauso do mundo. Foi este o periodo de *Guerra e Paz*, e terminou com a sua obra prima, *Anna Karenina*. Elle proprio assim fala das suas creações:

«Comecei a escrever por vaidade, por amor ao lucro, e por orgulho. Pagaram-me por isso. Vivi á grande, bem alimentado, bem installado, magnificamente acolhido, e alcancei fama. Segundo todas as apparencias, o que eu ensinava era optimo.»

N'esse tempo, era elle avido de elogios, e costumava escrever aos amigos a pedir-lhes o informassem do que diziam a seu respeito os que liam as suas obras. Comtudo, lá no seu intimo, nunca podia ter sido amante sincero da litteratura ou da arte. Apreciava o renome que essas obras lhe davam, mas manifestava sempre um certo desdem aristocratico pelos homens que escreviam. Talvez existisse n'elle essa tintura de barbarie que parece occultar-se sempre nas profundezas do caracter russo. O que é certo é que dentro em pouco elle se desaveiu de todo com toda a litteratura, e não é facil citar grandes nomes que elle não conspurcasse com o fel do seu odio. A Goethe chamava «plagiario»; descrevia a poesia de Dante, Milton e Shakespeare como «grosseira, selvagem, e muitas vezes insensata.» A musica de Beethoven e de Wagner era para elle «calculada e artificiosa.» Cousa extranha! da «Cabana do Pae Thomaz» é que elle declarava advir-lhe o maior deleite.

O mal que de facto affligia Tolstoy era o tedio do mundo. O segredo da genuina indole russa é a simplicidade; e por fim Tolstoy procurou regressar a uma fé simples assim como a uma vida simples. Tudo quanto pertencia á nossa complexa civilisação, capitulou elle de «existencia de manicomio.» As doutrinas de Christo, acceitas litteralmente, foram seu unico guia religioso. A cultura do solo era a unica occupação consentanea para um homem que conhecesse a verdade. Por conseguinte, esse homem genial voltou as costas ao esplendor das grandes capitaes,

e foi-se metter na sua propriedade de Yasnaya Polyana, na Russia Meridional; e ahi vive hoje, quanto possivel, a vida de quem nada vê de bom em quanto não seja a essencia de simplicidade.

O conde teve desejos de se desfazer generosamente de toda a sua fortuna; sua mulher oppoz-se porém pelas vias legaes e tomou conta d'ella. Tolstoy não quiz nunca aproveitar-se dos seus direitos de auctor, e por isso os seus livros estão á mercê de todos os editores do mundo, sem que o autor receba um ceitil da enorme importancia da venda. O seu traje são pelles de carneiro ou fatos de lã grossa. Imagina elle viver como o mais humilde *moujik* da sua terra.

Tolstoy será inteiramente sincero?

Verdade verdade, a simplicidade de Tolstoy é mais apparente que real. Sua mulher, que cuida d'elle com tanta ternura como se elle nunca houvesse declarado que o casamento era cousa vil, vigia para que o marido não seja privado de confortos. Por baixo das asperas vestiduras externas, usa elle o linho mais fino. Apezar de simples, a sua alimentação é da melhor especie, cozinhada com toda a pericia de um *chef* parisiense. Em vista da sua edade avançada, elle não percebe os ternos fingimentos de que o rodeiam. Costuma dizer:

— Sou pobre. Quasi que não tenho de meu um copeck. Nada posso dar á caridade.

Litteralmente, diz a verdade; mas na realidade existe uma fortuna nas mãos d'aquelles cujo prazer é prover ao seu conforto. Come em louça barata, e affirma:

— O meu alimento é simples como o de qualquer camponio.

Não percebe que esse alimento consiste em iguarias preparadas com requinte, acompanhadas de pecegos e outras fructas que fóra da estação propria nem sempre apparecem nas mezas mais opulentas.

De todas as partes do mundo concorrem homens e mulheres a visital-o. Para aquelles que o escutam com respeito tem elle sempre palavras benignas. A outros, que discutem as suas opiniões sobre a vida, não occulta uma brusca impaciencia. Não ha muito que o presidente de uma das primeiras universidades americanas lhe fez uma prolongada visita. Era homem de vasta erudição e de grande experiencia.

Quando se foi embora, perguntaram a Tolstoy:

— Que lhe parece este sabio americano?

— Não passa de um barbaro — retorquiu o Mestre.

É facil zombar das incongruencias da casa actual de Tolstoy, mas não deve esquecer-se que elle é terrivelmente sincero. Qualquer que seja o nosso pensar ácerca das suas crenças, devemos respeitar-lhe o forte empenho em prol da fé simples, da pureza e da verdade. O mundo conforme elle o quer sem duvida que nunca será; todavia a sua grandeza e o poder da sua doutrina teem acoroçoado aquelles que desesperam do que o mundo é na actualidade, e que alongam a vista para os ideaes de uma humanidade perfeita.

Descrevem-no muitos como socialista, mas na realidade, como todos os seus compatriotas, elle é em ultima analyse um fatalista. Mostra-o continuando de quando em quando a escrever para o publico, embora frequentemente diga que os livros e a leitura são apenas uma das fórmas do mal. Quando lhe lançam em rosto esta incoherencia, elle responde, na conformidade do espirito fatalista:

— Ser-me-hia impossivel deixar de o fazer. É naturalmente que faço isto.

E no emtanto, depois de o ter feito, fica descontente, e prosegue no empenho de se levantar acima de si proprio e de alcançar a meta do absolutamente justo, sem embargo das hostilidades que provoca.

Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

SYNOPSE. — Capitulos I a X: Bruce Ingersoll, no momento de sahir da Universidade de Cambridge, precisa arranjar um modo de vida e pagar as suas dividas de estudante. Offerece-se para secretario e é contractado por Jean Cavanagh, grande magnate dos caminhos de ferro canadianos, cujo pae foi morto pelos nihilistas em Baku. Antes de sahir de Cambridge reconhece que Cavanagh pagou secretamente todos os seus compromissos. Avista-se com Cavanagh n'um hotel londrino e fica intrigado com a excitação que causa no magnate a leitura de um jornal da tarde. Partem subitamente para «A casa do Fen», residencia de Cavanagh, mysteriosamente vedada, construcção erguida no meio de muralhas, isolada de tudo e de todos. Ingersoll examina no seu quarto o jornal da noite e depara-se-lhe a noticia de um nihilista allemão que foi pelos ares no seu laboratorio, bem como tres dos seus cumplices. De noite e acordado por um grito afflictivo e ao alvorecer ve o argelino, um dos serviçaes de Cavanagh, dirigindo-se a cavallo do parque para casa. Mr. Cavanagh espera-o no jardim, e, tirando o jornal da noite da algibeira, bate-lhe com as mãos, endireita-o e convida o argelino a lel-o. O primeiro trabalho de Ingersoll, como empregado, é redigir um relatorio de certas ruas e casas d'algumas cidades estrangeiras, muitas das quaes estavam situadas em viellas sórdidas e mal afamadas. De tarde, n'um passeio a cavallo, encontra uma formosa mulher e uma creança. A mulher perdera a razão e o homem que a vigiava de perto era o argelino. Subitamente Jehan Cavanagh resolve partir para Antuerpia na esperança de encontrar vestigios de Paulina Mamavieff, a mulher que matou seu pae em Baku. Prospero de Blondel, ex-policia ao serviço de Cavanagh, declara que a espera vêr durante a procissão do Corpo de Deus.

XI

A LUZ DA JANELLA

Deviam ser cêrca das quatro da tarde quando me encontrei a sós com Mr. Cavanagh. O moreno Blondel, singularmente calado durante o excellente almoço que comemos, gastou depois uma hora certa, a escrever n'uma mesa perto da janella, d'onde podia examinar tudo quanto occorresse na rua. De quando em quando, é verdade, fazia cer-

tas observações que eu não podia explicar nem comprehender. Notou, n'um intervallo de descanso, que a hypothese mais racional era que Dubarrac fugira para Inglaterra. Não entrára nenhum mensageiro, nem se recebera nenhuma carta. Se não era feiticeiro, não possuia melhores informações que eu, e o céo bem sabia, que as minhas pouco valiam.

O que me surprehendia acima de tudo, era a maneira como estes dois homens dominavam uma excitação que não podiam occultar completamente. As suas palavras eram raras. Quando lhes indiquei a presença, na rua d'essa mademoiselle Mamavieff, que vinham procurar a Antuerpia, nem por um instante a descoberta desviou a corrente dos seus pensamentos, ou provocou qualquer manifestação. Sentámo-nos a almoçar como pessoas que assistiram a um desastre, mas que não o desejam discutir. A confusão que reinava lá em baixo não significava nada para nós. Os soldados galopavam, a officialidade superintendia nos seus movimentos, a policia corria atraz dos homens que tinham fugido e isso nada nos importava. O mais absoluto silencio, ou phrases sem sentido, a contrastar com o semblante pendido de Mr. Cavanagh e com os olhos inquietos do mudo Blondel. Não era possivel que estes homens tivessem vindo a Antuerpia melhor informados que os demais. Ver-se-ha como me enganava redondamente.

A's quatro horas Blondel sahiu e pouco depois Mr. Cavanagh propoz-me para darmos uma volta por Antuerpia antes de jantar. Agradou-me a proposta e durante duas horas ou mais demos um delicioso passeio. Se elle parecia não se lembrar dos acontecimentos da manhan, certifiquei-me afinal que não os esquecera de todo. Em seguida a visitarmos a famosa egreja de S. Paulo, com o seu grotesco purgatorio no portico, perguntou-me se tencionava escrever alguma coisa ácêrca do que vira na Praça Verde.

— Vale a pena — disse — narrar a occorrencia. Conte em Inglaterra como por causa das suas leis morrem mulheres e creanças. E' uma racional sequencia do seu estudo sobre *A loucura do individualismo*. Justifique as medidas de força tanto quanto possa, Ingersoll. Afigura-me que todos tomarão em consideração esse trabalho; pode fazer muito por aquelles que acreditam na repressão, como eu acredito na efficacia da guerra sem treguas, sem mercê, contra essas creaturas. Escreva alguma coisa além; existe demasiada liberdade no seu paiz e no meu.

Respondi-lhe que desejaria fazer como me indicava, mas que achava a tarefa difficil.

— Affirme que a nação tem por dever defender-se, o que é certo. E' uma affronta para a humanidade considerar esta gente como tendo juizo. Pregue o exterminio como antidoto á mania homicida, faça com que esses altruistas se mexam. O senhor previu isso.

Não respondi.

— Tambem eu o previ, Ingersoll. O seu paiz protege essa gente com medo d'ella.

— Não creio, Mr. Cavanagh.

— Meu caro amigo, que direito tem o senhor para crêr ou descrer. Não recebeu hoje a sua primeira lição? Seja estudante ainda por um pouco e diga-me o que é crença e incredulidade. Ha de vir tempo que não haja mais vigoroso campeão que Bruce Ingersoll. Conheci isso desde o principio e cada vez me convenço mais d'essa verdade.

Mudou de assumpto repentinamente e começou a falar da indesculpavel indifferença das grandes cidades por aquillo que mais de perto as interessam.

— Depois da batalha de Sedan os campos continuaram a ser cultivados; aqui nem os homens nem as mulheres modificam as suas lides quotidianas na coisa mais insignificante por causa do incidente da Praça Verde. Não é nada para elles. Mesmo que alguns dos seus filhos fossem victimas do attentado, não o sendo elles, encolhem os hombros e proseguem no seu caminho. Devemos ensinar o povo a olhar pelos seus interesses, Ingersoll, mostrar-lhe o que devem á familia. E' essa a minha missão, de que não me descuidarei. Ensinar ao povo o que isto significa para elle... o que isso significa para mim.

Falava com ardor, e enthusiasmava-se com as proprias palavras. Durante um momento pareceu soffrer como eu o vira soffrer no hotel de Londres.

O accesso diminuiu com a mesma vehemencia com que crescera, e encontrei-o quasi alegre ao jantar, com o seu habitual feitio um tudonada sardonico.

— Blondel prepara-nos uma pequena surpreza, — exclamou mysteriosamente quando voltávamos do restaurante para casa — não o devemos fazer esperar, Ingersoll. Estava na rua dos Inglezes, penso, ás nove horas. Quer vir commigo, ou tem receio? E' dever meu prevenil-o que corre ali algum risco. Não estaremos precisamente em Waterbeach nos nossos commodos aposentos. Quer vir commigo, apesar d'isso, Ingersoll?

Respondi que o acompanharia fosse qual fosse o risco. A minha hesitação em acceitar as suas opiniões pessimistas ácerca do povo não era o bastante para me julgar covarde.

— Sinto grande prazer em ir comsigo Mr. Cavanagh, — adduzi, pois era verdade.

Pareceu ficar satisfeito, penso, e immediatamente ordenou ao seu creado Edward:

— Mr. Ingersoll e eu vamos onde não gostam de ver fatos apurados, Edward, — disse; — traze-nos qualquer coisa com que nos disfarcemos e depressa... O sr. Blondel espera-nos.

Foi obedecido sem um murmurio e, decorridos dez minutos sahiamos da Praça Verde com duas caracteristicas blusas azues como muitas que andavam n'aquella noite em Antuerpia. Creio que nem o meu melhor amigo me reconheceria, embora me encontrasse hombro a hombro com elle e me examinasse dos pés á cabeça. Mr. Cavanagh apparentava ser um gordo operario que gastára improficuamente a noite no café e que voltava para casa a instancias do filho. Porque era necessario este disfarce, que significava? Conhecia-o tanto como á morte. Comtudo não pude deixar de formular uma pergunta que surprehendeu immenso o meu companheiro.

— Espera prender mademoiselle Mamavieff esta noite, Mr. Cavanagh?

Girou sobre os calcanhares e olhou-me de frente em quanto eu falava.

— O que o leva a pensar isso, Ingersoll?

— Oh! como Blondel me recommendou que diligenciasse descobril-a...

— Explicou-lhe o motivo?

— Disse-me o que pensava.

— E o que eu tenciono fazer?

— A esse respeito nada disse.

— Fez bem; vamos, Ingersoll.

Considerei a resposta singular e o tom em que foi pronunciada não presagiava nada bom para a mísera rapariga em qualquer parte onde a encontrasse. O nosso passeio levou-nos até o Scheldt, seguiamos pela margem do rio por meio de caes e docas e vultos caprichosos de navios phantasmas.

Uma vez, em pequeno, demorára-me alguns dias no Hotel Inglez no caes, e lembrei-me do sitio quando passei, mas o nosso destino não era ali, e sim n'uma pequena e estreita rua, um quarto de milha mais além. Ahi voltámos a esquina deliberadamente e paramos com toda a naturalidade deante da porta de uma casa, do lado esquerdo da viela. Mr. Cavanagh tirou uma chave do trinco da algibeira e entrámos.

Imaginem esta rua, correndo em angulos rectos, em direcção da cathedral e do coração da cidade. As casas, — ainda as mesmas de quando os hespanhoes deitaram fogo a Antuerpia, — são immensamente altas, algumas de madeira, com pavimentos salientes, velhissimas, cheias de fendas através das quaes assobia o vento. O chão é de lages gastas pelos seculos e pelos tamancos de muitas gerações, quasi razas com o solo que lhes fica por baixo. Os que as percorrem são ordinariamente marinheiros de calças largas ou mulheres pintadas, da peor especie que uma cidade continental pode abrigar. E' este o aspecto geral da rua, e a casa para a qual entramos não se me afigurou melhor que as outras. A velhissima escada tremia debaixo dos nossos pés quando subiamos. No segundo andar, onde paramos, não havia tres vidros inteiros na janella. Não vi nem homem, nem mulher, nem creança; não ouvi uma unica voz em todo o predio. Parecia estar ao abandono desde que o duque de Alva occupara Antuerpia. Quando Mr. Cavanagh me declarou que a casa era sua, então, na verdade, achei a affirmativa um tanto singular.

— Sua, esta casa?! Não comprehendo.

— E' minha, Ingersoll; vamos cear aqui. Não, por favor, não accenda a luz. Devemos arranjar olhos de gato para esta noite; olhos de gato e linguas de velludo. Agora venha commigo para não esbarrar em nada. Ha cadeiras na janella; não recebo os meus convidados de pé, Ingersoll.

Atravessámos a casa, com a maxima cautela. Havia duas cadeiras no vão da janella. Quando os meus olhos se habituaram um pouco á escuridão, divisei uma mesa ao pé

das cadeiras e os indecisos vultos de garrafas e copos.

— Schnapps, Ingersoll — murmurou — elogie os hollandezes mesmo quando esteja em Flandres; não ha melhor bebida em todos os Paizes-Baixos que o Schnapps. Quando quizer fumar conserve o charuto abaixo da janella. E não accenda luz aqui, se quer saber quem reside no predio fronteiro e o que fazem ali.

Olhei para defronte e vi uma luz na moradía opposta, tão proxima da nossa que qualquer pessoa que estendesse o braço lhe tocava. O pavimento, saliente, formava como uma ponte sobre a rua, os vigamentos acercavam-se de tal modo que alguem que não sentisse vertigens saltaria de uma janella para a outra com o mesmo risco que uma creança que se empoleira em cima de uma porta. O facto era tão patente que não me poderia escapar em tal momento. Um primeiro relancear de vista para esse predio convenceu-me que era habitado; o segundo esclareceu-me que os homens que o occupavam estavam não menos sobresaltados, não menos vigilantes, não menos atemorisados.

Existiam cinco ao todo n'esse aposento; tres jogavam o dominó n'uma mesa ao centro; um dormia n'um sofá decrépito, o terceiro escrevia á luz d'um candieiro. As janellas tinham as cortinas collocadas ao lado e a do centro nem isso apresentava, pois fôra-lhe arrancada. Os homens pertenciam a diversas nações — um russo, um hespanhol e tres allemães — foi assim que a minha insufficiente experiencia os classificou. Que receavam ser espionados, tornava-se evidente pelos seus rapidos movimentas e frequentes perguntas. Não decorriam dois minutos sem que um ou outro abrisse o postigo e observasse cautelosamente o que se passava na rua. Pasmava que Mr. Cavanagh viesse a semelhante espelunca; não comprehendia nada.

— A minha casa, Ingersoll — disse baixinho quando me conduziu para a janella, mas não tão proximo que houvesse perigo de nos descobrirem — comprei-a logo que aquelles cavalheiros honraram esta rua com a sua presença. Não conhece Jean Ferrers, fabricante de velas, e seu filho Miguel? São aquelles dois. Nem mesmo os seus amigos saberão tão cedo do seu paradeiro. Vamos lá a experimentar um pouco de Schnapps antes que a humidade nos entre nos ossos. Beba, Ingersoll; confesse que conserva o seu espirito lucido e que se sente tanto á vontade aqui como nos nossos pequenos e commodos quartos da Praça Verde.

Era estranho ouvil-o falar n'esse tom, mas attribui isso a qualquer excitação natural produzida pela situação e tambem não duvidava que a garrafa do Schnapps pertencera realmente ao velho operario a quem o seu agente comprara a casa. Escusado será dizer-se que não bebi, nem sequer tentei beber. Nem era tão insensato que me lembrasse de fumar, mas occulto com a escuridão, observava os homens como elle e esperava não sei bem o quê. Se qualquer perigo nos ameaçava não dei pela sua presença. O mysterio da casa lia-se claramente nas physionomias d'esses homens. Tudo isso, a nossa situação, a anciosa singularidade do caso, attrahia-me como um espectaculo. Porque me tinham trazido aqui e para quê? Para que recebesse uma segunda lição? Na verdade parecia-o.

Acceitara esta versão quando me dispuz a observar os visinhos, e diligenciar, no meu intimo, encontrar qualquer resposta que me orientasse em tal perplexidade. Que esse bando se relacionava de qualquer maneira com o attentado que eu presenceara na Praça Verde, não havia duvida. Accudiu-me até que um d'elles seria o celebre terrorista Dubarrac, e esta convicção enraizou-se a ponto de perguntar sem rodeios a Mr. Cavanagh.

— Qual d'elles é Dubarrac? — inquiri, sahindo-me a pergunta quasi sem querer.

Era evidente que a interrogação lhe agradara.

— Ah! vae aprendendo, vejo-o! — exclamou. — Dubarrac é o que escreve aos seus amigos de Hespanha, narrando-lhe o acontecimento d'esta manhan.

— Porque não previne a policia de que elle está aqui?

— Porque a policia não é sufficiente habil para o prender; ou se o prendesse não lograria fazel-o condemnar.

— Espera então ser mais feliz?

Não me respondeu. Dubarrac cessara de escrever, applicava intensamente o ouvido ao echo das passadas que resoavam na rua. Depois encaminhou-se para a janella e perscrutou as sombras. Em seguida assobiou de-

vagarinho; respondeu-lhe outro assobio do andar superior ao nosso.

Esta descoberta surprehendeu-me. Julgava que estavamos completamente sós em casa, e é facil de imaginar o que me custou a reprimir uma exclamação. Não eramos nós os unicos de vigia, deviam estar tambem os amigos de Dubarrac, desde que respondiam ao seu signal.

A descoberta, declaro, alvorotou-me o sangue como se recebesse uma pancada. Senti uma especie de panico que me incitava a fugir de casa a todo o custo, a buscar a luz e a vida das ruas, sentia-me em face do perigo e desfallecia. Salvou-me d'esta covardia Mr. Cavanagh. Não me cruzava o cerebro um unico pensamento que o seu admiravel espirito não o adivinhasse.

— E' o assobio de Blondel, Ingersoll.

— Então Blondel respondeu-lhes? Que louco fui!

— Não pensou n'isso, é o que é. Blondel assobia muito bem, ao que parece, mas as suas notas não agradam aos nossos amigos defronte. Observo que não estão muito á sua vontade. Repare em Dubarrac, esquece-se de acabar a sua interessante carta e carrega uma pistola de repetição.

Assim acontecia. Deslisara pela rua um murmurio de alarme e toda essa gente se puzera de subito de atalaia. Os dominós foram arrecadados, o candieiro apagado. Contemplei a instantanea visão de cinco rostos contrahidos pelo terror e depois o quadro occultou-se-me completamente.

— Para trás, Ingersoll, para trás? — segredou-me Mr. Cavanagh. — Já não estamos protegidos pela sua luz. Conserva a pistola que Edward lhe entregou? Muito bem; talvez precise d'ella agora. Espere e observe.

Puxou-me para o sitio mais ás escuras e collocou-se a meu lado na espectactiva. Não posso narrar exactamente o que succedia na rua, mas ouvi a bulha de muitos pés, e de chofre, sem nenhum aviso prévio, um enorme estrépido como se aglomerasse debaixo das nossas janellas numerosa multidão reclamando um prêso. Este temeroso brado, semelhante ao uivo de centenas de lobos humanos, era de uma ferocidade inexprimivel. Quedei-me aterrorisado, com medo até do som da minha voz.

— Ouve, Ingersoll? Os bons burguezes de Antuerpia veem saber o motivo porque Dubarrac matou as suas mulheres e filhos? São bons burguezes, alguns d'elles teem já estado na cadeia. Se o nosso amigo além lhes cae nas mãos paga dente por dente e olho por olho. Não sei ao certo quanto o nosso amigo Blondel lhes pagou, mas deve ser uma somma consideravel, e justos céos, que vozes que elles teem!

O seu tom escarnecedor não se harmonisava com o fim que tinha em vista. Por baixo das nossas janellas rugia a gentalha alvorotada que vinha vingar as pobres creaturas assassinadas na Praça Verde essa manhan. Esse momento produziu em mim uma excitação indescriptivel. A verdade patenteou-se-me com toda a evidencia. Estávamos ali, não para prender esses homens, mas para os matar; não em nome da justiça legal, mas servindo-nos de uma turba paga para manifestar a sua ferocidade, o seu prazer pelo sangue. O facto era tão indisputavel como terrivel.

Os meus amigos teem-me perguntado muita vez como pude presencear tal scena em silencio; porque não protestei nem accusei Mr. Cavanagh de proceder commigo incorrectamente. A resposta contém-se, talvez, na justiça absoluta do que fez, e a minha convicção, então indefenida, mas latente no meu espirito, é que elle actuava no interessse da humanidade e por esse modo deve ser julgado pelos seus semelhantes.

Se não era assim, se a determinante era a covardia, a covardia e a curiosidade, receio d'elle e receio meu, permanecemos onde estávamos sem que nada nos arrancasse a immobilidade. Como poderia intervir? Que poderia ter feito? Fechados entre quatro paredes, completamente ás escuras, no meio dos uivos e apupos que estrondeavam na rua, a minha firme convicção é que os agentes de Cavanagh se encontravam n'essa mesma casa de atalaia e de observação e que se consideravam sufficientemente fortes para salvar o assassino e fazer com que o respeitassem a elles. Como é que um homem desarmado se poderia impôr a um exercito, obrigar um hercules a curvar-se ante uma creança, fazer com que um humilde soldado não obedecesse á ordem do seu general?

A verdade é que me conservei mudo como qualquer outra pessoa nas minhas circumstancias. A repentina transformação de scena

despertou em mim uma tão intensa curiosidade que não houve argumento que a banisse. Ouvi esses temerosos gritos na rua com tão angustiosa anciedade que não a posso definir. Os meus olhos pareciam grudados á escuridão da janella fronteira. Não me era possivel nem por um segundo desviar a vista.

Que succedia lá dentro? Tinham os homens conseguido fugir, visto não dar signal de si? Tinham-se frustrado todos os nossos ardis e estratagemas? Responderia affirmativamente, fiado nas apparencias, mas no mesmo instante, sem que o esperasse, surgiu um d'elles no parapeito da janella para onde eu olhava. Via-o tão distinctamente como qualquer actor no palco de um theatro. Era medonho ouvir os rugidos da multidão quando o divisaram ali; no seu rosto estampou-se a mais horrenda expressão quando num relancear veloz de pupillas olhou primeiro para baixo, depois para cima e em seguida para a casa onde nos achávamos. Comprehendia qual era o seu plano; uma creança o adivinharia. Pensava em atravessar por cima de uma viga e fugir para o predio em que nos encontrávamos. Denunciava o seu intento o demorado exame que fez, a promptidão com que buscou um pedaço de madeira para o lançar para o nosso lado e a furia com que o arrastou. Respondendo á turba com uma imprecação de desafio, vi-o tirar um revólver da algibeira e desfechar resolutamente contra o ajuntamento. Tres vezes disparou antes de se dispôr a atravessar a improvisada ponte, e depois arremessou a arma para traz de si, para que os outros que ficavam tivessem qualquer coisa com que se defendessem. Então a imaginação suggeriu-me o que eu não podia vêr, mas ouvia os brados da plebe trovejando á porta da casa fronteira e o estrondo das pancadas com que a arrombavam. Quando, porfim, elle se aventurou a atravessar, conheci que os amotinados tinham invadido a casa e que estavam prestes a captural-o.

O homem achava-se ali. Deitou a mão á fragil grade da nossa janella e preparava-se para saltar para a casa onde permaneciamos. Pelo meu lado não me senti com animo nem de lhe mexer com um dedo. Um toque do braço de Mr. Cavanagh no meu fez com que o meu coração batesse e todos os meus nervos vibrassem. O terrorista estava em cima do parapeito; erguia a mão para se segurar, ia para entrar. Mas não o conseguiu por uma razão que eu não podia ver; estacou, soltou um grito cavo e implorou aos que se encontravam á sua retaguarda que lhe valessem.

Se os meus olhos não me mentiram a janella cerrara-se e recusara accesso ao intruso. Fôra de proposito ou um mero accidente? Não o sei ainda hoje. Imaginem alguem n'aquella posição, na impossibilidade como estava de empurrar a janella, na impossibibilade de recuar, com a turba a berrar por baixo d'elle, com os companheiros a apressal-o, com a porta da casa nas suas costas feita em estilhas, cedendo ás formidaveis bordoadas que lhe despediam. Era essa a sua situação; o epílogo não se podia demorar. Largou o apoio a que se segurava e cahiu. Os uivos da multidão cessaram immediatamente e seguiu-se-lhe um silencio de morte.

Não tive coragem para me assomar á janella, nem Mr. Cavanagh m'o consentia. O sussurro lugubre que actualmente subia até nós era o de cães humanos luctando por causa de um osso. Ouvi na casa fronteira um medonho alvoroto, o detonar de revólveres, a bulha de pesadas pancadas, o estralejar de uma terrivel briga corpo a corpo. Alguns dos vultos, vi-os distinctamente, foram arremessados pela janella á gentalha da rua. Quem eram não posso dizer. Mr. Cavanagh conduziu-me para fóra de casa, desci a quatro e quatro por uma escada que parecia quebrar-se a cada momento e encontrei-me n'um becco na estremidade do qual se me deparou o rio. Havia policia ali, mas não nos prestou a mínima attenção. O nosso disfarce era completo e consideraram-nos dois simples operarios que voltavam para os seus lares. Regressamos em silencio á nossa morada na Praça Verde, e ali Mr. Cavanagh deixou-me só.

XII

Ainda Paulina Mamavieff

Foi Mr. Cavanagh quem primeiro me falou n'um contracto regular, no fim do mez de junho, approximadamente tres semanas depois de eu ter ido para a sua casa em Huntingdon.

Sahiramos de Antuerpia na manhan seguinte á da festa do Corpo de Deus, e fomos para Paris onde nos demoramos cinco dias no Hotel Ritz. Durante esse tempo encontrei tal mudança no meu chefe que difficilmente reconheceria n'elle o Jehan Cavanagh de Waterbeach e nunca o singular proprietario da casa da rua dos Inglezes. Tudo quanto succedera parecia ter-se sumido completamente no seu espirito. Vivia como os outros homens, gostava de se distrahir e frequentava as diversões mais triviaes.

Em Paris poderiam julgar-nos dois jovens condiscipulos de Cambridge, que tinham resolvido effectuar uma grande viagem. Jantares em Armenonville, jantares nas ilhas do Bois, passeios pelos estabelecimentos, de tarde, viagens rapidas a Chartres, a Beauvais ou a qualquer outro sitio que possuisse attractivos dignos de visita, transformamo-nos em dois viajantes que não pensavam n'outra coisa senão no pleno goso da sua mais ampla liberdade. Nunca encontrei guia semelhante para distracções nem ninguem que tanto me deliciasse. Achei Paris uma terra encantadora e sahi da cidade com fundas saudades.

LARGOU O APOIO A QUE SE SEGURAVA E CAHIU

Regressamos a Londres e ficamos uma noite em Carlton, pois raramente Mr. Cavanagh se hospedava no mesmo hotel. No dia immediato levou-me a um escriptorio em Victoria Street, ostensivamente propriedade de um tal Bertrand & Companhia, agentes de emigração, mas na realidade labutando n'outras especialidades, como vamos vêr. Este activo industrial occupava uma installação consideravel, e depressa me convenci que a parte mais importante do estabelecimento, no primeiro andar, estava reservada completamente para o meu chefe. Aqui, como em toda a parte, a mobilia era luxuosa e tudo revelava a maior opulencia e conforto. Jehan Cavanagh aproveitava-se como ninguem das commodidades que o dinheiro proporciona.

Era uma ampla sala, mobilada com quasi feminina profusão. Só Mr. Cavanagh tinha a chave d'este aposento, e reconheci que o representante da firma o recebia com manifestações de profundo respeito e rasgados cumprimentos.

Qual era a sua acção no escriptorio ainda o não sabia, mas breve principiei o meu trabalho escrevendo alguns documentos sem importancia; entregava-me a esse labor quando me interrompeu para conversar commigo ácêrca dos meus honorarios.

— A proposito, Ingersoll, quanto lhe devo pagar?

Presumo que olhei para elle com toda a vivacidade, como em geral succede quando nos falam em dinheiro.

— Nunca pensei n'isso, Mr. Cavanagh.

— Ora! meu amigo! Não espera que eu acredite tal. Deve ter pensado n'isso quasi todos os dias desde o começo. «Quanto me dará elle?» Perguntou muitas vezes a si proprio, e devia ter monologado: «Creio que é um embusteiro porque não fala em semelhante coisa.»

— Oh! não, não levei tão longe as minhas suspeitas.

— Mas lá chegaria. Ora vamos, um homem não vive de promessas, nem pode estar ás sopas de outro. Tem que pensar no seu futuro, é esse o meu parecer, Ingersoll, de encarar o porvir. Supponha que eu lhe dou mil libras por anno até se casar.

— Mil libras por anno...

— Exactamente. Mil libras por anno até se casar, e depois conversaremos. Tem de fazer por mim tudo quanto possa; sublinho estas palavras, Ingersoll, *tudo quanto possa*; dar-lhe-hei mil libras por anno. Não é necessario accrescentar que é um negocio fechado.

— Mas, Mr. Cavanagh eu nunca serei capaz de ganhar mil libras por anno!

— E eu penso que sim... no meu ponto de vista. Vejamos, não pode escrever hoje o artigo ácêrca do caso de Antuerpia, refiro-me ao incidente da Praça Verde? Lance mãos á obra e tente explicar ao povo inglez o que sucedeu. Não attenue os factos nem os exaggere. Nem uma nem outra coisa serviria aos nossos fins. Desejo que profunde mais, que vá além de uma simples descripção que só agrade aos frivolos; deve estabelecer a velha questão, se assiste ao individuo o direito de actuar quando o Estado se declara impotente. Até onde pode ir o individualismo? Quaes são as minhas prerogativas quando a lei é defficiente ou medrosa? Devo deixar esses doidos assassinar meus filhos, ou dispondo de influencia bastante, pegar em armas contra elles? Não formule o problema tão explicitamente que se torne indiscreto. Mas anime a idéa da iniciativa privada; propague-a de modo que a discutam. E' o que eu necessito para começar, e o meu amigo conhece isso melhor que ninguem.

Reflecti no assumpto durante um momento, e não hesitei em exprimir a minha difficuldade, como já a exprimira em Antuerpia.

— Encontro obstacutos de ordem altruistica, — declarei porfim — não posso glorificar a lei de Lynch em paizes civilisados, Mr. Cavanagh. Não posso outorgar aos homens, poderosos como são, o direito de serem simultaneamente juizes e executores. Seria este o parecer do povo inglez, tenho a certeza. Mas penso que podemos muito bem exigir medidas drasticas sobre uma parte da lei e reclamar o direito individual quando não sejamos attendidos.

— Exactamente, Ingersoll; ha muito tempo que se exige isso, e nada se consegue. Que auctoridade é a sua contra o homem que se defronta com a lei e diz: «Eu posso realizar o que os codigos não são capazes, eu subjugarei essas creaturas, devotarei a minha vida e a minha riqueza a esse fim, salvarei os vossos filhos dos seus attentados? Deve pôr o preto no branco, sabe, não como um facto mas como uma supposição. Pergunte o que é que o Estado responderia a um tal homem. Atire com a idéa para o publico e deixe-a germinar.

Prometti-lhe que me dedicaria a esse trabalho da melhor vontade e que o elaboraria com a maior logica e brilho que pudesse. Precisava de dois ou tres dias para consultar algumas auctoridades e especialmente rebustecer essa fundamental base tanto quanto a hypothese o permittisse. Cavanagh lêra muito sobre o assumpto; as suas sagazes observações depressa me convenceram. O evangelho da retaliação tornara-se o evangelho da sua vida. Quando consentia em o esquecer, fazia-o apenas por um grande esforço da vontade que com frequencia era seguida por uma reacção perigosa. Não devo omittir, aqui, e n'este momento, que quando a salvação de qualquer pessoa abandonada dependia de certo modo dos seus principios, procedia com uma coragem inexcedivel.

A justificação d'esta corajosa qualidade tem de ser addida para outro ensejo. Devo registar que Mr. Cavanagh concedia audiencias nos escriptorios de Victoria Street a gente muito curiosa e que tomava nota do que ella dizia. Muitas d'estas informações envolvem um caracter confidencial e não as posso divulgar. Mas comprehendi nitidamente que os homens que nos procuravam trabalhavam em muitas cidades, principalmente nas cidades do sul. Vinham de Odessa, de Napoles, de Barcelona, de Genova emissarios com os seus relatorios, planos e contra planos obtidos em reuniões secretas de noite

e em longas fadigas de dia. Mr. Cavanagh ouvia-os com paciente attenção, tomando apontamentos eguaes aos que eu colhia e enriquecia-os frequentamente com algumas críticas sensatas. Este labor tomara-me toda a manhan e o meu chefe acabava de suggerir que era tempo de lanchar quando nos appareceu o trigueiro Blondel, que se interpoz entre nós e nos declarou, sem mais preambulos que trazia noticias da maior importancia.

— Meus senhores — disse — puxando uma cadeira para a meza e falando tão rapidamente em francez que eu tinha a maior difficuldade em lhe apanhar o sentido — prenderam a tal mulher e está na cadeia de Bruges. Leia este telegramma que lhe é dirigido. Foi presa no café Americano ás dez da noite de hontem pelo meu agente, Sennival. Será accusada de cumplicidade no attentado de 14 de junho. Se quizermos, não pode haver duvida ácêrca das provas, mas fal-o-hemos? Depende de sua resolução, senhor; não mandei instrucções até saber o que resolve. Vae para a prisão belga ou enviamol-a para os seus amigos de Baku. Hão-de ficar muito contentes em a vêr ali; o chefe da policia d'essa cidade participou-me que reservava ahi um bello logar para ella. Deseja que vá ou fique? Vim cá de comboio e embarcado para que delibere sobre este ponto. E' uma grande noticia Mr. Cavanagh; a maior que a minha boa fortuna lhe poderia trazer.

Comprehendi que Blondel fôra indiscreto e um relancear de olhos de Mr. Cavanagh confirmou esta minha opinião. Não devia ter falado deante de mim; ou melhor, era ainda cedo de mais para isso. Mas as palavras tinham sido proferidas, o caso relatado e ninguem podia duvidar do seu significado. A criminosa rapariga, que matara o pae de Jehan Cavanagh, jazia na cadeia de Bruges e seria julgada brevemente. O meu chefe dispunha de sufficiente influencia sobre a policia de Bruxellas para assegurar a sua extradição para a Russia, onde o mais horrivel destino que se pode imaginar a esperava. E essa pessoa era a joven e sympathica escolar que eu vira na Praça Verde; os seus olhos, os mesmos que me tinham fitado tão suggestivamente quando eu contemplara o seu retrato.

Não acreditei então que fosse criminosa, não o acreditava agora. A historia da sua captura parecia-me terrivel. Mas como a podia eu remediar? Lera na phisionomia de Mr. Cavanagh a profunda satisfação com que ouvia as noticias de Blondel e o seu implacavel desejo de vingança. Essa rapariga, nova como era, causara-lhe o maior desgosto da sua vida. Essa joven, embora collegial, armara contra elle o universo dos revolucionarios. Encontrava-se actualmente sob a alçada da justiça, expiaria o seu crime.

— Mande-a para a Russia, Blondel! — respondeu Mr. Cavanagh, quasi reverentemente — os seus compatriotas que a julguem, elles que a punam.

(Continúa.)

Traducção de EDUARDO DE NORONHA.

Em Alvito
O Castello

ALVITO — EGREJA PAROCHIAL E ESCOLA PUBLICA PRIMARIA

Morrinha economica do Alemtejo — Florestas e culturas — Avistada das chans, rodeira ao povo.

II

Eis a sumaria descripção dos aposentos principaes do castello, com a sequencia relativa ás duas frontarias (1). *Frontaria principal,* na linha poente-sul, comprehendida entre o torreão do Sino e o da Fonte. Da esquerda para a direita: capella do castello, a seguir tribuna, logo a sala de jantar pequena ou *casa do lustre,* quartos diversos, e a camara do actual sr. marquez. Todas estas peças metidas no andar nobre, com janellas sobre a bracieira exterior e sobre o pateo.

A camara do sr. marquez sita no torreão da Fonte: tem janella de columnellos com sacada de ferro, sobre a rua, e outra, amouriscada tambem, dando prá Horta. Abaixo d'esta camara, em rez do chão de piso alto, ha quartos para hospedes, tendo uma sacada penultima a lhe dar luz; e por cima d'ella (da camara) outra antiga salinha circular, abrindo no torreão por uma janella coeva, de peitoril.

Frontaria da Horta, na linha sul-nascente, comprehendida entre o torreão da Fonte, e o que deita sobre o rocio de S. Sebastião. Da esquerda para a direita: sala grande de jantar, sala dos veados, camara *de D. Pedro V* ou sala quadrada de visitas *(sala estucada),* e salinha redonda d'abobada, já praticada na torre do nascente, e com uma janella sobre a Horta.

Os aposentos da frontaria principal, quazi tudo são peças reformadas ao tempo da reconstrucção pombalina, com tectos de fasquia ou taboas, paredes caiadas, e soalhos de taboado ou estreito adobe.

N'esta fachada, por cima mesmo da porta principal, e no espaço onde em 34 fizeram dois quartos, ficava a chamada *camara da rainha,* aposento onde em novembro de 1513, D. Catarina, mulher de D. João III, pariu um infante, que se chamou D. Manoel, e foi o varão primogenito do casal. Os reis estavam em Evora quando, já a rainha prestes a ser mãe, houve na cidade rebates de peste, o que obrigou a familia real a acolher-se ás povoações ruraes da cercania. Este princepesito morreu cedo, e foi pelos auspicios do seu almejado nascimento, diz Pinho Leal no *Portugal antigo e moderno,* que D. João III

mandou aos frades jeronymos de Cintra o magnifico retabulo de jaspe que ainda hoje se admira na capella do castello da Pena. Longos annos manteve a *camara da rainha* o mobiliario e armação de quando a habitára a soberana: as paredes colgadas d'arrazes, um grande leito d'estrado e docel occupando o fundo, alguns tamboretes e cateis, algum bufete ou cofre, com algum painel ou estatueta de santo alumiado a lampadas ou tochas...

Vieram as dissensões de D. Miguel e D. Pedro, em que os marquezes-barões seguiram a causa do primeiro, e victimas da sua fidelidade ao rei destituido, viram em 34 a canalha saquear-lhe o castello, fazer mão baixa nas pratas, trazendo para o terreiro a mobilia, onde lhe deitou fogo alegremente.

EGREJA DO ALVITO — NAVE CENTRAL E CAPELLA-MÓR

As malsinações chegaram a ponto do proprio governo liberal disputar aos marquezes-barões o direito de posse sobre a propria morada historica dos seus, que andava na familia ha quatro seculos: e disputar-lh'a sob pretexto dos senhores d'Alvito não terem titulo provante de lhe pertencer ligitimamente o edificio; pelo que passou elle para a posse do Estado, tendo o antigo proprietario de o receber de renda, por uma quantia annual que importa pouco. Deve-se aqui escrever que por aquelle tempo o desmazello das gentes do castello era tão grande, que a ninguem occorreu, n'aquella hora afrontosa, buscar no archivo papeis que solidarisassem indissoluvelmente a posse do palacio solar, com o destino adverso ou brilhante dos moradores; coisa facilima (pois esses titulos são chusma) a qualquer procurador ou scriba medianamente atreito a folhear traslados d'escripturas. Emfim, á força de roerem humilhações, lá descobriram sobre a porta d'entrada, coberta de reboco, a inscrição citada logo no principio d'este estudo, graças á qual o governo liberalão se humanisou, volvendo o solar novamente á posse pacifica dos seus donos.

Pela honra de haver nascido principe em Alvito, concedeu D. João III aos marquezes-barões a mercê de poderem pôr sobre o portal d'entrada do castello, a corôa regia: coisas estas com o prestigio que n'aquellas epochas lhes dava a crença fanatica de serem os reis, eleitos de Deus e participes d'uma excepcionalidade inherente á sua ascendencia inviolavel e divina.

Quanto aos pannos d'Arras da camara da rainha, cuido que não sofreriam muito com o saque, pois dou noticia d'ainda servirem nos theatros da praça, muitos annos, té que acabaram cobrindo o toldo d'um carro de canudo onde o pae do actual senhor marquez girava pelas tortuosas estradas, caminho dos seus montes de herdade, em faina agricola.

*
* *

Na frontaria da Horta, a sala grande de jantar é uma peça ampla, tendo sobre o cercado chamado Horta, e que antigamente o haveria sido, uma janella antiga de peitos, e sua chaminé de resalto (das duas que conta a fachada da caza, d'este lado), e sobre o pateo, uma janella antiga de sacada, mas sem varanda saliente, como de resto todas as que dão para este sitio. Sobre o panno da chaminé, d'alvenaria e vasta como a de qualquer cosinha rural alemtejana, vê-se — detalhe rapido — uma porção de cabeças recortadas em sombrinha, de personagens que acompanhavam os reis D. Luiz e D. Carlos, nas suas varias visitas ao solar. Alli estão D. Luiz e D. Carlos, a D. Amelia e os infantes D. Augusto e D. Affonso, personagens da côrte, recordações de noites bocejadas em que a camarilha por distrahir-se ia dos bailaricos terrenhos ás adivinhações de pulhas e charadas. Por baixo do andar nobre, furaram-se em epochas varias, quando já não havia que recear ataques d'inimigos, janellas rectangulares, sem symetria marcada, e destinadas a arejar diversas repartições do rez do chão.

D'este piso vae uma escada de tijolo, exterior, abrir na horta, e para o pateo elle lança algumas portas e buracos, remodelações espurias, claro, turbando a severidade hirsuta do edificio. *Sala dos veados:* é verdadeiramente a sala de honra do castello, quadrilonga, e a mais vasta, caiada, com tectos de caixão já despregados, tendo na taboa do centro pintado o brazão dos Lobos da Silveira. Em roda dos muros corre uma successão de craneos de veado, com armações frondosas e mui altas. E' acessivel pela escadaria de honra do pateo, sobre que deitam duas janellas antigas de sacada, tendo opostas a estas, outras duas de peitos, abertas para a Horta, e uma chaminé mui tosca, baixa e sem lareira, quazi um buraco, que fazia a tiragem do brazeiro d'inverno, nas noites de serão, ou serenim.

EGREJA DO ALVITO — NAVE LATERAL

Quando estive de visita ao castello, n'esta sala haviam os artifices da villa composto, sobre um tablado de pinho, um theatrinho para recitas. A vista era um biombo imenso de laca negra, borboleteado d'oiro, e muito velho, que fazia o hemi-cyclo do palco. No espaço destinado á platéa, havia em fiadas eguaes, cadeiras d'Evora, e d'um velho movel indiano, que já digo, tinham os amadores feito tribuna, provavelmente destinada ao castellão, ou gente sua.

O movel a que alludo, primitivamente estava na capella, guardando paramentos e alfaias do culto. E' uma especie de grande

comoda baixa, em madeira clara, com embutidos d'uma substancia que ou é laca ou madeira negra, e gavetões oblongos, e assente pelos cantos sobre especies de monstros rudimentarmente esculpidos e mordidos a fogo. Sobre o prato superior, uma especie d'armação de camarim, formada por columnas de canto ligadas entre si por tympanos ou regoas recortadas e ornadas a fogo, e deixando entender a possibilidade de se lhe correr por dentro uma sanefa. Chamam-lhe no castello, o *Cartorio*, e conta nos gavetões os restos do archivo, venho a dizer alguns minguados massos de documentos, e não sei quantos in-folios manuscriptos, com encadernações de bezerro e fechos de bronze, para onde uma marqueza d'Alvito, D. Maria Barbara de Menezes e Rappach, administradora dos bens do primogenito, menor, D. José Antonio Placido Lobo da Silveira Quaresma, fez trasladar da Torre do Tombo, todos quantos documentos de doação, previlegios e posse de haveres, diziam respeito á casa d'Alvito. A copia é de 1788, em admiravel caligrafia pombalina, e não já completa a serie, pois nos gavetões do cartorio erravam pastas de coiro, sem folhas, de volumes que mão sacrilega fôra rasgando—sabe Deus pra que destinos solitarios.

VIANNA DO ALEMTEJO — FACHADA PRINCIPAL DA EGREJA

Na base dos intercolumnios da porta, os camaroeiros da rainha D. Leonor, provavelmente restauradora ou bemfeitora do templo

Esta famosa sala de honra do castello, ensejo tive de a tornar a vêr desobstruida das pranchas do theatro, reposta na dignidade severa e fria do seu ambito. E' uma imensa e alta e veneravel peça quinhentista, comprida como uma nave, d'altos tectos de tumba, e lançada de lado a lado, a toda a largura da ala nascente-sul da construção. Portinhas baixas, profundas e macissas a continuam com outras camaras e salas do palacio. As quatro janellas que a iluminam pelas duas frontarias do pateo e da Horta, quando os batentes rusticos se abrem, e entram feixes de sol cortados pelo columnello gracil do centro; os poucos moveis hirtos, perfilando-se ao rez dos muros como a assistencia muda d'um conclave; a tampa do tecto, lugubre, de taboado grosseiro, pintada a branco, onde no *lienzo* centrico um brazão formidavel se pintalga; tudo isto, mau grado a nudez hirsuta dos muros — por causa d'ella talvez — tem o sobrecenho espectral d'uma vista de theatro, subido o

panno para esse primeiro acto terrivel do *Frei Luiz*... Com algum largo rodapé d'azulejo, a verde e branco, de reflexos metallicos, continuando em bordadura de bicos, como no palacio de Cintra, á volta das janellas e das portas: com alguns luctuosos trastes quinhentistas, alguns paineis de frades e guerreiros, alguns pannos muraes chagados de figuras, e aos pés do estrado o brazeiro, fumando, em volutas lithurgicas, aromas leves de styrax e d'incenso, seria uma verdadeira nave de tragedia, propicia a ressurreições de saraus e de cortejos, e como nenhuma outra na sua magnificencia barbara exprimindo as synergias asperas d'uma raça coacta entre as ferocidades da acção e o sentimento.

Apezar da caiadura pobre dos muros, do tijolo delido do chão, dos tectos mal pregados e sumarios, a sugestão das janellas gothicas é tanta, que pódem remendos e cróstas revestir a sala d'indigencia: continuamente a evocação das hieraticas epochas resalta, e com ella a ideia de que estão cavalleiros e damas sentados nos poialitos de pedra das sacadas, e présto vão entrar pelas portetas macissas, lebreus da Argelia e pagens mandaletes, trazendo em gomis e salvas, merendas de bolo-pedre e vinho travado d'especies olorantes.

Este castello d'Alvito é hoje typo unico em terra portugueza, pela manutenção quasi integral da fórma priméva, combalida o menos possivel pelas construções ruins que lhe agregaram, e que em nada perturbam de resto a reconstituição que qualquer visitante *in mente* ouse fazer. E' uma montanha de alvenaria em tudo typica, cuja mascara constricta diverge das dos castellos e solares chegados até nós.

D'estes colossos, os exemplares que ainda levam de pé sua decrepitude historica e esquecida, quasi tudo são construções de pedra, d'uma fase architectonica complexa ou mais rica (ex.: *o palacio da Sempre Noiva)*, ou agregados de muralhões e cazarões de tal maneira corrompidos e deturpados, que a magestade se foi das suas torres, a graça dos seus porticos, a fisionomia dos grandes lenços e fachadas; e fantasmões caricatos, só esperam que a demolição venha apeal-os da mascarada vil que representam.

Alvito está, se póde dizer, nas suas grandes linhas, intacto, e esta integridade se deve em primeiro logar a ter estado sempre em mãos de familia poderosa que n'elle houve casa desde a origem, e em segundo talvez a ser d'alvenaria em vez de pedra, o que despertaria menos colera e cubiça por banda da plebe destruidora, como desgraçadamente não succedeu com Villa Ruiva, Vidigueira, Portel, etc., cujos palacios-fortalezas, alguns de pictoresca traça e altivo cenho, foram preza da selvageria dos rusticos, que para construir seus antros derribaram fabricas preciosas (2).

*
* *

Por uma pequena porta, d'um manoelino sumario, vae-se da sala dos veados á salinha quadrada, chamada tambem sala estucada, ou camara de D. Pedro V, por ahi ter dormido o rei d'aquelle nome, as noites que passou no castello, em 1859 ou 1860, pouco tempo antes de morrer.

Esta sala tem nas paredes e tecto, estuques brancos modernos, e soalhos de madeira, que necessariamente se fizeram para tornar gazalhavel aos reis aquella estancia de somno, antes inhospita. Na parede da direita da entrada, janella sobre a horta; na da esquerda, portêta para o balcão-terminus do adarve da chamada muralha dos quintaes; janella em frente, mourisca e como as outras bi-partida, e posta ao canto que faz a torre nascente com a prolongação vertical d'aquella muralha; finalmente na intercessão da camara com a torre, portêta baixa promovendo a junção das duas peças, camara Pedro V e cubiculo redondo da torre — guarda-roupa ou lavabo d'aquella, e onde uma janella de ferradura simples abre prá horta, sexta e ultima da serie gothica que os torreões do nascente e fonte ladeam e delimitam. De dentro d'esta salinha redonda da torre, um escadóz de tijollo leva ao eirado, d'onde se atalaya um vasto panorama.

A sala tod'em redor caiada e muito clara, o pavêz d'adobe estreito, envernisado, a abobada grosseira co'as duas tiras de pedra resahindo em cruz, dos cheios da alvenaria, a amouriscada janella de columnitas de pedra perfilando-se sob a ferradura de renda de tijolo, e seus assentos de lage a cada banda, tudo isto tem um sabor archaico que faz fundo, e medievalisa as ideias do meu cerebro, e coage o meu gesto a ser

do tempo, de sorte a me tornar, de chronista chilro de hoje, n'um senhor *bachilér* do seculo xv, trajando pellote e saio, marido d'uma Mór Leitôa ou d'uma Sentil Esteves, poeta do Cancioneiro e contador d'*estoreas* singulares...

Estas *estoreas*, quem podesse arrancal-as ás vetustas salas e poiares, e dos eirados ouvir, pela boca dos creneis, lembranças tantas do vasto mundo illustre e plebeu que aqui passou, no derrocar de cinco seculos, agora que a sombria morada se propôe findar sua odyssea, pois se extingue no actual senhor marquez a casa historica, volvendo o castello á posse dos reis, que o mesmo significa ficar prá qui no burgo ao desamparo!...

Desde os primeiros reis barbões da dynastia dos Affonsos que tanto Silveiras como Lobos se começaram a contar na sociedade e côrte portuguezas. Vinham os Silveiras de leito regio, pois João Fernandes da Silveira, primeiro barão d'Alvito, fidalgo dos conselhos d'Affonso V, D. João II e D. Manoel, escrivão da puridade, chanceller-mór de D. João II, vedor da fazenda, regedor da casa da suplicação, e dez vezes embaixador de Portugal, era nada menos do que o quarto neto d'Affonso III, por derivança do abraço de D. Affonso Diniz, filho legitimo d'aquelle rei, e irmão de D. Diniz, em D. Maria Paes Ribeiro, a *Ribeirinha*, neta de D. João de Portel, trovador e valido d'Affonso III, e talvez o homem mais rico de Portugal n'aquella epocha. Eram os Lobos nobreza rural e provincial de boa stirpe, pois desde D. Diniz se lhe encontram os nomes na historia da administração publica e resenhas de batalhas, sabendo-se mais que como opiparos morgados recebiam os reis quando vinham da caça ás provincias sul dos seus estados.

CASA DA QUINTA DE AGUA DOS PEIXES, SOLARENGA DA CASA CADAVAL
Vê-se a escadaria e a porta de entrada, e uma dupla janella gothico-mourisca no angulo solido do edificio

Estas incursões venatorias dos principes na comarca d'Antre Tejo e Odiana começaram logo que as brenhas alemtejanas foram acabando de ser varridas de mouros, para entrarem a povoal-as bestas feras e alimarias mais ou menos daninhas e ferozes. No paço episcopal de Beja ha um painel trazido de não sei que mosteiro do districto (reproducção talvez d'algum voto ou feito relacionado com o museu milagreiro do convento) onde se vê D. Diniz atacado por um javali (3). E' uma memoria do bom rei lavrador que pelo menos confirma (eu não vi a pintura) a sua tradição de monteiro indomito da stépa trastagana. Que elle alguma vez caçasse no *soveral d'Alvito* e coutos cerce, ia jurar. Ao tempo a terra pertencia ao seu chanceller Esteveannes, colaço de D. Affonso III, que impulsou o primeiro nucleo de casas da villa, e levou o monarcha irmão a dar-lhe foral.

Affonso IV, Pedro I, D. Fernando e o Mestre d'Aviz... quaes, vindo ao sul, aceitaram a hospitalidade dos Lobos, e perseguiram na Coutada do Monte do Coelho as alimárias *que os fidalgos guardavam para os Rex?* Já na casa d'Aviz, mormente quando por conveniencias politicas d'alguns reinados, sitava a côrte em Evora, alguns monarchas vieram espairecer e folgar n'estes contornos.

Com a frequencia da peste bubonica n'aquelles tempos de guerras e imundicie, mal o rebate soava na cidade, logo a familia real fugia a sete pés; e assim se explicam as visitas de D. João II, D. Manoel e D. João III, com registro nas chronicas coevas. Mencionadamente a de D. João II é sugestiva. Vem no livro de Garcia de Rezende, e refere por palavras sumarias e juizos timidos as disenções entre D. João II e a piedosa seresma em cheiro de santidade na historia, té o senhor Bramcamp Freire lhe organisar o cadastro de cumplice provavel no envenenamento do marido (4).

Conta o moço da escrevaninha de D. João II que estando o rei, com a rainha D. Leonor, e a côrte, e o duque (D. Manoel), e o senhor D. Jorge (filho natural de D. João II) em Evora, houve peste, sahindo logo a familia real com pequeno sequito, para as Alcaçovas.

Ahi o rei, que já vinha indisposto, teve os primeiros rebates da doença fatal; e aconselhavam uns os banhos de Monchique, e outros os de Obidos (Caldas da Rainha). Era em Septembro. N'um d'esses dias (já andava turbada a paz entre os esposos, por a rainha querer de sucessor á corôa, o duque seu irmão, e querer o rei fosse o bastardo D. Jorge), o chronista deixa entrevêr no casal fortes disputas, a ponto de bruscamente os reis se separarem. «El-rei foi a folgar a Villa Nova d'Alvito (da Baronia), e a rainha no mesmo dia se foy vêr com a Infanta sua mãy, e com a Duqueza sua irmã a Viana, as quaes por comprazerem a el-rey trabalhavão com ella que quizesse vêr o senhor dom Jorge, e servir-se delle, que per o a Raynha o não querer foy el-Rey ally nas Alcaçovas em grande desavença com ella, e esperou-se que da vinda da Raynha ás Alcaçovas, a que logo el-Rey e ella vierão, o senhor dom Jorge saysse a recebel-a, e beijar-lhe as mãos, mas não fez, *porque ouve para isso dilação para se tornar concrusão.*» (5).

Porque se decidiria D. João II por Villa Nova, sem aceitar hospitalidade dos senhores d'Alvito na propria villa cabeça dos seus estados? A casa de Villa Nova seria dos Lobos? O castello d'Alvito que ainda em tempos de D. Manoel (1496) se não completára, tam pouco estaria habitavel a quando D. João II enfermo sahiu d'Evora? O rei, empenhado em bater os previlegios e abusos politicos dos senhores, teria algum resentimento ou razão contra os d'Alvito? (6).

*
* *

A tres leguas d'Alvito, em Cuba, ha tradição d'um celebre *paço dos infantes,* casa de campo ou pavilhão de caça, de que hoje na terra restam apenas algumas vergas e silhares metidos em construções rasteiras e modernas. Que infantes eram aquelles? Em livros d'archeologia e historia portugueza, quando se escreve simplesmente *os infantes* sem outra designação de nomes ou parentes, costuma-se entender que é referencia aos filhos de Ignez de Castro. Mas não é certamente d'estes que se trata, pois leio n'uma copia manuscripta das *Memorias historicas do lugar da Cuba,* escriptas em 1742 por Fr. Francisco d'Oliveira (Pinho Leal chama-lhe Domingos), da ordem dos

PONTE VELHA, DE ALICERCES ROMANOS, SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO OU DE ODIVELLAS
Nas proximidades de Villa Ruiva

prégadores, e cujo original inedito se encontra no codice 104 da Biblioteca municipal do Porto, que o infante D. Luiz, duque de Beja (pae do estouvado e infeliz Prior do Crato), «edificou uma bôa casa de campo para vir acomodar-se com os seus creados quando vinhão caçar ao Matto do Seixal».

Matto do Seixal chama-se hoje na Cuba ao baldio ou charneca d'esteva e tojo que vae entre os farejaes e olivaes dos sitios de Valle da Cuba, e as herdades de D. Pedro, Sesmarias e Horta do Paral. E' um pedaço de terra de dois ou tres hectares, constituindo os restos infimos d'um territorio infinitamente maior e mais acidentado, sobre que pelos seculos afóra se foi talvez cortando o ambito das herdades que hoje se vêem entre o aro da pequena cultura rodeira a Beja, e os aros culturaes de Cuba, Villa de Frades, Vidigueira, e quem sabe se mesmo Selmes e Baleizão. O baldio chamado *Soveral d'Alvito,* que ia desde os campos cultivados da Villa, té para além de Vianna de Focim (do Alemtejo), Villa Nova, Villa Ruiva, Oriolla, etc., devia continuar-se em extensão com o Matto do Seixal, abrangendo tudo uma floresta temerosa de muitas leguas, interrompida apenas pelo circulo exiguo da pequena propriedade das povoações que lhe ficavam dentro. Não admira pois que esses terrenos immensos, cobertos de matagal tamanho de homens, retalhados de barrancos e fojos onde ferviam as alimarias montezas, e cujas rochas dramaticas e mamelões de colinas coroavam sinistramente os dolmens celticos: não admira que esses infindos plainos, dizia, onde os bamburraes crepusculavam da inextricavel noite das florestas d'azinho e sobro, propicia á nupcia das féras e á eclosão das vidas inferiores, fossem um chamariz de fidalgos caçadores e reis Nemrods, que ao abrir da estação se vinham instalar nos castellos e palacios visinhos, para gastar em montarias sangrentas os extras de ferocidade que lhes sobravam das batalhas. «Sabemos que o edificio foi nobre, continúa Fr. Francisco d'Oliveira, referindo-se ao *Paço dos Infantes,* e com bastante comodo para uma pessôa real. N'elle jantou El-rey D. Sebastião em sabado 3 de janeiro de 1573. Havia partido de Evora na sexta feira que veio dormir a Vianna, no sabado estava n'esta terra (Cuba), e n'este mesmo dia foi dormir a Beja, onde no domingo vio na Praça Combate de touros, que foram os primeiros depois da sua prohibição, em que o Papa mandava que se corressem com as duas clausulas: na presença d'el-rey, ou com as pontas cerradas. Trazia o Monarcha na sua companhia ao senhor D. Duarte, neto

d'el-rey D. Manoel; ao duque d'Aveiro; ao alferes-mór D. Christovam de Tavora; a D. João de Castro, conselheiro d'Estado; capellão-mór D. Francisco de Portugal, filho do conde de Vimioso; e ao grande André de Rezende, da ordem de S. Domingos (e que na sua mocidade fôra parocho da pequena Villa d'Aguiar), etc.... e indo todos á Matriz de S. Vicente, mostrou a Elrey e mais fidalgos a sepultura do romano Terencio Chrysogono, cuja antigualha se perdeu, e nós a fizemos restaurar...» (7).

Está-se a vêr pela narrativa de Fr. Francisco e destribuição dos palacios-solares d'estes contornos, como alternariam n'aquellas epochas as partidas de caça e festas derivantes, ora n'um paço, ora n'outro, segundo as manchas de coiza viva signalada por zagálos e couteiros, e *afição* respectiva dos senhores. Em Alvito estava o solar dos condes barões; em Villa Ruiva o castello dos Cadavaes, que n'elle alternavam residencia co'a não menos solareiga mansão d'Agua dos Peixes; logo na Vidigueira os Gamas; e muita e muita vêz algum Bragança deixaria Villa Viçosa pelo palacio que os duques tinham mandado edificar na fortaleza de Portel. «Com motivo de caça ao Matto do Seixal, segue a *Memoria*, vieram depois pousar n'este paço os marquezes de Ferreira, depois duques do Cadaval, que viviam no seu castello de Villa Ruiva; os barões d'Alvito, depois condes de Oriola, e outros fidalgos, cuja assistencia servindo d'opressão ao povo, fizeram representação do detrimento que lhes causava, do que foram prohibidos para vir; mas fazendo replica, lhes foi concedido que podessem citar só tres dias, o que se prova do primeiro livro da Odiana, folhas 53.» Em geral, cada fidalgo que se deslocava das suas terras levava comsigo uma chusma de pagens, caçadores e creados de falcoaria e de canil, e esta canalha de servos por via de regra aboletava-se pelas moradas dos vassallos; e porque as viajatas e estadas eram frequentes, exhauriam ellas os miseros ruraes com toda a sorte d'exigencia e d'estorsão. No cartorio de muitos municipios que poderam salvar o antigo archivo, ha documentos d'estas explorações desaforadas dos pobres, em detrimento da moralidade domestica e da ordem, que a creadagem forasteira caprichava em poluir e perturbar. «Como este palacio se não habitou, cahio, segue a dizer Fr. d'Oliveira no seu destrinço ao destino do *Paço dos Infantes*, e a sua pedra por ordem dos Filippes que então governavam o Reyno, foi levada para a nova cadêa que se fez na praça de Beja, e da restante se aproveitarão os moradores da Cuba, e ainda hoje vemos na porta da ermida de S. Braz, mas quem fizer reflexão

RIBEIRA DO ALVITO — NO INVERNO, MAIS PROPRIAMENTE CHAMADA DE ODIVELLAS

verá que cada pedra é de diverso lavor, e a razão é porque como cada um escolhia o que melhor lhe parecia, já se não aquella com que fazia correspondencia *(sic)*. Na rua direita, na janella do capitão-mór Braz Fernandes Coutinho, na da Igreja, e nas portas de meu primo o juiz Domingos Coelho da Roza, e as seis columnas que fez levar o secretario do Santo Officio, padre Manoel de Moraes, que estão na varanda, no cimo da Rua da Lama, tudo foi d'este palacio, e nos informarão que o relogio que está na Misericordia tambem a elle pertencia. A Rua do Paço, que foi a sexta que se construiu no lugar da Cuba, diz a *Memoria,* deveu o nome a estar fronteira ao Paço dos Infantes (8).

NOTAS

(1) Ahi vae noticia de mais casas que, umas ao certo foram, e outras poderiam ter sido, rezidencia dos barões d'Alvito nas cidades d'Evora, Santarem e Lisbôa, por onde a côrte andou com os reis d'Aviz, té se fixar de todo na capital d'á beira Tejo.

1.ª D. Diogo Lobo, segundo barão, filho de João Fernandes da Silveira, e védor da fazenda de D. Manoel, vivia em Evora com sua mulher D. Joanna de Noronha, da casa de Faro do Alemtejo. Elle fez venda em janeiro de 1501, *ao senhor D. Alvaro, filho do duque,* «meu muito amado e prezado primo», escreve D. Manoel nas cartas de confirmação — por 250$000 réis, «de toda a jurisdição e direitos e senhorio, e todo o al, que elle Barão tem e lhe pertença, e póde por qualquer maneira que seja na Quinta d'Agua dos Peixes, e nas acenhas e moinhos e erdades que os ditos D. Alvaro e sua mulher teem no termo d'Alvito, com as erdades dos Agudos e dos Calvinos, e com a Horta de Vasquo de Moura, e as terras em que elle lavra, e acenha de D. Izabel da Silva com seu ressio, e a courella da erdade que se méte antre as ditas erdades que o senhor D. Alvaro e sua mulher teem, e foram do Conde d'Olivença, seu pay, a saber, a do Cervado, a erdade em que vivia o Castanho, e a do Cavalleiro.»

Assignaram-se as escripturas nas casas de D. Alvaro, sobre cuja personalidade vem interessantes datas e detalhes nos livros *Lisbôa Antiga* e *Ribeira de Lisbôa.* D. Alvaro é o primeiro avoengo da casa Cadaval: filho do segundo duque de Bragança D. Fernando I, e irmão do duque D. Fernando II, justiçado em Evora á ordem de D. João II. Cazára com D. Filippa de Menezes, filha do conde d'Olivença, governador de Tanger (1479), e incluido no odio de D. João II aos Braganças, teve de se desterrar para Castella, onde permanece até que D. Manoel, seu successor, o faz chamar. A casa de D. Alvaro sitava na parochia de Santiago, jacente ao mosteiro de Santo Eloy, onde o fidalgo morreu muito mais tarde, tendo o seu primogenito os titulos de primeiro conde de Tentugal e primeiro marquez de Ferreira.

Da leitura d'algumas laudas do contracto *(Colleção de certidões extrahidas do Real Archivo da Torre do Tombo, a requerimento, etc.,* citada) deduzo que o Barão d'Alvito não teria em Lisbôa ao tempo, casa propria, pois uma ou duas vêzes se diz «nas pousadas do dito Barão».

Como a jurisdição, direitos e bens que o d'Alvito vendia, eram bens vinculados, haveria de supril-os no morgado, conforme a lei, por outros de valor egual ou superior; e esses da substituição, constam «d'um assentamento de casas que foram esnóga dos judeus que estam na cidade d'Evora, d'onde foi judaria», mais «um cham adeante das ditas casas d'esnóga, e mais umas casas terreas que estam hy junto, que depois tambem comprou a lediça judia», e suas arvores, cisterna e poço, etc., que D. Diogo comprou por 310$000 réis a D. Diogo Ortis de Vilhegas, bispo de Ceuta e prior do mosteiro de S. Vicente de Fóra. Nas escripturas assigna como curador e tutor dos filhos menores do Barão d'Alvito, um Affonso Martins, «nosso feitor que fostes em Frandes».

2.ª D. João II dera ao prior do Crato, D. Diogo d'Almeida, e ao «comendador mór» seu irmão, em vida d'ambos, umas casas sitas na Rua de Marvilla, em Santarem, partindo com outras que foram do Conde d'Abrantes, pae dos dois. Aquellas casas haviam pertencido a João Gonçalves, cavalleiro, a quem o rei as descontou n'uma divida de rendas, descurada. Em 1499 D. Manoel, a requerimento do segundo barão d'Alvito, D. Diogo Lobo, e de sua mulher, deu-lhes posse do predio, e fica no morgado. *(Colleção, etc.)*

CARRO ALEMTEJANO, OU DE CANUDO

3.ª Em 1501 D. Manoel aforou ao mesmo barão d'Alvito o lanço da cerca de Lisbôa que «está junto com as duas portas da Ribeira, que chamam da Erva (Ribeiro, Terreiro da Herva) e dos Remendões». Que portas seriam? Castilho não falla. O lanço comprehende «dês o começo de muro que está das casas de Gonçallo Matheus até á dita porta da Erva, e da outra banda d'ella até á Escada da Siza das Carnes, e da porta do Açougue da Carne até á porta dos ditos Remendões. E d'ella da outra banda até ao canto que vae contra a Fonte; e isto para na grossura do dito muro sómente cavar e fazer as Boticas (lojas) que houverem por preço e fôro de cem réis cada anno» — «os quaes lhe logo mandamos tirar d'uma tença

obrigatoria que de Nós tem» diz o alvará. E mais além acrescenta «sobrevindo em algum tempo tal necessidade que para defensão de Lisboa cumpra se taparem as ditas Boticas, que elle seja obrigado de as tapar á sua custa» *(Colleção, etc.)*. Aqui não houve residencia; era uma construção para rendimento. Só traslado a noticia para que os eruditos fixem no perimetro da Cerca lisbonense, a posição das duas portas.

4.ª Contracto da venda feita pelos vereadores da Camara de Lisboa, e referendado por D. Manoel, em 1513, ao segundo barão d'Alvito D. Diogo, d'um terreno junto ás casas de Henrique de Figueiredo, contra a porta do Terreiro do Trigo, por 30$000 réis em dinheiro, «para ajuda dos canos da agoa de Andaluces (Andaluz)». Illucida o traslado que «o dito chão é de comprido quatro braças de cravêra, e dous palmos e meio de largo, e tres braças outrosy de cravêra esquerdando-se com a esquina das casas de Amrique de Figueiredo contra a porta do Terreiro do Trigo, ficando antre as ditas casas do dito Amrique, e o dito chão, uma braça de cravêra á rua, e assy ficará outra rua d'outra braça de cravêra antre as casas que foram d'Alvoro Botelho e o dito chão...»

Deve ter sido terreno para arredondar propriedade ou casa possuida no sitio, porque diz a escriptura *(Colleção, etc.)* «e as paredes e obra se faram dentro dos limites da dita medida e nam sahirá mais». Os trinta mil réis da compra sahiram de dinheiros escambados do morgado, e o chão portanto adquirido, e mais as bemfeitorias de 20$200 réis que o pedreiro Pedro Luiz levou pelas obras, *(Colleção, etc.)* no vinculo entraram, supondo eu que além houvesse sido a primeira, senão uma das primeiras moradias fixas dos barões na capital.

5.ª N'um dos livros do Archivo *(Traslado autentico dos documentos antigos e modernos do Cartorio da ex.ma casa de Alvito — Tomo III)* achei uma copia da meação de D. Filippa Pessanha, viuva de Manoel Quaresma Barreto «por se perder na batalha d'Alcacere em companhia del-rey D. Sebastião que em gloria está», morador que foi na sua quinta de Santa Clara da freguezia de Santa Engracia de Lisbôa. Tem data de 18 d'Agosto de 1589. Com Manoel Quaresma, personagem opulento do conselho de D. Sebastião e védor mór da sua fazenda, morreram tambem o seu unico filho, já cavalleiro, que o acompanhára á expedição, e bem assim João Quaresma, seu primo, Antonio Lobo, alcaide de Monsaraz, e enfim o barão d'Alvito, D. João Lobo, o qual, diz Jeronymo de Mendonça na *Jornada d'Africa*, «tomando um barrete vermelho nos dentes, quasi significando que o tempo era mais de obras que de palavras, se lançou entre a multidão de seus inimigos, onde acabou valorosamente depois que por largo espaço á custa de muitas vidas lhes deu a entender a tenção de sua empreza». Fez-se inventario, diz o traslado da meação, por ficar uma filha menor. O senhor visconde de Castilho na *Ribeira de Lisbôa* falla do palacio que Manoel Quaresma edificou na Horta da Bica do Sapato, em sitio alto e sobranceiro, e em cujas ruinas o sr. José Palha Blanco construiu o palacete em que por muito tempo morou, ao Alto de Santa Apolonia, onde se instala hoje o Instituto Central de Hygiene. Quaresma Barreto era riquissimo; tinha duas filhas, acrescenta o sr. visconde de Castilho: uma (D. Ignacia) que casou em Castella, outra, D. Barbara Quaresma (a menor do traslado), esposa do quinto barão d'Alvito D. Rodrigo, e herdeira de toda a casa do pae em Portugal. A menção sumaria de por morte de Manoel Quaresma ter ficado ao casal uma filha menor, não exclue que houvesse outra, das duas que menciona a *Ribeira de Lisbôa*. A quinta de Santa Clara, na freguezia de Santa Engracia, sem duvida diz co'a Horta da Bica do Sapato, de sorte ao palacio d'esta dever ter sido o d'aquella onde residia a viuva, por morte de Manoel Quaresma. Assim a casa passou para os Alvitos, que n'ella tiveram moradia por algum tempo, acabando por a vender a Palha Blanco. A meação de D. Filippa Pessanha é consideravel, e o traslado um dos mais bellos testigos do mobiliario, ucharia, alfaias, joias e mais miolo cazeiro d'uma grande familia portugueza seiscentista.

6.ª No reinado de D. João V (14 d'Agosto de 1748) morre a condessa-baroneza d'Alvito D. Ignez Margarida de Lencastre, filha de D. Christovam d'Almada e viuva do Conde-barão D. Vasco Lobo. Do leito resultaram tres filhos: D. José Lobo da Silveira Quaresma, o primogenito, que sucedeu nos morgados e titulos da casa; D. Josefa Gabriella de Lencastre, e um D. Francisco Lobo, que casou na India, e pouco depois morreu deixando um filho chamado D. Vasco José Lobo.

Todos estes pimpolhos foram herdeiros nos bens dos paes, mas pelo testamento da baroneza-condessa infiro que D. Josefa Gabriella cedeu sob certas condições, a favor do irmão D. José, a sua parte da herança materna, e que o neto D. Vasco receberia tambem a sua, se bem que no decurso da ação se não volte a fallar n'elle. A morte do conde-barão D. Vasco deixara os tres filhos menores entregues á tutela da mãe, que foi durante vinte e cinco annos tutora e administradora do casal, e em Outubro de 1747 fez testamento para dispôr da meação. D. Ignez Margarida foi sepultada no convento de S. Pedro d'Alcantara e nomeia testamenteiros o filho e o neto.

Do monte de bens que por morte do marido lhe pertencem, somados d'aquelles que formam seu dote e arrhas, faz tres partes: duas para o filho e para a filha, e enfim uma terceira, vinculada em morgado, que tudo afinal passa ás mãos do primogenito, visto a parte da irmã ter sido tambem cedida a D. José Lobo da Silveira. Entre os bens da terça vinculada figuram a quinta de Telheiras, nos suburbios de Lisboa, varias propriedades em Alvito e Ouriolla, e o palacio da Bôa Vista, residencia da familia desde muito. *(Livro II da reforma dos documentos que se produziram, dos que existem no cartorio da ex.ma casa d'Alvito, etc.)*.

AGUADEIRO ALEMTEJANO

Nos autos cita-se entre as verbas destinadas a prefazer o total do vinculo que D. Ignez institue, uma, curiosa, assim descripta: «por cinco contos de réis que haverá por um quarto das casas do Palacio á Bôa Vista, que he o antigo da banda do nascente, que segundo o estado em que se acha com alguma danificação foi avaliado pelo mestre da cidade, José Freire, como conta da sua certidam...»

Não esquecer este paragrafo, e vamos agora á Boa-Vista examinar os dois palacios pêgados que lá citam, cotejando-os com o nome de *Largo do Conde Barão,* escripto ás esquinas. No que torneja para a Rua dos Mastros, e tem a grande altura o andar nobre, viveu e morreu D. Vasco Lobo, 9.º barão d'Alvito e 2.º conde da Oriolla (Conde-Barão portanto), marido de D. Ignez Margarida de Lencastre *(Ribeira de Lisbôa,* pag. 552, 1.ª edição). Tenho ideia de lêr em papeis da casa d'Alvito, ha annos, uma escriptura de doação, ou que seja, que explica a existencia d'este cazarão na posse dos Lobos, e ao mesmo tempo a intrusão d'um apellido novo, do seculo XVII para cá, na firma do ramo primogenito. Infelizmente não pude reencontrar o papel na nova busca, e por isso apenas citarei de memoria que um certo padre, d'apellido Quaresma, aparentado co's Lobos pelo cazamento do 5.º barão D. Rodrigo com a filha de Manoel Quaresma Barreto, legou aos condes-barões o seu palacio da Bôa-Vista, mais um lote de herdades, sob condição dos primogenitos da stirpe, que até alli assignavam «Lobos da Silveira», passarem a assignar-se «Lobos da Silveira Quaresma». Quanto ao palacio que torneja para a Rua das Gaivotas, declara o Sr. V. de Castilho *(Ribeira de Lisbôa,* pag. citada) que elle estava de longa data na posse dos Almadas, provedores da Casa da India, e que ahi vivia D. Christovam de Moura, senhor de Ilhavo e Carvalhaes, pae da condessa-baroneza D. Ignez Margarida. Eram ambos de procedencia e fabrico antigos, segundo se póde vêr pela altura das cantarias e arrogancia da estatura, e sofreram nos seculos XVIII e XIX restaurações que os embellezaram e deturparam. Suponho que este palacio dos Almadas entrasse nos bens dotaes de D. Ignez Margarida, e que o testamento d'esta senhora e escripturas de partilhas que citando venho do Livro II da reforma de documentos, etc., ao escreverem sumariamente «Palacio da Bôa Vista», se refiram outrosim ás duas casas conjunctas, a do padre Quaresma e a dos Almadas; e suponho mais que o paragrafo dos autos, transcripto acima, fallando n'um quarto do palacio arruinado — da banda do nascente — se refira á casa de D. Christovam d'Almada, que D. Ignez Margarida por orgulho de haver n'ella nascido, cuidasse de a vincular intransmissivelmente ao fastigio do filho primogenito. Em 1820, diz a *Ribeira de Lisbôa* (pag. citadas) ainda ahi vivia um Alvito, o provedor da Casa da India, D. José Maria d'Almada e Castro de Noronha Lobo.

Nada sei da disposição e decoração do palacio Quaresma, que pela carranca de fóra caretêa suspeitas de haver sofrido transformações absolutas. Tem pela banda de traz um quintalejo ou quinteiro circumscripto pelas casócas da Rua dos Mastros e Poço dos Negros, e separado dos quintaes e jardins do palacio annexo por um alto muro que D. Ignez Margarida talvez houvesse na menoridade do filho D. José Lobo, suprimido. Já se me não faz tão grande ignorancia quanto ao palacio dos Almadas, d'onde ha 37 annos sahi collegial, depois d'uma permanencia de cinco, e que depois d'isso já por outras vicissitudes passou, bem mais doridas. Ha trinta e dois para trinta e quatro annos ainda lá estava o *Collegio Europeu,* internato de mocinhos mui preferido dos lavradores do Alemtejo, e que com a *Escola Academica,* o *Collegio Garcez,* o *Collegio Villar,* etc., competiam na industria d'educar e amollecer filhos familias. Sucedeu-lhe depois o *Lyceu Herculano,* collegio inda peor, de pouca dura, e de cuja directoria participava o latinista e escriptor Santos Valente; e veio por fim a *Companhia Nacional Editora,* que suponho terá estragado o edificio, espuriando-o com divisões e construções officinaes do seu mister.

No meu tempo, o edificio do *Collegio Europeu* (Conde Barão, 50) era um macisso predio de dois solidos e magestosos pisos de sacadas, cujo altissimo rodapé de silharia deixava vêr que só modernamente (Como hoje no palacio Foz-Castello Melhor, á Avenida) se haviam n'elle roto janellas de sobre-loja e portas rueiras. Entrava-se por uma vasta porta brazonada, seguia logo uma rampa de cotovello que ia a um claustro d'arcarias, de volta abatida, firmadas sobre columnas redondas, com mui breves capiteis historiados. A *Ribeira de Lisbôa* pôe a architetura d'este claustrinho Renascença ahi pelos fins do seculo XVI, e possivel era que por cima d'estes arcos corressem galerias abertas, nos dois pisos, pois a escada d'acesso ao predio, e corredores em que ella abóca, tudo parece ter sido objecto de remodelações ultra-modernas.

Ao fundo do claustro, pela face do quadrilongo oposta á rampa, abria-se a escada nobre, de descançados patamares, que logo se bifurcava para topar galerias derodeando o pateo, e dando ingresso ás melhores camaras e salões do segundo piso. Nos tempos do collegio o claustro tinha, a cada banda da escada, uma pimenteira imensa e digitada em ramarias fluctuantes, que fazia por deante do arco d'acesso, como os fuzis d'um store japonez... A aula de musica era em saletas cujas janellas cahiam logo por cima da arcaria. Ao anoitecer, co'a sombra das pimenteiras, o claustro tinha uma soturnidade de jazigo, e a sua estreita boca geometrizava no ceu como um gargalo de cisterna, por onde os rumores da Lisbôa cançada desciam, em verberações periclitantes, em moïnhas confusas, como essas que nas solitarias estradas se escutam pondo o ouvido aos postes telegraficos. Alguma fórma de collegial, com blusa de trintanario, obliquava sombras na escada, esgueirava-se nos longos corredores: e n'esse funebre trapismo, implacavelmente, das janellas da aula de musica cahia a miseria das escalas de piano, e a voz zangada do professor exercitando dedos emperrados. — E' como, bons quarenta annos volvidos, me aparece ainda hoje, na sua fórma d'acesso, a melancholia pessimista.

Da casa dos Almadas, o primeiro andar ficava ao nivel do chão do claustro de columnas. Toda a fileira de sacadas sobre a rua fazia parte, segundo o uso das casas portuguezas, d'aposentos e salas de parada, onde decoração de tectos, desenho de lambris, tudo pertence ao seculo XVIII, epocha em que o filho ou netos de D. Ignez Margarida reformaram o palacio, que já nos autos do inventario se dizia estar danificado. Ao tempo das restaurações, a enfiada de salas era de quatro, que o director do *Europeu* fundira em duas, para fazer aulas grandes, sem prejuizo das decorações subsistentes. Estas, que ainda existem, consistiam em tectos e lambris d'azulejo interessantes. Os tectos eram de *lienzo,* em grandes figuras mythologicas e allegoricas, pintadas geralmente a claro-escuro, ou n'algum tom de sanguina ou sépia, n'essa excellente e papuda *tournure* desoitista que tanto amimou os entalhadores de capellas e pintores de casas de gente rica e afidalgada. Em Portugal restam ainda numerosissimos exemplares d'essa escóla abundante d'escultores de madeira e pintores decoradores, que talvez moderno algum atinja, mau grado o Estado e particulares gastarem em subsidios e pensões, largo dinheiro. Quanto aos rodapés de fayança, de metro e quarenta d'alto, ou metro e meio, tinham scenas de caçadas, merendas e serenins em parques e relvados — azul em fundo branco — e de roda molduras de cartucho, rocálha, a dois tons d'amarello

e d'azul (se bem me lembro), com algum roza secca aqui e além.

Por sua anchura e aparato maximo de salas, o segundo andar é que parecia o andar nobre. Pelas sete sacadas da frente abriam sobre o largo dois salões de festas, com tectos de maceira, de pyramide truncada, mui altos e mui anchos, tendo nas faces almofadões de relevo, de muitos fasciculos e reprêgos, e nos pannos horisontaes ou *lienzos*, grupos d'alegorias pintadas como disse. Eram vastas estancias de luz torrentuaria, entrando pelas sete gigantescas sacadas do Largo, mais duas janellas de peitos que tinha o salão maior d'esquina, sobre a archi-velha Rua das Gaivotas. As portas que comunicavam as grandes salas de todo este andar, são de batentes, reentrando na parede, e escancarando arcos magnificos por onde a enfiada de peças se aprecia.

Certa vespera de férias, o nosso professor de literatura (portuguez do 3.º anno, dizia-se então), um senhor excellente, Goulard da Silveira de Macedo, deixára-nos para thema a descripção d'uma das grandes salas do collegio, e esta prova de genio pictórico devia ser lida no primeiro dia de lição. Eu cahira doente, e na enfermaria, fallando á enfermeira, do thema, ella, que era cunhada do director, já velha, e deve de estar no ceu por sua bondade ultra-divina, me começou a contar de como o palacio era, quando o collegio se fundára... fallou-me de velludo branco, pintado de flôres e de figuras, forrando os muros dos dois salões de cima, fallou-me em lustres velhos e placas — damascos, sedas de ramos cobrindo os muros das salas de baixo, uma debandada de farrapos, douraduras, sumptuosos destroços que aproveitei para o furor da minha descripção, que teve premio; e d'ahi recordarem-me ainda estas insignificancias de que o leitor se está a rir, mui pela certa.

N'este piso nobre, com fachada oposta á rua, abrindo sobre o quinteiro-jardim ou horta dependente, havia vestigios tambem de salões e casas de grande pé direito, se bem que já destituidas d'adorno, e aos tempos do collegio caiadas de branco e aproveitadas para dormitorios. Lembro-me d'uma sala chamada «quarto dos espelhos» que ainda o director recebera (segundo versão da D. Luiza) coberta de molduras de talha, partidas, com pedaços de espelho esverdinhado; e a esta se seguia o «quarto das lampadas», que era um vastissimo salão de quatro ou cinco sacadas para a horta, e talvez n'outros tempos servisse de casa de jantar.

O quinteiro-jardim era um mui vasto quadrilongo, devidido em dois pisos: o superior fazendo esplanada á fachada trazeira, regular, do cazarão: o inferior, mais vasto, separado do primeiro por uma grade que passava em pilastrilhas de pedra, adornadas d'estatuas e jarrões, tendo nos extremos, kiosques ou belvedéres de cantaria e azulejo, cobertos d'uma armação metalica para trepadeiras. Bancos de pedra mui largos, da epocha joanina ou pombalina, derodeavam profusamente o terreiro de cima, coberto d'arvores, e onde podia manobrar um batalhão, e havia ao fundo um jogo de bola, imenso, com rodapé d'azulejo e balisas de pedra, que parecia do tempo, e onde muitas vezes esmurrei as ventas e me tatuei de contusões. Na quadra de baixo continuavam vestigios do velho jardim senhorialmente esplendido dos Almadas ou dos Lobos: uma cascata ao fundo, n'um arco enxadrezado de pedras de côres, conchas, fayanças, com sua bacia de golfinhos, seu hemi-cyclo de bancos tendo nas costas, canteiros d'azulejo, intervallados d'estatuas e jarrões. A meio da quadra, um lago, com seu alto repuxo, n'uma clareira de bancos eguaes aos da cascata, estatuas eguaes: e pelos meandros da horta, em ruas sinuosas, que uma velha nora regava, restos de charcas, kiosques azulejados, devastados, cobertos pelas frondes d'uma ou outra arvore que pela corpulencia parecia recordar as grandezas da casa e fazer figas ás vicissitudes dos homens e das coizas.

(2) *Castello de Villa Ruiva.* — Entre a massa de casas e a igreja, ha uma especie de pequeno outeiro ou podim de terra, coberto de herva, e cuja fórma e destroços podem ao forasteiro passar despercebidos. Observando porém o monticulo de mais perto, depara-se-nos uma especie de polyedro de base rectangular, rampado nas faces, e com especies de dilatações conico-truncadas nos cantos. E' o miolo ou enchimento macisso das esplanadas e torres do antigo castello de Villa Ruiva, que as pilhagens vandalicas e desmazelos dos seculos pouco a pouco foram esfolando da sua nobre armadura de cantarias architetonicas.

Pela configuração das terras e restos vários de silharia permitindo seguir bocados da muralha, vê-se que pelo menos era uma esplanada vasta, ou praça d'armas, sobranceira á parochia, e atalayando em roda a veiga agricola, delimitada por muros ameados e rampados, e com quatro torres conicas, rampadas e não mui grossas, sobre que daria um palacio ou cazona gothica, que pelos restos das pedras devia ter sido construcção de rica traça e maravilhoso lavor, como talvez não houvesse outra egual pelo districto. Em muitas casas miserrimas de Villa Ruiva podiam vêr-se ha quinze annos, e ver-se-hão ainda, pedaços de pedras apparelhadas e lavradas, do marmore intensamente branco e rijo que ha no sitio, e perdura eterno, pela rijeza do bago, guardando intacta sempre a alvinitencia. A' soleira de certas casinhólas de taipa, muitos poios de pedra são misulas gothicas, correcta e elegantemente lavradas de cintas e decorativas folhagens, que os camponezes chamaram a si, quando as não fazem escavar para salgadeiras de toucinho e bebedoiros de gallinhas. Ao presente não ha da construcção desaparecida, sequer trexo perfeito, mas nos fragmentos esparsos tudo revela a sumptuosidade dos materiaes e a perfeição e correção das esculturas, capazes de caracterisar um amo rico, e um architecto educado já nas magnificencias do gothico composito.

Villa Ruiva foi das terras que D. João I dera a Nun'Alvares, depois d'Aljubarrota, e este galardoou com ella, e Vil'Alva, os serviços do seu companheiro d'armas Rodrigo Affonso de Coimbra. D'alli a nada o Mestre arrependia-se, pois dando tudo, ficava como D. João II, «monarcha apenas das estradas», e Villa Ruiva volveu com outras terras fortes, para a Corôa, o que ia motivando a deserção de Nun'Alvares para Castella (*Ch. do Condestabre,* edição do Porto, 1848, pag. 205 e seguintes), exactamente como hoje sucede com qualquer desinteressado progressista a quem o sr. José Luciano expurgasse das postas gordas, passando a ser por esse facto, um desinteressado regenerador ou impoluto republicano. Por ultimo, o senhorio de Villa Ruiva quedou definitivamente nos marquezes de Ferreira, depois duques do Cadaval, que rezidiam no solar parte do anno, alli dando festas e caçadas. Pinho Leal diz no artigo *Villa Ruiva* do seu livro, e por informação particular de pouca fé, que a villa fôra cercada toda de muralha, e com alteroso castello, sobre cuja porta d'entrada se viam as armas dos Cadavaes. Acrescenta que ainda em 1850 esse Castello tinha peças. Deve salvaguardar-se o exagero. Do que lá resta agora, com todos os rasgos de certeza, fica informado o leitor, de visu proprio.

Castello da Vidigueira. — N'uma pequena colina á entrada da villa, sobranceira aos terrenos da feira, e para a esquerda da estrada que vae de Villa de Frades a Portel, vê-se ainda um resto de parede grossissima, fazendo canto, e partindo com várias linhas de fortes alicerces que ainda riscam o platô por varios sitios. E' o que resta do paço dos Gamas, e dentro em pouco nem esse triste pedaço de

muralha restará. Ignoro se existe desenho ou gravura representativos do castello-solar que nos occupa. A casa de Niza, que teve o senhorio da Vidigueira, des'que vendeu terras e fóros, deixou desbaratar miseravelmente os restos do palacio, que ainda ha cem annos, no dizer dos velhos vidigueirenses, mantinha torres, janellas esculpidas, e enfiadas de camaras com fogões de pedra e alguns terrassos. Teixeira d'Aragão no seu livro *Vasco da Gama e a Vidigueira* refere sumariamente que «ainda se admiram restos d'um castello que possuia, nas fortes muralhas, tres torres redondas e uma quadrada, e cujas ruinas atestam magestosa fabrica». A semsaboria do costume. Acrescenta que a construção é atribuida a D. Fernando, duque de Bragança (Vidigueira era feudo da casa, e só em 1519 passou aos Gamas), e não a Vasco da Gama, como erradamente o vulgo diz. A este caracteristico edificio, como a tantos outros colossos que despertaram a cubiça e o odio da rusticidade bossal dos camponezes, aconteceu que diminuia á proporção que os casebres da Vidigueira iam augmentando. Durante muito tempo, quem queria materiaes de construcção, demolia paredes do castello, quebrando e desfazendo, sem que os municipios ou os feitores da casa de Niza quizessem ou soubessem pôr cobro a uma tal selvageria. O que hoje resta do paço dos Gamas é o pedaço de muro que já disse, e uma janella manoelina ou da renascença portugueza, embutida na parede do jardim da casa que foi do conselheiro Bayão Matoso, em Villa de Frades. Por ella vemos que seria sumptuoso o castello-solar da Vidigueira, e a esculptura das pedras, se bem que um pouco grossa, pertencendo ao final do seculo XV ou começos do XVI.

Castello de Portel. — Do palacio dos duques de Bragança, na cerca fortificada de Portel, é que não sei. Foi primeiro senhor de Portel, D. João d'Aboim, *o de Portel*, o mais rico magnate do reinado d'Affonso III, e que na herdade de *Valle de Buim*, entre Portel e a Vera Cruz, teve granja e palacio com sua torre mui alta e muito forte, de que subsistem restos formidaveis. Mais tarde está o senhorio de Portel na casa do Condestavel, que alli fundou a igreja de Santa Maria da Alagoa. Santa Maria da Alagoa é ainda agora orago da freguezia, mas a actual igreja não vae além do seculo XVII ou XVIII. Teria a primitiva sido erguida intra-muros da praça forte? De Nun'Alvares passou o senhorio de Portel para os Braganças, que alli fundaram, dentro do castello, um grande palacio. Diz que ha ruinas.... Effectivamente ainda ha 15 annos eu lá vi os quatro fortes muros d'um cazarão esburacado á volta, de janellas d'ogiva, já sem as molduras de pedra, nem aboboda ou telhado que ajudasse a destrinçar-lhe a epocha e o destino. Era o palacio? Eram ruinas d'aquella Santa Maria da Alagôa de Nun'Alvares? Diga quem saiba.

(3) Ha outro painel do mesmo assumpto na igreja de S. Pedro de Pomares, que a tradição diz fundada por D. Diniz, o constructor das torres de Portel, de Beja e paço anne-xo, onde consta rezidiu por temporadas S. Pedro de Pomares é um antigo curato que Pinho Leal diz ter tido 280 fogos em 1757, e hoje decahiu sensivelmente. Fica junto á carreteira de Selmes para Baleizão, districto de Beja, em terras da quinta de S. Pedro, pertencente ao morgado de Ferreira. E' versão correntia que n'um barranco proximo á igreja de S. Pedro, o rei D. Diniz, andando á caça, foi atacado por um urso que o derribou do cavallo, e n'este transe, invocára S. Luiz, bispo de Tolosa, advogado contra mordeduras d'animaes. Ha uma capella de S. Luiz nas terras da herdade da Rabadôa, jacente á freguezia de Pomares. O quadro aludido tem, me disseram, sua legenda comemorativa do milagre. Eu não pude vêr nenhum dos dois painies, não podendo portanto dizer se comemóram o mesmo, se milagres diferentes, e se a féra que invéste o rei, n'um quadro é um urso, e n'outro um javali, ou se em ambos o mesmo porco montez, cuja representação grosseira se tenha prestado a confusões.

(4) Artigos com o titulo *A Rainha D. Leonor*, firmados por *Silex*. Cinco. No *Jornal do Commercio*, de 7 de Setembro de 1901, a 26 d'Outubro.

(5) Ha tradição em Villa Nova d'essa rezidencia de el-rei D. João II, vindo já muito doente das Alcaçovas, n'uma

CUCARIA, OU ACAMPAMENTO DE TIRADORES DE CORTIÇA
sob uma sobreira frondosa, no montado

casa ao sitio da *Cerca*, cujos ultimos restos ha annos foram demolidos, construindo sobre o antigo chão o sr. Fernando Fialho, proprietario, a casa onde actualmente rezide. Junto a essa casa subsistem ainda ruinas de capella, que não pude verificar fossem do tempo. A pessôa que me informa, falla n'um recinto pequeno d'abobada, com vagas pinturas de santos, que hoje lhe serve de caza de despejos. Tambem é tradição que a igreja parochial, que tem sobre a porta uma data do seculo 17, não podendo o informador dizer se essa data celebra a fundação ou restauração, fôra construida co'as pedras d'um castello ou torre erguida outr'ora no sitio da villa ainda hoje chamado do *Castello*. *(Comunicação do sr. Francisco Manoel Fialho, de Villa Nova da Baronia).*

(6) Na conspiração do duque de Vizeu contra D. João II figura entre os partidarios do duque, um Fernão da Silveira, *filho do primeiro barão d'Alvito*. João Fernandes da Silveira cazara duas vezes, a ultima com D. Maria Lopes Lobo, filha do Luiz Lopes, d'Alvito.

Este conspirador Fernão da Silveira é do primeiro leito ou do segundo? O certo foi que na noite do dia terrivel em que D. João II assassinou o cunhado na guarda-roupa das casas de Nuno da Cunha, em Setubal, Fernão da Silveira não poude ser prezo, por mais que o procurassem, e diz-se viveu muito tempo nas covas da serra da Arrabida, graças á fidelidade d'um servo que lhe levava de comer, e jámais o quiz atraiçoar. Lá conseguiu fugir para Castella, mas, diz P. Chagas na *Historia de Portugal*, D. João II fez da extradição do seu inimigo, negocio diplomatico, a ponto do infeliz se homisiar para Avignon, onde um conde Palhais Catalan lhe deu morte, comprado, dizem, pelo implacavel rei portuguez, que não deixava afronta por punir. Esta differença entre D. João II e o nome dos Silveiras seria talvez a causa provavel e principal do desconfiado rei se esquivar á hospitalidade do castello.

(7) Fr. Francisco d'Oliveira relata a estada de D. Sebastião na Cuba sem conjecturar os motivos d'esta especie de trabalhosa peregrinação do rei pelo Alemtejo. Mas na *Revista das Sciencias Militares*, volumes III, IV, V e VI, vem uma *chronica* de João Gascão (transcripta da Cella M. manuscripto n.º 1104 do R. A. da Torre do Tombo) onde se pormenorisa a viajem com transparencia dos fins politicos da mesma. A chronica de Gascão põe o dia 2 de janeiro de 1576 como data da sahida da comitiva real, d'Evora, o que briga com a de fr. Francisco d'Oliveira respeito á era em que D. Sebastião jantou na Cuba, a qual foi a 3 de janeiro de 1573. Ha erro d'anno, e este certo pertence á chronica de Gascão, por defeito de cópia, ou equivoco pessoal do chronista. A data de 1753, de fr. Francisco, é que é a verdadeira da jornada real ao Alemtejo, e pelo simples motivo de que sendo o infante D. Duarte companheiro do rei n'esta viajem, e tendo fallecido em Evora em 1575, não podia fazer digressões depois de morto. No mais, as duas datas afinam e são coherentes, pois D. Sebastião sahindo d'Evora a cavallo, *a 2 de janeiro,* por Vianna, chegaria á Cuba *a 3*, onde jantou. O jantar na Cuba é pois étape da jornada que Gascão transcreve com tanta minucia e pittoresco dom d'alviçareiro, no manuscripto da *Revista das Sciencias Militares,* que nos vae servir para esclarecimento historico dos tempos. Esta viajem far-se-hia algum tempo antes da primeira ida de D. Sebastião á Africa, e teria decorrido entre Evora e o Algarve, por Vianna, Cuba, Beja, Mertola, Faro, Tavira, Lagos e Silves; e do Algarve a Evora, por Elvas e Villa Viçosa, onde os duques de Bragança receberam o rei com estupendo luxo e opipara fartura.

Seu fim politico seria fazer uma especie de reconhecimento ao sul do reino, visitando nos seus burgos, nobres e fidalgos, mostrando-se ao povo em cavalgada brilhante, para lhes dar uma ideia esplendente do prestigio régio, e ao mesmo tempo avaliar dos recursos e forças disponentes, antes de lhes ser lançada a contribuição de dinheiro e sangue com que todos deviam ajudar a invasão projectada de Marrocos, ideia fixa do megalomano mystico e autocratico que empunhava as redeas do governo. D. Sebastião havia muito intentava passar o Estreito, ir-se á moirama, e largos annos malucou na empreza esteril, nos intervallos de montear furiosamente, com o fim, dizia, de ganhar destreza para o grande dia da victoria. Esta jornada que João Gascão relata, dá uma completa ideia da mizeria exhusta do reino, que fez tudo sempre sem dinheiro, ao bamburrio da sorte, vivendo por milagre uma vida heroi-comica, cujos successos, como agora, a escacez de recursos continuamente affligia e punha em risco. O rei sahia e entrava nas povoações com uma especie de pompa do theatro. «As trombetas, atabáles, charamélas deante, escreve J. Gascão, fazendo seu officio, até sahir um pedaço fóra da cidade. Detraz, el-rei; logo pegado com elle, o guião, redondo, com a cruz de Christo, e não farpado como os dos bergantins, e que levava um moço fidalgo chamado D. Alvaro, filho mais moço de D. Aleixo. As bestas dos atabáles paramentadas com gualdrapa, cabeçadas e retrancas de panno das côres del-rey, e brosladas de branco e verde, não eram máchos gordos, mas antes de aluguel, e fracos, e da propria maneira os sendeiros de céla das trombetas e charamélas que tambem iam d'insignias de verde e branco». Em sendeiros d'aluguel! A gente recorda insensivelmente os antigos bandos dos toiros, percorrendo a cidade em vesperas de corrida. «El-rey ia entre o Snr. D. Duarte (filho do infante D. Duarte, sobrinho do cardeal D. Henrique, primo portanto do rei), e o duque d'Aveiro, e cada um vestido de sua côr. El-rey levava gabão, roupeta e calças de vaxa côr de rosmaninho, e chapeu alto pardo. D. Duarte, gabão, capotilho e calças de vaxa verde de mescara côr nova, e muito galante, chapeu alto de mescara da mesma cór da vaxa. O duque levava jubão, roupeta e calças de vaxa de côr de pinhã, e manto verde, e chapeu alto da mesma côr, com trança d'oiro de martello, e uma coura de cordovão muito bem feita, e aberta pela ilharga sobre a roupeta.» Cada qual d estes senhores traz seu sequito de fidalgos, cortezãos e servidores, mais de sessenta figuras, que é impossivel aqui especialisar; e no do rei figuram D. Jeronymo e D. Rodrigo Lobo, da casa d'Alvito, mais dois seus parentes, que são D. João da Silveira, e Manoel Quaresma Barreto, nascido em Serpa. As gentes do infante e as gentes do duque, egualam, senão excedem as do rei, em especificação e numero de mistéres e de serviços: é uma tropa de funccionarios complicadissima, camareiros, veadores, trinchantes, secretarios, escrivães da fazenda, pagens, moços de camara, moços d'estribeira, reposteiros e cozinheiros, tudo mostrando o cerimonial artificioso d'esses grandes senhores do tempo antigo, e o como seria difficil installar e mover tamanha léva de disfructadores ociosos, atravez charnecas despovoadas e nem ás vezes providas talvez do stritamente preciso á vida charra dos rusticos.

Com D. Sebastião vae João Gonçalves da Camara, irmão d'aquelle Luiz Gonçalves «mestre del-rey», e d'aquel'outro astuto e dulceroso Martim Gonçalves, «doutor em theologia e sacerdote de familia nobre», que era o favorito, e «do qual el-rey tudo fiava, diz Fr. Bernardo da Cruz, para ficar mais solto em suas fragueirices».

Gascão não faz senão gabar o espirito amavel, fidalgo e generoso do duque d'Aveiro, de quem parece ser familiar ou servidor. «Dá mêza a muitos fidalgos, escreve, e com os fidalgos que tambem cómem á sua mêza, e sempre de uns e de outros tem hospedes ao jantar e á cêa; vem-lhe da cosinha todas as eguarias cortadas; a elle lhe chega as eguarias

Ruy Corrêa, seu trinchante, e está pegado com elle, sempre descarapuçado, emquanto cóme, e o veador cuberto, e Antonio de Vasconcellos, seu pagem, lhe dá de beber, e aos fidalgos que com elle cómem servem os moços da camara, assi de agua para beber, como de chegar ás eguarias, como de agua ás mãos, os quaes levam assentados á mêza, e o Duque não faz nenhuma diferença de si aos outros no assento, porque se assentam aonde se acerta. Faz a todos muita cortezia: aos condes falla por senhoria, e aos fidalgos diz «beijo as mãos de V. mercê» — e d'esta maneira os trata nos recados, pelo que todos são muito seus amigos, e lhe vão muitas vezes a caza, na qual ha o mais do tempo jogo; manda cobrir os moços da camara del-rey e do Snr. D. Duarte, e tira o barrete até aos moços d'esporas».

No mesmo dia da partida d'Evora, cerca das 4 horas da tarde, chegou D. Sebastião a Vianna, e foi recebido por juizes, vereadores, alguma gente de cavallo, ordenanças a pé, e duas danças: «uma a módo de ciganas, e uma folia, e assi o levarão até á igreja matriz, e d'alli a sua casa, durando as folias quazi toda a noite». De Vianna foi D. Duarte a Agua dos Peixes, vêr familia sua, «visitar o conde (Tentugal) e a Sr.ª D. Catarina d'Eça, que o recebeu com grande alvoroço, e a Sr.ª D. Izabel (mãe de D. Duarte), e trouxeram-lhe sobre que bebesse um pucaro d'agua, o que ainda não acabava de fazer quando entrou o conde de Vimioso e seu filho mais moço, que vinhão visitar estes senhores.

O conde, depois de fallar ao senhor D. Duarte, se foi a D. Catharina e lhe pediu a mão, e fez querença de a tomar, e o Snr. D. Duarte se deteve mais um pouco por amor do conde de Vimioso, e depois de com elle vêr algumas casas do aposento do conde, e uma varanda muy grande e muy fermosa que cae sobre o tanque grande dos peixes (ainda existe), se pôz a cavallo, e foram vêr o pomar, o que visto, se vieram para a Villa (Vianna), e o conde e o senhor D. Rodrigo acompanharão o Snr. D. Duarte um grande pedaço de caminho...»

Segue mais adeante o chronista «... sabado, 3 de janeiro, partiu el-rey de Vianna, depois de ouvir missa, e foy jantar á Cuba, e ahi achou o conde da Vidigueira que veio para o acompanhar, como faz, n'esta jornada, com 4 caçadores, 4 moços de caça, e 2 escudeiros, veador e estribeiro, traz 8 aves (7 falcões e um gavião), e dá mêza e jogo em casa todo o tempo que se não caminha. O duque d'Aveiro e seu irmão, e o filho mais velho do conde de Vimioso, se apartarão del-rey em Agua dos Peixes, indo S. Alteza para a Cuba, e foram visitar o conde (Tentugal) e seus filhos. O Snr. D. Duarte não seguiu a ordem del-rey, ouviu missa em Vianna sem elle, e almoçou, pôz-se a cavallo, e partiu caminho da Cuba, e mandou a Alvito visitar o Barão e a Baroneza, e o mesmo fez passando por Villa Ruiva a D. Alvaro de Mello, irmão do conde (Tentugal); e uma legoa antes de chegar o Snr. D. Duarte á Cuba, andou á caça das lebres, matou duas, cada uma com um galgo.

Na Cuba receberam el-rey com danças e folias, gente de cavallo e ordenanças de pé; e o Snr. D. Duarte chegou a tempo que el-rey se punha a cavallo para ir caminho de Beja, acompanhou el-rey até fóra do lugar, e porque se lhe rasgou uma calça, se veio descer ao lugar, a uma palçada (pousada?) que tinha préstes, e tomou umas sobrecalças, e pôz-se a cavallo e veio alcançar el-rey pela porta ao caminho de Beja; e meia legoa antes de chegarem a Beja, vierão da cidade o alcayde-mór D. Luiz de Sousa, e os freires, e outros fidalgos, e muitos homens a cavallo, e muitos d'elles com lanças e adargas; e vieram escaramuçando todo o caminho até chegarem as danças, as quaes eram tres, e uma folia, todas de homens, e uma de homens em trajos de mulheres, e cinco bandeiras de soldados feitas em um esquadrão, e todos passando el-rey fizerão grande grita e dispararam todos os arcabuzes; e a torre de Beja, machina muy soberba e fermóza, e de muito grande altura, estava muito enbandeirada, e tambem disparou muitas camaras de berço, e muitos arcabuzes. Com esta grande festa chegou el-rey á porta principal de Beja, que estava armada o melhor que lhe foi possivel, e um clerigo em um pulpito, o qual lhe fez uma fálla de pouca sciencia e muita rethórica, e de remate lhe meteu nas unhas a Azia conquistada em menos tempo do que eu o escrevo... D. Luiz de Souza, alcayde-mór, levou a el-rey pela redea do cavallo, e ia á mão direita, e o estribeiro-mór á esquerda: a rua por onde el-rey veio até á Igreja Matriz (Santa Maria Maior), aonde desceu, estava armada, mas mais me satisfaz o concerto das de Lisbôa. El-rey se foi com todas estas festas, da Igreja para as casas da Infanta, que são pegadas com o mosteiro da Conceição (ha poucos annos demolidas), aonde havia de pousar. Nas casas da Infanta esteve o que restou do dia em conversação com os marmanjos (gente rustica, do povo) e como ceou, se lançou na cama...»

(8) Isto nos permittirá fixar a area em que citaria a residencia, e deve ser approximadamente a que hoje occupam o tribunal e cadêas comarcãs, visto a tendencia dos municipios pobres d'aproveitar para o lançamento das obras novas, os alicerces das velhas construcções, reconhecidos solidos e fortes. Restos da cantaria de *Paço dos Infantes* ainda se pódem vêr na Cadêa Velha de Beja (Praça de D. Manoel), onde ha janellas e silhares que das ruinas da Cuba foram, e em casas várias d'esta ultima terra, mencionadamente soleiras e portaes grossos em miseraveis cazebres da Rua dos Jasmins, cunhaes em alguns lagares d'azeite e portas carreteiras por várias outras ruas, e finalmente toda a moldura lavrada da porta principal da Igreja da Conceição (a mesma talvez que fr. d'Oliveira diz que fazia a entrada da ermida de S. Braz), e ainda certa pequena janella gothica na pare-

CHARRUA ANTIGA, A TRES JUNTAS

de d'um sobrado que o proprietario Fonseca apeou e demoliu vae em dois annos, na R. Direita.

Por alguma d'essa cantaria do Paço dos Infantes lhe poderemos tambem fixar a architetura, como a d'uma casa-palacio da Renascença portugueza, grosseiramente lavrada, e que pela menção das columnas que fr. Francisco d'Oliveira põe na varanda da Rua da Lama, teria tido seu claustro interior ou pateo arcado, e cujas janellas, de modelos differentes, mostram o desconcerto heterogeneo da fabrica, naturalmente entregue a canteiros e alvanéos regionaes, mui pouco artistas. De feito, emquanto a janelluca da R. Direita mantém a ogiva florida de sumarias chicorias, apoiando-se em columnitas assentes em misulas retorsas, e coroadas por pinaculos conicos, frisados, o portal da Igreja da Conceição (que teria sido no Paço alguma das janellas principaes) mostra-nos já a sua franca moldura retangular, e a toda a largura d'ella, e recortes curvos da verga superior, uma silva de troncos de romanzeira correndo em zig zagues de romãs abertas, trabalho d'alto relevo tosco, modelo decorativo que ficaria corriqueiro no sul, suponho, pois vejo o reproduzido em muitos porticos d'Alemtejo e Algarve, ex: nos das igrejas de Monchique, Vianna do Alemtejo, etc.

(Continúa.)

Fialho d'Almeida.

RELIQUIA

A' Ex.^{ma} Sr.^{a} D. Maria Elisa M.

O pequenino livro de leitura
que foi teu companheiro de creança,
perdido o antigo lustre e formosura,
ocioso, agora em minhas mãos descança.

Ao vêl-o, a ideia, erguendo vôo, alcança
momentos que hoje em dia em vão procura:
descuidosas manhans cheias de esp'rança;
todo um poema de paz e de ventura...

E emquanto abro este livro singular
e beijo as letras que o teu claro olhar
alumiou (bons tempos que lá vão!)

eu penso e sinto bem quanto lhe devo:
nelle aprendeste a ler o que te escrevo
e a escrever-me o que diz teu coração....

M. Cardoso Martha.

Uma revelação literária

Nem tudo é miséria e vileza neste mísero globo sublunar; nem tudo é prosa e comércio nos caminhos da vida: há de haver sempre o espiritual prazer, instilado nas almas sans pela varinha mágica do genio, pelos divinos filtros da arte.

Cabe, por sem duvida, á poesia a faculdade de sobredoirar o mundo com os esplendores de um paraíso, e de se desatar em perfumes, que espancam as mefiticas exalações dos marnéis sociaes.

Bendita seja a poesia!

Se a providencia ou as boas fadas nos deparam *mente, ás musas dada*, e criadora de harmonias que irresistivelmente nos encantam, instintivamente erguemos as mãos, jubilosos e agradecidos.

E o que sucedeu desta feita. Um amigo do nosso confrade Candido de Figueiredo apresentou-lhe um manuscrito e pediu-lhe que o lesse, a ver se aquilo merecia publicação. E acrescentava:

— São versos de uma senhora, desconhecida nas letras, e parenta minha. Nunca publicou versos nem prosa; arreceia-se da publicidade. Veja isso, e diga-me o que lhe parece.

Com a sua habitual complacencia, mesclada de natural receio, o nosso collega aceitou a incumbencia, sob a condição de só dar conta dela quando as suas instantes obrigações lhe deixassem alguns lazeres. Semanas depois, lançou indiferentemente a vista para meia duzia de linhas daquele manuscrito, mas não pôde conter a surpresa que elas lhe produziram: aquilo não era o que vulgarmente e depreciativamente se diz *versos de senhora;* era poesia a valer, opulenta de imagens felizes e afestoada de linguagem tersa, em que se aliava a sobriedade com o brilho.

E leu mais, leu tudo. Quando a si voltou da gratissima surpresa, brindou-nos,

D. MARIA DA CUNHA

devidamente autorizado, com os versos que abaixo reproduzimos, convencido de que era justiça inteira que por mais tempo não ficasse desconhecido o nome da modestissima autora, a sr.ª D. Maria da Cunha, cujo retrato estampamos, em homenagem aos seus altos méritos de poetisa.

Meio-dia

O sol subiu... Agora é quasi a prumo!
Hora da sesta, abençoada e santa!
Sai dos casaes, prometedor, o fumo,
Os gados dormem, a cigarra canta.

A' luz do sol, a rosa brava deita
Um cheiro forte, que entontece a gente;
Nos milharaes, a cotovia espreita,
A arvéloa salta na agua transparente.

E no silencio, que se fez, profundo,
Ouvem-se as folhas a cair no chão,
E o palpitar do insecto moribundo.

Dormita á sombra o lavrador aldeão,
Emquanto o sol, progenitor do mundo,
Aloira os trigos e amadura o pão.

MARIA DA CUNHA.

CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

AGOSTO DE 1808

Dia 1

O general inglez sir Arthur Wellesley, tendo sabido que a guarnição franceza de Lisboa, seu principal objectivo, estava desfalcada em seis ou sete mil homens, por causa da partida das forças com que Loison foi submetter a insurreição do Alemtejo, dá ordem para que principie a effectuar-se o desembarque das suas tropas na praia de **Lavos**, perto da Figueira da Foz. A operação offerece difficuldade, porque sopra com força o vento de oeste, fazendo com que o mar, em vagalhões, rebente violentamente na praia, a qual tem perto encostas escarpadas e parceis, onde o desembarque é impossivel.

A intenção de Wellesley é marchar logo contra a capital, esperando ter sobre as tropas de Junot boa superioridade numerica, tanto mais se se lhe juntarem os reforços que o seu governo lhe prometteu, mas que ainda não desembarcaram.

Os expedicionarios britannicos são recebidos enthusiasticamente pelos portuguezes, que os olham como seus libertadores.

MANUEL JORGE GOMES SEPULVEDA

O governador de Pombal escreve a Wellesley offerecendo-lhe, em nome dos moradores do districto, o seu dinheiro, os seus fructos, os meios de transporte de que dispõem e até as suas proprias pessoas, a bem da causa commum.

O porta-estandarte Joaquim Miguel de Andrade, de accordo com o sargento Francisco Eliziario de Carvalho e outros officiaes inferiores da Guarda Real de Policia de Lisboa, conseguem reunir na parte occidental do **Campo Grande**, muitos soldados e cavallos de aquelle corpo, que estava ao serviço dos francezes, e logram a seu salvo fugir rapidamente para Coimbra, onde tencionam reunir-se com o exercito nacional que intenta sacudir o jugo do invasor.

Marcham 130 homens.

Dia 2

Loison, vindo de Evora, entra em **Extremoz**, d'onde recebera, estando ainda n'aquella cidade, deputados que foram cumprimental-o e pedir-lhe perdão de se haver sublevado a villa. Não faz violencias e até manda pagar tudo o que as suas tropas gastam e

dá liberdade a alguns dos prisioneiros que trazia de Evora.

O emissario que lhe falou em Evora, approximou-se-lhe com o braço direito levantado e uma toalha branca na mão, para que ficasse bem patente a sua qualidade de parlamentario.

Dia 3

Loison manda fuzilar em **Elvas** dois soldados suissos, que trouxera prisioneiros; commuta a pena ultima na de galés por cinco annos a outros quatro, e solta os seis restantes. Os hespanhoes, que tambem tinha prisioneiros, são encerrados na peior masmorra do forte da Graça, com excepção de D. Antonio Maria Gallego, que é transferido para a cadeia publica.

(Alguns patriotas libertaram-n'o depois, comprando o carcereiro. Este, havendo posto a familia em Badajoz, soltou Gallego e os demais presos e fugiu com elles. Gallego desceu da muralha por uma corda atada á bocca de uma peça, mas foi presentido, o que fez com que os francezes da praça, tendo-se dado o alarme, disparassem muitos tiros para o fosso e fizessem muitas buscas, que o escuro da noite frustrou, succedendo o mesmo ás que se passaram no dia seguinte.)

A favor do tenente-coronel Domingos Franco, que devia soffrer a pena de morte por decisão de Loison e que estava preso em **Elvas,** intercede o bispo da diocese, o cabido, ministros e outras pessoas notaveis da praça raiana. O general francez protesta o seu muito respeito ao bispo, mas conserva-se inflexivel. Então o prelado exclama que, visto que não se lhe faz aquelle favor, roga outro, que é o de se lhe dar a mesma sorte, pois que tem horror á vida, já que não pode resgatar a de um infeliz. Loison cede, e Franco não é executado.

Este caso e o resultado favoravel que teve em Evora a intercessão do arcebispo Cenaculo mostram que Loison, ou não era tão feio como o pintavam, ou seguia os dictames do seu compatriota, o rei Luiz XI, tambem despota impiedoso, na sympathia pelas gentes da Egreja. Verdade é que o destruidor do

AGUARELLA INEDITA DO TEMPO

Pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa
Tem a seguinte epigraphe:

Profanadores dos Templos — Os abominaveis soldados de Napoleão manchão sacrilegamente os templos de Deos: com execraveis insultos desprezão as santas Imagens, partem-nas e as lanção no fogo e...
A Religião de vossos Paes a mesma que todos professamos... sera protejada (sic) e socorrida pela mesma vontade. Junot. Edital 1 de Fevereiro de 1808. Grande socorro e protecção (?) para a Religião! lançarem as Imagens sagradas no fogo. Bella fraze.

feudalismo em França deixou morrer o cardeal Ballue dentro de uma gaiola de ferro.

Dia 4

Excita o mais vivo enthusiasmo em **Coimbra** a chegada dos 130 homens da Guarda Real da Policia, que tinham fugido de

AGUARELLA INEDITA DO TEMPO

Pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa

Tem a seguinte epigraphe:

As Aguias e os Gallos de França trespassados com as setas da Bretanha: a serenidade voltando (?) ao nosso Emispherio; a Lusitania levantada por Inglaterra. A tranquilid.e abund.a tornando a nós.
Lusitania socorrida no seu Letargo pello valloroso Hercules da Bertanha (sic). Torna a reinar a Paz. Animaivos Portuguezes. Paz aos bons e tambem aos maos. Conde da Ega. Proclamação 1 de agosto de 1808.

Lisboa. Esta força, constitue um importante auxilio para as tropas portuguezas que tinham pouquissima cavallaria. Forma-se com ella um esquadrão com duas companhias, uma das quaes é commandada por Francisco Elisiario de Carvalho e a outra por Joaquim Miguel de Andrade, ambos promovidos a tenentes.

Dia 5

Acaba o desembarque em **Lavos**, das tropas de Wellesley.

Entra em **Coimbra**, no meio do maior enthusiasmo o general Bernardim Freire de Andrade, que consegue ali juntar 7:618 homens de tropa de 1.ª linha, dos quaes 1:500 são de cavallaria (só 500 estavam montados), e os restantes de infanteria; 10:000 de milicias, e 15:000 de ordenanças. Esta força tinha sido organisada nas provincias do norte, sob os auspicios da junta do Porto, havendo dirigido immediatamente os trabalhos aquelle general e D. Miguel Pereira Forjaz, que tão importante papel depois desempenhou como secretario da regencia e ministro da guerra.

Dia 6

Loison entra em **Portalegre,** que fôra abandonada pelo bispo e pelas pessoas mais notorias da cidade; deixa ali commetter muitos roubos e violencias e lança a contribuição de cem mil cruzados, que deve ser paga immediatamente.

Dia 7

As tropas inglezas começam a atravessar o Mondego.

N'este dia os generaes portuguezes Bernardim Freire de Andrade e Manoel Pinto Bacellar vão a **Montemór-o-Novo** conferenciar com sir Arthur Wellesley. Querem elles que o theatro das operações seja levado para o interior da Beira, porque n'esta provincia abundam os mantimentos e porque assim Loison, que se acha no Ribatejo, terá que approximar-se de Lisboa, ficando limpo de francezes o terreno á retaguarda. Wellesley discorda, allegando não poder apartar-se da costa, porque do mar espera soccorros e viveres, e para lá conta retirar-se em caso de desastre. Dá a Bernardim Freire 5:000 espingardas e as competentes munições, para armar outros tantos homens, que do Porto tinham vindo apenas munidos de chuços, fouces e paus.

Dia 10

Avança das margens do **Mondego** em direcção a Pombal a vanguarda do exercito

britannico, tendo antes Wellesley escripto a sir Harry Burrard participando-lhe o que se passava. A Burrard competiria o commando em segundo logar, e a sir Hew Dalrymple, em primeiro, attendendo n'esta determinação o governo inglez ao principio da antiguidade. Wellesley commandava por estarem ausentes aquelles dois tenentes generaes.

A divisão do general Bernardim Freire marcha de Coimbra para operar de combinação com os inglezes.

O conde de Castro Marim, tendo entregado ao bispo do Algarve a presidencia da junta de **Faro** e o governo das armas do Algarve, sae d'aquella cidade á frente de uma columna de tropas portuguezas, a caminho de Mertola, devendo seguir ao longo do Guadiana. Outra columna de tropas levantadas na mesma provincia, seguiu sob as ordens do coronel Antonio Hypolito, pela estrada de Almodovar. Devem as duas columnas reunir-se em Beja, aonde irão ter 1:300 hespanhoes commandados por D. Jayme Moreno.

Dia 11

Reunem-se em **Pombal** os diversos corpos do exercito britannico, que marcha sobre Lisboa.

Dia 12

O exercito britannico chega a **Leiria** e junta-se com as forças de Bernardim Freire de Andrade. O general portuguez tem novas contestações com Wellesley, porque este não condescende em fornecer-lhe biscouto para as suas tropas, allegando que era a Portugal que competia sustentar o exercito que vinha libertal-o, e não a Inglaterra que devia fornecer a alimentação para aquellas forças. Sabedores d'esta discordancia, os nossos soldados exclamam; «Pois bem! Brigaremos sem pão!». Freire dizia que se achava na impossibilidade de manter as suas tropas em razão de se ter afastado da Beira, ao contrario do que propuzera. Tambem entre o general britannico e o portuguez houve acerba discussão relativamente á cooperação que as nossas forças dariam ás do alliado. Wellesley afinal pediu a Freire que lhe cedesse apenas uma parte das suas tropas, que hão de enumerar-se quando se falar do combate da Roliça. Desejava especialmente cavallaria, que tinha em pequeno numero.

Dia 14

Os inglezes, tendo partido de Leiria na vespera, e passado pela Calvaria, chegam a **Alcobaça**, onde recebem pão e forragens, desembarcados na praia da Nazareth. A fim de conservar sempre communicação com a esquadra britannica, d'onde recebera os reforços que esperava, e mantimentos, e para

FRANCISCO DE PAULA LEITE

não ter que destacar forças para guarda dos armazens que se estabelecessem á beira-mar, no caso de ser a marcha muito para o interior das terras, Wellesley deliberou seguir perto do litoral. Com as suas tropas todas reunidas iria dar combate ao inimigo muito perto de Lisboa.

Desde a chegada dos inglezes a Alcobaça ficam cortadas as communicações entre os generaes francezes Delaborde e Loison.

Os membros da junta de Evora, que Loison tinha nomeado, sem se exceptuar o seu presidente, o arcebispo D. Frei Manoel do

AGUARELLA INEDITA DO TEMPO

Pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa

Tem a seguinte epigraphe:

Habatimento dos barbaros Francezes pellas triumphantes Tropas Britannicas na Batalha de Vimeiro. Ex-aqui os Gallos de Italia tornados em Gallinhas em Portugal. Cante agora o seu Poeta.
Os generaes inglezes concedem a vida aos vencidos traidores. Deponde as Armas. Junot. Decreto 26 de Junho de 1808. Os Britanicos Não tem desejo algum de vingança. Junot 12 de Maio, Decreto de 1808.

Cenaculo Villas Boas, são levados para **Beja**, por ordem da junta d'esta cidade, onde ficaram presos em logares correspondentes ás suas categorias sociaes, cessando portanto o dominio francez na mais importante das povoações alemtejanas.

Dia 15

Os inglezes para reconhecer as posições do general Delaborde avançam até um moinho situado a meia legua para a frente da **Roliça**, e que estava occupado pela vanguarda franceza, composta de 2 companhias de infanteria ligeira, 2 do regimento 70 e 2 do batalhão suisso.

O ataque, apesar de energico, é repellido ao cabo de meia hora de renhido combate. Os defensores pertencem ás forças do citado general que chegaram ali na vespera, tendo vindo de Alcobaça por Obidos.

Estando Junot no theatro de S. Carlos, onde se festejava o 39.º anniversario de Napoleão, recebe noticia das criticas circumstancias em que se achava o general Delaborde e resolve sahir de **Lisboa**, a fim de, explica elle, «averiguar pessoalmente o que vinha a ser o preconisado embarque dos inglezes, que nada tinha adeantado apesar de se haver effectuado quinze dias antes».

Dia 16

A's quatro horas e tres quartos da madrugada Junot sae de **Lisboa**, acompanhado por uma força de reserva, composta de 2:000 homens de infanteria, 600 cavallos, 10 peças de artilheria e um parque de munições. A bordo da nau *Vasco da Gama* fica depositada a maior parte dos valores que nos foram roubados. Nem as proprias escrevaninhas de prata da junta de fazenda da marinha e do conselho do almirantado, escapam. A prata das egrejas tinha sido fundida em barras, e do deposito publico retiraram-se com antecipação 225:000 cruzados. Antes da partida, ha em Lisboa uma confusão enorme. Nas hospedarias e casas particulares onde estão aboletados, os officiaes francezes fazem precipitadamente os preparativos para a marcha, mettendo para as malas tudo o que, bem ou mal adquirido, possuem. A proclamação, que o Duque de Abrantes publicou antes da marcha, regorgita de ameaças: «o ferro, o fogo e todos os males da guerra» cahirão sobre Lisboa, se o seu exercito tiver que voltar a ella por meio da força.

Felizmente acabava de vez na bella cidade do Tejo o dominio de Napoleão, cujas tropas nunca mais conseguiram aqui penetrar, a despeito dos raivosos protestos do soldado corso guindado a imperador.

O exercito britannico chega ás **Caldas da Rainha** e faz alto n'esta povoação, para receber mais viveres, que tinham desembarcado na Nazareth. Não póde Wellesley começar tão cedo as operações como desejava, com 5 peças de artilheria, pretende oppôr-se, em frente do logar da **Roliça,** á marcha das forças de Wellesley, que avançam sobre Lisboa. A posição que toma é n'uma eminencia, para a frente da qual se abre um valle. Nas collinas que este ladeiam ficam os postos francezes, cobrindo as passagens que ha para as montanhas situadas á retaguarda. Wellesley divide a sua vanguarda em tres columnas, de que fazem parte uma brigada de peças de calibre 9 e

QUARTEL GENERAL DE SIR ARTHUR WELLESLEY, NO VIMEIRO

Segundo uma estampa do tempo

por ter falta de cavallaria, e tambem porque Bernardim Freire resiste a acompanhal-o com as suas tropas, tanto que ainda permanece em Leiria.

A marcha dos inglezes é, desde a Figueira, saudada enthusiasticamente pelo povo portuguez, que em toda a parte lhes sae ao encontro, vendo n'elles quem o ha de libertar do jugo napoleonico.

Dia 17

O general francez Delaborde, com 6:000 homens, dos quaes 500 são de cavallaria, e

outra de calibre 6. Na da direita, estão 1:000 portuguezes, com 50 cavallos. E' commandada por Nicolau Trant e recebe a incumbencia de tornear a esquerda dos francezes. A columna do centro, commandada pelo proprio Wellesley, e em que entra o resto da força portugueza, deve atacar de frente a posição da Roliça. A da esquerda, em que estão 20 cavallos portuguezes e que é commandada por Fergusson, deve tornear a direita dos inglezes.

A's sete horas da manhã as columnas avançam por veredas e caminhos intransitaveis, e conseguem forçar os postos dos

francezes, recuperando successivamente a ordem que a aspereza do terreno não cessa de transtornar.

Uma das brigadas do centro dos alliados logra formar-se em frente dos francezes, e duas outras avançam para a Roliça, estando já a nossa infanteria no logar de S. Mamede, á esquerda, e os caçadores de uma das brigadas nas collinas da direita.

Delaborde manda abandonar a posição principal da Roliça e marchar para a da Columbeira. A retirada faz-se em muito boa ordem, pelos caminhos das montanhas. Atacada a segunda posição, os francezes recuam e vão occupar terceira posição, na Zambugeira dos Carros. Repellidos tambem d'esta ultima, apesar da sua energica defesa, e tendo havido muitas perdas de um lado e outro, acabam os atacantes por occupar os cimos das montanhas.

Esta primeira victoria do exercito anglo-luso é tambem o primeiro combate importante da Guerra Peninsular em que entram os nossos soldados, a quem tão glorioso nome vae resultar d'esta porfiada lucta. Mais numerosas as tropas de que dispunha Wellesley que as que tinha Delaborde, não houve ainda assim desproporção entre as forças que de um e outro lado se empenharam na acção.

Tiveram os francezes 600 mortos e feridos, contando-se entre estes Delaborde; nos alliados houve 479.

Os vencidos perderam tambem as bagagens, e munições de guerra e de bocca.

E' reconhecido por todos os historiadores da Guerra Peninsular a habilidade com que se houve Delaborde, a quem faltaram os soccoros que esperava tanto de Loison como de Junot, mas que manobrou de maneira que evitou para as suas tropas um grande desastre.

Foram as seguintes as forças portuguezas que entraram n'este combate: 210 praças de artilharia 4; 104 de cavallaria 6; 50 de cavallaria 11; 104 de cavallaria 12; 41 da cavallaria da Guarda de Policia; 605 de infanteria 12; 605 de infanteria 21; 304 de infanteria 24, e 569 de caçadores 6, o que dá o total de 2:592, maior que o indicado por Wellesley, que algumas vezes foi injusto para com os nossos soldados, sem embargo do muito que estes fizeram nas batalhas em que o general britannico illustrou o seu nome.

As tropas da Beira, commandadas pelo brigadeiro Manoel Pinto Bacellar e uma brigada auxiliar hespanhola sob as ordens do marquez de Valladares, tendo marchado de Castello Branco entra em **Abrantes,** em consequencia de Loison ter marchado na direcção de Rio Maior no intento de reunir-se a outras forças do exercito francez.

Entra novamente em **Alcacer do Sal** Sebastião Martins Mestre, com as suas tropas, que se compunham de 400 soldados de infanteria do Algarve, duas peças de artilheria, um pequeno corpo de cavallaria, e 300 hespanhoes dos regimentos de Siguenza, Llerena e Ayamonte. Esta força tinha partido de Alcacer do Sal para Beja quando se receiava que Loison fosse de Evora para esta cidade. Sahiu sem ter sido distribuida a comida ás praças, que apesar d'isto marcharam sempre com a maior animação. N'uma das povoações atravessadas foi necessario que Mestre e o ajudante andassem com uma alcofa a pedir pão pelas portas, o que lhes permittiu reunir o sufficiente para distribuir a cada homem um quarto de pão, que n'esse dia lhes foi almoço, jantar e ceia. Para assustar os francezes que estavam em Alcacer, empregou Mestre um habil estratagema: destacou para a frente o seu capellão, havendo-lhe entregado uma carta em que recommendava ao juiz de fóra que mandasse apromptar rações para quatro mil homens. A carta, segundo Mestre previra, cahiu em poder dos fracezes, os quaes, ao mando de Graindorge, retiraram precipitadamente para Setubal, deixando em Alcacer viveres e barcos.

As forças de Junot, tendo sido demoradas na passagem do rio Sacavem, cuja ponte fôra cortada pelos moradores do logar, e havendo passado por Villa Franca de Xira, juntam-se perto de **Otta** com as do general Loison, que fizera vagarosamente a sua marcha. Loison vinha do Cercal e fôra esperado com anciedade por Delaborde, que n'este mesmo dia se batia na Roliça contra os soldades anglo-lusos.

M. A.

O cavallinho de pedra

(Conclusão)

ENTRO da choupana estava uma velha que apenas deu com os olhos no rapaz veiu logo falar-lhe. E explicou-lhe o motivo por que tudo era silencio na cidade e nos campos em derredor, e porque habitava com ellas o medo, na choupanasinha.

Muitos annos antes, quando havia muita gente n'aquella terra agora silenciosa, quando os homens arroteavam aquelles campos doirados, as mães brincavam com os filhinhos por aquelles relvados e os velhos descançavam á sombra amiga do arvoredo, governava o paiz um rei muito justo e sabio. Tinha, porém, este monarcha um inimigo muito cruel e poderoso em outro rei, que governava um reino para além do rio que por ali passava. Invejoso da prosperidade que gosavam os subditos do seu visinho, o rei mau fez-lhes guerra e sahiu victorioso, porque se valeu das artes magicas em que era muito sabido.

Deus sabe quantos vassallos do rei bom morreram na guerra, e quantos mais foram levados como escravos pelo inimigo! Mas o rei bom e trezentos dos seus mais valorosos cavalleiros tornaram-se em calhaus, e ficaram espalhados pelos caminhos; comtudo n'aquella mesma noite um velho caridoso apanhou e levou comsigo todas as pedras, de sorte que a velha nunca mais soube o destino que tinham tido.

Desde então as novidades amadureceram todos os annos, os pomares cobriram-se de flores em todas as primaveras, as arvores vergaram os ramos ao peso dos fructos em todos os outonos, e não appareceu o minimo signal de estrago ou de ruina em nenhum dos edificios da cidade. A velha entendia que tudo isto era indicio de que a cidade não ficaria eternamente silenciosa e de que o rei bom ainda havia de voltar, mais os trezentos cavalleiros, para libertar o seu povo, captivo para além do rio que por ali passava.

A velha era ama da filha do rei bom e foi tão feliz que poude escapar,

com a pequenita, á morte e ao captiveiro de que todos os mais foram victimas, ficando desde então n'aquella choupanasinha no meio do arvoredo.

Disse tambem a velha que alguns dias antes o filho do rei mau andara á caça por ali, e que, desviando-se dos outros caçadores para visitar a cidade silenciosa e os campos visinhos, ádergou avistar a princeza.

A velha fugiu com ella promptamente e foi escondel-a n'uma furna que havia no mais cerrado do bosque, evitando que o principe tornasse a vêr a donzella quando veiu procural-a. Por isso abalou desesperado, mas voltará de certo, em boa companhia, a dar nova busca, pois tinha dado bem a perceber que a formosura da princeza lhe causara um grande abalo.

Teve logo o Diniz a certeza de que a ama não se enganava, pois que, deitando os olhos para a princeza, conheceu que todo o homem que a tivesse visto uma vez, faria tudo para tornar a vel-a.

Enfureceu-se e jurou que nunca o filho do rei mau se apossaria d'aquella creaturinha encantadora. E como a ama lhe dissesse que o principe viria de certo acompanhado pelas tropas de seu pae, lembrou-se da promessa dos cavalleiros do castello e mandou, pelo cavallo branco, pedir-lhes que viessem ajudal-o.

Emquanto o cavallo partia n'uma tal corrida, que nem uma frecha seria capaz de o apanhar, o Diniz levava a princeza e a ama para a cidade, e punha-as dentro do palacio real, que era o edificio mais forte de quantos ali havia. Não satisfeito ainda com isto, conduziu-as para o torreão, que se erguia ao centro do palacio e d'onde se vigiava até muito longe o inimigo. E tambem metteu no torreão quantos comestiveis poude encontrar, e fechou com ferrolhos e trancas todas as portas, encostando moveis contra ellas, para maior segurança. Como o palacio era todo de marmore, não podiam deitar-lhe fogo.

Da janella mais alta do torreão os tres ficaram á espreita. Foi entristecendo de dia para dia a princeza, e, se o Diniz lhe perguntava o motivo, respondia-lhe que estava certa de que tanto a ama, que fôra sempre muito sua amiga, como elle, que tão dedicadamente a defendia, iam ser mortos pelos inimigos. Pouco se lhe dava de morrer, mas não se conformava com a idéa de que outros morreriam por sua causa.

O Diniz procurou tranquillisal-a. Disse-lhe que pouco lhe importava morrer para defendel-a, mas que conhecia bem todo o perigo a que estavam sujeitos, porque não poderiam resistir aos numerosos soldados que o principe havia de trazer comsigo.

Quanto mais esperavam, mais afflictos se iam tornando, e só pediam a Deus que chegassem quanto antes os cavalleiros de brilhantes armaduras.

Mas assim como elles não appareciam, tambem não havia signal do inimigo.

Uma tarde a princeza adormeceu e o Diniz disse baixinho á velha:

— Talvez o principe não volte.

— Pois julgas, respondeu ella, que um homem depois de ver a princeza pode ficar em casa, muito socegado da sua vida?

— Não, não póde, com certeza, tornou-lhe o rapaz, tristemente.

Na manhã seguinte appareceu uma nuvem no horisonte. Quando chegou mais perto, conheceu-se que era da poeira levantada pelo exercito que o principe trazia comsigo. A curta distancia da cidade apartaram-se d'elle alguns homens, para esquadrinhar todas as casas e dar uma batida ao bosque. Reconheceram afinal que a princeza estava dentro do palacio. Formou-se em volta um cordão de tropas, para que ninguem pudesse sahir, e tratou-se de arrombar as portas, que apesar de muito grossas e rijas foram cedendo.

Os tres que vigiavam no alto do torreão bem gritaram por soccorro, mas ninguem lhes acudiu.

O Diniz lembrou-se então de que os cavalleiros, por causa do seu encantamento, só podiam marchar durante a noite e perdeu a esperança de que chegassem a tempo.

Quando rompeu a manhã do outro dia, só faltava arrombar duas portas e os atacantes continuaram logo a trabalhar com ancia. Todo o dia trabalharam, ao mesmo tempo que os tres vigiavam no torreão.

Ao luscofusco a ultima porta começou a abrir fendas, e no emtanto viram os tres brilharem os ferros das lanças dos cavalleiros, ao longe, por entre o arvoredo.

— Não chegam a tempo, disse comsigo mesmo o Diniz, e, ainda que cheguem, são muito poucos para que possam derrotar esta chusma de inimigos.

Quando rompeu a madrugada, estavam os cavalleiros muito perto do castello, mas infelizmente os assaltantes haviam recomeçado furiosamente no seu trabalho. O poder do encantamento cahiu de novo sobre elles durante aquelle dia ardente de verão, e os tres, do alto do torreão, só viram um monte de pedras no campo, e ouviram o estalar da madeira da ultima porta, mordida pelo aço dos machados.

A PORTA RESISTIU BEM, MAS FOI CEDENDO AFINAL.

A porta resistiu bem,

mas foi cedendo afinal. O Diniz desembainhou a espada. Havia uma grande fenda na porta, mas elle defendia-a tão bem que nenhum dos assaltantes se atrevia a approximar-se. De repente sentiu-se fóra do palacio um grande rumor: homens vozeavam e tiniam armas. Os assaltantes, que já subiam a escada, escutaram anciosos, e desceram para saber o que seria aquillo.

Os bons dos cavalleiros tinham-se approximado, sem que fossem vistos na meia obscuridade do crepusculo, e surprehenderam os inimigos entretidos no assalto. Foi uma batalha tremenda. Não tinham os cavalleiros esgrimido em vão durante as longas noites de tantos e tantos annos.

Nunca os inimigos viram luctadores como aquelles, e foram recuando, recuando, até cahirem no rio, onde se afogaram ás centenas. Apenas escaparam da morte os que ficaram prisioneiros. O rei e o filho morreram no combate, e com a morte do primeiro acabaram logo os seus feitiços malfazejos.

Os cavalleiros, que eram os mesmos trezentos que se haviam tornado em pedras, voltaram para suas casas. O velho, de que a ama falou, era um magico que lhes tinha querido valer, mas que não pudera livral-os de todo o encantamento. O lindo cavallo branco era o proprio rei bom, que tomara aquella figura por conselho do magico.

Deu o rei bom muitos beijos na sua encantadora filha, e, juntamente com todos os cavalleiros, agradeceu tanto ao Diniz que chegou a envergonhal-o.

O povo captivo foi libertado, e a cidade silenciosa tornou-se n'uma cidade de falacia, de cantos e de alegrias. A ama velha, recompensada generosamente, viveu com a princeza até ao final dos seus dias.

Pouco tempo depois da batalha, o Diniz casou com a princeza, e houve tamanho enthusiasmo nos vivas dados aos noivos, que muitos homens e mulheres do povo ficaram doentes das guelas á força de gritarem.

Mais feliz ainda do que os noivos, só a mãe de Diniz, que d'ali por deante ficou vivendo no paço.

O Arraial

O San João aqui é celebrado
festivamente; um arraial pequeno
acolhe o forasteiro em seu terrado.

De manhã, corre a musica, tocando,
as ruas do logar; em toda a parte
alegra os corações alegre bando.

O sol canta, magnifico solista.
Respondem-lhe os metaes da philarmonica;
O bombo ronca; o flautim ri, trocista.

Depois, missa cantada na ermidinha:
altar com muita luz, calor intenso,
muita flor, muita gente que se apinha.

A seguir o jantar em companhia
de amigos e parentes convidados:
vinho bom, que palestras alumia.

E, por fim, o arraial. Ih! tanto povo!
Giram na eterna polka raparigas
apertadinhas em vestido novo.

O verde gaio é tradição perdida.
Quem ha que saiba as normas do fandango?
Em roda viva o par dançante lida.

E' mal nosso: banida a velha usança,
adopta-se uma extranha menos bella.
Ninguem ao bailarico se abalança.

Em coreto enfeitado com verdura,
a musica dá nervo aos dançarinos,
até que ella descanse, o baile dura.

Outra ligeira construcção me chama.
Creanças, como lindas borboletas,
namoram-na, attrahidas pela chamma.

E' barraca de sortes. Compram todos!
A dez réis cada rifa; não é caro...
e os premios a prenderem como engodos...

Bem claramente aqui se denuncia
D'este povo, que deixa tudo á sorte,
a veneta, a paixão da loteria.

Mas aperta o calor; é muita a sêde,
Onde pára a velhinha dos refrescos?
Ei-la, a alvejar, ao longe, á sombra. Vêde!

Da banca de tesoura me avizinho:
garrafa de mil côres, pirolitos.
Morreste, capilé de cavallinho!

Parede — 1908.

João de Saldanha de Oliveira e Souza.

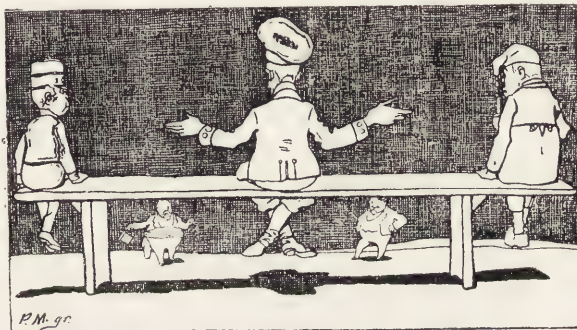
Grandes topicos

A Turquia Constitucional

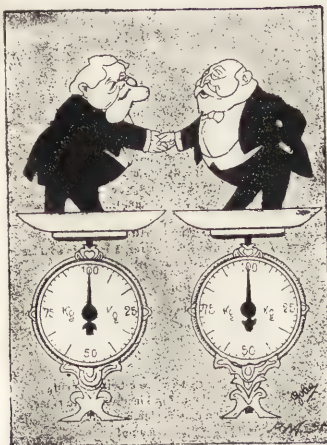
O mez que acaba de decorrer foi assignalado por um facto da mais alta importancia mundial. A Turquia, o velho imperio autocratico onde, desde sempre, as idéas liberaes valiam a morte sem remissão a quem se atrevia a manifestal-as, e que era mesmo o unico paiz absolutista da Europa — dado que a Russia tenha já deixado de merecer essa classificação — é, a partir do dia 23 de julho, uma nação regida pelo systema constitucional.

Em que circumstancias se produziu este sensacional episodio da vida turca? Porventura o sultão, essa sinistra figura da Historia, que pelos seus crimes mereceu de Gladstone a designação immfamante de «grande assassino», teria sido de subito tocado pelo espirito de justiça e, n'um assomo de remorso ou de bom senso, feito esse gesto nobre que representa a libertação de um povo? Terão por acaso, as grandes potencias europeas, resolvidas finalmente a acabar de vez com as abominações turcas, obrigado o tôrvo e vingativo habitante de Yildiz Kiosk a dar um passo á frente no caminho luminoso da civilisação?

Nada d'isso. A constituição turca deve-se não ao sultão nem ás potencias, mas á propria Turquia que, emfim, decidiu emancipar-se. Ha annos já, constituira-se no imperio da Abdul-Hamid um partido intitulado «Joven Turquia» que se propoz transformal-o n'um paiz livre. Perseguido vigorosamente como um bando de féras, isso não fez mais que avigoral-o de dia para dia, e em breve as suas hostes comprehendiam tudo quanto ha de mais notavel nas lettras, nas artes, na politica e no exercito. E assim, ultimamente o sultão era apoiado ou defendido apenas por aquelles que, dependendo absolutamente do poder constituido, o rodeiam e amparam até á ultima.

Apesar d'isso, ou antes, por isso mesmo, a autocracia não desarmou, lançando-se, ao contrario, no delirio

GORDOS E MAGROS

Resultados surprehendentes de se sentarem a França e a Inglaterra ao lado da Russia. O Japão e a Allemanha difficilmente se aguentarão d'ora avante no banco onde tão commodamente se achavam sentados.

Do «*Kladderadatsch*»

DE PERFEITO ACCORDO

As machinas de pesar Fallières e Eduardo conferem exactamente uma com a outra.

Do «*Pasquino*»

da perseguição que caracterisa o proximo baquear dos regimens. Entretanto, a «Joven Turquia», que ha muito estava organisando a revolução emancipadora, deliberou dar o golpe decisivo — e nos primeiros dias de julho começaram-se revoltando os regimentos da Macedonia.

Poucos dias depois toda a guarnição d'aquella provincia estava em armas e os regimentos da Anatolia mandados contra os revoltosos, faziam causa commum com elles. Senhores, assim, da situação,

O PIM-PAM-PUM DAS NAÇÕES

GUILHERME — *O que é exquisito é eu não poder deitar abaixo aquelle boneco! (O boneco é Pichon, ministro dos estrangeiros de França.)*

De «*La Rire*»

os revolucionarios proclamaram a Constituição de 1876, e, no meio do unanime enthusiasmo que esse acto produzira entre o povo, prepararam-se para marchar sobre Constantinopla, a fim de obrigar o sultão a proclamal-a tambem em todo o imperio.

Já a esse tempo no palacio imperial reinava o terror, que de dia para dia augmentava á medida que se recebiam noticias da Macedonia; e quando a Yildiz Kiosk chegou o telegramma noticiando a marcha dos revoltosos sobre a capital, o panico foi completo. Immediatamente o sultão convocou o conselho de Estado, afim de que este désse parecer sobre a situação. Afóra dois ou três dos seus membros,

WILLIAM H. TAFT

Indigitado pelo partido republicano para Presidente da Republica dos Estados Unidos da America.

todos os outros se pronunciaram pela resistencia, ou antes, pela repressão a todo o transe. E — coisa curiosa! — foi precisamente Abdul-Hamid quem pronunciou a palavra de capitulação! É claro que todos aquelles fieis sustentaculos do throno passaram logo a ser da opinião do seu senhor, e no dia seguinte era proclamada a Constituição de 1876.

No momento em que escrevemos todo o imperio estremece de commoção e enthusiasmo por esse facto, que marca uma data brilhante na historia da humanidade. Todavia, os revolucionarios não desarmaram completamente: conservam-se em paz armada, receando que Abdul-Hamid prejure pela segunda vez — o que de resto, não lhe seria muito facil, dadas as actuaes circumstancias que muito diferem das de ha trinta annos.

PIADA DEMOCRATICA A MR. TAFT

Ó Tio Sam, repare que o fato de Mr. Roosevelt lhe fica acanhadissimo.

«*Caricatura americana*»

Como esclarecimento final acrescentaremos, que a constituição agora proclamada pela segunda vez na Turquia, é em muitos pontos, superior ás de algumas monarchias da Europa, onde o systema constitucional vigora ha longo tempo.

Entrevistas de chefes de Estado

As visitas que o presidente Fallières fez ultimamente á Inglaterra, aos paizes scandinavos e á Russia, dispertaram logo no animo do imperador Guilherme, o desejo enorme de as contrabalançar com outra a elle feita,

A «TRIPLE ENTENTE»

«*Será conveniente afinal de contas metter o Guilherme na «Entente»! Se tal fizermos, ficamos na obrigação de ter um exercito.*»

De «*Lustige Blätter*»

MONARCHAS ALEGRES

NICOLAU — *Ora até que emfim encontro alguem que com certeza não trama assassinar-me!*

Do «*Wabre Jacob*»

por seu tio o rei de Inglaterra, que ha annos o não visitava, apesar de varias vezes ter estado na Allemanha. Teria isso um duplo effeito: sobre a politica europea, em geral, e, particularmente, sobre as relações entre os dois paizes que, como se sabe, não ha meio de melhorarem.

Para conseguir esse desideratum, o Kaiser serviu-se, ao que se afirma, de uma parente commum, a princeza Frederico de Hesse que, sendo a sobrinha predilecta de Eduardo VII, lhe pediu accedesse ao desejo do sobrinho imperador. Eduardo VII que, para isso, não era obrigado a deslocar-se expressamente, pois tinha de ir fazer a sua cura annual á Marienbad, acquiesceu ao pedido, e a entrevista realisou-se em Cronberg, no proprio castello da princeza.

Como sempre em casos identicos, e n'este com mais razão, ao mesmo tempo que a entrevista se realisava, a imprensa oficiosa allemã deitava foguetes, apontando o facto como da mais alta importancia para a politica externa do imperio. Mas logo a imprensa ingleza a chamou á realidade das coisas, fazendo-lhe sentir que a visita do rei Eduardo era «uma simples visita de parente a parente», opinião, de resto, seguida por todos os jornaes allemães que não recebem inspiração do governo.

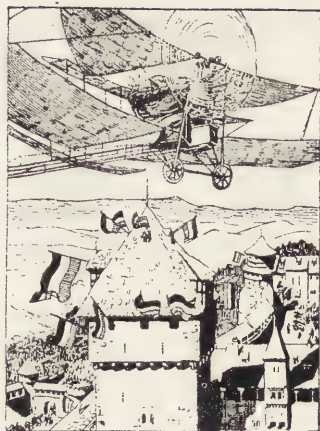
Assim, mais uma vez o Kaiser errou o alvo. E erral-o-ha sempre emquanto as condições geraes da politica europea se não modificarem completamente.

OS MARROQUINOS VISITANDO A RUSSIA

Vendo os allemães a cortar as linguas dos Polacos, rendem graças a Allah por serem os francezes que os estão guerreando.

Do «*Wahre Jocob*»

JOHN BULL — *Meu caro Guilherme, é tão difficil vires a ser Guilherme o Conquistador como Guilherme o Silencioso.*

De «*Le cri de Paris*»

A CAMINHO

REI EDUARDO — *Parece que ha muitas festas aqui pela Allemanha! Pois bem! Deixa-me ir tratar do negocio a S. Petersburgo.*

Do «*Ulk*»

A revolução na Persia

Abafada, com a feroz carnificina de que démos noticia, a revolução em Teheran, nem por isso na Persia se restabeleceu a ordem. Impossibilitados absolutamente de proseguirem na capital o movimento de resistencia contra o golpe de Estado, os constitucionaes entrincheiraram-se na cidade de Tabriz, e ahi se teem defendido como verdadeiros leões dos repetidos assaltos das tropas do schah. A' hora a que escrevemos ainda os telegrammas nos annunciam que as boccas dos canhões continuam vomitando metra-

A FIRMA «MARROCOS IRMÃOS»

CLEMENCEAU — *Que historia é esta! O que eu queria era guardar o throno de Abd-el-Aziz para elle, e agora é Muley Hafid que o guarda.*

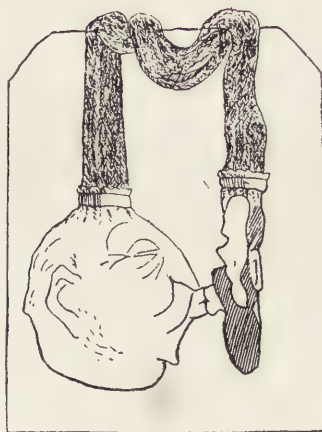
Do «*Ulk*»

NICOLAU — *Aqui estamos sósinhos em infinita paz do Oceano!*
EDUARDO — *Paz! Qual historia! Então não te lembras do espadarte?*

Do «*Pasquino*»

lha, e não é crivel que essa pavorosa lucta acabe, emquanto um dos adversarios não ficar completamente esmagado.

O resto do imperio, que recobrára a calma após os sangrentos dias de julho, foi, porém, a breve trecho, novamente agitado por uma convulsão de liberdade, ao annuncio da revolução turca. E assim, conquanto o schah julgue ter assegurado o throno com a destruição do parlamento e o assassinio de algumas centenas de constitucionaes, póde dizer-se que a situação não melhorou. Apenas mudou de aspecto pela força de circumstancias. Logo, porém, que estas o permitam, o incendio rebentará de novo, com mais violencia ainda, para d'esta vez destruir completamente, na sua chamma purificadora, tudo o que representa o passado.

Os socialistas allemães — Acaba de abrir-se uma scisão entre os socialistas allemães, em virtude da resolução tomada pelos deputados do mesmo partido aos parlamentos de Bade, Wurtemberg e Baviera de votarem o orçamento dos mesmos estados. O facto está causando em toda a Allemanha extraordinaria sensação.

A ESPERANÇA DA RUSSIA

RUSSIA — *Se eu ao menos podesse chupar um emprestimo gordo ao ricaço do meu tio.*

Do «*Ulk*»

Vida na sciencia e na industria

Marinha allemã — Foi lançado á agua em Bremen o *Westphalia*, segundo dos couraçados allemães de 19:000 toneladas, do typo *Nassau*. Tendo mais umas mil e tantas toneladas que o *Dreadnought*, o *Westphalia* é armado com mais dois grandes canhões, perfazendo doze ao todo, de 11 pollegadas de calibre. A disposição das seis torres permitte que oito dos canhões façam fogo na direcção da pôpa ou da prôa, e todos os doze para cada um dos bordos.

Quando completo, o colosso custará 1.825:000 libras, e deverá entrar em serviço em março de 1910. Tem-se mantido grande segredo sobre a sua construcção.

O COURAÇADO ALLEMÃO «WESTPHALIA»
Como será depois de completo

A operação dos obesos — O professor Eiselsberg, de Vienna, tratou ultimamente um homem de 25 annos, que não era capaz de se sentar por causa da gordura que lhe cobria o abdomen, sendo aliás excellentemente conformado. Como a acumulação de tecido adiposo era um embaraço ás suas funcções de creado, soffreu uma operação que teve por fim remover a maxima quantidade possivel de tecido superfluo. Extrahiram-se cêrca de treze arrateis de gordura, e o operado restabeleceu-se rapidamente. É esta a maxima quantidade de gordura que se tem extrahido de um corpo humano para attenuar a obesidade, mas em operações da hernia teem-se já extrahido maiores quantidades.

EDIFICIO DO OBSERVATORIO PUBLICO DE ZURICH

TELESCOPIO DO OBSERVATORIO DE ZURICH

O frio nos domicilios

A cidade americana de Kansas-Osty adoptou a innovação de fornecer, por meio de assignaturas, o elemento frigorifico ás casas particulares. Canalisações especiaes, partindo d'uma fabrica apropriada, levam aos consumidores, em serpentinas fixas aos muros ou tectos, o frio necessario á conservação de diversas substancias. Os principaes assignantes são os marchantes, floristas, hoteis, restaurantes, etc.

Seria para desejar que esta iniciativa tivesse imitadores.

Nada mais agradavel e commodo do que, pelos grandes calores, abrir simplesmente uma torneira ou um commutador para obter uma temperatura fresca.

Observatorio publico

Apenas existe no mundo um observatorio publico, na pequena cidade de Zurich (Suissa). Todas as noites está aberto, e durante o primeiro semestre d'este anno foi concorrido por 25:000 pessoas. Possue um magnifico telescopio, com uma montagem nova e engenhosa com perto de 6 metros de comprido e 14 toneladas de peso. A objectiva tem 12 pollegadas de diametro. Tem um *écran*, sobre o qual se projectam os corpos celestes. Toda a gente pode, é claro, observar por elle. Além do serviço astronomico, este telescopio serve para observar os esplendidos panoramas dos Alpes, que d'aquelle ponto se disfructam. As imagens invertidas são postas a direito para se projectarem no *écran*. A existencia d'este observatorio é caracteristica de um povo tal como o suisso, que fez do estudo do tempo para o relogio uma industria nacional realisada com a maxima intelligencia por quantos operarios n'ella se empregam.

Alcoolismo

O procurador geral de Rouen demonstra n'um recente relatorio que, devido ao alcoolismo, é espantoso o progresso dos casos de alienação mental, e que o numero dos suicidios augmenta constantemente.

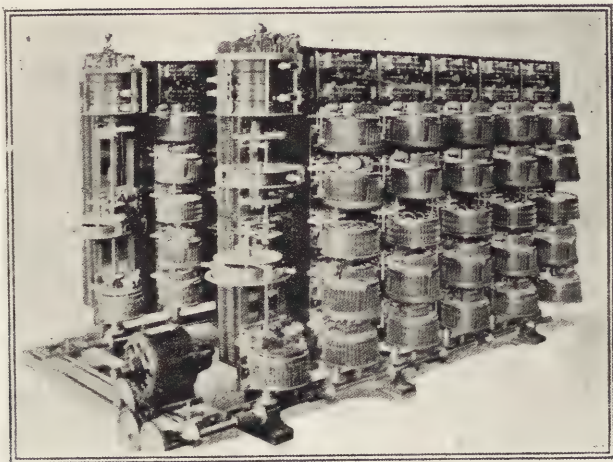
N'aquella mesma região, as estatisticas accusam este anno um excesso de mil obitos, sobre o numero dos nascimentos. As causas encontra-as no seguinte:

Em 1880 havia em França uma taverna por 113 habitantes; hoje ha uma por 78, 60 e até 25.

A média do alcool por cabeça, que em 1850, era de três litros, é actualmente de sete!

A peçonha das serpentes

Ha 80 annos, o Dr. Hering demonstrou o valor medicinal da peçonha das serpentes para tratamento de certas molestias, como erysipela, gangrena, diphteria e alguns achaques mentaes. A sua provisão de peçonha, distribuida em doses homopathicas por todo o mundo, estava quasi a acabar, e foi renovada agora por dois pharmaceuticos de Nova York, Boericke e Runyou. Da America do Sul foi trazida uma vibora de cabeça de lança, e levada para o Jardim Zoologico de Nova York. Em presença de muitas summidades scientificas, o professor Dittmars extrahiu e veneno. A serpente, segura com uma forquilha, foi agarrada pela cabeça e pela cauda. Obrigaram-n'a depois a morder uma membrana presa ao gargalo de um vaso de vidro. Mordeu tres vezes, depositando no vaso 17,75 grãos de peçonha. Esta será triturada por fórma que dure meio seculo. Essa peçonha usa-se tambem na cura das mordeduras da serpente.

EXTRACÇÃO DA PEÇONHA DE UMA SERPENTE

PERMUTADOR AUTOMATICO LORIMER

Telephonia automatica — A machina Lorimer, que se está experimentando em Paris, evita aos subscriptores o trabalho das chamadas pelos numeros e é sobretudo infallivel. Acima do receptor ha uma combinação de quatro alavancas, com as quaes o subscriptor pode fazer qualquer combinação numerica. Por exemplo, se se pretender chamar o numero 1455, movem-se as alavancas até que estes numeros appareçam n'uma prancha á vista. O acto de fazer a combinação é automaticamente communicado a uma machina na séde central chamada o indicador decimal. Esta machina recebe o numero e procede aos contactos correspondentes n'uma serie de tambores de revolução. Feitos todos os contactos, o subscriptor que quer falar fica em communicação com o seu interlocutor.

Descobertas archeologicas em Sparta — A cruel punição dos moços spartanos, para que soffressem a dôr em silencio, era infligida no altar do Arthemis Orthia. Em abril de 1906, os exploradores inglezes identificaram, com o auxilio de inscripções, a situação d'esse altar na margem do Eurotas, a cêrca de uma milha da moderna Sparta. O templo então descoberto era do seculo VI A. C. A 25 de maio passado, fez-se a importante descoberta de um templo que data do seculo VIII ou IX, parte d'elle sepulto sob as ruinas do seu successor. Era coberto de telhas pintadas, e construido de adobe reforçado de vigas de madeira, sobre alicerces de pedra. Estava collocado em symetria com um enorme altar, muito antigo, descoberto este anno, e sem duvida relacionado com elle. Foi a posição do altar que levou o archeologo Mr. Dawkins a procurar o templo n'aquelle sitio. Vêem-se ali muitas offertas votivas, entre ellas uma grande quantidade de figurinhas de chumbo (umas 10:000), broches e ornatos de bronze, e marfins entalhados. A mais notavel descoberta foi talvez a de uma serie de mascaras de terra-cotta, pintadas, provavelmente copias das que se usavam nas representações dramaticas em honra da deusa. Algumas são modeladas com extraordinario vigor e frescura, e na arte archaica o seu naturalismo não tem precedentes.

Descobertas archeologicas em Sparta

SPHYNGE DE TERRA-COTTA

MASCARA DE DANSARINOS

O ideal das lavadeiras — O lago Nijape, em Nicaragua, tem tal abundancia de bicarbonato de soda e de potassa, que basta agitar levemente a agua para levantar grande quantidade de espuma. A sua agua tem nos arredores um immenso consumo, pois evita aos pobres a despeza do sabão.

Resenha portugueza

VISITAS REGIAS

NO CASTELLO DE S. JORGE

No castello de S. Jorge. — Interessantissimos os exercicios, realisados pelo batalhão de caçadores 5, por occasião da visita que El-Rei fez, em fins de julho, ao castello de S. Jorge.

Depois d'um discurso de saudação pronunciado pelo commandante, e da recitação d'um patriotico soneto, enaltecendo os feitos d'aquelle corpo, por um official, fizeram-se dois assaltos á espada e ao florete, a que se seguiram trabalhos de fortificação improvisada, executados pelos sapadores, e manobras pela secção de cyclistas, finalisando os exercicios com um assalto á bayoneta.

Todos os trabalhos mereceram elogios.

NO HOSPITAL DA ESTRELLA

No hospital militar da Estrella. — D'entre as visitas que El-Rei está fazendo aos estabelecimentos publicos, apontamos n'este numero a de 25 de julho, ao hospital militar da Estrella.

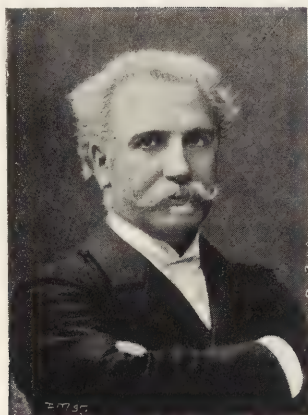
Sua Magestade, que conversou carinhosamente com alguns doentes ali em tratamento, deplorou as más condições em que se acham algumas installações e prometteu empenhar-se em melhoral-as.

O PREDIO INCENDIADO

UM GRANDE INCENDIO

Um grande incendio — O incendio no predio em que está installada a Companhia Previdente, em julho, é um dos que ultimamente tem causado maiores prejuisos, havendo comtudo a felicidade de não haver victimas a deplorar. A fabrica estava segura em 222 contos e os prejuisos montam a 40.

O corpo de bombeiros, cujo excellente serviço se faz sempre notar, foi d'esta vez bastante prejudicado no principio dos seus trabalhos pela falta de agua. Apezar d'isso, conseguiu-se localisar o fogo na ala do lado sul, impedindo-o de communicar com a parte central do edificio. Na parte do predio destruida pelo fogo, trabalhavam perto de 200 operarios, muitos dos quaes perderam as ferramentas, fato e dinheiro.

TRIBUNA PARLAMENTAR

CONSELHEIRO RESSANO GARCIA

DR. AFFONSO COSTA

DR. BOMBARDA

Oradores da actual legislatura. — Continuamos publicando os retratos dos oradores que, pelos seus discursos, se têem distinguido n'esta época parlamentar nas duas camaras.

O conselheiro Ressano Garcia, parlamentar experimentado, cuja argumentação logica e correcta se impõe; o Dr. Affonso Costa um dos mais fogosos, brilhantes e irrequietos caudilhos do partido Republicano, e um dos seus mais notaveis oradores; e o Dr. Miguel Bombarda um combativo vigoroso, que diz o que pensa sem tregiversões e com rara concisão.

Nas apaixonadas discussões politicas que caracterisam a época parlamentar, estes três representantes da Nação, têem demonstrado, a par de vastissimos recursos oratorios, uma grande firmeza e tenacidade na defeza das idéas dos partidos politicos a que pertencem, conseguindo prender a attenção publica, com os seus brilhantes discursos.

NECROLOGIA

NERY DELGADO

General Nery Delgado. — Finou-se no dia 3 de agosto com 73 annos de idade este illustre homem de sciencia, director dos trabalhos geologicos do reino.

Os seus valiosissimos estudos grangearam-lhe, tanto em Portugal como no estrangeiro, merecida e justa consideração; e algumas das suas monographias, traduzidas em allemão e francez, marcaram-lhe logar no mundo scientifico como um dos mais notaveis geologos comtemporaneos.

Dr. Trindade Coelho. — A magistratura e as lettras portuguêsas vestem luto pela morte inesperada de Trindade Coelho.

A litteratura deve-lhe dois volumes de deliciosos contos — *Os meus amôres* e *In illo tempore*. Mas a penna que tão dextramente manejava, não lhe servia só para traçar os quadros que n'aquelles dois livros nos encantam.

Os estudos juridicos e a instrucção do povo português mereceram-lhe especial attenção. E assim deixou varios trabalhos, entre os quaes, pela sua importancia, occupam o primeiro logar as *Annotações ao Codigo e Legislação Penal* e o *Manual Politico do Cidadão Português*.

TRINDADE COELHO

LETTRAS

JUSTINO DE MONTALVÃO

ALBERTO DE SOUSA E COSTA

JOÃO CHAGAS

Poeira de Paris. — Justino de Montalvão, primoroso poeta e prosador, reuniu n'um elegante volume as suas interessantes chronicas de Paris para Pernambuco. São quadros descriptivos de grande realce e que se lêem com muito agrado.

Guerra Junqueiro fez-lhe o prefacio e n'elle diz do autor tudo que ha de bom e de amavel, como elle o sabe dizer.

Só nos não agrada o titulo. A poeira é geralmente um motivo de encommodo e de enfado, e o livro de Montalvão serve justamente para entreter e desenfadar.

Quem o lêr, sente com elle e como elle. O seu estylo é elegante e despretencioso, e nas imagens que escolhe, vivas e brilhantes, ha muita poesia.

Para poeira é, além de luminosa, attrahente.

Fructo prohibido.—E' um interessantissimo romance, no qual Alberto de Sousa e Costa desenrola a par de varios episodios da greve academica de 1907 superiormente descriptos, um romance de amor cheio de tristeza e magoa, d'uma simplicidade bella e commovente. Dois conceitos se podem tirar d'este encantador trabalho: que é iniqua a lei que une até á morte dois sêres perfeitamente antagonicos, e que não pode haver, pela constituição da sociedade, felicidade fóra da lei.

O novo livro do auctor dos *Excentricos*, como tudo que é verdadeiramente humano, encanta e punge.

Os seus caracteres, além de nitidamente definidos, são accentuadamente typicos. Tanto basta para que a sua obra seja lida e apreciada como deve.

1908 *(Subsidios criticos para a historia da dictadura).* — E' a critica das vicissitudes politicas que antecederam e acompanharam a dictadura até fevereiro último, de tragica memoria.

João Chagas, o jornalista republicano de palavra fluente e facil, cujo merito é reconhecido pelos proprios antagonistas, colligiu n'um magnifico volume, de 433 paginas, os seus vigorosos artigos, addicionando-lhes o diario da sua prisão, de interesse palpitante, que se lê d'um folego, e que nos communica a emotividade com que aquellas eloquentes paginas fôram escriptas.

E' um livro cuja leitura prende e captiva e que nos empolga completamente durante a sua leitura.

E é isso tão raro hoje!

DR. JOSÉ DE FIGUEIREDO

Dr. José de Figueirêdo. — Este conhecido critico de arte, publicou agora, n'um elegantissimo e luxuoso volume, editado pela livraria Ferreira, *Algumas palavras sobre a evolução da arte em Portugal*.

Este trabalho foi escripto quasi d'um folego em maio ultimo, para ser impresso e incluido no catalogo da nossa secção d'arte no Rio de Janeiro.

Lê-se com muito interesse, e n'elle affirma o sr. Figueiredo os seus grandes conhecimentos, já de ha muito comprovados. Em apendice traz um curioso estudo ácêrca de Affonso Sanches Coelho, pintor portuguez que floresceu no seculo XVI e cuja celebridade chega pelas suas obras até nossos dias, podendo nós admirar uma das suas melhores telas no Museu Nacional de Lisbôa, trazida para Portugal pela rainha D. Carlota Joaquina.

CORRIDA DE TOUROS DESEMBOLADOS NA PRAÇA DE ALGÉS

Nautica. — No canal de Azambuja realisou-se em 12 de julho, a regata promovida pelo Real Club Naval de Lisboa.

O sitio foi optimamente escolhido porque as margens são lindissimas e tornaram a festa duplamente encantadora. A primeira corrida entre *outriggrs* foi ganha pela *D. Amelia;* a segunda, de *inrriggrs,* pela *Celeste:* a terceira, de *outriggrs,* pela *D. Carlos;* a quarta e quinta entre *pair-oars,* pela *Ave* e *Alice.*

O escaler, a gazolina, do sr. Carlos Blek, fez varias evoluções que fôram muito apreciadas.

*

Na regata de canôas monotypos que, no dia 2 de agosto, o Real Club Naval promoveu entre Pedrouços e a Trafaria, ficou vencedora a canôa *Laura,* do sr. Worm.

A nossa gravura, além do barco victorioso, mostra o palhabcte *Dinorah* do sr. Manuel de Castro Guimarães, contra-commodoro do club, no qual o jury assistiu ás provas, que fôram muito interessantes.

Esta regata é a segunda da serie deste anno e segunda tambem em que se realisam concursos deste genero desportivo. Foi de reconhecida vantagem por mostrar com precisão quaes os timoneiros que têem mais pericia e conhecimentos n'estes attrahentes exercicios nauticos, o que, com barcos de varios typos, era impossivel averiguar-se.

Annuncia-se para breve a realisação de outros concursos do mesmo genero.

SPORTS

Lide á hespanhola. — Na tarde de 20 de julho realisou-se em Lisboa uma corrida de novilhos desembolados, promovida pelo Real Club Tauromachico, na qual entraram os niños sevilhanos *Limeño* e *Gallito.* O curro era do acreditado *ganadero* de Salvaterra, Antonio Lapa, e proporcionou uma optima lide.

O quarto novilho, que sahiu bravissimo, attingiu o cavallo d'um dos picadores, razão porque a auctoridade não deixou correr os restantes sem serem préviamente embolados.

A assistencia era numerosa e escolhida.

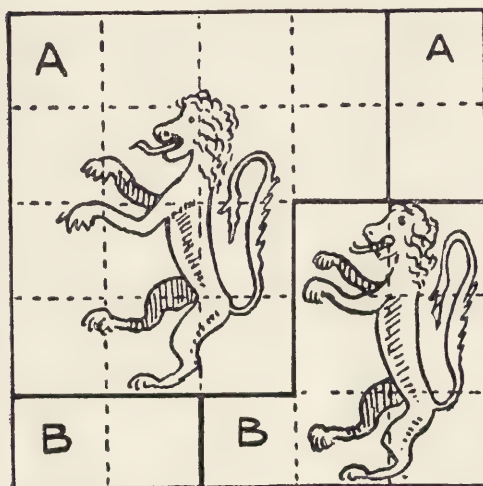
REGATA NA AZAMBUJA — O BARCO VENCEDOR

REGATA DE CANOAS MONOTYPOS
A «LAURA» VENCEDORA — O PALHABOTE «DINORAH», DO JURY

Decifrações do nº 38

Novissimas — 1.ª Archiduque; 2.ª Extraordinario; 3.ª Sabio; 4.ª Justino.

Enigma — Serões.

Charada — Capilé.

A BANDEIRA

(SOLUÇÃO)

Vê-se na illustração junta que a senhora começou por dividir por linhas ponteadas o seu pedaço de seda em 25 quadrados. A razão é que as duas bandeiras devem conter respectivamente 16 e 9, numeros que são quadrados perfeitos, e cuja somma perfaz o quadrado perfeito 25. Vêr-se-ha agora que **A** e **A** se adaptam, formando uma bandeira quadrada, ao passo que a outra é formada pela adaptação de **B** e **B**.

Enigma

Se de um certo grande todo
Cousa alguma se tirar,
Em unidade se torna,
Todo o tempo a variar.

Victoria-Pernambuco. CAPITÃO NEMO.

Charada

Á Ex.ma Sr.ª D. J. A. P.

André Gil Alcoforado,
Em tempos vizinho meu,
Tres vicios tinha o magano
De se lhe tirar o chapeu:

Vinho, jogo e mulheres,
Toda a sua perdição!
Da pinga enchendo a medida — 2
Apanhava o seu pifão.

Ao jogo tinha o capricho,
Um prazer... Uma alegria...
Fazer um lôto ou um nico
Quando certa carta via. — 2

Mulheres, então não falemos,
Armava em conquistador;
Quer fossem novas ou velhas
Por todas sentia amor.

Mas, entre ellas, uma havia,
Cujo nome predilecto,
Era todo o seu encanto,
Sua paixão, seu affecto.

Porto. CLUB DOS ESTOUVADOS.

Charada

(EM QUADRO)

Um velhaco de manhas perigosas
obra d'arte de bronze foi roubar,
indo certa cidade visitar,
em jardim perfumado pelas rosas.

13-8-908 E. R. Q. (Michaelense)-Porto.

Grande vantagem

aos nossos assignantes dos

SERÕES

Desejosa a administração dos «**Serões**» por reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e escrupulosa collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar aos novos assignantes o poderem completar esta publicação desde o seu inicio, offerece — **a todos que assignarem na revista "SERÕES" por periodo não inferior a um semestre** —, a collecção, por volume, dos numeros publicados nos annos anteriores, com um desconto de 50 %, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) 600 réis ou, ainda, 1$000 réis, lindamente encadernado.

O preço da assignatura dos "**Serões**" é

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2$200	réis
	Semestre ...	1$200	»
	Trimestre ...	600	»
Para o Brazil (moeda fraca	Anno	12$000	»
Para outro qualquer paiz estrangeiro	Anno	15	fr.

Pedidos á

ADMINISTRAÇÃO DOS **SERÕES**

PRAÇA DOS RESTAURADORES (Passagem do Annuario Commercial), 27

Telephone 805

LISBOA

Belleza do Rosto

Leite Antephelico ou Leite Candès

O Leite Antephelico cuja invenção data do anno 1849 deve effectivamente, as suas propriedades cosmeticas à combinação bem acertada de elementos tirados da materia medica, que reciprocamente se temperam por suas porções rigorosamente determinadas, e cuja acção não vai alem das camadas superficiaes da pelle.

O Leite Antephelico emprega-se em loções, em dose benigna, ou estimulante, segundo as alterações que se querem prevenir ou corrigir.

MODO DE EMPREGO SEGUNDO OS CASOS

Durante o tratamento empregar o LEITE CANDÈS só sem nenhum outro cosmetico.

I. DOSE BENIGNA e AGUA DE TOUCADOR. — Vascolejar o liquido até elle fazer-se côr de leite; deitar n'um pires a quantidade d'uma colher à café, e ajuntar as seguintes quantidades de agua: 1º um a dois tantos, contra o Rosto sarabulhento e as Picadas de insectos; — 2º dois a tres tantos contra as Rugas, o Tisne do sol, Borbulhas, Espinhas, Brotoeja, Fogagem, Efflorescencias tarinhentas ou furfuráceas e outras alterações accidentaes da cutis; — 3º tres a quatro tantos, como agua de toucador, para conservar a pureza, transparencia e macieza da pelle. — Embeber n'estas misturas um panninho fino, e humectar duas vezes por dias os pontos affectados. Como agua de toucador, basta uma loção, com preferencia pela manhã, meia hora antes de lavar o rosto.

II. DOSE ESTIMULANTE, contra as SARDAS e as MANCHAS DE GRAVIDEZ. — Nos dois primeiros dias, ajuntar á pequena porção de LEITE que se deita no pires, igual quantidade de agua, e continuar esta dóse tres vezes por dia, se os effeitos abaixo descriptos principiarem a produzir-se; se não, logo no terceiro dia, emprega-se o LEITE puro e humectão-se as manchas, sem esfregar, uma duas ou trez vezes *quando muito* no correr do dia (segundo a delicadeza da cutis), até que a epiderme que as cobre, passando por duas phases previstas e sempre isentas de gravidade, — 1º ardor mais ou menos vivo, — 2º leve intumescencia acompanhada de sensação tensiva, — tenha tomado uma côr cinzenta, e se desseque. Oblido este resultado, as loções só se comparão de uma parte de LEITE e tres tantos d'agua. A epiderme exfolia-se, e a cutis, temporariamente vermelha, apresenta-se (depois de dez a quinze dias de tratamento) branca e fresca, livre das manchas que a embaciavão.

1849 BELLEZA DO ROSTO 1849

O LEITE ANTEPHELICO
ou Leite Candès
puro ou misturado com agua, dissipa
Sardas, Tez Crestada
Pintas-Rubras, Borbulhas
Rosto Sarabulhento e
Farinaceo, Rugas
&
conserva a cutis liza e clara.

CANDÈS, Paris — Bd St-Denis, 16

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director:** Henrique Lopes de Mendonça — **Administrador:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 27. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

DIRECTOR LITTERARIO
H. Lopes de Mendonça

Serões

ADMINISTRADO.
Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA (PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL) Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6$000 réis	1 pagina	70$000 réis
½ pagina	3$500 »	½ pagina	40$000 »
¼ pagina	2$000 »	¼ pagina	20$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2$200 réis
	Semestre	1$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	Anno	12$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	Anno	15 fr.

Pedidos para assignaturas, ou qualquer numero avulso dos *Serões*, e indicações para inserção de annuncios, dirigir-se á

ADMINISTRAÇÃO DOS **Serões**

Praça dos Restauradores (Passagem do Annuario Commercial) **27**

Telephone 805

LISBOA

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

O agonisar de uma dynastia, por Eduardo de Noronha — Lisboa, 1908 — E' a historia romantisada do desditoso principe, filho de Napoleão III e de Eugenia de Montijo, desde o desmoronar estrondoso do terceiro imperio francez, até ao desenlace tragico da Zululandia. Cheio de interesse dramatico, a ficção liga-se admiravelmente n'este livro á verdade historica. As aventuras da campanha africana são descriptas por quem conhece de *visu* as localidades e as populações indigenas. Um livro em summa que vem confirmar as notaveis aptidões de um escriptor, que é ao mesmo tempo um trabalhador emerito.

Memorias d'um policia amador — *Recordações de Scherlock Holmes*, por Conan Doyle, versão de Christovam Ayres (filho) — Lisboa, 1908 — Este volume continúa a série dos episodios assombrosos da vida de Shsrlock Holmes, corroborando as maravilhas do systema deductivo do celebre policia amador. E' escusado encarecer o valor de uma obra, vulgarisada em todas as linguas do mundo e que por toda a parte tornou proverbial o nome do protagonista.

Archivo Bibliographico — Da Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

O Instituto — *Revista scientifica e Litteraria.* — Redacção — Rua do Infante D. Augusto, 44, — Coimbra.

Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza — Fundada em 1860 — Séde da Associação: Rua Garrett, 95, — Lisboa.

Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos — *Instituto Rainha D. Amelia* — Rua 24 de Julho.

Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes — 4.ª serie — Tomo XI n.º 5.º — Director: Gabriel Pereira

A Vinha Portugueza — *Revista mensal de viticultura e de Agricultura Geral* — Dedicada aos progressos agricolas e principalmente viticolas, do paiz. Publicada e dirigida por F. d'Almeida e Brito — Redacção e Administração: Rua do Arco Bandeira, 22, 1.º — Lisboa.

Revista de Manica e Sofala — *Publicação mensal illustrada* — Redacção e Administração: Rua Castilho, 27, 3.º, á Avenida da Liberdade, Lisboa.

Echos de Roma — *Revista mensal illustrada* — Publicada pelos alumnos do collegio portuguez em Roma, sob a direcção de monsenhor Sinibaldi. Via del Banco S. Spirito, 12, Roma.

Luz do Oriente — *Revista mensal illustrada* — Redação e administração — Ponda — Gôa.

A Saude — *Revista mensal* — Que ensina a manter, robustecer e restaurar a saude. — Redacção e Administração: Rua da Padaria, 48, 1.º — Lisboa.

Propaganda Catholica — A acção do sacerdote na imprensa, — Redacção e Administração: S. Clemente — Silvares — Fafe.

A Caça — *Revista illustrada do sport peninsular e da vida dos campos* — Redacção e Administração: Rua Nova do Loureiro, 36, 2.º — Lisboa.

Voz de Santo Antonio — *Revista mensal illustrada* — Redacção e administração — Braga.

Estudos Sociaes — *Revista Catholica Mensal* — — Redacção e administração, Rua da Mathematica, 43, Coimbra.

Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official — Fasc. XVII — Agosto a Dezembro de 1907. Rua Aurea, 177, 2.º — Lisboa.

Boletim Photographico — Rua da Prata, 135 e 137, Lisboa.

A caminho da Eternidade

Cliché Carlos Relvas.

REBANHO E PASTORES

Em terra de lobos
No paiz dos rebanhos

(Notas de uma excursão á Serra da Estrella)

Como partimos para a Serra — A paisagem — De Lagares da Beira a S. Romão — Um centro industrial — A Senhora do Desterro — As capellas e os milagres — Aspectos do Alva — Quem é o ermitão da Senhora do Desterro: um guia arrojadissimo.

Foi por meiados de março, depois do jantar, na *republica do 53 da couraça,* perante aquella paisagem estonteadora a que o poente dava tons de aguarella n'uma grande orchestração de tons e de luz, pondo laivos de sangue no velho mosteiro de Santa Clara, que nós resolvemos partir para a Serra.

Discutira-se enthusiasticamente o pittoresco da digressão, a ascenção difficil nas escarpas cobertas de neve, as subidas cautelosas aos cumes, em linha, guindados por cordas, os multiplos aspectos das lagôas agora geladas, os panoramas extraordinarios, falou-se dos lobos, das aguias — o que para nós, lisboetas quasi todos, e desconhecedores da região e dos encantos da nossa Beira, constituia um passeio de *estálo;* e em grandes berros, perante os desanimos d'uns e os arrojos d'outros, accordamos partir n'essa mesma noute.

A affabilidade d'um companheiro de casa dava-nos guarida em Lagares da Beira; de-

pois seguiriamos até Oliveira do Hospital e de lá a S. Romão, subindo á Senhora do Desterro e atacando os *Herminios* por esse lado.

Azafamadamente preparámos as malas com as mudas indispensaveis para cinco dias; ponderaram-se os trajes — botas ferradas, meias grossas para os frios intensos, mantas de resguardo, e houve quem no seu *dandysmo* de *alfacinha*, protestasse que não alteraria os seus habitos, que iria mesmo assim, de *melena lambida* de collarinhos, até ás orelhas e botas de polimento!

Indignamos-nos! Era indecente! ir para a Serra como quem vae para o D. Amelia! e bota de polimento, demais! estava servido! ás duas por três ficava descalço e que se arranjasse, que o não levariamos ás costas!

— Pois sim, retorquia, mas hei-de-lhes provar que tambem se vae á Serra da Estrella com botas do *Coimbra*.

A's 3 da manhã deixavamos Coimbra no *correio*, e ninguem dormiu, perante aquella sensação do afastamento por cinco dias da *sebenta* e dos lentes, na perspectiva d'uma viagem interessantissima de peripecias e commoções atravez de quatro districtos do paiz.

CANTARO MAGRO

Bojudo rochedo com cerca de 400 metros completamente isolado

Desciamos no Carregal ás 7, embrulhados nas mantas como maltezes, tiritando de frio — uma aragem viva que Março afiava, gretando os beiços e as mãos.

Saltámos na diligencia a que a guisalheira dos cavallos dava um ar festivo de romaria e batemos para Lagares, malas no tejadilho.

Começava de animar-se a vida dos campos, fumegavam os casebres, e toda uma turba de cavadores seguia aos magotes para a faina da semeia dos alqueives, que a terra uberrima havia de transformar em espigas cheias e em milho loiro, se o *Senhor* não faltasse com as chuvinhas temporãs que são o oiro do pobre.

O sol começava a esfumar a nevoa que a madrugada espessara; abriam-se os curraes e as capoeiras e d'entre um rancho de gallinhas nedias, um gallo de côres luzentes, espanejando-se, saudou-nos festivamente no seu grito estridente de clarim.

A diligencia rolava somnolenta na estrada lisa; passámos Oliveira do Conde n'aquelle declive até ao Mondego, depois, na ascensão, Fiaes e Ervedal da Beira emmolduradas no tom môrno da paisagem; na extensão d'aquellas cinco leguas o caminho desenrola-se entre olivedos e pinheiraes d'onde a aragem nos trazia emanações acres, evolações sádias de seivas que o fermento da primavera vinha activando nos gommos das arvores.

As vinhas despidas começavam a *borbulhar*.

De quando em quando um rebanho passava, de cabeças baixas e unidas, n'uma sonoridade agradavel de campainhas, perdendo-se ao longe n'uma *gaze* de poeira que o sol doirava ternamente.

Durante todo aquelle trajecto o frio aguçava-nos o appetite espantosamente, de modo que, quando nos sentámos á meza, no solar da familia Garcia Diniz, perante uma canja fumegante e rescendente, em que a Adosinda se esmerára, todos nós *bisámos a dóse.*

LAGOA ESCURA E COMPRIDA, A 1:600 METROS

Não era comer, era devorar! E á face d'aquella *razia*, que se alastrava por capoeiras e adega, houve quem affirmasse convictamente, que passada aquella invasão de sete vandalos, o *dono da casa iria para um asylo!*

*

* *

No outro dia, refeitos da viagem, partimos. O tempo mudura e choviscava impertinentemente. No ar acinzentado e môrno havia prenuncios de trovoadas.

Por um momento vimos perdida a esperança de abordar a Serra; mas, reunido o conselho, resolutamente resolvemos seguir com todo o tempo e subir até onde a neve o permittisse, e a Serra devia estar prenhe d'ella porque noticias recentes falavam de grandes *nevões* na Guarda.

Em S. Romão, soubemos depois que n'essa mesma noute nevára abundantemente, cobrindo por completo os caminhos.

Sahindo de Lagares tomámos a estrada que, á direita, com pequeno desvio leva a Oliveira de Hospital.

O declive accentua-se até ao Cobral, entre pinheiraes entremeiados aqui e ali de campos e vinhas — a paisagem beirã é mais ou menos monotona, causando-nos muitas vezes espreguiçamentos de nervos e até somnolencias.

Corta a estrada o rio, e, para a esquerda estende-se todo o valle fertilissimo que o Cobral reforçado agora de quantos ribeiros concorrem n'aquella vertente, vae alagando em meneios languidos de reptil, por entre os tufos dos grammeiros, onde as codornizes se alapam pelos calores cremativos do calido agosto.

O riacho volta bruscamente para o Sul,

espadanando as aguas rumurosas nas represas dos açudes até se lançar no rio de

CASCATA GELADA DO RIO ALVA, NO VERÃO

Ceia que por sua vez conflue ao poetico Mondego.

N'uma pendente de oito por cento seguimos estrada fóra; passámos Travanca de Lagos, terra afamada de caras lindas, cabellos d'ebano e olhos castanhos, deixámos á direita o ramal que leva a Bobadella, abundante de tradicções romanas reveladas em inscripções e na curva simples de um arco, reliquia de um templo a Neptuno; fica-nos subjacente á estrada *a Casa da Coitena,* sahindo de um bosque de carvalhos seculares, alguns dos quaes os não abraçam cinco homens.

Solar da familia Loureiro Cardoso, senhores de fartas terras de pão e azeite em muitas leguas de redondeza, a *Coitena* albergou muitas vezes nos seus tectos hospitaleiros a quadrilha do celebre *João Brandão.*

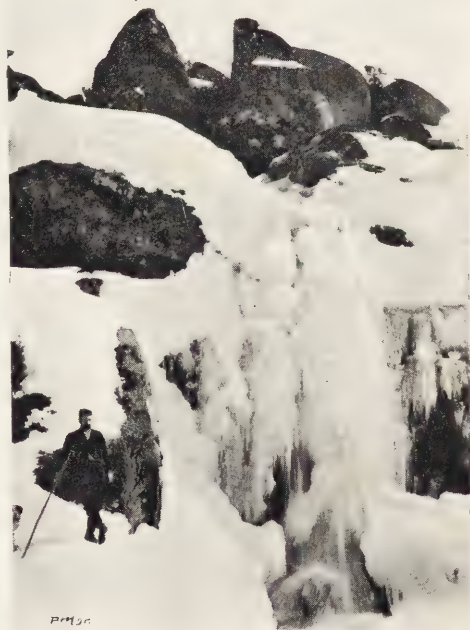
Pelas noites frias de inverno, por horas mortas, ali se acoitavam — recolhidos os cavallos nas cavallariças sempre patentes e bem fornecidas de grão e palha nas largas mangedouras.

Os *socios* ahi ficavam tambem de guarda aos animaes, estendidos em cobrejões sempre promptos ao primeiro alarme.

O *chefe* pernoitava n'um quarto da casa *o quarto das solfas,* chamado, cuja janella olha a nascente, que elle escalava por fóra para entrar.

Da *Coitena* a Oliveira é um instante; a estrada é quasi plana — á esquerda lá para o valle avista-se a Lageosa, n'um amonteado de casitas brancas. Fazemos alto em Oliveira para beber uns goles de aguardente que o frio enregela.

Já d'aqui o panorama é explendido em toda a volta; na meia tinta da manhã a Serra destaca ao fundo alvissima de neve; para baixo um pouco o Colcorinho: a cordilheira succede-se sempre em morros ora aguçados ora arredondados até se perder de vista muito ao longe, no esfumado da nebrina.

De vez em quando um aguaceiro impertinente obriga-nos a cerrar as cortinas da diligencia que tinhamos afastado para *sorver* todo o scenario surprehendente.

CASCATA GELADA DO RIO ALVA, NO INVERNO

CASA DA FRAGA

Primeira casa construida na Serra da Estrella, depois de estabelecido o Observatorio Meteorologico (1)

Fica-nos á beira da estrada S. Paio de Gramaços, um pouco para dentro Povoa das Quartas, em toda a originalidade das suas casas alpendradas em que cada janella é um canteiro florido de *sempre-noivas* e *geraniuns.*

Mas é ao entrar em Torrozelo, já no districto da Guarda, que o golpe de vista é surprehendente de magestade: em frente e agora quasi perto a serra surge resplandecente de brancura, como um diamante enorme de que o sol arranca por vezes feixes multicores na iriação da neve que se liquefaz.

Mais uns passos e entramos em S. Romão. A nossa impaciencia augmenta a todo o instante.

S. Romão está alombada na encosta do monte Calvario; é uma aldeia risonha com pouco mais de duas mil almas; é no cimo, na extrema da villa, que o Alva agora caudaloso innunda, que estão as fabricas de lanificios — a corrente é derivada por encanamento sobre enormes rodas que por sua vez accionam os teares; fabricam saragoças, briches e cobertores, empregando mulheres para a maioria dos serviços.

E' lindissimo todo o valle que do alto se abrange. Seguimos obliquamente para léste, a pé, para a Senhora do Desterro pela encosta acima; deixamos á direita as ruinas do *castrum* e descemos até ás capellas. Foi ali n'aquelle remanso esplendido cercado de cerros cobertos de pinheiraes e carvalhos seculares, que por meados do seculo XVII, se levantou a ermida da Senhora do Desterro, n'aquelle abandono e n'aquelle olvido do mundo.

Lendas piedosas, que o bom povo não despreza, dizem que ali appareceram por tardes calmas, na serena quietação do milagre, a Senhora e S. José.

---

(1) Foi em 1883, que o sr. Alfredo Cesar Henriques, de Santarem, ali se installou, transformando aquelles enormes rochedos n'uma confortavel casinha; foi o primeiro doente que em Portugal seguiu o tratamento da «altitude» para a cura da tuberculose, conseguindo ao cabo de alguns annos a completa cura. Mais tarde foi arrendada ao Estado para habitação do guarda florestal, sendo depois em parte destruida pelo incendio motivado por um raio que ali cahiu em 31 de dezembro de 1899. Apezar de abandonada e em ruinas, mostra ainda como o espirito intelligente e pratico do seu proprietario a poude transformar em alegre vivenda. A ella se refere o illustre escriptor Emygdio Navarro, no seu livro *Quatro dias na Serra da Estrella.*

A ermida nada tem de especial; é apenas curiosa a infinidade de quadros relembrando na ingenuidade quasi caricatural das suas figuras, milagres prodigiosos que a Senhora operou, em doenças graves, em perigos enormes, livrando das bexigas, dos ataques de lobos raivosos, do mal rubro que dizima os cevados.

O Alva corre-lhe aos pés, passando debaixo d'uma ponte de três arcos, em toda a limpidez das suas aguas espumantes. E' um dos três rios que nasce na serra: começa n'uns fios d'agua que gottejam do Covão do Urso, da Lagôa Redonda, do Valle de Conde e Canariz.

CANTARO GORDO

Fórma, com o Cantaro Magro, as enormes e profundas ravinas onde nasce o rio Zezere

Engrossam-no as aguas do Valle da Perdiz, das Ribeiras de Alvôco, Loriga, Bemfeito e Pomares, da ribeira da Caniça, que das lagoas da serra deriva até elle.

Dos três rios que descem da serra é sem duvida este o mais pittoresco, escachoando as aguas de prata nas escarpas do leito, formando na *Fervença* uma das mais suprehendentes quedas d'agua do paiz, e perfurando o solo nos *Tunneis dos Furados*, a montante de Sarzêdo, n'uma extensão superior a 800 metros. Banha junto á foz Sandomil, Avô, Villa Cova de Frades e junta-se ao Mondego na *Raiva*.

Em volta da capella principal agrupam-se meia duzia de casas que a caridade dos devotos construio para pousada de peregrinos — e algumas capellas secundarias, quasi simples nichos gradeados onde as figuras mostram passagens da vida de Christo: *A expectação, os desposorios de S. José, o nascimento, a visita dos Reis Magos, o menino entre os doutores* — oito ao todo, em numero, sendo cinco na margem direita do Alva e três na esquerda.

N'uma das casas annexas á capella habita o ermitão: o Zé da Senhora do Desterro.

Typo de serrano, espadaudo, cobre-lhe o peito uma farta barba negra — o ermitão é um guia destemido, conhece a serra a palmos, nos minimos atalhos e pontos de referencia.

Centenas de vezes a percorreu, desde pequeno guiando caravanas atravez dos despenhadeiros perigosissimos. Caçador emerito, tem a mesma firmeza em *virar* duas perdizes n'uma *revoada*, como em metter uma bala no quarto dianteiro d'um lobo ou no peito d'uma aguia.

D'uma franqueza captivante, como todo o typo genuinamente beirão, serviu-nos aguardente e quiz tambem que comessemos alguma cousa.

E em minha fé o juro que nunca me soube tão bem a brôa de centeio!

A caminho: A neve! A neve! — Um nevoeiro na Serra — Como se forma uma avalanche — Começa a nevar — A ascenção é impossivel — Voltamos a S. Romão — A cabeça da velha.

Afoitamente, de mantas ao hombro, nos pozemos em marcha tomando pelo caminho que á direita leva ao monte.

Como quasi toda a noite nevára o aspecto do terreno, de certo ponto em deante era curiosissimo; a neve accumulara-se na espessura de muitos palmos nos sulcos das pedras, nos córregos, no menor intersticio onde podesse adherir, sobre as folhas dos fetos, estendendo em toda a extensão um lençol alvissimo. Subiamos em linha perto uns dos outros; servia-nos de guia um pastor que encontraramos ali.

Quando, internados um pouco mais na Serra nada mais vimos que neve e céo, o nosso enthusiasmo foi indescriptivel — palpavamol-a como as mãos, alguns deitaramse, rebolavamo-nos como doidos — e não tardou muito que um dos do grupo, á socapa, fosse fabricando bolas com que depois nos bombardeamos mutuamente.

ROCHEDO DE NEGRO GRANITO
A' beira da estrada que de Gouveia conduz á Serra

ROMARIA E PROCISSÃO DA SENHORA DO DESTERRO
Ermida sita no pequeno valle do mesmo nome, a 700 metros de altitude, nas margens do Rio Alva

CASCATA DA FERVENÇA NO RIO ALVA

Contra os conselhos do guia um de nós afastara-se um pouco do grupo — em menos de três segundos espalhara-se na serra um nevoeiro tão espesso e cerrado que se não via palmo adeante do nariz. Foi facil encontrar o companheiro tresmalhado — em maior altura, desconhecedores da região, como eramos, poderia a aventura ser perigosissima, tanto mais que é muito facil desorientar-se pois na monotonia da paisagem quasi não ha pontos de referencia.

A' medida que iamos subindo o ar tornava-se mais puro, finissimo — sorviamol-o a peito cheio — no entanto contra a nossa espectativa a atmosphera não era exageradamente fria.

Fizemos alto por uns minutos — fomos juntando alguma neve que a pouco e pouco iamos rolando: a adherencia dos fragmentos era immediata levantando toda a crosta solidificada, deixando a descoberto o solo onde apenas havia vestigios de gramma. Em breve não bastava um só a rolar o peso de muitas dezenas de kilos — abandonada a si mesma aquella massa, se outras fossem as condições do sólo e a altura de neve, iria aggregando quantos detrictos encontrasse no seu caminho devastador, envolvendo pedras, derrubando arvores, arrazando e destruindo.

Repentinamente começou de se avizinhar o nevoeiro, agora um pouco mais tenue, ao mesmo tempo que a neve cahia em flocos pequenissimos, como farrapos brancos; cobria-nos os chapéos, as mantas e em breve estavamos como que enfarinhados!

Não cessava de nevar; quanto mais subiamos, mais e mais crescia a altura de neve, mal se divisando no solo os signaes das passadas.

O guia desanimou — e ou porque realmente o intimidasse a ascensão atravez da serra, agora transformada em geleira immensa, ou porque nos não julgasse com forças para a travessia que a neve mais e mais difficultava, escusou-se a acompanhar-nos.

Retrocedemos desanimados. Tinhamos chegado apenas a *Chão das Eiras*. Voltámos á Senhora do Desterro e no caminho para S. Romão tomámos para nascente para admirarmos o interessante monumento an-

CABEÇA DE PRETO
Rochedo de granito

tropogliphita, na technica dos geologos e archeologos, conhecido pelo nome de *Cabeça da Velha* ou *Cara da Velha.*

E' um conjuncto de penedos que vistos em certa posição dão a impressão perfeita d'uma cara de octagenaria em que a natureza foi esculptora perfeitissima comprimindo-lhe a fronte, aguçando-lhe o nariz, cavando-lhe os olhos a que uns raros arbustos completam de sobrancelhas, rasgando-lhe a bocca, hiante, a que nem os dentes faltam — uns seixos aguçados e espaçados que a *carie geologica* foi destruindo.

E foi ali, naquelle monolitho gigantesco, perante aquella natureza grandiosa a que a bruma da tarde dava tonalidades feericas de scenario que, todos á uma, promettemos voltar á Serra, o mais cedo possivel, para a corrermos de ponta a ponta.

A promessa foi cumprida.

(Continúa.)

ANTONIO DE SOUSA MADEIRA PINTO.

Lagrimas de mãe

Ha lagrimas d'orvalho que as auroras
Vão offertar aos mil jardins virentes:
Ha lagrimas sentidas que, a deshoras,
Cáem, a flux, das faces indigentes!

Ha lagrimas crueis, esmagadoras,
Ávidas de vingança ou insolentes;
Ha lagrimas fingidas e traidoras
Que envenenam as almas innocentes!

Oh! mas lagrimas puras como o lirio,
Nobres, d'eterno amor e de martyrio
Onde se espêlhe a luz da sã verdade,

Ide-as buscar ás almas crystallinas
Das mães, d'essas estrellas matutinas
Que vão guiando a nossa mocidade!

Mario Florival.

Em Alvito — O Castello

CASA DA QUINTA DA ESPERANÇA
onde D. Maria II, D. Pedro V, D. Luiz e D. Carlos habitaram

Morrinha economica do Alemtejo — Florestas e culturas — Avistada das chans, rodeira ao povo

III

Além dos reis da Casa d'Aviz que atraz menciono, varios Braganças vieram tambem nos ultimos tempos fazer visita ao castello dos barões, e foram D. Pedro V com os irmãos D. Augusto e D. João, D. Luiz sendo já rei, e ultimamente D. Carlos, que todos por estes sitios espaireceram escursões, merendas ou caçadas. D. Maria II, na sua viagem a Beja, não demora em Alvito, visto o legitimismo acendrado dos marquezes, que só com Pedro V se converteram á causa liberal. A viagem d'este principe hameletico ficou celebre, e toda a ternura plebea fundiu suas doçuras de cão por junto ás plantas do idolo, que pela primeira vez, depois d'uma quasi invisibilidade de tres seculos, lhe corporisava a ideia religiosa de rei n'uma diafana figura d'adolescente allemão, de cabellos doirados e olhos azues de miosotis. D. Pedro V por estes sitios foi alvo d'uma quebreira sentimental em que ainda hoje os velhos fallam, insistindo na melancholia poetica do pobre moço que merecia as açucenas de Sant'Antonio, e seduzia pela pulchridade estranha dos instinctos.

Ao tempo a linha ferrea do sul só chegava do Barreiro a Vendas Novas, e esse troço fresco inaugurado servira á viagem de D. Pedro, que percorreu a cavallo, por *etapes* marcadas, em ida e volta, toda a charneca d'entre Vendas Novas e a Mina de S. Domingos, que era o termo obrigado da

jornada. Assim, no proprio dia do desembarque em Vendas Novas, o rei, mal-os irmãos, seguiu para Evora, onde estiveram uns dias; marcharam depois d'Evora á Cuba, onde na igreja lhes foi servido o supositorio obrigado d'um *Te Deum,* e esse dia e noite recolheram-se na Quinta dos Barahonas, morgados do Cebolinho, que D. Maria II fizera viscondes da Esperança.

Camponezes e poviléu miúdo da Cuba e cercanas terras, que tinham vindo de vespera, á passagem do rei, acamparam de roda dos muros da quinta, e eram duares immensos de carros e bestiolas, foguetaria e lumes de comezaina, e nas clareiras fechadas pelos carros, gentuza cantando ao som d'adufes e trebelhos, tanta e tão viva que o mesmo Pedro V, depois de cêa, andou pelas ranchadas, até tarde, não faltando vivório e expansões de candida borracheira, nem troveiros silvestres que a som de viola lhe soleassem bôas vindas.

No dia seguinte, depois d'almoço, a cavalgata partiu pela estrada de Beja, atravessando as terras do morgado, que iam da Cuba até mui perto da cidade; e ahi o Barahona que era ao tempo um pujante e orgulhoso arador de cearas kilometricas, mandára estender aos dois lados da estrada, em ordem de batalha e coberta de flores, toda a instrumental da sua casa de lavoira: os arados apeirados nas cangas, as pezadas charruas biblicas de tres e quatro juntas, toda a creadagem de couteiros, lavradores, semeões, mantieiros, escameis, moços de alavão e roupario, bem firmes nos seus postos, com seus aptrechos de faina, e logo os rebanhos de lã, que eram profusos, com zagaletes, pastores e cães de gado, n'um formigueiro de pupillas luzentes e de cornos... Esta foi talvez a primeira ideia de cortejo rural e exposição agricola sugerida em terra portugueza, e curioso seria seguil-a na evolução mental decorativa, que algumas dezenas d'annos depois deitou de si o tão apregoado prestito do centenario camoniano. A multidão que teimava em acompanhar o rei, era tão espessa, que a cavalgata houve de moderar o andamento, para que as mulheres das aldêas e dos montes, que erguiam os filhos *pedindo que S. Real Magestade lhes deitasse a benção,* podessem enlevadas gravar bem a fisionomia triste do principe, e a poeira das correrias não sufocasse os jornadeantes, impedindo-os de vêr a exhibição das charruas e dos gados. Pedro V, educado pelo romantico Herculano á moda antiga, considerava o mister de rei não pelo lado propriamente politico e diplomatico, como mais tarde seu sobrinho D. Carlos, que d'isso foi victima, mas como uma especie de munificente pastor talhado em patriarcha, intervindo pessoalmente nas leis, distribuindo elle mesmo as graças e a justiça: e por isso se comprazia na exhibição d'estes demorados convivios populares, d'onde a sua alma werteriana sacava a delicia d'uma especie d'auto-idolatria cabotina.

A' sahida das chãs chamadas *Os Valles,* começaram a ficar para traz ranchos de femeas, e a cavalgata seguiu ainda com guarda de honra de jornaleiros e artifices, que teimava em correr ás duas bandas da carreteira. O rei ia na frente, entre os irmãos D. Augusto e D. João; atraz, na comitiva, seguiam o marquez de Ficalho, o marquez d'Alvito e o vermelhaço D Carlos de Mascarenhas.

NA FONTE

Antes de S. Mathias, já fóra das terras da Esperança, dois rapagões de chapeu na mão, adeantaram-se d'um rancho de jornaleiros e ganhões que ficára retrahido e deslumbrado, ao vêr os principes. Divisava-selhes grande agitação e como um começo de disputa, pelos gestos

sacados que faziam. Do monte de ganhões sahiam vózes.

— E' não ter acanhação, senhor Joaquim!

— E' fallar *durrijo,* para elles ouvirem bem!

E as caras pallidas, os olhos balbuciantes, tudo mostrava que alguma coisa grave ia correr. Em rezumo. Uma lavradora da Cuba, da familia Pêgas Taquenho, no alvoroço subito da Magestade lhe passar á porta, acordára rimando eclogas candidas como o sol, que despontára na Cuba, e o outro metaforicamente lhe explicava as origens fabulosas da viagem, e as excelcezas fulgentes do heroe, entre copia d'allusões mytologicas e minusculerias arcadicas ingenuas, que a bôa mulher certo colhera de Rodrigues Lobo ou João Xavier de Mattos, n'algum surrado tomo de pastoraes e dyctirambos.

A chronica refere que Joaquim Firmino e Manoel Bonifacio, d'atrapalhados co'a pre-

BEJA — FACHADA PRINCIPAL DA EGREJA DO EXTINCTO MOSTEIRO DA CONCEIÇÃO

de hossana ás excellencias de Pedro e dos infantes, que fizera aprender a dois filhos já homens, Manoel Bonifacio e Joaquim Firmino, os quaes, á orla da courella, e sem saber que destino dar aos chapeus e ás mãos, faziam-se de mil côres, varados da audacia de ter de as recitar deante do rei.

— Ai que vergonha, ai que vergonha que me dá! dizia um, com o instintivo geito de se esconder por traz das jornaleiras.

— Não sejas alarve, tornava o outro. Olha o papel! O que ha-de dizer depois a nossa mãe...

Os versos armavam uma especie de dialogo de pastores, onde um fingia o alvoroço de saber quem fosse esse principe brilhante sença do rei, não tiveram saliva avondo para lubrificar a gorja e dar curso á lingua poetica materna, e isto por não poderem mexer a propria no paladar reseco da comoção que lhes embargára o nó vital. Tambem D. Pedro V perdeu uma ocasião unica d'inquerito á pulmoeira poetica e lyrica da Cuba, que me parece não volverá a rimar emquanto a população não souber lêr.

Deixemos o rei em Beja, onde ao passar um arco de triumfo, este abateu, dando-lhe ainda os armatóstes do tympano uma violenta pancada no cavallo; deixemol-o ir comer a casa do marquez de Ficalho, em Serpa, o promettido jantar alemtejano onde o porco brilhou té sob a forma de feijão com orelhei-

ra; deixemol-o na horrorosa jornada á Mina de S. Domingos, inicio a serio da exploração mineira em Portugal... N'este sul de provincia deserta, completamente fechado ao espirito de critica, e revivendo ainda as crenças lendarias dos seculos d'obscurantismo e de servagem, não admira que aos episodios da admiração popular ingenua, se misturem de quando em quando uns, mais grotescos, que os infantes só a muito esforço de morder labios não recebem a francas gargalhadas.

Tal por exemplo a historia do paneirinho de S. Mathias... aldeota entre Beja e Cuba, formada por familias de ganhões das convisinhas grandes lavoiras da planicie. Paneirinho era uma especie d'anão negrusco, d'olho africano e gestos de bechinina, que d'ordinario fazia quartel general em S. Mathias, irradiando pelos povos rodeiros, com o macho carregado e a clavina no garroxo, á cóca de vender as saragoças e briches que lhe mandava um irmão, da Castanheira.

Com uma imaginação ardorosa, cuja exhibencia de galas sempre o simplismo rustico dos meios d'acção prejudicava, este homem que n'alguma rica cidade teria sido um ordenador de cavalgatas historicas, alli, no chavascal da aldêa, apenas achou para mandar ao encontro de D. Pedro V e dos infantes, o seu proprio macho das saragoças, albardado de velho, e com um lençol que o envolvia desde a cabeça, deixando avœjar os alvejantes fraldões por sobre a anca, onde aqui e alem luziam mataduras. Vestiu a cópa melhor, pôz o sombreiro dos domigos, broslado, com abas de velodromo, e que um lenço d'Alcobaça resguardava das malandrices do vento, atado em barbuqueixo; e com sua espora no calcaneo, o cajado enristado em lança manchega, eil-o cavalga dramaticamente o macho, que ao avoejar do lençol produzia a estylisação d'um corcel de torneio ou quer que o valha.

A pouco trexo tópa a regia comitiva, e possesso de jubilo, sem encontrar na lingua fallada de seu uzo exclamações que exprimam o inexplicavel clangor monarchico que o vibra, tira o chapeu e desata a gritar:

— Viva o Santissimo Sacramento!

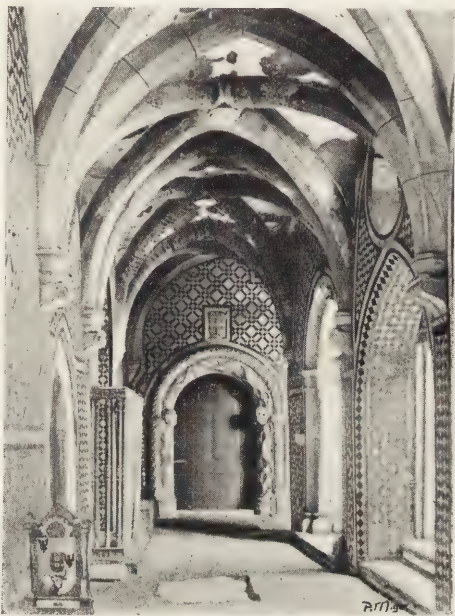
O rei e os principes, desconcertados sobre o typo bizarro que lhes surge, contestam com uma reverencia ás exclamações do Paneirinho, que sem se desguarnecer da fidalguia manchega avança para os três e diz assim:

— Qual de *Vossa Xurias, indas que eu mal prégunte, é Vossa Real Maestade?*

Mostram-lhe D. Pedro V, e elle, ás mesuras:

— Como tem Vossa Real Maestade passado, a senhora rainha, e mais companha?

Responde o rei que bem, e lhe agradece.

— Pois eu, diz o Paneirinho, venho por mandado alem dos d'aquella aldêa, que são uns brutos, e tiveram vergonha de vir vêr o rei do seu paiz. Uns alarves d'aquelles! Se em vêz d'um rei fosse uma pipa de vinho, aposto em como abalavam todos e nem lá ficavam cegos e entrévados...

BEJA — RESTOS DO CLAUSTRO DO MOSTEIRO DA CONCEIÇÃO

Pergunta D. Pedro V se a terra é prospera e as colheitas foram fartas.

— Vae-se passando, V. Real Maestade, vae-se passando. O que faz falta é um moinho de vento. Para moermos a ceara, temos de leval-a lá fora, ao Guadiana.

— Não será difficil arranjar o moinho, diz o rei.

— Mas em terras baixas o vento é pouco; de sorte que o moinho raro trabalharia se não construissem tambem uma montanha...

Acha D. Pedro a ocorrencia pictoresca, mas não é dado aos reis remover assim terras, d'um bloco. Se pedissem por exemplo, uma escola primaria...

— Isso as escolas, contravem escorreito o Paneirinho, servem só para fazer doutores e augmentar o descáro dos caloteiros. No dia em que todos soubessem lêr, teria de lhes baixar o preço das saragoças e dos briches... De sorte que se não poder ser o moinho, venha uma lei que torne por exemplo a saragoça obrigatória...

— Vá descançado, diz o monarcha sorrindo, e saúde em meu nome os do seu povo.

— Vou mas é explicar áquelles alarves que o rei não é ahi nenhum papão que meta espanto, e todos os portuguezes ganham em vêr de perto os principes que os mandam. E com isto não enfado, Senhor D. Pedro V; visitas á senhora rainha, e aos meninos — que eu não sei se V. Real Maestade tem borregage...

Faz o rei que não com a cabeça.

— Pois é preciso arranjal-a. Não ha matrimonio feliz sem mulheróta poupada e caldas d'açoites nos petizes. Lá em minha casa tenho dez que não dou vestidos nem calçados; pois se algum dia me faltassem, perderia o unico entretenimento alegre da vida, que é todos dias zurzir uns tres ou quatro.

Esporeou a besta, que n'um repoupo deu costas, deflagrando sob os fraldões do lençol, não sei que estrepitos festivos. E meio voltado na albarda:

— Desculpem Voss'Xurias esta divergencia da cavalgadura. Como não está acostumada a vêr grandezas...

A' volta da excursão, no regresso da mina, D. Pedro V outra vêz pernoitou na quinta da Esperança, e na seguinte manhã, primeiro de Novembro, tomava pela estrada d'Alvito, onde cahiu em plena feira dos Santos, *a das castanhas e das nozes*, espalhada de róda do castello. Ao atravessar, inda no termo da Cuba, as herdades do Barahona (José Maria de Barahona Fragoso Cordovil da Gama Lobo), nova exhibição de gados, d'esta vez em maxima afluencia: manadas d'eguas, boiadas, infinitas cabras e ovelhas, alfeires, váras de porcos, milhares de cabeças com dezenas de guardas negrejando nos valeirões do restolho, em infinitas insulas moventes. E outros lavradores visinhos tinham tomado o exemplo do visconde, posto ao comprido da estrada, em bandeletas, riquezas pecuarias que transfiguram subito a campina, occorrendo com as que migravam para a feira, e todas tocando de pastoril relevo a aridez já um pouco outonal dos costadoiros. O rei viu

BEJA — INTERIOR DA EGREJA DO EXTINCTO MOSTEIRO DA CONCEIÇÃO

esse dia um espectaculo a que não estaria acostumado: a entrada galopante dos gados, sob a poeira fulva, em pleno charivari da corredoira, o zumbido apopletico d'um arraial de ruraes em plena verve nomada de trafego: e na apotheose da luz, em pagãs espiraes, toda a exaltação do côro pastoril á gloria de Pomona e Céres, deuzas tutelares da agricultura. Em Alvito ficou dois dias na camara que lhe conserva o nome, e permanecendo alfaiada como de quando a habitára o rei nostalgico, foi muitos annos objecto d'uma romaria piedosa e enternecida; d'ahi se foi a Aguiar, cerca de Vianna, onde entrando em casa do parocho, quiz comer. A estancia era mui pobre—queijo de cabra, pão quente, agua-mel n'uma malga ratinha, e alguns cheirosos peros de Montemór — e não havendo cópo, bebeu por uma canada de barro, que foi o que o cura achou de melhor na prateleira...

*
* *

BEJA — TORRE DE MENAGEM E RESTOS DO PAÇO DE D. DINIZ.

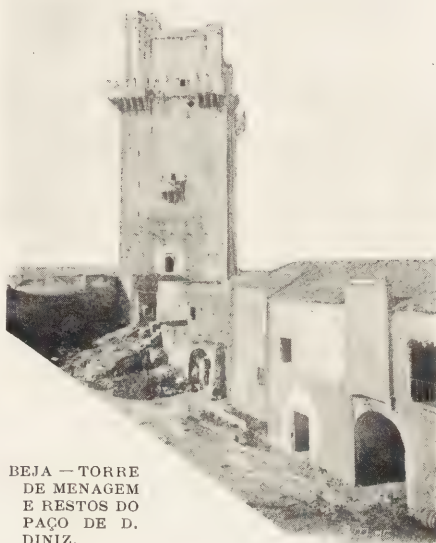
D. Luiz tambem por várias vêzes foi visitador e hospede do castello, e entre Alvito e Beja girou de caçador, aceitando alternadamente hospitalidade do visconde da Esperança e do marquez. Suas demoradas na Esperança motivava-as principalmente a caça ás abetardas, *a grande abetarda,* ou batarda, volatil dos mais pesados e macissos da Europa, e que nos barros de Beja (para as bandas da serra de Serpa, ou do lado de Cuba, entre terras do morgado e S. Mathias) tem em Portugal predilectos e quasi exclusivos logares de habitação.

N'outras regiões portuguezas impossivel será talvez topar este curioso e avantajado pernalta (otideo), tão elegante e faustoso, especie d'avestruz europeu que seria facil apropriar á alimentação, pela domesticidade em parques e curraes. A abetarda é frequentadora habitual das planicies areentas ou pedregosas; em Allemanha, Italia, França, vive, dizem os livros, por estações migratórias incertas, conforme os rigores toleraveis do inverno, tendo porem já nas terras baixas do sul de Portugal e Hespanha conseguido fixar-se e manter-se o anno inteiro.

Conhece-se seguramente uma duzia d'especies d'abetardas, quazi todas do velho continente, e a mais pequena é o cizão talvez, passarôco arribante em Portugal de fevereiro até maio, onde com tubaras e filetes magros de prezunto faz um arroz de guardião.

A grande abetarda, a especie maior conhecida, é um animal macisso que se sustenta de grãos, hervas, insectos, e de dezembro a maio vem ás terras descobertas desovar e crear nas hervas altas e nas cearas afilhadas e frondentes, passando o resto do anno nos velhos estevaes e arribas rochosas do Guadiana, onde poucos conseguem vêr-lhe rastro. São animaes pessimamente arranjados para o vôo, dada a curteza das azas em relação ao pezo imenso que teem de deslocar. Os livros de zoologia francêzes atribuem ao macho pezos que vão até ás 20 libras (7 kilos); ora devo dizer que já tenho visto na Cuba batardões velhos d'entre os seus 12 e 16 kilos, e cuja amplitude d'azas chega a medir 12 palmos (2 ½ metros) d'extensão de ponta a ponta.

Em compensação de voarem baixo e mal, são como as perdizes, sagacissimos e vertiginosos corredores, e na corrida servem-se das azas como remos, e ao rez da terra vôam e correm a um tempo, o que lhes permitte frustrarem a presteza dos mais velozes perdigueiros.

Altas bastante, pernalteando sobre patas d'apenas tres dedos, reunidos a mais de meio por palmouras rugosas, andam com magestade e graça soberanas; e com o pescoço

onduloso, a cabeça um pouco chata, assustadiça, pequena, o olhar chispante, a mandibula de cima um quanto arqueada, lembram de longe qualquer variedade europêa d'avestruz. De plumagem amarello-avelã vestido o corpo, o dorso em listas ou pintas de côr negra, que na cabeça, pescoço e peito transmutam para cinzento, a abetarda tem por baixo d'estas pennas, e sobretudo no pescoço, axilas, peito, uma pennugem ou frouxel d'um gris-perla pallido e mimoso, como o dos cysnes e certas aves de preza, e que a cultivar-se daria o mais delicado miolo para almofadas e edredões. Nos machos velhos, ou batardões, ás comissuras do bico pendem-lhes pennas esguias, como bigodes longos, de general reformado, e na pelle do pescoço, rugosa como coiro, toda em glandulas ingurgitaveis como a dos perús, as pennas raras que a cobrem, são, como nos galos, esguias, longas, e dentro do tom fulvo da ave, seu quasi nada furta-côres. Na nidificação são pandeirões desastrados e tunantes: inimigos das arvores e dos bosques, vivendo como disse, ao rez da terra, jamais poizam em ramos: de sorte que pôem ovos em fofos de herva ou cóvas do terreno — dois, nunca mais — e na profundeza das grandes folhas de ceara, quando os trigos afilham e grélam alto, e isto para que o mysterio do chôco coïncida com o da espigagem, que é quando o cereal intensifica e espéssa o seu oceano solido e movente, insondavel á perscruta dos mysteriosos amores que n'elle médram.

Esses amores transfórmam por completo o macho da abetarda, que já nos periodos normaes, fóra das epochas da cópula, era indocil e soberbo, defendendo-se dos ataques directos a poder de pulos e golpes d'aza, bufando e produzindo um grasnido gutural, d'escarneo altivo, ao dar signal d'inimigo que arrecêa; e agora, durante cio, se ingurgita e arrufa, abrindo a ventaróla da cauda, retezando e desdobrando as azas que roçagam na terra com um estalido de móla de guarda-chuva, e enfim dando estreitas voltas á róda da femea, por quem se roça e esthezia, como perús e pavões, de cuja erectilidade amorosa participam.

A caça da abetarda será então, pelo que fica dito, um entretenimento facil e nem por isso menos aventureiro e interessante. Claro que de tal sport os lances decorrem dos habitos regulares da ave, que como não anda entre arvores, e seja alem d'isso de typo volumoso, não vivendo mais que em terras descobertas, é um alvo magnifico de tiro, e deixa toda a vantagem ao caçador, sendo facil atingil-a de longe com cargas de

OVELHAS EM DESCANÇO

chumbo grosso, ou zagalótes. Os invencioneiros e mise-en-scenistas promovem-lhe ciladas, em que a simplória tropéça, pois é animal d'uma candura que mesmo em volateis já parece mal no seculo das ronhas. Vae na vereda um carro d'espartões cheios de ramagem: não se vêem carreiro nem caçadores, e as mulas em chouto móle, com guizadas e esquilas cantando em repiques lentos a virgiliana do trabalho. A vinte, trinta metros alem, no trigo verde, o bando das abetardas, (dez, quinze, vinte — eu já uma vez contei mais de noventa) achando o facto banal, nem a cabeça levanta, e vae destroçando a ceara sem que os batardões sentinellas deem signal de homem á vista. Então pelos buracos dos tendaes os tiros partem, singram as bálas, e dois ou tres passarões subito desprumam-se do vôo de fuga, e vão cahir alem feridos ou varados. Outras vêzes é d'uma choça de verdura que os Buiças espreitam, d'espingarda carregada, as abetardas reaes, acolhidos alli desde a noite anterior, sem que a bôa fé das victimas um momento despérte do sonho de hervas verdes e arrufos palaceigos para que a natureza impróvida as creára.

A conclusão é pois que a caça ás abetardas faz lide por tal forma vária em peripécias, que sempre ao caçador interessa, por mais estranho o feitio ou truc especial que o movam, pois para todos tem lance á feição das preferencias d'uns e outros. Moços ardidos e de sangue esfervente, como o principe D. Carlos, que desde os quinze annos entrou d'acompanhar o pae n'estas emprezas, podem correr os passarões, campina fóra, destrelando-lhes cães, seguindo-os a cavallo, fechando em roda o cerco, té assedial-os alfim n'um estreito espaço. Os de musculo cahido e barriga egoista, como o rei D. Luiz, ficavam simplesmente n'uma cadeira de verga, galgueira de trêvo ou carreta de verdura, aguardando o instante das abetardas se erguerem, pra lhes meterem um zagalóte na espadua, e as entregarem depois á liquidação dos cães e dos creados. Frigiase em goso o rei, d'ouvir a gente gabar a mocidade e galhardia atletica do principe, que era um S. Jorge de cabello cendrado d'oiro risso nas pontas, e olhos marinhos faúlhados d'astucia desdenhosa, e nas peripécias da lide trazia já o apaixonado ardor brutal que fizera d'elle o primeiro atirador da Europa, e no seu tempo um dos mais impetuosos monteiros de caça perigosa; e alli ficava á sombra d'algum chaparro ou zambujo, conversando c'os rusticos, fumando e dando charutos, emquanto um creado lhe carregava a espingarda, lhe enxotavam a caça, outros, trazendo-lh'a ás avistadas do gatilho, e mesmo algum lh'a ia matando, só para o gosto de lhe ceder a façanha a troco d'algum sorriso ou moeda d'oiro que o bom letrado sceptico tinha sempre nos bolsos da caçadeira de velludo.

O melhor para esta caça é aproveitar manhãs de geada, chuvisco, bruma, ao lusco fusco, e uma vez as aves despertas, empurral-as para as folhas de trigo grandes, d'onde sahem co'as pennas n'um charco, entorpecidas de frio, e na impossibilidade portanto de voarem seguido, ou correrem na varzea déstramente.

PASTOR DE GADO
COM SAMARRA E SAFÕES

Despédem-se-lhe então os cães, que as levantam no ar, e ahi são mortas, ou as refluem para as portas, onde á passagem pódem matar-se á cacetada: ou sendo espraiada a campina, perseguem-se a cavallo, até esfalfadas cahirem; e como sejam vivazes de mil folegos, as que foram feridas, redobram d'astucia, correm, safam-se, sendo preciso olho fino para as não deixar perder nas hervas altas. A abetarda só é domesticavel de pequena; captiva, a adulta deixa de comer e morre de paixão... Bastantes o rei D. Luiz trouxe em jaulas de madeira para o jardim botanico da Ajuda, ou lh'as mandava o Barahona, mas nen-

huma vivia mais de tres ou quatro dias, resistindo á tristeza da clausura.

A carne velha, tendinosa, secca, negra, é detestavel: só a abetarda nova tem perfume de caça e certa delicadeza tenra ao paladar. Estas caçadas de D. Luiz resultavam em geral pouco fecundas, pois toda a gente queria vêr o rei, caçar com elle, do que provinha ençher-se o campo d'alarmes que assustavam as aves, fazendo-as mudar de poizo, alapardarem-se em tócas e silvados, de sorte á diversão falhar mui pela certa. D. Luiz fartava-se de palrar com os camponios, cujas respostas vivas e muito engenhosas replicas amava, e era um deróche de libras e distribuições de espingardas que, já se vê, nunca mais tornava a vêr.

Em Alvito me dizem que as abetardas se deixariam colher mais facilmente. D. Luiz gostava de vêr as moças bailar de roda, no pateo do castello, que se illuminava com fogachos d'estopa ensopada em azeite, postos na barbacã, e grandes fogueiras d'alecrim que toda a noite ardiam aos quatro cantos.

As raparigas d'Alvito, Vil'Alva, Villa Ruiva, teem fama por aqui de ser do melhor da raça indigena em femeas volteiras; e principalmente as d'Alvito, de carita córada e olhos azues, cabello castanho ou loiro e audazes mãos, não raro teem ilustrado a fama galante da terra com faltas de recato muito buscadas por patrões solteiros e senhoritos d'inquieta golodice.

O rei que, segundo vóz, era frecheiro de carne rustica, por aqui se deixava embeiçar por frangas novas, que algumas levou, no dizer d'alcovêtas, ás honrarias de dormida em catre adultero. No boquejar das comadres alvitenses, garotos houve que estabeleceram retorno da casa reinante ao garfo ultra-plebeu do barbadão de Veiros, tanto as nostalgias atavicas resácam providencialmente os sangues pobres co'a forte seiva rural por onde toda a regeneração das raças se inicia.

Que será feito d'esses *altos infantes* havidos do conubio romantico do rei traductor, co'as abetardas russas do burgo historico do chanceler do *Principe Perfeito*? Quiçá cávem a terra como os antecessores de Thereza Lourenço, a mãe do Mestre d'Aviz. Quiçá albanilem e carpintejem nos andaimes das pobres casas de taipa, larachando as muchachas com esses olhos pallidos dos Coburgos, papudos d'experiencia, com que seu pae antigamente ria das farroncas democra-

BOIS NA PASTAGEM

ticas do Navarro e do Marianno, remechendo n'um cofre cartas de conselho e persuasivas grã-cruzes, mitigadoras de catões...

*

* *

Outra afição do rei quando em Alvito, era a guitarra do Braz.

Quem era o Braz?

Um familiar do castello, sem para assim dizer, atribuições caracterisadas, cocheiro quando calhava, pagem, feitor, creado de quarto ou celestino... Tinha o typo d'esses trintanarios de Lisbôa, a quem a cara rapada, os olhos vivos e as ociosas brancas mãos, fazem suspeitos, quando na familia os maridos são mais velhos que as esposas, e ha uma decrepitude a substituir em certas delicadas funcções da vida a dois.

Certo não fôra este nunca o papel do Braz na casa solareiga, onde a virtude era rigida, e facil seria explicar a liberdade que lhe davam, por uma sympathia d'adopção que vinha já desde a sua mais tenra mocidade.

O Braz era quazi um filho do castello, para onde viéra pequenito, muito tempo fazendo, n'aquella vida imovel de provincia, com suas partidas e graças, a quazi exclusiva distração dos moradores. Alli tinha medrado, desde pagem e creadito de recados, e por alli ficára um pouco parente e pardal da seara marquezina, sem para assim dizer salario nem atribuições averiguadas. D. Luiz, que era como os Braganças todos, principalmente depois da volta do Brazil, um amador de fados bandurreados, sabendo que o Braz tocava, logo o tomára em grippe para os grandes vágados de devaneio teutão que a miude lhe davam, de noite mórmente, e a que se devem aquellas herpeticas, postofieis versões de Sakespeare.

A unha do Braz havia, no mostruario curto de modinhas e fados que aprendêra, um suave rascar d'alma que sofre; e nas noites stellares, sentado nos poios das janellas mouriscas, ou sobre os eirados das torres, á lua incantada de janeiro, aquellas lagrimas de vibração romantica cahiam da banzara no sub-consciente do bandurrista e do rei, irmanando-os como dois degenerados a quem a fluctuancia em camadas d'agua diversas, todavia não inpéde a prizão pelo pescoço ao mesmo fundo sub-marino de perversões sentimentaes e de fobias.

Mal interpretada corre a preferencia que em Portugal a plebe das cidades grandes, e os individuos das camadas sociaes mais regalonas, afixam pelos cantos do fado e as sonoridades polucionaes dos instrumentos de corda, dedilhados.

Os raros que se teem ocupado do problema, costumam explical-o dizendo que a alma portugueza tem um dreno perpetuo de melancholia romantica, que lhe ficou do passado historico perdido, e do desencontro entre a sua miseravel situação presente e essa especie de confuso explendor constantemente sonhado pelos povos que alguma vêz o destino colocou á testa d'outros. O som da viola e da guitarra, atenuado, velado, choramingas, todo em *z'ais!* fatalistas, e corridas de notas doidas, como n'um começo d'aura epileptoide, seria para assim dizer a obcessão murmurada, a confidencia ao ouvido d'uma angustia collectiva exprimindo o descontentamento apathico da raça expulsa d'aquella missão mundial primeiro emprehendida.

Dia e noite elle acompanha o latejar do coração como um responso, e quando cessa, logo a necessidade de o fazer renascer vem á lembrança: donde o portuguez acordar e adormecer de banzara á bôca, prezo d'essa morrinha sentimental chamada saudade, que é uma especie de doença do somno das medullas velhas e das iniciativas arrombadas.

O fado seria pois, embora formado ainda com elementos nobres, o canto de renuncia d'essa nacionalidade falida, a elegia cazeosa d'esse estado de lazeira moral e cretinisação da inteligencia; e d'ahi dizerem-no por excelencia a canção autobiografica do Luzitano, e acharem n'elle a quintessencia da musica nacional...

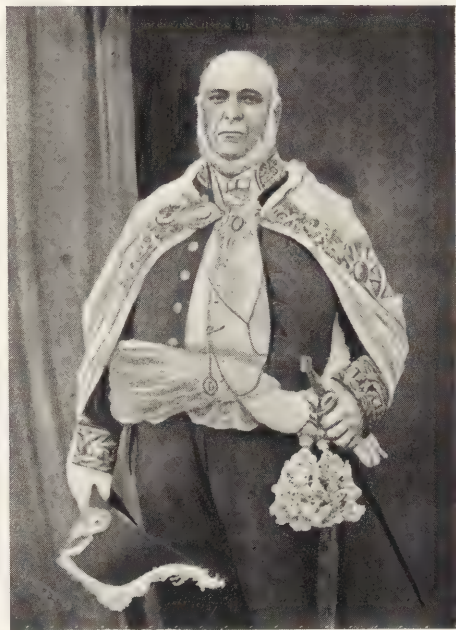
Entretanto na minha fraca opinião, a coiza é outra. O fado não é tal o queixume aiado e lyrico da baceira luzitanica geral, *mas um canto de criminaes,* uma chorosa elegia de taberna, carcere e alcouce, em Portugal nascida não da sensitividade candida do povo, mas nas vielas da Madragôa e Mouraria, nos fauburgos de Chellas, Alcantara e Beato, nos retiros da Penha e nos chinquilhos da Ajuda, em toda a parte onde petintaes e fadistonas crapulam promiscuamente os seus vicios violentos e os seus fumantes amores

de bestas feras. N'esta carne de miseria é que a delinquencia nata ou ocasional tende a perdurar nos craneos a ideia d'um destino eschyliano, fatidico, fóra da sociedade e da lei, d'onde os fadistas sácam maravilhosos *lieds* de poesia lyrica criminal, ardente, airada, uivando lamentações e *z'ais!* prolongados, confessando a fraqueza de vencidos e a inutilidade de reagir ao destino adverso que do alto enreda, nos seus fios, a inconsciencia da rêz votada á morte!

Foi n'estes antros que o fado nasceu e se fez canção sentimental, vivendo pela sinceridade lyrica da prova testemunhal feita á vida fruste dos rufiões e das rameiras — vida que pelo contraste bohemio do chulismo e da miséria, não podia deixar de ser, como a das outras bohemias (escolas, jornalismo, letras, artes, etc.) um espantoso viveiro de sugestões pictoricas, á cóca d'artista capaz de lhes dar fórma poetica.

Mais tarde é que d'outras camadas sociaes mais altas e mais finas, agentes propagadores vieram beber n'esta crapula roaz dos bairros porcos, no convivio das Marias Pastoras e das Severas, esses germens de flamenguismo, fadistismo, chulismo, que levados aos serenins e salões da bôa roda, pela banzara dos Vimiosos, dos Castellos Melhores, dos Anadias e dos Bellas, deram á sociedade elegante a sensação nova do fado, identificando-a com a depravada corja de que ella sempre fôra, a distancia, mais ou menos reflexo e *pendant*. O fado nas salas, tendo de se exhibir á luz das peras electricas, entre mundaneidades e faustos, claro tratou de repulir o tom sugestivo das glozas e atenuar para mais decente o sentido das suas lastimas e arquejos, ao tempo que maestrinos lhe bordavam sobre os selvagens motivos iniciaes, tão vivos d'ancia lubrica, copia de alongamentos guturaes, gritos aiados e outros pretenciosos gargarejos com que por ahi o vemos nas praias conflictando a menopausa das tias e o coração viavel das sobrinhas.

Primeiro que ganhasse fóros de musica da móda, generalisando-se por espirito imitativo, o fado pegou principalmente n'aquelles meios licenciosos onde a policia de costumes menos póde exercer-se eficazmente — ex., as bohemias de Coimbra, os *venusbergs* da praia de Cascaes — e por alli se foi alieratando, descaracterisando, mudando a crassa por pelle, a bôca de sino por calças vincadas, a sabor das novas adaptações sociaes por onde tinha de passar.

Mesmo porém catita e posta á móda, essa canção refrange o *aturuxo* soez das orgias bordelengas, o calafrio da naifa e o asco d'iodoformio que lhe ficaram da alfurja onde a inspiração criminal lhe insuflou verbo; e a prova é que os homens, para a ouvir, quazi todos fógem de casa e buscam instintivamente coios secretos, sem falar na inquieta repulsa que inspirou sempre ás senhoras verdadeiras...

O MORGADO DO CEBOLINHO, JOSÉ MARIA DE BARAHONA FRAGOSO CORDOVIL DA GAMA LOBO, PRIMEIRO CONDE DA ESPERANÇA.

Esse Braz do castello, com a face pallida, rapada, o craneo romano, o perfil aquilino, era verdadeiramente um guitarrista de syllabação esculptural, d'arranque intrepido, e graças galhardas d'artista na frescura perlada d'adornar o canto, sem repiques excessivos que lhe deturpassem a melodia.

O rei depois de ter ouvido em Alvito o Braz tocar, logo se lhe afeiçoou d'enthusiasmo, e á volta para Lisbôa enviára-lhe a propria guitarra de seu uso, uma peça estupenda, toda em madeiras ricas, a cabeçóta esculpida como uma prôa de galéra, e por

toda a tampa do bojo embutidos finos arabescando-a n'um labyrintho de sylvas e grotescos. Fôra presente d'um fabricante de Valle Pereiro a D. Luiz, quando este monarcha, já um pouco flacido de carnes, seguia com o famoso João Maria dos Anjos, conforme a pécha da côrte, um curso de fados e machiches, parallelo ás fainas de reinar.

— Se chegaria a ser perito em banzara, o bom monarcha *blazé*?...

Costumam os biografos do tempo elogiar-lhe os gostos musicos, a pericia rara e especifica com que se fazia ouvir no violoncello. Jesus Monastério, que foi na Peninsula, no tempo de Afonso XII, um virtuose celebre e aplaudido, depois de haver tocado deante do publico alfacinha, foi como de costume chamado á Ajuda, para fazer-se ouvir na camara dos reis, antes de lhe ser dado o S. Thiago. Perguntaram-lhe á volta os amigos se fôra bem recebido, e se tocára.

— Bem recebido, fôra; mas durante as duas horas da visita quem tocou violoncello, foi o rei.

— Deante de ti, para tu ouvires...

— Para eu ouvir!

— A sério?

— A sério.

— Será um artista. E conta lá, que tal?...

— *Con una barbaridad de sortijas en los dedos, enpezô sacando sonidos tan bestiáles, que asta los pelos se me han puesto en punta*...

*
* *

No angulo d'interseção da muralha curva da torre, com a muralha recta dos quintaes, aproveitando a sombra humida, uma hera sutil cresce e digita-se, com sua escamaria verde a reluzir sobre o reboco sombrio, enodoado de lichen amarello. E completo o socego: a villa humilde e branca está-me aos pés, com a ermida de S. Sebastião só no terreiro; dão álertas gálos de quintaes, e no ar vibrante da luz, os mirantes e torre do relogio põem a caustica da cal no irradiante azul do ceu de julho.

Do alto eirado, logo abaixo a meus pés, na lobreguidão solarenga dos muros, vejo abrir-se o pateo do castello como uma bôca de cisterna; e lá por dentro escadózes, adarbes, postiguinhos d'adufa, chaminés vetustas de resalto; e nos rebordos das janellas, ferraduras e columnelos cortornando alveolos de carie, lezardentos, hiantes, sobre os longos pannos de rebôco. Das fauces d'essa crasta onde n'outro tempo reis de Portugal viram touradas, só ressumam agora chalras de ciganos. Por uma antiga usança solarega, a caravana, vendo a crasta sem porta, entrou, poizou as cargas, para acampar ali uns quantos dias. Já ao centro do pateo fuma uma fogueira, e á roda vae e vem uma turba escanzelada de faiantes, que farfalha e ladra, á compita com galgos e com cães. No genero piolhoso é coisa pictoresca e d'um aspecto de barros de presépe, entre o scenario barbaro das torres.

Os homens de chapeirão e jaqueta, com barbichas esqualidas de defuntos, emprehendem pelo povo, golpelha ás costas, passeatas lazaronicas, pedindo palha pr'ás bestas, que de cabeça baixa filosofam, enchendo de sequilhos a crasta, e de quando em quando espojando-se com fracasso de coices e de zurros, E entretanto as mulheres não perdem tempo. Deixaram ao lume as panellas tisnadas, onde agua ferve, e em patrulhas de duas espalham-se na terra, lançando á boa gente domestica a contribuição usual de esmolas ou de roubos (que tudo é graça de Deus), de guiza á olha ser gorda e o puchero não ficar desguarnecido. Tudo lhes serve, toucinho, azeite, alhos, cebollas, feixe de lenha ou roupa velha, que picarescamente reclamam e solicitam, entrando sem licença pelas portas, fazendo mão baixa no que apanham, e amolentando as donas de casa com toda a sorte de suplicas a lisonjas. Umas que lêem a buena-dicha, outras que benzem d'erysipela, quebranto e males d'olhos; estas que vendem chocolate e lenços de contrabando, aquelas que fazem achar coisas perdidas; é qual mais fará render labias de nomadas, em proveito da tribu, e escarmento das gentes sedentarias. O typo ardente, o donaire hespanhol d'estas velhacas, as chitas encarnadas e vermelhas, em folhos largos e caprichosos franzidos, as ramagens dos chales, os carrapiços da trumfa em caracóes aos lados da testa, tudo isto favorece a visão d'aguarela dos grupos e vehementisa d'uma áscua de braza as atitudes. Ao contrario do que a lenda propaga, quasi todas são feias e de raça miserrima, e só o azeviche dos olhos scintilla, e o preto azul

dos monhos põe como uma animalidade feróz nas pelles de cobre gretadas d'imundicie.

*
* *

Externamente ás muralhas são terreiros das eiras e das feiras, e présto os telhados da villa, em telha escura plaqueada de lichens, com beiraes errissados de concheis. Por essas massas de casas cortam ruas tortuosas: nas fachadas de taipas claudicantes, os recortes das portas teem a miseria de coelheiras pestiferas e lobregas. Vejo as bastidas dos pateos e das cercas, onde figueiras lampas parasólam, e picam granadas, na folhagem de bronze, as romaneiras; vejo os poços de bocada d'adobe, e as cortelhas dos bacoros, e as estrumeiras resêcas onde galinhas tontas esgravatam. Logo, no primeiro aro de terras, excentrico ao povo, hortejos que verdejam com pintas brancas de casas, pedaços de vinha em quadros, farejaes pelados de restolho, tudo isto desenha como um tapete flamengo já mui velho, d'onde o contacto dos pés raspasse as bordaduras, deixando á trama debaixo, adherente um que outro monticulo de lanugem verde palha. E aqui e alem, figueiras da India signalam vagos valados, ou são renques de piteiras hirsutas d'onde a espaços rompem fálos verdes, encabeçados d'estranhas florescencias.

Estendo mais o meu raio pupilar, fóra do aro da propriedade pequena, para entrar na zona das herdades kilometricas, das savanas largas como estados; e assim tenho lá abaixo, já na planura do vale, um pouco á esquerda, a estação do caminho de ferro, que parece um brinquedo, um alvo branco; logo uma linha de barranco que é a ribeira d'Alvito, onde se perfilam choupos verdes e um espelho de charco caustica ao sol canicular... Apóz, no sector de que esse raio é eixo, a herdade e horta de Maria Dona, a herdade das Assentes, e já no fundo do horisonte, Malkabran, muito alem da ribeira, onde ha ruinas de muros e alicerces extensos, e se diz que foi uma cidade mourisca ou mozarabe. Este sector me serve de ponto de partida, e vou circuitando o olhar da esquerda para a direita, té fechar roda, o que me permitte abranger um mapa circular de grandes campos, n'um grandioso raio de 3 a 4 legoas.

E assim passam S. Bento da Serra, Cidrão, Luzios, direito aos campos da Cuba; Santa Luzia, Kágado, na flexa de Vil'Alva e Villa Ruiva; apóz Manacha, Gamito, Ponte, Sesmarias, Mascarra, e já no extremo horisonte Agua dos Peixes, onde um solar dos Cadavaes com restos gothicos... Ahi vem Manachinha, Moinho do Marquez (curvejando sempre o olhar da esquerda para a direita), e os outeirões da serra de Vianna, estirando o espinhaço em dorso de burro... Herdades de Villa Nova da Baronia, tapadas do Marquez e Zambujal do Conde, que foram da casa d'Alvito e contam por milhares de pés as oliveiras; e nas quedas do Zambujal, as florestas druidicas da Quinta do Duque, leguas e leguas de sobreiros e azinheiras, pertencentes á Casa Cadaval. Terras da quinta dos Martyres, em cujos alicerces foi o convento benedictino de Mondarem ou Mongedarem, fundado como o de S. Cucufate de Villa de Frades, ahi pelas alturas do seculo oitavo, ou nono, ou decimo... Terras da Zambujosa e Monte Ruivo, que se abaixam no valle em restolhos pelados, repregos, conchas, ondeando té aos barros de Beja, da Beja vasia, da Beja morta, cuja casaria branca figura como uma exclamação de thedio, ferida pelo acento agudo da imensa torre da menagem.

N'esse imenso circuito dominam florestas de boleta e alandia entre as herdades de Malkabran e Villa Nova da Baronia, meio circulo quasi do aro formidavel. E ahi a paysagem tem tonalidades severas e mysteriosas profundezas, leguas e leguas d'uma carapinha crespa verde bronze, cerrada e devorando reprêgos e dobras do terreno, onde uma ou outra pinta caiada de *monte* dormita, sae em palmeira uma outra columna de fumo, grasna um ou outro corvo exhaustinado. O ceu mui alto, d'um azul cruel d'agulhas candentes, a produzir cegueiras instantaneas, o refocilar da floresta pelas raizes e folhas, na seiva escassa do meio cosmico, as grandes terras peladas do aro cerealifero, d'um amarello fulvo, onde, espalhados, algum calido arbusto ou arvore agonisam, o catastrofico silencio onde cada qual pode ouvir seu proprio pulso: toda esta sensação de terra impropria para a vida, onde a natureza só cura de transformar em tronco e pedra bruta a parte nobre do ser que pensa e sente, tudo isto produz uma ideia d'exilio onde o

CUBA — MERCADO E TRIBUNAL

meu espirito lisboetisado distilla não sei que vago anceio de morte tenta.

*

* *

Um assobio no vale, um penachito de fumo a andar, com quatro bichos de conta agarrados pelas caudas, correndo d'uma maneira comica por uma linha escura que vae passar deante da estação... E o comboio da carreira, com quatro carros e quatro passageiros, quatro caixotes de peixe e outras tantas caixas de sabão. Na savana resêca, d'um raio de horisonte infinito, aquelle microscopico gorgulho, instrumento insuficiente de progresso, passa como um rato faminto por um celeiro sem grão nem limpadura.

— Os seculos que ainda vão correr primeiro que este Marrocos da Europa volva a irrigar-se de gente, riqueza e movimento! Por ventura o dia da transformação radical não virá nunca, se homens d'iniciativa creados fóra da morrinha do alemtejano improgressivo e patarata, não vierem quebrar o encanto d'este sonho de sybaritas obesos de toucinho gordo e sopa d'ôlha. Que propagandas heroicas a fazer, que iniciativas e inercias a acordar, que chuva de libras a derrochar das burras burguezas primeiro que esta terra morosa restitua em romãs d'oiro os milhões com que seria preciso aspergir-lhe os flancos mortos!

Seria necessario que o Estado emprehendesse no deserto d'arêa e schisto da muito extensa e quasi desolada provincia, *primeiro* uma grande e pequena circulação d'aguas correntes, comunicando entre si os rios, barrando as ribeiras, albufeirando regatos e cursos d'agua transitorios, chamando ao bloco liquido, por via de furos artezianos, toda a afluencia dos mananciaes internos e fontes abyssaes: n'uma palavra, anastomosando e canalisando toda essa agua perdida dos veios profundos e dos cursos superficiaes fixos ou efemeros, n'uma vasta rede arterial fecundante do solo, para adaptação do mesmo ás culturas rendosas, como por exemplo as da horta e do pomar.

Seria necessario *em segundo logar* impôr-se o Estado a rapida florestação dos terrenos de montanha e duna que lhe pertencem, e impôr aos particulares, nas terras de sua agencia, sob penas severas, identicos encar-

gos, de sorte a methodisarem-se as chuvas, a coordenarem-se as fontes e nascentes, regularisarem-se emfim os climas saharinos de que são victimas as provincias do sul e do meio dia, onde culturas delicadas não vingam, e cinco e seis mêzes passam sem despejar do ceu pinga de chuva.

Uma vêz a terra esteril provida d'aguas, e normalisado o regimen cultural das estações, seria necessario *em terceiro logar* o Estado restringir a posse dos terrenos só até onde cada possuidor houvesse capitaes e aptidão cultual para tratal-os, forçando os ricos a alienar o resto a beneficio dos braços inativos, o que acabaria com o despotismo agrario dos grandes possuidores feudaes de leguas de solo, e talvez resolvesse prompto o problema da despovoação do Alemtejo e Estremadura, para que os estadistas não acham senão expedientes caricatos.

A terra farta d'agua, normalisado o clima, centuplicada a area da propriedade pequena, a charneca repartida em glebas para as fainas alegres da cultura intensiva, algumas leis sabias para a propulsão e desinvolução das industrias agricolas, etc., tudo isto traria rapido o augmento da riqueza publica e privada, e conseguintemente a afluencia de braços e o acrescimo da população, que na Estremadura e Alemtejo só não medra por falta de terras e defeza dos naturaes estimulos do trabalho.

Necessitarei dizer que todas estas medidas só seriam exequiveis ao cabo d'uma propaganda vehemente que desse força aos governos e coagisse os proprietarios grandes a se deixarem expropriar? E que essa propaganda só seria proficua em paiz culto, unido, onde o principio associativo tivesse força, e um forte sentimento regional clarimostrasse o inadiavel da transformação economica das duas maiores provincias portuguezas?

O derrame da intrucção publica, primaria, teria de ser feito segundo um recrutamento cerrado que recolhesse nas malhas a totalidade das intelligencias juvenis, e haveria de ser dirigido, não pelos programas actuaes que são exercicios de memoria versando coizas que os pobres diabos não entendem, mas conforme um ponto de vista pratico e social que esclarecesse a missão de cada homem, fornecendo-lhe para a vida, n'uma resumida taboa d'ideias, todos os grandes topicos de que a intelligencia e o caracter precisam para abrir caminho na lucta de competencias.

Emquanto a difusão intensa d'uma instrucção primaria moderna, bem diversa da de hoje, não permitir fazer da formidavel massa dos brutos ruraes, um exercito despérto de homens ciosos de direitos e escravos de deveres, Portugal continuará a ser este estabulo imenso d'animaes de carga e paciencia, herbivoro, chagoso, sem instinctos associativos, aterrado do Terreiro do Paço, fazendo guerra ao visinho, votando com o compadre, e completamente á mercê do bacharel, do agiota e do cacique.

Só uma cultura cerebral generalisada cria esse espirito de critica que organisa multidões conscientes, capazes d'apoiar e manter a obra de propagandistas apostolos, e coagir os governos a tornal-a efectividade e facto social.

Sem esse espirito altruista impulsando uma vontade nacional batida sobre a visão das medidas d'urgencia de que o paiz tanto ha mister, impossivel impôr aos dirigentes, campanhas avassalantes como esta da transformação fructual da stepe alemtejana. Porque é uma obra cara que assustaria logo em começo a opinião publica ignorante, e de mais açulada pela velhacaria ou estupidez dos periodistas: porque é uma obra expropriadora que iria derogar interesses de proprietarios ruraes e grandes lavradores, classe rotineira, pézuda, previlegiada pela tradição e pela fortuna, e que no Alemtejo se supõe ainda suzerana, como nos fins da Edade Média e alvorescer da Renascença.

E todavia, permanecendo como estamos, não passaremos nunca de Kabildas escravisadas pela miseria ao degradante papel de victimas eternas da uzura comercial da Europa, em preparo para uma incorporação hespanhola, ou para um ainda mais vil protectorado anglo-saxão.

O portuguez que na escala dos povos vegetativos forma ainda abaixo do turco e do hespanhol, não tem d'este ultimo o espirito de nação valido e viril, e a extensão territorial a lhe garantir a certeza de nunca na Europa, por mais asneiras que faça, estar á mercê d'um captiveiro.

Com essa tintura franceza, pelintra, que na classe media e dirigente exteriorisa um estado civilisado, Portugal é hoje uma das

mais ignorantes e degeneradas nações da Europa, e tudo quanto de civilisado afecta não vae alem d'uma aparencia enganadora.

O comboio continua a fumar e a correr com um trótesinho de poney que não enche logar na stepe ardente, onde os fumos sóbem como troncos, e grandes vôos de gryfos elycoidam no ar legendas funebres.

Nos solitarios caminhos, estendidos como atilhos sobre o dorso do grande fardo das terras por abrir, algum carro biblico d'azinho transporta mésses ou troncos, ao som da cantiga arabiga do carreiro, e do chouto lento dos machos marcando o estalão de presteza d'este paiz sem relogio, em que parece perdida a noção do movimento. O ar moroso suspende poeiras acres onde suzurra a praga dos insectos, e essas poeiras irisam franjas de roda ás arêstas das coizas, aleonando os planos panoramicos, cobrindo as roupas d'uma inpalpavel felpa atijolada. —A angustiosa largueza d'estas terras inhospitas da sede, o fatalismo mahometano, aparvajado, imovel, d'esta campina pelada onde a vista crucita em circulos d'inferno, e homens, animaes, figuras, formas, povoados, florestas, ribeiras sem barragens, courellas sem olivos, vidas sem alegria, familias sem conforto, tudo, tudo parece votado a uma inferioridade social paredes meias da escória do mundo, ha oito seculos no mesmo sitio, sem um grito de consciencia, um estremeção muscular que signifique a mais ligeira vontade de marchar!...

Raça dormida, d'energias terçãs, com um exagero de personalidade que inutilisa socialmente as gentes cultas, raça sem belleza, nem instinctos de belleza, nem fecundidade, nem hygiene, este alemtejano com a sua improgressividade e a sua basofia, é realmente, depois da falta d'agua, o flagelo peor do Alemtejo.

Socialmente, áparte meia duzia de vózes que ninguem ouve, elle está apar dos muralhões d'este castello, cujos cinco seculos contemplam a obra koranica do isolamento aliado á insociabilidade e á estupidez.

Fialho d'Almeida

MANTIEIRO EM SERVIÇO

JOGANDO AS CARTAS

IRÓHA NO DATOÉ

Um jogo de cartas do Japão

ESCRIPTA entrou no Japão, como é sabido, importada da China; e é ideographica, cada palavra, ou antes cada idéa sendo representada por um symbolo. Mas os nipponicos tambem escrevem por um outro systema, não por meio do alphabeto, que não possuem, mas por meio do syllabario. Todos os sons da lingua falada japoneza podem ser expressos por quarenta e oito syllabas, com as quaes se constituiu o syllabario; quarenta e oito caractéres graphicamente os representam. Ora, observo que o que eu estou dizendo não é, rigorosamente, bem exacto; mas, para não me embrenhar em commentarios enfadonhos, fiquêmos por aqui, com esta noção, que não se afasta muito da verdade e vem servir os meus intentos.

Um santo sabio nipponico, o bonzo Kukai, ou Kôbô-Daishi (nome posthumo), que viveu pelo seculo IX da nossa éra christã, compôz uma poesia, formada com todos os caractéres do syllabario, tornando-o por este modo engenhosamente mnemonico; ainda presentemente tal poesia é decorada nas escolas. Traduzindo-a chochamente em portuguez, diz assim: — «Bem que as flôres tenham o seu perfume, desfolham-se... No mundo em que vivemos, qual é a coisa persistente?... Hoje, subi a altas montanhas; o que vi parecia um sonho; mas não me allucinou...» — Convém ainda notar que esta poesia começa em japonez d'esta maneira: — «*I-ró-ha-ni-ho-he...*» — e é por isto que os japonezes, aproveitando as três primeiras syllabas, chamam ao seu syllabario *iróha,* exactamente como ao nosso alphabeto chamamos *a b c*.

Ora, propuz-me offerecer n'este logar á curiosidade dos leitores algumas considerações sobre um jogo infantil em voga n'esta terra, chamado *Iróha no datoé*, que nós podemos traduzir por *Syllabario-illustrado japonez*. O jogo exige dois baralhos, cada um de quarenta e oito cartas. Cada carta de

um d'estes baralhos contém uma das syllabas, seguindo-se-lhe um proverbio que começa por tal syllaba. Cada carta do outro baralho contém uma syllaba igualmente; após, vem uma figurinha, uma allegoria, que é a representação graphica do proverbio respectivo. Muito bem: junta-se um bando de creanças, que distribuem entre si as cartas do ultimo baralho; uma das creanças, a mais lettrada, preside ao jogo, tomando nas mãos o primeiro baralho que citei, indo tirando as cartas uma a uma e lendo os proverbios em voz alta; os jogadores põem de parte as suas cartas, correspondentes aos proverbios que são lidos; ganha a partida o primeiro que se vê sem carta alguma.

O *Iróha no datoé* é muito popular; não ha garoto que o não saiba e o não pratique. Os baralhos vendem-se em folhas, nas lojinhas de brinquedos, cabendo ao comprador o cuidado de cortar as cartas á tesoira; as duas folhas, indispensaveis para o jogo, custam um *sen*, cinco réis.

Concluimos agora, d'esta ligeira exposição, que ha quarenta e oito proverbios, isto é, quarenta e oito maximas ou conceitos, que constituem como que o primeiro compendio de moral da camada juvenil do povo, n'esta terra. Pareceu-me interessante estudar estes proverbios e d'elles offerecer aqui a traducção tão litteral quanto possivel, tão exacta quanto praticavel. A tarefa é ardua e nem sempre facil: o estylo dos proverbios, em todas as linguas e ainda mais na japoneza, amolda-se a certos rythmos, aprazse em certas concisões, que constituem a sua belleza caracteristica, mas que a traducção não reproduz. E, se a interpretação da linguagem é difficil por vezes, mais difficil será a interpretação do pensamento; porque os japonezes não pensam como nós; a phrase que escrevem ou preferem, consequencia da idéa que formulam, frequentemente nos deixa confundidos, em face de um enigma impenetravel de sentimentalidade estranha, de concepção exotica... Taes como dos bicos da penna me sahiram, ahi vão elles, os proverbios, precedidos da phrase japoneza original e seguidos de passageiros commentarios, tendentes a elucidarem o sentido. Quanto á pronuncia dos termos japonezes, se algum leitor, por extremo escrupulo, quizer entrar n'esta minucia, lembro um artigo que escrevi sobre o assumpto, publicado no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, n.º 6, junho de 1906.

*
* *

I — *(Iya, iya, san bai)* «Não quer, não quer... mas esvasia três copos». — Assim se dá, frequentemente, com certos amadores da boa pinga, e ainda n'outras circumstancias. O proverbio corresponde de certo modo ao nosso — «Quem desdenha, quer comprar».

II — *(Rongo yome no rongo shirazu)* «Ignorancia dos livros de Confucius... após leitura dos livros de Confucius.» — Refere-se o conceito áquelles que lêem e ficam sem saber o que lêem, por falta de elementos que lhes facultem aproveitamento.

III — *(Hari no ana kara, ten nozoku)* «Contemplar o céo pelo fundo de uma agulha.» — Isto é: empregar meios mesquinhos para largos commettimentos.

IV — *(Nikumarego wa yo ni habikoru)* «Moço detestado, moço afortunado.» — Acontece muitas vezes que a pouca estima que merecemos é um poderoso incentivo a porfiarmos na conquista da ventura.

V — *(Hotoke no kao mo san dó)* «Não batas na face do Buddha mais de três vezes.» — Porque a benevolencia tem limites; succedendo que ainda os mais santos, quando atormentados insistentemente, se encolerisam contra o aggressor.

VI — *(Heta no nagadangi)* «O longo sermão do bonzo boçal.» — Com effeito, é dos ignorantes ou dos ineptos que se devem esperar os discursos mais prolixos.

VII — *(Tofu ni kasugai)* «Reunir pedaços de gelea com braçadeiras de ferro.» — Refere-se á inutilidade de certos expedientes.

VIII — *(Jigoku no sato mo kané shidai)* «Até as sentenças do inferno se compram a dinheiro.» — Conceito embebido de amargo scépticismo, sublinhando a triste verdade de que o dinheiro é a mola real de todas as empresas... não só n'este mundo, mas até no inferno.

IX — *(Ringem asé no gotoshi)* «As palavras do Imperador são como uma transpiração.» — Ora aqui está este conceito, que só pode ser comprehendido por uma affectibilidade japoneza. Os japonezes ligam ao

suor, á transpiração, uma idéa de serena exalação; o suor é, com effeito, não um phenomeno, mas sim uma serie de phenomenos, successivos, continuos. Os japonezes prestam assim culto humilde e respeitoso ao verbo solemne do soberano, verbo que se não repete, mas se exala e se expande, como uma transpiração, como um perfume.

AS PRIMEIRAS DEZESEIS CARTAS DO BARALHO DOS PROVERBIOS FIGURADOS

Segundo o uso japonez, deve começar a ler-se de cima para baixo, e da direita para a esquerda

X — *(Nuka ni kugi)* «Pregar pregos em sêmeas.» — Esforço inutil, trabalho chimerico.

XI — *(Rui wo motte atsumaru)* «A se-

poetas, os marujos com os marujos. Os inglezes teem um rifão que exprime bem a idéa: — «*Birds of a feather flock together.*» melhança reune entre si as coisas.» — Vereis as borboletas com as borboletas, os camellos com os camellos, os poetas, com os

XII — *(Oni mo ju hachi, já no hatachi)* «O diabo até aos dezoito, o dragão até aos vinte.» — E o que os francezes chamam — *La beauté du diable* — ; durante um certo periodo da juventude, mesmo os mais repellentes monstros, como o diabo e o dragão, offerecem attractivos.

XIII — *(Warau kado ni wa, fuku kitaru)* «Em casa onde se ri, entra a fortuna.» — A felicidade procura a gente alegre, não favorece os taciturnos.

XIV — *(Kawaiko ni wa, tabi sasé)* «Faze correr mundo ao filho que estimas.» — Ajuntarei: para que complete a sua educação, pela experiencia das coisas e dos homens.

XV — *(Yomé, tômé, kasa no uchi)* «Pela escuridão da noite, a longa distancia, meio-occulta por um chapéo de chuva.» — Três circumstancias em que a mulher feia pode parecer bonita. Nós temos um proverbio, de certo modo equivalente: — «De noite, todos os gatos são pardos.»

XVI — *(Tatéita, mizu)* «Vasar agua sobre uma taboa a prumo.» — Inutilidade de um esforço disparatado.

XVII — *(Rengi dé, harakiru)* «Querer abrir-se o ventre com uma mão de gral.» — Ainda a inutilidade de um intento, pela má escolha dos meios. No antigo Japão, era frequente o suicidio do *karakiri*, abrindo-se o paciente o ventre; o sabre era o instrumento indicado; uma mão de gral seria, convéem, o utensilio menos proprio.

XVIII — *(Sudé no furi awasé mo taseu no en)* «Mesmo o roçar passageiro de duas mangas que se encontram é o resultado de uma ligação contrahida n'uma anterior existencia.» — Proverbio amoroso, explicando os phenomenos de sympathia por attracções mysteriosas, de vidas passadas.

XIX — *(Tsuki yo ni, kama nuku)* «A' luz do luar, pode ser roubada a panella.» — Aconselha a ser cauteloso em tudo e sempre, pois a mais simples circunstancia furtuita pode ser causa de graves dissabores.

XX — *(Neko ni goban)* «Offerecer moedas de ouro a um gato.» — Corresponde ao nosso: — «Manteiga em nariz de cão.»

XXI — *(Nasu toki no Enuma gao)* «Em occasião de pagar dividas... cara do rei dos infernos.» — Não tereis observado, em taes occasiões, muitos maus pagadores revestirem-se de estranha arrogancia, no intuito de intimidarem os crédores?...

XXII — *(Rai nen no koto iu to, oni warau)* «Quando se fala em projectos para o anno que vem, ri-se o diabo.» — São tantas as contingencias que, durante um anno, podem modificar as deliberações tomadas, que, em boa prudencia, nunca se devem tomar a serio.

XXIII — *(Mumá no mimi ni kazé)* «Vento em orelhas de cavallo.» — Indifferença, apathia; o cavallo não se rala com a brisa que lhe assopra as orelhas.

XXIV — *(Uji yori sadachi)* «Mais vale a educação do que um nome illustre de familia.» — Passa sem commentario.

XXV — *(Iwashi no atama mo shinjin kara)* «Até uma cabeça de sardinha pode servir de objecto de culto.» — Deve entender-se por isto que pouco importa o deus que se adora; o que nos salva é a fé.

XXVI — *(Nomi to iwabá, tsuji)* «Se te pedem o escopro, traze tambem o martello.» — Ha coisas que se ligam por uma intima dependencia; quando uma é requerida, bom é que venha logo a outra, para não perder tempo.

XXVII — *(Otako ni oshierare asasé wo wataru)* «A's cabritas do velho, fala a creança de maneira a pretender ensinar-lhe a passar a vau a ribeira.» — O proverbio pode ser interpretado n'um ironico sentido, correspondendo ao nosso: «Os filhos de Coimbra nasceram para ensinar seus paes»; mas póde tambem representar a cooperação efficaz da intelligencia, dirigindo a força ignorante.

XXVIII — *(Kusatte, mo tai)* «Podre, mas sempre pargo.» — O pargo, *tai*, é um peixe de grande estima na mesa japoneza. O proverbio indica que as grandes coisas, como as grandes pessoas, mesmo em completa ruina, guardam vestigios da sua distincção.

XXIX — *(Yami ni, teppô)* «Fazer uso da espingarda, ás escuras.» — Inutilidade de um esforço chimerico.

XXX — *(Makanu tané wa hayenu)* «Semente não semeada não germina.» — Se queres colher beneficios, dá-te ao trabalho de cultival-os.

XXXI — *(Gei wa mi wo tasukeru)* «As artes sustentam.» — Por outro modo: «Quem

AS CARTAS DO MESMO BARALHO DESDE A XVII ATÉ Á XXXII

possue prendas de educação, beneficia d'ellas.»

XXXII — *(Bushi wa kuwanedo taka yôji)* «O *samurai* pode mitigar a fome a palitar-se os dentes.» — Referencia, palpitante de emoção, á compostura do *samurai*, isto é, do guerreiro, que soffre dignamente todas as privações, mesmo a fome, palitando-se os dentes, como se acabasse de jantar como um nababo.

XXXIII — *(Kore ni koriyo dôsaibô)* «Toma cuidado! Lembra-te do bonzo que foi contra

os seus votos!...» A figurinha allegorica representa um bonzo em face de um polvo enorme, em posição ameaçadora, visto provavelmente em sonho. Lembrêmo-nos de que aos bonzos é defezo, pelas suas leis canonicas, o alimento animal. O proverbio faz suppôr que o bonzo petiscou do polvo, e é uma exhortação ao cumprimento do dever.

XXXIV — *(Yen ni, mochi no kawamuku)* «Em casa do rico, até os bolos se descascam.» — Allusão ironica aos cuidados minuciosos de que se rodeiam os abastados.

XXXV — *(Téra kara sato he)* «Do templo para a aldeia.» — O bonzo vae levar um presente aos seus parochianos. Ora, mantendo-se o templo e os bonzos de subscripções e dadivas do povo, a corrente de favores deve ser na direcção da aldeia. O conceito estigmatiza um procedimento em contrario da regra, um acto opposto ao costume.

XXXVI — *(Akinai wa ushi no yodare)* «Negocio: cuspinheira de boi.» — O negocio traduz-se por um trabalho continuo, mais ou menos productivo; lembra (aos japonezes) a cuspinheira do boi, continua e mais ou menos abundante, na placida tarefa de ruminar os alimentos. O espectaculo do boi a babar-se suggere a estes asiaticos uma imagem de bom agoiro, na lida serena e constante da existencia, como ella se passa n'esta terra.

XXXVII — *(Saru mo ki kara ochiru)* «Tambem o macaco cahe ás vezes da arvore abaixo.» — Mostrando assim que ainda os mais destros n'um mister podem occasionalmente errar.

XXXVIII — *(Giri to fundoshi)* «O espirito do dever e a cintura interior.» — Expliquêmos o proverbio, que offerece um exemplo curioso do laconismo de certas phrases japonezas. *Fundoshi* é uma cintura interior, á qual poderiamos chamar faixa de pudor, ou antes faixa de limpesa, que o nipponico nunca se esquece de trazer cingida ao corpo. Isto, na ordem material; na ordem moral, o cavalheirismo japonez compara o sentimento do dever, *giri*, a tal artigo; eis pois as duas coisas que devem estar sempre comnosco.

XXXIX — *(Yûrei no hama kazé)* «Cumprimentos do vento da costa.» — Junto á costa, em tempo de vendaval, tudo se curva e nos sauda: arvores, mastros, etc. Mas é a saudação dos elementos revoltos, devastadores; o que lembra de certo modo o nosso proverbio «Lagrimas de crocodilo.»

XL — *(Mekura no kaki no zoki)* «Um cego a espreitar por cima de um muro.» — Inutilidade de um vão intento.

XLI — *(Mi wa mi dé tôru)* «Cada qual passa a vida a seu contento.»

XLII — *(Shiwambô no kaki no tané)* «O caroço do pecego nas mãos do avarento.» — O patusco acabou de engulir o saboroso fructo; e queda-se perplexo, não se resolvendo a deitar fóra o caroço, elle, que tudo guarda.

XLIII — *(En no shita no mai)* «Pôr-se a dançar debaixo da escada.» — Não será vista a dançarina e não receberá os applausos que merecer. Inconvenientes da extrema modestia.

XLIV — *(Hizagashirá dé Yedo yuki)* «A andar de joelhos, se pode chegar a Yedo (Tokyo).» — Com boa vontade, vencem-se as maiores difficuldades.

XLV — *(Mochi wa, mochiya)* «Em assumpto de bolos, consulte-se o confeiteiro.» — Cada qual para a sua especialidade.

XLVI — *(Senchidé, manju)* «Comer bolos na...» — Não me atrevo a completar a phrase. A figurinha do baralho talvez possa elucidar completamente os curiosos. O proverbio allude ao facto de que todos os disparates são possiveis, quando a gente não sabe reprimir os seus desejos.

XLVII — *(Suzumé hyaku made odori wasurenu)* «O pardal, até aos cem annos, não esquece o habito de pular.» — Referencia á persistencia dos nossos dotes ou habitos pessoaes.

XLVIII — *(Kyô ni inaka ari)* «Na cidade, tambem está a aldeia.» — Basta visitar-lhe os bairros humildes, as ruas afastadas do centro para que esta verdade se revéle. Aviso áquelles que se deslumbram com as apparencias faustuosas, escapando-lhes todavia o reverso da medalha.

*

* *

Agora impõe-se-me o cuidado de criticar ligeiramente estes quarenta e oito mandamentos da primeira moral escripta que penetra, á força de brinquedos e ao som de gargalhadas, nos cerebrosinhos de seis an-

nos, de sete annos, dos garotitos japonezes que encontramos pelas ruas.

Uma observação occorre logo: — a moral dos japonezes pouco differe, se differe da moral dos loiros. — A mesma intuição do bem, a mesma intuição do mal, são communs a estes e áquelles, como a todos os povos do planeta, com ligeiras modificações, superficiaes, filhas do meio e, tambem, filhas do tempo. E que a moral dos homens é uma unica, como uma unica é a moral dos tigres, como uma unica é a moral das pulgas; sendo a moral, antes de tudo, uma arma de defeza de individuo para individuo,

AS ULTIMAS DEZESEIS CARTAS DO MESMO BARALHO

dentro dos limites da especie; e differençando-se tanto um japonez de um europeu, no fim de contas, como uma pulga de Yokohama de uma pulga de Tavira.

Seguidamente, observa-se que em quasi todos estes quarenta e oito proverbios que citei transparece a influencia buddhista, a influencia dos bonzos, pacientes e methodicos philosophos; sendo poucos os conceitos de pura inspiração do Shintôismo, a religião primitiva, que é antes um codigo, inedito, de brios guerreiros e de patrioticos preceitos. O Buddhismo, sem modificar profundamente o cavalheirismo nacional, veiu trazer á tribu guerreira uma doutrina de tranquillidade e de familia, fez do soldado um cidadão; reclamando dos homens, não já a destresa do braço armado e a coragem e a arrogancia nas acções, mas a cultura das qualidades intellectuaes e a disciplina dos impulsos, indispensaveis a uma sociedade civil avançada em progressos, vivendo dos campos e da industria. O proverbio é pois, como synthese de moral, entre mil manifestações, uma manifestação essencialmente buddhista.

A idéa dominante, n'estas maximas avulsas, accusa-se pelo ridiculo lançado aos esforços chimericos, á apathia inepta, e pela caricatura do imbecil; maneira indirecta, mas a mais efficaz, de estimular energias proficuas nos animos dos jovens. O Japão condemna os tolos — elle lá tem os seus motivos —. A mais, em cada phrase, adivinha-se esse subtil e quasi cynico sorriso, mordente, tão peculiar no asiatico quando attenta nos phenomenos psychicos da vida; sorriso que traduz, não a apreciação espontanea do individuo, que devemos suppôr desprevenido o ingenuo, mas a laboriosissima condensação, durante seculos sem conto, das experiencias da existencia, transmittidas por hereditariedade das gerações ás gerações, n'uma sociedade bem mais antiga nos tempos do que a nossa, bem mais requintada nas emotividades do que a nossa.

Kobe — Setembro de 1907.

Wenceslau de Moraes.

AS PRIMEIRAS QUATRO CARTAS DO SEGUNDO BARALHO COM A LETRA CORRESPONDENTE DOS PROVERBIOS.

Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

SYNOPSE. — Capitulos I a X: Bruce Ingersoll, no momento de sahir da Universidade de Cambridge, precisa arranjar um modo de vida e pagar as suas dividas de estudante. Offerece-se para secretario e é contractado por Jean Cavanagh, grande magnate dos caminhos de ferro canadianos, cujo pae foi morto pelos nihilistas em Baku. Antes de sahir de Cambridge reconhece que Cavanagh pagou secretamente todos os seus compromissos. Avista-se com Cavanagh n'um hotel londrino e fica intrigado com a excitação que causa no magnate a leitura de um jornal da tarde. Partem subitamente para «A casa do Fen», residencia de Cavanagh, mysteriosamente vedada, construcção erguida no meio de muralhas, isolada de tudo e de todos. Ingersoll examina no seu quarto o jornal da noite e depara-se-lhe a noticia de um nihilista allemão que foi pelos ares no seu laboratorio, bem como tres dos seus cumplices. De noite e acordado por um grito afflictivo e ao alvorecer ve o argelino, um dos serviçaes de Cavanagh, dirigindo-se a cavallo do parque para casa. Mr. Cavanagh espera-o no jardim, e, tirando o jornal da noite da algibeira, bate-lhe com as mãos, endireita-o e convida o argelino a lel-o. O primeiro trabalho de Ingersoll, como empregado, é redigir um relatorio de certas ruas e casas d'algumas cidades estrangeiras, muitas das quaes estavam situadas em viellas sórdidas e mal afamadas. De tarde, n'um passeio a cavallo, encontra uma formosa mulher e uma creança. A mulher perdera a razão e o homem que a vigiava de perto era o argelino. Subitamente Jehan Cavanagh resolve partir para Antuerpia na esperança de encontrar vestigios de Paulina Mamavieff, a mulher que matou seu pae em Baku. Prospero de Blondel, ex-policia ao serviço de Cavanagh, declara que a espera vêr durante a procissão do Corpo de Deus. Quando a procissão se dirige para a capital ha uma terrivel explosão, e apenas se dissipa o fumo Paulina Mamavieff, é presa no meio do ajuntamento. A' noite Cavanagh e Ingersoll, disfarçados, visitam uma casa deshabitada, dos bairros Pobres da cidade, onde Dubanac, o auctor do attentado da manhan, e os seus desvairados companheiros são vistos no predio fronteiro. A multidão descobrindo os nihilistas assaltam a casa, e um dos do bando, tentando fugir pela janella, cae á rua. No regresso a Londres Cavanagh pede a Ingersoll para escrever uma serie de artigos para a imprensa acêrca do attentado de Antuerpia. Blondel communica a noticia que Paulina foi capturada e que está na prisão de Bruges. O seu destino está na mão de Cavanagh, que exerce poderosa influencia na policia, e decide que ella deve ser mandada para a Russia.

XIII

A PRISÃO DE BRUGES

Pensava no destino de Paulina Mamavieff, queria ficar bem elucidado a seu respeito quando sube que devia ir á Belgica ter uma entrevista com ella. Esta missão foi-me communicada por carta de Waterbeach, exactamente cinco dias depois de visitar os escriptorios de Bertrand & Companhia em Victoria Street. Mr. Cavanagh partira para Huntingdon na noite seguinte ao nosso regresso á cidade, mas eu conti-

nuei em Carlton Hotel, indo ao escriptorio todos os dias e trabalhando no artigo que o meu chefe tanto desejava que eu escrevesse.

Não contarei quantas vezes, durante aquelles compridos e socegados dias eu pensei na juvenil presa de Bruges e no destino que lhe preparavam. Talvez esses «estranhos e involuntarios pensamentos» de que Byron fala no Mazzepa, não se pudessem defender logicamente, nem a sympathia se deve arvorar em virtude, mas o facto penetrara até o mais fundo do meu coração e eu acreditava que Paulina Mamavieff estava innocente e não queria abandonar esta convicção sem completa certeza. Em vão Blondel repetia a historia da sua espontanea confissão; ouvia Mr. Cavanagh com indifferença quando me assegurava que não havia duvida acêrca da sua criminalidade. A minha opinião continuava inabalavel. Não fôra ella quem disparara o revólver que matara o pae de Jehan Cavanagh, ou se tal succedera fôra por accidente. Apeguei-me a esta crença com teimosia, e nem todos os logicos do mundo me arrancariam essa persuasão.

Foi n'esse momento que veiu a epístola de Mr. Cavanagh para eu ir a Bruges falar com a joven. — «Desejo immenso remover todas as duvidas do seu espirito — escreveu-me. — Vá a Bruges e procure ali o conde Marcelli no Palacio da Justiça. Facultar-lhe-ha meio de visitar a prisão. Fale com Paulina Mamavieff e ouça a sua narrativa. Essa diligencia robustecel-o-ha na coadjuvação que necessito de si. Convencel-o-ha que procedo com equidade fazendo com que os seus compatriotas a punam.»

Recebi a carta na primeira distribuição da manhan, e ás dez mettia-me no expresso de Ostende a caminho de Bruges. Acostumara-me já á vida nomada que Jehan Cavanagh desejava que eu levasse ao seu serviço. Não me lembrei ao momento da partida da pesada responsabilidade que incidia sobre os meus hombros. Cria na innocencia de Paulina Mamavieff e ia a Bruges para que ella me confessasse ser criminosa. Ia perguntar-lhe porque louco sentimento, que calamidade de associação ou idéa a impellira a commetter esse crime e a obrigara a declarar cynicamente ao mundo que o perpetrara. Parecia-me impossivel conseguir qualquer coisa em seu favor, e seria constrangido a participar a Mr. Cavanagh: «Andou bem: a lei do seu paiz que a julgue.» Eram alternativas que nenhum argumento arredava de mim. Ia destruir o meu ideal ácêrca da sua juventude, e destruil-o voluntariamente.

A travessia até Ostende foi trabalhosa; O canal revolvia-se em vagalhões altissimos ainda para além de Goodwins. A viagem, pelo que me diz respeito, não apresentou nada de memoravel, a não ser as agourentas considerações de um apprehensivo individuo, de capa azul, que approveitou quantas opportunidades se lhe depararam para me affirmar que, com tal tempo, era impossivel que o navio não naufragasse e que não morressemos todos afogados. O mais maçador, obstinado e desagradavel companheiro de jornada que tenho encontrado. Em Ostende fui obrigado a gratificar um empregado para conseguir que elle não se mettesse na minha carruagem e, quando me apiei em Bruges, esse barbudo filho de qualquer nação desconhecida, foi a primeira pessoa que se me dirigiu.

— Vae para o Hotel de Londres? — perguntou-me do lado.

— Vou para qualquer hotel para onde o senhor não vá — respondi-lhe, porque era tempo de ser rude.

— Ah! — redarguiu — os inglezes são pouco sociaveis.

Fiquei satisfeito de o vêr retirar-se cabisbaixo ante aquella explosão que a minha antipathia me inspirara,

Dez minutos depois, o meu trem parava á porta do hotel de Flandres e dentro de uma hora entrava no Palacio de Justiça e perguntava pelo conde Marcelli. Ahi um homem baixo, com uma comprida espada, informou-me que se auzentára e não o encontraria ali até ás onze horas do dia seguinte. O unico remedio era passar o resto do dia o mais distrahido que me fosse possivel nas minhas circunstancias de isolamento. Foi o que fiz sem perda de tempo.

Achava-me em Bruges, na maravilhosa e velha cidade dos condes de Flandres, cortada de canaes em todos os sentidos para me lembrar que não era Veneza, com os seus admiraveis porticos de cathedral a falar de gorgeios e de angelicas hollandesas no interior, com a sua soberba Casa da Camara, com o seu aspecto geral de ser tudo e nada nas azas da fama, essa Bruges

de que todos se orgulham e de que poucos se lembram, esse mercado da Liga Hanseatica, essa frioleira vistosa que corôa a cabeça da Burgundia. Via-se, como eu a vira havia muitos annos, illuminada pela lua cheia, com pesados edificios á moda do Occidente, com uma lugubre e silenciosa população moderna de hombros descahidos em contraste com o forte arcabouço da pretérita; considerava-a uma joia da Hollanda três vezes desditosa, pelo passado, pelo presente e pelo futuro.

O meu supremo interesse, confesso, incidia n'um assumpto mais humano. Paulina Mamavieff encontrava-se na cadeia por tráz da Casa da Camara e eu não a podia visitar n'esse dia. A reflexão fez-me percorrer as ruas como um cão esfalfado que não acerta com a porta do novo dono. Passei pela prisão vinte vezes e perguntei a mim proprio o que a joven estaria fazendo, quaes seriam as suas esperanças e receios, os seus secretos pensamentos n'aquellas solitarias horas em que ninguem lh'os podia espiar, quando só a noite era sua confidente. Reflexões romanticas, dirão! Talvez. Mas não duraram muito, porque alguem me bateu no hombro quando eu passava pela prisão pela decima vez, era o homem das barbas, do vapor, que insistia para que eu o attendesse.

— Boa tarde; anda a tomar ar?

Medi o sujeito de cima abaixo com severidade, e vi-o curvar-se ante o meu olhar. Tão de relance quanto eu o examinei afigurava-se-me um inconfundivel nativo da Palestina que desejasse vender-me um annel de brilhantes. Mas não era um bebreu necessitado, o seu vestuario denotava apuro e trazia uma corrente de relogio da grossura de uma amarra de navio. Não fazia a menor idéa do motivo porque me perseguia com as suas attenções. Se affirmasse que suspeitava d'elle escreveria um absurdo.

— SALVE A VIDA DE PAULINA MAMAVIEFF

— Deve ter percebido que sou da opinião dos meus compatriotas e que tomo o que me convém. E' isso que deseja saber?

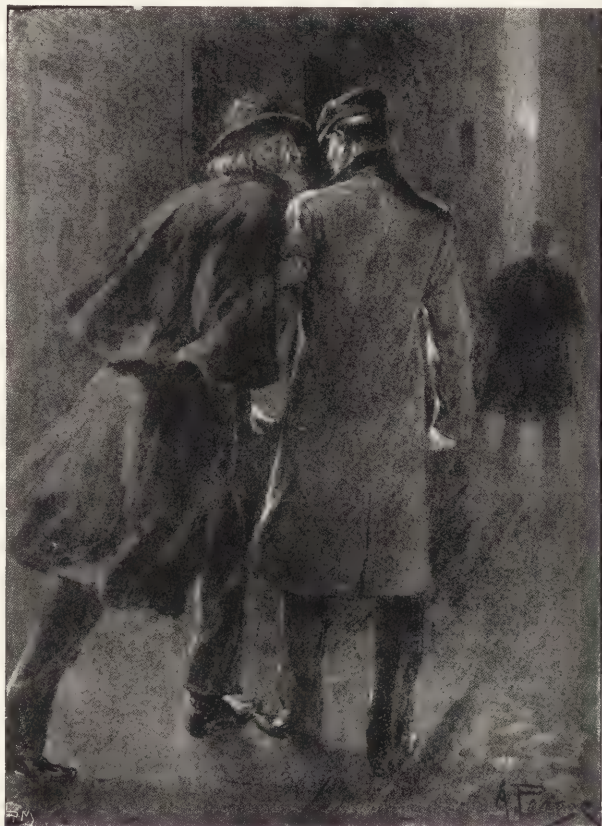
Deu um passo mais, atrás de mim, como um mendigo que tem cinco filhos esfomeados e apenas uma caixa de fosforos para vender para lhes dar de comer.

— Conheço Bruges; muito bem — declarou. — Se deseja visitar algum logar, os sitios que os ingleses gostam de visitar, mas que não sabem onde são...

— Olhe lá, — ameacei eu — se continuar a seguir-me dou-lhe dois pontapés!

— Mas o senhor precisa visitar as curiosidades da cidade.

— Já estou vendo uma. Mas que é? Que quer de mim?

Chegávamos então a um sitio escuro da rua, e, com grande pasmo meu, o agil velho, agarrou-me no braço quando eu continuava a andar e principiou a murmurar ao meu

ouvido, quasi como se eu fôra seu correligionario:

— Salve a vida de Paulina Mamavieff, pode conseguil-o. Sei o motivo porque está aqui. Não acredite Blondel, é pago pelos governos e não terá dó. Salve a vida de mademoiselle Paulina. Reconheço que não é bom que seja eu quem faça o pedido; acontecer-me-ha como aos meus camaradas... a morte paira por toda a parte, mas piedade para mademoiselle Paulina, não é inimiga dos senhores.

E permaneceu curvado, a tremer, um verdadeiro symbolo da covardia abjecta. Dissera-me tudo isto sem eu proferir uma palavra, sem me deixar falar. N'esse momento approximou-se um policia, elle então voltou as costas e desappareceu instantaneamente.

— Conhece aquelle homem? — perguntei eu ao agente de segurança publica no melhor francez que pude empregar.

Não me comprehendeu e regressei ao hotel fundamente surprehendido.

Sabia-se, não havia duvida, que eu partira de Inglaterra para visitar Paulina Mamavieff na cadeia de Bruges. Estavam informados, ou suppunham-n'o estar, de que fôra Blondel quem me enviara. Convenci-me immediatamente que o perigo que corria Blondel com esta descoberta era o mesmo que corria Mr. Cavanagh. Se esses homens tinham surprehendido o segredo devia participar-lhes o caso sem perda de um momento. Foi esta a minha primeira impressão, que modifiquei quando porfim, no meu quarto, reflecti ácerca da inexcedivel previsão de Jehan Cavanagh e da magnitude da organisação dos seus postos avançados, embora não conhecesse nada do seu activo e disciplinado exercito, Era lá possivel que tal homem confiasse a sua vida ás mãos do primeiro judeu que o acaso me deparára no convés d'um vapor? A idéa era insensata; não a podia discutir um momento.

Assente este raciocinio, tranquilizei-me. Quando, porém, me deitei naquella noite, acudiu-me pela primeira vez o pensamento da importante parte que tomava no gigantesco drama que se representava nas cidades da Europa, n'esse tremendo instante, e na sua universal significação. Era uma guerra, como eu imaginára ser, uma guerra travada em segredo, como nunca o universo contemplára.

Quem me affirmava, entretanto, que tudo isso não passava de uma infantil e talvez futil supposição? Deitei-me e sonhei que libertara Paulina Mamavieff e que atravessava a Europa com ella, em busca de um refugio seguro.

XIV

A ENCARCERADA

Dirigi-me cedo ao Palacio da Justiça na manhan seguinte, onde me esperava já o conde Marcelli. Um homem de pequena estatura, de gestos vivos e animado ao mais alto ponto na conversação. Recebeu-me com uma cortezia puramente franceza e uma affabilidade que me captivou a mim, inglez dos quatro costados. Na verdade, não estava ainda havia dois minutos no seu gabinete, quando eu reconheci que sabia por dentro e por fora quem eu era.

— Mr. Ingersoll, não é? Sim, não pode ser outro. Bastou-me olhar-lhe para o rosto para me convencer que estava falando com um amigo do meu amigo. Passou bem a noite, dormiu com socego, achou o hotel commodo? Folgo e apresento-lhe as minhas desculpas por me ter ausentado hontem. Rogo-lhe o favor de me dizer immediatamente o que deseja de mim? O amigo do meu amigo, encontra-me, creia, absolutamente ao seu serviço.

Pegou n'uma cadeira, offereceu-m'a e accendeu um cigarro que fizera.

— Mr. Cavanagh escreveu-lhe ácêrca da minha visita, conde?

— Não escreveu; quando é que Jehan Cavanagh escreve? Não, não, é coisa que não faz. O meu amigo Blondel,... conhece Blondel? Bem, mandou-me um telegramma, para que me puzesse ao seu dispôr; e aqui estou, meu caro senhor, prompto a receber as suas ordens. Conhece Bruges, talvez?

— Como os viajantes dos sete dias da casa Cook conhecem. Permitta que lhe declare sem mais formalidades que Mr. Cavanagh deseja que eu visite um joven circassiana qus se encontra na cadeia d'aqui; chamam-lhe circassianna, embora eu creia que seja de nacionalinade franceza... Uma tal Paulina Mamavieff.

— Uma nihilista?

— Exactamente, conde. Desejo vel-a a sós, se fôr tão amavel que o consinta.

Respondeu-me pondo-se de pé e declarando que nada era mais facil n'este mundo.

— Vel-a-ha immediatamente — disse — conjecturava isso quando ouvi mencionar o nome de Mr. Cavanagh. Sabemos o muito natural interesse que toma por essa gente; sinto um grande prazer em o auxiliar; o que não farei eu por Jehan Cavanagh! Lembra-se, certamente, da extrema sympathia que manifestou pelo meu governo nas recentes medidas ácêrca da emigração para Quebec. Na Belgica basta que abra a boca, não precisa mais... mas aqui está o capitão Richard, que o acompanhará. Os meus comprimentos, senhor; vae vêr uma linda rapariga, asseguro-lh'o. Se adquirisse a certeza que não trazia polvora nas algibeiras, ha muito tempo que lhe faria a côrte. Mas affirmam-me que é um monstro... e, meu caro senhor, não se galanteia quando corremos o risco de ir pelos ares como as machinas de voar do nosso amigo Santos Dumont. Cautella com mademoiselle. Recorde-se que a hão de açoutar na Russia antes de murcharem as rosas.

Parecia admiravelmente humorado, era um gracejo frívolo de quem não pensou no assumpto. O capitão Richard, governador militar da prisão, era uma individualidade diversa, vagaroso, laconico, reticente. Parece-me que não proferiu uma palavra emquanto atravessou o pateo por trás do Palacio da Justiça e me conduziu á porta da cellula, na qual Paulina Mamavieff esperava a sua sentença de deportação. Ahi, fez-me uma pergunta que me deixou embaraçado para lhe responder categoricamente.

— Quanto tempo deseja o senhor demorar-se com a prêsa?

— Não sei, capitão...

— Pois bem, dar-lhe-hei quinze minutos.

Abriu a porta ao pronunciar esta phrase e indicou-me uma grande cellula de pedra de uma velha prisão, um amplo recinto construido abaixo do nivel do pateo, mas bem arejado e illuminado com candieiros de gaz, collocados no alto das paredes. Durante um instante a mudança da luz brilhante do sol do pateo para esta luz artificial da cellula cegou-me a vista e deixou-me um tanto confuso, mas essa cegueira desappareceu n'um instante, e vi então que o recinto media uns quinze pés quadrados, que tinha as paredes núas com excepção de um crucifixo e que a sua mobilia consistia apenas em duas cadeiras, uma mesa e um leito. Sobre a mesa um pucaro de folha e algumas codeas de pão falavam de almoço; a cama fôra despojada da roupa; ao lado do pucaro divisava-se um livro e a pequena mão de Paulina Mamavieff pousava em cima d'elle.

Vira-a, recordo-me, uma vez antes na Praça Verde, em Antuerpia, na manhan da tragedia. Aqui, na cellula, a minha primeira impressão ácêrca da sua belleza era que soffrera um pouco com a reclusão, mas isto foi um relampago, e voltei ao meu primitivo parecer de que o retrato ficava áquem da realidade, principalmente no que se relacionava com os seus maravilhosos olhos, para mim inegualaveis. Mesmo ahi, na penumbra da cellula, tinha a convicção que penetravam até o mais fundo do meu ser. Cada passo para ella era um novo convite a glorifical-os, os admiraveis olhos da formosa encarcerada de Bruges.

Assim não posso dizer nada do seu traje e pouco da sua altura, do seu semblante, do seu gesto, das suas attitudes; não vi deante de mim mais que uma joven, com o cabello castanho cahido pelos hombros, com dois labios muito vermelhos, com admiraveis turquezas a enfeitarem-lhe os ouvidos.

Um annel de rubis, mettido no annelar da mão esquerda, despedia feixes de luz e brincava com elles. Creio que o seu vestido era negro, mas nem isso posso afiançar. Os seus olhos impediam que eu reparasse em qualquer outra coisa. Vergonha é confessal-o, mas não despregava a minha vista d'elles.

— Mademoiselle Mamavieff — disse eu em inglez; Mr. Cavanagh informara-me que ella falava a nossa lingua, — dá-me licença que converse comsigo um pouco?

Não se moveu d'onde estava, nem sequer levantou a mão de cima do livro.

— E' inglez? — respondeu.

Ia jurar que proferira essa palavra com satisfação.

— Um inglez que anceia por lhe ser agradavel, se puder.

— Ser-me agradavel! Oh, não, não ha

ninguem em Bruges que anceie por me ser agradavel.

— Convencel-a-hei do contrario, se me quizer ouvir, tenho a certeza.

— Mas quem é o senhor? Porque se interessa por mim.

— Sou um inglez — retorqui — a quem muito interessa o seu caso... por uma simples razão... porque acredita que esteja innocente...

— Innocente de quê?...

— De ter matado com um tiro de revólver o pae do homem que me mandou aqui.

— Vem então da parte de Jehan Cavanagh?

— Exactamente.

Principiou a tremer ao ouvir estas palavras, apesar de toda a sua força de vontade. Acudiu-me de subito ao espirito que não devia ter citado o nome do meu chefe, afim de lhe poupar esse abjecto sentimento de humilhação que a dominou ao ouvil-o.

— Mademoiselle — accrescentei apressadamente — sou seu amigo, a despeito da da convicção de Mr. Cavanagh. Vim aqui para provar que está innocente.

— Não é assim — respondeu com o mesmo socego — veiu aqui porque a policia o mandou.

— Não acredite isso, mademoiselle, olhe para os meus olhos e insista, se é capaz.

Tentou fazel-o, mas as lagrimas brotaram d'onde eu só vira coragem e resolução quando entrei na cellula.

— Não crê isso, mademoiselle, não m'o pode dizer cara a cara...

— E se não pudesse?

— Conversariamos então.

Não me respondeu immediatamente, occultou o seu oval e infantil rosto com o braço nú e conservou-se assim durante alguns minutos sem proferir uma palavra. Quando me tornou a fitar, um meio sorriso substituira as lagrimas e lembrou-se que eu continuava de pé.

— Porque não se assenta; as cadeiras da prisão não são commodas, mas faça favor de se assentar. Estou prompta a ser interrogada. Teem-me feito muitas perguntas desde que vim para aqui ha alguns dias.

— Mas não a pergunta que lhe vou fazer?

— Ouvil-o-hei primeiro e depois talvez lhe responda.

— Como se chama o homem que matou o pae do meu amigo em Baku?

Fitou-me bem de frente e sem córar; sem se defender, sem produzir nenhum argumento, com o maior socego e simplicidade, retorquiu:

— Fui eu que o matei.

— A senhora! Que mal lhe fizera?

— Era amigo do general que mandou açoutar meu pae até morrer.

— E desfechou sobre esse homem por vingança... porque era seu amigo?

— Exactamente porque era seu amigo.

— Imagina que eu acredito n'essa historia?

— Porque não ha de acreditar? — perguntou com vivacidade.

— Porque, mademoiselle... não acredito.

Riu a estas palavras, mas reprimiu-se subitamente.

— Que motivo tinha eu para lhe mentir?

— Porque deseja que eu repita isso a Mr. Cavanagh.

— E' perspicaz... quer dizer-me o seu nome?

— O meu nome é Bruce Ingersoll.

— Bruce... Bruce... Gosto d'elle. Lembrar-me-hei do nome de Bruce Ingersoll quando regressar á Russia.

— Sabe que vae para a Russia?

— Disse-m'o hontem o conde Marcelli.

— Para ser julgada ali por esse crime.

— Para morrer ali como meu pae e minha mãe morreram.

— Minha pobre menina, tinha esquecido que... ou melhor não me informaram que seu pae morrera.

— Porque é que se deveria recordar d'isso, Mr. Ingersoll?

— Porque é impossivel que eu a esqueça, mademoiselle Paulina.

— A mim; oh, não, não, não. Não diga semelhante coisa. O senhor pertence á policia. Ha de ir ter com elles e commuicar-lhe: «Ella disse-me isto e aquillo, e aqui estão os nomes dos seus amigos para Mr. Cavanagh se lembrar». Já vieram muitos outros antes do senhor. A justiça faz muitas perguntas, Mr. Ingersoll, e ouve muitas mentiras. Não lhes respondi nada e não sabem o que hão de fazer de mim. Na Russia açoutam as creaturas até que profiram as falsidades que elles pretendem obter e julgam cumprir assim a lei, sem a qual o mundo

acabaria. Oh, deixe-me declarar-lhe que penso de maneira contraria, que a lei dos homens é odiosa á lei de Deus; que no futuro não haverá outra lei que não seja a da alma humana contemplando a luz. Sim, sim, é esta a minha fé. Não temo a morte, Mr. Ingersoll, e receio a vida.

Escutei-a e os meus ouvidos zumbiam quando ella falava. Ahi, n'esse instante, a joven transformara-se... Não era uma creança, mas uma mulher patenteando a sua alma n'uma profissão de fé, intrépida e ousada, não conhecendo nada do mal ou do bem, do crime ou da innocencia, confiando apenas no supremo consôlo da sua crença.

— Mademoiselle — argumentei eu com toda a calma — se não houvesse lei, Paulina Mamavieff não soffreria pelo crime de outra pessoa.

— Nunca o hei de convencer, Mr. Ingersoll?

— Nunca me convencerá, mademoiselle.

— Porque é que duvida de mim?

— A verdade transparece nos seus olhos; a absoluta convicção que é toda bondade, gentileza e amor.

— Ninguem me falou assim até agora.

— Espero falar-lhe da mesma maneira em dias futuros.

— O senhor? Mas nunca me viu. Parto para a Russia d'aqui a alguns dias. Disse-m'o o conde Marcelli esta manhan. Porque está tão convencido que ainda me tornará a vêr?

— Porque estou resolvido a que isso succeda, e quando alguem se resolve em circumstancias semelhantes, em geral consegue o que anhela. A vontade é uma grande força.

— Não — retorquiu Paulina com firmeza — a sua resolução não o auxiliará agora, Mr. Ingersoll. Demais eu desejo ir.

— Sabendo o que elles lhe farão ali?

— Vi ali açoutar meu pae — accrescentou, e o seu rosto perdeu n'um instante todas as côres e em volta dos seus maravilhosos olhos cavaram-se fundas olheiras.

Pelo meu lado não tinha mais nada que tratar ahi. Não sabia como persuadil-a ou como obrigal-a; no entanto ainda fiz uma pergunta.

— Acredita realmente que eu venha da parte da policia, mademoiselle Paulina?

Riu-se nas minhas bochechas.

— Se pertencesse á policia tinha-me offerecido chocolate — declarou; — costumam trazer-m'o, mas ha uma semana que não como nem um bocadinho.

— Desappareceu todo?

— Todo com quanto me presentearam.

— Amanhan quando vier conte com elle, se promette mudar de opinião a meu respeito.

— Tental-o-hei — declarou, no tom infantil com que o diria uma creança, com um sorriso nos labios, com o fulgor da juventude no olhar.

O momento não poderia ser mais azado, se o pudesse ter aproveitado, mas não pude. O laconico capitão appareceu na cellula quando ambos riamos, e declarou-me que já excedera o praso.

— Adeus, mademoiselle, até ámanhan,

— Ou até nunca mais — replicou.

Eu sahi.

Redopiava-me no cerebro uma alluvião de pensamentos.

(Continúa.) *Traducção do inglez de* EDUARDO DE NORONHA.

A Feira d'Agosto

INAUGUROU-SE ultimamente a Feira de Agosto. Li a noticia n'um jornal da manhã e á tarde encaminhei-me para lá. Desde creança que eu não frequentava uma diversão d'este genero; e sentia uma viva curiosidade de saber o que seria a feira actual, trnsportando-me pela imaginação vinte annos atraz, ás Amoreiras e Belem, e revendo ali os espectaculos que encantaram a minha meninice.

Ha quanto tempo disse eu? Vinte annos? E' possivel que já tenham decorrido vinte annos?! Como o tempo passa! Como rapidamente se envelhece!... Vinte annos!

A feira de Belem eram os meus encantos. Que difficuldades venci para lá ir! E todas as manhas e recursos infantis me perpassaram pela vista com saudade. N'estas e n'outras identicas meditações, cheguei á Rotunda. Alguns passos á minha frente caminhava um homem idoso, apoiado ao braço de uma gentil rapariga que suppuz sua filha ou talvez neta. A sua conversa attrahiu-me e, esquecida de mim, passei a escutal-os.

— Fiz-te a vontade. Cá estamos na Feira de Agosto. Mas, bem vês... não valia a pena incommodarmo-nos tanto para vêr isto.

— Então não é tão bonita, tão vistosa?

— Vistosa?!! Que dirias se visses as feiras do meu tempo.

Penso exactamente como elle. Decididamente estou velha, reflecti com pezar, sentindo por mim o maior dó.

A rapariga perguntava sem curiosidade, por falar apenas:

— Eram então muito bonitas?

— Comparam-se lá! Isto chega a fazer-me tristeza, disse com mal encoberto desdem. No Campo Grande! No Campo Grande é que era a melhor feira. Um mercado bem fornecido, em que havia tudo: vastos arruamentos com lojas de ourives, de louceiros, de algibebes, de fancaria, de mercadores de linho que vinham expressamente do Minho e Traz-os-Montes, de queijeiros da Serra da Estrella e do Alemtejo, de cutileiros de

ADEGA DA FIGUEIRA

Santarem; e muito gado, muita creação... Havia de tudo. E não imagines que faltavam divertimentos. Não, senhora, havia talvez mais distracções que hoje: panoramas vistosos, figuras de cêra perfeitissimas...

— Isso agora é demais, interrompeu sorrindo a joven interlocutora; lá pela feira, como mercado, dou que assim fôsse: é mesmo natural. Os mercados não estavam fornecidos como hoje, as communicações e transportes eram mais difficeis... parece portanto verosimil que o povo se abastecesse na feira de quanto annualmente carecia.

— Era então necessidade, concordou o velho.

— Mas dizer-me que os divertimentos de então, eram mais variados que os de hoje, passa tudo que é possivel crêr.

— Pois não creias, se te apraz, mas era assim.

— N'esse tempo não havia animatographos, ainda ninguem falára em phonographos...

— E então isso que tem com a variedade de diversões? Olha para esta rua; é a principal; quasi tudo barracas de comidas!

VACCARIA FLANDRES

— Mas deve concordar que algumas são feitas com muito gosto.

O velho encolheu os hombros, desdenhoso e continuou:

— O tiro, as argollinhas, o *carroussel*, barracas com sortes, tudo isso havia no meu tempo; mas havia a mais os ursos, as ciganas que liam a *buena dicha*, os gigantes, os liliputianos, crimes e quadros celebres representados em cêra, exposições anatomicas, e todo aquelle aparato, aquelle recheio abundante e variado que era um gosto vêr. Ninguem agora vem comprar á feira as bilhas de Extremoz.

E a sua voz trahia uma vaga saudade ao dizer isto. A rapariga sentindo-o, tentou mudar de conversa:

— Ora repare n'este barco. Diga lá que não é uma idéa graciosa.

— Sim, não está feio, mas as caldeiradas não nos sabiam peor, cosinhadas em barracas de quatro estacas, forradas de chita de ramagens vermelha.

— E isto? Isto é novidade. A «Grande Roda de Lisboa» não existia na sua mocidade.

— Não, porque não havia parvos que quizessem andar de balde.

A rapariga soltou uma franca gargalhada perguntando:

— E' *calembourg*?

— Não tive essa intenção; simplesmente acaso.

— E se eu lhe pedisse para fazer de parvo uma vez só?

— Faria, para te agradar.

— Então vamos. Tenho tanta vontade de experimentar...

— Creancice!...

Não estando disposta a seguil-os voltei n'outra direcção.

Deparou-se-me uma «Escola de tiro», deante da qual varios grupos estacionavam. Approximei-me d'um, formado por três garotos que discutiam:

— Já te disse, clamava o mais pequeno, É peta.

— Mas não é, tornava, teimoso, o mais velho.

— Vae-se vêr, vae-se vêr, exclamou com ares importantes o terceiro, mettendo as mãos nos bolsos das calças. Eu já decido a questão: se é verdade, aposta.

— Pois aposto, ahi está um vintem.

O mais pequeno parecia satisfeito, mas o que se arvorára em arbitro, retorquiu-lhe ironico:

— Pois não! Então pensas que nos convences com um vintem?! Todo.

— Todo, todo é que é, bradou o mais pequeno puxando ao seu logar os calções que teimavam em escorregar.

Um homem, grosso e espadaudo, typo de operario, chegou-se ao grupo, e, sem ser visto, escutou com interesse. Percebi que, se não eram todas, alguma das creanças lhe pertencia.

— E porque não? tornou o primeiro, altivo. Ahi está. Aposto tudo.

E tirando d'um sujo sàquinho 80 réis, estendeu-os ao companheiro com ar victorioso.

— Agora acredito. Mas, já que estás de boa fé, se deres no alvo ficas com todo o nosso dinheiro.

E sorriu malicioso.

— Então, rapazes, chorem por elle.

Metteu a arma á cara e longamente firmou a pontaria; o tiro partiu, mas o alvo não foi alcançado. O rapaz fez-se muito pallido, mordeu os beiços e disse simplesmente:

— Perdi.

Havia qualquer coisa de tragico n'aquella commoção contida.

— Então sempre eu tinha razão, disse o mais pequeno, saltando ora n'um pé, ora n'outro.

— E' a primeira vez que me falha, palavra.

Os outros soltaram uma risada prolongada

BARRACA DAS CALDEIRADAS

entreolharam-se e, depois de muda consulta, o que ficara com o dinheiro estendeu-lh'o generoso.

— Bem, pagas depois, para não ficares sem nada.

— Pois sim. .

BARRACA RESTAURANT

E ia a metter o dinheiro no bolso, já recobrado da magoa, quando o operario, que presenceava a scena, lhe segurou a mão.

Então tu guardas o dinheiro depois de o teres perdido, cachorro?

— E' que... balbucion o garoto, fazendo-se vermelho até ás orelhas.

— Ah! querias experimentar a sorte e não lhe soffrer os acasos!... Paga, anda, que as dividas de jogo pagam-se logo.

— Eu não queria; elles é que...

— Cala-te: tem ao menos vergonha. Es mais velho do que elles, tanto basta para que a culpa seja tua.

O pequeno entregou 40 réis a cada um com ar lastimoso. Os outros receberam o dinheiro confusos e de cabeça baixa.

— Bem, agora vae para casa. Não tens dinheiro, não tens que fazer aqui.

O pequeno, habituado a obedecer, affastou-se, rompendo n'um choro impetuoso e convulsivo. E os outros dois, que o pae levava comsigo, imitaram-n'o. O operario sorriu, hesitou, e por fim chamou:

— O' Pedro?!

O pequeno voltou. E o pae, dirigindo-se aos outros, concluiu:

— Se teem tanto desgosto dêem o dinheiro ao seu irmão.

Os pequenos, com a mesma pressa com que começaram a chorar, limparam os olhos ás mangas dos jalecos e estenderam promptamente as moedas de cobre.

— Vá. D'esta vez ficamos por aqui. Porque não me esperaram á entrada?

— O pae tinha dito que só vinha ás oito e meia, responderam os três em côro.

E affastaram-se tagarellando sorridentes, e ainda de olhos vermelhos. Minutos depois, sentados a uma mesa ao ar livre, riam como doidos, emquanto o pae, alegre como elles, batia as palmas gritando:

— Quatro farturas.

Os cosinheiros não tinham mãos a medir: lançavam a farinha e os ovos nas frigideiras, remechiam com a colher e as appeteciveis fritadas, cobertas de assucar e canella, eram rapidamente collocadas deante dos freguezes que as devoravam n'um momento, pedindo mais. Os pequenos, cubiçosos, esperavam-n'as anciosamente agitando com impaciencia os pés no ar.

CABEÇA DE TOURO

Tendo notado que o nosso povo conserva o seu tradiccional bom appetite, segui para uma barraca de sortes. Era o «Vintem das Escólas», pobre tambem de ornamentação e gosto, mas embellezada pela sublime idéa da caridade.

Vendedores ambulantes de agua fresca, moinhos de papelão e pennas, bolos e ventarolas, interceptavam de longe em longe o transito. Comecei então a reparar no aspecto geral da feira. Nos arruamentos, areados e espaçosos, notei que algumas das barracas, pelo seu cunho original, mereciam as honras da photographia; são as que illustram este artigo. E' pena que as que se distinguem sejam quasi todas de comidas.

A GRANDE RODA DE LISBOA

Na vaccaria de Flandres tomava-se neve, leite gelado e bolos, e no Cine-Pa-

lais uma variedade de quadros animados fazia as delicias do publico. A' entrada, vagarosa pelo muito povo que á porta se accumulava, um rapaz com pretensões a elegante curvava-se ao ouvido d'uma mulher loira e baixa, e murmurava muito distinctamente:

— Então a resposta á carta que hontem lhe dei no lenço?

E ella, tremula e atrapalhada, mettia-lhe a furto um papel na mão: a velhissima historia. Para estes, a Feira de Agosto será eternamente memoravel.

Quando passei deante d'uma barraca de jogo de argollas, a dona gritava furiosa que os rapazes tinham jogado e fugido sem pagar.

N'um grupo de homens que o seu desespero divertia, uma voz disse rindo:

— O mesmo que o João Franco. Fez as partidas e ainda as não pagou.

— Não é tarde ainda, respondeu outra.

Até aqui chega a politica, pensei eu.

Parei ainda em frente de varios estabelecimentos, mas sem entrar. A minha idéa a respeito da feira estava formada. Ao metter-me no carro tive a sorte de me sentar junto do velho e da rapariga que eu seguira.

ADEGA VILLAR

— Que bonito! dizia a rapariga, voltando-se para vêr, não sei se a feira, se os olhos ne-

GRUTA DOS RABANETES

gros d'um passageiro que a fitavam com insistencia. Olhe, avô, que lindo effeito faz a illuminação.

— Sim, sim, murmurou o velho sem voltar a cabeça. Parece-me que deves estar satisfeita de feira.

— Não, estou, não. Queria ir vêr a revista, tornou a rapariga com ligeiro amuo.

— Pois, minha filha, commigo não voltas cá. Tenho feira para toda a minha vida, exclamou o velho com desafogo. Que sécca!

— Não diga isso, avô; é um encanto.

Elle encolheu os hombros n'um gesto significativo.

Quando cheguei a casa os meus rapazes perguntaram-me:

— Então, minha mãe, e a feira?

— A feira...

Suspendi-me. Ia a reeditar o pessimismo do velho, que tão ridiculo e antigo me pareceu quando lh'o ouvi.

— Vocês verão quando tiverem feito os exames... Tem barracas bonitas, algumas muito originaes.

Entrei no meu quarto monologando:

— Decididamente estou velha. A feira é interessante e curiosa.

E n'esta altura a visão das Amoreiras e de Belem, que me deixaram na memoria o espectaculo inolvidavel d'um homem a engulir espadas e a escamotear as bolsas das algibeiras com pericia de gatuno, e muitas outras cousas que me pareciam phenomenaes, obrigaram-me a ser franca commigo mesma:

— Cada um é do seu tempo. A feira é magnifica para a gente de hoje, mas não para mim. Estou como o velho:

— Esta não é a feira da minha mocidade!

Maria O'Neill.

In Acternuno

A Fausto Guedes

De que te queixas, Poeta?
E o teu olhar, por que chora?
Os Homens tomam-te agora
Já como inutil profeta?

Veiu uma raça abjecta
Chamar, ouvindo-te: fóra,
Porque lhe falas na aurora,
Ou n'uma esp'rança dilecta?

Deixa-lhe o grito iracundo;
Emquanto aos centos houver
Peitos que pulsem bem fundo,

O que teu verbo disser
Ha-de escutar-se no mundo
Porque ha-de ouvil-o a Mulher...

Affonso Vargas.

CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

AGOSTO DE 1808

Dia 17

A praça de **Abrantes** cae em poder de uma multidão de povo, que se havia sublevado contra os francezes e que tem á sua frente o capitão de cavallaria Manoel de Castro Correia de Lacerda e o juiz de fóra da Certã.

Dia 18

Wellesley, tendo, durante a noite de 17 para 18, tomado uma posição obliqua em relação á que forçara na Roliça, marcha para a **Lourinhã,** a fim de approximar-se da costa e proteger o desembarque de muitas provisões e das brigadas dos generaes Ackland e Anstruther, que elle soube estarem perto da costa.

As tropas de Bernardim Freire sahem de Leiria para **Alcobaça,** a fim de se reunirem aos inglezes.

A divisão de Loison, que partiu do Cercal na vespera, chega a **Torres Vedras.** Veem muito fatigados os seus soldados, havendo alguns morrido de sêde no caminho. Diz Thièbault que cada uma das marchas maiores custou 100 homens á divisão.

D. MARIA I

A divisão do general Delaborde, que retirou da vespera da Roliça, deante das forças de Wellesley, dirige-se para **Cabeça de Montachique,** onde toma posição a fim de cobrir Lisboa. A sua artilheria vae para Torres Vedras.

As forças francezas, que sahiram de Lisboa com Junot, partem, antes da madrugada, de **Otta,** aonde chegaram na vespera muito tarde, tendo ficado á retaguarda uma parte da artilheria, etc.

Junot, cercado por alguns dos seus generaes e acompanhado por uma forte escolta de cavallaria chega a Torres Vedras ás tres horas da tarde. Todas as estradas da villa são guardadas pela cavallaria e dá-se ordem para que sejam satisfeitas immediatamente as requisições dos generos que os francezes necessitavam. Os moradores que se recusassem a isto seriam mortos e incendiar-se-lhes-hia as casas.

Wellesley occupa a posição do **Vimeiro,** que dista uma legua da bahia do Porto Novo, onde está ancorada uma fragata britannica e uns trinta transportes.

Bernardim Freire chega com ás suas tropas ás **Caldas da Rainha** e ali pernoita. Recebe uma carta de Wellesley, datada de 18, na qual se lhe

pede que vá quanto antes juntar-se ao exercito britannico.

Chamado por Junot para **Torres Vedras** chega a esta villa, com as suas tropas, o general Delaborde, que havia retirado para a Cabeça de Montachique, depois do combate da Roliça.

A columna de tropas commandada pelo conde de Castromarin chega a **Beja**, onde fica esperando as bagagens, que não tinham passado de Mertola por falta de conducções.

Dia 20

Junot, dispondo de poucos viveres para as suas tropas e receando menos as consequencias de um desastre do que as de uma victoria, que se demorasse, resolve atacar o inimigo postado na posição de Vimeiro. Manda avançar a cavallaria ás 4 horas da tarde, pelo desfiladeiro que se encontra á sahida de **Torres Vedras**. Seguem-se as duas divisões, commandadas por Delaborde e Loison, e a reserva sob as ordens de Killermam. A cavallaria é commandada pelo general Margaron. A marcha é demorada, como succede em geral quando teem de mover-se muita artilheria e carros.

O tenente general sir Henrry Burrard chega de tarde á praia da **Maceira** e Wellesley vae logo participar-lhe a intenção em que está de mandar marchar sobre Mafra uma força importante da vanguarda da força alliada, a fim de tornear, pelo lado da costa maritima, as tropas de Junot, e com o grosso do exercito seguir pela estrada d'aquella villa, e apossar-se das alturas, d'onde impedirá a marcha do inimigo para Cabeça de Montachique.

D. JOÃO VI

Este e outro plano relativo á occupação de Santarem pela divisão de reserva do commando do tenente general sir Jonh Moore, que ainda não desembarcou, não são approvados por Burrard, que até prohibe qualquer movimento offensivo antes que desembarque a divisão Moore. Wellesley volta por Vimeiro, e ali fica inactivo.

Chega a **Torres Vedras** a reserva do exercito de Junot, achando-se ali reunidas todas as tropas que o general francez havia podido reunir para oppor ás dos alliados. O duque de Abrantes manda fazer um reconhecimento para os lados do Oceano, outro em direção a Obidos e outro para as bandas de Thomar.

Desembarca junto a **Maceira** a brigada de tropas inglezas do commando do general Anstruther, da força de 2:400 homens.

Bernardim Freire, não comprindo a ordem que Wellesley lhe dera para se juntar ao exercito inglez, chega a **Obidos.** Allega que não avançou mais, porque durante a noite anterior, passada nas Caldas, houve um rebate que forçou as suas tropas a estarem sobre as armas até de madrugada, e sem poderem alimentar-se.

Produz grande alegria em **Lisboa** a noticia da derrota de Delaborde na Roliça, Para attenuar o effeito que a nova causou nos lisboetas, Lagarde, intendente geral da policia, manda affixar uma carta em que Junot lhe diz, de Torres Vedras, em 19, que as forças de Delaborde não recuaram nem um passo e que dois regimentos inglezes foram aniquilados no combate. Tenciona atacar no dia seguinte o inimigo, que está perto.

Ninguem ou quasi ninguem dá credito a taes affirmações.

Dia 21

De madrugada desembarca a brigada do ;eneral Ackland, na força de 1:750 homens, e junta-se ao exercito de Wellesley.

AGUARELLA INEDITA DO TEMPO

Pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa

Tem a seguinte epigraphe:
Introducção:

Poço do abismo aberto, infernaes Furias sahindo de dentro, conselho destas contra Portugal. Napoleão Corsego emprehendendo a conquista do Universo, cheio de vapores vaidosos. Progressos infames contra Portugal. Portuguezes continuai aestar (sic) tranquilos, ater confiança em nos. Junot. Decreto de 12 de março de 1808. Isto em bom centido (sic) Portuguez quer dizer: Noz (sic) aque viemos foi somente a matarvos, dezancarvos, roubarvos, mas isto tudo que hé para fartar o nosso desejo? Portanto estar tranquillos.

A's 8 horas da manhã as tropas britan-cas, que se acham em bivaque no monte a ste do logar de **Vimeiro** avistam forças imigas marchando em direcção ao logajo da Carrasqueira, situado a noroeste aquella povoação. A fim de as impedir de rnear as posições dos alliados, cuja força anda por 19:000 homens, o general Wellesley manda guarnecer por tropas inglezas e portuguezas uma elevação, situada para o norte de Vimeiro e que são mais accessiveis do que as encostas d'aquelle monte. A brigada portugueza, composta de 2:000 homens e commandada pelo coronel Nicolau Trant, occupa Ribamar, a oeste d'aquellas elevações. O resto das nossas forças — 290 homens de cavallaria e 210 de artilheria — acha-se com as que defendem o Vimeiro por leste e sul.

Duas columnas de infanteria franceza atacam o Vimeiro, defendido por quatro batalhões postados no alto do monte, precedidos de atiradores que se acham na base da encosta, ficando de reserva, bem abrigadas, forças das tres armas.

Chegados os assaltantes a distancia efficaz de tiro, são recebidos com descargas cerradas, e seguem-se combates corpo a corpo, em resultado do que os francezes são repllidos e teem que buscar refugio nas mattas visinhas.

A fim de soccorrer os que retiram, marcham duas columnas francezas para o Vimeiro, mas são tambem rechaçadas, entrando na lucta, por parte da defeza, os batalhões de reserva, e outra força que se encontra mais para o norte, junto de Fonte Lima. Tambem causam muitos estragos no atacante os fogos cruzados da artilheria britannica, que se serve pela primeira vez da granada com balas, ou *shrapnell*, nome do official inglez que a inventou. O combate degenera afinal n'uma lucta corpo a corpo, em que a bayoneta desempenha papel importante, e que tem como desfecho os francezes serem levados de vencida, e recuarem até ás posições d'onde tinham avançado.

Pretende a cavallaria alliada, na pequena força de 500 cavallos, perseguir o inimigo, mas frustra-lhe o intntento a cavallaria franceza, tres vezes mais numerosa. Padece muitas baixas e perde o seu commandante, o tenente coronel Taylor.

Depois do ataque á frente da posição, realisa-se outro pela esquerda, effectuado pela columna do general Brennier, que, não tendo podido passar o ribeiro de Toledo, junto ao logar d'este nome, precisa de fa-

AGUARELLA INEDITA DO TEMPO

Pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa

Tem a seguinte epigraphe:

Governo de Junot em Portugal. Decretos. Editaes inauditos do malfadado Junot, sua soberba mascarada, sua ingratidão e aleivosia. e as mais virtudes são por elle perfidamente calcadas.
Vereis com reconhecimento e com admiraçao nestas sabias disposiçóes. Junot 12 de Maio de 1808.
O mundo espantado de ouvir as barbaridades de Junot em seus Decretos e Editaes, Estas as Liçóes que tenho recebido de Napoleão. Junot 11 de Junho de 1808.

zer um rodeio, indo até ao logar da Ventosa, situada a uns dois kilometros e meio para o noroeste do Vimeiro. No entretanto uma outra columna, commandada pelo general Solignac, tendo atacado de frente a mesma posição, é repellida, perdendo tres peças de artilheria. Sorte egual tem a co-

lumna de Brennier, á qual os defensores op- põem cinco batalhões, que se batem com tod a energia, e a que vão juntar-se quatro ba- talhões portuguezes e dois inglezes, não che- gando porém a combater porque os atacan- tes fogem precipitadamente par os lados de Pragança.

Ao meio dia, Junot ordena a retirada geral, para Torres Vedras, tendo o seu exercito perdido uns 1:800 homens, dos quae 1:000 foram mortos ou cahiram prisioneiros; 13 peças de artilheria, muitos carros de munições as bagagens.

Entre os prisioneiros está general Brennier, que tinha sid ferido durante a refrega.

Os alliados, pela sua parte, s perderam 720 homens dos 13:00 que combateram contra os 10:00 de Junot, havendo-se tornad desnecessario o concurso d 6:000 restantes, em virtude da optimas condições da posição, e que Wellesley collocara o se exercito e que Thièbault quali fica de «formidavel» no seu livr *Rélation de l'expédition du Portugal.*

As forças portuguezas presen tes na **batalha do Vimeiro** sã as mesmas que estiveram na Ro liça, com excepção de 7 praça que tinha a menos o batalhão d caçadores n.º 6: ao todo 2:58 homens. Tiveram 2 soldados mor tos e 7 feridos.

Esta batalha, além de ter dad em resultado a evacuação de Portugal pelo exercito de Junot, con correu grandemente para affir mar o prestigio das tropas bri tannicas, que se achavam des conceituadas em virtude dos mui tos e importantes desastres qu os francezes lhes tinham infligid em campanhas anteriores.

O tenente general Sir Harry Burrar entrega a Sir Arthur Wellesley o comman das tropas britannicas, que acabavam ganhar a batalha do **Vimeiro.** Levado pe sua excessiva prudencia, Burrard contrar

os planos das operações com que o seu antecessor pretendia tirar resultado da victoria. Nem consente que as brigadas que não tinham combatido vão atacar os francezes, no intento de repellil-os para o lado do Tejo, nem que os generaes Hili, Austrulher e Fane se apossem dos desfiladeiros de Torres Vedras, d'onde se estendariam até Cabeça de Montachique, podendo cortar a retirada de Junot para Lisboa, e chegar a esta cidade primeiro que os francezes. Burrard tambem obsta a que o general Fergusson continue a perseguir os inimigos, e resolve manter-se na posição do Vimeiro á espera de que desembarquem as tropas commandadas por Sir John Moore.

Se tivessem prevalecido as idéas de Wellesley sobre as d'este general, que, pelo facto de ser mais antigo, dispoz do exercito que o outro levara pouco antes á victoria. Junot não poderia de certo alcançar as condições com que foi feita a chamada *Convenção de Cintra*, tão favoravel para os francezes e tão desastrosa para Portugal.

Dia 22

Junot convoca em **Torres Vedras** os generaes Delabord, Loison, Kellermann, Thiebault, Taviel e o coronel de engenheiros Vincent afim de examinarem a situação em que se acha o seu exercito. Tendo-se reconhecido que é impossivel aos francezes manterem-se perto de Lisboa, em cuja posse já teem diminuta confiança, e que não póde tentar-se a retirada atravez de Hespanha, onde lavra a sublevação, e attendendo-se á falta de viveres e ao pequeno effectivo, resolve-se tentar fazer uma negociação com o inimigo, mas em condições honrosas, pois de contrario os soldados napoleonicos deixar-se-hão sepultar sob as ruinas da capital portugueza.

Ao general Kellermann dicta Junot os artigos do projecto da suspensão de hostilidades e da evacuação. Aquelle official é encarregado de ir ao quartel general inglez, sob o pretexto de uma conferencia relativa aos feridos e aos prisioneiros, sondar o terreno e vêr o que os francezes podem esperar o derradeiro meio de que ainda se pode lançar mão para salvar o seu exercito.

AGUARELLA INEDITA DO TEMPO

Pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa

Tem a seguinte epigraphe:

Saque de 40 milhões de cruzados Junot, o perfido Junot em consequencia dos muitos obsequios que voluntariamente lhe fizerão em Portugal, dignouce (sic) de atormentar os Portuguezes com o tributo de 40 milhões de cruzados.
Napoleão o Grande tomou debaicho (sic) da sua omnipotente protecção: aos Portuguezes.
Edital 4 de Fevereiro de 1808. Este beneficio devemos a actividade e boa direcção do general em chefe. Past. do Bispo Inquizidor — 22 de Dezembro de 1807.

O tenente general Sir Hew Dalrymple, que tinha sahido de Gibraltar a 13, e que se avistara a 19, na foz do Tejo, com o almirante Cocton, desembarca de manhã na

Maceira e dirige-se logo para o Vimeiro, onde toma o commando. E' o terceiro commandante que tem o exercito britannico no curto praso de dois dias.

Depois de breve conferencia com os seus predecessores Burrard e Wellesley, decide Dalrymple que o exercito avance na manhã do dia seguinte, e que se convide Bernardim Freire a ir com as tropas portuguezas tomar pela retaguarda o inimigo. E' n'esta occasião que chega, como parlamentario, ao quartel general britannico, o general Kellermann, enviado pelo commandante do exercito francez.

M. A.

O MISERO

Ao Aniceto de Medeiros

Vendo-o passar assim pobre coitado,
Por estas ruas da cidade inteira,
Dirão os máos «é pobre e relaxado»
Quando a sorte é que o faz d'essa maneira.

Lá vai sósinho, triste e desoládo,
Querendo-se suster na ribanceira,
Com o coração de mágoa entrecortado,
Talvez—quem sabe?—por cruel canceira.

Vai vagando sósinho e pede esmóla;
Uns lh'a dão, outros negam e vão seguindo,
A caridade é só quem o consóla.

Todos o chamam e dizem-lhe chalaça,
E o misero, coitado, vai sorrindo
Porque é mui fraco e vive na desgraça.

Brazil. *Pedro Pessôa.*

PANORAMA DA EXPOSIÇÃO

O Brasil e a sua Exposição

stá aberta a Exposição Nacional do Brasil.

A grande república sul-americana comprova brilhantemente o inquestionável direito, com que nos modernos tempos se agrupou ás nações mais cultas, mais ricas e mais prósperas do globo.

Além de tudo, a Exposição Brasileira tem um benéfico e extraordinário alcance, que talvez não fôsse antevisto nem entrevisto por todos: unificar e concentrar esforços que a politica separara, e acumulá-los, no engrandecimento e lustre do espirito nacional.

Com efeito, a federação dos Estados, de par com as inequivocas vantagens, inerentes á mais longa e democrática descentralização da vida administrativa, criara atritos e rivalidades, que alguma vez reverteram em luta aberta entre vizinhos, e se em pleitearem fronteiras, como entre povos estranhos.

Chamados todos os Estados a um grande certame nacional, acendem-se proficuos estimulos e nobres emulações, que nada têm já de rivalidades hostis.

Bastariam estes frutos morais do grandioso empreendimento do sr. Calmon, para que na biografia do jovem e talentoso Ministro das Obras Públicas avultasse luminosamente o inestimável serviço, por êle prestado aos mais elevados interesses da sua pátria.

*

Todo o mundo vai ter a demonstração palpável das variadas riquezas do solo brasileiro, de um prodigioso desenvolvimento das industrias, de uma pasmosa e multíplice actividade mental e muscular.

Desde a exuberante flora amazónica até os fertilissimos campos riograndenses, em que pompeiam os guascas e esplendem as mais formosas mulheres, agita-se a alma nacional, vibrando num só impulso de festa, de grandeza, de progresso. A grande Fábrica de Bangu e outras vão atestar que não temem confronto com os mais perfeitos e produtivos maquinismos de Manchester. Os la-

EXPOSIÇÃO E A BAHIA DO BO

Os palacios e os pavilhões da Exposição

cticinios do sul, os artefactos, a cerâmica, o mobiliário da maior parte dos Estados da federação brasileira, vão conspirar bizarramente para a triunfal apoteose do trabalho nacional.

•

E' nacional a Exposição. Mas, na presidencia da república está alguem, sincera-

TIRADA DO PÃO DE ASSUCAR

Bahia do Botafogo

mente devotado á nacionalidade portuguesa; e no Ministério dos Negócios Estrangeiros está e estará uma poderosa individualidade, o Barão de Rio Branco, cuja vista se estende muito além das fronteiras da nação. Um e outro, certamente secundados pelos demais representantes da governação, viram quanto sería proficuo e simpático associar o nome

de Portugal á sua grandiosa festa; aliaram á bizarria o senso prático, e brindaram expositores portugueses com um formoso e vasto pavilhão, em que a indústria, a arte e a natureza da velha nação europeia não ofuscarão decerto a natureza, a arte e a indústria da grande e jovem república americana, mas em que todos, e especialmente a colónia portuguesa, verão que a velhice nem sempre é doença, e que o velho Portugal se impõi ao amôr de seus filhos e á respeitosa consideração de estranhos.

A participação de Portugal na Exposição brasileira é, sem contestação, mais um poderoso vínculo entre as duas nações, e entre o passado delas e o seu futuro.

AVENIDA CENTRAL DA EXPOSIÇÃO, ANTES DO FIM DOS TRABALHOS

Os bons brasileiros e os melhores portugueses não perderão ensejo de estreitar esse vínculo. Vai nisso o interesse comum e o religioso respeito de tradições gloriosas. E' ver, por exemplo, como na recepção do cruzador português *Dona Amélia* em aguas do Brasil, a alma dos dois novos irmãos se fundou em explosões de carinhosa fraternidade.

Faz bem a corações patrióticos este reavivar de antigas e profundas cordialidades:

On révient toujours
A ses premiers amours...

*

A Exposição Nacional de 1908 significa muito, e muito vale, mas é feita, como todas as exposições, para os olhos de quem a visita; incompleta portanto para a mais larga compreensão do Brazil moderno, porque a grandissima maioria da humanidade que pensa ou estuda não vai á Praça Vermelha, não percorre as opulentas secções do gigânteo mostruário.

Mas há outra exposição, uma exposição permanente e progressiva, que faculta a todo mundo a inspecção nítida do enorme desenvolvimento intelectual e moral do Brasil contemporâneo.

Esta exposição chama-se imprensa Por ela vemos que ás naturaes riquezas da República correspondem os mais amplos melhoramentos materiais, retalhando-se o solo com estradas de ferro, abrindo-se extensas praças e avenidas nos principais povoados, convertendo-se modestas aldeolas em vilas e cidades, saneando-se regiões pantanosas, multiplicando-se comunicações terrestres e maritimas; como vemos o brilhante renascimento literário, cientifico e artístico daquela simpática e vigorosa nação.

Fagundes Varela e Casimiro de Abreu, valendo muito, foram todavia meros pre-

A EXPOSIÇÃO NA FALDA DO PÃO DE ASSUCAR

cursores de Machado de Assis, de Olavo Bilac, de Raimundo Correia, e de outros, que elevaram a poesia brasileira a defrontar-se com a poesia de Hugo, de Esponceda, de Byron, de Carducci.

O romance brasileiro, desde a *Iracema* de Alencar até o *Brás Cubas* de Machado de Assis, o *Sertão* de Coelho Neto, e tantos outros, acusa a revivescência do génio nacional e o conjúgio abençoado das tradições regionalistas com pujança a exuberante e cálida da natureza tropical.

Se passarmos do amplo e viçoso dominio das belas-letras para a região serena e grave das sciéncias morais e sociais, avulta logo ao nosso espirito a figura de Tobias Barreto, o

filósofo da Escada, como lá lhe chamaram, a poderosa intelectualidade talvez, que mais influência tem exercido nas pugnas do pensamento em terras do Brasil. Logo depois dêle, Silvio Romero.

Ao lado do vulto prestigioso de Capistrano de Abreu, a quem a história deve substanciosos e largos trabalhos, que conquistaram a veneração de todos, muitos outros humanistas têm ali aprofundado escrupulosamente a linguistica, como Sotero dos Reis, Julio Ribeiro, Lameira de Andrade, Carneiro Ribeiro, Pacheco Junier, Carlos de Laet, Heráclito Graça, João Ribeiro, Rui Barbosa...

Mas Rui Barbosa não é simplesmente o mais exemplar prosador do Brasil, o prodigioso portugesista, cuja *Réplica* aos defensores da redacção do projecto de um *Código Civil* é um assombro de erudição e de segurança critica: é tambem um admirável orador parlamentar e talvez o primeiro jurisconsulto da sua pátria. Não obstante, outros respeitados jurisconsultos têm ennobrecido o Brasil, desde Teixeira de Freitas a Clovis Bevilaqua.

Sôbre critica literária, bastará citar-se o nome de José Verissimo, do ponderado publicista que, pelo menos quando se não ocupa de coisas portuguesas, floreia a pena com destreza rara e lavra sentenças, de que não há apelação.

Também as ciencias naturais tem frutificado em terras de Santa Cruz. Depois que Humboldt e Agassiz revelaram ao mundo a incomensurável riqueza da sua fauna e da sua flora, o Brasil intelectual proseguiu na acumulação dos seus tesoiros cientificos; e, com a efectiva cooporação de sábios estrangeiros, como Goeldi e Huber, ergueram-se riquissimos museus de história natural, como o *Museu Paraense,* e as escolas superiores curaram de insinuar no moderno espirito do Brasil as mais novas e prestimosas conquistas de ciencia.

Dotado de viva crença nos seus progredimentos e laborioso por indole, o povo brasileiro conta, em regiões diversa, robustas agremiações literárias e cientificas, que devotadamente se desobrigam da sua missão, acompanhando, sem vacilar, os mais largos passos da literatura, das ciencias e das artes: a *Academia de Letras,* do Rio; o *Grémio Literário,* do Pará; o *Centro de Ciencias,* de Campinas; etc.

Não póde nem deve dissimular-se que no engrandecimento e civilização do povo brasileiro, tem nobremente cooperado a imprensa periódica, de que há por toda a parte numerosos e respeitados órgãos. Na capital federal, o *Jornal do Commercio,* por exemplo, a mais importante publicação periódica da América do Sul, sem exceptuar a grande *Prensa* argentina, bem póde, pelas suas dimensões, pelo seu prestigio e pelos interesses que representa, chamar-se o *Times* brasileiro. E num dos Estados vizinhos, em S. Paulo, outro grande jornal, poderoso e de larga clientela, o *Estado de S. Paulo,* é para os Estados do Sul o que o *Jornal do Comércio* é para os Estados do Centro e do Norte.

*

Esta sucinta exposição de factos e personalidades não se inaugurou agora: está aberta há anos e não se encerrará. Todos nós a visitamos, em espirito ao menos. Não se acompanha de ceremónias inaugurais nem de discursos apologéticos, mas é mais grandiosa ainda que a outra, e ambas elas, sendo legitimo orgulho da gente brasileira, constituem, ao mesmo tempo, legitima ufania de Portugueses, visto que o Brasil é mais do que irmão de Portugal: é seu filho, e não deve haver pais que se não envaidem com os triunfos da sua prole.

Mas Portugal e o Brasil não estão próximos: separa-os a enormidade do Atlantico, e nem neste caso a sabedoria das nações terá faltado á verdade: longe da vista...

Mas de longe se faz perto, — diz a mesma sabedoria. A questão é de vontade e amor.

Ora, o amor não se extinguiu, antes parece e deve activar-se entre os que demoram aquém do Atlantico e os que além do Oceano se fixaram e propagaram, constituindo nova vida, e sociedade nova.

E a vontade naturalmente deriva, não simplesmente dêsse amor, senão tambem dos legitimos e reciprocos interesses, que a aproximação dos dois povos estimula e desenvolve.

Ora, querer é poder; e os meios promotores de uma progressiva aproximação não são mistério para ninguem, e podem provavelmente cifrar-se em três: tornar frequente e cómmoda a comunicação dos portos das duas nações; multiplicar e facilitar entre

EDIFICIO DA SECÇÃO PORTUGUÊSA NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO
(Composição de R. Christino)

elas a permuta das suas mais valiosas producções naturais; e robustecer a comunhão espiritual dos seus letrados, artistas e cientistas.

Quanto ao primeiro e ao segundo dos indicados meios, claro é que êles dependem maximamente do patriotismo e critério dos respectivos governos, e da acção insistente da impreesa periódica. O terceiro, êsse está na consciencia geral, e só falta que um ou outro preconceito insulado lhe desatravanque plenamente a estrada.

A secção portuguesa da Exposição Nacional do Brasil é já, incontestavelmente, um grande e brilhante passo para a mais estreita vinculação espiritual das duas nações. Mas há muito ainda a pôr em obra. Sobretudo as relações literárias ainda enfermam de uma froixidão, que mais procede da incúria e imprevidencia governamentais, que do desconhecimento do mal e da má vontade dos que tressùam na cultura das letras, das ciencias e das artes.

Geralmente, os livros portugueses logram no Brasil acolhida cativante e carinhosa; mas os livros brasileiros aparecem escassamente em Portugal o só se obtêm por preços que, em relação ao mercado português, se podem considerar fabulosos. Porquê? Por motivos que, de há muito, deveriam ter deixado de subsistir: a pauta aduaneira portuguêsa, cujas disposições, quase proibitivas a respeito de livros, deviam ter cedido ao mais trivial senso prático; e a carestia editoral dos livros brasileiros. Mas aos mais falados escritores do Brasil não faltarão nunca editores portugueses; os proprios editores brasileiros poderiam fruir a nossa relativa economia tipográfica; e os autores que, por sua conta, podem publicar livros no Brasil, mais facilmente os publicariam em Portugal.

PAVILHÃO DA IMPRENSA NA EXPOSIÇÃO

O que parece inadiável é que se estude e se resolva o problema de se difundirem os livros brasileiros em Portugal, por preços que não excedam sensivelmente os dos livros portugueses.

Em Portugal, não é dos ricos a maioria dos que lêem e, conseguintemente, não se vulgarizam obras, que excedam as condições gerais do mercado nacional.

Vejam a situação os que podem e devem vê-la, e creiam que, nas actuais condições, a confraternização literária e cientifica dos dois povos pouco mais é que um generoso ideal, alimentado por todos os espiri-

tos claros, alheios a preconceitos e possuidos da nobre ambição de se estreitarem intimamente os laços espirituais de dois povos, que falam a mesma lingua e procedem do mesmo tronco.

Seja a Exposição Nacional o alvorecer de novos tempos, em que o Brasil e Portugal, independentes na sua vida politica e administrativa, se estendam as mãos através do Oceano, no íntimo contacto dos seus mais caros interesses morais e intelectuais, e na estreita correlação dos seus interesses económicos.

Lisboa — Setembro de 1908.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

Sempre juntos

Não sentiu nenhum d'elles a amargura
De ver partir o companheiro amado;
Eil-os ainda e sempre lado a lado,
E juntos vão baixar á sepultura.

Viver d'uma affeição firme e segura:
Em que um primeiro amor foi transformado,
E, tendo a longa estrada assim trilhado,
Parar ao mesmo tempo... que ventura!

Saem mortos os dois da mesma egreja
D'onde noivos sahiram n'outro dia,
E como do passado um resto adeja,

Treme o corpo do velho de alegria,
Por ter n'um leito, embora frio seja,
— A noiva d'outro tempo, embora fria!

Celestino Soares.

NO VIMEIRO
Chegada de El-Rei D. Manuel

NO VIMEIRO

Se a recordação do passado nos confrange por vezes dolorosamente o coração, ha outras em que a contemplação das glorias que o esmaltam nos faz estremecer de enthusiastico jubilo, chamando-nos aos olhos as lagrimas e um brado altivo aos labios.

A vida das nações, como a dos individuos, é tecida de risos e prantos, de revezes e fortuna, que é conveniente avivar na memoria das gerações presentes para que de tudo tirem proveitosa lição.

N'este pensamento se effectuou o primeiro acto official da commemoração centenaria da Guerra Peninsular.

EM TORRES VEDRAS
Representantes da «Associaçao de Soccorros Mutuos 24 de julho de 1884», esperando El-Rei D. Manuel

Consistiu elle na inauguração de um padrão no logar do Vimeiro no

EM TORRES VEDRAS
Ornamentaçao da rua Paiva de Andrada

dia 21 de agosto, anniversario do combate alli ferido em 1808, entre as tropas anglo-portuguesas sob o commando superior de sir Arthur Wellesley, mais tarde duque de Wellington e as francezas dirigidas pelo proprio Junot, commandante em chefe do exercito invasor.

Occupava o general inglez, com aquella habilidade que em toda a sua vida militar o destinguiu na escolha das linhas defensivas, as alturas á frente do Vimeiro, e alli aguardou as forças francezas que a esse tempo se concentravam em Torres Vedras.

Com aquelle impeto e galhardia que o soldado francez, habituado á victoria, punha sempre no ataque, assaltou Junot com as suas forças as magnificas posições onde o exercito alliado lhe offerecia uma impenetravel barreira de aço.

E toda a bravura, todos os esforços do exercito francez, foram alli quebrar-se como as vagas alterosas se quebram e desfazem nos alcantis das ribas!

Depois de duas horas de fogo, o general francez, ordenava a retirada em direcção a Torres Vedras. O que essa retirada seria para o orgulhoso general de Napoleão é facil de suppor.

Que amargura não avassalaria a sua alma ao deduzir as inevitaveis consequencias de tão curto quão decisivo combate!

Elle, que pozera olhos audaciosos na corôa de Portugal, via assim desfeito o seu ambicioso sonho, e comprehendia nitidamente que o poder do

NO VIMEIRO
Um aspecto da multidão

seu imperador acabava de ser profundamente attingido.

Nove dias depois assignava-se a convenção de Cintra, e por ella libertava-se o territorio nacional da primeira invasão.

A solemnisação d'este glorioso combate, mais que merecida pela influencia que exerceu na independencia da patria, foi uma festa brilhante a que concorreram S. M. El-Rei, representantes do exercito, do elemento official, da imprensa, e grande multidão de povo.

NO VIMEIRO

Uma manifestação de senhoras a El-Rei D. Manuel, quando se dirigia para o local do monumento para proceder a sua inauguração.

NO VIMEIRO

O pavilhão onde a camara da Lourinhã deu as boas-vindas a El-Rei D. Manuel

NO VIMEIRO

O padrão commemorativo da batalha antes da inauguração

O local escolhido para a collocação do padrão foi o proprio sitio onde se feriu o combate, no qual se achavam bivacados, desde 19, um esquadrão de lanceiros, outro da guarda municipal, uma bateria de artilheria e uma companhia de caçadores.

O padrão commemorativo, que é simples mas elegante, ostenta em la-

pide de marmore a seguinte inscripção:

«*A Expedição Britannica sob o commando do general Wellesley, tendo desembarcado em Lavos e reunido a si tropas portuguesas, marchou sobre Lisbôa, bateu as avançadas inimigas na Roliça, e, sendo atacada pelo exercito do commando de Junot, n'estes sitios do Vimeiro alcançou sobre elle uma gloriosa victoria.*»

Uma nota curiosa: a mesa em que se assignou o auto da inauguração do padrão, é a mesma em que no dia 23 de agosto de 1808, se firmou o ar-

NO VIMEIRO
O padrão, depois de descoberta a lapide

NO VIMEIRO
Retirada de El-Rei D. Manuel

EM TORRES VEDRAS
El-Rei D. Manuel e comitiva a caminho da egreja da Graça, depois do que regressa a Lisboa

misticio que precedeu a convenção de Cintra.

El-Rei aproveitou a ida ao Vimeiro para visitar a villa de Torres Vedras, de tão gloriosas tradições, e o enthusiastico modo porque Sua Majestade foi recebido, demonstra que o dia 21 de agosto de 1908 será por mais de um motivo, gostosamente lembrado pelo povo d'aquella villa e arredores.

A festa de 15 de setembro

DE 1908

N'ESTE dia, em que se cumpriram cem annos que em Lisboa foi restaurado o governo nacional depois de vencido Junot, propoz a commissão official do primeiro centenario da Guerra Peninsular, e o governo approvou, que n'uma praça da capital fôsse lançada a primeira pedra de um monumento em honra do povo que tão heroicamente se levantou contra o dominio francez, e dos soldados que por dilatado periodo luctaram contra os guerreiros de Napoleão e os venceram em innumeras batalhas e combates.

Foi para isso escolhida a praça que pelo lado meridional termina o Campo Grande, e ali se construiu um pavilhão com duas tribunas lateraes, destinadas ás pessoas que assistissem á ceremonia.

Realisou-se esta n'um bello dia de verão, alumiado por um sol esplendido, que espargia ondas de luz atravez da limpida atmosphera. Na vespera pairara uma grande trovoada sobre Lisboa e chovera abundantemente, do que resultou a frescura do tempo e a ausencia da poeira.

Parecia, pois, que a população lisbonense deveria accudir em massa a presencear a ceremonia, que ia ser realçada pela presença do chefe do Estado e dos altos funccionarios da governação, e pelo concurso das tropas da guarnição da capital, que desfilariam, depois do lançamento da pedra e de serem distribuidas a contingentes dos regimentos de infantaria n.os 9, 11, 21 e 23, bandeiras condecoradas com a lengenda camoneana:

«E julgareis qual é mais excellente
Se ser do mundo rei, se de tal gente»

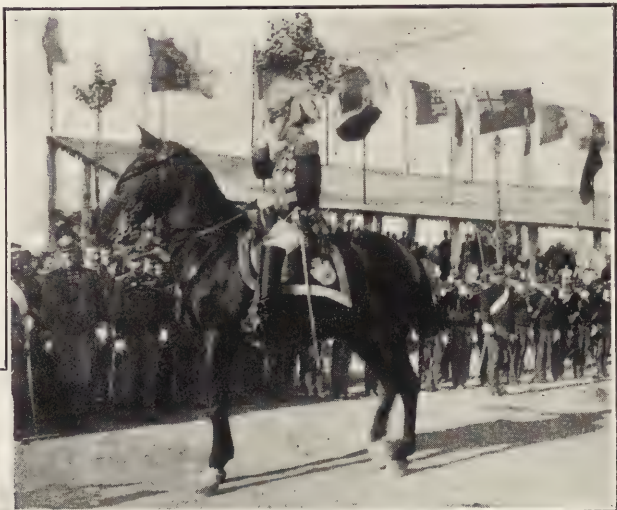
com que fôram honrados, pelo decreto publicado na ordem do dia 13 de março de 1814, os corpos que tinham então aquelles numeros, como premio do seu valor e glorioso comportamento na batalha de Victoria, dada a 21 de junho do precedente anno, tendo-se as inscripções mantido nas bandeiras emquanto existiu vivo, em cada uma das unidades, algum

EL-REI D. MANUEL
NA CEREMONIA DA COLLOCAÇÃO DA PRIMEIRA PEDRA

official, sargento ou soldado que tivesse tomado parte na grande e cruenta batalha (1).

Esta distribuição, feita directamente pelo joven monarcha aos coroneis dos quatro regimentos, concorria tambem, por certo, para tornar a ceremonia do dia 15 mais solemne e attrahente.

Pois nem assim os lisboetas se resolveram a concorrer em numero extraordinario ao local indicado. Nem era enorme a turba que se espalhava pela praça e arterias circumvisinhas, nem ao menos se encheram os logares d'onde os espectadores poderiam gosar commodamente a festa, chegando até a concorrencia na tribuna da direita a ser tão diminuta que não ia além de quarenta ou cincoenta pessoas, quando havia cadeiras para trezentas.

Vimos o facto e pensámos no que foi o enthusiasmo do povo de Lisboa quando, acabada a Guerra Peninsular, o nosso exercito, depois de atravessar uma parte do sul da França e a Hespanha, recolheu ao seu paiz, que não só livrara do flagello da invasão, tres vezes repetido, mas cobrira de gloria evidenciando nos campos de batalha as qualidades de valentia, arrojo e abnegação que fazem do

EL-REI PASSANDO REVISTA A'S TROPAS

DESFILE DAS TROPAS EM FRENTE DE EL-REI

O PAVILHÃO REAL E AS TRIBUNAS

(1) E' curioso que o decreto de 1814 deturpasse ambos os versos de Camões, tornando côxo o primeiro, e introduzindo no segundo um hiato detestavel. Eis a versão official do tempo:

«Julgareis qual é mais excellente
Se ser do mundo rei ou de tal gente».

soldado portuguez um dos primeiros do mundo.

Lembrámo-nos d'aquelles dezoito arcos de triumpho levantados desde Arroyos até Alcantara, enramados de louro e murta e ornados de disticos em que a musa de José Daniel — tão pouco inspirada, valha a verdade — quizera prestar uma grandiosa homenagem aos heroes que por debaixo d'elles iam passar.

Disseram mais do que os pobres versos, e os tropheus e bandeiras que brilhavam por todos os lados, os vivas estrepitosos do povo, tão numeroso em todo o longo percurso que mal deixava passar os admiraveis soldados, cujo procedimento fôra elogiado pelos proprios inimigos.

Mais disseram ainda os abraços e as lagrimas de alegria que os acolhiam a cada instante, embora uma vez ou outra se misturassem com os prantos doloridos de quem perdera na guerra um pae, um filho, um irmão, e que não tinha força de animo sufficiente para suffocar a propria dôr em holocausto á patria, n'esse dia ovante e jubilosa.

E aquelle povo tinha ido em chusma até á estrada de Sacavem esperar os salvadores do paiz, que, abandonado do principe e de tantos representantes da nobreza, lograra sósinho, pelo seu proprio esforço, realisar aquella obra grandiosa. Via passar as bandeiras esfarrapadas, crivadas pelas balas e pela metralha, chamuscadas pela polvora, desbotadas pela chuva, pela neve, pelas soalheiras, e sentia nos olhos a borbulharem as lagrimas e no peito o coração a bater de reconhecimento pelos soldados em cujos rostos emaciados se denunciavam tão claramente, como na seda dos estandartes, as canceiras e as fadigas da temerosa lucta. E nenhum deixaria de experimentar, conjuntamente com a gratidão, a magoa de não ser tambem praça de cavallaria 1 ou de cavallaria 4, de artilheria 1, de infanteria 1, 4, 13 ou 16, como eram aquelles veteranos de cara denegrida e escaveirada, que havia quatro annos, tinham ouvido pela primeira vez sibilar as balas por entre os alcantis do Bussaco.

Não rememoramos estes factos por julgar que a apotheose de agora pudesse parecer-se, nem de longe, com a realisada pelos contemporaneos dos heroes; mas sim para dizer que menos indifferente se deveria ter mostrado a população da capital perante a consagração dos altos feitos do povo portuguez rebelado contra o jugo napoleonico, e das tropas que Beresford organisou, instruiu e disciplinou e que foram o principal factor das victorias alcançadas pelos alliados sobre as hostes do improvisado imperador dos francezes.

Este dever civico pode a imprensa ensinar-lh'o, e a todo o nosso povo, se tomar a peito uma tal missão, que até agora não cumpriu completamente, talvez porque a estreiteza do tempo lh'o não tem permittido.

Só assim a projectada commemoração, para 1910, da batalha do Bussaco — o maior feito de armas da Guerra da Peninsula realisado em territorio portuguez — attingirá as desejaveis proporções de uma grande festividade nacional, em vez de ser apenas uma solemnidade official, muito regrada e correcta sem duvida, mas despida do enthusiasmo e commoção que assignalaram a apotheose de 1880, ao immortal cantor das glorias da patria.

Grandes topicos

França e Allemanha

As possibilidades de uma nova guerra entre a França e a Allemanha constituem sempre um dos pontos da politica internacional. Parece-nos, por isso, interessante reproduzir aqui o que ácêrca do assumpto um alto personagem allemão declarou ultimamente a um jornalista francez que a proposito o intrevistou:

«Para vencer os francezes, os allemães contam muito

1.º Com as dissensões religiosas e politicas da França.

2.º Com o anti-militarismo.

O SUCCESSOR DE ROOSEVELT

Taft (de Fausto) offerecendo o coração á America para que o guarde para sempre.
Mephisto (o Presidente) observa que ninguem dá importancia ao diabo antes de lhe cahir nas unhas.

Do «*Nebelspalter*»

3.º Com a confederação geral do trabalho que, no momento da guerra, proporá a gréve geral e a gréve do soldado.

4.º Com a decadencia physica e moral dos francezes.

ZOOLOGIA EUROPÉA

Quando o leão britannico e o urso russo estão amigos, qual é a ovelha que póde contar com paz?

Do «*Humoristiche Blätter*»

5.º Com a desorganisação do seu exercito e da sua marinha.

6.º Com os seus professores que são, na maioria, pacifistas.

7.º Com a revolta dos indigenas das suas colonias que em caso de necessidade se provocará, na Argelia, no Sudão, na Indo-China, etc., assim como se procurará incitar revoluções na Russia, na India, etc.

A Allemanha conta conquistar á Russia as provincias do Baltico.»

Isto, porém, é o anverso da medalha. Vamos agora ao reverso segundo o mesmo alto personagem allemão:

«Em caso de guerra com a França, a Allemanha tem que contar tambem com o grande numero de dificuldades e perigos. Eil-os:

1.º O bloqueio do mar do Norte pelas ecquadras franceza e ingleza.

2.º A intervenção da Dinamarca, que exigiria a observação d'este paiz por um corpo de exercito.

3.º Uma dupla revolta na Polonia prussiana e na Alsacia-Lorena.

4.º Uma guerra que pode durar seis mezes; e, por consequencia, uma guerra defensiva da parte da França na sua fronteira leste.

NOVO CHAPÉO PARA OS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA

E' assim que Guilherme da Allemanha sonha com elle. Repare-se na «cocarde».

Do «*Kladderadatsch*»

5.º A entrada em acção d'um exercito inglez de 120.000 homens, commandado pelo general French.

6.º Um ataque por parte de um exercito de 250.000 russos, contra a Prussia. A Allemanha limitar-se-ia a manter-se na defensiva, com três corpos do exercito.

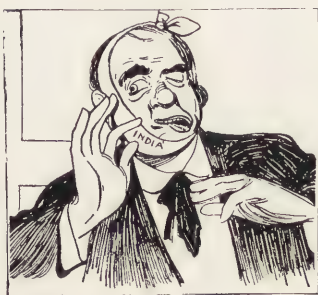
UM TENTO A ALLEMANHA!

O KAISER — *A Inglaterra que mobilise a vontade as suas esquadras, que nós podemos atirar ao ar as nossas aeronaves!*

Do «*Pasquino*»

7.º A fraca intervenção da Italia no conflicto.

8.º Uma revolta na nossa colonia do Oeste Africano.»

Com tudo isto conta a Allemanha. Mas tem tambem de contar com o imprevisto e este é quasi sempre n'estes casos o factor mais importante.

A BOCHECHA INCHADA DE JOHN BULL

Do «*Fischietto*»

EXAGERO ALLEMÃO

EDUARDO VII — *Meu caro Presidente, parece-me que ainda se podem apertar mais os laços que nos unem.*

Do «*Ulk*»

Questão marroquina

PERANTE o novo aspecto tomado pela questão marroquina, em virtude dos ultimos acontecimentos a Europa sobresaltou-se: nenhum d'elles tinha sido previsto na conferencia de Algeciras. O papel da França e da Hespanha, encarregadas da execução do que n'esse congresso se resolvera, tinha fatalmente de soffrer profundas modificações.

O SCHAH E O SEU PARLAMENTO

«E agora dou-lhes licença que se reunam!»

De «*Le Rise*»

Restava definir a atitude que ellas tomariam perante Muley Hafid. A França e a Hespanha, ás quaes naturalmente competia determinal-o, fizeram-o em uma nota dirigida ás outras potencias, e cuja sumula é o seguinte:

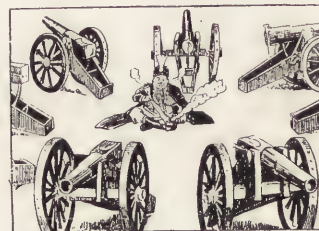
A França espera que Muley Hafid notifique a sua ascenção ao throno ao corpo diplomatico acreditado em Tanger ou ás legações franceza e hespanhola n'essa cidade. A França está prompta a reconhece-lo, se elle offerecer certas garantias, mas deseja que sobre estas, todas as potencias signatarias da acta de Algeciras cheguem a um accôrdo. Entre ellas, figuram: a aceitação da acta de Algeciras e dos tratados existentes entre Marrocos e os paizes estrangeiros, e um tratamento condigno a Abd el-Aziz.

CERRO A ALLEMANHA!

A NOVA TRIPLICE — *Assim, assim. Já fica menos alto o espantalho.*

Do «*Nebelspalter*»

Independentemente, a França exigirá mais o pagamento das despezas militares accasionadas pelos tumultos nos portos marroquinos.

No momento em que escrevemos, não nos e dado saber ainda como as potencias reconhecerão essa proposta. Espera-se, contudo que a aceitem.

NA PERSIA

Só um tolo dirá que este nobre Schah não percebe o valor de uma constituição.

Do «*Ulk*»

Vida na sciencia

Arsenico no vinho

Mr. Careneuve denuncia o perigo que pode resultar do tratamento das vinhas com compostos de arsenico. Colligiu as analyses de uma serie de vinhos vindos da Argelia, alguns dos quaes provinham de vinhas tratadas pelo arsenico. Mostravam estes a presença do arsenico em quantidade variavel de um decimilligramma por litro até vestigios. N'um caso em que o consumo do vinho produzira graves resultados, mostrou a analyse a existencia de 8 milligrammas do veneno por litro; mas é de suppôr que n'este caso o excesso provinha de qualquer substancia com que o vinho fora adulterado. Borras de vinho seccas produziram um decimiligramma por 100 grammas.

Novo telantographo

O aparelho inventado pelo allemão Grzanna, representa um enorme progresso na telantographia. Pode adaptar-se ás linhas telephonicas. O aparelho transmissor e receptor é relativamente pequeno, pesa apenas uns 8 kilos e o seu custo é modico.

NOVO TELANTOGRAPHO

O lapis do transmissor, que escreve ou desenha, tem dois circuitos electricos, para os movimentos horisontal e vertical. Apenas se pega n'elle, accende-se uma pequena lampada electrica na caixa do receptor, cuja luz é conduzida a um prisma, do qual é reflectida por dois aspelhinhos moveis, que transmittem os dois movimentos. O raio de luz traça esses movimentos n'uma folha de papel sensibilisado. Ao depôr o lapis, apaga-se a lampada, e um electro-motor impelle a pellicula para o banho revelador. Em dez segundos é visivel o despacho. Logo se apresta nova pellicula para receber a impressão do despacho seguinte. O receptor corta a pellicula revelada e mette-a n'uma solução fixativa. E' esta uma invenção maravilhosa que terá as mais uteis applicações.

Chimica

Os agricultores estão revoltados contra a fabricação do mel artificial, assustadoramente nocivo á sua industria. Este mel, feito com bom assucar refinado puro, invertido pelo aquecimento com um pouco d'acido tartarico, póde consumir-se depois de se lhe addicionar uma pequena quantidade de mel natural com intenso arôma.

Pode-se tambem, pelo assucar invertido, melhorar a qualidade do mel natural.

É tão curiosa esta descoberta que nem por meio d'uma analyse chimica é possivel distinguir o mel natural do artificial.

O novo microscopio

Vem realisar uma revolução no estudo dos infinitamente pequenos e nos trabalhos bactereologicos. Com elle pode seguir-se o desenvolvimento dos germens em todas as suas phases, molas de reproducção, marcha dos contagios, effeitos de inoculação, etc. O seu emprego é baseado sobre os raios ultraviolata, luz extremamente sensivel á menor modança que se produz nos corpos que atravessa e lhes marca as minimas differenças de densidade. A luz do sol não pode revelar o desenvolvimento completo d'um germen o que o novo aparelho consegue. A objectiva, ocular, e as laminas são de quartzo em logar do vidro simples que até aqui se empregava. Pode agora o investigador estudar os objectos invisiveis na obscuridade e perceber todos os movimentos do bacillo vivo, o que até agora era impossivel fazer.

A hora em todo o mundo

O sr. Bonguet de la Grye, da Academia das Sciencias de França, lembrou que a telegraphia sem fios, cujos resultados são já tão notaveis, poderia fornecer, quer na terra, quer no mar, em toda a superficie do globo terrestre, a hora d'um primeiro meridiano. A torre Eiffel communica até 2:000 kilometros, e não admitte duvida que póde ultrapassar esta distancia. Mas se a substituissem pelo pico de Tenerife, de 3:700 metros de altitude, com uma antena de 14 kilometros em direcção ao mar, déculplicar-se-hia facilmente a distancia e os signaes cobririam todo o mundo.

Em vez de utilisar o pico, o almirante Gaschard crê, que a solução mais simples, seria servirem-se para a transminiasão das ondas, d'uma praia com 6 kilometros de comprido, affastada da montanha.

Resenha portugueza

EXERCICIOS DE TERRA E MAR

EXERCICIOS DE RESERVISTAS

Exercicios de reservistas. — Com a assistencia de S. M. El-Rei, do sr. infante D. Affonso, ministro da guerra e general commandante da 1.ª divisão militar, realisaram-se no dia 23 de agosto ultimo no hypodromo de Belem, os exercicios finaes dos reservistas dos districtos 1, 2, 5 e 16, convocados para receberem instrucção militar durante o periodo dos vinte e oito dias.

Estas forças, no effectivo approximado de 800 homens, depois de executarem varias evoluções em ordem unida, tiveram exercicios de manejo de armas e de fogo, que impressionaram bem os espectadores e demonstraram, a par da muita dedicação do pessoal graduado pela instrucção, optimo aproveitamento por parte dos soldados.

Para desejar seria que exercicios d'esta natureza, que aliás tiveram logar no mesmo dia em todas as sédes dos districtos de reserva, mas com diminutos effectivos, fossem feitos não só annualmente como tambem em muito maior escala.

Muito teria a lucrar a Patria, que para a defesa do seu territorio só deve contar com o valor e instrucção dos seus filhos.

Exercicios de torpedos. — Em 2 de setembro teve logar em Paço d'Arcos um interessante exercicio de collocação e explosão de torpedos que attrahiu ali enorme concorrencia, ávida de presencear um espectaculo tão pouco visto.

Se no Tejo o effeito da explosão foi deslumbrante, em terra parecia assistir-se a um violento tremor de terra.

O serviço para officiaes e praças foi muito violento e difficil por causa do vento que soprava rijo; mas os brilhantes resultados dos exercicios devem, pelas calorosas manifestações que a todos fôram feitas, tel-os compensado do seu arduo trabalho.

A EXPLOSÃO DE UM TORPEDO

UMA CIDADE FLUCTUANTE

Vapor «Orcoma». — *Uma cidade fluctuante.* Nunca este titulo do conhecido romance de Julio Verne assentou melhor do que ao novo paquete *Orcoma* da Companhia do Pacifico, o maior de todos os transatlanticos que fazem carreiras para a America do Sul. A sua estada no Tejo mereceu-lhe a visita do sr. Ministro da Marinha, representantes da Camara Municipal e da imprensa da capital, officiaes de terra e mar, e muitas senhoras gentilmente convidadas pelos agentes da companhia, os acreditados negociantes srs. Eduardo Pinto Bastos & C.ª

VAPOR «ORCOMA»

O *Orcoma* que desloca 11:530 toneladas é dotado de todas as commodidades e melhoramentos modernos, sendo notaveis as suas variadas installações.

TRIBUNA PARLAMENTAR

J. C. DE MELLO BARRETO
Deputado

CONSELHEIRO PIMENTEL PINTO
Par do Reino

J. PEREIRA DE MAGALHÃES
Secr. da cam. dos deputados

Oradores da actual legislatura. — Continuando a série de retratos dos parlamentares que na actual sessão legislativa se teem distinguido pela eloquencia dos seus discursos, honram hoje as columnas dos *Serões* os retratos do conselheiro Pimentel Pinto, figura preponderante do partido regenerador, que na discussão da lista civil pronunciou um sensacional discurso, vivamente commentado; — de Mello Barreto, deputado regenerador em mais d'uma legislatura, jornalista e orador experimentado, que na *questão do Douro* sobresahiu pela proficiencia com que a tractou; — do deputado João de Magalhães, progressista, secretario da presidencia da camara electiva, que manifestou as suas brilhantes qualidades de orador e de caracter na discussão calorosa da lista civil e n'outros assumptos de que tractou.

OS AMIGOS DE PORTUGAL

Conferencia. — No dia 2 de Setembro effectuou o sr. Amelio de Barros na Sociedade Propaganda de Portugal, uma importante conferencia sobre a conveniencia da formação d'uma companhia nacional de navegação para os portos do Brazil. O illustre conferente expoz no seu plano, do qual resalta nas mais ligeiras minucias um notavel senso pratico, os meios possiveis, senão certos, de conseguir para Portugal tão importante melhoramento; exaltou com eloquentes e sentidas phrases o patriotismo da colonia portuguesa no Brazil, e terminou manifestando quanto o seu proprio coração nos era affeiçoado.

AMELIO DE BARROS

Estas affirmações do sr. Amelio de Barros causaram o mais vivo enthusiasmo, tanto mais que o sr. Itibiré da Cunha, ministro do Brazil na nossa côrte, as confirmou dizendo que *é imaginaria a divisoria que separa brazileiros e portuguezes, porque no peito das duas nações pulsa um coração luzo.*

Para desejar seria ver traduzidos em factos as magnificas aspirações do sr. Amelio de Barros que viriam avivar ainda mais, se mais é possivel, as nossas já estreitas relações com o Brazil; e de crêr é que as suas generosas palavras encontrem sympathico ecco do outro lado do Atlantico, attendendo ao nome de quem as proferiu e aos inolvidaveis sentimentos de amizade fraterna que ali se nutrem por Portugal.

ESCOLA PRATICA DE TORRES NOVAS

O ALFERES JARA DE CARVALHO

Campeonato do cavallo de guerra. — Entre as festas militares que maior enthusiasmo despertam em todos aquelles que no exercito vêem a mais segura garantia da independencia da Patria, occupa logar proeminente o campeonato do cavallo de guerra. Com effeito concorrendo para que os nossos officiaes de cavallaria affirmem e desenvolvam as brilhantes qualidades que os caracterisam, facilita e anima a acquisição de bons cavallos.

Foram por isso muito concorridas as provas do campeonato realisado na segunda quinzena d'agosto no hypodromo do Entroncamento. O respectivo programma determinava as seguintes provas:

1.ª Trabalhos em alta escola apresentados pelos cavallos dos concorrentes;

2.ª Marcha por estradas na extensão de 60 kilometros, com a velocidade de 10 kilometros á hora;

3.ª Marcha no percurso de 12 kilometros atravez dos campos, com saltos de varios obstaculos;

4.ª Percurso de 1:000 metros com 8 obstaculos e com a velocidade obrigatoria de 400 metros por minuto;

5.ª Corrida de *Steeple chasse* na extensão de 1:500 metros e com 4 saltos.

O jury proclamou vencedor do campeonato o alferes Jára de Carvalho, a quem por isso coube o premio de 400$000 réis. A taça do campeonato ficou em poder da Escola Pratica de Cavallaria, por pertencer a esta corporação o vencedor.

A animação, observada durante os dias em que tiveram logar os exercicios, veiu demonstrar mais uma vez o interesse com que o povo portuguez segue o aperfeiçoamento da instrucção militar.

Como de ordinario succede em festas d'estas natureza, deram-se varios accidentes, felizmente sem consequencias lamentaveis. Assim, além das quedas de varios cavalleiros, sem menor gravidade, abateu a grade de uma das tribunas do hypodromo, onde se tinha agglomerado grande multidao de pessôas, resultando d'este facto irem cahir na pista alguns espectadores, que, soffreram ligeiros ferimentos.

A photographia na industria e na arte

Logar do Areinho. — Esta vista habilmente tirada pelo photographo amador Angelo Pinto Barbosa, de noite, é uma prova de quanto tem progredido a photographia em Portugal e do papel que lhe está destinado na industria e na arte.

O desenvolvimento que esta tem tido ultimamente, o barateamento das machinas e utensilios necessarios para a sua execução, tem levado a todas as classes o gosto por trabalhos d'esta natureza, hoje ao alcance de todos; e de justiça é dizer que, se muitos amadores não primam pelo bom gosto na escolha dos assumptos e são pouco cuidadosos no acabamento dos clichés, outros ha, e muitos, cujos trabalhos podem competir com os de profissionaes.

LOGAR DO AREINHO — GAYA

Cliché de Angelo Pinto Barbosa, phot. amador. — Porto.

NOVIDADES LITTERARIAS

Embrechados

PELO

CONDE DE SABUGOSA

Um successo litterario de primeira ordem foi o apparecimento d'este novo livro do eminente academico. Serie de artigos sobre interessantes pontos de historia e sensacionaes assumptos de actualidade, revelando um alto criterio, uma indulgente philosophia e um nobre coração. A primeira edição está prestes a exgotar-se.

O Pão e as Rosas

POR

AFFONSO LOPES VIEIRA

Um dos maiores artistas modernos do verso portuguez deu á publicidade um novo volume, um feixe de maravilhas poeticas, onde não se sabe o que admirar mais, se a alteza do pensamento, se as audaciosas novidades em materia de rythmo. *O Pão e as Rosas* — o alimento do corpo e a delicia do espirito — consubstanciam as duas aspirações nativas de alma humana: a verdade e o ideial, a bondade e a belleza.

A arvore cortada

POR

PAULINO DE OLIVEIRA

Linda plaquette, contendo um poemeto cheio de sentimento e frescura, que revela uma alma de verdadeiro poeta.

LIVRARIA FERREIRA, Rua do Ouro, 132 a 138 — LISBOA

Belleza do Rosto

Leite Antephelico ou Leite Candès

O Leite Antephelico cuja invenção data do anno 1849 deve effectivamente, as suas propriedades cosmeticas à combinação bem acertada de elementos tirados da materia medica, que reciprocamente se temperam por suas porções rigorosamente determinadas, e cuja acção não vai alem das camadas superficiaes da pelle.

O Leite Antephelico emprega-se em loções, em dose benigna, ou estimulante, segundo as alterações que se querem prevenir ou corrigir.

MODO DE EMPREGO SEGUNDO OS CASOS

Durante o tratamento empregar o LEITE CANDÈS só sem nenhum outro cosmetico.

I. DOSE BENIGNA e AGUA DE TOUCADOR. — Vascolejar o liquido até elle fazer-se côr de leite; deitar n'um pires a quantidade d'uma colher à café, e ajuntar as seguintes quantidades de agua: 1º um a dois tantos, contra o Rosto sarabulhento e as Picadas de insectos; — 2º dois a tres tantos contra as Rugas, o Tisne do sol. Borbulhas, Espinhas, Brotoeja, Fogagem, Eflorescencias farinhentas ou furfuracéas e outras alterações accidentaes da cutis; — 3º tres a quatro tantos, como agua de toucador, para conservar a pureza, transparencia e macieza da peile. — Embeber n'estas misturas um panninho fino, e humectar duas vezes por dias os pontos affectados. Como agua de toucador, basta uma loção, com preferencia pela manhã, meia hora antes de lavar o rosto.

II. DÓSE ESTIMULANTE, contra as SARDAS e as MANCHAS DE GRAVIDEZ. — Nos dois primeiros dias, ajuntar á pequena porção de LEITE que se deita no pires, igual quantidade de agua, e continuar esta dóse tres vezes por dia, se os effeitos abaixo descriptos principiarem a produzir-se; se não, logo no terceiro dia, emprega-se o LEITE puro e humectão-se as manchas, sem esfregar, uma duas ou trez vezes *quando muito* no correr do dia (segundo a delicadeza da cutis), até que a epiderme que as cobre, passando por duas phases previstas e sempre isentas de gravidade, — 1º ardor mais ou menos vivo, — 2º leve intumescencia acompanhada de sensação tensiva, — tenha tomado uma côr cinzenta, e se desseque. Oblido este resultado, as loções só se comparão de uma parte de LEITE e tres tantos d'agua. A epiderme exfolia-se, e a cutis, temporariamente vermelha, apresenta-se (depois de dez a quinze dias de tratamento) branca e fresca, livre das manchas que a embaciavão.

1849 BELLEZA DO ROSTO 1849
O LEITE ANTEPHELICO
ou Leite Candès
puro ou misturado com agua, dissipa
Sardas, Tez Crestada
Pintas-Rubras, Borbulhas
Rosto Sarabulhento e
Farinaceo, Rugas
&
conserva a cutis liza e clara.
CANDÈS, Paris — Bª St-Denis, 16

SERÕES

A INFANCIA

LIVRARIA FERREIRA
132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 41 - NOVEMBRO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Typ. do Annuario Commercial — P. dos Restauradores, 27

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director:** Henrique Lopes de Mendonça — **Administrador:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 27. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

DIRECTOR LITTERARIO
H. Lopes de Mendonça

Serões

ADMINISTRADO.
Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA (PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL) Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6$000 réis	1 pagina	70$000 réis
1/2 pagina	3$500 »	1/2 pagina	40$000 »
1/4 pagina	2$000 »	1/4 pagina	20$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2$200 réis
	Semestre	1$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	Anno	12$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	Anno	15 fr.

Pedidos para assignaturas, ou qualquer numero avulso dos *Serões*, e indicações para inserção de annuncios, dirigir-se á

ADMINISTRAÇÃO DOS **Serões**

Praça dos Restauradores (Passagem do Annuario Commercial) 27

Telephone 805

LISBOA

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Predestinado — Com este titulo publicou o sr. Cesar de Castro, n'uma edição feita em Porto Alegre, Brasil, dois interessantes contos, escriptos com extrema vivacidade de estylo. Bem elaborados, deixa-se o auctor arrastar pela phantasia que scintilla pujante em todos os trechos.

Echo militar — Recebemos o n.º 4 d'esta interessante revista, que vê a luz em Porto Alegre, Brasil. O seu summario, attrahentissimo, insere artigos assignados por nomes muito conhecidos nas letras da nação irman.

Ementario, por Gustavo Teixeira—S. Paulo, 1908— Um novo e radioso talento de poeta surge das plagas brazileiras, revelando-se abertamente n'este bello livro. *A poesia do Ementario* — diz o prefaciador sr. Vicente de Carvalho — «flue como as claras e tranquillas nascentes de varzea, que apenas murmuram discretamente deslizando sobre uma areia macia». Mas o brilho e a perfeição de forma e o alevantado da idéa induzem-nos a uma saudação enthusiastica, sentindo não poder dedicar ao juvenil poeta mais do que estas linhas desataviadas.

Kosmos — *Revista artistica, scientifica e literaria* — Redacção e officinas: Rua da Assembléa, 62, Rio de Janeiro.

Azulejos — *Semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes* — Redacção e administração: Calçada do Jogo da Pella, 6, 2.º, Lisboa.

Arte — *Archivo de Obras d'Arte* — Redacção e administração: Rua de S. Lazaro, 310, Porto.

Archivo Bibliographico — Da Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

O Instituto — *Revista scientifica e Litteraria.* — Redacção — Rua do Infante D. Augusto, 44, — Coimbra.

Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza — Fundada em 1860 — Séde da Associação: Rua Garrett, 95, — Lisboa.

Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos — *Instituto Rainha D. Amelia* — Rua 24 de Julho.

A Vinha Portugueza — *Revista mensal de viticultura e de Agricultura Geral* — Dedicada aos progressos agricolas e principalmente viticolas, do paiz. Publicada e dirigida por F. d'Almeida e Brito — Redacção e Administração: Rua do Arco Bandeira, 22, 1.º — Lisboa.

Revista de Manica e Sofala — *Publicação mensal illustrada* — Redacção e Administração: Rua Castilho, 27, 3.º, á Avenida da Liberdade, Lisboa.

Echos de Roma — *Revista mensal illustrada* — Publicada pelos alumnos do collegio portuguez em Roma, sob a direcção de monsenhor Sinibaldi. Via del Banco S. Spirito, 12, Roma.

Luz do Oriente — *Revista mensal illustrada* — Redação e administração — Ponda — Gôa.

A Saude — *Revista mensal* — Que ensina a manter, robustecer e restaurar a saude. — Redacção e Administração: Rua da Padaria, 48, 1.º — Lisboa.

Propaganda Catholica — A acção do sacerdote na imprensa. — Redacção e Administração: S. Clemente — Silvares — Fafe.

A Caça — *Revista illustrada do sport peninsular e da vida dos campos* — Redacção e Administração: Rua Nova do Loureiro, 36, 2.º — Lisboa.

Voz de Santo Antonio — *Revista mensal illustrada* — Redacção e administração — Braga.

Estudos Sociaes — *Revista Catholica Mensal* — — Redacção e administração, Rua da Mathematica, 43, Coimbra.

Os meus cães

(Quadro de J. N. Sylvestre)

Simões d'Almeida Sobrinho

BUSTO DE SIMÕES D'ALMEIDA (TIO)

Ruskin afirmava que seria sempre o maior artista aquele que mais docemente interpretasse a vida. E assim como n'um rio pode ouvir-se, ainda, o mormurio fluido d'uma nascente, assim ele proprio, manifestação transitoria da natureza, propagaria, no sentimento e entendimento humanos, a beleza que em si reuniu a ordem suprema d'uma triologia vital—o desejo, a afectividade e a razão.

Depois d'um principio de sciencia critica tão poderosamente determinado, seria quasi imprudencia a vontade d'uma afirmação sob qualquer modo ou ordem subjectivos, levados a interpretarem a condição moral da Arte. Ruskin disse profundamente a verdade; e ligados ao pensamento dominante do sabio inglez são evidentes os exemplos de Virgilio, Leonardo de Vinci, Donatello e Lizte (os interpretes mais subtis), porque entre a renovação continua dos ascendentes humanos é, e será, eterno o calôr absorvente da sua obra.

Sentir bem e dizer bem foi, quasi sempre, o instinto de cada penna, de

MEDALHA DO PROFESSOR MIGUEL BOMBARDA

ATELIER DE SIMÕES D'ALMEIDA (SOBRINHO)

cada pincel, de cada escôpro. E a harmonia tangivel, mas dificil, da verdade, só na maxima expressão concede ao labor moral, como um corpo virgem á ambição do nosso instinto, a faculdade divina de se mostrar tal qual a sua ordem em poder expressivo — sempre pura, para a razão; sempre nova, para o tempo, e indeterminadamente preciosa para a inteligencia e necessidade dos homens.

Ao cabo de se haver realisado uma parte dos segredos aféctivos da natureza, é monumental e doloroso que pouco se haja realisado do muito que

MEDALHA DO ESCULPTOR TEIXEIRA LOPES

possuiamos para realisar. Agua inesgotavel a dar anciedades de puro espirito, curvam-se para ela todas as faculdades da nossa vida; e a cada reflexo de verdade, que apaga, naturalmente, uma duvida, outra duvida, imprevista e nova, se sobrexcita, porque dos desejos saciados, vibrando sobre uma corrente interminavel, como das cinzas pagãs, um novo fructo aborta no impulso e desejo da nossa vontade inextinguivel.

O RISO

A Arte tem por fim o dolcificar este mal absoluto da existencia. Quem mais sentir mais communica. E o mais lucido dos homens é o que abrangeu nas expressões da vida um aspecto de subtilesa racional e profundo, em que a harmonia da verdade seja ainda a origem d'uma precessão delicada e aliviadôra, com a qual é piedoso e puro envolver os largos sacrificios do pensamento.

Assim, novos sentidos e novas modalidades têm elevado, no principio intelectual da Arte, as tendencias da expressão e assimillação, que integram o seu modo de ser afectuoso e encantadôr. Nada pode obstar a que ella se propague, porque o sentimento humano inextinguivel e amargo, será sempre mais puro, mais expressivo e mais belo, quanto mais a Arte d'ele se aproxime, confundindo o rhitmo de todas as dôres no rhitmo das suas proprias delicadezas.

*

E estas reflexões — como dizia Anatole France — põem-me no coração do meu assumpto.

Um medalheiro original, genero d'Arte quasi virgem entre nós, e trabalhado ás mãos d'um artista cheio de talento (sem a omissão do meu favor), pode considerar-se o facto

A INFANCIA

artistico mais interessante dos ultimos tempos, sómente porque a exclusiva tendencia da sua simplicidade é a razão mais convincente do seu proprio merecimento.

Não quer isto dizer, de modo algum, que o esculptor Simões d'Almeida (sobrinho) limite os seus cuidados de artista á producção quasi minuscula da medalha.

EL-REI D. CARLOS I

O *busto* do grande artista que é seu tio; a composição das *Nymphas do Mondego;* o nú explendido do seu bronze a *Infancia;* e muitos outros trabalhos, de maior formato que os originaes que aqui exclusivamente distingo, foram tambem motivo para que um artista da sua edade, pela representação do proprio valôr, podesse ser tão vivamente discutido, conseguindo o que a raros é accessivel no extremo d'uma longa vida tão movimentada como é a vida de *atelier*.

Não são, positivamente, as reproducções dos modelos que podem dar o caracter e a expressão, o requinte de delicadeza, do medalheiro cheio de subtilidade, por vezes aparentemente immaterial, que pude ver no *atelier* do artista á Academia de Belas Artes. Reproducções, em casos d'esta natureza artistica, são sempre reproducções; dizem, se tanto, metade do encanto e movimento do objecto reproduzido. E melhor seria, para que a visão de todos me acompanhasse, que os originaes dissessem, ou tivessem dito, a cada qual, todas as suas provas de delicadeza e amorosidade, que hoje são, incontestavelmente, o elogio mais expontaneo que os merecimentos d'um artista de sangue pode recolher no seu caminho de combate e engrandecimento.

CABEÇA DE ITALIANA

O CHA

Como nas paginas de Flaubert ha mormurios d'agua e leves agitações de folhagem, no seu esforçado desejo de assimilhação á natureza; nos bustos e episodios das medalhas de Simões d'Almeida (sobrinho) surprehendem-nos, no diluido vago dos con-

tornos, os macios tons d'aguarela, atenuados até um extremo de sujestão; sendo essa, a paz da sua simplicidade e ineditismo de processo, a qualidade mais pessoal e mais elevada da obra do moço artista.

AS NYMPHAS DO MONDEGO

Os seus trabalhos de busto de creança (elementos expressivos para o formato minusculo da medalha), não tem a preoccupação de dar o *cliché* retocado e incaracteristico, que em tantos outros tem sonegado aos

MADAME X...

pequenos modelos o modo simplicissimo das suas expressões. Longe de tal pretenção, repito, incaracteristica, são a meiguice ingenua, a doce meiguice menineira, surprehendida no que accentua de mais natural e sobrio; não dando, na figura, mais do que lá está, mas communicando do seu conjunto a vaga corrente delicada que é inseparavel do gesto atenuado e simples das creanças.

Um medalheiro que retrata artistas e reproduz flôres. Reune na sua obra os elementos elegantes da sua simpathia. E nem eu sei qual é mais singular e mais agradavel, se a medalha de Teixeira Lopes, o estatuario melancholico do *Santo Izidro;* se a cesta de rosas, cheias de *côr* e de *frescura,* que eu fui encontrar aos ultimos retoques no *atelier* socegado da academia de Lisbôa.

EVORA AGRADECIDA

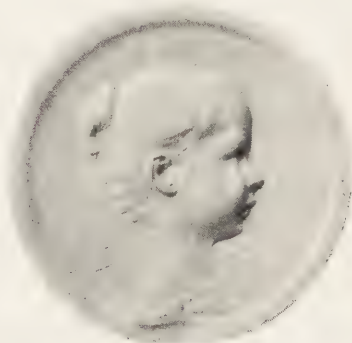
Assim, chama-se a este modo, a esta comprehensão do problema artistico, o possuir a intelligencia e a piedade mentalmente predispostas á renuncia das suas proprias crises, para verter sobre a tortura dos homens um pouco de illusão e de prazer, que dêem, no esforço continuo da existencia, a alma sempre nova, a sempre esperada ventura, cujo desejo náda na côr do nosso sangue e ha-de exceder, propagado, o quarto de legua da nossa existencia.

Dizer que em cada uma das medalhas de Simões d'Almeida (sobrinho) existe um conjunto de musica e de côr, indolentes de caracter, que são, adjuntas a uma simples simplicidade, a nota irmã do seu proprio temperamento; e que exteriorisam d'um modo inteligente e particular; não é, de modo algum, exceder a verdade e pôr pre-

juizos de simpathia onde a admiração é sobeja e justificada. Na medalha *O chá* sobre o ponto de vista de requintada e subtil delicadeza, comprehende-se um exemplo bem determinado e fino. No busto-medalha de Madame X a galanteria e subtileza que possue, dão bem o personagem delicado que o artista tratou com um claro enthusiasmo de rapaz. E ainda a colecção de bebés italianos, aparecendo, destacada, pelos cavaletes, plintos e quadros do *atelier*, exprime na obra de Simões d'Almeida (sobrinho) a curiosidade multiplice dos seus prazeres d'Arte, tantas vezes os mais insinuantes e os mais dificeis.

MADAME BOUILLOT

Deixei, prepositadamente, para este final de artigo as referencias ao busto de Simões d'Almeida (tio) que o artista de que trato executou com uma mestria extraordinaria. De todas as manifestações de homenagem que o grande mestre da estatuaria tem recebido durante o largo periodo da sua vida de artista, é esta, certamente, a prova de admiração que mais o lisongeará, quando ella é obra do talento que enobrece o seu proprio sangue, do artista moço que bem pode ser o continuador da sua obra reflectida e sonora.

O mestre que esculpina a beleza delicada da *Puberdade*, tão vivo e insinuante de temperamento, é bem a figura decidida e sobria que Simões d'Almeida (sobrinho) tratou com o maior dos seus cuidados. Dir-se-ia que uma infinita corrente de sujestão, intensionara o artista moderno da *Infancia* a dar ao modelado o proprio cunho de firmeza e grandiosidade que foi a caracteristica dominante da escola d'Arte a que o velho professor pertencera como um dos melhores e mais constantes artistas. Surprehende-se na sobriedade do desenho o modo sobranceiro e firme do seu trato, da sua figura, dos seus processos. E ninguem dirá que a par d'essa rigorosidade de observação, dando as proprias rigorosidades pessoaes, não existe uma macia execução de contornos, na moleza do cabelo, nas

CREANÇAS ITALIANAS

rugas da mascara, no desenho de vestuario, o que torna esse busto admiravel uma das obras mais invejaveis que Simões d'Almeida (sobrinho) tem produzido.

*

O que me resta dizer? Penso eu que tudo ou nada mais. Tudo, se eu tentasse communicar um pouco, das impressões delicadas que trouxe da visita de ha alguns dias. Nada mais, se eu referi só verdade onde encontrei verdade e puro prazer de espirito. Resta, portanto, que uma sucessão enumera de applausos, pelos annos fóra, venham, se é possivel, ligar mais fé e mais sinceridade á sinceridade bem louvavel d'estas velhas palavras.

Lisboa — 1908.

ALFREDO GUIMARÃES.

Á morte do avô

Não mais verei tua gentil cabeça,
Orlada por cabellos côr da neve!...
O que a minha alma sente não se escreve.
Pode sabê-lo quem tal dôr conheça.

Mas não. Não póde porque haver não deve
Quem ser amado, como tu, mereça;
Nem ninguem, como eu amo, a amar se atreve
Com receio que a vida lhe feneça.

Queima-se o coração, morre-se vivo,
É tudo a mais soffrer forte incentivo!...
Ultraja o sol a dôr no azul dos céus...

O corpo vérga a um pezo que m'o esmaga...
Resignação não tenho... a fé se apaga...
Qu'ria arrancar-te em lucta ás mãos de Deus.

Maria O'Neill.

UM ASPECTO DO POLYGONO, VISTO DO ALTO DE D. LUIZ

Escola Pratica de Engenharia

A quem de Lisboa se dirija pela linha de Leste, logo adeante da estação do Entroncamento se lhe depara o amplo valle do Tejo numa soberba paisagem cheia de vida e de luz. A' direita, a magnifica quinta de Cardiga com os seus jardins debruçados sobre as aguas do Tejo; em baixo, a villa da Barquinha estendendo-se ao longo do areal na margem do rio; mais além, o Tejo Velho, extensa planicie por onde em tempos não muito remotos corria o rio, que a tradicção diz ter sido desviado pelos frades do convento da Cardiga, obrigando-o a vir regar-lhes os seus campos. E' um mixto empolgante de verdura e agua a que os tons quentes da areia veem pôr notas alegres e que nos traz á lembrança os formosos campos do Mondego. Mas já o comboio nos levou até á altura do rapido da Agua Tesa verdadeiro descarregador do açude natural que barra o amplissimo pégo do Almourol. Agora, vemos na margem opposta o Arripiado, emquanto passamos a todo o vapor pelo meio da antiga villa de Tancos, outr'ora uma das mais florescentes do paiz, quando o commercio do norte vinha ali fazer a travessia para o sul, e reduzida hoje á mais desoladora aldeia. Vibrou-lhe o primeiro golpe a barca que se estabeleceu a jusante e de cuja prosperidade surgiu a Villa Nova da Barquinha; vibrou-lhe o golpe de misericordia o monstro d'aço que agora diariamente a atravessa resfolgando.

Hoje, apenas ali o amador de antigualhas encontrará nomes nobres nas lousas semi-apagadas da vasta igreja, ruinas de

CASTELLO DE ALMOUROL

palacios que deviam ter sido grandiosos e um bom caes de cantaria que bem mostra a grande importancia do movimento commercial da villa. Tudo o mais lhe levaram. As pedras dos seus palacios teem ido enriquecer as construcções dos arredores. O seu pelourinho foi servir de chafariz para a Barquinha. Até as cinzas dos seus mortos lá foram tambem para o cemiterio d'esta villa!

Para irrisão, apenas lhe deixaram a sua forca, talvez hoje a unica no país. Num alto sobranceiro á villa, os seus dois robustos pilares de alvenaria parecem ainda aguardar a trave infamante.

Mas a paisagem que agora se desenrola deante de nós faz-nos esquecer tão tristes reminescencias: na nossa frente, espelhando-se como que num vasto lago, o Castello de Almourol, que d'este logar parece emergir de um massiço de choupos e salgueiros, surge-nos como uma visão scenographica. E' um encantamento seguido a paisagem que se nos vae sempre desenrolando á direita da linha. O Tejo, cujo estuario se vae alargando até ao local do ilheu do Castello, mais parece, durante a estação calmosa, um vasto e pacifico lago, do que o rio revoltoso em que o Tejo se transforma durante as grandes cheias e que ali teem chegado a attingir a cota de 10^{m} sobre a estiagem.

A paragem do comboio na estação de Tancos arranca-nos ao enlevo da soberba paisagem. A pequena estação, apesar do seu nome, serve a Escola Pratica de Engenharia. Uma estreita via ferrea, com o seu minusculo material circulante, á esquerda, e uma estrada ensombrada de eucalyptos, á direita, convidam o viajante a apeiar-se. E não é tempo perdido o que se consagre á visita d'esta Escola pois entre as quatro Escolas das differentes armas é esta, sobretudo no periodo de maior actividade escolar, que offerece aspectos militares mais curiosos e typicos, quer pela variedade da instrucção ministrada, quer pelos aspectos da vida do seu pessoal, quer pelo pictoresco dos seus arredores. Estabelecida no Polygono de Tancos, creado ha meio seculo para campo de manobras, apesar das successivas transformações que tem soffrido, ainda hoje se não despiu completamente da feição que teve na sua origem, do mesmo modo que ainda conserva na população dos arredores os nomes de *Campo* e *Manobra*.

Para o Polygono foi escolhida a charneca de Tancos, de pessima fama então, mas que a presença permanente das forças do exercito tornou mais segura do que a nossa Avenida. Ainda ha bem pouco para mostrar a sua origem, ella se engalanava e perfumava com as suas *estevas*, os seus *rosmaninhos* e as suas *murtinheiras*. Hoje já se lhe acabaram as suas primaveras floridas para dar logar ás messes doiradas. Mas não só de charneca é constituida a vasta area da

ENTRADA DE UMA GALERIA DE MINA

Escola. Os bellos olivaes do Casal do Seival, que se debruça na crista da ribeira do mesmo nome e os formosos vergeis da quinta do Loreto, pertença de um desmoronado convento franciscano, que veem quasi mergulhar nas aguas do Tejo sob um duplo renque de choupos e salgueiros, estão ainda compreendidos dentro da Escola.

A vida concentrada das outras Escolas não existe aqui. A dessiminação por todo o Polygono das barracas feitas para alojamento das diversas unidades durante as manobras, veiu influir sobre a distribuição dos alojamentos da actual Escola. Aqui, é um grupo de modernas construcções — o *Quartel General* — outra reminiscencia do tempo em que o Polygono era commandado por um general, onde se acham installados as secretarias da Escola, um explendido museu de modelos e photographias de trabalhos executados na instrucção, e servindo tambem de sala de conferencias, bibliotheca, gabinete de provas, extensissimos armazens de material das companhias de pontoneiros, sapadores, telegraphistas e caminhos de ferro, ga-

CORONEL CARLOS ROMA DU BOCAGE
Commandante da Escola Pratica de Engenharia

SALA DE CONFERENCIAS E MUSEU DE MODELOS

VIADUCTO E COMBOIO DA LINHA FERREA DECAUVILLE

PONTE DE EQUIPAGEM DE BARCOS E CAVALLETES ENTRE AS POVOAÇÕES DE TANCOS E ARRIPIADO

INSTRUCÇÃO DE PONTONEIROS — PONTE DE EQUIPAGEM DE CAVALLETES SOBRE BARCOS

INSTRUCÇÃO DE PONTONEIROS — SUBSTITUIÇÃO DE UM BARCO NUMA PONTE DE BARCOS DE EQUIPAGEM

INSTRUCÇÃO DE PONTONEIROS — JANGADA PARA APOIO DE PONTE IMPROVISADA

binete de instrumentos de precisão, officinas de carpinteiro, ferreiro, serralheiro, latoeiro e pintura, vastos alpendres para viaturas e locomotivas de linha de Escola, habitações do pessoal permanente e sala de reunião de officiaes.

Além, sobre um pequeno planalto, outro bairro — o *Relogio* — grupo de pequenas construcções capitaneadas por uma torre com a fórma do castello symbolico da arma de engenharia, encimado por um relogio que deu o nome ao bairro. E' aqui que habitualmente se alojam as tropas de engenharia que frequentam o Polygono. Casas separadas constituem as habitações dos officiaes destacados. E' ainda aqui que existem os depositos da agua que, elevada do abundante manancial do Loreto se distribue por todas as dependencias da Escola. Tambem ali existe um posto meteorologico ligado com a rede geral do país.

EXPLOSAO DE UMA FOGAÇA

Mais além, no começo da carreira de tiro, a que serve de espaldão o Alto de D. Luiz, e d'onde aquelle fallecido mo-

INSTRUCÇÃO DE SAPADORES-MINEIROS — CONSTRUCÇÃO DE UM ABRIGO BLINDADO

narcha assistiu ás primeiras manobras feitas no Polygono, outro grupo de casas constitue o quartel do destacamento de cavallaria, que faz o serviço de ordenanças e a policia nocturna do campo.

Para habitação dos officiaes sem familia conta outro bairro, — a *Aringa* — cujo nome nasceu do aspecto especial, hoje completamente perdido, que lhe dava o seu vallado guarnecido de piteiras, o seu coreto, e os *chalets dos passarinhos*. E' aqui que tambem existem o laboratorio photographico d'onde sahem annualmente primorosos clichés como os que acompanham este artigo e finissimas provas em phototypia dos trabalhos realisados durante o anno. Tambem aqui existem os depositos de mobilia e de barracas de campanha, algumas das quaes, as reaes, são forradas interiormente de custosas sedas antigas.

Completam este grupo as casas de banhos, o refeitorio e os quartos para officiaes, em tres edificios diversos.

Os *Annexos,* grupo de estabelecimentos

EXPLOSÃO DE UMA FOGAÇA

onde tudo se vende, e que acompanham sempre de perto o estabelecimento de um quartel de tropas, estão situados junto da Aringa.

Do outro lado da estrada de Barquinha a Constancia, que atravessa o Polygono, estão a antiga Padaria e uma enfermaria modelar.

Afóra estes grupos mais definidos, um sem numero de pequenas construcções se acha espalhado por todo o Polygono, dando-lhe um aspecto caracteristico e interessante. Ressentindo-se d'esta dessiminação, a vida nesta Escola é tambem assaz differente da das outras Escolas Praticas. Naturalmente affastadas umas das outras, as familias dos officiaes sentem natural prazer em reuniões nos aprazíveis passeios que os arredores offerecem.

O passeio até Abrantes, por Constancia, atravez de uma região feracissima, a excursão a Thomar, pela estrada nova que atravessa o celebre pinhal de Santa Cita, depois de passar pelo pictoresco logar da Matrena, nas margens do Nabão, e que nos offerece ensejo de visitar aquella historica e pictoresca cidade; a visita ao campo da batalha da Asseiceira; o passeio a Tancos e Barquinha, rematando na solarenga quinta da Cardiga, em S. Caetano; o declinar de uma tarde de estio passada num escaler ao largo do pégo do Almourol, constituem passatempos favoritos das familias dos officiaes ali destacados e que amenisam sobremaneira uma vida que á primeira vista poderia parecer monotona e aborrecída.

ASCENSÃO DO BALÃO CAPTIVO

Por sua parte, os officiaes sem familia, no periodo em que ali concorrem em grande numero, encerrados na sua *aringa*, tambem procuram amenisar o mais possivel o tempo do destacamento.

As refeições em commum correm sempre cheias de alegria.

As noites, que, depois de um dia cheio de trabalho, pareciam deverem ser avaramente aproveitados, são frequentes vezes passadas na mais franca alegria e nas mais extraordinarias esturdias. E ái d'aquelle que a ellas se não associa, pois que lhe está reservado o papel de victima. Hoje, é um que ao re-

colher mais tarde encontra a sua mobilia mudada para local desconhecido e a sua porta sem batente. Amanhã é a procissão commemorativa a algum dos capitães tirocinantes, que fez as suas provas. E' emfim um retorno á vida descuidada de estudante que trás sempre uma agradavel saudade áquelles officiaes que, tendo de ha muito abandonado as escolas, ali veem encontrar os seus antigos condiscipulos, as novas gerações de camaradas e as mais gratas lembranças de tempos que não voltam.

E' emfim uma Escola cheia de aspectos novos e até typos que todo o official da arma de engenharia recorda sempre, taes como o *cabo Machado,* antigo fiel da Escola, o *José Maria,* soldado reformado, verdadeiro patriarcha que ainda em avançadissima edade labora por suas proprias mãos a sua cuidada horta; o *Bernardino,* guarda campestre, encarnação material do ideal *Zé Povinho* de Bordallo Pinheiro.

Não é facil dar dos trabalhos de instrucção nem mesmo uma rapida resenha, porque de anno para anno variam. Após os trabalhos geraes, que egualmente são executados por todas as companhias, veem os trabalhos da especialidade de cada uma d'ellas. Aqui são os sapadores fortificando os cabeços com reductos e defesas accessorias, atacando imaginarias posições com trabalhos de sapa e de minas. E ainda que estes trabalhos sejam para os profanos os que menos interesse offerecem, são comtudo os mais ingratos para as tropas que os executam.

O sapador ora se roja no ramal das minas, perfurando o solo á luz da sua lampada, para ir depôr o fornilho sob a obra a atacar, ora pela callada da noite vem, sob rigoroso silencio, abrir uma trincheira. E de todo este labor o visitante geralmente só aprecia a explosão do fornilho, fazendo tremer o solo e lançando nos ares como que um gigantesco «bouquet».

Lá em baixo, junto ao rio, os pontoneiros afanosamente lançam as suas pontes de equipagem, armam as suas portadas e os seus trens de navegação. E debaixo de uma ordem rigorosa, as diversas operações succedem-se repetidas pelos mesmos grupos de homens, vendo-se a ponte alongar com uma rapidez vertiginosa. E' um trabalho quasi theatral.

Por toda a parte, quer pelas estradas, quer atravez da charneca, encontramos a esquadra de telegraphistas lançando as suas linhas e estabelecendo as suas estações. E' já outra especie de trabalho. Rapidamente, quasi na cadencia do trote das suas ligeiras viaturas suecas, vemos os delgados postes levantarem-se com a sua linha aerea, vindo rematar-se no carro estação, verdadeira estação telegraphica ambulante.

Agora é a companhia de caminhos de ferro que ou construe um viaducto, ou arma a ponte systema Eiffel, ou vae estendendo uma linha ferrea.

Além, sobe o balão captivo; aqui é um official que executa um reconhecimento. E' emfim uma labutação permanente que nem mesmo de noite cessa. Se não é uma sessão de sapas, são os exercicios com o projector para illuminação e exploração. E', pois, um conjuncto de trabalhos que se offerecem, mesmo ao mais leigo em assumptos militares, cheios de interesse e que largamente compensam os pequenos incommodos de uma viagem de pouco mais de duas horas de Lisboa.

F. A. GARCEZ TEIXEIRA.

O REGRESSO DA MISSA

D'esta Veneza tão bella,
Sem rival no mundo inteiro,
E' a tricana a aurea estrella,
O seu fanal, seu luseiro . . .
Que os nossos olhos travessos,
Dardejando amor, dão luz . . .
São brilhantes de altos preços,
Cujo igneo fulgor seduz! . . .

De nossos labios purpúreos
Colher um beijo é magía! . . .
Tem raros, santos murmurios
De nossa voz a harmonía . . .
Nem o threno da sereia
Produz mais viva emoção!
Se cantamos se incendeia
Muito frio coração! . . .

Da tricana a realesa
Sobreleva a da rainha! . . .
Quem tem por manto a bellesa
E o donaire da andorinha?
Não tem confins nosso imperio!
Como no infindo Oceano
Ha n'elle encantos, mysterio,
Que nem os sonha um profano!

A Virgem Nossa Senhora
Era tricana tambem.
Por isso o Universo a adora
Todo o mundo lhe quer bem!
Se um rei me désse o seu throno
Para tricana eu não ser . . .
Despresara-o! . . . Ambiciono
Ser tricana até morrer! . . .

AVEIRO

ANDRÉ DOS REIS.

RIO DE JANEIRO — JARDIM BOTANICO — CORCOVADO

A alma dos jardins

Os jardins para as grandes cidades são como escapadas da civilisação. Entre duas arvores o homem é inteiramente diverso do homem entre duas vitrines. A' beira de um lago artificial, na sombra de velhas arvores, o cidadão sente o estremecimento atavico, o accordar dos instinctos. Onde houver muitas arvores, o ar livre, o céu azul visto atravez do rendado das folhas verdes, podeis ter a certeza de que ahi as creaturas mais amarfanhadas pela nevrose urbana, sentem o desabrocho rubro do sexto sentido. E' como a sensualidade, é tal qual a luz e tal qual o perfume, impalpavel e invisivel, a sensualidade parece pender dos ramos no cheiro forte das folhas, na luz de que se abebera a fronte. As arvores guardam sempre amadryadas no tronco e vêm sempre passar os faunos. Os ramos de certas arvores, abrem como querendo abraçar. E ha troncos de uma tão insidiosa cumplicidade d'amor!...

Por isso quem entra nos jardins por estes mezes de primavera madida volta ao paraizo primitivo, por isso, os jardins encravados na cidade são como as escapadas da natureza, as peias da civilisação.

Eu vou aos jardins publicos. Tu tambem vaes. E' provavel, porém, que nunca tivesses reparado nas pessoas que vão aos jardins. Eu vou e reparo.

Oh! as pessoas que entram nos jardins! Nunca se entra n'esses si-

tios, como no theatro, como em qualquer rua, como por uma porta qualquer. Os que transpõem os grandes portões de ferro approximam-se, sentem a necessidade, ou são forçados a approximarem-se da natureza. Vêde as creanças. Na rua, em casa ellas estão d'outro modo. Logo que chegam a esses lugares, perdem o respeito como se retomassem o sentimento da liberdade primitiva. E' rara a creança da cidade que vendo uma aléa sombreada d'arvores, não sinta a necessidade, a obrigação de se expandir em gestos, de se penetrar de aquelle verde, d'aquella atmosphera, d'aquelle ambiente de quieta e morna e dôce sensualidade, e não deite logo a correr.

RIO DE JANEIRO — JARDIM BOTANICO

Correr, correr inutilmente, é um prazer, um enebriamento que nos vem do homem das florestas. As creanças correm, ficam excitadas, ficam mesmo brutaes. E, pela manhã é curioso vêl-as á solta, brigando com as amas, gisticulando, gritando, rindo, para, á sahida, retomar o passo medido da calçada e do seu gráo social. Apenas uma grade separava-as da rua activa — e era um mundo...

Aos jardins vão tambem homens e mulheres. Ha jardins aristocraticos onde só se encontram — mas oito, dez, mais por dia! — as tentações do escól e o começo dos romances d'alto tom. Não só a gente do alto tom, obedecendo a uma suggestão muitas vezes millenar, se julga nos jardins ao abrigo da curiosidade para o abandono dos beijos. Foi bem n'um jardim que se deu a Revelação — porque até hoje a mulher de todas as classes e o homem de classes variadas procuram, in-

RIO DE JANEIRO — JARDIM DA PRAÇA DA REPUBLICA — PARQUE DA ACCLAMAÇÃO

conscientemente, o jardim para a entrevista.

Entretanto não ha quem não tenha trocado palavras como estas, na vida:

— Amanhã?

— Onde?

— No Passeio, ás 2.

No Passeio, no Parque da Acclamação, no Jardim Botanico. Não importa o nome. O logar é sempre um jardim.

Tenho passeado com calma por esses surtos selvagens da cidade e sempre pasmei da variedade dos grupos. Ha senhoras casadas que vão a esses logares, vestidas de escuro com veus espessos. Como em geral ellas amam ou se encapricham por cidadãos da sua esphera, os porteiros sabem logo a sorte do felizardo que entra e do infeliz que não entra. Ha damas que se sentam nos bancos, á beira dos lagos, e procuram o recesso dos massiços, a sombra da folhagem; e meninas que entram, á volta dos cursos para conversar com os namorados; e ha tambem um facto tocante — se ainda na vida podesse haver factos tocantes! — : as mais baixas mulheres, a que o mundo não perdôa, sentem um prazer extraordinario em conversar com o seu querido em sitios umbrosos. O querido é sempre um soldadinho joven ou um joven paisano. E é interessante ver entrar para o mesmo logar homens de tão differente existencia, mulheres de responsabilidade tão variada. Muitas vezes os pares encontram-se. Alguns trocam sorrisos de mutuo consentimento, de doce cumplicidade. Solidarisa-os o peccado. Só ha uma evidente irritação dos pares, que se traduz pelo olhar frio e duro, pelo subito silencio, pelo desenlaçar das mãos, quando passa uma mulher sem companheiro ou um homem isolado. E' que lhes germina o egoismo, e o ciume primitivo, a necessidade de defeza e da posse. E, por mais que elles saibam do contrario, o atavismo, o instincto sensual, sob a influencia amoral das folhas e dos troncos, brota e floresce no jardim sensual.

RIO DE JANEIRO — JARDIM BOTANICO

RIO DE JANEIRO — REMOÇÃO DE UMA ANTIGA PALMEIRA DE UM PONTO PARA OUTRO

Nos jardins encontram-se tambem os desgraçados, os sem emprego, os mendigos. O mendigo é o cisco da cidade. A sua funcção, com o embotamento das forças vivas de resistencia é vegetarisar-se. Os mendigos

nos jardins chegam ao fim da desagregação. Os desgraçados, os sem emprego, apoiam-se na eclosão da natureza para criar animo, para beber esperanças, e, como os doentes do corpo vão ao campo convalescer, ha homens sujos e pallidos nos jardins, sem almoço, sem pão, sem protectores que pedem ás arvores a cura da propria sorte.

Os brutos, os marçanos, os que obdecem apenas á funcção phisiologica vendo a vida sem poesia, não namoram no theatro onde vão assistir á peça, não namoram á refeição porque vão comer; não namoram na rua porque vão com destino certo. Namoram, isto é, apanham a mulher no jardim, á sombra das arvores. D'ahi, aos domingos, os jardins estarem cheios. O dia de folga, as bebidas, o prazer, levam-nos lá. O instincto rebenta ao contacto com o resuno da floresta. Ha bandos de adolescentes pezados, de bengalão e charuto, dizendo facecias grossas. E ha tambem bandos de meninas namoradoiras, de costureirinhas, a rir, a responder aos dischotes.

RIO DE JANEIRO — JARDIM BOTANICO — ALAMEDA DAS PALMEIRAS

Não vos espanteis, oh! não! A' noite, os jardins acolhem tambem os degenerados, esses doentes da sensualidade, cuja loucura na rua sabe soffrear-se para não entrar no hospicio: damas de apetites desvairados, sujeitos de vicios secretos. Não fôsse o jardim a recordação da floresta antiga e não precisava de bacchantes e de satyros!

Como a licença cria austeras philosophias, os jardins tem tambem philosophos, esfarrapados cheios de orgulho, de cabeça socratica e gesto medido que pela manhã dissertam para pequenos grupos sobre a decadencia d'este paiz. E tem mesmo ex-pisa flôres, ex-leões da moda, da diplomacia dos fallecidos *cotillons* do

RIO DE JANEIRO — JARDIM DA PRAÇA DA REPUBLICA — PARQUE DA ACCLAMAÇÃO

Paço. O esfarrapado é severo e condemna. O esfarrapado, com as roupas lavadas de benzina, os archaicos chapéos com reflexos furta-côres, os cabellos pintados, as unhas tractadas, leem o jornal e guardam horas e

horas um digno silencio. Estão ali, como n'um museu a arejar. E talvez seja triste vêl-os ao sol, aquecendo a carcassa, emquanto um ou outro soldado ou marinheiro, almas simples nascidas nas florestas do norte sentam-se nos bancos e olham as moitas nostalgicos e pasmos.

Os que passeiam por esses sitios sabem de tudo isso porque os jardins porteiros, os grandes manuaes de amôr occulto da cidade, sorriem e diagnosticam á primeira vista.

Os jardins publicos são os guardas da sensualidade. Os seus estados d'alma estudam-se pelas horas. De manhã, ha creanças, philosophos, vagabundos e gente a fazer o seu *footing*. A essa hora esforçam-se elles por tomar um ar serio, lavam-

RIO DE JANEIRO — JARDIM DA PRAÇA DA REPUBLICA

não guardam segredo, para mostrar de certo o poder da sua influencia. Não ha dama dando *rendez-vous* a um rapaz, indo ella a uma hora e elle a outra, entrando um por uma porta, e outro por outra sem que os jardins deixem de murmurar esse colloquio. Como? Em tudo — no ambiente, nas correntes mysteriosas que vão de folha em folha, cantando a nova. O frequentador sabe da fatal entrevista apenas pelo andar do homem, e os

se, irrigam-se, tomam o duche reanimador dos dilirios noturnos. Mas vá o sol subindo e suba ao espaço a poeira, ou melancholicamente teça a chuva entre as folhas uma teia de christal, começam a chegar os que dormíram até tarde, começam de apparecer os nevropathas, surgem os amorosos. Quando entra um sujeito desconhecido, o jardim parece recebel-o com um riso silencioso de velho satyro.

Até ás cinco da tarde quando o dia morre, o culto de Eros toma variedades exquisitas e abundantes. D'ahi em diante, com as primeiras sombras, os combustões amenos, as aguas dos lagos mais mysteriosas e a voz das arvores mais sensivel — podeis ter a certeza que é a ronda da porneia. A concorrencia augmenta. Ha gente aos bandos em começo de sympathia e pares solitarios em inicio de contactos. A areia das aléas parece mais sêcca, um pó sêcco paira no ar.

Por isso os jardins, nas grandes cidades, são como escapadas de civilisação, e eu não entro n'um jardim, sem me sentir dominado pela Natureza brutal — de que com tanto custo, quando não está nos jardins, parece liberto o Homem da Cidade...

Rio de Janeiro.

João do Rios.

RIO DE JANEIRO — PASSEIO PUBLICO E PAVILHÃO

UM RECANTO DO BEATO

A miseria em Lisboa

Conversa na rua do Oiro. — Um litterato, os bairros velhos de Lisboa e o seu pittoresco. — O capitulo terrivel: a miseria. — Leve esboço desse capitulo. — Lisboa no verão. — Sol, poeira e carroças. — A burguezia que sae e os miseraveis que ficam. — Alfama, Mouraria, Bairro Alto. — O fadista. — Mansardas e bêcos pittorescos. — Lixo, lama, doença e fóme. — A beneficencia particular. — Que faz o Estado? — Bairros Grandella, d'«O Seculo» e d'«O Commercio do Porto» — A miseria e os crimes. — Remedios: bairros novos, educação nova. — A tentativa fecunda de Mauricio Bouchor.

— Oh! meu caro amigo — dizia-me ha tempos um dos nossos homens de lettras, na rua do Oiro, travando-me do braço — acabo de percorrer demoradamente, durante um mez, os bairros velhos de Lisboa. Não imagina! Um encanto!... Nós, que andamos por ahi a folhear livros no Ferreira e a desperdiçar horas pelo Cruz e pelo Martinho, tinhamos obrigação, comprehende bem? tinhamos obrigação de estudar pacientemente esses bairros antigos. Ha lá thesouros, meu caro amigo, ha lá thesouros de arte, inestimaveis...

Parou um momento, accendendo um cigarro, e continuou:

— Eu sei o que o meu amigo vae dizer: já está explorado, já está tudo explorado! Mas olhe que é um engano! Não me quer decerto fallar na *Lisboa Antiga*, hein? Obra muito apreciavel, mas... pesada, lenta, minuciosa... Você sabe bem o que eu quero, não é verdade? E' a impressão, hein? O impressionismo, percebe?... a côr, o momento da côr, o aspecto flagrante, hein? Ora aonde é que o meu amigo os encontra?... em que obras?...

Houve um silencio e eu esbocei um gesto vago.

— O Herculano, no prefacio do *Monge de Cistér*, — elucidou o homem de lettras, com

o ar arguto de quem desvenda mysterios — o Herculano recorda lá os seus passeios por Alfama e pela Mouraria. Gostava muito de vaguear longas horas naquelles beccos e por aquellas cafurnas. Era historiador, archeologo e artista, mas... quer que lhe diga?... o Herculano envelheceu, o Herculano é pesado, o Herculano, comprehende?... o Herculano... aqui para nós... parece que deixa cahir um pingo

BAIRRO DO «SECULO»

de rapé em cada periodo... O que a gente quer hoje, não é verdade? é a impressão, a côr, o momento flagrante, hein?... Como é que você ainda se atreve a defender o... impressionismo de Herculano?!...

— Mas eu não defendi nada, absolutamente nada, meu amigo...

— Li-lh'o eu no rosto, meu caro. E' quanto me basta... — Quer-me citar talvez (já esperava!) a *Severa* e a *Rosa Engeitada*?... Não lhe nego que haja nessas obras observação, pittoresco, caracteres bem definidos... Ha, sim senhor. Mas é um pittoresco, uma observação, como direi?... só de figuras, só de dialogos... E eu quero mais alguma cousa...

Eram cinco horas da tarde, uma tarde de ceu admiravelmente limpido e, no rumor dos

trens, das carroças e dos automoveis, uma multidão immensa, agitada e inquieta, ladeava a rua, trasbordando dos passeios estreitos. Um ar frio de crepusculo invernoso avivava a côr ás faces das burguezinhas, aninhadas nas suas pelles macias. A' porta das lojas estacionavam decorativamente os *dandys*, com a solemnidade desdenhosa de juizes de *toilettes* e conquistadores de corações. E uma ou outra senhora que passava, atarefada pelas compras, com embrulhos nos braços e os filhos pela mão, acordava a sympathia honesta que se sente pelos lares de felicidade tranquilla e de dedicações obscuras.

O homem de lettras calarase meio minuto e, como eu não lhe perguntasse o que era essa alguma cousa mais que elle queria, elucidou-me louvavelmente:

— Vê você, por exemplo, este aspecto da rua do Oiro, á hora mais interessante, mais pittoresca... Já está dado, percebe?... Elle é o Beldemonio, é o Eça, é o Fialho, é o Alfredo Mesquita... Tente a gente dar isto... Não é capaz... E' que nada, percebe? absolutamente nada, meu amigo...

Eu quasi nem o ouvia, deixando-me arrastar na onda humana, e, sentindo deliciosamente essa atmosphera tépida de cidade populosa, levava os olhos errantes e o espirito vago...

— Não tento, meu amigo, não tento... — respondi distrahidamente.

— Mas dos bairros antigos, meu caro amigo, — voltou a sua voz tenaz — dos bairros antigos só temos tido descripções superficiaes, ligeirissimas, feitas por pennas de grandes artistas, é verdade, mas sem o interesse minucioso e carinhoso que nos merecem essas maravilhas de arte... Eu desejava poder fazer um livro em que désse uma ideia perfeita daquellas ruas, com os seus cotovellos sombrios, as suas casas em que velhos relevos se apagam, as suas tabernas fumarentas, animadas por violões e fados de lastima e infortunios, e a sua população de fadistas, de meretrizes, de operarios e pequenos commerciantes...

BOQUEIRÃO DO DURO

* * *

Eu então interrompi o homem de lettras, que tivéra a amabilidade de travar-me do braço, e disse-lhe que em todo esse plano estava já incluido um assumpto merecedor dum capitulo á parte, um longo capitulo consciencioso e sólido, documentado e largo, em que a arte se não vestiria de rhetorica e em que a emoção resultaria dum estendal lastimoso e inquietador de miserias ainda mal desvendadas e de infortunios cuja voz a morte abafa as mais das vezes, irremediavelmente. Esse capitulo da miseria e da pobresa lisboeta, que até hoje só um ou outro artigo de philantropo e só alguns algarismos de estatisticas nos deixaram entrevêr...

— O meu amigo — disse-lhe eu por minha vez — conhece a miseria da capital apenas pelo mendigo que lhe estende a mão na rua e pelas supplicas de desgraçados, nos jornaes... Foi a esses bairros de miseria e trouxe de lá unicamente a impressão de que são lindos e pittorescos bairros antigos. Achou muito curioso decerto o rancho de pequenada que o seguia pelas viellas, a pedir-lhe cinco reisinhos — mas não se deu ao trabalho de entrar nessas casas humidas, de lama e treva, em que habitam os miseraveis... Tudo muito pittoresco, certamente... mas é tamanha a desgraça dessas centenas de homens que o pittoresco parece ter sido posto alli para lhes realçar terrivelmente o infortunio...

Era eu agora quem fallava sempre e, no aperto de mão da despedida, ainda lhe disse, com a voz um pouco sacudida e impaciente:

— E quando fizer o seu livro não se esqueça de descrever essa miseria... com a impressão, hein? o impressionismo, percebe?... o aspecto flagrante, não é verdade?...

Elle sorriu constrangido, perturbado nos seus planos d'arte pura.

* * *

Desejo aqui deixar, ao meu homem de lettras, um esboço muito vago e muito pouco litterario desse capitulo de pobreza e de angustias humildes. Nestes começos do verão, a rua do Oiro perdeu o seu aspecto encantador, as suas elegantes friorentas, os seus *dandys* enfastiados, e, nos passeios quasi desertos, os caixeiros, os corretores, os pequenos burocratas passam, agoniados da calma estival, enxugando um suor de cançaço e affrontamento. O meu homem de lettras está num sitio fresco e rumoroso de aguas e folhagens, limando os seus periodos sonoros, sobre as encruzilhadas, os beccos, os nichos, os arcos e os antros de Alfama e da Mouraria.

RUA DE CARLOS DIAS, AO BEATO

Lisboa desolada, Lisboa abandonada, lembra uma cidade gafada de peste, uma cidade de arvores poeirentas e desnudadas de folhagem, terra maldita e sequiosa, em que as verduras murcham e as neurasthenias alastram. Um vento suão corre a Avenida desde o monumento até á Rotunda; e o sol repassa duma luz violenta as revoadas suffocantes da poeira. As tardes, muito tran-

quillas, varridas pelas aragens da barra e alongadas em dulcissimos crepusculos, é que offerecem horas de serena frescura. Figuras modestas, de fato coçado, que não apparecem no inverno e na primavera, surgem agora não se sabe donde, invadem a Baixa, as praças e os jardins, com o ar timido de quem põe pé em terra alheia e se sente pouco á vontade nella.

Todos os dias, por essas ruas fóra, passa um cortejo vagaroso de carroças, com mobilias empilhadas a trouxe-mouxe e atadas de lado a lado por grossas cordas. Luzem espelhos, baterias de cosinha. E moveis disparatados, de pernas para o ar, estatelando pelas ruas, aos olhos de todos, o seu mogno já baço e os seus remendos velhos, têm qualquer cousa de impudico, no devassar indiscreto da intimidade familiar a que os arrancaram.

Lisboa fóge. Antigamente, só o alto funccionalismo, a alta finança, o commercio abastado, os ricaços, a burguezia prospera, é que se permittiam o luxo de largar a sua casa de Lisboa por dois ou tres mezes e ir para o campo alegrar a pequenada e arejar os pulmões. Agora muito funccionario modesto, muito commerciantesinho sem cotação e sem pretenções a ostentar luxo, tambem deixam Lisboa em agosto ou setembro. Só por indolencia ou por exigencias imprevistas de interesses. é que quem tem dinheiro para veranear fica na capital estes mezes.

Mas ha outros que não soffrem nem de indolencia, nem de abundancia de interesses a zelar, e que não largam nunca Lisboa: são os desgraçados sem eira nem beira, os

ESCADINHAS DE D. GASTÃO, AO BEATO

BECO DA INDIA, AOS ANJOS

que passam a vida miseravel na incerteza do jantar do dia seguinte.

Esses não pódem, depois dum dia de trabalho, tomar o comboio de Cascaes ou de Cintra. Não pódem, depois do jantar alegre, em familia, ir vêr o sol afogar-se no Atlantico, ou caminhar, em passos lentos, até junto duma fresca fonte rustica, ouvindo o correr d'agua e escutando o chocalhar dos guisos dos rebanhos, que recolhem, pelo entardecer, na luz tranquilla e melancólica dos poentes.

São os condemnados a viver na estagnada monotonia da cidade quasi deserta, na Lisboa velha, na Lisboa triste dos bairros seculares, que são como chagas verminosas no esplendor novo da capital.

Antigamente essas viellas sinistras eram perigosas. Hoje a policia já limpou muito os sitios mais infestados. O typo do fadista, que lá floresceu com impudencia, tende a desapparecer.

Flôr da miseria e da crápula ignobil, vivia no Bairro Alto, em Alfama e na Mouraria, como em terreno seu. O fadista era em geral um sujeito esgrouviado, asqueroso, com um chapeu de abas exageradamente largas, calça á bocca de sino, cigarro descahido ao canto dos beiços, melena abundante, com uma navalha sempre afiada para funccionar e a unha sempre prompta a desferir a guitarra.

RUA DE CARLOS DIAS, AO BEATO

Não tinha modo de vida. Vivia ao Deus dará, pelas tabernas. Embebedava-se com o dinheiro das desgraçadas que se apaixonavam por elle e em quem batia. Tinha a protecção effectiva dos rapazes fidalgos que, por volta de 1840, adoptaram com furor o seu traje, o seu caracter, o seu feitio, as suas maneiras e o seu modo de andar. O fadista, em geral, acabava lamentosamente, com meia folha de navalha atravessada nas tripas, ou num hospital, escalavrado d'alcool, roído de doenças e de vicios, como um frangalho immundo deitado a uma sentina.

O typo passou quasi por completo, mas os bairros ficaram. São realmente muito pittorescos. O homem de lettras tem razão. Nada mais pittoresco com os seus bêcos, as suas ladeiras empedradas, os seus nichos encardidos em que vacillam luzes, os seus pateos, os seus monturos, os seus largos angulosos e irregulares, os seus predios de frontaria esculpida, os seus arcos de granito lavrado, as inscripções antigas ao cimo dos portaes inuteis, alpendres em que o sol e as chuvas se insinuam, degraus que se desmoronam... De maneira que o espirito, re-

volvendo recordações de romances historicos, trechos de chronicas, lendas de moiros, romanceiros de navegações, de conquistas e de amôres, se deixa arrastar deliciosamente para episódios medievais e cavalheirescos...

Nada mais pittoresco, com effeito, que essas viellas com os seus nomes ingenuos e antiquados: *Escadinhas de D. Gastão, Becco do Fala-Só, Becco da India, Boqueirão do Duro*... Mas tambem nada mais sujo, mais negro, menos arejado, menos illuminado...

Ha um tapete de lixo em cada viella e casas. Não ha caridade, não ha protecção, não ha propaganda altruista que consigam fazer desapparecer, dentro de poucos annos, a fóme e a mortalidade exaggerada que continuamente minam os corpos de alguns milhares de desgraçados.

Entre a Avenida da Liberdade e a rua do Capellão ha um abysmo incommensuravel. Por muito oiro que corra das mãos da burguezia e da aristocracia, a acção desse dinheiro, para minorar a desgraça immensa dessa pobre gente, será por muito tempo

PATEO DO ZE PADEIRO, NO BEATO

uma camada secular de porcaria na fachada de cada um desses predios com frestas em vez de portas e janellas. Uma população macilenta circula nas ruas. E' essa pobre gente que enche os hospitaes todos os dias.

Alimentam-se horrivelmente mal com sardinha, batata e brôa. O interior das casas onde vivem é immundo. Muitas vezes, num quarto sem janellas, dormem oito pessoas. E esta descripção não é de phantasia: baseia-se nos dados que apparecem de vez em quando nos artigos de philantropos, que visitam esses bairros pobres, distribuindo esmolas.

Esta miseria estende-se a centenas de semelhante á de um regador d'agua despejado no Sahara para o alagar.

Quando a tuberculose entra numa dessas casas, varrè tudo, de alto a baixo. De meio em meio anno, sae alguem para a cóva. E os que ficam esperam com resignação a sua vez.

A iniciativa particular tem feito muito nas pequenas cousas, mas nada póde conseguir de radical. Fornece aos doentes remedios, roupas, dinheiro. Dá-lhes amparo. Allivia muita dôr, é extremamente louvavel, mas, embora seja de um altruismo consolador, mostra-se quasi completamente inefficaz.

E o Estado? Que faz o Estado, no en-

tanto? Ouve as reclamações dos jornaes e promette pensar no assumpto. Mas ainda até hoje o não resolveu. E nem porisso merece muitas censuras. Suppondo mesmo que elle não perdesse tanto tempo com as pequeninas intrigas dos partidos e os seus obscuros interesses, nem porisso o problema deixava de ser terrivelmente difficil.

Não se expropriam bairros inteiros, para

os deitar abaixo, com um simples decreto.

Não se levanta um grande bairro, ou varios bairros, com um outro decreto.

Neste ponto a iniciativa de emprezas particulares póde fazer muito, abrindo o caminho e dando o exemplo.

O proprietario dos Armazens Grandella construiu um pequeno bairro operario, muito alegre e muito hygienico, nos arredores de Lisboa. O *Seculo* tambem construiu outro para o seu pessoal. O *Commercio do Porto* fundou o Bairro Operario do Lordello do Ouro, cuja regulamentação está minuciosamente estabelecida num folheto muito interessante. Os mutuos deveres e direitos dos habitantes, os serviços d'agua, de illuminação e de limpeza, a renda e aquisição dos predios, ao fim de alguns annos, acham-se cuidadosamente determinados. E um desgraçado, — um desses pobres seres que parecem vir a este mundo para ser levados brutalmente, a pontapés, até á cóva, — um desgraçado, que saia duma das immundas viellas do Porto, tão semelhantes ás immundas viellas de Lisboa, deverá ter a impressão de entrar num paraizo, ao pôr em ordem os seus moveis pobresinhos, numa dessas casas modestas, arejadas, illuminadas e alegres do Bairro Operario.

Em Lisboa a necessidade de bairros operarios, semelhantes a este, ainda é maior, porque ha o dobro da população e a miseria é egual. O bairro Grandella e o bairro do

BAIRRO GRANDELLA, EM BEMFICA

Seculo não se pódem ter em conta, senão como um exemplo muito apreciavel, e não como um avanço efficaz. Se é certo que os poderes publicos terão grandes difficuldades em resolver o problema do saneamento ou do arrasamento, pelo menos parcial, dos bairros velhos de Lisboa, mais um motivo para que se preoccupem com elle.

A vida asquerosa da população destes bairros concorre muito para a assustadora criminalidade da capital. No verão, o calor, pela exasperação violenta que produz, ainda a faz augmentar terrivelmente.

O burguez tem os banhos hygienicos, os refrescos salutares, a satisfação da sensualidade irritada pela temperatura estival. O pobre sente uma exacerbação dolorosa, no corpo e no espirito, que é muitas vezes o impulso final dado a uma tendencia criminosa, depois duma rixa, ou em questões de familia e de amôr, sobretudo entre gente de cerebro rude, sem educação e sem reflexão.

Porisso, os suicidios, as facadas e as brigas são, nesta época de poucos e maus theatros, as distracções do lisboeta, que abre pacatamente o seu jornal, depois do almoço, a procurar informar-se dos acontecimentos da vespera. Elle lê, resume á familia as peripecias do crime e conclue por se queixar do atrazo, da miseria e da ignorancia do povo. Em seguida veste-se, accende um cigarro, sae e trata despreoccupadamente dos seus negocios, sem se lembrar mais das facadas e dos suicidios tragicos. E no dia seguinte, lendo a descripção de novos crimes, torna, do mesmo modo a indignar-se e a esquecer essas miserias.

*
* *

Qual o remedio para tão grande e profunda desgraça?

Antes de tudo, deitar abaixo os bairros velhos, os bairros do vicio e do crime, respeitando as recordações historicas e artisticas, conservando um ou outro aspecto integral de encruzilhadas e bêcos mais pittorescos. E levantar bairros novos, hygienicos, arejados, amplamente fornecidos de agua e de luz.

RUA DE CARLOS DIAS, AO BEATO

Melhorar as condições economicas, physicas e moraes, dos pobres que para lá fôssem viver. Conseguir finalmente o que todos os portuguezes, que sabem lêr e escrever, andam a apregoar ha mais de trinta annos: fazer desapparecer os cincoenta por cento de analphabetos.

Ensinar-lhes a serem cidadãos na mais ampla, na mais nobre e elevada significação desta palavra. Desviá-los da rethorica vã que lhes atordôa os ouvidos, nos comicios. Distribuir-lhes manuaes claros e escriptos numa linguagem chã, com os conhecimentos geraes mais vulgarisaveis das sciencias, das industrias, das artes e das lettras. Pela litteratura sobretudo, pela sua

acção altruista e humanitaria, pelo seu alto grau de sociabilidade, pelas nobres e bellas ideias que provoca, é que o nivel intellectual do povo se elevaria.

Em França ha neste sentido uma tentativa que, segundo o testemunho do critico Gustavo Lanson, está dando resultados admiraveis. Mauricio Bouchor tem adaptado intelligentemente as obras primas litterarias, ao espirito do povo, em vez de lhe offerecer derrancados *vaudevilles* e comedias obscenas e grosseiras.

Se alguma cousa se tentasse neste sentido, os jornaes de Lisboa teriam menos assumptos sensacionaes, menos pormenores de crimes de sangue, para encher as suas columnas; e o povo começaria a entrar num caminho mais feliz, mais bello e mais perfeito, de dignidade e de comprehensão da vida.

LUIS DA CAMARA REYS.

Beijos de mãe

(Com as rimas obrigadas do soneto *Lagrimas de mãe*, inserto no n.º 40 dos SEROES)

Ao distincto poeta Mario Florival

Ha beijos mais suaves do que **auroras**
Que vida vão levar ás flôr's **virentes**:
Ha beijos que, talvez, são a **deshoras**,
O confôrto das almas **indigentes**!

Ha beijos cujas leis **esmagadoras**,
Os tornam bem crueis ou **insolentes**:
Quando os cercam palavras tão **traidoras**
Que maculam as virgens **innocentes**!

Mas os beijos tão puros como o **lirio**,
Sempre cheios d'amor e sem **martyrio**
Em que se encontra apenas a **verdade**,

Beijos dados por almas **crystalinas**,
São os beijos das mães!... As **matutinas**
Alvoradas da nossa **mocidade**!

Ricardo de Souza.

VISTA GERAL DO CASTELLO, LADO OCCIDENTAL

O castello de S. Jorge em Lisboa

ERDE-SE na noite dos seculos a origem da cidade de Lisboa. Nem documentos escriptos, nem monumentos, nos permittem averiguar não só quem foram os fundadores de Lisboa, nem a epocha em que começou a sua povoação.

Considerações philologicas parecem attribuir origem phenicia ao nome da cidade (*alis ubbo,* enseada amena), e d'ahi resultou naturalmente suppôr-se que foram os navegadores phenicios quem primeiro veio fundar n'este extremo da Europa uma colonia ou entreposto, para as relações commerciaes.

Invadida successivamente a peninsula iberica por povos de varias origens, foi no anno 205 A. C., isto é, ha 2213 annos, occupada pelos romanos a povoação de Lisboa, que já era uma das mais importantes da *provincia da Lusitania,* e que foi a primeira d'esta provincia que obteve o fôro de *municipio romano,* privilegio que concedia á cidade reger-se por leis proprias, gosar de beneficios especiaes, e que dava aos moradores a honra de usarem o titulo de cidadãos romanos.

O nome phenicio (?) da cidade foi corrompido pelos romanos para *Olisipo,* e depois de Julio Cesar (100 a 44 A. C.), era designada officialmente *Felicitas Julia,* segundo consta de varias incripções conhecidas, de que a mais antiga é do anno 73 D. C., e a mais recente de meiados do seculo III.

Os romanos, depois de occuparem a cidade, trataram provavelmente de a fortifi-

car, segundo o seu costume, não só para a poderem manter facilmente na eventualidade de futuros ataques, mas para provocarem a colonisação dos arrabaldes e attrahirem colonos, que ao abrigo da guarnição e das fortificações da cidade, encontrassem protecção contra os bandos de salteadores que em differentes epochas infestaram a peninsula, impedindo os progressos do commercio e da agricultura.

Pela vertente sul do monte do Castello, até ao rio, ficavam espalhadas as edificações; ahi existiam um theatro, umas thermas, uma *fabrica* (edificio) *grande e magestosa;* no valle da Baixa, pelo qual entrava um braço do Tejo, então ainda provavelmente navegavel, havia hortas, outras thermas romanas, um templo dedicado á deusa Thetis, e um caes ou uma torre isolada, de que se descobriu um massame soterrado, cujo destino exacto se não poude averiguar; aguas para os gastos domesticos havia-as em abundancia, provenientes do lençol aquifero que existe nas entranhas do monte do castello, e que se aproveitavam nas fontes ou chafarizes que hoje se chamam d'El-Rei, da Praia, e de Dentro; as aguas para banhos, além das thermas mencionadas, eram fornecidas pelas *alcaçarias* de *alfama* (do arabe *alhama*, fonte quente).

VISTA GERAL DO CASTELLO, LADO NORTE

Presumimos que as fortificações romanas de Lisboa consistiriam, segundo o seu systema defensivo, no *castellum*, e em *fortes isolados.* Quanto a estes ultimos não se conhecem vestigios de nenhum, a não ser que o massame de alvenaria acima mencionado, descoberto no sub-solo da Baixa, seja o *restante de uma torre ou atalaya romana*, como presume o archeologo que o estudou. Pelo que respeita ao *castellum* ou fortaleza por excellencia, seria a obra defensiva situada no alto do monte, qual sentinella vigilante, e que seguia talvez o mesmo traçado que ainda conservam as muralhas de uma pequena parte do actual castello, que adiante descreveremos, e que, com João Nunes Tinoco, designaremos por *castellejo.*

Tendo sido a peninsula iberica invadida pelos povos que teem a designação de barbaros do norte, foi a cidade conquistada e devastada successivamente pelas diversas raças invasoras, até que no anno 714 D. C. cahiu em poder dos musulmanos, que acabavam de invadir a peninsula, trazendo comsigo uma civilisação muito adeantada.

O nome antigo da cidade foi pouco alterado pelos invasores barbaros, passando para *Olisipona,* que depois os mouros, pela falta de *p* na sua linguagem, transformaram em *Olisibona* ou *Lissibona,* onde já se conhece nitidamente a origem da fórma actual da denominação.

De posse da cidade, que representava uma das suas principaes conquistas na peninsula, trataram os povos barbaros, ou os musulmanos, de a transformar em uma praça

de guerra de primeira ordem, construindo, em epocha que se desconhece, os recintos de fortes muralhas que constituiam o *castellejo*, a *alcaçova*, a *cerca moura*, e a *sobras destacadas*. Ignora-se quaes os povos que fizeram estes trabalhos monumentaes para aquelle tempo; a tradição geral attribue-os

PLANTA ACTUAL DO CASTELLO (1908)

aos musulmanos; e o certo é que quando em 1147 a cidade cahiu para sempre no poder de christãos, tomada depois de demorado cerco pelo exercito de D. Affonso Henriques, alliado com tropas de origem franceza, allemã e ingleza, era Lisboa fechada por uma linha de muralhas que constituiam a chamada *cerca moura*, e mais tarde *cerca velha*, fortissimo recinto que permittiu aos musulmanos resistirem, durante quasi quatro mezes de cerco, a tropas numerosas, aguerridas, munidas de meios de ataque os mais aperfeiçoados, e além d'isso incitadas pelo odio de religião e de raça.

Muitos dos edificios construidos pelos romanos ficaram fóra do recinto da *cerca moura*, o que denota ou que já então estavam demolidos ou soterrados, ou que se encontrava grande inconveniente em prolongar o traçado das muralhas para os abranger no seu ambito. Assim ficaram de fóra os banhos e as outras edificações do valle da Baixa, e as alcaçarias de Alfama. A dentro das muralhas ficaram ou foram edificadas mais tarde, pelo menos duas mesquitas: uma no local da egreja de Santa Maria Maior (Sé de Lisboa), e outra no da egreja de Santa Cruz do Castello.

Nem a *cerca moura*, nem as *obras avançadas* fazem parte d'este estudo. Estas acham-se descriptas detalhada e documentadamente em monographias que temos publicado, subordinadas ao plano de estudo da organisação defensiva de Lisboa.

Aqui vamos dar uma breve noticia historica e descriptiva do castello de S. Jorge, que é hoje a parte militar do recinto da

Alcaçova ou *Cidadella,* recinto fechado por muralhas, que limitam uma das freguezias de Lisboa, denominada de Santa Cruz do Castello.

O Paço do Castello

Não ha em Lisboa pessoa alguma que não conheça, pelo menos de vista, o castello de S. Jorge, que se ergue imponente e altivo por sobre a casaria da cidade baixa, no alto de um monte abrupto, que a ganancia commercial não conseguiu ainda cobrir totalmente com edificações. Hoje avulta, e attrahe principalmente a attenção, a mole de casas que constituem o quartel do batalhão de caçadores 5; mas tempos houve em que ahi se erguia o palacio do alcaide ou governador mouro de Lisboa, depois adaptado e melhorado pelos nossos reis para sua moradia. O *Paço da Alcaçova* ou do *Castello* foi residencia permanente ou temporania de quasi todos os nossos reis até D. Sebastião, tendo porém passado para logar secundario quando foi construido, na ribeira de Lisboa, por D. Manoel, o seu *Paço da Ribeira*, no local, approximadamente, onde são hoje os edificios que formam o lado occidental do Terreiro do Paço ou Praça do Commercio.

A seguinte passagem do *Auto de acclamação de D. João II* dá a entender que o *Paço do castello* ficava exteriormente ao *castellejo: E entrarom pela porta dalcaçoua* (hoje porta de S. Jorge). *E dessy se foram as portas dos paços delrey, e entrarom dentro do currall... E daly se foram as portas do castello...*

Não restam vestigios alguns, nem existem plantas, nem descripções detalhadas, nem mesmo se sabe onde era o sitio exacto do *Paço da Alcaçova*. As vistas antigas de Lisboa mostram todas o palacio com linhas mais ou menos phantasiosas, de fórma que se póde dizer que apenas o que se sabe com segurança sobre tal edificio é que elle existiu ali. No que porém não póde haver duvida é que das suas janellas, e do alto dos seus terraços, se disfructava um extenso e lindo panorama, que ainda hoje póde gosar aquelle que se der ao trabalho de subir aos *adarves* das muralhas, ou ás esplanadas do castello. N'aquelles paços, como residencia régia, passaram-se factos que os nossos antigos chronistas registaram nas suas chronicas, alguns dos quaes se prendem mais ou menos directamente com a historia da nossa vida social.

VISTA DO CASTELLO E DO PAÇO REAL
segundo a vista «Lisbona» do Theatrum Urbium, *de Jorge Braunio (Seculo XVI)*

VISTA DO CASTELLO E DO PAÇO REAL
segundo a vista «Olissipo» do Theatrum Urbium, *de Jorge Braunio (Seculo XVI, anno 1572, ?)*

O Castello «militar»

Até D. João I, a parte do recinto militar da Alcaçova ou Cidadella, que nós chama-

remos *castellejo*, era apenas conhecida por Castello de Lisboa ; aquelle rei porém, tendo erigido S. Jorge padroeiro do castello e do reino de Portugal, deu logar a que o castello da cidade passasse a denominar-se de S. Jorge, santo cuja imagem tem residencia na egreja parochial de Santa Cruz, de onde todos os annos sahe, para se incorporar na historica procissão do Corpo de Deus.

VISTA DO CASTELLO E DO PAÇO REAL

segundo a vista «Desembarcacion de Su M. en Lisboa», desenho de Domingos Vieira Serrão, da «Viagem d'El-Rei D. Filippe II ao Reino de Portugal», em 1619, por João Baptista Lavanha.

Anteriormente a 1769, desde remotas eras que não é possivel precisar, havia uma entidade denominada *alcaide-mór*, que estendia a sua jurisdição á cidade e ao castello. O alcaide-mór de Lisboa, além de muitos direitos e regalias, tinha por attribuição principal, e mais importante, a defesa da cidade e do castello; a sua residencia official era primitivamente na *Torre de Menagem*, e posteriormente no palacio das *Alcaçovas*. Em 1769 foi extincta a alcaidaria-mór da cidade de Lisboa, sendo a guarda do castello confiada a um governador militar, subordinado ás ordens dos generaes da côrte e provincia da Estremadura. Data de 17 de novembro de 1868 a classificação do castello de S. Jorge na 2.ª classe das praças de guerra. Desde então o commandante do corpo ali aquartelado accumula o commando da praça. Por decreto de 13 de setembro de 1897 foi o castello de S. Jorge desclassificado, ficando o commandante do regimento, commandante militar da fortificação. O commandante do batalhão n.º 5 de caçadores d'El-Rei é actualmente o commandante da fortificação.

A importancia militar do Castello de S. Jorge é hoje nulla, e crêmos que apenas teria tido alguma como castello medieval, quando as guerras se faziam a pequena distancia das muralhas das fortalezas. Assim, depois da tomada de Lisboa por D. Affonso Henriques, não nos consta que o castello tenha tomado qualquer parte activa nas luctas que se teem travado em Lisboa ou nos campos dos arredores; não temos conhecimento de que as boccas de fogo que guarneciam as suas esplanadas, comquanto sempre ameaçadoras, tivessem tido alguma vez occasião de vomitar os seus projecteis em defesa de qualquer causa.

VISTA DO CASTELLO E DO PAÇO REAL

segundo uma gravura com legendas em portuguez e em inglez, intitulada «Lisboa em 1650». Esta vista é completamente phantasiosa.

Apenas no tempo do mestre de Aviz, defensor do reino, o castello, que estava guarnecido com gente da rainha D. Leonor, viuva de D. Fernando I, chegou a inspirar

alguns receios á cidade de Lisboa, já então toda partidaria do mestre. Comtudo o castello foi entregue a D. João, sem lucta, porque a sua força de resistencia era fraquissima, no dia 30 de dezembro de 1383.

Todavia o castello não tem deixado de ser venerado, como guarda fiel das nossas tradições, e da recordação que a elle anda associado, de haver sido, como os das cidades medievaes, o protector do commercio, da industria, e o defensor da vida dos nossos avoengos, que á sombra das suas muralhas vieram acolher-se para dar origem á nobre cidade de Lisboa.

Hoje o recinto militar da freguezia de Santa Cruz do Castello comprehende, além do *castellejo,* varios aquartelamentos, com tres amplos terreiros ou paradas, e tres outras de menor importancia.

Com as fachadas voltadas para o poente sobre o valle da Baixa, e para o nascente sobre uma parada interior, fica uma vasta edificação em tres andares, onde está aquartelado o batalhão n.º 5 de caçadores d'El-Rei, onde é o seu parque de metralhadoras, e a Casa de Reclusão da 1.ª divisão militar; em 1825 o quartel alojava o batalhão de infanteria n.º 8. Inferiormente á parada existe uma cisterna; e fronteiro ao edificio mencionado, bem como no topo norte da parada, e ainda de ambos os lados da rua que conduz á Praça Nova, ficam habitações de officiaes e sargentos, casernas, e outras dependencias do quartel. Não se sabe qual a primitiva applicação, nem quando foram construidos os pesados edificios do quartel, de que parte porventura assenta no local do *Paço do Castello,* ou de annexos do mesmo. O actual edificio da casa de reclusão parece remontar a D. João V (1706-50), mas antes de 1655 já havia ali uma prisão, que n'essa epocha se chamava *Presidio do Castello de S. Jorge.*

Anteriormente ao terremoto de 1755 parece que existia, em uma pequena extensão do local que agora occupa o edificio do quartel de caçadores, uma egreja de Santa Barbara, e ao nascente da mesma egreja o *largo de Santa Barbara.*

Nem os quarteis, nem a Casa de Reclusão, nem os restantes edificios, offerecem interesse algum, quer architectonico, quer archeologico. Apenas na Rua das Cosinhas, em frente da Rua do Espirito Santo, se vê um portal ou *portão do norte,* tambem antigamente chamado *portão do Espirito Santo* e *portão das cosinhas,* de entrada no recinto

QUARTEIS VELHOS DO RECINTO ORIENTAL
Vista tirada do sul para o norte

militar, e que denota ser muito antigo, talvez de D. Affonso III, como indicam as armas do reino, que se vêem na parede, do lado esquerdo do vão, *como as começou a usar D. Affonso III depois da conquista do Algarve.* A porta é ogival, e encimada pela esphera armillar de D. Manoel, o que indica talvez obras no tempo d'este rei. A outra porta de accesso ao recinto militar dos aquartelamentos, ou *portão do sul,* na Rua de Santa Cruz, cousa alguma offerece de interessante.

No interior do recinto fechado com muralhas, que chamámos *castellejo,* e que é dividido, por uma parede correndo na direcção norte-sul, em dois recintos, um oriental e outro occidental, foram construidas, encostadas ás paredes, em epocha que se desconhece, umas habitações com andar terreo,

QUARTEIS VELHOS DO RECINTO ORIENTAL

Vista tirada do norte para o sul. Vê-se ao fundo a torre do observatorio geodesico

e primeiro andar, deixando ao centro duas paradas. Nos fins do seculo XVIII e principio do XIX esteve n'ellas installada a humanitaria instituição da *Casa Pia de Correcção da Côrte*, por diligencia e ordem do intendente geral da policia Diogo Ignacio de Pina Manique. Por occasião da invasão franceza parece que se fechou a Casa Pia, que actualmente se acha, como se sabe, installada no mosteiro dos Jeronymos. Depois aquellas habitações foram destinadas para aquartelamentos, tendo ahi estado, em 1825, o regimento de infanteria n.º 18, e são conhecidas hoje por *quarteis velhos* e *quarteis do castello dos mouros*. Junto da porta de entrada para o recinto oriental, á mão esquerda, a primeira casa foi outr'ora uma ermida, cuja invocação desconhecemos.

No recinto occidental conservam-se em ruinas, e apenas com as paredes mestras, as edificações encostadas ás muralhas norte e occidental; junto á parede do sul existe um corpo de edificio, moradia de um artifice, e que em 1825 era a cosinha do quartel de infanteria n.º 18; e adjacente ao muro divisorio foi construida, ha poucos annos, no local das ruinas dos quarteis, uma cavallariça e suas dependencias, para o gado do parque de metralhadoras do batalhão de caçadores. Os velhos quarteis do recinto oriental estão melhor conservados, sendo ahi a séde do districto de recrutamento e reserva n.º 16, e servem de quartel á 7.ª companhia de reformados, e de residencia a officiaes e sargentos; em 1825 tambem serviam de quartel ao regimento de infanteria n.º 18.

Além dos dois terraplenos que ficam ao centro dos quarteis velhos, e da parada á frente do quartel do batalhão de caçadores, pertencem mais ao Ministerio da Guerra tres praças ou terraplenos chamados Praça d'Armas, Praça Nova e Bateria dos Morteiros.

A Praça d'Armas é uma bella esplanada, situada ao sul dos aquartelamentos mencionados, e de onde se disfructa um extenso panorama sobre o sul e o poente. Este terrapleno é muito antigo, mas não é contemporaneo da construcção das muralhas. A face occidental tem ainda uma platafórma de cantaria para peças de artilheria, que de lá tiraram ha alguns annos. Com essas peças se davam as salvas do estylo nos dias de grande gala, e de certas solemnidades; mas para attender ás reclamações dos moradores da visinhança, que se queixavam de que os tiros não só lhes faziam estremecer as habitações, mas lhes partiam os vidros, foi determinado, por portaria de 7 de junho de 1881, que se deixassem de dar as salvas no castello.

N'esta praça ha ainda um mastro de bandeira onde se faz fluctuar a bandeira das quinas, nos domingos e nos dias de grande gala. Como pagina negra da historia de Portugal, recordaremos que essa bandeira foi arreada, com toda a solemnidade, mas com geral indignação dos bons cidadãos portuguezes, no dia 13 de dezembro de 1807, para ser substituida pela bandeira do imperador dos francezes, aqui representado pelo general Junot!

A Praça Nova é outro terrapleno ainda mais vasto, que occupa o angulo nordeste do recinto da Alcaçova. O panorama que d'esta praça se disfructa é totalmente diffe-

rente do que se gosa da Praça d'Armas, pois que ahi as vistas se estendem sobre o nascente, para os lados de S. Vicente, e sobre o norte para os lados da Graça e de Sant'Anna. Inferiormente ao solo d'esta praça existe uma cisterna cujo boccal fica proximo de um *cubello*.

Hoje esta praça fórma um vasto terrapleno, livre e desembaraçado; mas não foi sempre assim, como nos mostram os mappas antigos de Lisboa. Esse largo foi em tempos coberto de edificações, que a pouco e pouco foram sendo arrasadas, tendo desapparecido as ultimas talvez entre os annos de 1864 e 1870. Entre ellas figuravam os *paços dos bispos* de Lisboa, doados por D. Affonso Henriques ao primeiro bispo D. Gilberto, e que ficavam unidos á egreja de Santa Cruz. Tambem não nos ficaram vestigios, nem graphicos, nem descriptivos, d'esses paços, e d'elles pouco mais se sabe do que o que fica mencionado.

PORTÃO DO NORTE OU DO ESPIRITO SANTO

A' esquerda, na parede, vê-se o escudo com as armas do reino no tempo de D. Affonso III

Entre essa casaria houve n'outro tempo duas ruas parallelas, na direcção norte-sul, além de outras transversaes. Uma d'ellas passava pela frente da egreja de Santa Cruz, e terminava em uma porta das muralhas da Alcaçova voltadas ao norte, e que chamavam do Moniz ou de Martim Moniz. A outra rua ficava contigua ás muralhas orientaes do *castellejo*, e acabava em outra porta das mesmas muralhas, que parece designavam por *porta do norte*.

Esta ultima, que está hoje tapada, por detraz do espaldão da carreira de tiro para revolver, mas que perfeitamente se distingue pela banda de fóra, tinha um dos postigos abertos ainda em 1750, e por ella se serviam os que cultivavam a terra que *desta porta ha até o caminho que se diz da costa do Castello.*

A porta de Martim Moniz acha-se relativamente bem conservada, parecendo todavia ser reconstrucção posterior dois ou tres seculos á conquista de Lisboa, talvez por occasião do levantamento das muralhas da *cerca nova*. Tambem em outro tempo dava serventia publica para as terras da encosta, do lado das Olarias. Em 1650 tinha uma communicação travezada, talvez coberta, que desappareceu sem deixar vestigios.

E' bem conhecida a tradição relativa ao

feito de Martim Moniz (que todavia os documentos não confirmam), de este guerreiro se ter atravessado entre os batentes d'aquella porta da Alcaçova, para facultar a entrada dos soldados de D. Affonso Henriques, e a tomada da fortaleza. Sobre a porta, para commemorar o feito, ou melhor para perpetuar a tradição, acha-se collocada, pela banda de fóra, uma mutilada cabeça de marmore, mettida em um pequeno nicho, e por baixo d'ella uma lapida com a seguinte inscripção:

> ELREI DÕ AFONSO HENRIQUES MANDOV AQVI COLOCAR ESTA STATVA E CABECA DE PEDRA EM MEMORIA DA GLORIOSA MORTE QVE DÕ MARTI MVNIS PROGENITOR DA FAMILIA DOS VASCONCELOS RECEBEV NESTA PORTA QVANDO ATRAVESANDOSE NELA FRANQVEOV AOS SEVS A ENTRADA COM QVE SE GANHOV AOS MOVROS ESTA CIDADE NO ANNO DE 1147.
>
> JOAÕ ROIZ DE VASCONCELOS E SOVSA CONDE DE CASTELMELHOR SEV DECIMO QVARTO NETO POR BARONIA FES AQVI POR ESTA INSCRIPSAÕ NO ANNO DE 1646.

Esta historica porta não está actualmente franca para serviço do publico, e o accesso para se vêr o busto e a inscripção é muito difficil, pois que se acham quasi occultas, sendo necessario conhecer-se a maneira de se conseguir examinal-as. Para isso entra-se por uma pequena porta que tem o n.º 92-A da Costa do Castello, sóbe-se uma comprida escada de pedra, e segue-se por um caminho contiguo ás muralhas e a um *cubello* da Praça Nova; está-se lá então.

Finalmente, do lado occidental da Casa de Reclusão, com vistas sobre o valle da Baixa e monte fronteiro, fica um pequeno terrapleno conhecido pela designação de Bateria dos Morteiros ou Praça ou Bateria de Obuzes, ultima recordação de lá terem estado estas boccas de fogo de tiro curvo. N'ella está o paiol do batalhão.

A Alcaçova ou Cidadella

O recinto da Alcaçova ou Cidadella é completamente fechado com muralhas, ou de vedação ou de supporte, sendo actualmente o accesso para o serviço publico feito por uma unica porta, que se abre na Rua do Chão da Feira. As outras portas que existem, ou estão fechadas ao publico, ou entaipadas.

PORTA DE MARTIM MONIZ, CABEÇA E INSCRIPÇÃO
(Estado actual)

No Chão da Feira, cuja denominação é antiquissima, e indica a existencia n'aquelle sitio do genero de negocio que tem logar ainda hoje na nossa Feira da Ladra, que remonta talvez á epocha do dominio musulmano (comquanto não com esta designação), teem as muralhas dois *cubellos* ou torres, com planta semicircular, entre *quadrellas* ou lanços rectilineos do muro.

Sobre o mesmo Chão abre-se a porta da Alcaçova ou de S. Jorge, ou porta principal do Castello, que estava antigamente voltada para o sul, mas que por meiados do seculo passado foi reconstruida, ficando orientada então para o poente; pela rectaguarda do portal ha uma escada em dois lanços, para accesso a uma varanda que fica sobre a entrada, pelo lado interior, e na qual era postada antigamente uma sentinella.

Parece que n'este mesmo Largo do

Chão da Feira se abria, em outros tempos, uma porta para o interior da Alcaçova, que chamavam de D. Fradique; não se reconhece hoje. A denominação, segundo alguns, provem de D. Fradique de Toledo, capitão general dos presidios castelhanos, que por 1632 morava no proximo palacio, tendo deixado o nome a um *pateo* (que ainda hoje o conserva), e, segundo os nossos escriptores, á proxima porta da muralha; nós cremos porém que a denominação é mais antiga, não sendo portanto devida ao D. Fradique mencionado.

CABEÇA DE MARTIM MONIZ
Segundo gravura de Sendim (1839)

No angulo sudéste da muralha vinha inserir-se a *cerca moura*, que d'ahi se dirigia para o sul, vindo fechar, depois de abraçar o povoado, no angulo sudoeste do mesmo recinto da *Alcaçova*, mas em sitio que se não pode hoje marcar exactamente; talvez no saliente sul da Praça d'Armas, ou proximo da porta da Alcaçova ou de S. Jorge.

Caminhando daquelle angulo sudéste para o norte, conhecem-se perfeitamente dois *cubellos* primitivos, com secção rectangular, e entre elles um lanço de muralha bem conservado, com o *adarve*, e a guarda do lado exterior, e ao meio d'esta *quadrella*, uma escada de accesso, com direcção normal ao muro. Um dos *cubellos* serve de base á torre dos sinos da egreja de Santa Cruz do Castello, que se levanta no local de uma mesquita musulmana, purificada por D Affonso Henriques para servir ao culto christão, logo depois da conquista de Lisboa em 1147. O *adarve* da muralha passa por detraz d'essa torre, penetra-a formando um cotovello no seu interior, e segue pela rectaguarda do altar-mór da egreja, terminando

LANÇO NORTE DAS MURALHAS DA ALCAÇOVA E DO CASTELLEJO — PORTA DE MARTIM MONIZ
Reducção de gravura de Sendim, que acompanha o fasciculo 5.º dos «Quadros Historicos» de Castilho (1839)

junto a um muro de vedação que o separa da Praça Nova. Na restante extensão a muralha ou fica mettida no interior das edificações, não se reconhecendo nem pela banda de fóra nem de dentro da Alcaçova, e na parte que ainda está á vista, acha-se muito arruinada pelo facto da exploração dos seus enxilhares, e serve de fundação a muros de fachada de varios predios, ou de supporte ao terreno interior, até á altura do qual ella tem sido arrazada.

A' egreja de Santa Cruz do Castello segue-se a Praça Nova, de que já tratámos. Dois *cubellos* ou torres, com secção rectangular, e da construcção primitiva, existem ainda encostados ao lanço norte das muralhas. A *quadrella* entre aquellas duas torres, e a que liga a occidental ao *castellejo*, são egualmente da construcção primitiva, e levantam-se desguarnecidas de terra em ambos os paramentos, conservando ainda o *adarve* ou caminho de ronda, e a guarda exterior; o accesso ao *adarve* faz-se por uma escada, de construcção recente, que começa no eirado da torre do lado oriental. N'esta extensão existem duas portas, a que já nos referimos: a do Moniz, e a do norte.

Na restante extensão das faces norte e oriental d'esta praça as muralhas são de reconstrucção moderna, talvez do meiado do seculo passado, não acompanhando exactamente o traçado que tinham as primitivas, que se conhece por meio de antigas plantas de Lisboa.

No angulo nordeste das muralhas da Praça Nova vinha inserir-se a primeira *quadrella*, de que ainda se conhecem vestigios, da linha de cintura oriental da *cerca de D. Fernando*.

A' Praça Nova fica contiguo, para o poente, o *castellejo*, de que em breve vamos tratar, que occupa o canto noroeste do recinto da cidadella; e continuando d'elle para o sul encontramos, a limitar o recinto, os muros de supporte da fachada occidental do quartel de caçadores, dos terraplenos da Bateria dos Morteiros, e da Praça d'Armas, terminando no muro da porta principal do castello, ou de S. Jorge.

A muralha moura ou primitiva da Alcaçova não se conhece n'esta extensão, nem será facil reconstituir-lhe o traçado, pois que não nos ficaram documentos, nem mappas de Lisboa, que nos permittam conjecturar sequer a linha que ellas seguiam.

(Continúa.)

A. Vieira da Silva.

LANÇO DAS MURALHAS DA ALCAÇOVA E TORRES SOBRE O CHÃO DA FEIRA
Porta de S. Jorge

Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

SYNOPSE. — Capitulos I a XIV: Bruce Ingersoll, no momento de sahir da Universidade de Cambridge, precisa arranjar um modo de vida e pagar as suas dividas de estudante. Offerece-se para secretario e é contractado por Jean Cavanagh, grande magnate dos caminhos de ferro canadianos, cujo pae foi morto pelos nihilistas em Baku. Antes de sahir de Cambridge reconhece que Cavanagh pagou secretamente todos os seus compromissos. Avista-se com Cavanagh n'um hotel londrino e fica intrigado com a excitação que causa no magnate a leitura de um jornal da tarde. Partem subitamente para «A casa do Fen», residencia de Cavanagh, mysteriosamente vedada, construcção erguida no meio de muralhas, isolada de tudo e de todos. Ingersoll examina no seu quarto o jornal da noite e depara-se-lhe a noticia de um nihilista allemão que foi pelos ares no seu laboratorio, bem como tres dos seus cumplices. De noite e acordado por um grito afflictivo e ao alvorecer ve o argelino, um dos serviçaes de Cavanagh, dirigindo-se a cavallo do parque para casa. Mr. Cavanagh espera-o no jardim, e, tirando o jornal da noite da algibeira, bate-lhe com as mãos, endireita-o e convida o argelino a lel-o. O primeiro trabalho de Ingersoll, como empregado, é redigir um relatorio de certas ruas e casas d'algumas cidades estrangeiras, muitas das quaes estavam situadas em viellas sórdidas e mal afamadas. De tarde, n'um passeio a cavallo, encontra uma formosa mulher e uma creança. A mulher perdera a razão e o homem que a vigiava de perto era o argelino. Subitamente Jehan Cavanagh resolve partir para Antuerpia na esperança de encontrar vestigios de Paulina Mamavieff, a mulher que matou seu pae em Baku. Prospero de Blondel, ex-policia ao serviço de Cavanagh, declara que a espera vêr durante a procissão do Corpo de Deus. Quando a procissão se dirige para a capital ha uma terrivel explosão, e apenas se dissipa o fumo Paulina Mamavieff, é presa no meio do ajuntamento. A' noite Cavanagh e Ingersoll, disfarçados, visitam uma casa deshabitada, dos bairros Pobres da cidade, onde Dubanac, o auctor do attentado da manhan, e os seus desvairados companheiros são vistos no predio fronteiro. A multidão descobrindo os nihilistas assaltam a casa, e um dos do bando, tentando fugir pela janella, cae á rua. No regresso a Londres Cavanagh pede a Ingersoll para escrever uma serie de artigos para a imprensa acêrca do attentado de Antuerpia. Blondel communica a noticia que Paulina foi capturada e que está na prisão de Bruges. O seu destino está na mão de Cavanagh, que exerce poderosa influencia na policia, e decide que ella deve ser mandada para a Russia. Por ordem de Cavanagh, Ingersoll parte para Burgos para ouvir a historia de Paulina.

XV

A segunda intervista

Ainda não tinha almoçado quando me dirigira ao Palacio da Justiça; mas a minha primeira visita quando de ali sahi foi para ir ao telegrapho expedir um telegramma a Mr. Cavanagh. O seu codigo particular excessivamente engenhoso, accentuo-o de passagem, apprendera-o eu nos escriptorios de Bertrand & Comp.ª e empregava-o agora para lhe participar a minha entrevista e o meu singular encontro com o velho que

viajara desde Dovers commigo. A leal comprehensão do meu dever obrigava-me a não occultar nada da pessoa de quem me tornara voluntario collaborador; uma crença não menos profunda, na sua justiça emanente, recordava-me a minha absoluta convicção que Paulina Mamavieff estava innocente do crime de que a accusavam. O resto deixava-o a elle, e encaminhando-me para o café, para almoçar, diligenciava repetir a mim mesmo que nada era mais certo que a saudação oriental: *Kismet*, que é tantas vezes ás nossas boas vindas, substituidas por uma desagradavel obrigação.

O caso pareceu-me tão facil... e que difficil se ia tornar! Fora, illuminado pelo sol, tudo quanto me rodeava soffria a influencia da inercia medieval, enormes e grotêscas egrejas e edificios, flamengos sombrios com chapéos pretos redondos, mulheres de Rubens anafadas e de tamancos, a Bruges das pontes e dos escuros canaes e eu á minha vontade por meio de tudo isso.

Que perversidade me impedia de saborear esse espectaculo em socego, de esquecer que era um ocioso viajante grato á belleza d'aquelle dia de verão? Uma historia tão velha como o episodio de Eva. A eterna historia da rebeldia do coração, de alguem que volta as costas ao sol para que não lhe descubram os seus intimos pensamentos. A pequena Paulina dominava-me. Raciocinei que a devia esquecer, e raciocinando assim, divisei a sua imagem nos espelhos com que a imaginação me rodeava por toda a parte; só ouvia a musica da sua voz embora mil outras vozes echoassem em redor de mim; todos os meus pensamentos giravam em torno da sua intrépida confissão e sobre os inenarraveis infortunios que a esperavam. Amal-a-hia já? Na verdade não vol-o posso dizer. Desejar crer que ella não era nada para mim, esquecer as suas palavras, zombar da sua fé — eram affirmações inimigas da verdade que qualquer observador escreveria. E eram tambem figadaes inimigas minhas, cegando-me quando eu precisava dos meus olhos como nunca na minha vida.

Indifferença, quando a inquietação e a impaciencia se tinham convertido quasi em febre. Porque não respondia Mr. Cavanagh immediatamente ao meu telegramma? Participara-lhe tão claramente quanto pude que a minha opinião ácêrca da encarcerada do Palacio da Justiça era que estava innocente do crime de que a accusavam. Porque não comprehendia que eu poderia explicar satisfactoriamente as minhas razões d'esta convicção. Nem por um momento o queria considerar culpado do intuito de condemnar uma creatura tão nova como uma creança de escola só porque a policia de Baku teimava em que ella era criminosa.

Mas não me respondia nada; não recebi nenhum telegramma n'aquelle dia, nem na manhan immediata quando me dirigi ao correio quasi antes dos continuos varrerem a repartição. E lembrava-me que se eu queria salvar Paulina as horas eram precioas. O conde Marcelli insinuara que ella devia sahir de Bruges antes do fim da semana. Se tal acontecesse, nenhum poder humano a salvaria dos demonios do Mar Negro que lhe tinham infamado para sempre a mãe e açoutado o pae até morrer. Não era para admirar que eu estivesse á porta da prisão ás dez horas a perguntar pelo conde, e resolvido a visitar de novo a prêsa, a realizar outra entrevista, dissessem de mim o que quisessem.

Para ser breve, não fizeram nenhuma opposição. O conde ausentara-se outra vez, e o laconico capitão Ricardo fez-me as honras da casa com todo o ceremonial. Podia visitar a terrorista, disse-me, durante quinze minutos como d'antes, e accrescentou:

— Mas, Mr. Ingersoll, olhe que são quinze e não trinta.

Dar-me ao trabalho de argumentar com um funccionario tão praxista seria uma futilidade sem exemplo. Inclinei-me e agradecilhe o mais succintamente possivel.

— Sabe que decidiram removel-a no proximo domingo — informou-me. — E' bom que vão todos para a Russia para lhes acabar com a raça. Não temos logar para elles aqui na Belgica.

— Tem a certeza, capitão, que esta prêsa é uma das que vão?

— Ella negou sempre o crime. O attentado de Antuerpia foi commettido pelo seu bando, não ha duvida. Apparecem em toda a parte. Se pedissem a minha opinião, atiravalhes como a coelhos e os tribunaes que desembrulhassem a meada depois...

— Innocentes e criminosos, capitão Ricardo?

— Innocentes e criminosos... pois ha lá

innocentes entre elles! Pensemos primeiro na gente honesta; é a minha opinião.

Chegamos á porta da cellula e não pude continuar a discussão. Reconheci que o capitão olhava para mim com uma certa curiosidade quando entrei, mas esse sentimento não me perturbou. Mademoiselle Paulina já vestida, estava deitada em cima da cama e pareceu-me, de repente, que dormia. Tal não succedia e pôz-se a pé de prompto mostrando-se risonha na sua moldura de cabellos castanhos annelados.

— E' surpreza esta sua visita — disse.

— Mas eu promettera-lhe que viria!

— E' exactamente o que me surprehende. Trouxe o meu chocolate?

— Trouxe; o bastante para que adoeça uma semana.

— Não é mau adoecer uma semana quando se tem a certeza que depois se fica melhor. Porque voltou Mr. Ingersoll?

— Para lhe fazer algumas perguntas.

— Porque faz perguntas a uma mulher que nunca fala verdade?

— Não é ainda uma mulher; é, ou pelo menos deve ser, uma creança.

Tornou-se séria a estas palavras e fitou-me com vivacidade.

— Não tenho soffrido bastante para ser uma mulher?

— Talvez. Venho aqui para que não soffra mais. Temos quinze minutos, Paulina e eu, para dizermos um ao outro muitas coisas. Não me esquecerei de nenhuma.

— Muito bem; então não abrirei o pacote do chocolate. A bocca cheia póde dizer a verdade.

Puxei uma cadeira para junto da cama, e demorei-me um segundo antes de principiar a interrogal-a. A renda da sua camisola indicava-me quanto o seu coração batia rapidamente. Sabia já que era uma bella actriz, mas que lhe custava representar n'este momento, revelava-se no esforço mental que exercia.

— Vamos conversar ácêrca de Baku — comecei.

— Pois, sim, — respondeu.

— E do fallecido Jehan Cavanagh. Conheceu-o pessoalmente?

— Só o vi uma vez na minha vida. Foi na noite em que o matei.

— Na noite em que o mataram. Porque estava elle em Baku?

— Era proprietario de minas de petroleo, de muitas. Foi esse o motivo que o levou a Baku.

— Seu pae era empregado d'elle?

— De modo nenhum. Meu pae era secretario da Companhia de Transportes do Mar Negro. Conhecia todos os inglezes que viviam ali, porque falava inglez.

— Quando é que seu pae se metteu na politica?

— Quando o general Seroff foi a nossa casa...

— Para quê?

— Para vêr minha mãe.

— Comprehendo; seu pae tinha uma offensa a vingar.

— Que nunca vingou. Fôram os meus amigos que o fizeram.

— E todos os aggravos contra o velho Cavanagh se resumiam em ser amigo do general Seroff?

— Protegia o general contra os meus. Salvou-lhe a vida. Foi o motivo porque lhe dei um tiro.

— No café francez de Baku?

— Ahi mesmo.

— Quem a acompanhava?

— Um velho dalmata creado de meu pae.

— Mais ninguem?

Fez-se carmesim.

— Vou dizer-lh'o — redarguiu; — havia outra pessoa.

— Um amigo? Um parente?

— Um amigo.

— Não seria um namorado seu?

— Era — respondeu em voz baixa; — o meu noivo.

— Estava para casar com esse homem?

Riu, até um pouco estrepitosamente, presumo.

— Ninguem se importa muito com o casamento em Baku.

— Pois sim, mas Paulina pensava n'elle.

— Não desejo responder-lhe; não tem direito a interrogar-me Mr. Ingersoll. Porque me apoquenta assim?

— Desejo vêl-a em liberdade; evitar que a mandem para a Russia.

— Mas eu desejo ir para lá.

— Encontrar-se com o seu noivo?

— Já tem ciumes d'elle, Mr. Ingersoll. E' verdade, quero ir para ali por causa d'elle.

— Não lhe posso então ser agradavel em mais nada?

— Pode — retrucou levantando-se com toda a impetuosa agilidade de uma creança; — tenho ainda mais que conversar, Mr. Ingersoll. Porque veiu aqui? Vou declarar-lh'o. Porque a minha bonita cara o attrahiu. Se fôsse uma mulher velha e feia teria vindo? Oh, não diga que sim, porque se o disser não o acredito. Voltou porque se persuadiu que eu gostava que viesse. Agora sabe que eu amo alguem e arrepende-se do seu interesse por mim. Eis a razão porque não lhe chamarei amigo, Mr. Ingersoll. Auxilia-me porque eu sou Paulina, não por causa da verdade e da justiça, ou de qualquer coisa semelhante. Seja franco, confesse-o, Mr. Ingersoll. Aprecial-o-hia mais se o fosse.

Paulina conservava-se na minha frente, offegante, excitada, com os olhos muito abertos, com os grossos labios separados, com a curta saia azul erguida de modo a mostrar as meias amarellas e com os luzidios caracoes cahidos sobre os hombros. O seu braço esquerdo, erguido, estava nú até o cotevello; apertou o chocolate de encontro ao peito com a mão direita; o seu rosto enrubescera e irara-se; o lindo cabello dispersava-se-lhe pelo busto. Ninguem tornará a ver na cellula d'uma prisão imagem semelhante. Appellei para toda a minha força de vontade para não a estreitar nos meus braços e confessar-lhe que a amava.

— Tudo isso é verdade — concordei porfim. — Estime-me um pouco por causa d'isso.

Deu um passo pela cellula e mergulhou profundamente os seus olhos nos meus.

— Veiu aqui porque desejava amar-me?

— Não sei. Convenci-me que era a mais linda mulher que tinha visto e não acreditei que fizesse o que diziam. Procurei-a por esse motivo, queria salval-a.

— Para quê, Mr. Ingersoll?

— Não o sabia então; sei-o agora. Par amim, Paulina.

— Com que fim, Mr. Ingersoll?

— Porque apprendi a amal-a.

Conservou-se impassivel. Depois encostou-se á parede que lhe ficava por trás, escondeu a cara na mão e rompeu n'um apaixonado chôro.

— Não me pode salvar — soluçou.

— A vontade tudo pode, qualquer dia...

— Para o meu noivo de Baku...

— O tempo o dirá. Venho salval-a. Adeus Paulina. Se a mandarem para a Russia, seguil-a-hei. Até á vista.

Permaneceu um instante como irresoluta. Ouvia já o laconico capitão á porta, e, não me importando com o que elle dissesse ou penssasse, apertei-a nos meus braços e beijei-a.

...APERTEI-A NOS MEUS BRAÇOS E BEIJEI-A

(*Continúa.*)

Traducção do inglez de Eduardo de Noronha.

CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

AGOSTO DE 1808

Dia 22

Ajusta-se que entre os exercitos inglez e francez se estabeleça armisticio, ficando o rio Sizandro como linha que demarque os terrenos occupados por um e outro, declarando-se neutra, para ambos, a posição de **Torres Vedras.** Dalrymple fará acceitar o armisticio pelos portuguezes, cujas forças se postarão entre Leiria e Thomar; os francezes não ficarão prisioneiros de guerra e levarão para França o que lhes pertencer; aos individuos d'esta nação, e bem assim aos portuguezes, que a favor do dominio de Napoleão se tiveram declarado, será dada protecção pelos inglezes; do porto de Lisboa, que passa a ser considerado neutro, terá liberdade de sahir a esquadra russa n'elle fundeada, não podendo ser perseguida senão depois do tempo fixado pelas leis maritimas; a artilharia de calibre francez e o gado da cavallaria dos invasores serão tambem levados para França; a ruptura do armisticio declarar-se-ha vinte e quatro horas antes de principiarem de novo as hostilidades; as fortalezas, em poder dos francezes e que até 25 de agosto não houverem capitulado, serão entregues aos inglezes.

Esta ultima clausula consta de um artigo addicional.

O general Kellermann, depois de combinado o armisticio, volta para o seu acampamento, que n'este dia é em Cabeça de Montachique.

O MARECHAL-GENERAL WILLIAM CARR BERESFORD

Dia 23

Junot chega de tarde a **Lisboa,** onde é recebido como se tivesse ficado vencedor no Vimeiro, o que é affirmado em uma proclamação de Lagarde, intendente geral da policia. O castello de S. Jorge dá uma salva de 21 tiros no momento da chegada. Apesar das falsas noticias espalhadas na capital pelos francezes, muitos d'estes não occultam a sua tristeza e desalento.

Fazem-se epigrammas contra os invasores, um dos quaes satyrisa os defeitos physicos de alguns dos generaes, e termina assim:

Dois d'elles eram manetas;
Era calvo o das «Gazetas»,
Delaborde enfermo e pisco,
O Junot trazia um risco,
Falta vir um com muletas.

Sir Arthur Wellesley, escrevendo do campo do **Ramalhal** a lord Castlereagh, pede-lhe que embora lhe veja o nome na convenção feita para a evacuação de Portugal pelos francezes, não creia que elle a negociasse ou approvasse, nem que houvesse intervindo na sua redacção.

Foi o general sir Hugh Dalrymple que a negociou, na presença de Burrard e de Wellesley. Depois de o general Kellermann a redigir, Dalrymple desejou que Wellesley a assignasse, o que foi suggerido por Kellermane. Wellesley poz

objecção á *verbiage* (1) do documento e a ficar indefinido o praso da convenção, que no seu entender devia ser de 48 horas, unicamente. Approva que se permitta aos francezes que evacuem Portugal, porque lhe parece impossivel que as tropas de sir John Moore marchem sobre Santarem,

GENERAL SILVEIRA

a fim de lhes cortar a retirada para Evora, e porque, podendo o inimigo estabelecer-se ao abrigo d'esta praça, do forte da Graça, de Almeida e de Peniche, seria necessario fazer o sitio em regra a estas fortificações ou bloqueal-as, na peior estação do anno em que se pódem fazer taes operações em Portugal, julga preferivel, para a causa geral, ter 30:000 inglezes em Hespanha, onde, feita a convenção, poderão penetrar immediatamente, a empregal-os em tomar ou bloquear praças de guerra portuguezas. Entende, porém, que se fôr permittido aos francezes o sahirem de Portugal, só deverão levar comsigo o que lhes pertence, e que se tomem as medidas necessarias para que os seus generaes restituam a prata que roubaram das egrejas. Acha que poderiam crear-se difficuldades para a Inglaterra se se atacasse a esquadra russa ancorada no porto de Lisboa, e que, se é má a combinação para o exercito inglez, podia ser ainda peior. Affirma-lhe que fez todo o possivel junto de Dalrymple para que as condições fôssem modificadas, e accrescenta:

«Não lhe occulto, meu caro lord, que a minha situação n'este exercito é melindrosissima. Nunca tinha visto sir Hugh Dalrymple até hontem, e não é facil empreza o aconselharmos um homem no dia em que o vemos pela primeira vez. Elle deve ao menos estar preparado para receber conselhos. Eu fui bem succedido com o exercito e afigura-se-me que este não seguirá de boamente as instrucções e ordens de outro, relativas a qualquer assumpto. E' mais uma circumstancia embaraçosa, que póde dar maus resultados; e, para lhe dizer a verdade, preferia voltar para Inglaterra a continuar aqui. Todavia, continuarei, se assim o desejar; só lhe peço que não me censure, se as coisas não caminharem como nós e os nossos amigos de Londres desejamos.»

Dia 24

O coronel Murray, que tinha ido a bordo da esquadra ingleza, apresentar a sir Charles Cotton, os artigos da convenção estipulada entre Junot e Dalrymple, volta com a resposta do almirante. Nega-se este a acceitar semelhantes condições e diz que procederá isoladamente em relação á esquadra russa.

(1) Está no original inglez esta palavra franceza.

Dalrymple envia Murray para **Lisboa,** a fim de participar a Junot que, em consequencia d'aquella opposição, está roto o armisticio, mas que Murray vae munido de plenos poderes para entabolar negociações ácerca de outra convenção, feita sobre novas bases.

Foi então que o exercito inglez avançou para a frente, até penetrar no Ramalhal.

Dia 25

A divisão de sir John Moore começa a desembarcar na praia da **Maceira.** Unido o seu effectivo ao das tropas commandadas por sir Hugh Dalrymple, eleva-se a 30:000 homens a força total do exercito britannico existente em Portugal.

Dia 26

Por determinação da junta de Beja, estabelece-se em **Evora** uma junta, que fica governando em nome do principe regente.

(Esta junta exerceu os seus poderes até que se constituiu em Lisboa a nova regencia.)

Os francezes abandonam **Setubal,** o que dá logar a que ali se constitua uma junta provisional de governo.

Dia 27

Dalrymple recebe informação, mandada pelo coronel Murray, de se estar negociando, em **Lisboa,** outra convenção sobre novas bases, sendo o negociador, da parte dos francezes, o general Kellermann, que já tratara da primeira.

Sir Charles Cotton escreve a sir Hew Dalrymple, de bordo do navio *Hibernia,* que paira em frente de **Cascaes,** a lembrar-lhe que, tendo os francezes evacuado Setubal, será bom mandar para lá as forças de sir John Moore desembarcadas na Maceira. «Com a assistencia dos leaes portuguezes, accrescente o almirante, poder-se-ha tomar posse das duas margens do Tejo.» Diz tambem que nunca poderá concordar com os artigos preliminares do armisticio que leu na vespera, de modo que sirvam de base para um tratado definitivo.

Communica, na mesma data, a Dalrymple, em outro officio, que segundo lhe participam os informadores que tem em Lisboa, os francezes estão em tamanho desalento, que se renderão a discrição, e acceitarão a clausula de irem para França como prisioneiros de guerra.

SIR ARTHUR WELLESLEY

Dia 28

As tropas portuguezas do commando de Bernardim Freire, que não tinham partido da Lourinhã por causa do armisticio em

ajuste entre francezes e inglezes, occupam o logar da **Encarnação,** visinho de Mafra.

As forças de Traz-os-Montes e Beira Alta, commandadas pelo general Manoel Pinto Bacellar, que estavam de observação em **Santarem,** recebem ordem para avançar.

AGUARELLA INEDITA DO TEMPO

Pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa
Tem a seguinte epigraphe:

Vergonhosa fugida do Anjo da Victoria chefe dos Francezes nas terras de Portugal. A fome, as mortes e muito mais o medo dos Inglezes e Portuguezes, foi o maior assalto d'aquelles peitos da Aleivosia que os aterrou ao ultimo lance de cobardia.

O Lord General vê a fugida, e promptamente persegue o inimigo, fica Portugal livre desta, como diz Lagard (sic), multidão de Caens. Edital de 9 de Abril de 1808.

Roto o armisticio e esperando-se novos combates, sir Hugh Dalrymple faz o seu exercito mudar de posição, occupando parte d'elle **Torres Vedras,** e ficando a outra acampada para a retaguarda da mesma villa.

Dia 29

Reina grande agitação em Lisboa, augmentando as esperanças e os receios a todo o instante pela ignorancia em que está o publico ácerca da marcha das negociações entre Murray e Kellermann, bem como pelas noticias contradictorias espalhadas pelos francezes e pelas pessoas que estão em communicação com as provincias.

Junot emprega os maximos esforços para envolver nas negociações com os inglezes o almirante Siniavin, e tornar crivel que este faz causa commum com os francezes, o que não é verdade, porquanto o official russo declara que deseja tratar separadamente dos francezes. Estes, ficando isolados, só pódem fiar-se na sua costumada habilidade diplomatica, da qual realmente dão muitas provas em tão difficil conjunctura. A par da negociação trocada entre Kellermann e Murray, abre-se outra de Junot directamente com Dalrymple. As difficuldades crescem em virtude de incidir a negociação sobre propriedades e interesses de uma terceira nação — Portugal.

Os portuguezes, cobrando ousadia, ultrapassam a linha de demarcação entre os dois exercitos, accommettem as patrulhas francezas e ameaçam um ataque dos lados de **Santarem.** Embora Dalrymple se ponha de fóra d'estes acontecimentos, o desaccordo entre elle e Junot vae-se aggravando, a ponto de que este ultimo, recobrando por momentos a sua energia natural, ameaça largar fogo aos edificios publicos de Lisboa e defender palmo a palmo as ruas da cidade, á custa da qual será feita a retirada. A artilharia do castello de S. Jorge, que está em poder dos francezes, póde effectivamente causar, em grande parte da capital, prejuisos incalculaveis.

Parece que Dalrymple, temendo Junot, se resolveu a assignar a convenção, que tantos dissabores havia de causar-lhe.

Dia 30

Conclue-se em **Lisboa** o tratado entre francezes e inglezes, que é designado pelo nome de *convenção de Cintra*. Consta de 22 artigos principaes e de mais 3 complementares, tendo havido, sobre pormenores de alguns d'elles, divergencias entre Wellesley e Dalrymple. Diversas condições são quasi as mesmas que as do armisticio, tendo-se, porém, excluido a que, n'este, se referia á esquadra russa do almirante Siniavin. Estabelece-se que o governo britannico fornecerá os transportes para se recolherem a França as tropas de Junot, ficando os doentes ao cuidado dos inglezes e devendo as despezas ser pagas pelo governo de Paris; que o exercito francez se concentre em Lisboa e arredores até duas leguas de distancia, e que o inglez avance até á distancia de tres; que as tropas britannicas occupem Cascaes, S. Julião e o Bugio, logo que esteja devidamente ratificada a convenção, e Elvas, Almeida e o castello de Palmella, quando isto seja realisavel; finalmente que os generaes francezes possam levar comsigo o que fôr propriedade sua.

Embora se lhe chame usualmente *convenção de Cintra*, este ajuste foi feito e assignado em Lisboa por Murray e Kellermann. Junot ratificou-o tambem em Lisboa, no dia 30 de agosto, e Dalrymple em Torres Vedras, no dia 31, segundo refere Arthur Wellesley na allegação com que justificou o seu procedimento perante a commissão de generaes inglezes, que, em Londres, inquiriram do modo por que se tinham havido os negociadores, quando a opinião publica tanto os estygmatisava em todo o Reino Unido.

Proviria aquella errada denominação, como quer Brialmont, de ser datado de Cintra o officio de Dalrymple para o governo inglez, que acompanhou a copia da convenção?

Este ponto historico de pouca importancia, que o averigue qualquer paciente investigador, quando não tenha assumpto mais interessante com que occupar o seu tempo.

AGUARELLA INEDITA DO TEMPO

Pertencente á Bibliotheca Nucional de Lisboa
Tem a seguinte epigraphe:

Novo restabelecimento de Portugal.
Inglaterra reunida á Espanha restabelecem novamente a Lusitania na sua antiga ordem. As aguias serpentarias são passadas de fulminantes raios. Caco Francez é morto por Hercules em premio dos seus roubos. O gallo Francez seguro nas garras do Leão Forte.
A virtude resplandece. As quinas Portuguezas apparecem. O Anjo inspira louvores. Os dons de Céres espalham-se. A paz permanece. A tranquilidade não será mais perturbada. Junot. Edital de 1 de Fevereiro de 1808.

Junot ratifica em **Lisboa** a precedente convenção, mas, por lapso, assigna apenas os artigos addicionaes.

O GENERAL FRANCEZ BRENNIER ENTREGANDO A ESPADA AOS VENCEDORES DA BATALHA DO VIMEIRO
Aguarella inedita do tempo
Pertencente a Bibliotheca Nacional de Lisboa

O conde de Castro Marim, com algumas tropas do Algarve, entra em **Evora,** tendo empregado o tempo que passou em Beja a estabelecer relações com o general Francisco de Paula Leite, e outras auctoridades militares do Alemtejo, e havendo lá deixado a maior parte das forças que o acompanhavam.

SETEMBRO DE 1808

Dia 1

Junot recebe a convenção revestida das necessarias ratificações. E'-lhe enviado como refens o coronel de estado maior inglez Duncan. O major Desroches é mandado a Dalrymple, nas mesmas condições.

As forças portuguezas reunidas em **Campo Maior** marcham a juntar-se com as do Algarve, a fim de, em cumprimento das instrucções do governo do Porto, marcharem para Lisboa, sob o commando do Conde de Castro Marim.

(Quando chegaram á Azaruja, logar entre Extremoz e Evora, fizeram alto e mandaram á descoberta 20 cavalleiros, commandados por Francisco de Mello Breyner.)

Dia 2

Estabelece-se em **Oeiras** o quartel general do exercito britannico, ficando a direita apoiada nos fortes da barra do Tejo e a esquerda nas alturas de Bellas.

Os fortes de S. Julião, Cascaes e Bugio, são entregues ás tropas britannicas, e é n'elles «impropriamente hasteada», confessa-o Napier, a bandeira ingleza, em vez da portugueza. As forças que occupam aquellas obras são os regimentos 3 e 42, que desembarcam para tal fim. Commanda-os o major-general Guilherme Carr Beresford, que tamanha parte ha de tomar na reorganisação do nosso exercito e que tão odioso nome deixou em Portugal por causa da sua interferencia na conspiração de 1817. Vinha da Madeira, onde tinha estado commandando as tropas inglezas que guarneceram a ilha, e exercendo as funcções de governador militar, de accordo com um ajuste havido entre os governos britannico e portuguez.

Aquelles acontecimentos causam a maior alegria em Lisboa, cujo povo tem andado em constante alvoroço, não perdendo de vista os movimentos da esquadra britannica muitos vigias que a espreitam constantemente das duas margens do rio e que viram logo, no meio da incerteza que reinava, que um facto importante ia dar-se, quando, tendo-se separado da esquadra de Cotton alguns navios e estendido pela enseada de Paço d'Arcos até á Boa Viagem, sahiram d'elles escaleres cheios de tropas de desembarque.

O Tejo fica assim aberto á navegação, depois de nove mezes de rigoroso bloqueio exercido pelos inglezes.

O exercito francez, concentrado em **Lisboa,** occupa as principaes praças e cerca-se de vedetas e patrulhas, como se estivesse em frente do inimigo. De noite as sentinellas fazem fogo sobre qualquer pessoa, que se approxima do seu posto.

Os lisboetas, a despeito da presença do inimigo, começam a manifestar a alegria que os anima, e o resentimento de que estão possuidos contra os francezes, aos quaes os commerciantes não querem vender provisões. Cantam, de modo que elles possam ouvir, cantigas de triumpho, e fabricam, á vista do detestado inimigo, milhares de lanternas, para illuminar as ruas no dia do embarque dos soldados de Junot.

Declaram que estando certo o auxilio dos hespanhoes, Portugal não precisava de que a Inglaterra lhe viesse accudir, para afinal de contas se fazer um tratado n'aquellas condições, com a aggravante de não haver n'elle referencia ao Principe Regente nem á Junta do Porto, e que tem condições muito mais desvantajosas que o que fizera o general hespanhol D. Francisco Castaños em Baylen, depois de vencer as forças de Dupont.

Os chefes francezes passam pelas maiores angustias, porque nem carne pódem alcançar para as suas tropas e hospitaes.

Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, que veiu a ser agraciado com o titulo de conde de Amarante, pela maneira brilhante como defendeu esta villa contra os francezes, durante a segunda invasão, estando com as nossas tropas no campo da **Encarnação** pede por escripto a Bernardim Freire que se pergunte ao general Dalrymple se consente que o exercito portuguez rompa as hostilidades contra os francezes. Se a resposta fôr affirmativa, póde desde já proceder-se; se fôr negativa, deve lavrar-se protesto. «E' necessario, diz Silveira, obstar ao saque já iniciado em Lisboa, no dia anterior.»

Dalrymple manda de **Cintra** uma copia da convenção a Bernardim Freire, explicando-lhe que não lh'a enviou mais cedo, porque teve de devolver a convenção a Junot, em consequencia d'este só ter assignado os artigos addicionaes.

Dia 3

Lagrave, ajudante de campo de Junot, parte para Paris, a fim de levar a Napoleão copia da convenção e o relatorio do general em chefe.

Dia 4

O general Bernardim Freire, que se acha com o seu exercito na **Encarnação,** protesta contra a convenção realisada entre inglezes e francezes, em razão da falta de contemplação n'ella havida para com o Principe Regente e o governo que o representa, e de tudo o que nas suas estipulações é contrario á honra, segurança e interesses de Portugal. Especifica no protesto o não se dizer na convenção que é só provisoria a entrega das praças de guerra portuguezas, etc., ás tropas inglezas. Lembra que os francezes buscam excitar desconfianças a respeito das vistas da Grã Bretanha, e que o governo hespanhol se tem recusado a admittir indefinidamente forças inglezas no seu territorio, sem embargo dos riscos que tem corrido a sua nação, o que mostra que sente aquella desconfiança. Entende que o exercito inglez existente em Portugal deve considerar-se como auxiliar. Outra clausula da convenção lhe merece protesto: é a que isenta de castigo os portuguezes que tenham servido os francezes, e aos quaes deve applicar-se, pelo menos, a pena de exterminio.

Dia 5

O conde de Castro Marim, Francisco de Mello da Cunha Mendonça e Menezes, general das tropas levantadas no Algarve, protesta contra a convenção, porque nem o Principe Regente nem o seu governo fôram consultados a tal respeito, e pela falta de attenção que se usou para com elle, não obstante os serviços que tem prestado. Lembra que, sem o auxilio de estrangeiros, expulsou do Algarve os francezes, avançou pelo Alemtejo e veiu postar-se na margem esquerda do Tejo com as forças do seu commando.

Dia 7

Os portuguezes arrancam as taboletas francezas que havia em muitos sitios, em **Lisboa.**

Os officiaes inglezes que apparecem nas ruas são applaudidos com delirio e seguidos por immensa multidão, e os soldados, quando vão occupar os arsenaes, são tambem muito acclamados e brindados com refrescos.

Padres batem no peito, excitando o povo contra os inimigos.

Dia 8

E' levado á presença de Junot, em Lisboa, um homem que, segundo dizem, intentava assassinal-o. O general francez não o manda castigar, e até, pelo contrario, lhe dá uma quantia em dinheiro, promettendo o dobro a quem executar o intento. Depois d'isto, ordena que o soltem.

As tropas do Algarve, sob o commando do conde de Castro Marim, que de Evora tinham vindo por Montemór-o-Novo e Vendas Novas, recebendo n'este logar informações positivas a respeito dos acontecimentos militares e politicos por irtermedio de Francisco de Mello Breyner, chegam á villa de **Palmella**, que já encontram evacuada pelo inimigo.

(O conde transfere o seu quartel general para Azeitão, onde permaneceu até ir occupar o seu logar na regencia que se organisou em Lisboa, pouco depois, havendo antes guarnecido com tropas suas a margem esquerda do Tejo, desde Coina até á Trafaria, no intento de obstar a que o inimigo por ali se escape.)

M. A.

A Princezinha

Pode-se lá viver sem ter amado alguem!
Sem sentir dentro d'alma — ah, podel-a sentir! —
Uma saudade em flôr, a chorar e a rir!

(Ceia dos Cardeaes — Julio Dantas.)

Debruçada ao balcão, a linda Princezinha
Escuta, enamorada, as fallas maviosas
Do Principe gentil e vae tingindo em rosas
O seu rosto moreno onde a graça se aninha.

Encanta, se sorri, a vermelha boquinha,
E mostra, a rebrilhar, as perolas formosas
Por onde passa a luz d'estrellas, nebulosas,
Quando falla de amor a boa fadasinha;

Mas o que mais fascina é a luz do seu olhar,
Feita da luz do sol e raios de luar...
Olhar feito de treva, ardente, encantador.

E o seu apaixonado e gentil D. João
Que nunca pôde amar, sentir, ter coração,
Olhando o seu olhar, sentiu nascer o Amor.

J. B. Pinto da Silva

A VINDIMA

Os nossos vinhos e o Brazil

A crise vinicola

Uma das questões mais palpitantes que actualmente preocupa milhares de portuguezes, e á qual as discussões politicas, relegando-a para o segundo plano, não conseguiram tirar a sua primacial importancia, é a crise vinicola que a região duriense vem de ha annos atravessando e cujos effeitos desastrosos se teem vindo accentuando dia a dia.

Pelo enorme desenvolvimento que no centro e sul do paiz tem tido a cultura da vinha, pela multiplicidade de interesses a que ha a attender, esta questão é uma das mais complexas e de tão difficil solução, que, apezar do largo debate e das numerosissimas emendas que no parlamento soffreu o projecto apresentado pelo governo para acudir á angustiosa situação do Douro, dizem os entendidos não serem as medidas promulgadas de resultado efficaz, como tanto era de esperar e de desejar para bem de todos.

Causas

Sem querer de modo algum entrar na apreciação e estudo dos factores que provocaram a actual crise, para o que me faltaria a competencia, não posso comtudo, soccorrendo-me do aphorismo que attribue *ás mesmas causas* a producção dos *mesmos effeitos,* deixar de citar o que se passou com a crise vinicola do sul da França em junho do anno passado, e principalmente o factor, a que, depois de concencioso estudo, ella foi attribuida. Este factor, o maior determinante da medonha crise, que levou á revolta o povo faminto, aos gritos desesperados de — *temos tão bom vinho e nem um bocado de pão para comer!* — foi o excesso de pro-

ducção resultante da fraude; e, o que é mais lamentavel, a fraude era praticada, não só pelos vendedores a retalho, donos de armazens de vinho e pelos intermediarios, mas pelos proprios proprietarios da região que principalmente soffria das suas consequencias!

Não vá julgar-se que possuidores de grandes vinhas se entretivessem em fabricar aquelles vinhos artificiaes em que podem entrar todas as drogas... menos o sumo da uva. Não. A chimica tem progredido immensamente, e o desejo immoderado do ganho é, como a necessidade, um magnifico inventor.

Foi assim que, depois da destruição das antigas vinhas pelo phyloxera e da sua replantação com bacêllo americano enxertado em castas francezas, se estendeu a cultura, em vista dos bons resultados colhidos, aos terrenos planos. Estas *vinhas de planicie,* abundantemente regadas, produziram enormes cachos de grandes bagos, mas com pouco sabor; no entanto o seu vinho, embora fizesse subir a producção em cêrca de metade da producção normal, manteve os mesmos preços dos outros vinhos.

Era excellente... mas era pouco para os proprietarios. Como augmentar ainda a producção?

Fôram-se ao bagaço dos lagares, deitaram-lhe assucar e agua, e obtiveram pela fermentação um liquido que dava a perfeita illusão do verdadeiro vinho. E, não satisfeitos ainda, repetiram a operação com o mesmo bagaço vendendo os *seus productos* a 55 e 45 réis o litro!

D'esta fórma obtinha o lavrador, sem canceiras, uma producção tripla da que rasoavelmente deveria ter.

Pela parte que diz respeito aos intermediarios e vendedores a retalho, a fraude mais geralmente empregada consistia em addicionar agua ao vinho, juntando-lhe depois o alcool necessario para lhe restituir o grau natural.

Parecem-me bastar estas ligeiras indicações, e desnecessarias outras referentes aos innumeros processos de adulterar e falsificar os vinhos.

Do que fica exposto deduz-se facilmente o papel funesto e decisivo que cabe á fraude na producção d'estas crises tão profundamente perturbadoras da economia e socego de uma região.

Remedios?

Porque assim está provado, seria de toda a conveniencia no interesse não só dos viticultores como da saude publica, o estabelecimento de uma fiscalisação séria destinada a cohibir abusos, que, é voz corrente, têem larga pratica entre nós: as providencias, n'este sentido tomadas, tenho-as na conta das mais efficazes para a solução do momentoso problema.

Outro ponto que se me afigura de grande importancia para o mesmo fim, é o da adopção de marcas que pela excellencia do producto se acreditem nos mercados, e sobretudo que *mantenham* os creditos adquiridos. Quem não conhece pela experiencia de todos os dias que os mais variados productos apresentados sob determinada marca quando lançados no mercado, se convertem, á medida que o consumo augmenta, em productos de qualidade inferior.

O decrescimo do consumo é a consequencia natural d'este descredito que os proprios interessados se fazem, que não a concorrencia de productos similares.

Diagramma comparativo da exportação de vinhos de Portugal, Italia, França e Hespanha para o Brazil

Portugal **Italia** **França** **Hespanha**

Segundo a estatistica aduaneira de 1906, Portugal exporta para o Brazil 435:000 hectolitros no valor de 20:000 contos de réis (moeda brazileira); a Italia, 100:000 hectolitros no valor de 3:800 contos (moeda brazileira); a França, 24:000 hectolitros no valor de 1:500 contos (moeda brazileira); a Hespanha, 15:000 hectolitros no valor de 580 contos (moeda brazileira).

Garantida a genuinidade e qualidade dos nossos vinhos, e feita d'elles uma intelligente propaganda nos mercados estrangeiros, que tratados do commercio favoraveis nos abririam e alargariam, creio que poderiamos muito bem collocar a colheita annual, se não toda, pelo menos a maior parte, o que já seria compensador das despezas do grangeio e daria margem a lucros, embora não grandes.

Não só aos governos, mas tambem aos vinicultores compete, pois, trabalhar de mãos dadas para que os esforços de uns não sejam contrariados pelos outros.

CONDUCÇÃO DA UVA PARA O LAGAR

O nosso principal consummidor: o Brazil

O melhor e mais certo mercado dos vinhos portugueses, o nosso maior consumidor, é o Brazil, onde uma numerosissima colonia, notavel pelo acrisolado patriotismo de que tem dado sobejas provas, procura mantê-los no primeiro logar, e oppõe pelo facto uma barreira fortissima á concorrencia dos vinhos italianos, francezes e hespanhoes.

Os proprios brazileiros, que sempre têem mostrado uma terna e especial predilecção por Portugal e por tudo quanto é nosso e nos interessa, protegem o desenvolvimento e expansão do commercio de vinhos portuguezes, que preferem aos outros, desde que os saibam puros.

Em condições tão excepcionalmente favoraveis, não será difficil manter o logar já conquistado: basta enviar para a florescente republica productos que nem illudam a benevola espectativa de uns, nem aniquilem os bons desejos e esforços de outros.

A concorrencia

N'uma conceituada revista franceza li ha dias, entre varias considerações ácêrca do grande desenvolvimento que nos ultimos annos tem tido o commercio brazileiro, um apello aos vinicultores do seu paiz, chamando-lhes a attenção para a importação dos vinhos e fazendo-lhes notar, que se

deixavam bater por Portugal e pela Italia.

E' natural que os francezes trabalhem pela collocação dos seus vinhos, da mesma fórma que os italianos e os hespanhoes, que têem um grande excesso de producção sobre as suas necessidades; e natural é tambem que, por esforços habil e intelligentemente dirigidos, consigam augmentar dentro em pouco tempo a sua exportação vinica, aproveitando a incuria e desleixo que infelizmente nos são habituaes.

Conclusão

Portugal, exportando para o Brazil tres vezes mais vinho do que a Italia, a França e a Hespanha reunidas, precisa ainda trabalhar muito para alargar o ambito do seu principal mercado consumidor, e para estreitar ainda mais as relações commerciaes entre os dois paizes que falam a mesma lingua e que têem simplesmente *a dividil-os uma linha imaginaria*, na phrase brilhante d'um distincto diplomata brazileiro.

MARIA

Para o José Dantas da Gama

Maria foi essa mulher formosa
Que ha dois mil annos suspirou de dôr
Quando o supremo e divinal Senhor
Foi do Calvario á região ditosa.

E foi tambem a Magdalena airosa
Que se fez santa por divino amor
Seguindo após o justo Redemptor
Que lhe estendera a sua mão bondosa . . .

E se este nome não tivesse a graça
Da peregrina briza quando passa
Beijando a flor olente que seduz,

Bastava que elle o mesmo nome fosse
Puro e suave, mavioso e doce
Da mãe do Hebreu que falleceu na cruz!

Recife

José Apolinario d'Oliveira (Oliveira Brasil).

Grandes topicos

A questão marroquina

Como era de esperar, todas as potencias signatarias da acta de Algeciras deram a sua adhesão á nota franco-hespanhola relativa á atitude que ellas devem tomar perante o pedido de Muley Hafid para ser reconhecido sultão de Marrocos. Apenas a Allemanha destoou do côro geral. Depois de um longo compasso de espera, a chancellaria de Berlim resolveu-se finalmente a responder á nota da França e da Hespanha, adherindo tambem ás propostas d'aquellas duas potencias, mas fazendo-lhes algumas objecções.

A primeira refere-se á atitude que Muley Hafid deve tomar perante as potencias e os seus nacionaes. A Allemanha está prompta a associar-se ás negociações communs n'esse sentido mas deseja «que se deixe a Muley Hafid alguma liberdade de movimentos» para tomar as suas medidas a fim de evitar a repetição de novas excitações entre as populações musulmanas que ameaçariam a manutenção da tranquilidade e da ordem, no qual todas as potencias teem interesse commum.

A segunda diz respeito ao reembolso das despezas feitas pela França e pela Hespanha com as suas expedições militares. A chancellaria allemã não contesta esse direito áquelles dois paizes, mas observa que elles devem «tomar em consideração a situação financeira de Marrocos, no melhoramento do qual todas as potencias teem um commum interesse.»

Como se vê, estas objecções nada teem de consistente, denunciando apenas o proposito de fazer oposição a um adversario. Por isso mesmo, é natural que as insignificantes difficuldades que ellas possam levantar, sejam facil e rapidamente resolvidas pela diplomacia. Por seu lado, das suas declarações extra-oficiaes sobre o assumpto, deprehende-se que Muley Hafid não fará grande oposição á nota franco-hespanhola, limitando-se porventura a exigir que a sua soberania seja mantida integralmente. Assim, é natural que a questão fique em breve regulada — com grande desgosto dos pescadores das aguas turvas da politica internacional e porventura dos bellicosos chauvinistas germanicos.

O STADIUM DOS REIS

Publicou-se ha tempo uma estatistica do numero de kilometros que os varios soberanos teem percorrido em caminho de ferro durante a sua vida. Não seria muito preferivel que os potentados dispendessem a sua energia n'uma corrida em competencia? Assim divertiriam os povos, e sempre luzia o dinheiro gasto.

Do «*Wabre Jacob*»

A Republica de Cuba

O governo dos Estados-Unidos da America do Norte parece ter resolvido finalmente deixar a Republica de Cuba

TAFT O GRANDE

«*Na Europa, não se dão altos cargos a homens tão gordos como Taft.*

«*Não; na Italia por exemplo, e depois que elles engordam.*»

Do «*Pasquino*»

entregue de novo aos seus destinos. Assim é que, n'uma conferencia ultimamente realisada entre o governador americano de Cuba, o sr. Magoon, e Roosevelt, foi deliberado que as eleições legislativas e presidenciaes, se efectuem no dia 14 de novembro proximo, e que o presidente eleito entre no exercicio das suas funcções constitucionaes no dia 28 de janeiro de 1909.

Logo que essa deliberação se tornou conhecida, a Convenção do partido conservador de Cuba, convocada para designar os candidatos á presidencia e á vice-presidencia, elegeu por unanimidade o general Mario Menocal para o desempenho do primeiro cargo, e o dr. Raphael Montoro, marquez de Montoro, para o segundo.

O general Menocal, que bastante se distinguiu na guerra com a Hespanha, tem apenas 40 annos de edade. É tambem um engenheiro distincto, tendo feito o seu curso nos Estados-Unidos. Actualmente dedica-se á agricultura.

O marquez de Montoro conta 50 annos. Quando Cuba pertencia á Hespanha, diversas vezes a representou em côrtes. Durante o periodo da autonomia foi secretario da fazenda, sendo nomeado ministro plenipotenciario em Inglaterra, quando Estrada Palma ocupou a presidencia da Republica.

A invasão da Inglaterra

Terminaram as grandes manobras do exercito inglez, complemento das celebradas pela frota britannica. Este enorme apparato militar teve, affirmam os criticos e os politicos, por principal fim, responder ás manobras do exercito allemão, que d'esta vez tiveram por campo os arrabaldes de Strasburgo, cujo relêvo de terreno é semelhante ao do sul de Inglaterra.

No parlamento inglêz foi interpellado o governo ácêrca da espionagem effectuada por alguns officiaes allemães no condado de Kent, e ainda, para não deixar duvidas a respeito como o imperador Guilherme interpreta a sua invasão, appareceu este inopinadamente no meio da esquadra de Lord Beresford, fundeada então na enseada d'uma pequena cidade dinamarqueza, quando se preparava para ir para o mar.

Este apparecimento causou a mais

OUVINDO A VOZ DO PATRÃO

TAFT — *Sim, senhor, serão cumpridas as suas ordens.*

Do «*International Syndicate*»

assombrosa estupefacção em todos os marinheiros da primeira potencia maritima, mas não houve remedio senão fazer o que fizeram, saudal-o com todas as pompas devidas á sua elevada gerarchia de chefe de Estado e á sua qualidade de almirante inglez.

As manobras do exercito de terra, effectuadas no condado de Kent, no mesmo ponto que servira de theatro á espionagem allemã, suppunha uma invasão dos *belgas* e approximaram-se tanto quanto possivel da verdade. As tropas executaram movimentos e foram postos em acção meios e elementos que até ahi nunca tinham figurado.

Seja como fôr, e não sendo provavel uma guerra entre a Allemanha e a Inglaterra, principalmente havendo como ha a celebre *entente cordèal* com a França, o *Kaiser* tem conseguido pôr em vibração o patriotismo inglez e incutir ao seu commercio um medo profundo.

A DANÇA DO URSO

ROOSEVELT *(a Taft)—Urso, pega n'este cacete e faze o que eu fizer.*

Do «*Life*»

Os socialistas italianos

O congresso do partido socialista italiano, ultimamente reunido em Florença, teve um extraordinario interesse por se debater n'elle a questão do reformismo e do syndicalismo revolucionario.

O BIGODE PERDIDO

Contam os periodicos allemães (diz o caricaturista japonez) que o Kaiser queimou o bigode quando accendia o charuto. O bigode imperial perdeu o seu prestigio, e Sua Majestade está profundamente desgostoso.

Do «*Tokyo Punch*»

GUILHERME DA ALLEMANHA *(muito contente, à parte)—N'aquella arvore ha uma ameixa em que elles todos andam com o olho.*

Do «*Nebelspalter*»

Em parte alguma a «acção directa» se tem manifestado com mais violencia do que em Italia, e é sabido como as organisações operarias ali procuram perturbar a ordem publica sob os mais futeis pretextos.

O menor incidente bastava para decidir a proclamação da grève geral em qualquer cidade, e os operarios das outras cidades solidarisavam-se immediatamente com os grévistas, provocando a suspensão completa da vida collectiva.

Os socialistas parlamentares por mais de uma vez protestaram contra essa tactica.

No congresso de Florença acabaram os reformistas por triumphar em toda a linha, pois a assembléa approvou, por uma maioria de 10:000 votos, uma ordem do dia repelindo o principio do syndicalismo revolucionario e condemnando a grève geral como meio normal de lucta

MORTOS ILLUSTRES

Morte de Salmeron. — No dia 20 de setembro falleceu em Pau, onde estava convalescendo de uma grave doença, o notavel democrata hespanhol D. Nicolau Salmerom y Alonso, ex-chefe do partido republicano e antigo presidente da Republica.

O grande cidadão, que foi uma verdadeira gloria do visinho reino, nascera em Alhama lo Seco em 1837. Tendo estudado, direito litteratura e philosophia em Granada e Madrid, quando acabou o ultimo curso ficou addido ao Instituto de Santo Isidro d'esta cidade. Em 1860 entrou para o jornalismo, redigindo a *Discusion* e a *Democracia*. Fazendo parte do directorio republicano democratico de Madrid, desde 1865, em 1868 foi preso, só recuperando a liberdade em consequencia da revolução de setembro do mesmo anno.

Eleito deputado em 1871, foi investido na chefia do partido republicano, e, depois da abdicação do rei Amadeu, nomeado ministro da justiça em fevereiro de 1873. Por occasião da insurreição de Carthagena, tendo-se demitido o chefe do poder executivo, Pi y Margall, foi Salmeron eleito presidente da Republica, em 18 de julho do mesmo anno. Mezes depois, o parlamento restabelecia a pena de morte para os crimes militares. Repugnando-lhe sanccionar essa medida, Salmeron demitiu-se em 7 de setembro do anno seguinte. Dois mezes depois era eleito presidente do Congresso.

A restauração da monarchia, levada a efeito pelo golpe de Estado do general Pavia, obrigou-o a refugiar-se em Lisboa, d'onde passou para Paris. Ali, com Ruiz Zorrilla, redigiu os celebres manifestos republicanos de 1876 e 1879.

NICOLAS SALMERON

Quando, em 1871, Sagasta subiu ao poder, o illustre exilado poude regressar a Hespanha, sendo reintegrado na sua cadeira de philosophia da Universidade de Madrid. No anno seguinte foi reeleito deputado, e desde então sempre os republicanos o tiveram com o seu representante no Congresso.

Em 1903, os diversos partidos republicanos hespanhoes, reconhecendo a necessidade de uma acção commum, resolveram fundir-se no partido da União, e proclamaram-o seu chefe. Fazendo-o, porém, contavam que Salmeron organisasse para breve um movimento revolucionario, que de novo restabelecesse o regimen republicano. Dadas as circumstancias politicas e sociaes de momento, Salmeron não o poude fazer, e, por isso, a sua influencia junto dos seus correligionarios, começou a breve trecho a decahir consideravelmente.

Entretanto, Salmeron ia pugnando pela realisação de todas as reformas compativeis com o regimen monarchico. N'esse sentido organisou o anno passado a Solidariedade catalã obra de um largo alcance social, mas que devia ainda mais incompatibilisal-o com uma grande parte do partido republicano. D'ahi o seu afastamento da chefia do partido, que o congresso geral do mesmo, realisado ha mezes, confiou a um directorio constituido pelos seus representantes em côrtes.

PABLO SARASATE

Pablo Sarasate. — Finou-se ha poucos dias o eminente violinista Pablo Martin Meliton de Sarasate, universalmente conhecido. Nascido em Pamplona em 1844, tinha apenas onze annos, quando foi admittido no Conservatorio de Paris. Aos dezoito annos obteve o primeiro premio de violino. Dentro em pouco tornou-se uma celebridade, victoriado em todo o mundo culto. Os emprezarios disputaram-no a pêso de ouro. Os seus companheiros fizeram-lhe retumbantes exequias.

Vida na sciencia e na industria

A tocha maior do mundo

Um tal Raffaele Cascone, processado por assassino e absolvido ha pouco tempo, tendo soffrido um longo e penoso encarceramento, fez voto de que, se ficasse livre, manifestaria a sua gratidão por um modo extraordinario. Effectivamente, logo depois de solto, mandou fazer uma tocha colossal para a cathedral de Santa Catella. Tem esta tocha quasi tres metros e meio de alto, mais de 3 decimetros de diametro, e pesa cêrca de 146 kilos. A superficie é decorada com artisticas pinturas religiosas, de côres brilhantes. É feita toda de cera, e custou a quantia de 60 libras. Ao chegar ao seu destino, será collocada e acesa com toda a solemnidade, e deverá arder ininterruptamente durante mais de dois annos.

Expedição antarctica

A 16 de agosto partiu do Havre para o Oceano Antarctico. Mr. Charcot a bordo do seu navio o *Pourquoi pas?* Espera descobrir os restos de um continente perdido. O governo francez subsidia a expedição com 600.000 francos. O *Pourquoi pas?* é uma barca de 800 toneladas.

O «POURQUOI PAS?»

Descoberta photographica

Deve-se ao sr. Lipmann o novo processo para obter a photographia em relevo: é simplicissimo. Consiste em preparar a camada sensivel d'uma prova photographica de fórma que apresente uma quantidade de pequenas superficies convexas, affectando a fórma do olho composto d'um insecto.

A photographia em relevo é um melhoramento que deve transformar com vantagem as illustrações, dando-lhes um aspecto completamente novo e muito interessante.

Resenha portugueza

LEGAÇÃO DO BRAZIL EM LISBOA

Como encarregado dos negocios da sua nação, cargo que tem exercido com a mais notavel distincção desde a partida para Berlim do sr. Itibiré da Cunha, ministro da Republica dos Estados Unidos do Brazil na nossa côrte, veiu continuar entre nós a sua brilhante carreira diplomatica o sr. Oscar Teffé von Hoonholt, primeiro secretario da legação.

Figura eminente e altamente distincta, alliando ás mais altas faculdades de espirito os mais

raros dotes de coração, tem superiormente servido o seu paiz em Roma, S. Petersburgo, Vienna e Berne e nas Republicas dos Estados Unidos e da Argentina; onde esteve encarregado de negocios durante treze annos; e em toda a parte tem sabido honrar a patria e o seu nome. aliás bem conhecido no mundo diplomatico, pois que seu pae, o almirante barão de Teffé, representou o Brazil em varias côrtes da Europa.

Sua elegante e formosissima esposa, de quem reproduzimos o retrato com vivo desvanecimento, é uma das mais encantadoras senhoras do corpo diplomatico estrangeiro, actualmente acreditado entre nós.

Que Portugal lhes seja uma segunda e querida patria e que os conserve largo tempo sob a belleza do seu incomparavel céo, é o que sinceramente desejamos.

Medicos allemães em Lisboa

Tem-se nos ultimos tempos accentuado a affluencia de notabilidades scientificas ao nosso paiz.

Este facto, tão lisonjeiro para nós, tem origem em varias causas, entre as quaes se destaca a boa impressão que d'aqui levaram todos os que concorreram ao Congresso Internacional de Medicina, realisado sob a presidencia do illustre medico e professor dr. Miguel Bombarda.

É, pois, com sincero prazer que registamos hoje a visita que no fim de setembro fizeram á capital portuguêsa 341 medicos allemães, que a bordo do vapor *Oceana* regressaram á patria, da sua util e proveitosa excursão. O pouco tempo de demora entre nós — dois dias — não consentiu que em sua honra se organisassem festas demonstrativas do apreço em que era tida a sua visita; fôram no entanto recebidos por uma commissão de medicos portuguêses, presidida pelo illustre director da Escola Medica de Lisboa, sr. conselheiro Silva Amado, que na Sociedade de Geographia fez perante os nossos hospedes e escolhida assistencia, uma brilhante conferencia ácêrca do clima de Lisboa, a qual foi escutada com o maior interesse.

Visitaram ainda o Jardim Botanico, o Hospital do Rego, o convento dos Jeronymos e a Casa Pia, e admiraram as decantadas bellezas de Cintra.

Ouvimos que retiraram favoravelmente impressionados.

SPORTS

Durante os calores do estio Lisboa quasi se despovôa, e a animação da capital espalha-se por esse paiz fora, pelas thermas e praias, que se disputam pela organisação de attrahentes festas a mais numerosa e selecta concorrencia.

Como é natural, occupam logar proeminente pela sua situação e pelos valiosos elementos de que dispõem, as praias proximas de Lisboa, e d'entre ellas destaca-se a formosa praia de Paço d'Arcos pelo conjuncto de variadas diversões que annualmente alli se realisam.

Em setembro d'este anno, três ma-

LUCTA DE TRACÇÃO

gnificas festas desportivas chamaram a presencea-las enorme e escolhida assistencia, na qual predominava o elemento feminino, e que foram:

Regata de Canôas monotypos. — Terceira d'este genero, promovida pelo Real Club Naval e que, como as anteriores, despertou o mais vivo enthusiasmo. N'ella tomaram parte barcos dos nossos mais distinctos *sportsmen*, que primorosamente a disputaram, ficando vencedora a *Guida* do sr. João Bissau, que gastou no percurso da corrida — duas voltas n'um triangulo formado por balisas em Pedrouços, Trafaria, e Paço d'Arcos — 4 horas e vinte minutos.

Torneios athleticos. — Varias festas d'esta natureza conseguiram manter justamente interessado um publico que da melhor vontade a elles concorre no desejo de admirar o desenvolvimento da força e destreza da nossa mocidade.

As provas consistiam em corridas pedestres e velocipedicas, saltos em comprimento, lucta de tracção, lançamento de pesos, etc., e n'elles tomaram parte muitos e distinctos amadores.

Travessia do Tejo. — Durante o mez de setembro tão fertil em festas desportivas, a travessia do Tejo chamou sobre si todas as attenções pelo esforço que demandava dos que concorreram a tão difficil prova. Dois certamens d'esta natureza se realisaram com pleno exito e sem nenhum incidente desastroso. Ao primeiro promovido pela Liga de Natação, concorreram 30 praças do exercito e da armada, tendo direito a premio quem fizesse o percurso da Trafaria a Pedrouços, 2:500 metros, em menos d'uma hora. O vencedor foi o 2.º grumete do cruzador *D. Carlos*, Joaquim Matheus Junior que gastou 42 minutos, cabendo por isso a este navio a taça offerecida por El-Rei, que será disputada no proximo anno, e recebendo o bravo marinheiro uma medalha de prata e o premio pecuniario de 15$000 réis.

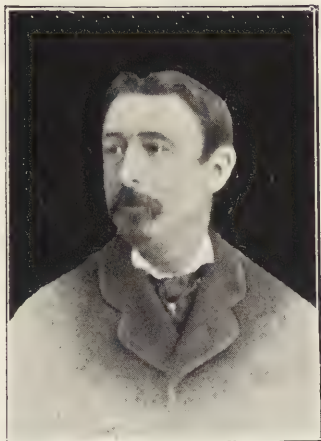
TAÇA D. CARLOS

OS VENCEDORES

UM ASPECTO DA CORRIDA

ESCUDO DO REAL GYMNASIO CLUB

O segundo certamen foi organisado pelo Real Gymnasio Club, e n'elle disputaram o valioso premio, um escudo de prata, de que damos a photographia, oito dos nossos melhores nadadores. A distancia entre a Trafaria e Pedrouços foi vencida em 1 hora e 10 minutos pelo sr. Frederico Soares, do Club de Natação Awata, que foi o primeiro dos concorrentes a chegar; porisso em poder d'aquelle club ficou o magnifico escudo de prata, recebendo o vencedor uma medalha de ouro.

OS NOVOS PARES DO REINO

VISCONDE DE BALSEMÃO

BARBOSA DU BOCAGE

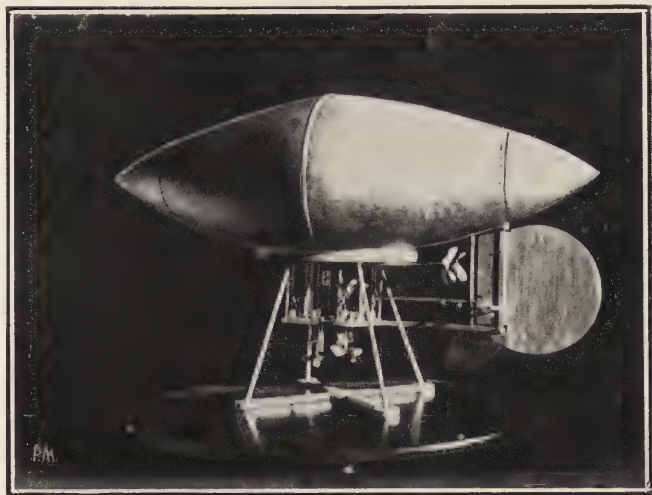
CONDE DAS ALCAÇOVAS

Iremos dando successivamente nos *Serões* pela ordem por que os fôrmos obtendo, os retratos dos Pares do Reino por direito hereditario, que ultimamente tomaram assento na Camara, e de cujo talento e illustração muito tem a esperar o paiz.

Os que hoje honram as nossas columnas hão de por certo, no desempenho das suas elevadas funcções, esforçar-se por manter as honrosissimas tradições dos seus maiores, que tanto illustraram os seus nomes e nos quaes os supremos interesses da Nação encontraram sempre denodados defensores. E' voto este que confiadamente fazemos.

A AEROSTAÇÃO EM PORTUGAL

Um dirigivel portuguez. — O problema da navegação aerea que tantos espiritos arrojados tem apaixonado, e a cuja solução no momento actual todas as nações do mundo ligam o maximo interesse pela sua applicação á arte da guerra, não podia deixar de tentar tambem a inventiva dos nossos patricios. Assim é que um pequeno e elegante modelo de dirigivel foi apresentado em agosto findo ás auctoridades superiores da marinha pelo seu inventor, 1.º sargento da Armada Real, sr. Francisco Miguel Anastacio.

A construcção d'este aerostato diverge profundamente dos modelos mais vulgares, na materia de que é formado o envolucro — aluminio,

MODELO DO DIRIGIVEL «PORTUGUEZ»

em vez de seda ou cautchú e na suppressão da barquinha, que é substituida por um estrado fixo ao envolucro e obedecendo ao mesmo movimento d'este.

Na opinião do inventor estas duas modificações devem influir extraordinariamente não só na facilidade da direcção, mas sobretudo na velocidade, porisso que faltando ao envolucro a rigidez, que lhe é assegurada pelo emprego do aluminio, a sua ogiva anterior achatar-se-ia por effeito da accumulação de gaz na parte opposta á da direcção do balão, o que junto ás oscillações da barquinha diminuiria consideravelmente o andamento.

A direcção é-lhe dada por um leme, e o apparelho propulsor é constituido por duas helices que se movem em sentidos contrarios, accionadas por um motor a gazolina installado no centro do estrado; duas outras helices ligadas á parte inferior d'este estrado são destinadas, uma a fazer subir o balão sem alijar lastro e a outra a fazê-lo descer sem perda de gaz. O balão assenta no solo por meio de quatro escoras que partem da base do envolucro em sentido obliquo para o exterior. O inventor pensou desde o principio em fazer do seu aparelho um poderoso meio de ataque quer na terra quer no mar; para isso dispoz á frente do estrado, n'um dos balaustres que ligam este ao envolucro, um canhão que pode girar para a direita e para a esquerda, para cima e para baixo, e aos lados dois tubos de lançamento de projecteis.

Estas disposições permittiriam a destruição de exercitos e esquadras inteiras, quasi sem risco, pois o aerostato póde — servindo-se da helice vertical da ascensão — pôr-se rapidamente e conservar-se fóra do raio de acção dos canhões até hoje conhecidos. Para a sua manobra bastam dois homens.

Uma commissão de officiaes de marinha está estudando o interessante invento.

Os bombeiros de Santarem em Lisboa

DIRECÇÕES DOS BOMBEIROS DA AJUDA E DE SANTAREM

Bombeiros voluntarios de Santarem. — Os bombeiros voluntarios de Santarem organisaram, em 27 de setembro, uma excursão a Lisboa na qual tomaram parte cêrca de 400 pessoas, acompanhadas pela excellente banda da corporação, uma das melhores do paiz. Na sua curta visita não faltaram a cumprimentar as corporações dos Voluntarios da capital, sendo a photographia que damos, tirada na Praça da Alegria, junto do quartel dos Voluntarios da Ajuda.

Nova opera portugueza

Augusto Machado. — Com o alegre alvoroço que as boas novas sempre causam, foi acolhida a noticia de ter Augusto Machado, o

AUGUSTO MACHADO

inspirado compositor da *Laureana*, concluido duas novas partituras, que nos será provavelmente dado admirar n'esta época theatral.

Uma d'ellas foi expressamente escripta para a peça intitulada o *Espadachim do outeiro*, do nosso estimado director, o sr. H. Lopes de Mendonça.

E' uma opera-comica, cuja acção se passa no alvorecer do seculo XVIII.

Os nomes gloriosos dos auctores, desde longo tempo tão justamente apreciados e queridos do publico, são segura garantia de exito para a empreza do theatro da Trindade, digna dos maiores encomios pela sua arrojada iniciativa em favôr da arte nacional.

A segunda partitura é uma comedia lyrica que tem por titulo a *Burguesinha*.

O libretto é extrahido de um romance de Frederico Soulié, cujo titulo é *Le lion amoureux*, e que por meiados do seculo XIX alcançou merecida voga, não só em França, como por toda a Europa.

Desde já auguramos farta colheita de triumphaes louros ao insigne compositor e illustre director da Escola de Musica do Conservatorio de Lisboa, a quem a arte musical tão assignalados serviços deve.

OS EMPREZARIOS
DOS
THEATROS DE LISBOA

VISCONDE DE S. LUIZ BRAGA
(D. Amelia)

COMMENDADOR ANTONIO SANTOS
(Colyseu dos Recreios)

MIMON ANAHORY
(S. Carlos)

AFFONSO TAVEIRA
(Trindade)

LUIZ GALHARDO
(Avenida)

AUGUSTO FERREIRA
(D. Maria)

JOSÉ ANTONIO DO VALLE
(Gymnasio)

EDUARDO VICTORINO
(Principe Real)

SERÕES

LIVRARIA FERREIRA

N.º 42 - DEZEMBRO

Praça dos Restauradores, 27 — Teleph. 805

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director:** Henrique Lopes de Mendonça — **Administrador:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 27. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

A

DIRECTOR LITTERARIO
H. Lopes de Mendonça

Serões

ADMINISTRADOR
Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA (PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL) Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões,* revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões,* nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6$000 réis	1 pagina	70$000 réis
1/2 pagina	3$500 »	1/2 pagina	40$000 »
1/4 pagina	2$000 »	1/4 pagina	20$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões,* é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2$200 réis
	Semestre	1$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	Anno	12$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	Anno	15 fr.

Pedidos para assignaturas, ou qualquer numero avulso dos *Serões,* e indicações para inserção de annuncios, dirigir-se á

ADMINISTRAÇÃO DOS Serões

Praça dos Restauradores (Passagem do Annuario Commercial) 27

Telephone 805 LISBOA

As nossas capas de luxo

Com o presente n.º 42, completa este bello magazine portuguez — **Serões** — o **7.º volume** da **2.ª serie.**

Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilisar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, tudo, **500 réis,** que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões,** assim acabados, mais evidenceiam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

1.ª Série
QUATRO VOLUMES
A 1$200 réis cada

2.ª Série
SETE VOLUMES
A 1$200 réis cada

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 27 — LISBOA

SERÕES

A empreza dos **Serões,** grata ao carinhoso acolhimento que o publico lhe tem dispensado quer em Portugal quer no Brazil, vae introduzir-lhe, a contar do proximo mez de janeiro, importantes modificações, afim de que esta magnifica revista corresponda em todos os pontos á sua missão.

A parte litteraria continuará a ser esmerada como até aqui e desenvolverá largamente a representação photographica dos acontecimentos mais importantes que se derem tanto no paiz e Brazil, como no estrangeiro.

Conterá com o maior desenvolvimento possivel e profusamente illustrados, artigos sobre viagens, sciencia, litteratura, arte, sobre o progresso da industria e do commercio, contos, poesias, romances dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros, etc.

Terá as suas paginas sempre abertas tanto ás pennas já consagradas como aos **novos escriptores** que se evidenciem pelos seus meritos e pelo seu trabalho.

Será um defensor estrénuo dos interesses commerciaes e industriaes publicando gravuras e descripções, de quantos inventos e conhecimentos sejam uteis para a sua propaganda e alargamento de transacções.

Inserirá uma resenha bibliographica dos principaes livros publicados em Portugal, no Brazil, Hespanha, França, Italia, Inglaterra, Allemanha e America do Norte.

Dará uma pagina musical, incluida no texto, das operas, operetas, operas comicas, de compositores portuguezes que tenham obtido maior exito nos theatros, concertos, etc., a par das melhores estrangeiras modernas ou classicas.

Tendo provado a experiencia que a folha solta dos moldes e das modas se extravia frequentemente, pelo que a administração tem recebido multiplicadas e repetidas reclamações, os **Serões** publicarão no texto uma pagina artistica sobre quaesquer novidades que interessem ás senhoras com um artigo explicativo em que se faça a historia d'essa novidade, o que determinou o seu apparecimento, a vantagem ou desvantagem do seu uso, n'uma palavra a critica feita por uma das nossas collaboradoras.

Organisará uma galeria tão completa quanto possivel de senhoras portuguezas e brazileiras que pela sua elegancia, benemerencia, caridade, dotes de espirito, posição e virtudes sejam notaveis.

Muitas outras vantagens de ordem material e espiritual proporcionará aos seus leitores e assignantes, avultando entre essas um

BONUS

aos nossos assignantes e aos que se inscrevam por periodo não inferior a um semestre e que desejem completar o mais bello **magazine** portuguez — **Serões** —, desde o seu inicio, podendo adquirir um volume ou todos os dez publicados com um abatimento de 50 % do seu custo real.

BRINDE

Uma viagem de Lisboa a Paris

Ida e volta em 1.ª classe

e em época determinada pelo contemplado, ou, ainda, o **seu equivalente em moeda corrente.**

Este brinde recahirá por meio do sorteio da loteria do Natal de 1909, áquelle que possuir o numero a que couber o premio maior. A elle teem direito os assignantes de um semestre, que perceberão para tal fim uma senha numerada, e os assignantes annuaes duas, senhas estas que serão opportunamente enviadas aos nossos assignantes nas circumstancias expressas.

Namorando

Quadro de C. Wünnenberg

O NATAL

Natal, segundo nos ensinam as encyclopedias, é uma das mais antigas festas do christianismo. A sua instituição vem quasi do berço da Egreja do Occidente. Segundo alguns auctores, foi o bispo Telesphoro que a estabeleceu em 138. Mas então essa festividade era essencialmente movel; celebrava-se ora no mez de janeiro, ora no de maio. No decorrer do seculo IV, Cyrillo, bispo de Jerusalem, dirigiu-se ao Papa Julio I e pediu-lhe que mandasse proceder a um inquerito entre os doutores do Occidente e do Oriente para averiguar o verdadeiro dia da natividade de Jesus Christo. Os theologos consultados concordaram em designar o dia 25 de dezembro. Foi desde então que se fixou n'esse periodo do anno.

Houve, no entanto, quem contestasse esta data, e a verdade é que não existe uma palavra nos Evangelhos que permitta adivinhar o motivo d'essa escolha. O uso das tres missas que se celebram por occasião do Natal veiu de Roma. Diziam-n'as

A ANNUNCIAÇÃO

por causa das tres estações indicadas pelo Papa, a primeira em Santa Maria Maior, de noite; a segunda, em Santo Athanasio, ao alvorecer; e a terceira em S. Pedro, para a missa do meio dia. A Egreja conservou este costume, mas as ceremonias do Natal soffreram, segundo os tempos e os paizes, notaveis modificações. Exprimiram sempre alegria e essa alegria foi traduzida de uma fórma mais ou menos original.

OS REIS MAGOS

Na Edade Média, na Egreja do Occidente, a festividade era celebrada com jogos scenicos; varias personagens recitavam composições religiosas em redor do presepio onde descansava o menino Jesus. S. José e a Virgem, assentados ao lado, gosavam em silencio a gloria do menino. Este espectaculo, innocente a principio, degenerou mais tarde em jogralices. Foi então que a auctoridade ecclesiastica o suppriiu. Algumas Egrejas, todavia, conservam ainda vestigios d'esses espectaculos n'um officio que foi chamado o officio dos pastores. Os povos de todos os paizes improvisaram canticos allusivos ao Natal.

Em Hespanha e Portugal, n'estes dois devotissimos paizes, representavam-se nos templos os mysterios da Natividade. As personagens que entravam em scena usavam mascaras grotescas e trajes estapafurdios. Eram acompanhados, em Hespanha, por castanholas, pandeiros, guitarras e violas. Depois, de subito, as mulheres e as raparigas entravam na dansa, levando na mão cirios accesos. N'alguns sitios ceava-se para melhor se supportar as fadigas da noite. E'

d'ahi que veiu o costume das consoadas tão usadas no norte do paiz. Começaram na Edade Média. N'essas refeições, a alegria até ahi reprimida, expandia-se á vontade. Se o Natal cahia a uma sexta feira, o Papa auctorisava o uso da carne, porque n'esse dia o Verbo fizera-se carne. No seio das familias, benzia-se a lareira e deitava-se-lhe vinho, dizendo: «Em nome do padre...». Hoje é raro o paiz onde não ha a *arvore* do Natal. Antigamente, e ainda hoje em muitas terras da provincia, mandavam-se presentes ás pessoas das relações e cantavam-se canticos apropriados á festividade.

A FUGA PARA O EGYPTO

No sul da França, o Natal celebra-se de um modo muito semelhante ao do norte de Portugal, com excepção de algumas formalidades. Na vespera, em vez de jejuns e de mortificações, come-se uma lauta ceia. A mesa é posta em frente da lareira onde crepita, coroado de louros, o *cariguié,* velho tronco de oliveira secco e conservado com desvelo durante todo o anno, para a triplice solemnidade do Natal. Mas, antes dos convivas se assentarem á mesa, procede-se á benção do fogo, prática evidentemente idólatra. O filho mais novo da familia ajoelha deante do fogo e dirige-lhe uma prece, dictada pelo pae, em que pede para aquecer os pés enregelados dos orphãos e dos velhos doentes, para espalhar a sua claridade e calor em todas as trapeiras dos proletarios, para nunca devorar a resteva do lavrador pobre, nem a embarcação que transporta os nautas

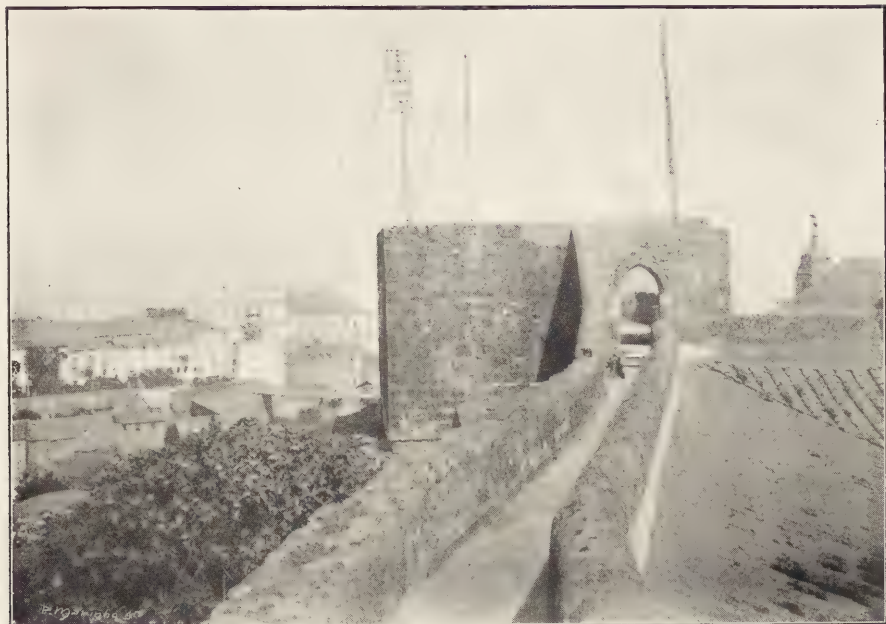
no seio dos mares longinquos. E' uma practica piedosa, observada com a mais religiosa uncção.

Em seguida é benzido o fogo, isto é, regado com uma porção de vinho cosido, á qual o *cariguié* responde com crepitações alegres. Depois todos se assentam á mesa. Após a ceia, faz-se circulo em roda do *cariguié* e cantam-se nataes até a meia noite, hora em que todos se dirigem á primeira missa, missa do gallo.

Em França, na noite de 24 para 25, os pobres são auctorisados a mendigar publicamente entoando canticos. As creanças atiram-lhes das janellas esmolas mettidas em saccos de papel, largando fogo a uma das pontas para mostrar onde é que caem. Nos campos, onde o espirito de superstição não está ainda tão desarreigado, todos deixam na urna o *quinhão dos mortos.* A festa dura tres dias com os mesmos cantares e as mesmas festas. Então come-se á ceia do dia 25 o perú do Natal. A 26 chega a vez do *pão de Santo Estevam*, coroado de louros. Este pão tem a fórma de uma abobora e attribue-se-lhe uma porção de virtudes, simultaneamente maravilhosas e burlescas, como por exemplo a de preservar os burros da dôr e os cães de se damnarem. E' tambem no dia 26 que se realisa a inauguração dos presepes.

Os protestantes festejam o Natal como os catholicos, e em Inglaterra, principalmente, é celebrado com a maior uncção e alegria. No Norte de Portugal a *consoada* é talvez a festa mais commemorada no seio das familias. O indispensavel bacalhau cosido e as indispensaveis *rabanadas* são prato obrigatorio ainda nos lares mais modestos.

Os mais célebres artistas teem pintado valiosas telas que teem por thema o Natal. Raphael, Perugino, Van-Dyck, Rembrandt, etc., deixaram ficar quadros immorredouros sobre esse assumpto. As estampas que inserimos são reproduzidas da rara biblia illustrada por Gustavo Doré, o inimitavel desenhador que tem o seu nome ligado a tão bellas obras.

E. N.

TORRE DA CISTERNA, E FRAGMENTO DO ADARVE DA FACE NORTE DO CASTELLEJO
Vista tirada do poente para o nascente

O castello de S. Jorge em Lisboa

(Conclusão)

O Castellejo

De proposito guardámos para o fim tratar d'esta bella reliquia das antigas fortificações de Lisboa. E' a parte das obras defensivas construidas pelos mouros que melhor tem resistido, durante mais de oito seculos, aos terremotos, ás injurias do tempo, e aos vandalismos dos homens. Não é porque estes não tenham feito altas diligencias para fazer obliterar ou esquecer o que lá está, pois que, para não citar exemplos mais antigos, ainda não ha meia duzia de annos, as paredes exteriores foram rebocadas e *concertadas,* fingindo-se pedra sobre o que realmente era pedra!

O *castellejo* representava, na organisação defensiva da Lisboa moura, o ultimo reducto dos defensores.

Os nossos antigos chronistas consideravam este recinto como o castello propriamente dito da cidade; era na *torre de menagem* do castello que se arvorava a bandeira que, como nas praças de guerra, symbolisava a vassalagem do seu governador, ao rei que lh'o havia concedido, para o manter e defender.

A parte restante do recinto era denominada Alcaçova; porém mais tarde, talvez posteriormente ao terremoto de 1755, a designação de *castello* generalisou-se, como dissémos, a todas as construcções militares,

ou pertencentes ao Ministerio da Guerra, de muros a dentro da Alcaçova.

A palavra *castellejo*, de origem hespanhola (*castillejo*, castello pequeno), foi empregada por João Nunes Tinoco, que levantou a planta de Lisboa mais antiga que se conhece (1650), logo depois de ter findado a dominação filippina em Portugal, afim de designar esta parte do recinto de defesa. A' falta de uma denominação official, julgámos commodo adoptar tambem a d'aquelle architecto.

O *castellejo* tem em planta um traçado sensivelmente quadrado, limitado por grossas muralhas, com cêrca de 10 metros de altura, e é dividido por um outro muro, correndo na direcção norte-sul, e que une approximadamente os meios de dois dos lados do quadrado, nos dois recintos de que já nos occupámos. A' entrada existe um pequeno pateo, limitado por dois outros muros, e no qual se veem tres portas; a da entrada principal, e uma para cada um dos recintos. Contigua á parede sul havia em 1825, uma larga escada, parece que para accesso ao *adarve* das muralhas. Ao lado da porta que dá para o recinto oriental, ainda se conservam no muro, pelo lado do recinto, dois nichos, que parecem ser antigas *setteiras* ou *troneiras* que enfiavam a porta principal; estes dois vãos estão tapados do lado do pateo, e já não teem escada de accesso.

Pode-se ainda hoje percorrer, em quasi toda a sua extensão, os *adarves* das muralhas, que conservam as guardas ou muretes de alvenaria, de ambos os lados; o caminho de ronda apenas se acha interrompido em metade do lado sul, e no angulo sudeste pela torre que ahi se levanta.

Nas muralhas da face norte do *castellejo* existe no recinto occidental uma porta tapada, que parece ser aquella que chamavam *da traição*, e no oriental uma janella gradeada, que olha sobre a encosta, e que talvez seja contemporanea da construcção dos *quarteis velhos*; a parte da muralha inferior e lateral a esta janella soffreu grande ruina, que foi muito mal reparada. Na face norte do mesmo recinto, junto á torre da cisterna, está praticada atravez da muralha uma passagem para uma dependencia dos quarteis, que fica exterior e adjacente ás muralhas.

A's muralhas encostam-se dez torres ou *cubellos*, com secção rectangular, mas com dimensões differentes em planta. As alturas tambem deviam não ter sido todas eguaes, sendo mais elevadas as tres da face sul, e a do meio da face oriental; a do angulo nordeste devia ter tido sempre a altura que hoje apresenta. As restantes, voltadas para a encosta abrupta do norte e do poente, deviam ter os seus *eirados* á altura do pavimento do caminho de ronda das muralhas, como ainda hoje se reconhece.

Parece que as torres são massiças, com excepção da que occupa o angulo nordeste, que contém no seu interior uma cisterna, com o fundo um pouco mais alto que o nivel actual do terrapleno da Praça Nova; acima do *eirado* levanta-se o boccal da cisterna com a sua armação de ferro para a roldana.

Esta torre da cisterna, bem como as cinco do lado da encosta, tinham em cima um compartimento, provavelmente coberto, com janellas e portas. D'estes compartimentos restam duas paredes quasi completas na torre da cisterna, em uma das quaes existe uma porta ogival perfeita. Das janellas reconhecem-se alguns peitoris, á altura dos quaes estão arrazadas as paredes, e onde ainda em muitos se notam as coiceiras inferiores para os batentes; os vestigios das portas reconhecem-se no talhe da cantaria dos vãos e nas coiceiras inferiores para os batentes de madeira.

Nas paredes existiam, além das janellas, *setteiras* e *troneiras*, algumas das quaes se conservam em perfeito estado, outras estão entaipadas, e ainda outras provavelmente desappareceram.

A torre do angulo sudoeste está actualmente mergulhada no interior do edificio do quartel de caçadores, onde todavia se conhece desde o pavimento terreo, e por entre os telhados. Consta que esta torre foi derrubada pelo terremoto de 1755, pouco mais ou menos até 3 metros de altura acima do *adarve* das muralhas, cahindo sobre a encosta na direcção sudoeste, como se reconhece pela inspecção da superficie de ruptura. Parece ser esta a torre a que se allude no *auto de acclamação de D. João II*, do qual consta mais que ficava sobre a *cassa dos lioões de contra o rrecio*, que era um compartimento onde em tempos de D. Affonso V se achavam alojados dois d'estes

animaes. N'aquella solemnidade arvoraram os vereadores de Lisboa na mencionada torre a *bandeira da cidade*, que comsigo traziam, tendo primeiro o alcaide-mór do castello levantado a *bandeira com as quinas e coroa de rrey na torre de menagem do dito castello* (é outra de que adiante trataremos).

Ao meio da face sul do *castellejo* fica a maior de todas as torres ($13^m \times 9^m$), *a cavallo* na muralha, ao lado da porta principal do recinto, á qual servia de defesa. Acha-se hoje arrazada até pouco acima do caminho de ronda, e tem ao meio do *eirado* um pilar de pedra para observações geodesicas; o pavimento actual é de betonilha, e como as guardas, é de construcção recente. Na parte conservada existe uma *poterna*, que atravessa a torre um pouco diagonalmente na direcção norte-sul, e por onde se faz hoje o accesso unico ao caminho de ronda das muralhas. Pelo lado interior, junto á base da torre, observa-se uma porta entaipada, cuja serventia se não conhece.

Segundo Luiz Marinho de Azevedo foi esta torre denominada de Ulysses, em homenagem ao heroe grego que a tradição phantasiava ter sido o fundador de Lisboa; engana-se Antonio Joaquim Moreira quando diz que cahiu pelo terremoto de 1755, e *nem vestigios d'ella ficaram*.

Tambem lhe chamavam *torre albarrã* ou *do haver*, durante os reinados da primeira dynastia, quando era ahi o deposito ou cofre dos productos dos impostos e das rendas. Fernão Lopes diz-nos que *Esta torre era muj forte e nom foi porem acabada, estava em cima da porta do castello e alli poinham ho mais do tesouro que os Reis juntavom em ouro e prata e moedas.*

Outro facto nobilita esta torre: é o de ter sido ahi que teve origem o archivo ou tombo do reino, d'onde lhe proveio a designação de *torre do tombo*, que se substituiu á anterior denominação. Foi D. Fernando I quem ordenou a creação d'este archivo, e tendo o terremoto de 1755 arruinado a sua installação, foram os documentos transferidos, por diligencia do brigadeiro Manoel da Maia, para uma dependencia do convento de S. Bento, de onde foram mudados mais tarde para outra do mesmo edificio, onde hoje se conservam. Faremos todavia notar que as medições que logo depois do terremoto se tomaram, não permittem identificar a torre do tombo de 1755 com nenhuma torre das existentes, o que parece indicar que a esse tempo já as installações do archivo se alastravam para além da torre a que elle havia dado o nome, ou, o que julgamos mais verosimil, aquelle archivo estava installado em outro sitio do *castellejo*, talvez na muralha e torres, ou contiguo á muralha, da face oriental.

Ainda n'esta mesma torre é que parece ter sido fundada por D. João III uma bibliotheca, tendo-se-lhe posto em 1687 uma lapida por cima da porta.

A torre do angulo sudeste serve actualmente de *observatorio geodesico*, á altitude de $111^m,23$ (lage central da casa das observações). Faz parte da rede fundamental da

VISTA GERAL DE LISBOA NO SECULO XVI

Quadro existente no Museu Nacional de Bellas Artes, que representa a despedida de S. Francisco Xavier de D. João III e o seu embarque para a India (7 de abril de 1541)

triangulação geodesica do reino, como ponto geodesico de 1.ª ordem. As suas coordenadas foram a primeira vez determinadas, parece que em 1790, pelo dr. Francisco Ciera. As coordenadas geographicas são $38^{\circ}\ 42'\ 43''$ de latitude norte, e 0° de latitude, para a carta topographica de Portugal publicada pela Direcção Geral dos

TORRE DO MEIO DA FACE SUL DO CASTELLEJO
ESCADA DE ACCESSO AOS ADARVES E PORTA PRINCIPAL
DO CASTELLEJO

Trabalhos geodesicos e topographicos. A longitude a oeste do observatorio de Greenwich é de $9^{\circ}\ 7'\ 55''$ (ou $54''$).

Esta torre está mettida até uma certa altura, no interior das construcções que n'esse sitio ficam adjacentes ás muralhas, pelo lado exterior. Em córte horisontal a torre apresentava, acima do *adarve*, um angulo reintrante, para permittir a continuidade do caminho de ronda das muralhas. Desde a epocha, que não pudémos averiguar, da construcção do observatorio, installaram no vão da reintrancia uma escada de serviço, e prolongaram os paramentos das faces da torre, de fórma que esta passou a ficar com a secção quadrada, e deixou de existir a continuidade da passagem.

Esta torre é a que hoje conserva mais elevada, sobre o nivel das muralhas, a construcção primitiva. No seu interior, e no seguimento do *adarve* da *quadrella* que liga esta torre com a antecedente, ainda existe um lanço de escada de pedra, terminando em patamar, do qual continuava a escada para o lado direito; ahi porém está a passagem tapada.

Foi em 1779 que se construiu em uma das torres do castello o primeiro observatorio astronomico visto em Lisboa; é possivel, e mesmo provavel, que tivesse sido n'esta. Na planta de Lisboa de 1807 está indicado este *cubello* com a designação de *observatorio*.

Cremos ter sido esta a *torre de menagem do castello*, onde se arvorava a bandeira da cidade, pelo fallecimento e acclamação dos reis e em outras solemnidades; ahi sería tambem a residencia primitiva do alcaide-mór de Lisboa. Os documentos porém não nos permittem identificar com segurança a situação da torre que tinha a designação mencionada.

Finalmente, a torre que fica ao meio da face oriental do *castellejo* acha-se arrazada até cêrca de 2 metros acima do pavimento do *adarve*.

Assim estas quatro torres mais importantes do recinto do *castellejo* estão hoje em condições de não se poder saber com exactidão como seria a sua constituição acima do caminho de ronda das muralhas. No que porém não póde haver duvida é que estas torres eram muito mais elevadas do que as cinco do lado da encosta; a torre da cisterna é de todas a que melhor tem resistido ao tempo, conservando porventura as disposições que tinha na occasião da tomada de Lisboa aos mouros em 1147.

Pelas faces norte e occidental bastava a aspereza da encosta para tornar facilmente defensavel o castello; já assim não succedia nas outras duas, em que o terreno offerecia um declive suave, e augmentaram os constructores visigoticos ou mouros a resisten-

cia d'essas faces guarnecendo-as com um fosso ou *cáva*.

Tal fosso ainda existia em 1383, quando o castello se rendeu ao partido do mestre de Aviz, então defensor do reino.

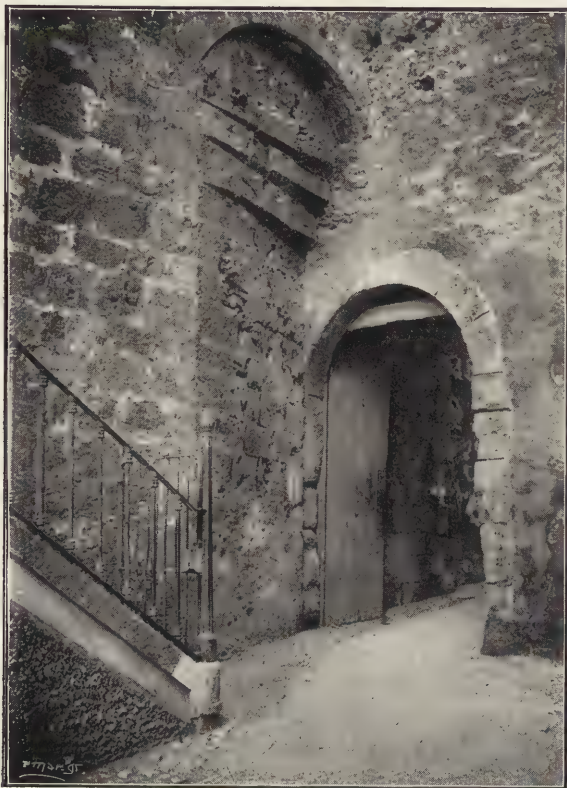
As antigas chronicas dão a entender que passados poucos annos depois da acclamação de D. João I tal *cava* já não existia, entulhada talvez por occasião de se inutilisarem, por exigencia do povo, algumas das fortificações com que o castello permacipal, e ia inserir-se na do angulo sudoeste, como parece mostrar a planta de J. Nunes Tinoco (1650). D'elle ainda resta: o lanço que contorna a torre do angulo sudeste; uma parte pela frente da torre do meio da face sul; parece que tambem o lanço que unia esta ultima porção com a torre do angulo sudoeste, lanço que serve actualmente de muro de fundação á fachada de um corpo de edificio onde são quartos de officiaes do batalhão de caçadores; e ainda, mas arra-

LANÇO DE MURALHAS E TORRES SOBRE A PRAÇA NOVA
A' direita vê-se a torre da cisterna, e á esquerda a torre do observatorio geodesico

nentemente ameaçava a segurança da povoação. Um seculo mais tarde, em 1481, parece que ainda se conservava a parte do fosso em frente da face sul do castello, pois havia ahi uma *ponte*, dando passagem das *primeiras portas do castello* para a *porta principal*.

Julgamos que esse fosso seria constituido pelo intervallo entre as muralhas e as torres das faces sul e oriental do *castellejo*, e por outras muralhas espessas que á frente d'ellas se elevavam, com cêrca de 4 metros de altura, e que constituiam a *barbacã*. Este muro devia ir inserir-se, do lado norte, na torre da cisterna, contornava a torre do angulo sudeste, assim como a da porta prinzado até cêrca de 2 metros de altura, o muro, ou talvez antes os alicerces do muro que existia pela frente da face oriental.

E' possivel que a *barbacã* tivesse tido *adarve* e *ameias*, como as muralhas do *castellejo*, e o accesso áquelles, do interior da fortificação, fazia-se provavelmente, além de por qualquer outra passagem que hoje se desconhece, pela *poterna* que atravessa a torre que está ao lado da porta principal, e a que já alludimos. Hoje, essa pequena parte da *barbacã* que se conserva pela frente da torre, serve de patim á escada que fica adjacente á mesma, e pela qual se faz o accesso ao *adarve* das muralhas.

E' este o unico meio actual para se ir para o caminho de ronda das muralhas do *castellejo*, como dissémos. E' provavel que tivesse havido escadas proprias para esse fim, talvez pelo interior da torre da porta principal, ou outras adjacentes ás muralhas. Uma escada que ainda hoje resta, arruinada

PORTA PRINCIPAL DO CASTELLEJO

A muralha da esquerda pertence á torre que fica ao meio da face sul do Castellejo

e entaipada, contigua aos muros do recinto occidental, não é evidentemente da construcção primitiva.

Tinha o castello duas portas abertas nas suas muralhas, desde a fundação; uma na face sul, e outra na face norte.

A primeira era simplesmente a *porta* ou *portas do castello*. Acha-se a meio d'aquella face, contigua á torre, cujo paramento forma n'esse sitio uma pequena reintrancia, de maneira tal que a torre fica um pouco como que sobre a porta. A abobada é em aza de cesto, e não se notam vestigios das coiceiras para os batentes. Do *auto de acclamação de D. João II* parece inferir-se que em 1481, além do fosso, tinha a entrada principal do castello duas portas, communicando-se pela *ponte levadiça:... entrou pella ponte dentro as primeiras portas do castello; e a porta principall estaua fechada.* E' provavel que as *primeiras portas* fossem as que deviam ter existido no muro da *barbacã*, e a *principal* fosse a que lá está ainda, ou a que esta veiu substituir, pois parece reconstrucção.

A outra porta, que denominavam *da traição*, fica situada no recinto occidental, na face norte, achando-se tapada á face do paramento exterior das muralhas; é uma estreita e occulta communicação, destinada, como nas fortalezas construidas na edade média, para os contra-ataques dos sitiados, e para a fuga em circumstancias desesperadas. Esta porta deita para a encosta, não existindo hoje o caminho para ella que havia nos fins do seculo XIV, e que parece ter-se conservado até 1763, pelo menos. Em 1650 tinha, pelo lado exterior, um *travez*, formando uma communicação talvez coberta, e munida com um outro postigo na extremidade, com disposição identica á que na mesma épocha apresentava a porta do Moniz, como descrevemos. Em 1825 esta porta dava serventia a umas dependencias dos quarteis de infanteria, que ficavam na escosta, contiguas ás muralhas.

Para communicação entre os recintos occidental e oriental do *castellejo* existia uma *poterna* atravez da muralha, ao nivel dos terraplenos; essa communicação está hoje tapada, e não se conhece.

O pateo de entrada communica com os dois recintos, por duas portas; a do recinto oriental é ogival da banda do pateo, e em arco de circulo pelo lado interior; ainda se conservam as coiceiras superiores para os batentes de madeira. A passagem para o recinto occidental não offerece cousa alguma de notavel.

Finalmente, como communicações do castello, recordaremos a tradição que diz existir ou ter existido, um *caminho subterra-*

neo; ignoram-se pormenores a este respeito dando cada investigador largas á sua phantasia, sobre um objecto que é naturalmente de molde a attrahir-lhe a curiosidade.

* * *

Por circumstancias bem conhecidas de toda a gente, o castello de S. Jorge está hoje em evidencia. Dois cavalheiros do nosso meio social, os srs. conde do Paço do Lumiar e Rozendo Carvalheira, pediram ao governo que, mediante certas condições, lhes fosse cedido o castello de S. Jorge, para aproveitar o local dos seus edificios e das suas esplanadas, afim de ahi se construir um hotel monumental, que alliará ao pittoresco da sua situação o goso do mais lindo panorama que é possivel imaginar.

Não temos a pretensão de nos intrometter aqui nas discussões a que a concessão do castello possa dar logar. Diremos todavia que não concordamos com a cedencia completa do que se chama hoje *castello de S. Jorge,* e pelo que respeita ás condições administrativas d'essa cedencia, consideramos ser assumpto muito delicado, que o Estado deve cautelosamente ponderar, para evitar futuras complicações internacionaes, desde que se prevê a possibilidade, ou melhor diremos, a probabilidade, de a exploração da concessão vir a fazer-se por uma companhia estrangeira, cujos inconvenientes são por demasiado conhecidos. Ainda outro motivo, esse de natureza patriotica, nos faz tremer a idéa de a concessão ser trespassada a uma companhia estrangeira: é a probabilidade de vêr tremular nas esplanadas do castello de S. Jorge uma bandeira que não seja a das quinas, symbolo da nossa nacionalidade e da nossa autonomia. Podia ser introduzida na concessão a clausula de não se poder arvorar no futuro hotel nem nas suas dependencias outra bandeira que não fosse a nacional; receamos porém que tal condicção viria a ser lettra morta.

Posto isto vamos, na nossa qualidade de engenheiro militar, e de excavador da velha Lisboa, emittir o nosso parecer sobre o que desejariamos que fôsse realisado no castello, quer pelo proprio Estado, quer pela entidade a quem este o cedesse, para que, no limite do possivel, se conservassem as tradições historicas que ao monumento andam ligadas, e afim de que pudesse recordar as diposições architectonicas que na sua origem devia ter apresentado.

O castello de S. Jorge não está ainda considerado, por decreto, monumento nacional; figura no projecto de classificação dos monumentos, elaborado pelo Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes, em 16 de janeiro de 1907; todavia o Ministerio da Guerra assim o considéra.

Estudámos detalhadamente o castello, e pudémos portanto apreciar o que elle tem de aproveitavel e de destituido de interesse. Valor militar, como dissémos, não tem nenhum; apenas tem o valor historico, e o utilitario como aquartelamento de tropas.

Não nos causaria pena nem saudade, o desapparecimento de todos os edificios do recinto da Alcaçova, com excepção do *castellejo,* e approvamos o aproveitamento do local d'estes, bem como o da Praça Nova, Praça d'Armas e Bateria dos Morteiros, para a construcção do hotel e seus annexos, comtanto que se conservem as suas actuaes muralhas de supporte, que limitam n'essa parte o recinto da Alcaçova. Especialmente as muralhas e as torres primitivas que ainda existem na Praça Nova deveriam ser cuidadosamente reparadas, tornando accessiveis a *porta do Moniz* e a *do Norte*, e de forma a poderem-se examinar pela banda de fóra. A porta de S. Jorge e o portão do Espirito Santo deverão ser conservados, estudando-se as construcções interiores de fórma que esta ultima porta possa ficar onde se acha, e de maneira a attrahir a attenção dos visitantes.

O que porém julgamos dever constituir o objecto principal das attenções é o *castellejo.*

Entendemos que o Estado não deve, por fórma alguma, alienar a propriedade d'estas ruinas, e que a sua reparação racional pelos concessionarios, sob a fiscalisação do Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes, devia fazer parte da compensação, dada ao Estado, pela cedencia do local mais bello que Lisboa possue.

Além do *castellejo* quereriamos que fôsse egualmente reservada para o Estado, sem que em epocha alguma pudesse ser alienada, uma rua de serventia que começasse na porta de S. Jorge, e bem assim uma faxa de terreno, pela frente das faces sul e orien-

tal, com 15 metros de largura, contados desde a linha de contorno exterior das torres, destinada a uma rua, da qual se poderiam examinar as muralhas e as torres em toda a sua magestade.

Quereriamos egualmente que fôsse reservada, e limitada por um muro guarnecido com guardas, uma faxa com 10 metros de largura, parallela á linha exterior de contorno das torres do *castellejo*, dos lados

PORTA DO PATEO DE ENTRADA PARA O RECINTO ORIENTAL DO CASTELLEJO
Ao lado da porta vêem-se dois nichos que porventura, n'outro tempo, foram setteiras ou troneiras. Vista tirada do lado do recinto

occidental e norte da encosta, até á torre que fica para o nascente da porta do Moniz, e que mediante uma indemnisação a fixar, se pela legislação em vigor fôsse julgada indispensavel, se impuzesse o onus de prohibição de levantar qualquer edificação, nos terrenos comprehendidos entre as muralhas, na extensão mencionada, e os predios actuaes da rua da Costa do Castello, que ficam do lado do monte.

Quereriamos que se demolissem todos os edificios de qualquer natureza que actualmente se encostam ás muralhas e ás torres, de fórma que ellas se apresentassem a descoberto, tanto pelo lado interior como pelo exterior.

Os terraplenos interiores deviam ser arrasados, até ao nivel que se encontrasse, ou que se presumisse ser o primitivo; a cisterna que existe no recinto occidental devia ser desentulhada.

As muralhas deveriam ser reparadas, mas de maneira racional, e concertado o caminho de ronda, refazendo-se as *ameias* que pela banda de fóra devia ter possuido. A *barbacã* deveria egualmente ser completada, levantando-se até á altura que devia ter apresentado, pela frente das faces sul e oriental, munindo-a com o seu caminho de ronda, e com as *ameias*, com disposição identica á dos *adarves* das muralhas.

Deverá procurar-se encontrar vestigios do fosso ou *cáva*, e reconstituir esta, com a ponte levadiça de que fallam os documentos antigos.

Deverão reconstituir-se, desentaipar ou concertar todos os vãos de portas dos dois recintos do *castellejo*, e refazer todos os batentes de madeira, e bem assim restabelecer todas as communicações, que se sabe terem existido, ou que venham a reconhecer-se por meio de pesquisas, entre os recintos, para

os *adarves* das muralhas e da *barbacã*, para as torres, etc.

Os *cubellos* deverão ser reconstruidos com constituição tão approximada da primitiva quanto possivel. Esta é facil de conhecer ainda na torre da cisterna, e nas cinco do lado da encosta norte e occidental. Nas restantes torres, que são as tres da face sul, e a do meio da face oriental, a disposição primitiva é mais difficil de restabelecer, sem que comtudo seja impossivel; o exame attento das antigas vistas de Lisboa, o estudo de construcções coevas, levantadas pelos povos arabes na peninsula ou na costa meridional d'Africa, e ainda a inspecção do que resta das torres, poderá auxiliar vantajosamente a execução do trabalho de reconstrucção.

O observatorio geodesico, origem das coordenadas das nossas cartas geographicas, levanta-se sobre uma das torres, e o pilar para as observações occupa uma outra. E' facil tornar a installar estes dois serviços nas mesmas torres, depois de reconstruidas como se acaba de mencionar.

Finalmente, as paradas dos recintos do *castellejo* seriam destinadas para, ao centro d'ellas, se construirem uns edificios destinados a museu archeologico, ou de armaria, ou emfim a qualquer outra applicação que se julgasse conveniente, em harmonia com a indole ou natureza historica, archeologica ou militar do monumento.

*
* *

Depois de escripto este artigo tivemos conhecimento da proposta de lei apresentada durante a sessão legislativa finda, em que se consignam as bases do contracto a celebrar entre o governo e a firma social Lumiar & Carvalheira. Além d'isso, pelo socio Carvalheira foi-nos mostrado o delineamento das construcções que projectam levar a effeito.

Não tratamos de apreciar a proposta, que está affecta ao parlamento; apenas diremos, pelo que se refere ao plano de trabalhos e outras indicações de detalhe que obsequiosamente nos foram fornecidas pelo sr. Rozendo Carvalheira, que difficilmente se poderia encontrar quem melhor alliasse ao saber profissional o culto da tradição, o que é sufficiente garantia de que, se for feita a concessão, aquellas ruinas serão respeitadas, e que se pode alimentar a esperança de que ao lado do hotel, com todos os requisitos e commodidades modernas, se verá um dia erguer destacado e reconstruido, e como que servindo-lhe de pedra de engaste, o venerando castello medieval de Lisboa.

Agosto de 1908.

A. Vieira da Silva.

CARAVANA EM MARCHA

Em terra de lobos
No paiz dos rebanhos

(Notas de uma excursão á Serra da Estrella)

(Continuação)

Da senhora do desterro a' nave de cabaços — Sobe-se a margem direita do alva — Panorama — As capellas da senhora de la salette e do espinheiro — Um santo fardado a' napoleão — A paisagem — Da cruz de vasqueannes ao cabeço de santo estevão — A estrada do observatorio — Um acampamento na serra.

Foi portanto por fins de agosto que nós, de novo. partimos para a Serra; e a serra e a paisagem apresentavam então um aspecto totalmente diverso do que nós surprehenderamos em março.

Já não eram, na terra chã, as cepas despidas, mas impadas de seiva que rebentavam em borbulhões promettedores d'uma farta colheita, nem os milhos temporãos que á flôr da terra apenas vinham mostrando os caules unidos d'um verde tenro — eram fartos montões de folhagem occultando os cachos já pintados e atochados de bagos, alastrando por monte e valle a exuberancia da sua riqueza e largas extensões de milheiraes viçosos e luzidios, das terras alagadas.

Ainda d'esta vez, foi por S. Romão que atacámos a montanha, já desoccupada de neve, esverdeada de pinheiraes, no sopé,

retalhada de amarellidões nos altos, que o calor vinha torrando mais e mais, desenhando á luz forte d'aquelle dia de agosto as chapadas dos cerros e as meias tintas das vertentes escalavradas.

S. Romão tinha mesmo um aspecto de vida nova, reluzindo ao cimo dos campos ferteis da Assamassa, sussurante de aguas, engalanada dos seus telhados vistosos de marselha, toda vibrante de actividade nas rodas gigantescas das suas fabricas.

A nossa excursão fôra maduramente pensada; tudo previramos: tinhamos um carro de bois que nos levaria as bagagens, os viveres e uma barraca de campanha; um cozinheiro, um guia pratico; para a subida até ao observatorio alcançáramos jumentos, na Lapa dos Linheiros, que uns camponios espertalhões nos alugaram.

Tornejando a nascente tomámos pela margem direita do Alva; o rio vinha arrastando, agora, uma corrente chorosa nos calhaus e lagedos ennegrecidos do leito. Mettemos monte do Calvario acima, e na ascenção até ao cabeço da Moita, a marcha foi quasi um *raid,* um desafio n'aquelle enthusiasmo da partida, por uns carreiros de cabras talhados no pinheiral onde os gericos se agarravam com firmeza.

O sol queimava, agora que deixaramos o pinhal e tinhamos entre nós uma rampa soalheira onde o caminho se esfarelava em torcicollos.

A meia encosta cruzâmos com um rebanho que volta da serra á terra chã: é esta a epocha do retorno. Traz á frente dois cães enormes de colleiras eriçadas de pregos para os ataques dos lobos: serão ao todo umas duzentas cabeças entre ovelhas e cabras — as ovelhas na sua maioria são negras. Vem com elle uns cinco pastores, um dos quaes não tem mais de dez annos, inconfundivel já no traje de saragoça, no chapeirão de feltro, nas sapatorras cardadas; nos cajados, ao hombro, vem á dependura as mantas listradas, os alforges da brôa e o caldeiro que serve para cozer as batatas, para ordenhar as cabras, para dar de comer aos cães, para... tudo emfim.

Mas já se afastam as ovelhas que le-

CHARCO DAS FAVAS

vantaram uma nuvem de poeira que nos caustica — um pó espesso que entapulha as narinas, mordendo a pelle que o suor alaga.

Não corre uma aragem: a mesma immobilidade abrazadora ao perto e ao longe!

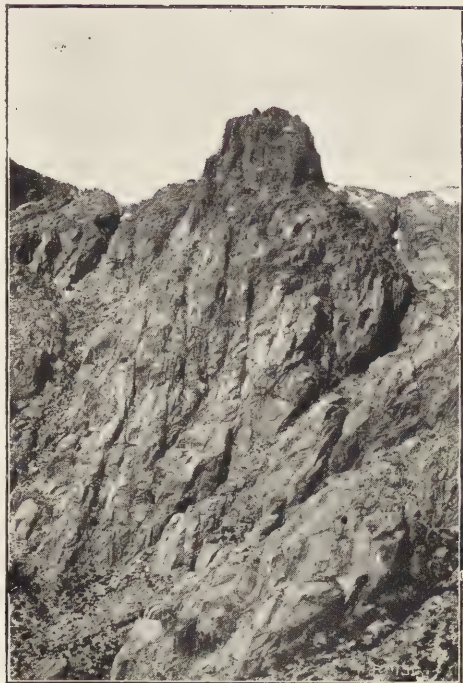
Subimos sempre; e agora no alto parece que as tonalidades se esbateram e que para lá na atmosphera diluida se estende um espaço immenso velado até ali pela cortina do monte. O guia, de cima, berrou-nos — *aqui!* — e a pouco e pouco vão surgindo na orla cimeira do monte, novos espaços, scenario que se perde ao fundo indistinctamente.

Para a direita o horizonte é curto e para lá dos cumes fronteiros tambem a montanha se cava, corroida pelo Alva, que banha o Sabugueiro anichado no fundo do valle. A paisagem é arida, agora; já deixámos a zona dos pinhaes e dos grandes massiços de verdura — o chão tem apenas coberturas de fetos amarellentos aqui e ali, giestaes e urzes; de quando em quando manchas de verdura destacam como um grito na monotonia dos córregos; e por sobre toda esta *pochade* macillenta, a penedia acinzeirada de fórmas estravagantes e, de espaço a espaço, a fita poeirenta dos caminhos.

LAGOA REDONDA

penedos de fórmas estranhas, azulados na lonjura.

Chegamos ao planalto — o panorama é esplendido: á esquerda o horisonte é vastissimo; a montanha desce n'uma chanfradura rapida enfeitada de pinhaes, soutos e matagaes na zona a cavalleiro de Ceia; na orla da base descobre-se, aconchegada, ao cimo, Gouveia; na curva Mangualde, Moimenta, Aldeia da Serra, as duas Povoas, succedendo-se na planura os logares, as aldeias, as villas, ao longe Oliveira, Lagares, Torrozelo, destacando as casas caiádas na indecisão pardacenta do vastissimo

Avançamos lentamente e ao encontrarmos um rebanho que descança á soalheira, apeamos-nos, soffregos de leite, para matarmos a sêde. Junto do rebanho está toda uma familia de pastores: uma das mulheres, nova, tem o typo perfeito de cigana, na tez cobreada, nos cabellos escorridos, no desmazello do traje; ordenha de cócoras, de vagar, uma cabra môcha, olhando desconfiada, com os seus grandes olhos negros e humidos.

CANTARO MAGRO
Visto da base, ou do Covão da Metade, nascente do Zezere

Pagâmos-lhe em tabaco, não porque seja a moeda corrente, mas porque os pastores ali apreciam mais tres cigarros *fortes* do que um tostão!

O ar é purissimo: a 1:200 metros acima do nivel do mar respira-se admiravelmente, e a circumstancia de estarmos sobranceiros á paisagem, tendo só sobre nós o céu alagado de luz, dá-nos uma impressão de leveza que nos allivia.

A' esquerda ainda, ficam pouco distantes dois nichos que a devoção popular ali fixou — a Senhora de la Salette e a Senhora do Espinheiro: são ermidas toscas muito caleadas que põem tons alacres na maravilha da paisagem.

Eu visitei a Senhora do Espinheira. A ermida é pequena e pobre; o pavimento é calcetado como uma rua; tem um altar de talha onde o doirado se some, e uma imagem de pedra, inteiriça e tosca, da Senhora das Dores com o filho morto nos braços.

Sobresahem, pelo pittoresco, duas imagens que estão fóra do altar: a da esquerda é um manequim de madeira articulado com pretensões a Menino Jesus; sustenta na mão esquerda o mundo encimado d'uma cruz, erguido o dedo indicador da mão direita. O melhor é o traje: a ingenuidade popular vestiu-lhe uns calções de veludilho preto já usados, uma farda do mesmo, á Napoleão, com uma divisa de cabo no braço, um chapeu braguêz na cabeça, e sapatilhas de marroquim atacadas; e como eu me sorrisse da figura, o ermitão informou-me, muito serio, que o *menino*, tinha fatos muito ricos em Ceia, e entre elles um de... Rei, com muitos dourados e medalhas.

E eu deduzi então que o *Senhor* estava em pequeno uniforme, e convenci-me que áquella altitude a magnanimidade de *Rei divino* é compativel com todas as mudanças de vestuario, mesmo com a que vae de cabo a... generalissimo!...

A outra imagem é impressionante de fealdade e tristeza; uma Senhora das Dores que mais lembrava uma horrivel megéra de cabellos esgrouviados e faces cadavericas de desenterrada, de expressão parada e traje miseravel.

Vamos direitos á cruz de Vasqueannes, subindo sempre, e de espaço a espaço temos que fazer alto e esperar por um companheiro retardatario, que é o *caixa da excur-*

DESFILADEIRO DOS CANTAROS
Na Rua dos Mercadores

são e peza 108 kilos! Vem choutando n'uma burra branca de alforges no albardão e um grande guarda-sol de ramagens azues aberto, suando por todos os póros e mandando ao diabo a serra e o passeio!...

RIO ALVA GELADO

Como elle fosse caricatural e extraordinario em todo aquelle atavio, chamavamos-lhe «O Sancho» — «anda cá, Sancho!» — «vê se meches os untos, Sancho!» — e elle afinava!...

Tomâmos pelo cabeço de S. Bento, em direcção ao cabeço de Santo Estevão. A' esquerda, na pendente, de vez em quando, um batatal viridente dá á paisagem uma nota de vida, denunciando nascentes proximas, e no alto uns ganhões lavravam um pedaço de terra negra e fertil, tangendo de vagar os bois enormes, já azafamados na semeia do centeio.

A' direita o guia aponta-nos as *Penhas Douradas,* uma penedia que ao longe ergue os seus quatro dentes afiados e que áquella hora a que o sol vinha baixando tomava colorações alaranjadas, e brilhava scintillantemente, como se o calor lhe incendiasse o feldspatho.

A' medida que avançamos, d'um lado e d'outro notam-se por vezes nas cristas da penedia uns amontoados de pedras soltas sopezando ramos seccos de giesta.

Estes signaes têm um duplo fim: servem de pontos de orientação para os caminheiros, no meio do labyrintho intrincado de carreiros que sulcam a montanha, e de balisa para a delimitação dos *termos* dos pascigos.

Os rebanhos de cada um dos concelhos limitrofes pastam só dentro dos seus termos e os pascigos respectivos delimitam-se no alto da serra por estes signaes, por vezes insignificantes, mas que os pastores cuidadosamente conservam e renovam, ciosos dos seus direitos.

A caminhada até á encosta do Valle da Perdiz faz-se rapida, depois a descida é abrupta até ao fundo. Em frente, a meia encosta, avista-se já a estrada que de Gouveia leva ao Observatorio. Alcançamol-a rapidos e seguimos ávante.

OBSERVATORIO METEREOLOGICO
Situado a 1:390 metros de altitude

O sol vinha caindo, de modo que, quando, pouco depois o guia nos levou á Nave de Cabaços onde deviamos pernoitar, já entravam de luzir as primeiras estrellas. Para o fundo o ceu tinha ainda laivos sanguineos que a pouco e pouco cambiavam do alaranjado ao violeta, ao roxo, ao cinzento, até se diluirem na meia tinta indecisa da noute.

Acampámos junto a um veio d'agua. Armada a barraca reclamámos a ceia e uma ração d'agua ardente, Sim, senhores! Porque no dia 24 de agosto, com uma noite purissima, batia-se o queixo ao cair da noite a 1:439 metros de altitude!...

Em breve uma fogueira enorme illumi-

ACAMPAMENTO DE UMA CARAVANA NO COVÃO DO BOI
A 1:900 metros

REBANHO NO REDIL, NA FALDA DA SERRA

LAGOA DO PEIXÃO OU PAIXÃO

nava tudo espalhando um calor bemfazejo que nos entorpecia.

Ainda ao deitar houve um começo de revolta na caravana e protestos energicos contra a obesidade de *Sancho* que tomava o logar de tres, mas a fadiga podia mais e venceu. A fogueira esmorecia n'um ultimo brazido e a pouco e pouco uma grande quietação se estendeu por sobre os homens e as cousas, só cortada do remoer constante dos bois e de latidos de rafeiros vigilantes na guarda das ovelhas que amalhoam os alqueives.

DA NAVE DE CABAÇOS AO OBSERVATORIO — A VISTA ESPLENDIDA DO COVÃO DE MANTEIGAS — A CASA DE CEZAR HENRIQUES — A TISICA E AS ALTITUDES — ANTIGO E NOVO OBSERVATORIO — PELO VALLE DAS EGUAS PARA AS PENHAS DOURADAS — O VALLE DO CONDE — ACAMPAMOS DE NOVO — O LAPÃO DO RONCA — PASTORES E REBANHOS — COMO UM CÃO VENCE UM LOBO — QUEM É O «CHIM-CHIM» E COMO ELLE ROUBA OS LOBINHOS DOS COVIS.

Mal a manhã entrou de clarear, quando as estrellinhas de prata, no alto, desmaiavam em ultimas scintillações, levantámos o arraial. A aragem matinal era vivissima, de modo que tivemos de exigir do bom *Sancho,* que era o *caixa* (havia quem lhe chamasse *burra* por elle ser muito gordo!) mais uma ração de aguardente.

Nave de Cabaços acima, cortámos a festo á estrada do Observatorio pela Nave da Rã. A estrada segue sempre a meia encosta da montanha — á direita a serra e a penedia continuam infindavelmente; á esquerda a grande concha onde de uns filetes de agua limosos e dôces nasce o Mondego — que alli se chama o Mondeguinho. Passamos-lhe por cima d'uma pernada! Parallelo a este valle corre o das nascentes do Zezere que no entanto é d'uma grandiosidade scenica perfeitamente diversa. E é por isso que Emygdio Navarro, ao comparar toda a doçura que resumava do Mondego desde as suas nascentes lamurientas até que vae babujar os salgueiraes de Coimbra e a imponencia de relevo das nascentes do Zezere, na grandiosidade do Covão dos Cantaros, diz que o Mondego é um rio que só por descuido foi posto na serra. Um rio piégas! O valle estende-se para norte até muito longe e para lá

distingue-se sobranceiro, no esfumado e na indecisão da luz, o vulto negro do castello da Guarda.

Já o sol surdira ha muito quando chegámos ao Observatorio. A' direita a estação telegrapho-postal e o antigo Observatorio um pouco atraz, n'um aspecto exterior de pobreza e de abandono; á esquerda a casa de Cesar Henriques, o primeiro tisico da serra, alapada debaixo d'um enorme fragão e que á simples vista nos dá ideia das accommodações que tem. Olhada de norte, nada a denuncia no amontoado dos penedos, a não ser uma varanda.

Em frente ha algumas construcções humildes, de madeira e zinco, chalets de locação que olham sobre o covão de Manteigas, alguns desmantellados outros de pé, mas todos com o aspecto banal de barracões de armazens.

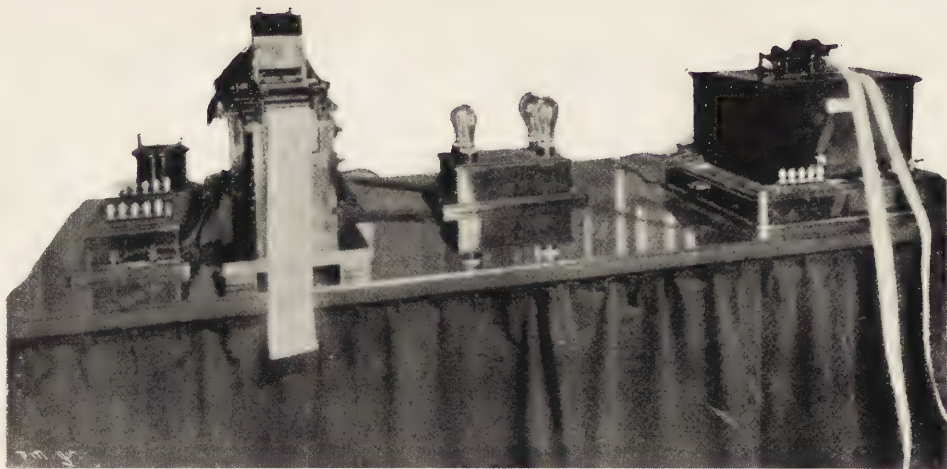
O novo Observatorio é em baixo sobranceiro a Manteigas — é uma construcção moderna e elegante de granito que tem um corpo central atorreado e dois pavilhões lateraes. Corre-lhe a frente uma varanda.

Quem do novo observatorio se abeirar do grande valle que onde corre o Zezere fica realmente maravilhado.

(Continúa.)

A. DE SOUSA MADEIRA PINTO.

MERCADO MENSAL DE SANTA MARINHA

O mais importante nas faldas da serra

MACHINA TELEGRAPHICA POLLAK E VIRAG

A photographia da palavra

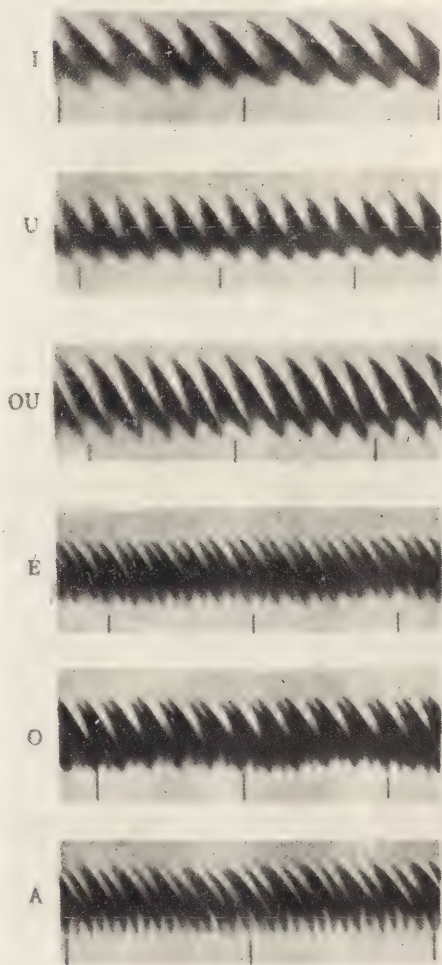
TODAS as novas maravilhas mechanicas são resultado de combinação de um grande numero de principios e forças já conhecidos. Constituem estes a ferramenta do inventor, as fontes d'onde elle está continuamente arrancando novos prodigios, graças á sua habilidade em reconhecer as vantagens praticas que podem derivar das investigações do homem de sciencia, seu collaborador. Combinar o principio do phonographo com o da camara photographica tem sido ha muito o sonho dos inventores por todo o mundo, mas até hoje nenhum conseguiu construir uma machina que, em se lhe falando, registre photographicamente as palavras. Temerario fôra, n'estes tempos de sciencia adeantada e de grande engenho mechanico, asseverar que nunca se attingirá a solução do problema. Acaso não foi elle já resolutamente atacado? E não é certo terem alguns trabalhadores alcançado resultados que alentam a esperança de se chegar qualquer dia ao ambicionado *desideratum?*

Dentro do espaço, necessariamente exiguo, de um artigo de magazine, seria impossivel dar uma resenha completa de todas as tentativas feitas para photographar a palavra. O nosso objectivo aqui é descrever as experiencias recentes de um conhecido sabio parisiense, o Dr. Marage, cujo nome ha muitos annos se tem identificado intimamente com assumptos de phonetica experimental e theorica. Estas experiencias são assaz impressionantes para lhe dar jus a reclamar a descoberta de um meio pratico de photographar a fala humana e a gabar-se de que os registros por elle obtidos, sob a fórma de vibrações, não de palavras, teem real valor para aquelles que souberem lel-os.

A photographia da fala sob a fórma de vibrações diagrammaticas só se tornou possivel ha poucos annos pela introducção de um papel extremamente sensivel. Calculou-se que os sons que formam a syllaba *la*, sexta nota da escala musical, contam não menos de 2.610 vibrações por segundo; portanto, para se conseguir o registro d'estas vibrações, cumpria ter um papel capaz de receber uma impressão em $^1/_{2610}$ de segundo. Tendo alcançado um papel com o neces-

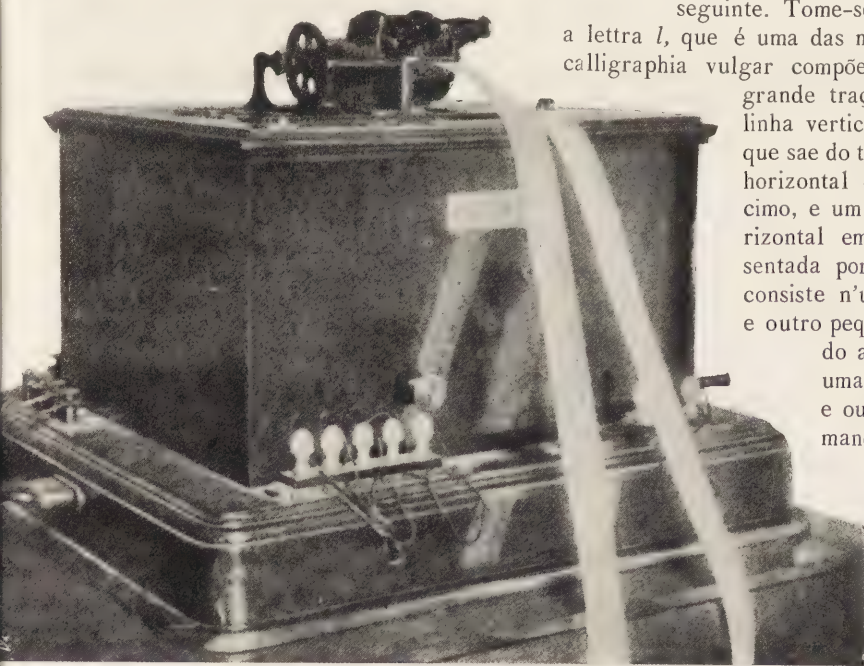
APPARELHO DE KOENIG PARA PHOTOGRAPHAR AS VIBRAÇÕES DA FALA

sario grau de sensibilidade, o Dr. Marage obteve em 1898 os registros, que reproduzimos das vogaes francezas, I, U, OU, E, O e A. Serviu-se d'um apparelho inventado por Koenig, mas por elle proprio aperfeiçoado a tal ponto que se eliminaram todas as causas do erro. E uma especie de lampada de acetylene, combinada com uma membrana circular de borracha, a qual, por meio de um tubo, pode ser posta em vibração por ondas sonoras. Quando se fala para o interior do tubo, depois de acender a lampada, a chamma executa uma série rapida de vibrações, as quaes, photographadas n'uma tira de papel que se move á razão de cêrca de um metro por segundo, se viu que variavam de vogal para vogal. As vogaes I, U e OU eram caracterisadas por uma só chamma, embora cada uma d'ellas distincta, como dizemos, de outra; E e O por um grupo de duas chammas; e A por um grupo de trez chammas.

Apparentemente simples, este methodo de obter uma prova photographica legivel da fala é na realidade de uma applicação assaz difficil. O apparelho de Koenig é util para trabalhos de laboratorio, mas só para esses; o Dr. Marage tratou pois de descobrir um meio mais pratico de attingir o seu objectivo. Animaram-n'o especialmente certas observações que lhe haviam sido feitas por varios professores de canto que assistiam ás suas conferencias sobre physica biologica na Sorbonne. «Servimo-nos do phonographo para o nosso ensino», disseram-lhe elles, e achamol-o muito util. «Mas que enorme vantagem, se nós dispuzessemos de apparelho que habituasse os discipulos a *verem* seus erros e defeitos! Seria possivel construir-se tal apparelho?» Poucas semanas depois, em fins de dezembro de 1903, conseguia o

PHOTOGRAPHIA DE VIBRAÇÕES, QUANDO SE PRONUNCIAM AS VOGAES FRANCEZAS

O DR. MARAGE, INVENTOR DE UM METHODO DE PHOTOGRAPHIA DA PALAVRA

Dr. Marage fornecer-lhes o que elles necessitavam.

Esta nova machina para registrar photographicamente as vibrações da voz, baseia-se inteiramente no principio do apparelho telegraphico Pollak e Virag, que acaba de ser apresentado, depois de varios aperfeiçoamentos, á Sociedade de Physica da França. Inventada por dois hungaros, esta prodigiosa machina telegraphica, capaz de transmittir 40:000 palavras por hora, já resolveu, até certo ponto, o problema da photographia da palavra, visto photographar com infallivel exactidão, e á distancia de alguns centos de milhas, uma mensagem escripta. Por meio de uma machina de escrever especial, tão simples que uma creança pode em poucos minutos aprender-lhe o serviço, a mensagem é estampada n'uma tira estreita de papel. As perfurações irregulares n'essa tira correspondem a lettras escriptas. Cada lettra do alphabeto foi analysada e reconstituida em furos grandes e pequenos da maneira seguinte. Tome-se, por exemplo, a lettra *l*, que é uma das mais simples. Na calligraphia vulgar compõe-se ella de um grande traço vertical, uma linha vertical mais pequena que sae do traço, outro traço horizontal que os une no cimo, e um traço curto horizontal em baixo. Representada por furos, a lettra consiste n'um furo grande e outro pequeno, permittindo a transmissão de uma corrente forte e outra fraca, e formando assim os traços verticaes, acrescentando-se dois outros furos pequenos que transmittirão os traços hori-

O TRANSMISSOR POLLAK E VIRAG

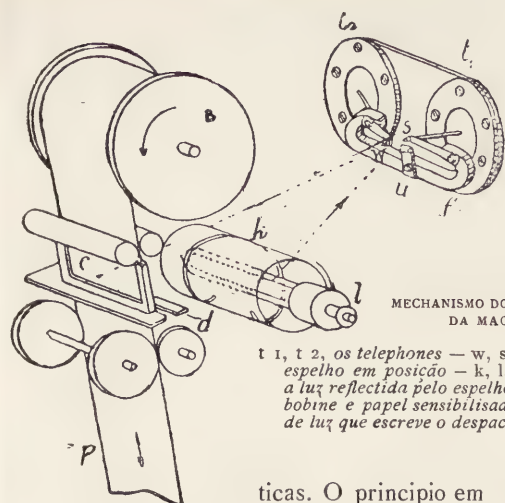
ESCREVENDO UM DESPACHO
PARA TRANSFERENCIA PELA MACHINA TELEGRAPHICA POLLAK E VIRAG

zontaes nos dois extremos da lettra. Estas correntes electricas seguem-se com tal rapidez que a lettra, em vez de ser angulosa, tem quasi a curva elegante de um *l* bem calligraphado. D'este modo se formam as lettras do systema Pollak e Virag, consistindo cada uma d'ellas em dois, trez, quatro, cinco, até onze, furos grandes e pequenos.

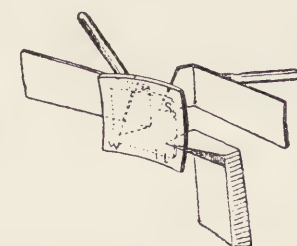
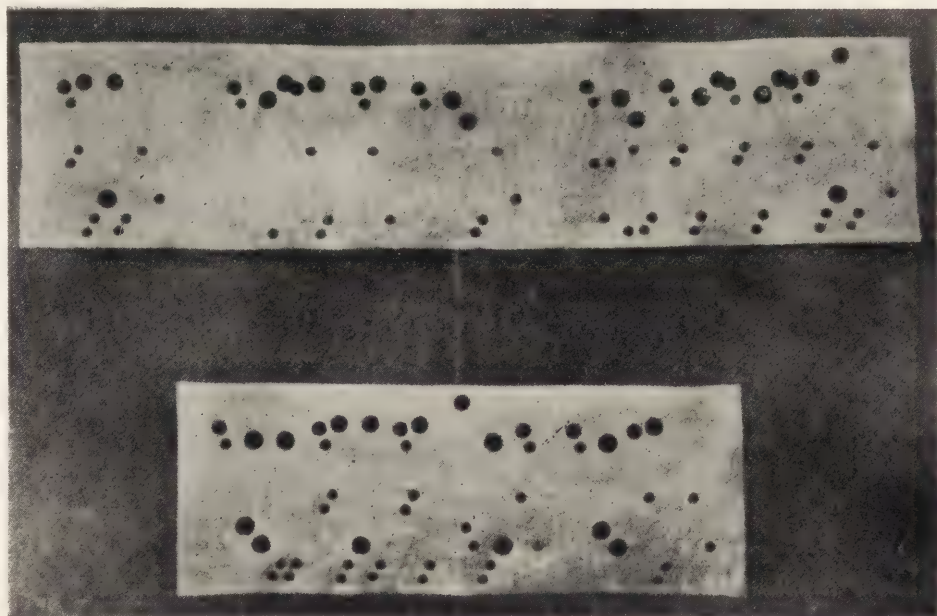
Escripta que foi a mensagem n'este alphabeto perfurado, insere-se a tira de papel no transmissor, o qual consiste n'uma roda de gyro rapido, com a espessura exacta da tira, e uma especie de escova de aço que sobre ella se aperta ligeiramente. O papel passa entre as duas peças, e como estas se acham ligadas aos polos positivo e negativo das baterias, o resultado é passarem as correntes electricas, mais ou menos longas e mais ou menos separadas, atravez dos arames até ao apparelho registrador.

A maior parte, senão todas, as machinas telegraphicas actualmente usadas, a Hughes, a Morse, a Baudot, etc., são electro-magne-

O REGISTADOR POLLAK E VIRAG

Á direita, o telephone, o espelho e a lente; á esquerda, o apparelho para produzir o despacho photographico

MECHANISMO DO APPARELHO REGISTRADOR DA MACHINA TELEGRAPHICA POLLAK E VIRAG

t 1, t 2, *os telephones* — w, s, u, f, *os magnetes que sustentam o espelho em posição* — k, l, *lampada electrica, d'onde provém a luz reflectida pelo espelho sobre o papel sensibilisado* — b, p, *bobine e papel sensibilisado* — c, *campo atravessado pelo raio de luz que escreve o despacho.*

ticas. O principio em que assenta o registrador Pollak e Virag é completamente diverso; é o mesmo em que se baseia o telephone. As correntes electricas expedidas pelo transmissor são recebidas no outro extremo dos fios por dois telephones, um para a parte vertical, outro para a parte horizontal do despacho. Aos microphones d'estes instrumentos ligam-se umas pequenas varas que respondem a cada vibração, e a estas connexões magnetizadas está fixado um pequeno espelho, ligeiramente concavo. Que acontece quando se transmitte uma mensagem? O espelho está em movimento constante, vertical e horizontalmente, e o raio de luz, que elle reflecte atravez de uma lente interposta entre elle e o papel photographico, actúa necessariamente da mesma maneira. Este raio de luz é uma especie de lapis luminoso que se move para cima e para baixo e para os lados em concordancia com a disposição dos furos na mensagem, e, emquanto atravessa o seu campo de duas pollegadas e meia, movendo-se incessantemente para deante e para traz, as palavras ficam indelevelmente photographadas. O foco de luz é uma lampada electrica ordinaria, collocada um pouco abaixo do espelho, e o papel photographico está em continuo movimento automatico. Depois de impressionado, passa para um banho de revelação, d'ahi para uma solução fixativa, e finalmente sae por uma fenda estreita com

AS PALAVRAS INGLEZAS «A VERY GOOD MACHINE» (UMA MACHINA MUITO BOA) ESCRIPTAS NO ALPHABETO POLLAK E AIRVG

ESCALA ASCENDENTE CANTADA PELO TENOR IBOS, DAS OPERAS DE PARIS E MILÃO

uma rapidez quasi magica. Cada linha escripta, que — como se verá da reproducção que acompanha este artigo — é tão nitida como se houvesse sido escripta á penna, corresponde a cêrca de um quarto de segundo. Como dissemos, podem-se transmittir 40:000 palavras por hora, por meio d'esta nova telegraphia; isto é, quarenta vezes o numero de palavras que podem transmittir tanto a machina Hughes como a Baudot, e

ESCALA DESCENDENTE INCORRECTAMENTE CANTADA POR UM PRINCIPIANTE

A irregularidade das vibrações é uma demonstração ocular dos defeitos da emissão.

UMA PHRASE INGLEZA CORRECTAMENTE PRONUNCIADA POR UM INGLEZ

A phrase é: «A thing of beauty is a joy for ever» (Uma cousa bella é um prazer eterno — Phrase de Ruskin).

cem vezes tantas quantas se podem transmittir pelo apparelho Morse.

Ao modificar esta engenhosa machina, a qual, seja dito de passagem, está destinada á adopção universal em vista da economia

A MESMA PHRASE INGLEZA INCORRECTAMENTE PRONUNCIADA POR UM FRANCEZ

As cruzes indicam as palavras «A», «thing», «beauty» e «ever», em que o francez achou mais difficuldade, d'onde proveiu o caracter explosivo das vibrações.

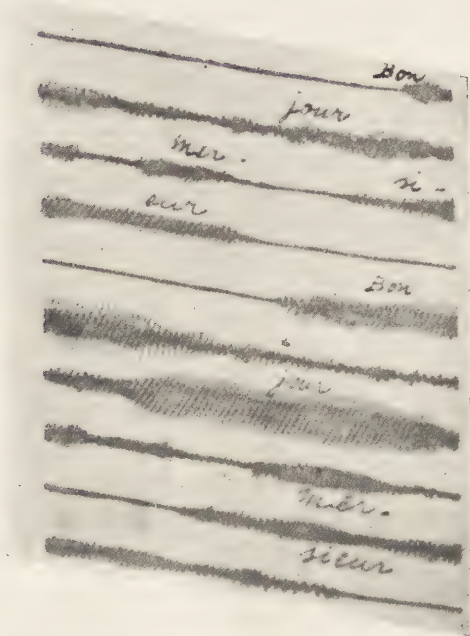
the new post offic
e. in the cour
se of a few days
the office of works
s will commence the
erection of the ne
w post office which
will occupy the si
te of christs hospit
al. the ground wh
ich covers an area
of three acres and
a half in the cen
tre of the city off
ers an ideal situa
tion for a central p
ost office. it is n
ot proposed howeve
to cover the whole
of that site with
the new buildings
owing to the fact
that a large portio
n must be devoted
to open spaces in o
rder that the vehi
cular work may be
carried on withou
t congestion and con
sequent delay.

UM DESPACHO DE 104 PALAVRAS (EM INGLEZ) TRANSMITIDO PELA MACHINA TELEGRAPHICA POLLAK E VIRAG EM 7 1/4 SEGUNDOS (1)

que trará ao telegrapho, o Dr. Marage supprimiu o transmissor e substituiu-o por um microphone, ligado apenas a um dos telephones receptores, aquelle que dirige os movimentos verticaes do espelho. Cada vibração da voz pode assim transmittir-se e photographar-se. A vantagem pratica d'isto, para os professores de canto, é enorme, pois que os habilita a provar aos discipulos pelo sentido visual tanto os seus defeitos como as suas qualidades. Podem com effeito observar-se os seguintes elementos, ao estudar qualquer registro dado da voz de um cantor:

I — A duração de cada nota, contando-se o numero de linhas em que estão inscriptas as vibrações. Se ha trez linhas, é que a nota durou tres quartos de segundo; se ha quatro, durou um segundo; visto que cada linha representa um quarto de segundo.

II — O tempo que decorreu entre a emissão de cada nota, visto que uma linha perfeitamente recta mostra não ter havido vibrações a photographar.

(1) Traducção: «Nova estação do correio — Dentro de poucos dias a repartição das obras dará começo á construcção da nova estação do correio, a qual occupará o local do Hospital de Christo. A superficie, cobrindo uma area de tres acres e meio, no centro da cidade, offerece uma situação magnifica para uma estação central do correio. Não se projecta comtudo occupar toda essa area com as novas edificações, visto que uma extensa parte deve ser destinada a espaços livres permittindo que a circulação dos vehiculos se faça com desafogo e rapidez.»

A PHRASE FRANCEZA «BONJOUR, MONSIEUR» PRONUNCIADA CORRECTAMENTE E INCORRECTAMENTE

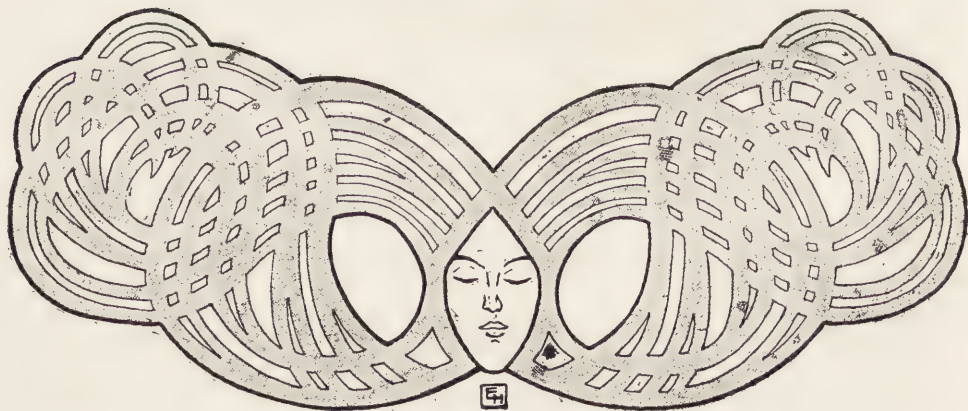
Esta segunda representa a pronuncia viciada de um camponio francez.

III — A homogeneidade dos sons, pelo exame da regularidade das vibrações.

IV — A correcção das notas, pela contagem das vibrações em cada linha, multiplicando-as por quatro. Por esta fórma se pode obter o numero de vibrações por segundo.

Ora estes quatro elementos são precisamente os que dirigem o methodo de todos os bons professores de canto, e de enorme auxilio será no ensino o demonstrar photographicamente os pontos fracos da voz do discipulo.

Ao mesmo tempo, este receptor Pollak e Virag modificado, que pareceria conter um mechanismo de tal fórma susceptivel de aperfeiçoamento que constituisse um instrumento perfeito para a photographia da palavra, pode prestar consideraveis serviços aos professores de dicção. Compare-se o registro de uma phrase correctamente pronunciada em francez ou em inglez com outro que mostre os vicios da má pronuncia, e logo os defeitos d'esta ultima saltam aos olhos sem deixar duvidas.

Parece pois que a descoberta do Dr. Marage, combinada com o systema telegraphico Pollak e Virag, nos dá fundadas esperanças de que se chegue dentro em pouco ao almejado proposito scientifico de photographar a palavra. E escusado encarecer o alcance d'este maravilhoso resultado, que assegurará a perduração da palavra falada, como a imprensa assegura a da palavra escripta.

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

SYNOPSE. — Capitulos I a XV: Bruce Ingersoll, no momento de sahir da Universidade de Cambridge, precisa arranjar um modo de vida e pagar as suas dividas de estudante. Offerece-se para secretario e é contractado por Jean Cavanagh, grande magnate dos caminhos de ferro canadianos, cujo pae foi morto pelos nihilistas em Baku. Avista-se com Cavanagh n'um hotel londrino. Partem subitamente para «A casa do Fen», residencia de Cavanagh, mysteriosamente vedada. Ingersoll examina no seu quarto o jornal da noite e depara-se-lhe a noticia de um nihilista allemão que foi pelos ares no seu laboratorio, bem como tres dos seus cumplices. De noite é acordado por um grito afflictivo. O primeiro trabalho de Ingersoll, como empregado, é redigir um relatorio de certas ruas e casas d'algumas cidades estrangeiras, muitas das quaes estavam situadas em viellas sórdidas e mal afamadas. De tarde, n'um passeio a cavallo, encontra uma formosa mulher e uma creança. A mulher perdera a razão. Subitamente Jehan Cavanagh resolve partir para Antuerpia na esperança de encontrar vestigios de Paulina Mamavieff, a mulher que matou seu pae em Baku. Quando a procissão se dirige para a capital ha uma terrivel explosão, e apenas se dissipa o fumo, Paulina Mamavieff é presa no meio do ajuntamento. A' noite Cavanagh e Ingersoll, disfarçados, visitam uma casa deshabitada, dos bairros pobres da cidade, onde Dubarrac, o auctor do attentado da manhan, e os seus desvairados companheiros são vistos no predio fronteiro. A multidão descobrindo os nihilistas assaltam a casa, e um dos do bando, tentando fugir pela janella, cae á rua. Blondel communica a noticia que Paulina foi capturada e que está na prisão de Bruges. Ouve ali a narrativa de Paulina.

XVI

Raiz e tronco

Conheci immediatamente, apenas sahi para o corredor, que elle me vira, e as suas primeiras palavras confirmaram a minha sombría convicção.

— Não ha duvida — disse — a pequena é francesa.

— Como o discriminou, capitão?

— Não foi agora. A resposta seria negativa. Ao senhor é que lhe toca queixar-se della, Mr. Ingersoll. Ou não?

— Creio-a absolutamente innocente, capitão.

— Deve imaginar que o acredito. Muita gente o acreditaria por um momento. Temos cá outro da quadrilha!

— Outro!

— Mostrar-lho-hei. Não é um especimen attrahente. Não creio que receba muito chocolate. Por aqui, Mr. Ingersoll.

Voltou abruptamente para outro corredor e conduziu-me por uma estreita e escura escada até uma cellula subterranea e circular situada nas fundações do edificio. Uma porta fortissima, com grades e chapas de ferro, denunciavam antigos seculos e moderna degeneração.

— Este era o «segredo» quando o duque de Alva governou a Hollanda — informou

o capitão tranquillamente; — amarravam o preso a uma cadeira e collocavam-n'o de modo que a agua lhe cahisse na cabeça gota a gota. Na primeira hora ria, na segunda delirava, na terceira entrava na agonia e no dia immediato estava doido varrido. Um pouco deste remedio na actualidade seria um bom antídoto para o Terror. Vou mostrar-lhe um dos seus apostolos.

Bateu uma pequena pancada na porta, e convidou-me a entrar. Esperava quasi ver o que vi, mas nem por isso o facto me surprehendeu menos. Ahi, agachado num escabêlo, a um dos cantos da cellula estava o velho do vapor e do mercado: o anonymo, o barbudo, o importuno, que me pedira por amor de Deus para salvar Paulina.

— Quando foi prêso? — inquiri.

A resposta foi:

— A noite passada. Andávamos á procura delle desde que os meus amigos tinham chegado a Antuerpia. Ha mais tres desta especie ainda á larga nesta cidade de Bruxellas. Quando conseguirmos aferrolhar tambem esses podemos dormir descansados nas nossas camas sem pesadêlos.

— Sabe o nome desse homem?

— Não tem nome... isto é, o nome não significa nada para nós. Chama-se André, de Sebenico, uma cidade da costa da Dalmacia. Sabe Deus quando elle de lá sahiu. Declarou em Paris que era judeu italiano. Barcelona desejaria deitar-lhe a mão; Genova tambem tem não sei quê para lhe dizer.

— E que vão fazer d'elle?

— Pedir-lhe que trabalhe durante o resto dos seus dias; e quando não queira, chibatal-o até que se resolva. Pensava que o interessariam estas novidades. Mr Ingersoll: emquanto se demorar em Bruges, tenha cuidado. Lembre-se que o não podemos seguir por toda a parte.

Agradeci-lhe o cuidado e voltei immediatamente para o hotel, scismando todo o caminho o que faria se Mr. Cavanagh não me respondesse. Felizmente não houve necessidade de reflectir durante tanto tempo, porque foi a primeira pessoa que encontrei quando me dirigia para o meu quarto. Com elle estava o trigueiro Blondel tão conversador, tão optimista, tão cheio de confiança como sempre. Nenhum delles, comtudo, me enganou. Percebi que ambos estavam anciosos por me apanharem pelas costas.

— Meu caro Ingersoll, conseguiu então convencer-se?

— Absolutamente convencido — repliquei dogmaticamente.

— Vem então de luvas brancas calçadas?

Blondel riu, um pouco grosseiramente, raciocinei.

— E' o poder das caras bonitas — commentou offerecendo-me um cigarro.

— Diga-nos o que pensa do velho André, do dalmatino? — inquiriu Mr. Cavanagh.

Pasmava, na verdade.

— Sabe que o prenderam?

— Meu caro amigo, requisitei a sua prisão a noite passada, e não supponho que fossem tão levianos que me desobedecessem. Andamos todos ligados. Tiremos as luvas brancas e vamos comer... nos meus aposentos, lá em baixo. Estranha, Ingersoll, que me hospedasse num hotel? E' a velhice que anda de volta commigo, cuidado com ella! Faça a diligencia por não envelhecer. E' um senão imperdoavel.

Retorqui-lhe que me acautelaria e descemos para almoçar. mas não tornámos a falar nem em Paulina nem no velho dalmatino.

Trouxeram bastantes telegrammas emquanto comiamos, e um despacho, que indubitavelmente vinha da policia. Este ultimo pareceu inquietar não pouco Mr. Cavanagh, e entregou-o a Blondel com uma observação que não pude ouvir. Quando escreveram o que quer que fosse a esse respeito, Blondel sahiu apressadamente, e Mr. Cavanagh accendeu um charuto e assomou-se á janella.

— Que lhe parece Bruges, Ingersoll?

— Entorpece-me, Mr. Cavanagh.

— Muitas historias e muitos tamancos.

— Muito de hontem, o que é sempre enervante, por mais que o admiremos. Toda a gente que construiu esses templos e que pintou esses quadros está morta. Não sei o que a nossa geração ha de deixar atrás de si.

— Boas lonas para os que vieram depois pintar. Muito papel para uma nova geração de auctores e não pouca serradura. Os nossos meritos estão gravados em ouro... nas libras inglêsas, principalmente. Agrada-me que não goste de Bruges; tambem a mim me enerva. A proposito, tem boa vista, Ingersoll? Vê daqui um trem na rua?

A pergunta afigurou-se-me ironica, mas fingi não dar por tal.

— E' possivel — respondi — talvez distinga um carro com cavallos de um de mão.

— Não; refiro-me a um dos nossos *cabs* inglezes guiado por um cocheiro de cabello ruivo. Chama-se Dave Mahoney e é oriundo de Chicago, Ingersoll. Desejo que veja se elle passa durante o tempo em que eu ando por fóra; e se vir o nosso amigo, manda recado no mesmo instante á gendarmeria? Toque a campainha; comprehendem logo; o meu creado está á porta.

Encontrava-me fundamente intrigado, escusado é dizer, mas prometti-lhe tudo quanto desejava. Mr. Cavanagh preparava-se para sahir, mas antes tocou-me no assumpto das luvas brancas.

— A pequena protestou a sua innocencia, supponho — exclamou elle, indo direito á materia sem nenhuma observação preliminar. Respondi-lhe, é claro, que não.

— Persiste nas suas declarações — affirmei, — mas descobri o motivo da sua persistencia. Tem um namorado... é natural. Tenho a certeza que se escudou com ella.

Reparei que essa hypothese não lhe occorrera ainda, e durante um instante permaneceu immovel a debatel-a.

— Não — declarou por fim, — as nossas investigações contradizem esse asserto. Havia dois homens com ella — André, o velho miseravel que se encontra na prisão, e um sacerdote grego, chamado Euclythenes. Não existia nenhum amante.

— Evidentemente.

Estacou e olhou para mim com o ar amavel que lhe era peculiar.

— Santo Deus, Ingersoll, estima que não tivesse amante?

— Estimo.

Tenho então que o magoar... breve. Não o devo poupar, Ingersoll.

— Espero que não, Mr. Cavanagh. Do que precisamos acima de tudo é da verdade.

— Concordo comsigo... da verdade. Diga isto ás mulheres que lamentam os seus filhos em Antuerpia hoje e ellas responderão: «Sim, a verdade...» e depois as suas consequencias.

Era uma lição ver o aço dos seus olhos quando pronunciou essas palavras. Um homem deliberado, afora as suas palavras diamantinas; li no seu olhar a rectidão dos fins e uma resolução firme que nenhum argumento abalaria.

Procederia contra essa gente com a inexorabilidade de um juiz. A piedade não entrava no seu evangelho. Destruiria a raiz e os ramos, arremessaria a luva em qualquer cidade que escolhesse para o fazer, dedicava a sua vida, a sua grande fortuna, a este simples anhelo — a sua vingança e a paz do mundo. Era tudo isto o que o seu olhar significava. Voltou-se depois para mim, e era já o meu bondoso chefe quando me disse:

— Mas esquecemos o *cab* — suggeriu com um sorriso; — é tempo de partir, Ingersoll. Aqui tens charutos; não lhe dou jornaes. Lembre-se, á gendarmeria, antes de contar dez... se o *cab* passar por aqui.

Prometti e Cavanagh sahiu. Eram cerca das duas horas de uma tarde cheia de sol; a rua estava tão concorrida que a minha tarefa não era facil. Passavam trens incessantemente para a estação central, mas não apparecia nenhum *cab*, guiado por qualquer cocheiro ruivo. Os charutos eram excellentes, não tinha do que me queixar; os transeuntes, elegantes flamengos, apressados franceses e americanos, caminhavam açodadamente e proporcionavam-me scenas de comedia. Viam-se ali pares em viagem de nupcias, que eram os que mais me divertiam. *Ella* já perdera a timidez n'essa occasião. *Elle*, abjecto escravo dos seus caprichos, córava do papel, em quanto a esposa discutia com o cocheiro ou participava ao universo a sua tacanha opinião a respeito de Bruges e dos seus habitantes. Era este o fim da lua de mel, o despertar para a fria realidade congelada nas vidraças da imaginação, o principio da comprida estrada cujos marcos milliarios são a monotonia e cujo termo é ser avô.

Oh, pensava acima de tudo, como é facil de prevêr, n'aquella comprida tarde, pensava na juvenil prêsa; no velho que a seguira pela Europa para a proteger; das mentiras que me pregara e do cynismo com que respondera á minha accusação. Que era criminosa não me restava agora duvida. Fôra uma creança acreditando que o tiro que matara o pae de Jehan Cavanagh tinha sido desfechado ou pelo velho André ou pelo sacerdote grego que estavam a seu

lado no café. Se tivesse acontecido assim acabaria por me confessar a sua innocencia. Compromettera a minha palavra em acceitar as suas confidencias como coisa sagrada, em a protegêr das suas consequencias, e se tanto fosse preciso a nunca revelar o nome dos seus cumplices. Que a impedia de ser franca commigo se não era culpada, patentear a verdade com desassombro e com deliberada coragem?

Era criminosa não podia haver duvida. Aquella joven com os seus rasgados e expressivos olhos, com a bocca sôffrega de chocolate, com os labios rubros sazonados para os beijos, era uma criminosa que merecia a sorte a que ninguem a podia eximir. Fosse o que fosse que a esperava na Russia, não me dizia respeito. Não tinha mais que esquecer que a vira, apagar a sua recordação do meu espirito; talvez até envergonhar-me de lhe ter falado. Monologava isto com convicção, e, fazendo-o talvez pela centesima vez, olhei para a rua e avistei o *cab* por causa do qual estava de atalaia.

XVII

O HOMEM DE CABELLO RUIVO

O *cab* que via era muito differente, affirmo-o, do que eu phantasiara e pelo qual esperara toda a tarde. Em primeiro logar era um *cab* com rodas de madeira como todos os outros e com um nédio cavallo mettido nos varaes. Os transparentes não estavam corridos, pela simples razão das portinholas irem abertas. O homem do cabello ruivo tinha apenas algumas farripas, mas essas eram tão amarellas como se fossem areia. Não ia a galope como eu esperava (tôlamente, ao que parece). O sugeito levava o cavallo num trote moderado em direcção da estação central; e embora a sua cara o tivesse feito condemnar em qualquer tribunal, não apresentava nada de mais extraordinario que um irlandez quando conduz um porco a uma feira. Foi a impressão que me deixou em quanto a carruagem rodava; mas não andara meia duzia de jardas quando eu me approximei da campainha; nem trinta quando um creado acudiu.

— Chamou, senhor?

— Vá levar isto immediatamente á gendarmeria. Mr. Cavanagh deixou-lhe instrucções?

— Deixou, sim, senhor; sei o que é.

O creado trajava a libré do hotel, mas não me lembrava tel-o visto antes. Depois de sahir, ainda me demorei á janella mais de meia hora. Tinha a certeza que Mr. Cavanagh voltaria breve ao hotel; regressou meia hora depois, vestido para jornadear em automovel, e insistindo para que eu o acompanhasse. Quando lhe falei na carta, encarou o facto como já arrumado e com o qual não valia a pena preoccupar-se mais.

— Estou aqui para responder a isso. Vá buscar o seu casaco de viagem e um cinto. Vamos sahir e voltaremos tarde.

— Vamos de automovel?

— Está lá em baixo á porta á nossa espera.

Não fiz mais perguntas e sahimos immediatamente. Um grande Renault, de 20-30 cavallos, dos que acabavam de apparecer, arquejava defronte do vestibulo do hotel. Reconheci, com pasmo meu, que era guiado pelo mesmo homem que me conduzira de Londres a Waterbeach. O motivo porque partiamos e para onde, Mr. Cavanagh não pensou em m'o dizer. Não menos ancioso do que se mostrara ao lanche, puxou o capuz do seu comprido casaco para a cabeça e pôz os oculos antes de subir para o automovel, ao passo que o *chauffeur* me entregou outro par para eu o imitar. Sem trocar uma palavra, principiámos a jornada, dirigindo-nos, tanto quanto o podia julgar, para a porta de Ostende e para o mar. Dez minutos depois a cidade de Bruges ficava á nossa retaguarda, e, n'uma volta subita virámos para o norte, de modo a encaminharmo-nos para Bruxellas e não para Ostende.

— Não acha que o leito das estradas belgas é detestavel, Ingersoll?

— Detestavel não é bem o termo.

— E no nosso caso ainda mais. A innocente dama que está presa conversou comsigo ácêrca de quanto é perigoso e incommodo andar por esta estrada com explosivos nas carruagens?

— Não me lembro que discutissemos questões abstractas.

— Achou-o altamente voluvel, sem duvida. Deve escrever um artigo intitulado «A mulher na revolução social» quando formos para Inglaterra. Demonstrar com que faci-

lidade ellas se dedicam e se tornam advogadas submissas dos peores miseraveis da Europa. Dizer que as suas qualidades naturaes de verdade e de fidelidade se depravaram com esse falso sentimento de liberdade até que se transformam nas maiores mentirosas e nas mais despreziveis criminosas que teem existido. Eu não as pouparia; são mais difficeis que os homens, e Deus sabe quanto os homens são difficeis!

— Escreverei o artigo. Convenceu-me completamente, Mr. Cavanagh.

— Regosijo-me. O que vamos agora vêr mais lhe radicará essa convicção... se ainda chegarmos a tempo, Ingersol; se nada se interpuzer entre nós e muitas vidas que são dignas de ser salvas... como o é toda a vida.

Colhera o meu interesse na sua rede, e conhecia-o. Olhava para mim com olhos meio cerrados como lhe acontecia quando estava muito excitado.

— Vae então repetir-se o horror de Anturpia, Mr. Cavanagh?

— Penso que não se chegarmos a tempo. Peça a Deus que cheguemos a tempo, Ingersoll. Imagine que somos nós proprios quem viajamos esta tarde no expresso de Bruxellas. Imagine que tres ou quatro diabos humanos se occultam em qualquer parte da linha para impedir que o comboio chegue ao seu destino. Supponha que a mulher que ama chega esta noite e raciocine o que se significa essa sua chegada. Não chega. Recebem-se telegrammas na estação, os empregados segredam aqui e ali. A verdade transparece. A Europa lamenta um novo crime. Foi dada mais uma lição aos reis e legisladores. Como? A' sua custa... por intermedio de algum ente que transportarão a sua casa e que nunca mais se moverá nem falará. O senhor ama, mas a Europa não se importa com isso. Não ha nada mais claro. Agradeceria a quem desse cabo d'esses malvados; chamaria indignado «assassino!» a quem lhe mostrasse os seus cadaveres em vez dos dos innocentes? Ha assumpto que sobre para um jornal... quando eu morrer talvez... quem sabe? Mas a penna pertence-lhe. Conheci isso quando li algumas centenas de linhas suas no *Quarterly*. Possue uma bella penna e será o meu advogado. Santo Deus, como o automovel dá solavancos! Mas a culpa é minha; não devemos ir tão depressa. Chegamos com muita antecipação.

A inconsequente mudança de assumpto, como é facil de perceber, denunciava um homem frente a frente com muitas emoções antagonicas. Não me senti incitado a responder ao seu indirecto appêllo, e era evidente que elle não esperava resposta. Percorriamos agora numa região chata e pantanosa que se prolongava até um indefinido horisonte de nuvens ramalhudas. Bruges ficava-nos á direita, as gigantescas flechas da sua cathedral iam-se desvanecendo pouco a pouco atrás de nós. Tanto quanto o pude observar as gradações deste monotono quadro eram exactamente as do verde esmaecido que Claude tão artisticamente emprega nas suas paizagens. O panorama era vasto e na sua vastidão havia manchas brancas de casaes, arvores enfezadas a orlar as linhas de agua e innumeros moinhos; divisava-se tambem um tracto de terreno conquistado ao mar, mas que ainda lhe pagava tributo por intermedio dos seus canaes e riachos preguiçosos. Foi através destas planicies, que pareciam não ter fim, que corriamos com toda a velocidade, com a convicção de que muitas vidas dependiam da nossa diligencia (o que agora se tornava claro para mim) e esperando, como imaginara, que a noite protegesse os nossos movimentos até voarmos para junto do perigo.

Não me enganava n'esta ultima conjectura. Permanecemos approximadamente duas horas n'aquella tarde n'uma cervejaria a cêrca de quinze kilometros de Bruges. Logo que o sol se sumiu, e apenas tremeluziu o crepusculo, proseguimos no caminho, d'esta vez com toda a velocidade que o nosso esplendido automovel podia dar. Depois de meia hora de carreira encontrávamo-nos perto de Bruxellas; de subito parámos e sahindo da estrada entrámos no espaçoso pateo de uma herdade. Apeámo-nos ahi. Percebi que chegara o momento de nos pormos em acção. Era esse o instante e esse o logar.

— Tire a pelliça, Ingersoll; iremos a pé.

— Muito longe?

— Uma milha ou menos. Tome; pode precisar d'isso.

Entregou-me um revólver e vi que estava carregado. Metti-o apressadamente na algibeira do casaco e segui-o através do ermo pateo. Para além da casa e de um quintal

que lhe ficava á retaguarda, depararam-se-me repentinamente as luzes vermelhas da linha ferrea de Bruxellas. Percebi que o nosso passeio não seria pela estrada e sim por esses carris de metal que resplandeciam deante de mim. Apenas abriu a porta do quintal, Mr. Cavanagh disse-me, sem poder occultar a sua anciedade:

— Iremos até o dique, lá lhe direi o que desejo. Ali, faça o que me vir fazer, confio em si, Ingersoll.

— Pode confiar.

A relva era fôfa e o piso magnifico. Aqui e ali, onde os canaes atravessavam a campina, éramos obrigados a trepar pelas veredas, ora abaixo, ora acima, com pés e mãos, pelas escarpas. Perto de nós passou, a ribombar, um comboio de mercadorias, mas nem o machinista nem o fogueiro nos viram. Quando parámos por fim, achava-me á sombra de um posto de signaes, cuja luz intensa brilhava na escuridão como um pharol n'uma costa. Observei que um riacho ou canal colleava por baixo dos carris logo atrás do posto dos signaes e era atravessado por uma ponte de madeira, que da estrada conduzia para um trilho que se prolongava para além. Não tive tempo para mais demorado exame, pois Mr. Cavanagh pôs-se de *gatinhas* e eu imitei-o acto contínuo. Foi assim que nos encaminhámos para o posto de signaes.

Fique aqui, Ingersoll; se apparecer algum homem na linha desfeche sobre elle sem mais formalidades. Comprehende... virá aqui para fazer ir pelos ares o expresso da noite... mate-o onde quer que o veja.

Não me deu margem a responder. Seguiu immediatamente agachado, para além do posto, a coberto das trevas. Ali fiquei eu, só, acocorado na relva do talude, com a brisa da noite a cantar nos arames que corriam por cima da minha cabeça; com a luz a relampejar na escuridão, com o revólver empunhado, com uma série de zumbidos a assobiarem-me aos ouvidos. Acreditava, ou imaginava acreditar, que eu nunca faria o que Mr. Cavanagh me pedira. Disparar sobre um homem a sangue frio, fossem quaes fossem as circumstancias, afigurava-se-me uma coisa tão terrivel que os meus dedos se gelariam antes de puxar pelo gatilho.

Ao mesmo tempo acudiu-me outro pensamento não menos terrivel, que o expresso poderia salvar-se com este supremo sacrificio dos meus principios. Não posso descrever como isso se passou... uma rajada de luzes no meio da escuridão, trovejou por cima de mim como a cabelleira de um cometa. Santo Deus! a quanto pode levar a insania ou o fanatismo de uma crença! A espectativa era horrivel. Vigiava a linha como se quizesse crear phantasmas para a minha propria perda. Cada sombra apresentava a forma de um homem que levantava os carris. Os fios de arame harpejavam uma musica infernal. Pensava ouvir passos em redor de mim, os meus dedos crispavam-se na coronha do revólver e involuntariamente mexia no gatilho. Santo Deus, se tivesse que desfechar em defesa propria!

Não soubera mais nada de Mr. Cavanagh durante aquelles longos momentos, nem o tornei a ver até tudo se resolver. N'este momento appareceram tres homens na campina, e dirigiram-se para a pequena ponte por cima do canal ou riacho. Surgiram subitamente, sem fazer bulha com os pés, nem trocar uma simples palavra. Vi-os abeirarem-se e consultarem-se em segredo. Depois de tomarem uma decisão, um d'elles principiou a arrastar-se pelo talude, mas não do meu lado, e logo que alcançou a crista, desappareceu immediatamente ante os meus olhos. Percebi então que os tres tencionavam apoderar-se do posto dos signaes e que era esse o motivo porque Mr. Cavanagh ahi me collocara. Calculei que planeavam fazer descarrilar o expresso e aproveitar-se das trevas para fugirem. Quando me lembrei que o homem se dirigia para o posto dos signaes, e que Mr. Cavanagh se encontrava com certeza no seu caminho, senti formigueiros nos nervos e a respiração tornou-se-me tão offegante como se corresse á desfilada.

Que acontecera? que significava a continuação do silencio? Não ouvi gritar; apenas vi o signaleiro manobrar com os apparelhos. O expresso acercava-se, dizia-o o semaphoro; o homem da ponte não chegara ao ponto desejado, mas presentemente um d'elles assobiou baixinho, e, não obtendo resposta, conferenciou com o companheiro, e deliberadamente tirou o que quer que fosse da algibeira interior do casaco.

Feito isto, dispôz-se a atravessar a ponte e, segundo parecia, preparava-se para se approximar da linha a umas cem jardas d'onde eu estava. O que o obrigou a parar não sei, mas fez alto e estacou durante o tempo preciso para contar até dez. E, durante esta paragem, ouvi pela primeira vez aquelle som surdo que annuncia a approximação do comboio, aquella profetica, inconfundivel mensagem das linhas que nenhum ouvido, experiente ou inexperiente, desconhece.

O expresso, disse, approximava-se; o homem que conservava nas mãos o tal objecto occulto estava ali perto; encaminhou-se a passos largos para a ponte, estacou de novo, tornou a andar e então no meio da bulha de um grito afflictivo, as tabuas deram de si e elle cahiu de pé no canal.

Tudo isto succedeu, escusado será dizer-se, n'um lugubre instante, demasiado rapido para permittir quaesquer impressões nitidas: era extremamente terrivel para ser rememorado rapidamente. O que principalmente me surprehende é a limpidez com que certos pormenores se me gravaram na memoria. Lembro-me perfeitamente como o homem cahiu, com as mãos unidas ao corpo, com a cabeça deitada para trás como se quizesse evitar que a agua lhe chegasse aos labios, com o hombro inclinado para uma das trincheiras. Se veiu á tona de agua as trevas velaram-me a sua apparição. Não ouvi segundo grito. O sugeito do talude, corria furioso de um para outro lado, mas parecia não tentar nenhum esforço para o salvar. Não havia vestigio do terceiro dos velhacos, do que se dirigira para o posto dos signaes. Ninguem se mexia ante o homem que se afogava, ninguem diligenciava soccorrel-o.

Eu pela minha parte não arredei um passo do sitio onde tinha sido collocado de vigia. Desenhou-se-me, como n'uma fulgurante visão, o expresso que se avisinhava, com as carruagens apinhadas de gente, e resoaram de novo aos meus ouvidos as vehementes palavras de Jehan Cavanagh. Succedesse o que succedesse ao louco que se submergira, o meu dever era conservar-me n'aquelle posto; e fil-o, tremendo tanto como um homem com febre e com tão estupendo terror que não sei como não gritei apavorado. Permaneci immovel e divisei um homem na linha, correndo velozmente pelo pantano

DESFECHEI ENTÃO O MEU REVÓLVER SOBRE ELLE

adiante. Desfechei então o meu revólver sobre elle... sem o prevenir, sem perguntar a mim mesmo se era justo disparar ou não,

Desfechei o revólver, disse, e o estampido ainda não se apagara quando o expresso ribombou junto de mim, com a machina a vomitar cinzas inflammadas, com as carruagens innundadas de luz, com o carro das bagagens, dormitorio, sala de jantar, salões — um grande rasto de fogo, com uma instantanea apparição de rostos vistos através das janellas, com lampadas na cúpula, a fazer scintillar o azul, o verde, os dourados

dos tectos apainelados. O silencio que se seguiu depois de passar este relampago durou talvez uns dez segundos. Nesse instante, como se tivesse sido dado algum signal préviamente combinado, surgiram e correram homens de todos os lados, homens armados que vinham não se sabe d'onde, pesquizando cada travessa, saltando e gritando uns para os outros como se se tratasse de perseguir muitos fugitivos. Ouvi o estrépito de varios tiros de revólver pela campina fora; uma machina de soccorro com um salão atrelado, acercou-se de nós na parte inferior da linha transportando vinte gendarmes. Appareceu nesse momento tambem Mr. Cavanagh, caminhando com passo rapido. O official cumprimentou-o e ambos começaram a conversar com vivacidade. Mas Mr. Cavanagh não me esquecera. Acenou-me para me juntar a elle e a primeira phrase que proferiu foi a respeito do meu desastrado tiro.

— Deve aprender a atirar ao revólver, Ingersoll. Se tivesse sido um poucochinho mais habil, o maior velhaco da Europa não andava agora á solta. O nosso velho amigo Dubarrac, nem mais nem menos.

— Era Dubarrac sobre quem eu disparei?

— Tão verdade como o senhor tel-o errado. Bem, fizemos o que pudemos e estes cavalheiros farão o resto. Vamos regressar a Bruges com uma velocidade mais commoda do que a que trouxemos. Se Blondel não estivesse tão occupado leval-o-hiamos.

— Blondel está aqui?

— Na casa do agulheiro. Possue uns excellentes dedos para uma garganta dura e ámanhan a prisão terá mais um hospede. Viu o que se passou, Ingersoll... seguiu o que aconteceu?

Contei-lhe que vira os tres homens na ponte e que um d'elles cahira na agua.

— O sugeito que entrou na casa do agulheiro, estava sob a sua vigilancia — disse eu.

— Assim era; Blondel apanhou-o. Serrámos a ponte esta noite, porque se tornava evidente que não praticariam o attentado exactamente no poste dos signaes e sim um pouco mais abaixo. Podiam ter ido pelo seu lado, e então a sua tarefa seria um pouco mais séria. Estava preparado para isso, mas os nossos elementos tinham sido reduzidos, por que mandei hontem mesmo vinte homens para Madrid. Para dizer a verdade, foi um caso inesperado. Se não encarcerassemos o seu miseravel velho das barbas o comboio teria ido para Jerichó. Pensavam que viajava nelle o gran-duque Ivan... os jornaes tornaram-se echo d'essa noticia. Mas, como vê, Ingersoll, as pessoas nem sempre estão onde os jornaes asseguram estar.

Mr. Cavanagh encontrava-se fortemente excitado; eu não me sentia menos. A scena era das taes que excitaria fosse quem fosse. Pela planicie adeante retumbavam exclamações dos homens que perseguiam os scelerados. A locomotiva golfou um grande jorro de luz vermelha no sitio em que nos achavamos; havia ali soldados com archotes que examinavam a linha, luzes vermelhas dos signaes que brilhavam por cima das nossas cabeças, a cara esbaforida do agulheiro a quem nós salváramos como por milagre. Iamos regressar a Bruges... para quê?

Não tentei responder á pergunta, mas, entrando no salão com Mr. Cavanagh, deixei-me cahir n'um sofá e inquiri de mim mesmo que pensaria eu se tivesse desfechado sobre o assassino Dubarrac e visse o seu cadaver inteiriçado no meio dos carris luzidios.

(Continúa.) *Traducção do inglez de* EDUARDO DE NORONHA.

A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

Parte II — O PAIZ

ALEMTEJO

Entre os edificios votados ao culto, além da cathedral gothica, do primeiro periodo ogival, attrahe a vista a egreja de S. Francisco, como a mais digna de nota e para nós a de maior interesse, mercê da sua tão caracteristica feição exterior. E' uma das mais vastas edificações religiosas dos fins da edade-média, o lanço do côro erigido ainda em vida de D. João II, e emprehendida a conclusão pelo seu successor. D. Manuel accrescentou á nave central de tão grandiosa impressão o adro e a torre, decorando a egreja com summa riqueza. O exterior, principalmente, é de um aspecto proprio, original, quanto possivel, com uns visos, por assim dizer, de mesquita; para o que concorre a parcimonia de janellas.

A nave, á excepção do grande janellão olhando ao poente, conta apenas duas frestas, dois espiraculos, rectangulares, na nave transversal, tão explicita externamente; no côro, uma janella, e não obstante, é de optimo effeito a illuminação.

Transposto um adro de cinco abobadas de artezãos aguentando um eirado, penetra-se na egreja, constituida por uma nave central com sete capellas lateraes, das quaes a ultima é maior e mais ampla.

A egreja, salvo os das esquinas, não apresenta botareus, terminando supe-

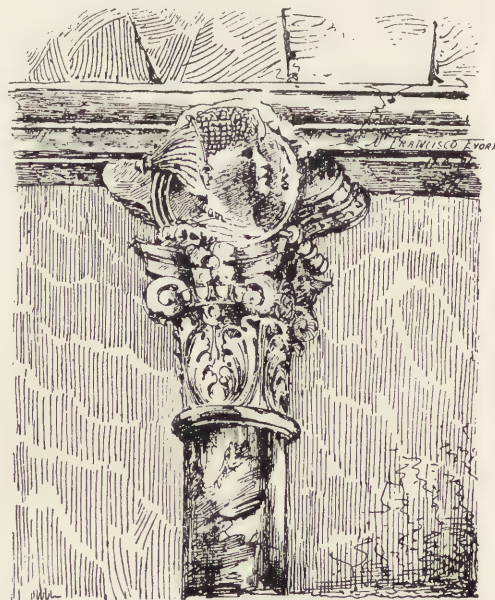
DE UMA CASA DE EVORA

riormente n'uns corucheus conicos, torses; coroada de ameias em todo o prolongamento das paredes, e ainda o proprio espigão do telhado, tal qual a torre.

EGREJA DE S. FRANCISCO, EM EVORA

As minudencias architectonicas são gothicas tercearias; na integra, a ornamentação, comtudo, affecta umas formas tão intumecentes e selvaticas, como outras ainda não vi; os capiteis, na generalidade, apresentam uma folhagem disposta em sentido horizontal, muito grossa, tosca, e com as arestas indentadas.

E' de suppôr que os trabalhos technicos que por aqui se vêem, na sua generalidade, até 1520, e talvez mais tarde, hajam passado, mais ou menos, por mãos de mouros, constructores da maioria das abobadas. A velha mouraria e a judiaria (coevas) ainda hoje apresentam vestigios na cidade e abrangem espaço importante.

A egreja, manifestamente, estriba-se ainda, no gothico. O mestre da obra foi Manuel Lourenço (1507-25), o qual, desde 1513, tinha entre mãos a construcção dos regios Paços. Tanto a sumptuosa decoração do côro, ultimada aqui no cadeirado do côro e no altar-mór por Olivel de Gand em 1508, como a pintura das vidraças e de outras especies por Francisco Henri-

DO CÔRO DE S. FRANCISCO

ques, em 1527, ainda hoje se conservam.

Pertence á época da Renascença a deliciosa tribuninha da abside de côro, construida expressamente para o rei, com arcos geminados, columnas medias, consolas nas impostas e rico parapeito ornatado; primoroso lavôr de cinzel no estylo joannino, primacial.

O claustro ostenta uma guapa arcaria sobre esbeltas columnas geminadas, de fórmas identicas ás da egreja.

E' digna de nota ali a bem conservada traça do antigo jardim, representada por umas caixas altas, muradas, entrecorridas de veredas, cuja planta estabelece um bonito padrão architectonico, com uma fonte ao centro. Estas caixas, por fóra, são forradas de azulejos e dão-lhe o nome de alegretes.

INTERIOR DE S. FRANCISCO

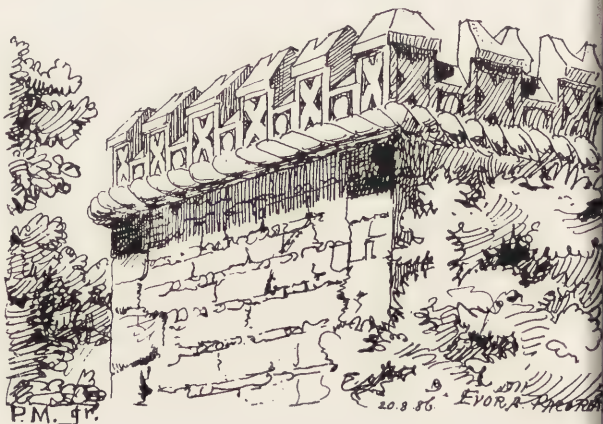
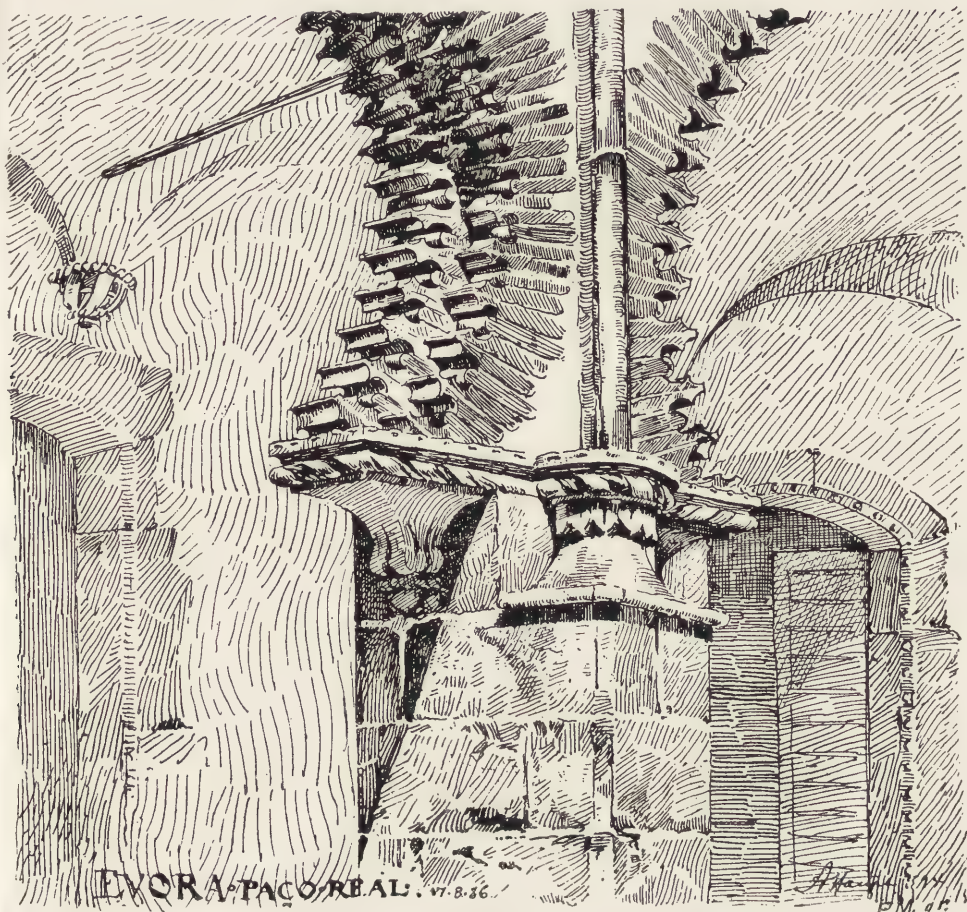
Em ligação directa com o pouco menos de arrazado convento deparam-se os regios Paços, por motivo d'essa ligação designados amiude Paços de S. Francisco; os lanços intermedios desabaram quasi que de todo, conservando-se ainda de pé uma estreita e extensa ála da veneranda residencia.

Este lanço é visivelmente um comprido salão, em cujo centro se abre o atrio atorreado com uma escadaria descoberta. A primeira metade, toda ella abobadada, com angulosos botareus e umas janellas singelissimas, data ainda do reinado de D. Affonso V. O outro lanço é caracteristico da éra manuelina. O piso terreo, no seu conjuncto, é abrangido por uma singela arcaria com uma ponderosa abobada ogivalada sobre pilares oitavados, por cima corre uma sala com quatro janellas geminadas na face longa e duas na mais estreita. Estas ultimas encimam uma açotêa abobadada, cujas tres abobadas descansam sobre a mais notavel arcaria mourisca, denticulada de ladrílhos. Elucida-o a estampa annexa. Encontram-se na cidade trabalhos identicos, aqui

PAÇOS REAES DE EVORA

e acolá, como, por exemplo, o palacio dos duques de Cadaval (das cinco quinas). O pavimento inferior apresenta as janellas de arco de ferradura, tão caracteristicas da cidade de Evora. com archivolta abaulada e esbelta columna central, tal como nos Paços da Sempre-noiva, reproduzidos no tomo I, edificio ao qual voltaremos a referir-nos. O tão caracteristico torreão com a sua dupla columnata no piso terreo ostenta no lanço superior uma deliciosa janella da primeira Renascença, enquadrada por pilastras e com parapeito ornatado. coroada por um arco de volta abatida, com a concha. O pinaculo é de fórma conica e os alizares, abaulados.

Das antigas construcções do palacio resta apenas um robusto torreão, cujo diadema de ameias decorado em esgrafito por cima da cimalha torcida em calabre se póde ver na estampa adjunta, e contigua, um exemplo da technica mourisca preponderando por aqui no seculo XVI.

O convento de freiras de S. Bento conserva, apenas, das suas antigas construcções uma abobada muito rica e um adro á semelhança do de S. Francisco. E' notavel, proximo ao côro, a sacristia com a sua abobada reticulada, de pesadas arangões rectangulares, datando

TORRE NOS PAÇOS REAES DE EVORA

DO VESTIBULO DOS PAÇOS REAES DE EVORA

do meado do seculo XVI, ou talvez de mais tarde.

No convento de S. João Evangelista, intitulado, tambem, dos Loyos, pouco se vê hoje em dia do antigo edificio da egreja, da éra de 1485. Foi reconstruida totalmente em época posterior; a egreja actual encerra, porém, na capella, á mão esquerda da nave transversal, dois mausoleus interessantes; sobreleva ao outro o de Manuel de Mello, fallecido em 1493, um conjuncto architectonico de marmore branco, com pilastras por alizares, inscrevendo uma arcada, na qual se encerra o sarcophago; por cima d'este as armas do fallecido, o arco ostentando um medalhão, com uns genios nos seguintes.

E' torpe e pesadona a elaboração; todavia, é talvez o trabalho mais antigo datado da Renascença em todo o paiz. O mausoleu defrontando a encantadora sepultura de marmore de Francisco de Mello, da éra de 1536, é de cumprido lavôr e corresponde á escola franceza de esculptores, de Coimbra, que por aqui deixou vestigios.

E' originaria da mesma época a casa do capitulo, quadrada, cuja perfeita abobada reticulada ostenta feição manuelina, e ainda o portico communicando a sala com o claustro, esteado

FORTAL DO CLAUSTRO DE S. JOÃO EVANGELISTA, EM EVORA

janella do palacio, denunciando o lavôr, ainda n'este caso, a mão pesada ou rotineira de um alvanéo mourisco; offerecem mais interesse, comtudo, os singularissimos capiteis, translação evidente de exemplares indianos.

Construcção muito mais individual e independente da mesma éra é a ermida de S. Braz, para aquem da cidade. Esta egreja, comprida e estreita, consiste em um adro, uma nave de quatro lanços de abobadas, e um como côro abobadado á feição de cupula.

Foi edificada depois da peste de 1485, e manifesta ainda por toda a parte pormenores de estylo gothico; não obstante, representa de modo caracteristico a maneira gothica-tercearia local de construcção, applicada a um edificio de intenção sumptuosa (são

a meio por uma columna colubrina, rudentada. A disposição é a mesma da apenas de pedra alguns trêchos de maior lavôr), tão original com os seus

ERMIDA DE S. BRAZ, EM EVORA

redondos e macissos pilares e as suas ameias, que a não podemos passar por alto. Acha-se deturpada, internamente, conserva apenas o seu rico atavio de azulejos, apresentando ainda, em parte, a technica mourisca; coevo, talvez, da éra de 1575. Por fora, abaixo da adornada cornija corre, em toda a volta, um friso de esgrafito: as proprias faces dos pilares apresentam, por partes, vestigios de identica decoração.

CAPELLA DO ESPORÃO, NA SÉ DE EVORA

Na soberba cathedral, dos principios do seculo XIII, a qual, comparada ás de Silves e Coimbra é a unica, entre as basilicas portuguêsas, que apresenta aspecto propriamente meridional, a par de importante, encontramos no transepto, da banda do norte, uma linda capella, trabalho claro e manifesto do alvor da Renascença, a capella dos Vasconcellos, vulgo, do Esporão; data: 1527. E' uma obra apurada, portugueza, da primeira Renascença, patenteando garbosa concepção: o extradorso da arcada é moldurado d'alto a baixo com uns bocelões torses, muito ornatados, e duas pilastras, decoradas, sobrepostas, e coroado por um remate á feição de um friso, riquissimo e lavrado a primôr; ao centro, o brazão de armas dentro de um nicho apilastrado. Por cima da capella, quadrada, ergue-se a tão geral abobada estrellada, polycroma; o altar, de talha, participa do Gothico e da Renascença, e está um tanto pintalgado, imitando

ESGRAFFITO EM S. BRAZ, EVORA

pedra; uma fina grade veda esta grandiosa e sumptuosissima capella.

No côro de cima, virado ao poente, da cathedral, depara-se-nos uma obra da mais subida importancia, coeva da Renascença, o opulentissimo cadeirado, da éra de 1562. Acusando as mesmas mãos e a mesma traça do de Belem (vidè tomo I), as cathedras perfilam-se em dois renques occupando tres lados do mesmo côro. Riquissimas pilastras com os frisos historiados de figuras e emblemas, capiteis corinthios e um primoroso friso com cabeças, sobre sócos a cuja face adornam umas figuras de anjos, entrecorridos de assumptos biblicos, em relevo e algo fantasticos, eis a esquipação do espaldar; os frisos do cadeirado disposto na frente são igualmente adornados com riquissimos relevos, ornamentaes, em parte, e com figuras, fantasticas, as mais d'ellas, e humoristicas (lebres que vão enterrar o caçador, e quejandas lucubrações); não menos opulentas, as faces, quer em ornato, quer em figuras. Um tanto mais reduzidas as dimensões de que as de Belem, o trabalho algo mais recente e mais maduro; denunciando menos paixão. Manifestei já, anteriormente, a conjectura de que talvez pudessem ser attribuidos a Diogo da Costa ambos os trabalhos.

Os restos de ulteriores trabalhos patenteando aqui, cêrca de 1530 a 50, a actividade já de architectos já de esculptores, confirmam a quanto eu acima expendi concernente á inclinação para o cyclo de francezes em Coimbra. São os dois porticos, procedentes da antiga egreja de S. Domingos, derruida, actualmente. Um d'elles existe ainda proximo da entrada principal da actual Casa Pia (outr'ora a Universidade jesuitica), o outro dando entrada para o cemiterio. Um e outro, lavrados em marmore branco, com singular delicadeza e gracilidade, patenteiam, até certo ponto, a feição do de Thomar reproduzido anteriormente.

O espelho inflecto, o inviezado extradorso, em compartimentos, no presente caso, a fineza dos perfis e das ornatadas pilastras aqui se encontram outra vez; o portico do cemiterio (datado de 1537) apresenta, aliás, umas esbeltas columnas nichadas e um intradorso profusamente decorado. Os medalhões dos seguintes, os bustos de relevo no sóco são de especial delicadeza e opitmo effeito.

(Continúa.)

— O' pegureira d'olhar macio,
Já viste acaso, na agua do rio,

Teu lindo rosto? Já viste acaso
Tanta belleza por que me abraso?!

— O rio engana, meu bom senhor...
— Ah! nunca mente... não mente o amor!

A agua do rio lá vae levada,
De ver-te o rosto vae encantada...

O' pegureira, repara agora,
Por ter saudades, como elle chora!

E' que se lembra d'uns olhos bellos,
Da tua boca, dos teus cabellos...

Lembra-lhe tudo que retratou,
E ao ver-te um dia, logo te amou.

Em luz desfeita levou-te a imagem...
Vae namorado, dizendo á margem

Que é negra sina do rio errante
Correr seu fado sem ter amante!

Escuta, escuta! Repara agora,
Por ter saudades, como a agua chora!...

— Aguas do rio são chocalheiras,
Fingem saudades... são onzeneiras.

Se ellas tivessem por mim amor,
Ai não fugiam, não, meu senhor!

— O rio corre, que é a sua sorte,
Foge carpindo, vae para a morte,

Que é outra vida, no longo mar,
Irmãos do vento, sempre a chorar...

— Quem quer aos outros torce caminho,
Anda com elles, não vae sòzinho!

— Como és cruel, que nem reparas
Que ha sinas cruas, sinas amaras,

Que num momento mostram o ceu,
E logo o escondem: tudo morreu!

Eu vi-te um dia, vindo da caça,
O' pegureira cheia de graça...

D'amor perdi-me! Nem sei que digo!
Que lindos sonhos sonhei comtigo!...

E só agora volto a encontrar-te,
Morena linda, para levar-te!

— Levar-me, nunca! Que tentação!
Vêde os pinheiros... dizem que não...

Dá-lhes o vento, mexem a rama,
Dizem: «Não foge quem outro ama»...

Olhae as rolas que vão no ar:
Nenhuma d'ellas deixa o seu par.

Segui caminho com o vosso galgo.
Caçae nos montes, senhor fidalgo.

Se as lebres fogem, que farei eu
Do fidalguinho que me appar'ceu!. .

— Oh! dá-me um beijo da tua boca!
— Só beijo o linho, se espio a roca...

— Tens num castello pedras preciosas,
Anneis luzentes!
— Tenho aqui rosas...

— Dou-t'as mais lindas, ó meus amores,
Serás rainha das minhas flores!

— Nasci no monte, sou pobrezinha,
Só do meu gado serei rainha.

— Tudo que ha rico, tudo que ha bello,
Terás, pastora, no meu castello:

Pagens e sedas; p'ra te toucar
Aias formosas; e a alumiar

Mil candelabros cheios de lumes,
Musica, beijos, sonhos, perfumes!...

— Na minha choça tenho a candeia:
Cá pelos montes a lua cheia...

Os pintarroxos e tentilhões
Cantam cantigas aos corações,

As madresilvas e urzaes em flor
Cheiram a abelhas, são do pastor...

— Oh! dá-me um beijo...
— Senhor fidalgo,
Já cae a tarde... Pobre do galgo!

Não caçou lebre, vae desazado...
São horas, vou-me colher o gado,

Já a lua treme, leve, nos olmos...
Olhae: fumegam casas e colmos;

Batem trindades, balam ovelhas,
Luzem estrellas, fogem abelhas...

— Tudo despresas? Tenho um thesoiro,
Poder, fortuna, tenho arcas d'oiro,

E tu desdenhas-me, agreste flor!
— Tendes riquezas, eu tenho amor...

Olhae as rolas que vão no ar:
Nenhuma d'ellas deixa o seu par!...

JULIO BRANDÃO.

SETEMBRO DE 1808

Dia 10

As tropas de Junot começam a embarcar em **Lisboa** para as embarcações, que haviam transportado a expedição ingleza de auxilio a Portugal e que no dia 2 tinham principiado a entrar no Tejo.

Dia 12

O general hespanhol Galluzo, sabendo embora que está feita a convenção de Cintra, não retira os seus postos do Alemtejo, como Dalrymple lhe requisita, e tenta apoderar-se do forte de La Lippe ou da Graça, para onde se retirara de Elvas, com as suas forças, Girod Novillard, ao ver que não podia defender esta praça apenas com 1:300 homens.

Dia 15

Ficam a bordo dos transportes inglezes todas as forças francezas do commando de Junot. Desde o amanhecer destacam-se dos regimentos britannicos que tinham entrado em **Lisboa** grandes guardas e piquetes, para manterem a ordem na cidade. Ao meio dia o castello de S. Jorge arvora de novo a bandeira portugueza, e este acto é solemnisado com salvas de artilharia, foguetes e repiques de sinos. Á noite, correspondendo ao convite feito pelo senado da camara, os habitantes de Lisboa, sem excepção dos mais pobres, põem luminarias nas suas casas, repe-

EMBARQUE DAS TROPAS FRANCEZAS NO CAES DO SODRÉ
Gravura do tempo

tindo-se nos dois dias seguintes estas manifestações de regosijo, ao mesmo tempo que estalam constantemente os fogos do ar e repicam os sinos. Pelas ruas vêm-se grupos de inglezes abraçados aos portuguezes, soltando vivas ao principe regente, e chorando de prazer.

AGUARELLA INEDITA DO TEMPO

Pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa

Tem a seguinte epigraphe:

Restituição das Armas aos Espanhoes.
No campo de Ourique se fez esta entrega das Armas que os Francezes atraiçoadamente tinhão tirado aos Espanhoes temendo com justa a vingança dos mesmos Espanhoes vindos com os Portuguezes.
O general Inglez fez restituição das Armas que os Francezes lhe tinhão tirado e os pôs na sua Liberdade dos Castelhanos. Seos vigilantes olhos estão fixados em vós, Junot. Edital 1 de Fevereiro de 1804. Parece que quer dizer, estão fixados em vós para ver como vos destruirá.

Dia 17

N'este dia e na vespera o intendente geral da policia Lucas de Seabra da Silva, que desempenhara este cargo nos primeiros tempos da dominação franceza, publíca dois editaes, censurando acremente as aggressões e roubos que se fazem pela cidade contra quem justa ou injustamente é accusado de ter sido partidario do invasor. Ordena á policia que reprima aquelles crimes e prenda os seus perpetradores.

Dia 18

Os habitantes de **Lisboa,** depois de terem posto luminarias durante tres noites para corresponder ao convite do senado da camara, continuam por mais seis noites a dar de motu propria aquella prova de alegria. Até alta noite as janellas conservam-se illuminadas, e algumas ostentam quadros transparentes allusivos aos factos celebrados.

No largo do Poço Novo é erguido pela mocidade lisbonense um oblisco, em cuja base estão os retratos, em transparente, do principe D. João, da princeza D. Carlota Joaquina e as armas da Gran Bretanha e da Hespanha. São brilhantes os festejos realisados no largo.

O general britannico Sir Hew Dalrymple annuncia n'uma proclamação aos portuguezes a restauração da antiga regencia, nomeada pelo principe D. João antes da sua partida para o Brazil. Fica composta dos seguintes individuos: tenentes generaes conde de Castro Marim, D. Francisco Xavier de Noronha e Francisco da Cunha e Menezes, do marquez das Minas e do bispo do Porto D. Antonio José de Castro.

Não faz parte da regencia o marquez de Abrantes, que estava retido em França, e são d'ella excluidos o principal Castro e Pedro de Mello Breyner por terem feito parte do governo no tempo da dominação de Junot. O conde de Sampaio deixa tambem de ser conselheiro do governo nas repartições da guerra e marinha, por

CONDE DE AMARANTE

P. Marinho gr.

ter servido estes logares com os francezes, e é substituido por D. Miguel Forjaz, que tambem é encarregado da repartição dos estrangeiros. A exclusão do conde de Sampaio excita indignação contra Dalrymple.

A cargo do desembargador João Antonio Salter de Mendonça ficam as repartições do reino e da justiça.

Por *ordem* do general inglez, expressa na mesma proclamação, deverá este governo ser reconhecido e obedecido por todas as jurisdicções subalternas, tribunaes e auctoridades constituidas e legaes do reino, bem como por toda a qualidade de pessoas.

SIR ARTHUR WELLESLEY
Primeiro duque de Victoria

Dia 20

A regencia communica, em circular, aos tribunaes e auctoridades superiores que se acha installada.

Dia 24

Por um decreto da regencia é encarregado Cypriano Ribeiro Freire da repartição dos negocios estrangeiros, por ter D. Miguel Pereira Forjaz allegado impedimento para o desempenho d'este cargo. Freire é tambem nomeado presidente interino do real erario, por estar impossibilitado Luiz José de Vasconcellos e Souza, que havia alguns annos se achava paralytico.

Dia 26

A regencia dissolve a junta provisional do governo supremo do reino, estabelecida no Porto.

Todas as outras juntas se dissolvem, cumprindo submissamente as ordens da regencia, enviadas n'uma circular. A de S. Thiago de Cacem manda até os seus protestos de obediencia antes de receber a circular.

Dia 28

Os francezes que occupavam o **Forte de Santa Luzia,** ao pé de Elvas, retiram-se para o da Graça, onde ficam reunidas todas as tropas da mesma nacionalidade que tinham guarnecido a peça alemtejana.

Galluzo não desiste no entanto do seu proposito de tomar o forte da Graça, o que força Dalrymple a ordenar ao general John Moore que marche para Extremoz com tropas numerosas.

Só á vista d'esta demonstração hostil o general hespanhol deixou de persistir n'aquella teima.

M. A.

CONTO ARABE

— Ah! — disse o Mourad Marreca, resolvido finalmente a contar as circumstancias que o tinham levado para o hospital de Alexandria — nenhum de vós pode imaginar quanto o destino tem sido cruel para comigo, pois no tempo feliz da minha vida cheguei a ser rei e tive uma grande riqueza, uma riqueza enorme! Todas as minhas desditas resultaram de que qualquer desejo que eu tivesse, por mais insignificante que fosse, era logo satisfeito. Escutae as minhas maravilhosas aventuras e ficareis sabendo como me tornei marreca, surdo e gago, como passei a ter respiração tão presa, e finalmente como fiquei desfigurado por uma terrivel cicatriz.

O officio de meu pae e de meu avô era procurar thesouros escondidos. Antes de eu ter edade para desempenhar a mesma profissão, matava o tempo brincando com os outros pequenos na aldeia onde vivia.

Ao pé de Myt-Rahyneh ha um lago, todo rodeado por uma crista de collinas, que se suppõe terem sido formadas pela areia accumulada sobre as ruinas de uma antiga cidade. Um palmar cobre as collinas e cerca o lago.

Era á sombra d'estas palmeiras que eu e os meus companheiros gostavamos de brincar, preferindo a tudo o prazer de nos banharmos no lago. Um dia, ao dar um mergulho, bati com a mão n'uma coisa dura, que estava sumida no lôdo; agarrei-a e trouxe-a para fóra da agua. Depois de lhe tirar a espessa camada de lodo que lhe estava agarrada, descobri um anel de bronze com uma pedra denegrida, em que havia algumas lettras gravadas.

Fiquei satisfeitissimo com a descoberta, posto que não lhe soubesse o verdadeiro valor, e, tendo mettido o anel no dedo, atirei-me outra vez á agua.

D'ali a pouco tempo, meu pae resolveu levar-me comsigo pela primeira vez, á procura de um thesouro, mas antes de sahirmos de Myt-Rahyneh quiz que eu travasse conhecimento com um tio meu, que eu nunca tinha visto e que residia no Cairo.

Meu tio sympathisou logo comigo e mostrou desejos de que eu passasse algum tempo em sua companhia. Meu pae condescendeu e partiu sósinho para a tal empreitada.

N'um dia de festa, andava eu a passear no pateo interior do palacio de meu tio, dando voltas e viravoltas ao anel de que tanto gostava, mas sem o tirar do dedo, quando o secretario de meu tio lhe deitou os olhos por acaso, e me pediu que lh'o deixasse vêr mais de perto. Sem tirar do dedo a anel, levantei a mão para que elle o observasse.

O exame levou pouco tempo.

— Estas lettras, disse-me o secretario, não são arabicas, persicas, cophtas, gregas nem hebraicas. A inscripção é feita com os caracteres que usavam os nossos antepassados mais remotos, e não ha no Egypto ninguem que saiba lel-a, a não ser um ancião meu conhecido, que vive n'um mosteiro do deserto de Bahar-bela-mâ, o rio sem agua. Se confiar de mim ésse anel, como parto ámanhã para esses lados, afim de receber as contribuições em divida ao bey, meu amo, e tenho de fazer caminho pelo mosteiro onde reside o ancião, posso mostrar-lh'o. A' volta trago-lhe o seu anel, com a explicação do que essa inscripção quer dizer.

Não desejando separar-me do meu achado, respondi que não podia tiral-o do dedo, que inchara e se puzera mais grosso desde que eu trazia o anel, mas promptifiquei-me a acompanhar o secretario na jornada, se meu tio me desse licença.

Assim se fez, porque meu tio disse logo que sim.

Passados dois dias e duas noites de trabalhosa jornada, chegámos ao mosteiro, e na manhã seguinte fui levado á presença do douto ancião, que se chamava Makarius. O monge examinou attentamente o anel e manifestou certa surpreza ao lêr a inscripção.

— Filho, disse-me elle afinal, esta inscripção é em lettras mais antigas que toda a obra dos homens que chegou até aos nossos dias. Eis o sentido das extraordinarias palavras aqui gravadas: «Que deseja Mourad? Todos os desejos de Mourad serão satisfeitos.» Não sei, accrescentou elle, se a pessoa a quem este anel pertenceu tinha o poder de realisar todos os seus desejos; mas se tal acontecia duvido de que fosse realmente feliz. Só quem fôr moderado em seus desejos e se contentar com o que possuir pode considerar-se rico. De contrario será sempre pobre.

Interrompi Makarius, dizendo-lhe:

— Na vossa edade, venerando mestre, são muito proprias essas idéas; mas na minha, se este anel tem o poder, na verdade, de realisar todos os desejos do seu possuidor, não admira que estando eu tão exhausto de fadiga tenha o desejo de voltar n'um abrir e fechar de olhos para o palacio de meu tio, no Cairo.

Palavras não eram ditas, quando me senti levado de esfusiote pelos ares, e me achei n'um dos quartos do andar terreo do palacio d'onde tinha sahido na ante-vespera. Estava tão cançado, que me atirei para cima de uma cama, que vi ao pé de mim, e adormeci logo. Sonhei que estava na côrte dos

antigos caliphas de Bagdad, rodeado dos maiores esplendores, e, quando acordei, muito tempo depois, continuei a ter aquellas visões estonteadoras.

— Quem me dera, exclamei, vêr de perto tantas maravilhas! Quem me dera estar na grande cidade de Bagdad!

Ainda eu não tinha acabado de proferir estas palavras e achei-me na rica cidade, que tratei logo de visitar minuciosamente. O passeio aguçou-me o appetite, mas lembrei-me logo de que não tinha uma moeda com que comprasse alimento. Quando anoiteceu, á mingoa de tecto que me abrigasse, fui sentar-me debaixo de umas arvores que havia n'um outeiro, d'onde se avistava grande parte da cidade. Defronte de mim ficava o palacio do pachá, vasta construcção rodeada de jardins. Brilhavam luzes em todo o edificio, e numerosos servos e escravos, todos ricamente vestidos, atravessavam os pateos, a bom andar. Semelhante espectaculo tornou para mim mais dolorosa ainda a situação a que estava reduzido. Murmurei:

— Como sou desgraçado! Quem me dera ter a fortuna do pachá!

SAHIU DO PALACIO
UMA EXTENSA FILA DE ESCRAVOS

Mal acabei de dizer estas palavras, sahiu do palacio uma extensa fila de escravos, trazendo bellos pratos de oiro com manjares variadissimos, qual d'elles mais proprio para me satisfazer o appetite! Musicos e cantores fechavam o cortejo, que dentro em pouco rodeou as arvores debaixo das quaes estava sentado.

Mal, porém, eu tinha começado a provar das iguarias, que me eram offerecidas de tão extraordinaria maneira, surgiu um bando de soldados do pachá. Tinham seguido aquelles serviçaes e obrigaram-n'os, ás chibatadas e bastonadas, a voltar para os sitios, d'onde o mysterioso poder do anel os tinha feito desertar. Alguns dos soldados vieram para mim e tambem me espancaram. Incapaz de resistir a tantos aggressores, é natural que exprimisse o voto de ir para onde ficasse livre d'elles.

Ainda não tinha acabado de manifestar este desejo, quando me vi n'um

logar, que parecia fechado de todos lados, e onde me julguei a salvamento, porque todos os meus inimigos haviam desapparecido repentinamente. Comtudo não estava lá sósinho, e embora a escuridão me não deixasse vêr claramente o que me rodeava, conheci afinal que logar era, ouvindo pragas e gemidos, e o tinir de cadeias.

Os presos que me cercavam deram-me a saber que eu estava na mais horrivel masmorra do castello. Contaram-me que tinham sido apanhados n'aquella mesma tarde com as armas na mão, n'uma revolta contra o pachá, e que, julgados summariamente, deviam todos ser executados, dentro em pouco.

As queixas e o desespero dos infelizes redobraram, quando se ouviu no pateo da cadeia a bulha que faziam nos preparativos da execução, e, ainda mais, ao sentir-se o ruido das armas da escolta, que devia acompanhal-os ao logar do supplicio.

Sem tempo para reflectir na minha triste situação, pois que, se decorressem mais alguns segundos, seria levado, de envolta com os criminosos, e não poderia de modo nenhum explicar o motivo por que estava no meio d'elles, não hesitei um momento e apostrophei o anel, bradando-lhe:

— Leva-me já para sitio onde não tenha que arreceiar-me dos algozes, que vão matar estes desgraçados!

A cadeia e os presos desappareceram-me da vista como por encanto, e, sem que eu tivesse consciencia de qualquer movimento, encontrei-me tranquillamente sentado n'uma esteira de varias côres. Era um convento de fakirs idolatras, n'uma grande cidade indiana, proxima das fronteiras da China.

AVANÇOU PARA MIM COM DUAS MÃOS-CHEIAS DE BRAZAS E METTEU-M'AS A' FORÇA NA BOCCA

Olhei em volta de mim, desejando reconhecer o meu novo refugio, mas para onde quer que relanceasse a vista appareciam-me figuras giganteas esculpidas, de fórmas exoticas e hediondas — cabeças sem corpos, corpos disformes, sem braços, pernas ou cabeças; aqui, era o corpo de um animal com dez cabeças humanas sustentadas por um unico pescoço; acolá, n'um corpo humano, as cabeças de dez especies de animaes ferozes; de um lado, a estatua de uma mulher de cabeça formosissima, mas com uns hombros de que sahiam vinte braços,

empunhando cada mão sua arma, em attitude ameaçadora; de outro lado, com os corpos unidos n'um só grupo, um bufalo enorme, um tigre listrado, uma serpente de escamas amarellas, e a cabeça de um medonho crocodillo de presas aguçadas e fauces hiantes. Todos estes monstros, soube eu então, eram outros tantos idolos adorados pela multidão que enchia o templo. Nenhum dos circumstantes pareceu espantado com a minha subita apparição, mas todos me rodearam, gritando:

— Anda! Vem comnosco, para debaixo das rodas do carro do grande idolo Juggernaut! Gosarás o prazer ineffavel de seres esmagado instantaneamente! Anda! Vem!

Como não fiz caso d'estas suggestões, um fakir mais fanatico avançou para mim, com duas mãos-cheias de brazas, e, antes que eu pudesse adivinhar-lhe a intenção, metteu-m'as á força na bocca.

Cuspia-as o mais depressa que pude, e imaginaes certamente o ardor com que expressei o desejo de fugir para algum logar, onde não pudesse alçançar-me o fanatismo terrivel do fakir. O desejo foi logo satisfeito, mas, como perdi uma parte da lingua, horrivelmente queimada pelas brazas, tornei-me gago.

O fakir não se atreveria certamente a seguir-me até ao logar onde eu agora estava. Vi-me n'um profundo barranco, na ilha de Ceylão, com um tigre monstruoso, de um lado, e um leão enorme, do outro, parecendo dispostos a brigarem com o fim de o vencedor poder devorar-me. Nunca manifestei mais rapidamente nenhum desejo como este: que as duas feras se matassem, acto contínuo, uma á outra.

E logo, sem mais se importarem com a minha presença, atacaram-se furiosamente, e, fazendo resoar os echos com os medonhos rugidos, despedaçaram-se com unhas e dentes, até que vieram cahir mortas aos meus pés.

Já não tinha que receiar dos meus terriveis inimigos, mas estava no fundo de um horrendo precipicio, sem poder sahir de lá, e atormentado pela fome. Levantei os olhos para os rochedos que me cercavam como impenetravel muralha, e qual não foi a minha alegria ao descobrir uma arvore muito alta, com os ramos curvados ao peso de lindissimos fructos!

Depois de muitos esforços, chego ao cimo da arvore e quando já estava a deitar a mão a um dos fructos, dou com os olhos na cabeça de uma enorme serpente que se levantava deante de mim, mostrando tenções de me engulir. Escorreguei muito depressa pelo tronco abaixo, e, tendo saltado para o chão, dei graças a Deus por não ter partido nenhuma parte do corpo.

Olhando para a arvore, tornei a enxergar a serpente, que estava com os olhos a luzirem como duas brazas e sem os desfitar de mim.

Não é portanto coisa para admirar que eu desejasse escapar d'aquelle perigo. Mal tinha formado o desejo, dos rochedos e do ar sahiram grasnidos e uivos pavorosos. Os grasnidos soltavam-n'os as aguias e os abutres, que aos bandos voavam por cima da minha cabeça, interceptando a luz; os uivos eram dados pelas guelas de milhares de hyenas e chacaes, que esfomeados saltavam de penedo em penedo.

As aves de rapina deitaram-se á serpente, e desfizeram-n'a n'um abrir e fechar de olhos, com os bicos e as garras, emquanto as feras cahiam sobre os cadaveres do tigre e do leão. O repasto não os occupou muito tempo, e embora me não tivessem ainda prestado attenção, não me restava a minima duvida de que as suas presas aguçadas entrariam a contas commigo logo que findasse aquella tarefa.

—Oh! Genio do anel, bradei anciosamente, livra-me d'esta phalange de devoradores inimigos, e conduze-me para sitio habitado por creaturas humanas!

Este grito de angustia não tinha ainda acabado de ultrapassar os meus labios tremulos, quando um trovão, mil vezes mais forte do que todos os que eu ouvira até ali, reboou das nuvens que se encastellavam sobre a minha cabeça. Cuidei que os ceos iam desabar-me em cima. Fugiram as hyenas e os chacaes, bateram as azas os abutres e as aguias, e achei-me sentado n'um tapete de relva, em meio de um valle encantador.

Estava salvo, mas o pavoroso estrepito d'aquelle trovão tinha-me produzido tal impressão nos ouvidos, que fiquei surdo para sempre.

Avistei uns lavradores e caminhei para elles, pedindo-lhes comer. Promptificaram-se a dar-me trabalho, o que lhes agradeci muito reconhecido.

Longo tempo vivi com aquella boa gente, feliz e socegado. Um dia, emquanto descançava, á hora da sesta, no modestissimo mas commodo alojamento que me tinham dado, e estando meio a dormitar, quasi sem consciencia do que pensava, comparei a situação em que me via com a dos ricos e disse:

—Que sorte invejavel a d'elles! Todos os gosos que me podem render as canceiras, que hei-de passar toda a minha vida, concede-lh'os todos os dias uma parcella do ouro que possuem. Oxalá eu tivesse ouro... muito ouro!

Mal pude acabar de dizer estas palavras, porque senti um extraordinario peso no peito, como se a montanha de Kaf tivesse desabado sobre mim. Estava sepultado, esmagado debaixo de uma pilha immensa de moedas de ouro, que me comprimia o peito, deformava as costellas e abafava os pulmões, de modo que fiquei d'ali em deante com a respiração muito presa.

—Que desejei eu? perguntei a mim mesmo. Este thesouro que vae ser a minha morte. O que eu devia desejar era o poder que dá ao mesmo tempo honras e riquezas. Quem me dera ser rei!

O ouro que me opprimia desappareceu immediatamente, e achei-me montado n'um soberbo corcel, vestido com trajes magnificos, e cercado por um exercito numerosissimo. Estava nas vastas planicies da Tartaria e era rei de Bokhara e Samarkand.

Era rei, mas tinha sido mal escolhido o momento para a minha ascensão a este elevado cargo. Feria-se em volta de mim uma encarniçada batalha, e eram levados de vencida os soldados que defendiam a minha causa. Os soldados cercavam-me por todos os lados, e defrontava-se comigo um possante guerreiro, que, louco de raiva, tinha a espada tinta de sangue erguida sobre a minha cabeça e prestes a ferir-me.

O desejo de escapar á cutilada fatal passou-me pelo espirito como relampago. Desappareci logo do campo de batalha, mas ainda assim a espada do rebelde chegou a alcançar-me, e d'isto provém a cicatriz que me desfigura o semblante.

Encontrei-me sósinho ao pé do mar, n'uma ilha do oceano Indico, que me pareceu deserta. Encaminhei-me para o interior, á busca de abrigo e de alimento.

Andei muito tempo atravez de penedos escalvados, postos uns sobre os outros, como pela mão de um gigante. A' tarde, cheguei á entrada de um bosque de arvores differentes de quantas eu tinha visto. Apanhei alguns fructos silvestres e devorei-os sôfregamente. Uma caverna aberta pela natureza na muralha de rocha, serviu-me de abrigo durante a noite. Deitei-me e adormeci promptamente.

A ESPADA DO REBELDE CHEGOU A ALCANÇAR-ME!

Quando acordei, estava rodeado por uma chusma de selvagens negros e completamente nús, que me olhavam com admiração. A pelle, ou para melhor dizer, o couro que lhes forrava o corpo secco e ossudo, estava pintado de varias côres, ás listras e rodelas. Seria impossivel toda a resistencia da minha parte. Amarraram-me com presteza, e de tal modo, que me era totalmente impossivel fazer o minimo movimento. Ataram-me de pés e mãos, e prenderam-me a cabeça entre os joelhos, de sorte que eu não parecia gente, mas sim um fardo, que tem de ser transportado para muito longe.

Os barbaros levaram-me em triumpho para um logar recondito do bosque. Havia ali grande multidão, que logo nos cercou, dando gritos de alegria. Fiquei sem pinga de sangue e todo a tremer, quando vi os olhos de cubiça que todos me lançavam.

Puzeram-me ao pé de uma fogueira, e, a principio, fiquei em duvida se queriam queimar-me vivo, em sacrificio aos seus idolos, ou se tencionavam assar-me para depois me devorarem. Logo conheci, todavia, que os selvagens não eram anthropophagos, mas unicamente adoradores do fogo, o que me diminuiu um quasi nada o terror.

— Anel da minha alma, disse eu, livrae-me d'aquellas chammas, e leva-me quanto antes para o meu paiz natal!

O desejo foi expresso em voz transtornada pelo medo, porém o genio do anel, fosse elle qual fosse, ouviu-me e levou-me d'aquella terra selvagem para o Egypto, onde dei por mim no fundo de um poço de quatrocentos pés de profundidade, na cidade do Cairo.

RESALTANDO
DE PENEDO EM PENEDO...

Tinha-me esquecido de pedir que me desamarrassem, e por isso o genio, no seu costume, não excedeu um apice o meu desejo.

A agua frigidissima em que eu estava immerso, gelou-me até á medula dos ossos. Já me chegava á bocca, e eu ia enterrando a mais e mais os pés no lôdo do fundo, que cedia ao peso do meu corpo.

— Ai! Oxalá me visse tanto acima do chão como agora estou abaixo! bradei eu.

No mesmo instante, como por milagre, deparei-me no vertice da grande pyramide de Ghizeh, mas não podia ser mais afflictiva a minha situação. Fizesse eu qualquer movimento e despenhar-me-hia d'aquella altura medonha.

Se ao menos me tivessem deixado um pouco mais perto da borda da plataforma, talvez avistasse algum arabe errante no deserto, e, gritando, lhe despertasse a attenção para que viesse acudir-me.

A este pensamento, senti um desejo irresistivel. Fazendo um esforço violento, consegui, a duras penas, contorcendo-me e arrastando-me a pouco e pouco, chegar junto á aresta de uma das pedras que formavam a orla da plataforma, e assim pude deitar os olhos até á base da pyramide.

Lá em baixo estavam dois homens curvados para o chão, a cavar na areia.

— Ai! Oxalá que um fosse meu pae! disse eu em alta voz.

Um dos dois, ao ouvir-me, levantou a cabeça.

Era meu pae, com effeito!

Reconhecel-o e desejar ir para junto d'elle foram ideias que me acudiram ao mesmo tempo.

N'isto o meu corpo, que estava amarrado de maneira que parecia uma bola, rolou para fóra, por cima da aresta da pedra, e resaltando de penedo em penedo, até ao fundo do terrivel precipicio, foi cahir, inanimado, dentro da cova que meu pae e o companheiro estavam abrindo na areia.

Os medicos, a cujos cuidados me confiou meu vagabundo pae, disseram que eu estava irremediavelmente perdido, mas um doutor francez muito sabio logrou arrancar-me das garras da morte.

Não me resultou nenhum mal senão ficar com a cabeça, os braços e as pernas bastante escalavradas, e com a pelle rasgada e arranhada... Ah! Tambem as costas se me puzeram em arco, e nunca mais se endireitaram, por mais esforços que o medico empregasse para tal fim. Desde então fiquei marreca.

Hoje, estou absolutamente resignado com a minha sorte e com o meu anel magico, e por isso cumpro á risca a tenção que formei de nunca mais recorrer ao seu poder sobrenatural, de que fui tanto tempo joguete e victima.

Tal é a minha historia.

Conteúdo egual ao continente

—V. Ex.ª obsequiava-me, tirando o chapéo, para me deixar ver o espectaculo?

—Pois não! Com todo o gosto!

—E se V. Ex.ª agora tirasse tambem o toucado?...

—Se lhe parece, corte-me já agora a cabeça!

Grandes topicos

A Allemanha pacifica

Um dos discursos do principe de Bulow que mais resonancia teem tido, foi sem duvida o que elle proferiu ultimamente na sessão da abertura do Congresso da União interparlamentar para a arbitragem internacional, celebrado em Berlim.

Como se pretendesse responder aos boatos, que então corriam com mais insistencia, de uma provavel e proxima guerra entre a Allemanha e a França, o chanceller allemão disse, dirigindo-se aos congressistas:

«Guiados por homens distinctissimos, tendes proseguido na vossa missão, que é obter garantias de paz e de concordia entre os povos — missão ardua e dificil, por a contrariarem tantas paixões e preconceitos — mas a mais benefica entre todas.

O NOVO SOBERANO EUROPEU
FERNANDO DA BULGARIA

«Ministro constitucional, sei que, mandatarios do povo, exprimis os sentimentos dos vossos concidadãos. Diga-se o que se disser, os votos da maioria são favoraveis á concordia, ao progresso e á paz, isto é, não concorda com as vossas aspirações.

«Quanto aos governos, deveis fazer-lhes a justiça de acreditar que foram ao encontro dos nossos desejos, concluindo tratados internacionaes. Pelo que respeita ao fim a alcançar, as divergencias manifestam-se apenas sobre os meios a empregar para o atingir o melhor possivel e com toda a segurança.»

E depois de expor o que o seu paiz tem feito no campo da arbitragem, o principe de Bulow concluiu:

«A. Allemanha, esclarecida pela historia que durante trez seculos não lhe poupou as lições mais crueis, quer e deve ser bastante forte para defender o seu solo, a sua dignidade, a sua independencia; mas não abusa nem abusará da sua força. O povo allemão, que deseja a paz, uma paz baseada no direito e na justiça, e que, mantendo a paz durante longos annos,

O POVO — *O rotulo e diverso, mas palpita-me que o tabaco será o mesmo.*

Do «*Fischietto*»

A DIFFERENÇA

CONDE ZEPPELIN — *Meu caro Bebel, vossê edifica castellos no ar. Eu cá faço aeronaves. Pode-se conseguir mais com ellas.*

Do «*Wahre Jacob*»

O novo concerto europeu, que devia resolver os casos de Macedonia, e violentamente perturbado pela explosão do cachimbo do sultão, que foi cheio pelo joven Turco.

De «*Il Papagallo*»

tem provado a sinceridade dos seus desejos, aplaude os nossos trabalhos.»

A Bulgaria independente

Há já bastante tempo que o principe Fernando da Bulgaria desejava elevar o seu paiz a reino, proclamando-o ao mesmo tempo independente. Todos os seus esforços, porém, iam de encontro ás ambições das potencias que teem interesses nos Balkans. Mas ultimamente a situação mudou, o que permitiu ao principe Fernando realisar o seu sonho. Vejamos em que circumstancias o facto se produziu.

O NOVO SULTÃO

Acha o novo throno a escaldar e cheio de espinhos.

Do «*Nebelspalter*»

Como se sabe, o Congresso de Berlim de 1878 resolveu que a Bosnia e a Herzegovina passariam a ser occupadas militarmente pela Austria; o Montenegro receberia o porto de Dulugno sobre o Adriatico; a Servia seria declarada reino independente, e a Bulgaria principado autonomo, mas vassallo da Turquia. Este estado de coisas apenas soffreu uma modificação quando, em 1885, a Roumalia oriental, revoltando-se contra o governador turco, se entregou á Bulgaria.

Desde então a situação nos Balkans tem-se mantido n'esse pé, devido ás cubiçosas rivalidades das potencias, e especialmente da Austria e da Russia. Mas surge a revolta dos Jovens Turcos e com ella

ALMIRANTE DO OCEANO DOS ARES

O problema naval resolvido

Do «*Lustige Blätter*»

o estabecimento do regimen constitucional no imperio ottomano. Fernando da Bulgaria, reconhecendo azada a occasião para fazer nova tentativa, foi a Vienna conferenciar sobre o assumpto com o imperador

NA ARENA POLITICA

O rei Eduardo balança o tridente da supremacia mundial, mas o equilibrio está-se tornando instavel.

O Czar Nicolau vae rolando na esphera explosiva.

O Kaiser Guilherme meneia a potente clava, cheio de sorrisos de paz.

O Doente do Oriente (Turquia) exercita-se na corda bamba. Mas quem sabe quanto tempo manterá o equilibrio?

Do «*Kladderadatsch*»

SURPREZA CAUSADA PELO SULTÃO DA TURQUIA

ABDUL — *Tambem eu gostava de ser monarcha constitucional a valer, tal qual como vossês. Dêem-me um logarsinho ao seu lado.*

Do «*Wahre Iacob*»

Francisco José. A entrevista dos dois soberanos foi cordealissima, e o principe voltou para Sofia exultando, disposto a esperar o momento oportuno para vibrar o golpe de audacia que devia realisar o seu *desideratum*.

Esse momento chegou dias depois. Tendo-se declarado em gréve o pessoal do caminho de ferro turco-bulgaro de Sarajew a Novibaza, o principe mandou-o occupar por outro exclusivamente bulgaro, apoiado por tropa, e declarou que nunca mais o entregaria á Turquia, porque era essa a vontade do seu povo. Ora isto representava o rompimento do tratado de 1878, e contra tal modo de proceder protestaram logo a Inglaterra, a Russia e a Allemanha. O principe, porém, sentindo-se forte com o apoio da Austria, não só não deu ouvidos a esses protestos, como, no dia 5 de outubro, proclamava o seu paiz independente, elevando-o ao mesmo tempo á categoria de reino.

CONCERTO ANGLO-RUSSO

Como os allemães o encaram.

Do «*Lustige Blätter*»

No momento em que escrevemos ainda a impressão causada pelo sensacional acontecimento é apenas de surpreza. Não podemos, por isso calcular qual será a atitude ulterior das potencias e principalmente da Turquia.

A Bosnia e a Herzegovina

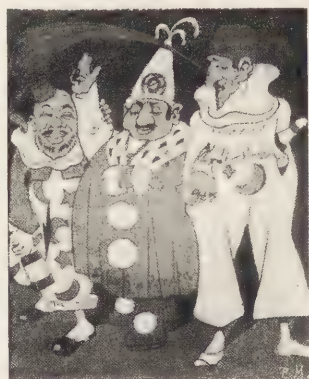
Como dizemos n'outro logar, pelo tratado de Berlim de 1878, a Bosnia e a Herzegovina passaram a ser occupadas militarmente pela Austria. Desde logo este ultimo paiz começou a preparar as coisas para n'um futuro, mais ou menos proximo, annexar as duas provincias ao seu territorio.

Uma vez tornado publico esse proposito, não faltaram protestos por parte dos interessados, incluindo n'esta designação as proprias potencias europeas. Mas a Austria não desarmou: apenas recuou para melhor formar o salto; e ultimamente, exgotadas todas as outras razões, invocou como argumento justificativo de uma mais apertada occupação, direitos economicos sobre as antigas provincias turcas. Esse argumento, porém, foi, como os precedentes, rebatido por auctoridades no assumpto, provando-se que a occupação em vez de lhe acarretar encargos, tem dado á Austria fortes lucros.

De novo ella recuou. Mas os acontecimentos precipitaram-se nos Balkans; deu-se o conflicto entre a Turquia e a Bulgaria; este ultimo paiz tornou-se independente, e como com isso fosse violado o tra-

AUDIENCIA DO CZAR

TOLSTOY — *Que tristeza! Não me recebeu!*

MADAME CHOLERA — *Pois eu estou costumada a entrar sem ser annunciada.*

Do «*Nebelspalter*»

CIRCO INTERNACIONAL

Os clowns que divertem o publico nos intervallos. (São os dois sultões de Marrocos e o Shah da Persia).

Do «*Nebelspalter*»

O ESPIÃO REACCIONARIO APANHANDO REVOLUCIONARIOS PARA A PRISÃO E PARA A MORTE.

A primeira caricatura politica cujo apparecimento foi permittido na Turquia.

Do «*Kerukeion*»

tado de 1878, o imperio austriaco manifestou logo o proposito de lhe seguir o exemplo, realisou o seu velho plano.

Por ora é apenas o desejo que se expressa — mais potentemente do que até aqui. Mas, pelo caminho que as coisas vão tomando, é crivel que, á data da publicação d'estas linhas, já elle esteja satisfeito.

Creta annexa-se á Grecia

DECIDIDAMENTE, o imperio turco entrou no periodo ultimo do seu desmembramento. A Bulgaria, como atraz dizemos, declarou-se independente. A Austria aproveitou o ensejo para se apoderar definitivamente da Bosnia e da Herzegovina e, por ultimo, Creta resolve libertar-se do jugo otomano, proclamando a sua annexação á Grecia.

Como se sabe, foi por causa d'aquella ilha que houve ha annos a guerra entre a Grecia e a Turquia. Desde então, Creta, continuando, aliaz, a ser vassalla da Turquia, tem vivido sob um regimen de protectorado internacional. As potencias, que avocaram a si essa missão, nomearam governador da ilha, primeiro o principe Jorge da Grecia e depois seu irmão Constantino, que ainda exerce esse cargo.

Os sentimentos da população cretense foram sempre anti-turcos e ao mesmo tempo hellenophilos. Por isso, foi sem a menor surpreza que

O DELICIOSO PASTEL

AUSTRIA—*Esperem ahi! Esse bocado guardava eu para mim. (O pastel é a Turquia).*

Do «*Wahre Icob*»

a Europa recebeu a noticia do expediente que ella tomou agora — e, realmente, com toda a oportunidade. A sorte da ilha será comtudo determinada pelo futuro congresso europeu, que deve regular a questão do Oriente.

Vida na sciencia e na industria

Automobilismo na Grã-Bretanha

APEZAR do mau estado das estradas em certos districtos das Ilhas Britannicas, o *motorism* progride notavelmente.

Em 30 de setembro de 1905, o numero dos vehiculos automoveis registados (comprehendendo as motocycletas) era 74.038 para a Inglaterra, Paiz de Galles e Escossia. A 31 de julho d'este anno elevou-se esse numero a 144:702, sendo 82:912 automoveis e 61:790 motocycletas.

AERONAVE MILITAR AMERICANA

E' Londres, claro está, a cidade que possue mais automoveis (23:838). Seguem-n'a Manchester e Liverpool com 3:144 e 2:402 carros, respectivamente. Glasgow conta apenas 1:582. Teem-se fundado muitas ligas para reclamar a reconstrucção das estradas e a creação de uma administração central para tratar d'ellas.

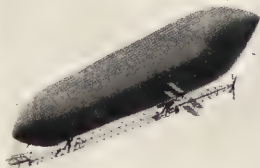
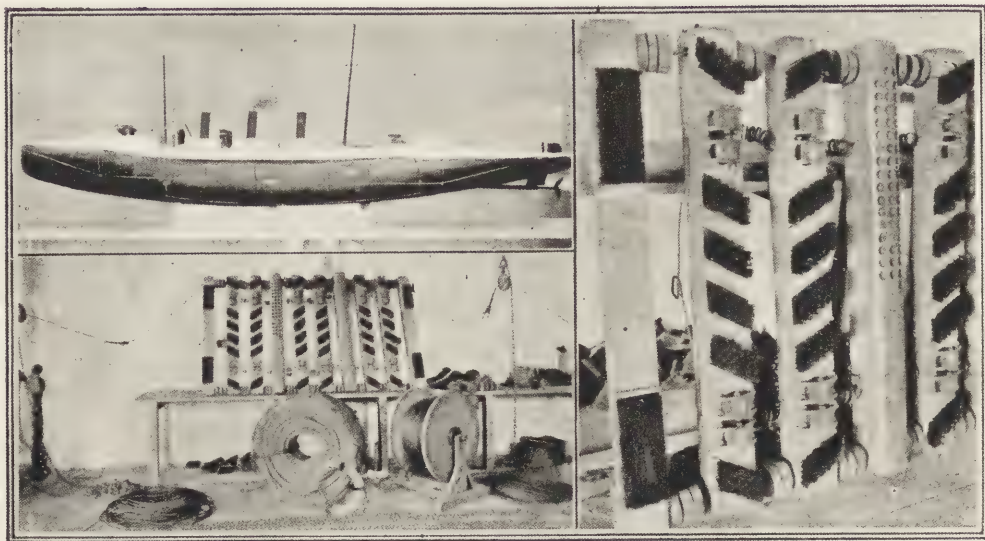
Aeronave militar americana

FOI inventada pelo capitão Baldevin esta nova aeronave, sustentada por um balão e impulsionada por um motor. Esta machina fez experiencias com excellente resultado, e foi officialmente adoptada pelo exercito dos Estados Unidos.

Henri Becquerel

COM 56 annos apenas acaba de fallecer este sabio francez, pertencente a uma familia que desde começos do se-

HENRY BECQUEREL

culo XIX deixou nome illustre na sciencia. Foi elle que em 1896 descobriu a radio-actividade. Deixa trabalhos importantes sobre magnetismo, optica, etc. Em 1903, foi-lhe adjudicado, assim como ao glorioso Curie, o premio Nobel. Era secretario perpetuo da Academia das Sciencias de Paris.

ESFREGÃO ELECTRICO PARA NAVIOS

Limpeza de navios pela electrecidade

O esfregão electrico tem por fim limpar o casco dos navios sem que elles entrem na doca seca. O apparelho é simples. Consiste apenas n'uma escova flexivel, a qual é arrastada para cima e para baixo sob o costado do navio por cabos. A novidade da machina é a escova, pelo emprego da electricidade, adherir ao navio como um magnete. O esfregão é composto de uma serie de batedores onde se inserem as escovas e os magnetes. O pequeno modelo do navio mostra a fórma por que é seguro o esfregão. Em volta do navio, na roda de prôa e no cadaste, passam-se correntes de posição, e entre estas movem-se guindaletas com os batedores, para vante e para ré, por meio de um guincho a vapor.

Caminho de ferro para Meca

INAUGUROU-SE solemnemente a 1 de setembro, a linha ferrea do Hedjar, que liga Damasco a Medina e que continuará até Meca, ficando assim ligadas ao mundo civilisado as duas cidades sagradas dos mahometanos. Foi em 1900 que, por iniciativa do sultão da Turquia, se iniciou esta linha, para a qual concorreram os musulmanos de todos os paizes. Technicamente, é Damasco a testa da linha, mas já n'essa época Damasco e Aleppo estavam ligados por via ferrea, e só falta completar uma secção do caminho de ferro de Bagdad atravez do Taurus até um entroncamento pouco ao norte de Aleppo para collocar as cidades santas em communicação directa com as margens do Bosphoro. A inauguração coincidiu com o anniversario da subida ao throno do sultão, e foi por isso o dia de duplo festejo para as populações mahometanas do imperio turco.

Joias do velho Egypto

EXCITA grande interesse o achado recentemente feito em Thebas das joias pertencentes á mulher de Sety II. A importancia do achado prende no facto de que, embora não se encontrasse a sepultura da rainha, os seus braceletes, brincos e anneis primorosamente trabalhados, deverão contar a historia da sua vida. Diz um dos egyptologos sobre o assumpto: «Pode ser que esses ornatos próvem que o Pharaó do Exodo não era Ramsés II, mas identifiquem Sety II e sua mulher com os soberanos a quem Moysés falou.»

CASCATA DE TELLICHEAB
Na linha ferrea do Hedjar

Resenha portugueza

A FESTA DAS ESCOLAS

EL-REI DISTRIBUINDO OS PREMIOS

A festa das escolas. — Em 22 de outubro realisaram-se na quinta das Larangeiras, tão conhecida pela tradição das explendidas e sumptuosas festas que ali se deram no tempo do Conde de Farrobo, a solemne distribuição de bandeiras e prémios aos alumnos das escolas primarias da capital, que viram assim recompensados os seus esforços de estudo e applicação.

A festa das escolas ou das creanças, como mais vulgarmente lhe chamam, é das mais sympathicas e das mais proveitosas.

Iniciada ha poucos annos entre nós, os fructos de incitamento e estimulo que d'ella tiram os pequenos estudantes, são dos mais salutares.

A satisfação da vaidade, tão justificada, da maioria dos paes que, se mandam as creanças á escola é porque a lei a isso os obriga, mas não porque comprehendam a real vantagem do ensino, de que não conhecem o alcance, influe tambem, e poderosamente, para que a grande massa de povo infantil, que em curto espaço de tempo serão homens e mulheres, se applique ao estudo, lhe reconheça as vantagens, e tome mais tarde a peito o grato encargo de dirigir com extremada solicitude a instrucção dos filhos. A festa das escolas deixará, sobretudo aos premiados, uma grata e inolvidavel saudade.

Depois d'um breve discurso do sr. ministro do Reino e da distribuição de premios e bandeiras que causou vivo enthusiasmo, sobretudo quando Sua Magestade soltou um viva á Patria que foi calorosamente correspondido, El-Rei dirigiu algumas phrases de incitamento ás creanças terminando pelos conhecidos versos do immortal Antonio Feliciano:

Trabalhae, meus irmãos, que o trabalho
É riqueza, é virtude, é vigor.

Os pequenos ouvintes saudaram delirantemente El-Rei com aquella enthusiastica e communicativa alegria tão propria da infancia, e que nenhuma outra iguala em maior idade.

O orphéon das creanças, magistralmente ensaiado pelo sr. Domingos Caldeira, despertou admiração.

Foi uma tarde encantadora que deixou certamente no espirito de todos os assistentes uma sã e saudosa recordação. Paes e filhos não esquecerão nunca essas curtas horas, em que uns receberam pela primeira vez na vida a dôce satisfação que dá a recompensa do dever cumprido, e outros esqueceram por momentos as amarguras da vida.

OS ESPECTADORES

EL-REI ACCLAMADO PELAS CREANÇAS

HOMENAGEM A PINHEIRO CHAGAS

MONUMENTO A PINHEIRO CHAGAS
Na Avenida da Liberdade

Novo monumento. — Inaugurou-se em Novembro na Avenida da Liberdade o monumento a Manuel Pinheiro Chagas, o notavel escriptor que tão saudosas recordações deixou no animo de todos os que o conheceram. É muito elegante na sua singeleza. Ha n'elle arte e sentimento, se assim se póde dizer. A figura da Morgadinha de Valflôr, a sua creação mais bella, tão querida e apreciada do publico, collocada no pedestal do monumento, dá ao espirito não sei que enternecedora impressão de tristeza e saudade.

O esculptor conseguiu dar relevo e vida ao busto do saudoso morto, assim como á figura da Morgadinha, na qual a estes attributos juntou a graça e imprimiu uma nitida e artistica expressão de movimento.

A viação accelerada em Aldeia Gallega

Novo ramal da linha ferrea do sul. — Com grande enthusiasmo da população, que assim via satisfeita uma das suas mais queridas e legitimas aspirações, realisou-se em outubro a inauguração do troço da linha ferrea de Aldeia-Gallega ao Pinhal Novo.

A ESTAÇÃO DE ALDEIA GALLEGA

Este importante melhoramento, que, pela facilidade das communicações com o sul do reino, muito deve concorrer para o desenvolvimento do commercio de Aldeia-Gallega, deu occasião a varias manifestações de regosijo, que decorreram na maior animação.

Uma nova séde em edificio proprio

Tuna Commercial. — É simples mas elegantissimo o novo edificio da Tuna Commercial de que damos a photographia, e que para ella foi expressamente mandado construir pelo sr. Feliciano da Silva Lopes, um dos mais benemerentes socios d'esta prestimosa instituição que, contando apenas um lustro de existencia, tão sympathica se tem tornado não só aos apreciadores de bôa musica como áquelles que, interessando-se pelos pobres, a vêem sempre disposta a abrilhantar festas de caridade.

NOVO EDIFICIO
DA TUNA COMMERCIAL

A' inauguração solemne da nova séde da aggremiação, assistiram, além de algumas centenas de socios e convidados, recolhidas do Asylo de S. João e Albergue das Creanças Abandonadas, dois estabelecimentos dos que mais lhe devem. A festa foi muito interessante, sendo o seu principal attractivo a parte dramatica em que tomou parte Eduardo Brazão cujo nome basta para attrahir Lisboa inteira.

OS NOVOS PARES DO REINO

FRANCISCO D'ALMEIDA MARGIOCHI

CONDE DE AVILEZ

JOAQUIM TELLES DE VASCONCELLOS

Os novos pares. — Continuando a publicação dos novos pares, damos hoje além do sr. Conde de Avilez, personalidade altamente sympathica pelos seus dotes de caracter e espirito, o sr. Margiochi que, como seu pae, é um estudioso e um agronomo distinctissimo, e o sr. Joaquim Telles de Vasconcellos official da Armada Real, espirito illustrado e altamente superior.

Ao falar dos filhos lembram naturalmente os paes, que tanto se distinguiram e evidenciaram pelo seu acrisolado amor patrio e tão viva e sentida recordação deixaram na Lisboa elegante e na nossa vida politica

LETTRAS

Variações sobre um velho thema. — É o titulo do ultimo livro de Paulo Osorio, o litterato primoroso ha tanto apreciado do publico pelos seus conhecidos e diversos trabalhos. Encerra uma collecção de formosos e interessantes contos de amôr, cheios de emoção, naturalidade e vida, que alternadamente fazem assomar o riso aos labios e as lagrimas aos olhos.

Se falassemos d'aquelles que nos feriram pelo seu encanto teriamos de referir-nos a todos; limitamo-nos a citar dois em que os mysterios da psychologia nos pareceram mais bem profundados — *Cartas d'amôr* e *Tragedia do Natal* —. Qualquer d'elles é uma joia litteraria.

No primeiro, que se compõe de quatro cartas, a terceira é flagrante de realidade e de fina observação: o heroe percebe que no coração da sua amada nunca terá senão um logar secundario porque *elle*, o outro a quem está ligada, representa o

PAULO OSORIO

dever, e, como tal, pretere tudo. É o acordar doloroso d'um sonho que prepara optimamente para o natural fim a que esta descoberta o conduz: — a renuncia.

No segundo que apontamos trata-se de um homem que pela bondade do coração, chegou á mais completa indigencia e não pede esmola. A noite de Natal acorda-lhe no coração torturadas saudades de horas passadas e felizes. Encontra uma desgraçada cahida n'uma escada, e tenta convencê-la a morrer com elle; e quando, depois d'uma longa confidencia, se curva ancioso para lhe ouvir uma resposta... vê-a adormecida.

Ebrio de dôr, dirige-se ao rio que, mais piedoso que os homens, acaba de vez o seu tormento.

É um livro cheio de emotividade, que se relê com vivo prazer.

Paginas vividas parecem algumas, tanta realidade ha n'ellas. Li, não sei onde, que o seu autor diz que é um livro para senhoras. Affigura-se-me modestia infundada. Todos os seres de espirito elevado e reflexivo encontram no livro de Paulo Osorio sobeja causa de estudo e reflexão.

THEATROS

Trindade. — Com brilhantes auspicios se inaugurou a patriotica tentativa do emprezario Taveira, a qual consiste na representação de opera em portuguez. A peça de estreia era já signal evidente do arrojo que presidia ao emprehendimento: o immortal *Barbeiro de Sevilha* de Rossini, com a lettra habilmente adaptada do italiano por Acacio Antunes. O exito foi além da mais lisongeira expectativa. Dadas as difficuldades da execução, raro vencidas pelos cantores modernos, a parte musical satisfez os mais exigentes, e na parte dramatica avantajaram-se os interpretes á maioria dos artistas de scena lyrica.

Antes d'isso, n'uma audição especialmente dedicada á imprensa, tinha Affonso Taveira apresentado os principaes elementos com que contava para o desempenho da opera e de opera comica em portuguez. Dois d'elles eram já conhecidos do publico: o barytono Bensaude, que fizera brilhante carreira nos theatros lyricos do extrangeiro e se conserva em plena posse dos seus magnificos recursos, acrescentados com conhecimentos de arte dramatica, raros em cultores de opera italiana; e Delphina Victor, laureada discipula do nosso Conservatorio, actriz já applaudida na operetta, cuja voz quente e communicativa a destinava a mais altos commetimentos. Dois estreantes completavam o bello quartetto: Isabel Fragoso, que desde logo conquistou o publico com a sua brilhante voz de soprano ligeiro, admiravelmente educada, e a sua intelligente vivacidade; e Julio Camara, um tenor que já pizara palcos de Italia, e cujos recursos vocaes dão esperanças de um optimo futuro.

Fazemos votos para que a empreza persevere e o publico a secunde.

ISABEL FRAGOSO

MAURICIO BENSAUDE

JULIO CAMARA

DELPHINA VICTOR

BELLAS ARTES

O retrato de El-Rei D. Manuel II. — A commissão organisadora da secção portugueza na Exposição do Rio de Janeiro encommendou a Columbano Bordallo Pinheiro o retrato de El-Rei.

Os que contemplaram o trabalho de Columbano conservam no espirito uma forte impressão admirativa.

Este retrato veiu demonstrar que, se o grande pintor prefére os tons suaves e melancolicos, que dão ás suas telas uma encantadora expressão de poesia, tem o poder de transmittir ao espirito em tons vivos e com mais vigor e graça, se é possivel, uma grande emotividade. A gamma dos vermelhos, sábia e accentuadamente percorrida, imprime um cunho originalissimo a esta tela, e uma intensa impressão de vida.

Este trabalho deve despertar no Brazil, onde Columbano é de ha muito apreciado e querido, um grande enthusiasmo pelo talento do notavel pintor, que tem n'elle incontestavelmente uma das suas melhores creações.

EL-REI D. MANUEL II

Quadro de Columbano — *Cliché de Arnaldo Fonseca*

BRAZILEIROS ILLUSTRES

Mortos e visitantes

MACHADO D'ASSIS

Machado d'Assis. — O eminente auctor das *Memorias de Braz de Cubas,* ha pouco fallecido, era presidente da *Academia Brazileira* e vulto inconfundivel como poeta, romancista e contista. Deixa uma obra vastissima e immorredoira, que se salienta pela multiplicidade dos seus talentos, encanto de fórma, e primores de estylo.

O afamado escriptor, caracter impolluto e alma aberta a todo o generoso sentir, elevou-se *unicamente* pelo seu extraordinario merito os mais elevados pincaros da gloria litteraria, e em quarenta annos de trabalho constante colheu, juntamente com os louros, a admiração e sympathia não só dos seus patricios, como de todos os amadores de boas lettras de todas as nações cultas.

MARECHAL HERMES DA FONSECA
Ministro da guerra do Brazil

Ministro da guerra do Brazil. — A bordo do *Cap Vilano* esteve no Tejo, em fins de outubro, o marechal Hermes da Fonseca e sua interessante esposa, que da Allemanha regressavam á patria.

O marechal é uma figura insinuante e altamente sympathica.

Os seus conhecimentos profissionaes teem-lhe grangeado no mundo militar, tanto do seu paiz como do estrangeiro, justo renome.

Arthur d'Azevedo. — Foi dolorosamente recebida entre nós em fins de outubro a noticia da morte d'este illustre dramaturgo, critico theatral e jornalista notavel. O Brazil perdeu n'elle um talento pujante e uma incomparavel actividade artistica.

Novo ainda, pois contava cincoenta e trez annos, tinha, como poucos, na carreira que abraçara, um caminho ridente e desassombrado; tanto bastou para que a morte quizesse mais uma vez provar que um celebre poeta tinha razão quando lhe punha nos labios estas palavras amargamente ironicas:

«Je fais cas d'un laurier sur ta tête.»

Como jornalista, estão na memoria de todos os seus trabalhos publicados no *Paiz, Correio da Manhã, Noticia,* em que a fluencia, graça e força de argumentação se impunham até aos proprios contrarios.

Deixa uma obra vastissima de que nos seria longo, e portanto impossivel, dar noticia aqui. A sua ultima producção dramatica intitula-se *Vida e Morte.*

A litteratura brazileira e portuguesa perderam em Arthur de Azevedo não só um cultor eximio, o que é já muito, mas um dramaturgo e escriptor popularissimo nas duas nações irmans, que em commemorações funebres teem demonstrado vivamente o seu pezar por tão grande perda.

ARTHUR DE AZEVEDO

Dr. Rodrigues Alves. — De regresso da sua visita á villa de Ponte de Lima, terra da anturalidade de seu pae, demorou-se alguns dias em Lisboa, onde veiu embarcar, este illustre homem publico da grande republica sul-americana, na qual exerceu, ainda ha poucos annos, o mais elevado cargo.

RODRIGUES ALVES
Ex-presidente da Repub. dos E. U. do Brazil

Durante a sua curta demora em Portugal visitou alguns pontos do paiz, retirando para o Brazil no principio de novembro.

SPORTS

Desafio de foot-ball

GRUPO DO INTERNACIONAL

GRUPO DE CARCAVELLOS

Liga do foot-ball. — Esta Liga, que nos ultimos tempos tanto se tem desenvolvido, está exercendo uma grande e benefica influencia na educação physica do povo portuguez, que começa a tomar verdadeiro gosto por este hygienico divertimento.

É assim, que todos os dias a *Liga* regista novos progressos e os desafios se succedem com enthusiasmo sempre crescente.

No campo do Sporting Club de Portugal, no Lumiar, effectuaram-se dois renhidos desafios, nos quaes tomaram parte, além de outros, o grupo Belenense de que damos a photographia.

GRUPO «SPORT BELENENSE»

Os nossos jogadores, magnificamente treinados, estão-se tornando adversarios notaveis, e já nos dois desafios, que nos fins de outubro a *Liga* promoveu no campo da Quinta Nova os grupos portuguezes empatavam com o *Carcavellos Club*, resultado pela primeira vez obtido, pois até aqui sempre acontecia ficarem vencedores os inglezes.

A paridade agora conseguida vem demonstrar que os esforços da *Liga* teem sido proficuos, e que n'este util e agradavel passatempo em breve contaremos distinctissimos jogadores.

EXPEDIENTE

Terminando com o presente numero as minhas funcções de director d'esta revista, as quaes deixo de accordo com a empreza editora, cumpre-me agradecer aos collaboradores, pessoal artistico e todos os empregados em geral, assim como aos assignantes e leitores, as provas de deferencia e affecto que d'elles recebi e que contribuiram para facilitar, no decurso de quasi quatro annos, a minha tarefa, por vezes penosa.

15 de novembro de 1908.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.

Decifrações do n.º 39

Enigma. — Mesnada.
Charada. — Joaquina.

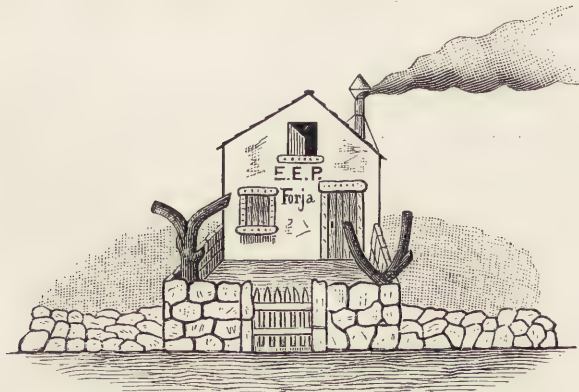
Charada em quadro
m e c o
e r i l
c i r o
o l o r

Enigma

Li, em velha papelada
pela traça carcomida,
dura phrase redigida
contra pobre condemnada:
«Por ser treda e refalsada,
pela cacha morra e, assim,
justiçada seja emfim
com a retro dita.» E agora?
Instrumento?... seja embora,
mas não caia sobre mim,

12-8-908.

E. R. Q. (michaelense) — PORTO.

Enigma pittoresco

Charada

Que patranhas tão calvas o Chico
nos pregava com voz unctuosa!
Nunca vi bocca assim tolamente
mentirosa! — 2

Uma d'elle: co'um dedo quebrára,
porque a telha lhe entrara na bola,
sem esforço nenhum, a brincar,
rija argola. — 2

Outra ainda: com sôco fraquito
— quasi nada, dizia, até juro! —
desfizera em migalhas, n'um prompto,
certo muro!

13-8-908.

E. R. Q. (michaelense) — PORTO.

Enigma

Sou branco de pura raça,
Sangue dos aryas sem jaça
Nas veias sinto correr.
Qual será, pois o ascendente
Que berço n'Africa ardente
Tem e nella ama viver?

Se d'elle um terço sómente
Se tirar, outro parente
Apparece prasenteiro,
Que por três multiplicado,
— Attenção! — que *triplicado*
E' igualsinho ao primeiro!

Victoria-Pernambuco.

CAPITÃO NEMO.

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Rimas, por Antonio Sergio — Lisboa, 1908 — O apparecimento de um poeta a valer, deve ser saudado com as acclamações festivas que acolhiam os triumphadores hillenicos. O alvoroço do mystico advento atalha as severidades da critica. Os reparos que do acaso possa fazer ás hesitações de uma estreia, somem-se perante os esplendores de um talento provado em bellas realisações e cheio de brilhantes promessas. O sr. Antonio Sergio sae da esteira usual dos principiantes, a poesia lyrica, e traça de radiosos clarões o campo pouco explorado da poesia philosophica. Fal-o com arte, e por vezes com mestria. Em summa, o seu livro prevemos que será d'aquelles que ficam na litteratura como as primicias de um grande talento.

A Eneida de Virgilio (Lida hoje) — Lisboa, 1908 — Soberba versão do grande poema latino, feito por um eximio poeta portuguez, Coelho de Carvalho. N'este, como na versão das *Eclogas,* que ao mesmo poeta devemos, o vate romano perde a regidez hieratica a que os olhos de infancia se afeiçoaram, para se humanisar, para entrar como estro vivo na vida intellectual dos portuguezes. Só a merecida divulgação de tal livro, poderá compensar o laborioso e artistico monumento elevado ao maior genio da velha Roma.

Chronicas immoraes, por Albino Forjaz de Sampaio — Lisboa, 1909 — Pertence á raça dos demolidores este jovial chronista, como aliás se deprehende desde logo do titulo do seu livro, recopilação de artigos de occasião publicados n'um jornal de Lisboa. Esses artigos teem as qualidades e os defeitos inherentes ao genero: vigor de estylo, refulgencias de paradoxos, irreverencias escusadas, apotheoses sem base solida, interesse de originalidade e de pontinha de escandalo. Sentimos, ao lel-o, um bocadinho de inveja de uma juventude que colloca o artista e o pensador na independencia das conveniencias...

Mil trovas, coordenadas e prefaciadas por Agostinho de Campos e Alberto d'Oliveira — Porto, 1908 — Lindo livrinho onde se recopilam as mais ternas, mais doces, mais meliciosas, mais philosophicas producções da Musa popular de Portugal. A's senhoras portuguezas é dedicado o «pequenino volume, geitoso e facil» (diz com sobeja razão o prefacio) «onde as senhoras possam encontrar lettra para os seus fados e até engenhosos conselhos para os seus corações.» Acrescentaremos que todos os cultores da boa litteratura acolherão este ensejo de se retemperarem nas fontes vivas da inspiração nacional.

Intermezzo, por Rodrigo Beça — Porto, 1908 — Versos dos 20 annos, conforme confessa o autor no seu prologo. Muita ternura, irregular fantasia, sentimento delicado, inexperiencia natural de um neophyto: eis em summula, as qualidades e os defeitos que se observam n'este livrinho, o qual representa, com tudo isso, em risonho alvorecer.

Manhã, por João Maria Ferreira — A classificação obtida por esta poesia nos «Jogos Floraes» que em Lisboa se realisaram recentemente, é a melhor recommendação que se pode fazer ao folheto agora publicado. A sua leitura justifica amplamente a decisão do jury, em que entraram poetas de alto valor e litteratos exprimentados.

Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official — Fasc. XVII — Agosto a Dezembro de 1907. Rua Aurea, 177, 2.º — Lisboa.

Boletim Photographico — Rua da Prata, 135 e 137, Lisboa.

O Economista Brazileiro — *Revista semanal de economia, finanças, politica e litteratura.* Rua da Alfandega, 114, — Rio de Janeiro.

Boletim da União dos Atiradores Civis Portuguezes — Séde em Lisboa no Salão do Real Theatro de S. Carlos.

Vera Cruz — *Quinzenario Politico, Literario e Humoristico* — Redação — Largo do Aronche, 47 — S. Paulo e Praia José menino, 122 — Santos.

Revista da Associação Commercial do Maranhão — *Publicação mensal* — Rua 28 de Julho, 7 — S. Luiz — Maranhão.

A Construcção Moderna — *Revista illustrada* — Redacção e Administração: Rua Maria Andrade, 10, 2.º — Lisboa.

INDICE

DOS

ARTIGOS E GRAVURAS CONTIDAS NO VOLUME VII

(2.ª SERIE)

INDICE

INDICE

Belleza do Rosto

Leite Antephelico ou Leite Candès

O Leite Antephelico cuja invenção data do anno 1849 deve effectivamente, as suas propriedades cosmeticas à combinação bem acertada de elementos tirados da materia medica, que reciprocamente se temperam por suas porções rigorosamente determinadas, e cuja acção não vai alem das camadas superficiaes da pelle.

O Leite Antephelico emprega-se em loções, em dose benigna, ou estimulante, segundo as alterações que se querem prevenir ou corrigir.

MODO DE EMPREGO SEGUNDO OS CASOS

Durante o tratamento empregar o LEITE CANDÈS só sem nenhum outro cosmetico.

I. DOSE BENIGNA E AGUA DE TOUCADOR. — Vascolejar o liquido ate elle fazer-se cór de leite; deitar n'um pires a quantidade d'uma colher à café, e ajuntar as seguintes quantidades de agua: 1º um a dois tantos, contra o Rosto sarabulhento e as Picadas de insectos; — 2º dois a tres tantos contra as Rugas, o Tisne do sol, Borbulhas, Espinhas, Brotoeja, Fogagem, Efflorescencias farinhentas ou furfuracèas e outras alterações accidentaes da cutis; — 3º tres a quatro tantos, como agua de toucador, para conservar a pureza, transparencia e macieza da pelle. — Embeber n'estas misturas um panninho fino, e humectar duas vezes por dias os pontos affectados. Como agua de toucador, basta uma loção, com preferencia pela manhã, meia hora antes de lavar o rosto.

II. DÓSE ESTIMULANTE, contra as SARDAS e as MANCHAS DE GRAVIDEZ. — Nos dois primeiros dias, ajuntar á pequena porção de LEITE que se deita no pires, igual quantidade de agua, e continuar esta dóse tres vezes por dia, se os effeitos abaixo descriptos principiarem a produzir-se; se não, logo no terceiro dia, emprega-se o LEITE puro e humectão se as manchas, sem esfregar, uma duas ou trez vezes *quando muito* no correr do dia (segundo a delicadeza da cutis), até que a epiderme que as cobre, passando por duas phases previstas e sempre isentas de gravidade, — 1º ardor mais ou menos vivo, — 2º leve intumescencia acompanhada de sensação tensiva, — tenha tomado uma côr cinzenta, e se desseque. Oblido este resultado, as loções só se compoião de uma parte de LEITE e tres tantos d'agua. A epiderme exfolia-se, e a cutis, temporariamente vermelha, apresenta-se (depois de dez a quinze dias de tratamento) branca e fresca, livre das manchas que a embaciavão.